



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA

ELISÂNGELA SOCORRO MACIEL SOARES

ENTRE O TIBRE E O AMAZONAS: A ROMANIZAÇÃO SERPENTEIA A
IGREJA DE MANAUS (1916-1958)

Belém - Pará
2023

ELISÂNGELA SOCORRO MACIEL SOARES

**ENTRE O TIBRE E O AMAZONAS: A ROMANIZAÇÃO SERPENTEIA A
IGREJA DE MANAUS (1916-1958)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (FAHIS/UFPA) como exigência para obtenção do título de doutora em História Social da Amazônia.

Orientador: Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves
(FAAHIS/UFPA)

Belém – Pará
2023

ELISÂNGELA SOCORRO MACIEL SOARES

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (FAHIS/UFPA) como exigência para obtenção do título de doutora em História Social da Amazônia.

Orientador: Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves (FAAHIS/UFPA)

Data de aprovação: 11 de setembro de 2023

Banca Examinadora:

Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves (UFPA) - Presidente

Dra. Magda Maria de Oliveira Ricci (UFPA) - Membro

Dra. Ivoneide Viana de Queiroz (PUC-PR) - Membro

Dr. Auxiliomar Silva Ugarte (UFAM) - Membro

Dr. Ipojucan Dias Campos (UEPA) - Membro

Belém – Pará
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MI52e Maciel Soares, Elisangela Socorro.

Entre o Tibre e Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de
Manaus (1916-1958) / Elisangela Socorro Maciel Soares. – 2023.

429 f.: il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História, Belém, 2023.

1. Igreja de Manaus. 2. Romanização. 3. Bispos. 4. Pia União das
Filhas de Maria. 5. Ação Católica. 1. Título

CDD 270

Dedicatória

Às minhas filhas, Teresa, Olga e Zeíla

Ao Arcângelo

Agradecimentos

Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir, eu não cochilei. Os belos mais montes escalei, nas noites escuras de frio chorei. A vida ensina e o tempo traz o tom pra nascer uma canção, e com a fé do dia a dia encontro a solução[...] Meu caminho só meu Deus pode mudar. (Cidade Negra, “A Estrada”. 1998)

A música “A Estrada”, embalou os meus anseios no final dos anos de 1990, ao finalizar a graduação e já ter iniciado o exercício do magistério, eram os primeiros anos de casamento e quando minhas filhas davam seus primeiros passos. A letra dessa música me vem à cabeça nesta reta final de conclusão da tese, pois me remete à rememoração do caminho percorrido de lá para cá. Foi um longo percurso, com muitos desafios, sendo as etapas da vida acadêmica, intercaladas com as demandas familiares e o universo do Ensino, especialmente o Superior, ao qual constitui a maior parte do meu exercício como professora. À minha família, que é meu porto seguro, foi sempre definidora da contagem do ritmo da minha vida, com ela e por ela todas as coisas aconteceram no tempo devido. Teresa, Olga e Arcângelo, sem vocês não eu teria chegado até aqui. Nenhuma palavra pode expressar devidamente meu amor e gratidão por minha família.

Durante a fase do doutorado, fomos surpreendidos com a doença do Alzheimer que afetou minha tia/mãe Zeíla, que passou a ser minha filha mais nova nesses últimos anos, ela que esteve presente em todas as fases da minha vida, e de quem eu sabia que cuidaria na velhice, mas longe de imaginar que seria nessas condições. Ela, sempre torcedora de cada etapa vivenciada, hoje não compreende mais a dimensão dessa conquista, mas deixo aqui registrado meu imenso amor e gratidão por ela, que é parte essencial de quem eu me tornei. À minha mãe Dercy, que sempre se alegrou com cada vitória e que abriu mão entre pagar a inscrição de seu curso de técnica em enfermagem para pagar a minha inscrição no vestibular, gesto de amor que abriu as portas para minha caminhada acadêmica, que nunca pagarei devidamente.

O período de construção da tese, também foi impactado pela pandemia da Covid-19, que ceifou tantas vidas. Familiares e amigos queridos partiram de forma tão repentina, entre eles estava o saudoso amigo Pe. Celestino Ceretta, com quem compartilhei muitas angústias e esperanças no resgate dos vestígios históricos da Igreja na Amazônia, seu amor e seu zelo no registro das pegadas da Igreja nesta região servirão sempre de

inspiração no meu percurso acadêmico. Me sinto agraciada pela amizade de Celestino pelos inúmeros amigos que a vida me deu, e deixo aqui registrado aqueles que diretamente contribuíram nas minhas pesquisas e na construção da tese, a eles muita gratidão. Adriana Barata, que seguiu paralelamente comigo nesta etapa trilhando seu doutorado, foram muitos os momentos de partilha de fontes e ideias nesse processo, uma sempre contribuindo para a caminhada da outra, é uma alegria poder contar com sua amizade. Eugênia Mattos, amiga querida, que não mediu esforços para encontrar e me enviar o livro “História de Livramento: a terra e o homem”, que deu o pontapé inicial na construção do capítulo sobre Dom Basílio Pereira. Ana Paula Rabelo e Bruno Miranda, no auxílio com as pinturas dos Bispos, na fase do restauro e os que se encontram em exposição na Catedral de Manaus, com quais divido muitas preocupações e zelo pela pesquisa. Ao querido amigo Pe. Hudson Ribeiro, com quem compartilho projetos e preocupações com a trajetória, a memória e as lutas da Igreja de Manaus, e que sempre deposita confiança nas minhas pesquisas e no meu profissionalismo, ele é o responsável pôr no último ano eu poder colocar ainda mais em prática meus conhecimentos sobre a Igreja na Amazônia, especificamente sobre a Igreja de Manaus, ao me puxar para o barco que hoje conduz os rumos da Faculdade Católica do Amazonas. Na pessoa desses amigos, agradeço a muitos, amigos e familiares, que pelo incentivo, orações e carinho nessa caminhada.

Em minha estadia em Belém, para cumprir as disciplinas, não estive só, formamos o Grão-ducado da Amazônia, composto por quatro pessoas oriundas de Manaus, uma de Santarém, e uma do Maranhão, das quais cinco estavam inseridas na turma do doutorado de 2018: Pedro, Blenda, Stephanie, Daniela e André. Sou grata a esta pequena comunidade, formada em Belém, com quem partilhei tempo de estudo e convivência, eles foram sempre companhia calorosa que me fortaleceu nesta fase longe de casa. E, junto com eles, minha gratidão se estende a toda a turma de 2018, pela intensa troca vivida naquele ano e pela acolhida, de modo especial aos amigos Élide, Diana, Walter, Tunai e Elielton, com os quais os laços foram estreitados. Aos professores doutores Edilza Fontes, Aldrin Figueiredo, Antônio Maurício Dias, José Alves e José Maia, que ministraram as disciplinas naquele ano para minha turma, obrigada pelas contribuições importantes, com textos e debates que auxiliaram na construção dos meus capítulos.

Entre tantas pessoas a quem sou grata, está a amiga Maria Abigail Antony, arquivista zelosa do acervo da Cúria de Manaus, que junto com Pe. Flávio Gomes, Chanceler da Cúria de Manaus, possibilitaram o contato com preciosas fontes que trouxeram vestígios,

no emaranhado da documentação, que catalogadas me levaram a inúmeras descobertas, fundamentais para a escrituração dos meus capítulos. À José Ramos, irmão de Dom Alberto, pela gentileza em me receber, compartilhar comigo um pouco da trajetória de seu irmão e me presentear com um exemplar de seu livro “Dom Alberto: o pastor da Amazônia”. Ao Prof. Dr. Jérri Marin, da UFMGS, que encontrou meu artigo na internet sobre Dom Frederico Costa, e mesmo sem me conhecer me contactou e ajudou a olhar as fontes com mais atenção, para perceber outros aspectos da sua administração episcopal. Ao Leonardo Morais, aluno querido, pelo achado da Carta Pastoral de Instalação da Arquidiocese, e na gentileza de doar um pouco do seu tempo para me auxiliar no organograma sobre a romanização e nos ajustes de padronização do texto final. À Diovana Rolim, pela paciência e colaboração na correção ortográfica da tese. À Olga Maciel pela tradução de artigos e da tese. À Teresa Maciel pelas correções dos artigos, na caminhada do doutorado. Às minhas turmas de História da Igreja na Amazônia, 2022 e 2023, cujos debates temáticos me ajudaram a aprofundar reflexões sobre a trajetória da Igreja na região.

Longe de casa, e me afastando da sala de aula para cuidar do doutorado, fui agraciada pela bolsa de estudos da CAPES, que possibilitou a tranquilidade para a pesquisa e o processo de escrituração da tese. Nesse percurso, pude participar de eventos acadêmicos, onde nos vários debates e na apresentação de trabalhos, pude amadurecer etapas de minha pesquisa e produzir artigos que foram apontando a direção da tese. Gratidão ao CEHILA, ao CEHIR, a ANPUH-Nacional, a ANPUH-PA, ao Grupo de Pesquisa Religião e Religiosidade na Pan-Amazônia.

Agradecimento especial aos professores doutores que aceitaram gentilmente participar da Banca de Defesa desta tese. Profa. Doutora Magda Maria de Oliveira Ricci, que é membro de nosso grupo de pesquisa e possui um vasto conhecimento nas questões do século XIX. Profa. Dra. Ivoneide de Viana Queiroz, que recentemente defendeu uma tese premiada pela Universidade de Salzburg, Áustria, sobre a “Vida Religiosa Feminina na Amazônia”. Ao Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos, agradeço também por sua generosidade, ao partilhar comigo alguns documentos sobre os Bispos, que encontrou em suas pesquisas. Ao Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte, meu orientador na especialização e no mestrado, e querido amigo, que muito contribui na caminhada acadêmica e que não poderia faltar nesta defesa. Ao Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves, que foi um presente nesta fase de doutorado, por compartilharmos questões de pesquisa que muito se afinam, minha imensa gratidão por sua experiência com a história da Igreja, por seu olhar

atento e observações pertinentes, sempre disposto a ouvir minhas considerações e inquietações, e que se tornou um amigo querido, obrigada por ter sido esta bússola durante a fase do doutorado. Na pessoa do Dr. Fernando Arthur agradeço a todos os membros do PPHIST, por toda a seriedade e zelo na condução de todos os processos acadêmicos.

Epígrafe

Desde muito, determinantes geográficos estavam a exigir na vastíssima planície amazônica a criação de nova Província Eclesiástica. Os mesmos argumentos que militaram, no século passado, a favor da ereção do Bispado amazonense, sobrelevados de muitas outras razões, demonstravam agora a necessidade do desdobramento das metrópoles da hinterlândia [...]

Amados filhos!

Preencheu-se o vosso mais ardente e justo anelo: o Amazonas é Arcebispado!

(Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Carta Pastoral de Instalação da Arquidiocese de Manaus. 1952)

Resumo

A tese intitulada “Entre o Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1916-1958)” apresenta um resgate histórico da trajetória da Diocese/Arquidiocese de Manaus, partindo da inquietação da relação Igreja/Estado, das ações do Episcopado e do Laicato durante a segunda e a terceira fases do processo de romanização, projeto que ganhou mais força durante o Papado dos Pios, aqui enfatizado nos governos de Pio XI (1922-1939) e Pio XII (1939-1958). As ações romanizantes são aqui visualizadas, em três capítulos, na administração do Episcopado dirigente da Igreja de Manaus, nas suas três fases diocesanas, sendo a primeira apresentada de forma introdutória, e na primeira fase arquidiocesana: Dom José Lourenço da Costa Aguiar (1894-1905) e Dom Frederico Benício de Sousa Costa (1907-1913), a primeira Fase do Episcopado; Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira (1926-1941), a segunda Fase do Episcopado; Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) e Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952), a terceira Fase do Episcopado; sendo este último elevado a Arcebispo pela mesma bula de elevação de Manaus a Arquidiocese, em 1952, constituindo a primeira fase arquidiocesana, até o início de 1958. O último capítulo, traz a outra face eclesiástica da Diocese/Arquidiocese, em consonância com o Episcopado e com as diretrizes da Santa Sé, o laicato, que assume um protagonismo diferenciado nesse período recortado pela tese, e, que no caso da Igreja de Manaus, foi dado visibilidade, para as duas de maior atuação: a Pia União das Filhas de Maria, com liderança expressiva de 1913 até a década de 1930; e a Ação Católica, que assumiu a liderança das associações católicas desta década em diante, e com seus setores atingindo diversas instâncias da sociedade. Assim, as duas faces eclesiais que compõem a Igreja de Manaus, são apresentadas historicamente, dentro do recorte, da problematização e do contexto trazidos por esta tese.

Palavras-chave: Igreja de Manaus; Romanização; Bispos; Pia União das Filhas de Maria; Ação Católica; 1916-1958.

Abstract

The thesis entitled “Between the Tiber and the Amazon: The romanization winds through the Church of Manaus (1916-1958)” presents a historical rescue of the trajectory of the Diocese/Archdiocese of Manaus, starting from the concern of the Church/State relationship, the actions of the Episcopate and the Laity during the second and third phases of the Romanization process, a project that gained more strength during the Papacy of the Pios, emphasized here in the governments of Pio XI (1922-1939) and Pio XII (1939-1958). The romanizing actions are visualized here, in three chapters, in the administration of the leading Episcopate of the Church of Manaus, in its three diocesan phases, the first being presented in an introductory form, and in the first archdiocesan phase: Dom José Lourenço da Costa Aguiar (1894- 1905) and Dom Frederico Benício de Sousa Costa (1907-1913), the first Phase of the Episcopate; Dom João Irineu Joffily and Dom Friar Basílio Manuel Olímpio Pereira (1926-1941), the second Phase of the Episcopate; Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) and Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952), the third Phase of the Episcopate; the latter being elevated to Archbishop by the same bull of elevation of Manaus to Archdiocese, in 1952, constituting the first archdiocesan phase, until the beginning of 1958. The last chapter brings the other ecclesiastical face of the Diocese/Archdiocese, in line with the Episcopate and with the directives of the Holy See, the laity, who assume a differentiated role in this period cut by the thesis, and, that in the case of the Church of Manaus , visibility was given to the two most active: Pia Union of the Daughters, with expressive leadership from 1913 until the 1930s; and Catholic Action, which assumed the leadership of Catholic associations from this decade onwards, and with its sectors reaching various instances of society. Thus, the two ecclesial faces that make up the Church of Manaus are presented historically, within the outline, problematization and context brought by this thesis.

Key words: Church of Manaus; Romanization; Bishops; Pia Union of the Daughters of Mary; Catholic Action; 1916-1958.

SIGLAS

AC – Ação Católica

ACA – Ação Católica Arquidiocesana

ACB – Ação Católica Brasileira

ACE – Ação Católica Especializada

ASA – Ação Social da Amazônia

CCMM – Congregações Marianas

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana

CEN – Congresso Eucarístico Nacional

CEM – Congresso Eucarístico de Manaus

CERA – Congresso Eucarístico Regional

CM – Congregação Mariana

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CO – Círculo Operário

CPB – Congresso Plenário Brasileiro

CSSp – Congregação dos Padres do Espírito Santo

CSSR – Congregação do Santíssimo Redentor

DEMA – Departamento de Esportes Mariano

HAC – Homens da Ação Católica

JAC – Juventude Agrária Católica

JAAC – Junta Arquidiocesana da Ação Católica

JBC – Juventude Brasileira Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JECF – Juventude Estudantil Católica Feminina

JECM – Juventude Estudantil Católica Masculina

JFC – Juventude Feminina Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JICF – Juventude Independente Católica Feminina

JICM – Juventude Independente Católica Masculina

JMC – Juventude Masculina Católica

JOC – Juventude Operária Católica
JOCF – Juventude Operária Católica Feminina
JOCM – Juventude Operária Católica Masculina
JUC – Juventude Universitária Católica
JUCM – Juventude Universitária Católica Masculina
LEC – Liga Eleitoral Católica
LFAC – Liga Feminina da Ação Católica
LIC – Liga Independente Católica
LICF – Liga Independente Católica Feminina
LOC – Liga Operária Católica
LOCF – Liga Operária Católica Feminina
OFM – Ordem dos Franciscanos Menores
OFS – Ordem dos Franciscanos Seculares
OP – Ordem dos Pregadores
ORSA – Ordem dos Agostinianos Recoletos
OVS – Obra das Vocações Sacerdotais
PIME – Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras)
SDB – Salesianos de Dom Bosco
UESA – União dos Estudantes Secundários do Amazonas
UMC – União dos Moços Católicos

Índice de Pinturas

PINTURA 1- DOM JOSÉ LOURENÇO DA COSTA AGUIAR, 1º BISPO DE MANAUS (QUADRO COMEMORATIVO PARA O SEU CENTENÁRIO – ACERVO CATEDRAL DE MANAUS) AUTOR: BRANCO SILVA.....	31
PINTURA 2- DOM FREDERICO BENÍCIO DE SOUSA COSTA, 2º BISPO DE MANAUS (QUADRO COMEMORATIVO PARA O CENTENÁRIO DE DOM LOURENÇO – ACERVO CATEDRAL DE MANAUS) AUTOR: BRANCO SILVA	31
PINTURA 3- DOM JOÃO IRINEU JOFFILY, 3º BISPO DE MANAUS (QUADRO COMEMORATIVO PARA O CENTENÁRIO DE DOM LOURENÇO - ACERVO CATEDRAL DE MANAUS) AUTOR: BRANCO SILVA	32
PINTURA 4- DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E AMARAL, 5º BISPO DE MANAUS (QUADRO COMEMORATIVO PARA O CENTENÁRIO DE DOM LOURENÇO – ACERVO CATEDRAL DE MANAUS) AUTOR: BRANCO SILVA	32

Índice de Imagens

IMAGEM 1 - DOM FREI BASÍLIO MANUEL OLÍMPIO PEREIRA, 4º BISPO DE MANAUS (IMAGEM RETIRA DO JORNAL D'O DIA, 15 DE FEVEREIRO DE 1926 – ACERVO CÚRIA DE MANAUS)	33
IMAGEM 2- DOM ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS, 1º ARCEBISPO DE MANAUS (IMAGEM RETIRADA DO DOCUMENTO DO II CONGRESSO REGIONAL DO AMAZONAS E INSTALAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE MANAUS, 1952 - ACERVO CÚRIA DE MANAUS)	33

Índice de Organogramas

ORGANOGRAMA 1 - ORGANOGRAMA "NORDESTE COMO CELEIRO DA ROMANIZAÇÃO", CRIADO PARA ESTA TESE.....	34
ORGANOGRAMA 2- ORGANOGRAMA "NORDESTE COMO CELEIRO DA ROMANIZAÇÃO" - AS FASES DO EPISCOPADO EM MANAUS, CRIADO PARA ESTA TESE.	34

Índice de Brasão

BRASÃO 1- BRASÃO DE DOM ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS	35

Índice de Quadros

QUADRO 1- PERFIL DOS SEMINARISTAS NO BISPADO DE DOM JOÃO DA MATA.....	138
QUADRO 2- OS 12 PIOS	374
QUADRO 3 - BISPOS DE MANAUS	375
QUADRO 4 - PADRES (1926-1939)	376
QUADRO 5 - PADRES (1949-1956)	377
QUADRO 6 - QUADRO PARÓQUIAS E CAPELAS DE MANAUS - BISPADO DE DOM BASÍLIO	378
QUADRO 7 - PARÓQUIAS DE MANAUS - BISPADO DE DOM JOÃO DA MATA	379
QUADRO 8 - PARÓQUIAS DE MANAUS - ADMINISTRAÇÃO DE DOM ALBERTO RAMOS.....	383

Sumário

Siglas	13
Índice de Quadros	15
Introdução	15
Galeria de Pinturas	31
Galeria de Imagens	33
Organogramas	34
Brasão	35
Parte I.....	36
“Os Filhos da Igreja”: estratégias romanizantes do Episcopado no Amazonas	36
I.....	37
A Segunda Fase do Episcopado na Diocese de Manaus: a romanização nas ações de Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira (1916-1941)	37
1. A Igreja e as estratégias da romanização no Brasil	37
2. A Primeira Fase do Episcopado na Diocese de Manaus (1892-1913).....	49
2.1 Manaus, uma Diocese Romanizada: a Primeira Fase do Episcopado.....	53
2.2 Lourenço e Frederico: o começo da Diocese	60
3. A segunda fase do Episcopado na Diocese de Manaus (1916-1941).....	73
1.1. Dom João Irineu Joffily (1916-1924): o bispo educador.....	77
1.2. Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira: o Bispo angélico.....	94
II	116
Romanizar e Restaurar: a terceira fase do Episcopado de Manaus com Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) e Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952)	116
1. A Igreja no Brasil na década de 1940.....	116
1.1 Dom João da Mata de Andrade e Amaral: o Bispo empresário	119
2. As Paróquias em Manaus na década de 1940: a expansão de um projeto romanizador	155
2.1 São Raimundo Nonato.....	160
2.2 Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	164
2.3 Santa Rita de Cássia	168
2.4 Nossa Senhora Aparecida	172
2.5 São José Operário.....	176
2.6 Nossa Senhora de Nazaré.....	180
Parte II	196
Arquidiocese de Manaus: entre a romanização e os labirintos da contemporaneidade (1952-1958).....	196
I.....	197

Igreja de Manaus: a primeira fase da história arquidiocesana	197
1. Dom Alberto Gaudêncio Ramos: a transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus.....	203
1.1 <i>O Despontar da Arquidiocese de Manaus</i>	<i>207</i>
2. Santa Luzia, São Francisco de Assis e São Jorge: a paroquialização na Arquidiocese de Manaus.....	266
2.1 <i>Paróquia de Santa Luzia</i>	<i>270</i>
2.2 <i>Paróquia de São Francisco de Assis</i>	<i>274</i>
2.3 <i>Paróquia de São Jorge.....</i>	<i>280</i>
II	283
Perscrutando Corações: a romanização dos Pios e a resposta do Laicato na Igreja de Manaus.....	283
1. “Chamar-me-ei Pio”: a linha de força na sucessão dos Pios	285
2. No Tempo dos Pios: Dogmas e a Devoção Mariana na Igreja de Manaus.....	300
3. No tempo dos Pios: a Ação Católica na Igreja de Manaus e sua militância cristã em meio aos conflitos e tensões da contemporaneidade	327
Considerações Finais.....	364
Anexos.....	371
Bula “ <i>Ob Illud</i> ”	371
Fontes e Referências.....	387

Introdução

Minha inclinação para as questões religiosas, e mais especificamente para a História da Igreja começou mesmo antes de entrar na graduação, aliás, foram esses interesses que me conduziram para os caminhos a História. Estudar História da Igreja Católica quando as temáticas acadêmicas eram diversas, e na maioria das vezes distantes das questões ligadas à religião e à religiosidade, além do pouco interesse da Academia, constituiu um imenso desafio durante toda a primeira fase da minha vida acadêmica. Mas desde o início da graduação tive certeza de que meu lugar era na História. Minha monografia tratou, de forma introdutória, da Igreja no período colonial. As outras etapas da minha vida acadêmica não foram planejadas previamente, elas foram acontecendo impulsionadas pelos acontecimentos que fui vivenciando. Assim, ao terminar a graduação o mestrado não era algo em meus planos, queria tão somente ser a melhor professora que pudesse ser, mas o exercício do magistério foi me levando à novas experiências e assim cheguei ao exercício do magistério no Ensino Superior através do PEFD (Programa Especial de Formação de Docentes) em 2001, o que me levou de volta à Academia e à vontade de retomar minhas pesquisas. Ingressei, então, na primeira turma de Especialização em 2002, onde pude finalmente dar os passos iniciais da discussão sobre a romanização no século XIX, o que a muito acalentava. Ingressei na primeira turma de Mestrado de História da UFAM, em 2006, assim alicerçando de forma mais profunda minhas pesquisas sobre a questão da romanização na Diocese de Manaus. O mestrado foi concluído em 2008 e minha dissertação, intitulada *“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)*, foi publicada em 2014. A partir daí retomei de forma mais reflexiva as leituras e inquietações sobre a romanização, e consequentemente vieram as cobranças daquilo que ficou por fazer.

Em 2015 um convite de Pe. Celestino Ceretta, fez meu coração agitar, era a oportunidade de conhecer muitos daqueles que foram os primeiros inspiradores nas reflexões sobre a história da Igreja, e em especial sobre romanização. Assim, participei do Congresso de Teologia da América Latina, da Ameríndia, e na sequência do Congresso da CEHILA, que naquele ano trazia por tema “Os Históricos”. A ideia do doutorado começava a ganhar forma, e este encontro com os historiadores da CEHILA, com novos debates e

pesquisas, reacendeu a necessidade de voltar efetivamente aos estudos da Igreja¹. Quase paralelo ao evento descobri a obra do historiador Fernando Arthur de Freitas Neves, “Riolando, José e Antônio: Bispos da Amazônia no Oitocentos” (2015), meus olhos se encheram de alegria por encontrar a obra de alguém que trabalhava com alguns dos bispos que discuti em minha dissertação, já não me sentia solitária na discussão sobre romanização na Amazônia. Os sinais estavam aparecendo, era hora de caminhar em direção ao doutorado. Ingressei na turma de 2018 da UFPA (Universidade Federal do Pará), com a imensa satisfação de ser orientada por Fernando Neves.

A necessidade de continuar pesquisando sobre a Igreja de Manaus ficou mais latente, a Especialização e o Mestrado foram apenas os primeiros passos, muito havia para resgatar e as antigas inquietações continuavam a me instigar, e se permanecem é porque precisa fazer algo a respeito. A minha velha inquietação continuava viva, sobre os moldes da relação entre Igreja e Estado durante a romanização do XIX adentrando o século XX, e por sua vez como a Igreja se estruturou, com projetos e estratégias, e se impôs dentro de um contexto de modernização. Essa velha inquietação permaneceu e se renovou, pois optei pela continuidade da pesquisa do mestrado, retomando de forma introdutória os dois primeiros Bispos, e partindo efetivamente do terceiro Bispo até a primeira fase arquidiocesana da Igreja de Manaus, portanto, um recorte que se estende de 1916 a 1958, e que se insere na segunda e terceira fase da romanização, onde as inquietações ganharam novo fôlego e continuam tão instigantes como antes: como a Igreja se posiciona na contemporaneidade? Quais as novas relações constituídas com o poder político e civil? Quais as estratégias e escolhas do Episcopado para impulsionar a Igreja, verticalizando para Manaus, e ao mesmo tempo fazê-la conectar-se com a rede eclesiástica e sintonizar-se com a Santa Sé? Que modelo de laicato se constitui e se fortaleceu no seio da romanização e qual seu papel na Igreja de Manaus?

Partindo dessas questões me impus o percurso de pesquisa para alcançar: a análise das novas relações da Igreja com a contemporaneidade, buscando verificar avanços e recuos da Igreja na nova configuração mundial, onde ela se impôs e onde se alinhou para firmar-se como a Instituição Ocidental mais antiga em novos tempos; a compreensão de como se deram as permanências e rupturas de uma Instituição ameaçada, endurecida, que visava

¹ O encontro com os historiadores da CEHILA, além de reacender a vontade da retomada das pesquisas sobre a história da Igreja, foi também o reforço necessário na minha identidade de historiadora cristã, que é o meu lugar de fala. Passei, então a ser membro associada da CEHILA-Brasil.

controlar todos os espaços da vida, e que dentro de suas contradições e experiências, antigas e novas, procurou mostrar ao mundo que não desapareceria, ao mesmo tempo que buscava se enraizar e preparar a base para continuar como uma das principais referências para o mundo, dialogando com este em outras instâncias; visualizar dentro de todo esse cenário de transformação e novas relações, o papel protagonista do laicato e como sintonizou com as diretrizes da Igreja. Para alcançar essa proposta foi necessário percorrer as duas instâncias eclesiais, Bispos e Leigos, em suas relações e ações na Igreja de Manaus. Foi partindo destas questões que nasceu esta tese “Entre o Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1916-1958)”.

Meu trabalho se propõe a recuperar aspectos silenciados pela historiografia, especialmente a eclesiástica, dando visibilidade à atuação dos pastores que se sucederam à frente da Diocese de Manaus, até sua primeira fase como Arquidiocese, estes foram agentes diretos na construção e consolidação da vida da Igreja nesta região. Ao evidenciar a trajetória dos Bispos, apresentamos pessoas reais, e lhes damos voz. Tudo isso inserido dentro da problemática relação Igreja e Estado, que passou do Padroado à Romanização, sendo esta experienciada nas fases dentro do período republicano da história brasileira, ao mesmo tempo que busco evidenciar a relação ora conciliadora e ora tensa entre os poderes temporal e espiritual, busco perceber a complexa relação no seio do Episcopado brasileiro, com a construção de suas estratégias frente ao Estado, especialmente no que considero sua principal linha de frente a expansão das Dioceses e a produção de Prelados imbuídos do espírito romanizador, transformando o temor inicial das liberdades republicanas em ponto de partida para uma Igreja, que agora livre, usaria tudo isso em benefício próprio. E a partir dos anos 1920 essa relação assume um caráter de cordialidade, dentro de um projeto de neocristandade².

Para dar conta desse recorte temporal, dentro da problemática mencionada acima, além da bibliografia utilizada, foi feito um levantamento de uma vasta documentação que possibilitou adentrar o cotidiano da Diocese/Arquidiocese e conseguir resgatar aspectos de sua história. As fontes, variadas, permitiram percorrer o recorte estabelecido e consolidar os capítulos construídos para esta tese, a partir de uma triagem. Essa seleção documental se deu pelo percurso da pesquisa, pelo volume adquirido, e pelos resultados que se pretendia alcançar. Lembrando que, como alerta Jacques Le Goff, o documento é

² MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História**: 500 Anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 60.

monumento, resultante da imagem que as sociedades históricas projetam de si para o futuro, e que, portanto, historiadores não podem ser ingênuos, pois todo documento é construído, de forma voluntária ou involuntariamente³. Também quero pontuar que a própria Igreja muitas vezes desconhece aspectos que foram silenciados por algo que se sobrepôs, que se tornou mais visível ou prioridade em dada época, e por vezes se tende a esquecer o anterior, e dessa forma quebra-se a linha histórica e de compreensão da sua própria realidade, pois trata-se algo como se fosse fruto especificamente do tempo presente, negando heranças. Dessa forma, a própria Igreja demora para reconhecer aspectos de sua trajetória, pois se move lentamente e faz suas próprias escolhas, que às vezes a leva a retroceder ou a avançar.

O novo, trazido pelos séculos XIX e XX de forma acelerada, embora pressuponha ruptura com o passado, não o exclui, pois certamente foi este que o gerou, e há muitas vezes, afirma Le Goff, tensões entre o presente e o passado recente⁴. A questão entre o antigo e o novo, nos ajuda a pensar em dois caminhos, o primeiro na relação do Catolicismo com as mudanças ao seu redor e sua luta pela tradição e pela permanência do modelo holístico de sociedade. O segundo na tensão da transição do Pontificado dos Pios, com tudo que eles representam, para uma nova fase da história da Igreja a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), gerando uma sobreposição que poucas vezes permitiu o reconhecimento das heranças deixadas, o que não deixa de ser uma contradição entre a valorização da tradição e o apagamento do legado recente. Dessa forma parece haver, no interior da própria Igreja a seletiva da memória que deve vigorar em dado momento, intencional ou não, percebo isso no decorrer da longa fase que investigo, que corresponde essencialmente ao governo dos Pios, que logo após o último deles falecer a rapidez com que se tenta inaugurar um tempo novo, negligenciando o que o tempo anterior deixou de legado, caracterizado em sua maior parte pelo endurecimento, para que uma nova fase pudesse ser experienciada. A história da Igreja, precisa ser analisada na perspectiva da longa duração, para percebermos decisões, estratégias e os entrelaçamentos de relações e de heranças, de uma Instituição que tem como um dos seus pilares a tradição. A Igreja é uma sociedade

³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 538.

⁴ Ibidem. 2003, p. 202.

holística vivendo em um mundo laicizado⁵, onde novas alianças são forjadas, evitando a perda do valor e peso da tradição.

Para compreender uma Instituição que possui uma história complexa e tão longa fiz algumas opções teórico-metodológicas, tendo como ponto de partida a perspectiva de Marc Bloch e Jacques Le Goff. Para Bloch, as inquietações do tempo presente impulsionam a busca de vestígios deixados por uma dada temporalidade, e que os historiadores com sua sensibilidade, engajamento, e ferramentas metodológicas conseguem compreender apenas parte do passado, lembrando que para ele a compreensão, que não é julgamento, significa a escolha seletiva e racional do processo de pesquisa que conduz ao resgate e construção da História⁶. Para Jacques Le Goff a História deve ser encarada como um processo, que carrega mudanças, e se deve repensar antigas periodizações, dele utilizo a concepção de Longa Idade Média, de ruptura e permanência, e a biografia como tema globalizante⁷.

Nessa perspectiva verticalizo para os Bispos de Manaus, inseridos na rede do Episcopado brasileiro, com suas múltiplas relações e estratégias, dentro do corpo eclesiástico, com o poder civil, e na esfera da relação com o laicato, tudo isso dentro do recorte de 1916 a 1958, abarcando as duas fases da romanização, da reorganização e da restauração católica. E, no que diz respeito à história eclesiástica de Manaus, todas essas discussões são inéditas e necessárias. Resgato e analiso aspectos da história da Igreja de Manaus conectada à romanização, que defino como projeto dos Pios. E, em meio ao emaranhado de relações e acontecimentos, no recorte estabelecido, dou visibilidade à demora da elevação de Manaus à Arquidiocese enquanto fui reconstituindo esse processo histórico.

Romanizar é preciso

Seguindo a perspectiva dos historiadores da CEHILA, abordamos a romanização a partir da história que não olha apenas de cima, do lugar mais alto da Instituição, mas que

⁵ Cf. DUMONT, Louis. **Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985; MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização. Manaus: Valer, 2014.

⁶ Cf. BLOCH, Marc. **Apologia da História**, ou, O Ofício do Historiador (2001); BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos** (1993).

⁷ Obras de Jacques Le Goff indicadas: **São Luís** (1999); **São Francisco de Assis** (2001); **A História Nova** (2001); **Em Busca da Idade Média** (2005); **Uma Longa Idade Média** (2011); **Uma Vida para a História** (2007); **A História deve ser dividida em pedaços** (2015); **A Civilização do Ocidente Medieval** (2016).

penetra e perpassa por várias instâncias, enfatizando relações e ações, analisando a Igreja no Brasil, e sua particularidade no Amazonas, olhando-a por dentro. A romanização no Brasil, segundo Riolando Azzi, abarca o período de 1840 a 1961, podendo ser percebida a partir de três momentos específicos: a reforma da Igreja Católica, de 1840 a 1889; a reorganização católica, de 1890 a 1921; e a restauração católica, ou neocristandade, de 1922 a 1961⁸. A romanização é a base de todas as estratégias da Igreja, inserida em cada temporalidade, como ação, inserção e resposta a cada época. Dessa forma, a romanização é como um conceito guarda-chuva que abarca toda a movimentação de apropriação, aplicação, disciplina, e em cada fase responde a realidades e as exigências da Igreja e de sua relação com o mundo, e que marcadamente do século XIX ao XX passou pela reforma, reorganização e restauração católica, e que aqui direciono para a Igreja no Brasil, e de modo particular para sua trajetória no Amazonas.

O recorte desta tese se estende de 1916 a 1958, embora volte ao século XIX para pontuar aspectos essenciais desse processo, especialmente para a primeira fase da Diocese de 1892 a 1913, abarca, portanto, duas das três fases descritas por Azzi, a da reorganização católica (1890-1921) e a da restauração católica (1922-1961). Para ele, “a preocupação da Igreja, no Brasil, até os anos de 1950, é manter sob controle os movimentos populares, denunciando o seu caráter revolucionário e ateu”⁹. Lembrando que os limites cronológicos são definidos por questões conceituais e por questões de contexto. Mas não podem ser encarados de forma rígida, temporalidades se interpassam e se conectam, podendo ser percebidos elementos de um e outro no processo, o que pode ser percebido nas rupturas, mas especialmente nas permanências.

Essas fases também correspondem a: fase dos embates; fase da sementeira; e a fase dos frutos da inserção da romanização no seio da sociedade brasileira. Dentro da dimensão desses períodos, encontra-se a trajetória da Diocese de Manaus, de sua criação até sua elevação à Arquidiocese. Por isso, afirmo que nossa Diocese já nasceu romanizada, e a análise de acordo com essa compreensão da romanização, onde situo os Bispos e suas estratégias para o seu enraizamento e consolidação da Diocese/Arquidiocese de Manaus, bem como papel fundamental dos leigos em toda essa construção. Essa demarcação da tese, que resgata aspectos da história da Diocese/Arquidiocese, se insere em uma base contextual bem ampla, marcada pelo Pontificado dos Pios, intercalados em alguns momentos por

⁸ AZZI, Riolando (Org.). **A Vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.

⁹ AZZI, Riolando. **A Neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994, p. 18.

poucos Papas de outras linhas, que orientam e reordenam a Igreja em tempos modernos e contemporâneos, e embora o projeto romanizador, como adentrará o século XIX, venha das diretrizes tridentinas, onde também está um Pio, foram os 183 anos, do governo de sete Pios, que garantiram a efetivação da romanização na era moderna e contemporânea. Portanto, apresento a romanização como projeto dos Pios, dando ênfase a Pio XI e Pio XII que governam a Igreja durante o recorte estabelecido para esta tese.

Compreendo o processo romanizador orientado pela europeização, mas também como um projeto de controle que parte de um centro e se entrelaça com as particularidades do lugar onde se insere, utilizando elementos locais que reforcem, mas que passe por adaptações, objetivando instalar a romanização. Para Ítalo Santirocchi o modelo se diferencia no Brasil, nas tomadas de decisões a partir das especificidades locais de cada diocese, percebidas nas negociações, nas questões políticas, sociais e culturais. Concordo com ele que a romanização vai se ajustando em cada localidade aonde chega, pois as particularidades se impõem¹⁰, mas também é correto, como afirma Jérri Marin, que a romanização não renunciará à normatização, homogeneização e hierarquia, especialmente no período que se estende da metade do século XIX até o Concílio Vaticano II¹¹. Portanto, diferente de Santirocchi, continuo utilizando o conceito de romanização, compreendendo a fase de reorganização católica e a fase de restauração católica como desdobramentos de um mesmo processo, adaptado ao contexto e ao local onde se inseriu. E, aqui visualizamos a penetração da romanização na Amazônia, especificamente no Amazonas, na direção do que nos apresenta Fernando Neves, “como semeadura justaposta às experiências dos católicos pelas mãos diretas dos bispos”¹². Na construção da tese pude verificar os esforços de padronização, mesmo que nem sempre efetivados tal qual o planejado continuou sendo romanização, sem esquecer do olhar vigilante da Santa Sé sobre Bispos e Dioceses. Me propus, então, observar as experiências dos modos de ser Igreja, no serpentear da romanização na Amazônia. O *Serpentear* foi escolhido pela carga representativa que carrega. Primeiro tomo de empréstimo o termo utilizado por Peter Brown, quando discute

¹⁰ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência**: os ultramontanos no Brasil e no Regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Belo Horizonte: Fino Traço, 215.

¹¹ MARIN, Jérri Roberto. Igreja Católica e a Romanização: olhares possíveis. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Questões de Religião**: teorias e metodologias. Dourados: UFGD, 2013.

¹² NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: bispos na Amazônia do oitocentos. Belém: Editora UFPA. 2015, p, 117.

Antiguidade Tardia, apresentando a forma como o Cristianismo penetrou e percorreu “serpenteando” e adentrando o Império Romano¹³.

Apresento essa mesma noção para perceber os caminhos percorridos pela romanização na imensa Diocese/Arquidiocese de Manaus, se movimentando de forma sinuosa pelos rios amazônicos para chegar às diversas localidades, algumas nas margens outras adentrando, sendo tocadas a partir desses encontros e das variadas trocas culturais¹⁴. Em nossos rios, as ‘estradas’, a evangelização não vai em linha reta, vai serpenteando tocando vidas, trocando experiências, levando e recebendo elementos. A romanização semeia na sinuosidade, conectando pontos, utilizando e repensando estratégias. O tipo de toque leva a experimentar a fé católica de formas diferenciadas, sendo inevitável tocar as peculiaridades da região e ser tocado por ela, mesmo em meio a um clericalismo exacerbado, a própria região força a repensar estratégias. Pensar na sinuosidade dos rios e na romanização, serpenteando e penetrando, outras vezes apenas tocando ou passando perto, nos leva a perceber formas diferenciadas de como o Catolicismo chegou e como foi recebido, construindo novas relações a partir de pontos fortes ou de limites que vão se dando pelos caminhos da Amazônia.

Assim, o serpentear, é também como a serpentina que não segue linha reta vai tocando muitos até chegar ao alvo, e os toca de forma diferenciada, também a romanização tem um projeto bem delineado, mas que em terras amazônicas precisa ajustar e refazer o percurso, e ao longo do caminho toca muitos, alguns que não estavam previstos, outros não o serão devido aos obstáculos ou alcance dos braços da Igreja. O caminho é cheio de desafios e surpresas, e mesmo por vezes sem atingir sempre o alvo, atingirá muitos de formas diferenciadas. Observar o mapa do Amazonas pode ajudar a entender a sua dimensão. Os bispos que administraram esta Diocese, em sua maioria filhos do Nordeste, certamente sofriam o impacto dos contrastes regionais, e mesmo trazendo a experiência romanizadora na bagagem, ao adentrar o espaço amazônico, precisaram estabelecer estratégias diferenciadas para chegar e tocar de forma profunda as diversas localidades. Não podemos esquecer que no Cristianismo, como afirma Marc Bloch, há muitos

¹³ BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: DUBY, George; ARIÈS, Phillippe. **História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁴ A noção de “serpentear” também nos traz à memória o mapa que consta no “Atlas Universalis”, publicado por Diogo Homem em 1558, no caderno “América Meridionalis”. É um dos trabalhos mais importantes de cartografia do século XVI, que nos apresenta o grande rio percorrido no formato que lembra uma serpente. E, é por essa sinuosidade que o Cristianismo vai adentrar e a romanização vai insistir levá-lo mais profundamente possível, percorrendo os rios amazônicos.

cristianismos¹⁵, e para Gustavo Oliveira, que ao pesquisar o ultramontanismo no XIX, afirma ser o Catolicismo plural¹⁶. Essas duas afirmações se tornam ainda mais fortes na vastidão amazônica, compreendendo que o serpentejar da romanização gerou experiências diferenciadas do Catolicismo nesta região.

Focando nas duas fases da romanização onde nosso recorte se insere, com maior ênfase na restauração católica, vê-se que durante a República Velha houve a renovação de alianças entre Igreja e Estado, sem se desviar da conexão com a Santa Sé e seu projeto romanizador. O novo modelo de relação entre os poderes, apresentou uma aproximação mais íntima expressa em desfiles e manifestações públicas, e na colaboração mútua, marcando a década de 1920 como o início da fase da restauração católica. Essa concepção de restauração apresenta conexão com o lema de Pio XI “Restaurar todas as coisas em Cristo”, os bispos fazem eco e atuam em consonância com seu Pontífice”¹⁷. O termo restauração aqui aplicado não tem a ver com “criar nada de novo nem introduzir modificações na obra que se tem em mãos, mas simplesmente de restituí-la nos mesmos moldes de sua prístina imagem. Em outras palavras, restaurar é restabelecer em perfeita forma o modelo antigo”¹⁸.

A fase da restauração quer reconduzir a fé católica ao lugar de Instituição constitutiva da sociedade, expressando o desejo de que todas as nações sejam “orientadas pelos ensinamentos do magistério eclesiástico”¹⁹. A implantação da festa de Cristo-Rei, coroa esse momento, expressando a busca da Igreja por sua afirmação no mundo, “a influência política passa a ser vista como instrumento oportuno para a transmissão da fé”²⁰. Os Congressos Eucarísticos passam a se multiplicar pelo país, como resposta a esse ideal, e com a inauguração do grande marco, a estátua do Cristo Redentor, em 1933. “A Igreja passa de uma posição declaradamente defensiva, típica da mentalidade do século XIX, para uma nova atitude de conquista espiritual do mundo”²¹.

A restauração católica, segundo Azzi, noção com a qual compactuo, não significa, de forma alguma, uma ruptura com o movimento dos bispos reformadores na época imperial, é uma continuidade da mesma concepção de Igreja, mantendo-se “as três ideias

¹⁵ BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: JZE, 2001.

¹⁶ OLIVEIRA, Gustavo de Souza. **O Catolicismo Plural: a Congregação da Missão e a construção do ultramontanismo oitocentista**. Curitiba: Prisma, 2019.

¹⁷ AZZI, Rioldo. **A Neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20-21.

¹⁸ Ibidem, 1994, p. 22.

¹⁹ Ibidem, 1994, p. 22.

²⁰ Ibidem, 1994, p. 23.

²¹ Ibidem, 1994, p. 23.

fundamentais do período anterior: necessidade de maior formação do clero e instrução religiosa do povo; atitude apologética com relação à maçonaria, o protestantismo e o espiritismo; mentalidade conservadora no que diz respeito aos problemas políticos e sociais”²². Dois novos aspectos caracterizam a fase da restauração: “consciência da necessidade de uma maior presença efetiva no âmbito da sociedade brasileira; e o empenho por uma maior aproximação e colaboração entre Igreja e Estado”²³. O ano de 1922 marca essa reaproximação.

Para Sérgio Miceli a Igreja contribuiu para unificar o sistema político do período republicano e manutenção da ordem social, especialmente com a implantação de estabelecimentos de ensino para os vários níveis, passando a exercer o controle de 70% das instituições até o final da década de 1920²⁴, o que constitui parte dessa aliança entre os poderes. Utilizo, de Miceli, a noção de “espetáculo” e “encenação”, que me permite ver o entrelaçamento de relações, que parte da necessidade de dar visibilidade às alianças entre os poderes, externalizando cultos, festividades, procissões e todas as demais oportunidades para consagrar dirigentes e seus feitos²⁵. Para Miceli, o estilo romanizado, confere por parte de dirigentes católicos legitimidade ao poder oligárquico²⁶. A encenação das solenidades fortalece ou forja novas alianças entre o poder religioso e o civil, ao mesmo tempo que esse mesmo efeito pode ser verificado na rede de relações dentro do Episcopado, como parte das estratégias empregadas. Para Azzi, a fase republicana se caracteriza pela aliança reatada de forma explícita entre Igreja e Estado, assinalada em 1924 no banquete oferecido aos bispos, deixando claro que a relação estava reatada, em novos moldes, com colaboração mútua e pacto, com nitidez na diferença entre os poderes, e com inúmeras manifestações públicas. Cenário que terá mudança somente a partir dos anos de 1960²⁷.

Para compreender a organização da estrutura eclesiástica que se expandiu pós separação entre Igreja e Estado, utilizo de Sérgio Miceli, além do já citado acima, a noção de estadualização. O processo de estadualização, ocorreu nesse contexto pós separação Igreja e Estado, quando gradativamente todas as capitais dos estados brasileiros foram se tornando sedes diocesanas, tendo um clero, muitas vezes saído de importantes grupos

²² AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 422.

²³ Ibidem, 2001, p. 422.

²⁴ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 157.

²⁵ Ibidem. 2009, p. 129.

²⁶ Ibidem. 2009, p. 157.

²⁷ AZZI, Riolando. **A Neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994, p. 32-39.

oligárquicos, o que garantia triunfo para os recursos diocesanos. Dessa forma, se percebe que a separação não representou ruptura com os grupos dirigentes locais “nem suscitou um redirecionamento das políticas e dos investimentos da Igreja com vistas a ampliar seu público fora do espaço da classe dirigente ou estabelecer alguma forma de atendimento às demandas de setores sociais subalternos”²⁸. Segundo Miceli, a estadualização da política expansionista que a Igreja adotou, contribuiu para uma concorrência acirrada entre os próprios Prelados²⁹.

Com Miceli, consegui, também, visualizar a fabricação e apadrinhamento de Prelados, que passaram a constituir a elite eclesiástica brasileira. E, seguindo as pistas para verificar todo esse processo na Diocese/Arquidiocese de Manaus, percebi que os seis primeiros Bispos ou são oriundos do Nordeste ou, no caso dos dois paraenses, tem por paraninfos Bispos Nordestinos, sejam de origem ou de trajetória. E, ao observar a trajetória dos Bispos de Manaus e seus locais de origem, conectando Norte e Nordeste, cunhei para a tese a noção do “Nordeste como celeiro da romanização” que me auxiliou na compreensão do projeto de governo e os desdobramentos das ações episcopais: Dom José Lourenço da Costa Aguiar, do Ceará; Dom Frederico Benício de Souza Costa, de Santarém; Dom João Irineu Joffily, da Paraíba; Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira, da Bahia; Dom João da Mata Andrade e Amaral, de Pernambuco; Dom Alberto Gaudêncio Ramos, de Belém. Fora o percurso e apadrinhamento de cada um, que os capítulos da tese apresentam, estabelecendo um fio que os liga ao projeto romanizador.

Nesse contexto, de República, onde nasceu e se desenvolveu a Diocese de Manaus, por 60 anos, vejo, também, nos Bispos a contribuição de delinear o desenho do novo Norte, que foi se consolidando com a definição do território das duas Dioceses/Arquidioceses, Amazonas e Pará, e com a criação de Prelazias e Prefeituras Apostólicas. Vejo a Igreja como elemento aglutinador social e culturalmente dos povos já existentes e dos novos grupos chegados à região, dando o tom, pontuando e conectando as localidades amazônicas, ao serpentear por cidades, rios e comunidades no interior da região.

Para visualizar os Bispos nas questões globais, sintonizado com o Episcopado nacional e com Roma, na perspectiva do catolicismo romanizado que visa conectar todos os católicos romanos em torno do centro, que por sua vez espraia as diretrizes e o perfil da

²⁸ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 26.

²⁹ Ibidem. 2009, 27.

espiritualidade a ser seguida, aplico o tema globalizante ao apresentar pequenas biografias dos Bispos. Essas pequenas biografias, são, seguindo a perspectiva de Le Goff, temas globalizantes, que a partir de um corpo documental apresentam aspectos de uma época, e ao se procurar o ‘verdadeiro’ de uma personagem “deve-se globalizar um período completo com o conjunto de seus problemas”³⁰, sendo a personagem vislumbrada como parte de um todo, conectada ao seu contexto, interagindo com ele, recebendo influências e influenciando no meio onde está inserido³¹, e que só pode ser situado na “época que ele atravessa, revela e modela”³². O uso dessa ferramenta contribuiu para a construção dos dados biográficos dos quatro Bispos, pesquisados para esta tese, percorrendo aspectos de suas trajetórias familiares, a formação e as questões eclesiais, que passam por relações, escolhas e ações, além de auxiliar na compreensão da fabricação de Prelados e seus apadrinhamentos. E, a partir dos Bispos, se visualiza as questões que envolvem a vida da Diocese/Arquidiocese, especialmente na relação do corpo eclesial com o corpo laical, e conexões nacionais e globais.

A história da Igreja, em especial da Amazônia, ainda carece de pesquisas que recuperem a trajetória desta Instituição, em todas as suas instâncias. Como afirma Paul Veyne, a história ainda tem muitas clareiras para abrir³³, e especificamente na história eclesial e laical, e mais ainda dentro da Amazônia, que necessita da abertura de trilhas que levem a historiografia a encontrar caminhos que ajudem na recuperação da história da Igreja na Amazônia. E, no Amazonas pouquíssimas clareiras foram abertas, portanto, há muito a resgatar, o que constitui o objetivo desta tese. Meu trabalho historiciza a trajetória da Diocese/Arquidiocese de Manaus, partindo de quatro Bispos que a administraram, sendo o último elevado a Arcebispo, e do Laicato, aqui apresentado a partir da atuação da Pia União das Filhas de Maria e da Ação Católica, tendo como pano de fundo o projeto romanizador dos Pios. As fontes permitiram um mergulho em aspectos do cotidiano da vida da Igreja de Manaus, a partir da atuação dos Bispos e do Laicato. A tese apresenta alguns desses elementos sem a pretensão de esgotá-los, procurando dar visibilidade e compreender a vida pastoral e eclesial da Igreja de Manaus, com uma narrativa construída a partir da análise de acontecimentos, selecionados na documentação.

³⁰ LE GOFF, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 174-175.

³¹ LE GOFF, Jacques. **São Luís**, biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

³² LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 242.

³³ VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. São Paulo: Almedina Brasil, 1971.

O tempo na Amazônia é mais lento, já observou certa vez Jean-Claude Schmitt ao vir a Manaus conversar com os historiadores, e falando da floresta, das águas, do povo, da religiosidade que paira, afirmou ele: “aqui me sinto mais perto da Idade Média”³⁴. Ao lembrar suas palavras e alegria por experimentar uma temporalidade que o aproxima mais de seus estudos e reflexões do que o mundo europeu atual, me faz pensar na lentidão do tempo na e para a Igreja, de modo especial nas questões particulares da Amazônia com seu ritmo próprio, dessa forma enquanto muitos estudiosos estranham falar de romanização até o final dos anos de 1950, onde essa tese alcança, vejo-a claramente nas inquietações e temores, nas estratégias e ações, nas relações constituídas com Estado e elites locais, no controle e configuração eclesiástica, nos destemidos e fervorosos leigos.

Estrutura da Tese

Na compreensão da atuação dos Bispos de Manaus, em contexto de romanização, em uma região com suas próprias especificidades, nos auxiliou Michel de Certeau, na percepção das estratégias como condicionantes de uma estrutura de dominação e enquadramento no modelo romano de sociedade, e partindo dessa perspectiva visualizo as ações dos Bispos articulados entre si, em uma rede nacional, as relações constituídas com demais poderes para manter posições, inserções e controle sobre todas as instâncias que a Igreja arvora para si³⁵. E, na perspectiva de Ângelo Brelich, procurei visualizar o laicato romanizado, em sua obediência à hierarquia e em sua intensidade devocional, pois é na relação com o sagrado que o sentido da existência se dá³⁶, transformando os membros da Pia União das Filhas de Maria e da Ação Católica em instrumentos de militância católica, com forte sentimento de pertencimento, para a efetivação do modelo de sociedade centrada em Cristo.

Na composição dos capítulos, foram empregadas, de Eric Hobsbawm, a noção de “Guerra dos 31 anos”, para pensar as ações papais e o caminhar da Diocese em tempos de guerra, e de “Invenção das Tradições” para fazer uma rápida discussão sobre os Congressos Eucarísticos³⁷. Para a visualizar as novas paróquias de Manaus, as seis instaladas na última

³⁴ Conversa com Jean-Claude Schmitt. Manaus, 1 de Abril de 2005.

³⁵ CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

³⁶ BRELICH, Ângelo. In: FILORAMO, Giovanni. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

³⁷ Ler de Eric Hobsbawm: “**A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**”, de 1994; “**A Invenção das Tradições**”, de 2008.

década da fase diocesana e as três da primeira fase arquidiocesana, foi utilizado o conceito de “paroquialização” de José Manuel del Castillo, que permite compreender a vida religiosa e a dimensão institucionalizada das comunidades, em sua conexão com as diretrizes da Diocese³⁸. E, ainda para dar ênfase aos padroeiros das três últimas paróquias historicizadas na tese, utilizei a concepção de “santidade” apresentada no Santoral da Lenda Dourada³⁹, pois dos três, um é medieval e os outros dois fortalecidos na Baixa Idade Média. Inúmeras outras obras foram de auxílio na confecção da tese, além de encíclicas papais e de um conjunto de fontes primárias, de padres, bispos e leigos, que me permitiu fazer um mergulho no cotidiano da Diocese/Arquidiocese.

A tese foi construída em duas partes, cada uma composta por dois capítulos, que trazem o resgate histórico de aspectos da Diocese/Arquidiocese a partir do corpo eclesiástico e do corpo laical, de 1916 a 1958. Para melhor compreensão da história da Igreja de Manaus, em sua fase diocesana, fiz uma opção de dividi-la em três fases, que acredito auxiliarão na sistematização do processo histórico de uma história ainda em construção e que precisa se fazer conhecer. Dessa forma se mescla com uma história eclesiástica, mas que avança em vários aspectos para abordagens mais aprofundadas, para que abra possibilidade de verificação do serpentear da romanização.

A 1ª Fase do Episcopado na Diocese de Manaus, que corresponde ao governo dos dois primeiros Bispos: Dom José Lourenço da Costa Aguiar (1894-1905) e Dom Frederico Benício de Souza Costa (1907-1913); a 2ª Fase do Episcopado na Diocese de Manaus, que corresponde ao governo de Dom João Irineu Joffily (1916-1924) e Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira (1926-1941); e a 3ª Fase do Episcopado na Diocese de Manaus onde se insere a administração de Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) e Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952). E, no que diz respeito ao período arquidiocesano da Igreja de Manaus, a tese abarca a primeira fase de 1952 a 1958, quando termina o governo do primeiro Metropolita de Manaus, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, ao mesmo tempo em que se encerra a longa fase de Pontificado dos Pios.

³⁸ CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

³⁹ LE GOFF, Jacques. **Em Busca do Tempo Sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

A primeira parte foi intitulada “Os Filhos da Igreja⁴⁰: estratégias romanizantes do Episcopado do Amazonas”, que traz dois capítulos, o primeiro denominado “A Segunda Fase do Episcopado na Diocese de Manaus: a romanização nas ações de Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Olímpio Pereira (1916-1941)”, e o segundo denominado “Romanizar e Restaurar: a terceira fase do Episcopado de Manaus com Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) e Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952)”. O primeiro capítulo discutiu três pontos: a Igreja e as estratégias de romanização no Brasil; A Primeira Fase do Episcopado da Diocese de Manaus (1892-1913); e A Segunda Fase do Episcopado na Diocese de Manaus (1916-1941), subdividido em dois pontos, Dom João Irineu Joffily (1916-1924): o bispo educador e Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira (1926-1941): o bispo angélico. Portanto, apesar do recorte da tese iniciar em 1916, foi necessário um recuo no tempo para visualizar a Igreja no século XIX e os primeiros anos da Diocese de Manaus, para melhor compreensão de sua trajetória a partir da segunda fase do Episcopado. O segundo capítulo abordou quatro pontos: A Igreja na década de 1940; Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948): o bispo empresário; As Paróquias em Manaus na década de 1940: a expansão de um projeto romanizador; Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952): do último Bispo de Manaus ao pastor da Amazônia.

A Segunda parte foi intitulada “Arquidiocese de Manaus: entre a romanização e os labirintos da contemporaneidade (1952-1958)”, que traz dois capítulos, o primeiro denominado “Igreja de Manaus: a primeira fase da história arquidiocesana”, e o segundo denominado “Perscrutando Corações: a romanização dos Pios e a resposta do Laicato na Igreja de Manaus”. O primeiro capítulo discutiu três pontos: Dom Alberto Gaudêncio Ramos: a transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus; O Despontar da Arquidiocese de Manaus; Santa Luzia, São Francisco de Assis e São Jorge: a paroquialização na Arquidiocese de Manaus. O segundo capítulo abordou três pontos: “Chamar-me-ei Pio”: a linha de força na sucessão dos Pios; No Tempo dos Pios: dogmas e a devoção mariana na Igreja de Manaus; No Tempo dos Pios: a Ação Católica na Igreja de Manaus, militância cristã em meio aos conflitos e tensões da contemporaneidade.

⁴⁰ Tomei emprestado o termo empregado por Sérgio Miceli para a cota destinada a presbíteros de origem humilde, submetidos em todos os sentidos à proteção da Igreja. Aqui utilizo esse termo de forma mais ampla, abarcando todos os presbíteros que foram moldados para receber a Mitra.

Depois de um longo processo, por muitas vezes solitário, de resgate histórico, eis a tese que vos apresento: “Entre o Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1916-1958)”.

Galeria de Pinturas



Pintura 1- Dom José Lourenço da Costa Aguiar, 1º Bispo de Manaus (Quadro comemorativo para o seu centenário – Acervo Catedral de Manaus). Autor: Branco Silva



Pintura 2- Dom Frederico Benício de Sousa Costa, 2º Bispo de Manaus (quadro comemorativo para o centenário de Dom Lourenço Aguiar – Acervo Catedral de Manaus). Autor: Branco Silva



Pintura 3- Dom João Irineu Joffily, 3º Bispo de Manaus (quadro comemorativo para o centenário de Dom Lourenço Aguiar - Acervo Catedral de Manaus). Autor: Branco Silva



Pintura 4 - Dom João da Mata Andrade e Amaral, 5º Bispo de Manaus (quadro comemorativo para o centenário de Dom Lourenço Aguiar – Acervo Catedral de Manaus). Autor: Branco Silva

Galeria de Imagens

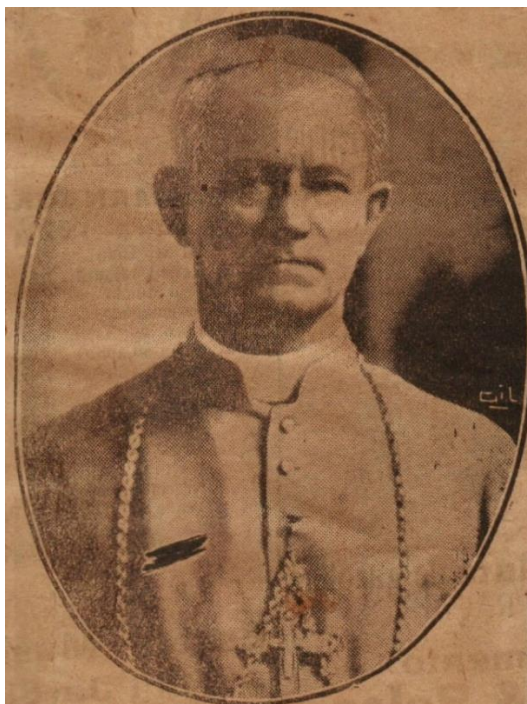


Imagem 1 - Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira, 4º Bispo de Manaus (Imagem retirada do Jornal D'O Dia, 15 de fevereiro de 1926 – Acervo Cúria de Manaus) ⁴¹

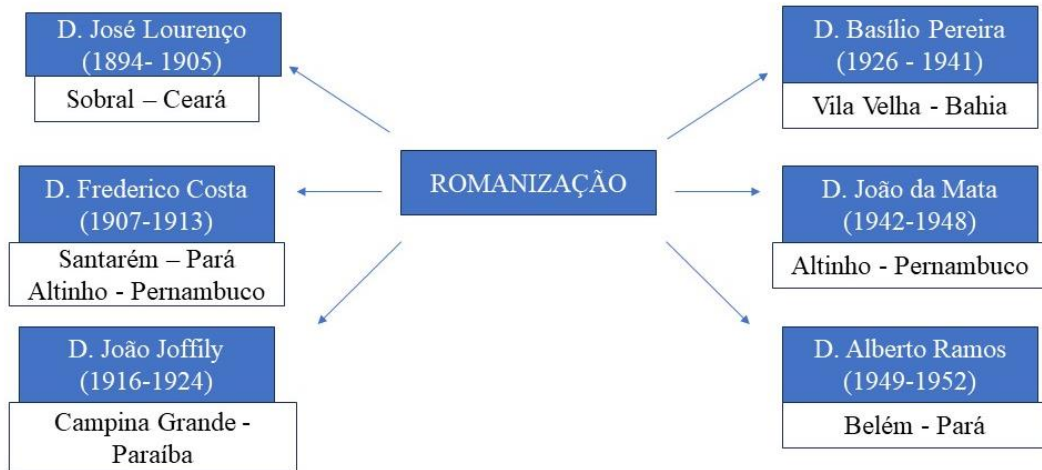


Imagem 2 - Dom Alberto Gaudêncio Ramos, 1º Arcebispo de Manaus (Imagem retirada do documento do II Congresso Regional do Amazonas e Instalação da Arquidiocese de Manaus, 1952 - Acervo Cúria de Manaus)

⁴¹ Infelizmente os quadros de Dom Basílio Pereira e Dom Alberto Ramos se perderam, não encontrei nenhuma pista deles.

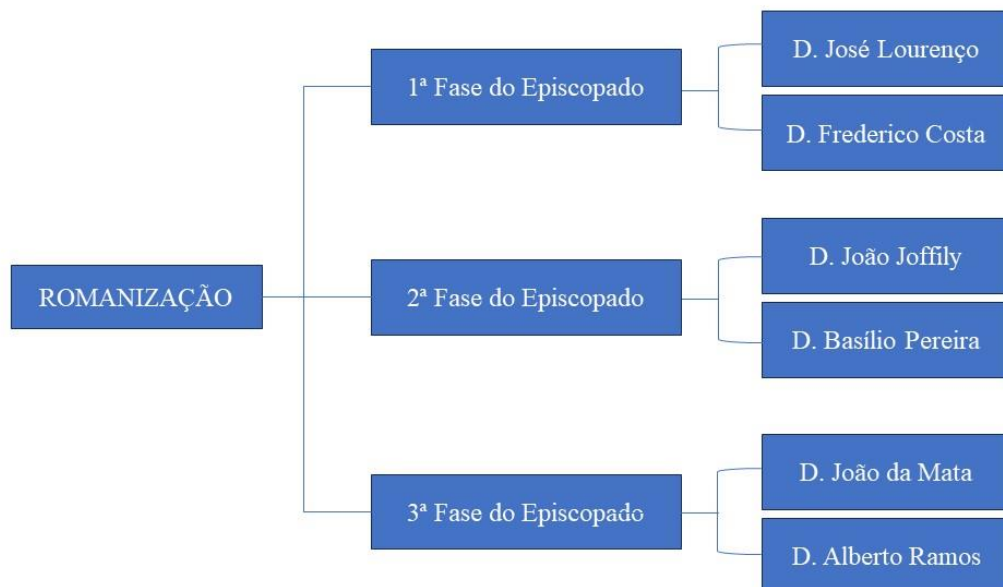
Organogramas

NORDESTE COMO CELEIRO DE ROMANIZAÇÃO



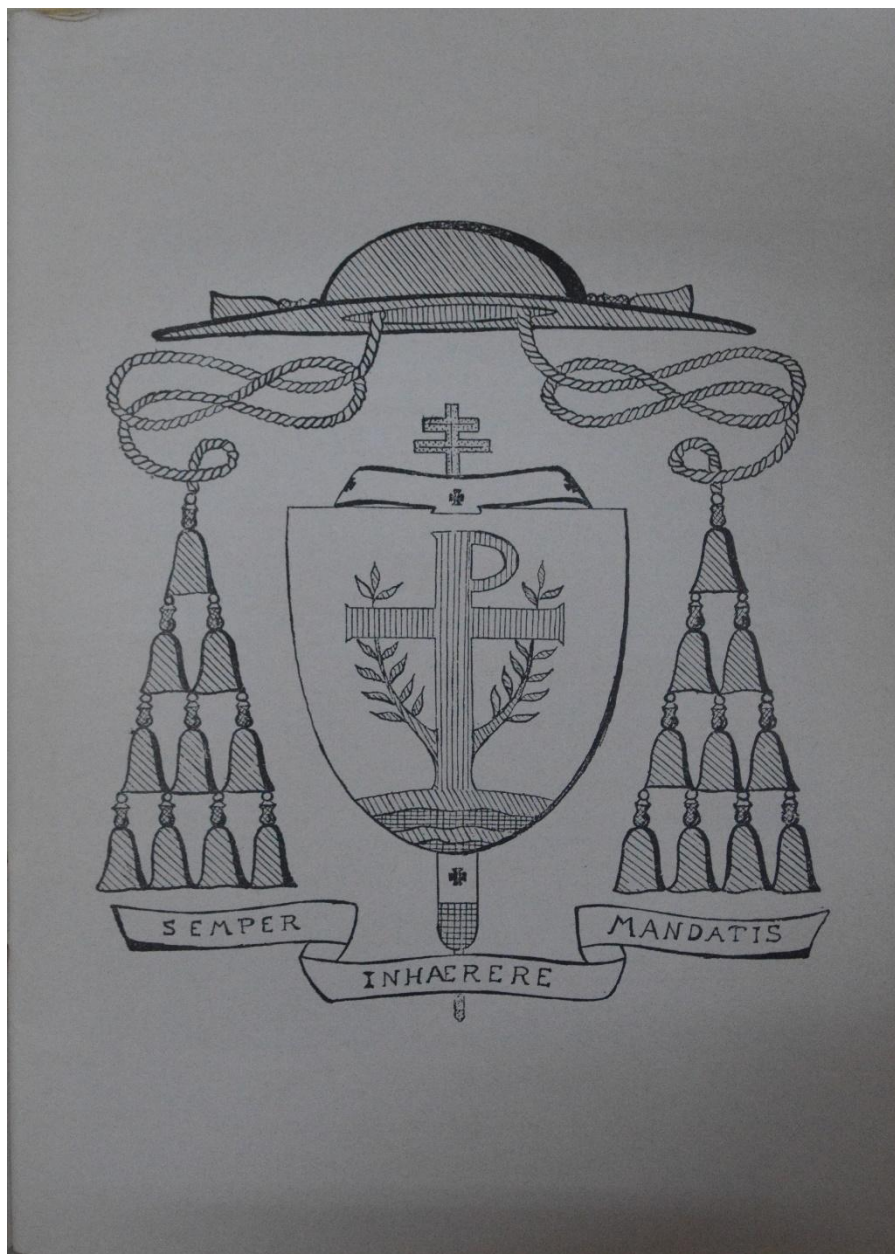
Organograma 1 - Organograma "Nordeste como Celeiro da Romanização", criado para esta Tese.

NORDESTE COMO CELEIRO DE ROMANIZAÇÃO



Organograma 2 - Organograma "Nordeste como Celeiro da Romanização" - as fases do Episcopado em Manaus, criado para esta Tese.

Brasão



Brasão 1- Brasão de Dom Alberto Gaudêncio Ramos

*Semper In haerere Mandatis*⁴²

⁴² “Sempre obedecer aos Mandamentos, sempre obedecer aos preceitos”, esse é o lema do Arcebispo Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Essa é a descrição dos símbolos em seu brasão: deseja que Cristo reine sobre a planície amazônica, cortada pelos rios negros e barrentos; a cruz nasce de uma planície verde cortada por dois rios, um negro e outro amarelo; os dois ramos fazem alusão ao seu nome, significando à direita a ação sacerdotal e à esquerda a ação dos leigos

Parte I

“Os Filhos da Igreja”: estratégias romanizantes do Episcopado no Amazonas

I

A Segunda Fase do Episcopado na Diocese de Manaus: a romanização nas ações de Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira (1916-1941)

1. A Igreja e as estratégias da romanização no Brasil

Desde o período colonial, a Igreja no Brasil estava vinculada ao sistema de Padroado, e a chegada do Império acabou reforçando as antigas relações entre Igreja e Estado. Os clérigos estavam desacreditados desde a colônia, e isso não mudara com o advento do Império, uma vez que eles eram tratados como subalternos, “não titubeando em submeter sacerdotes e até bispos a constrangimentos e humilhações”⁴³. A Constituição de 1824, mantinha o Catolicismo como religião oficial, mas ainda submetido ao Padroado, ficando a Igreja como tutelada pelo Estado⁴⁴. A Carta Constitucional também permitia o culto doméstico de outras crenças, o que era mais um aspecto que afetava a relação entre Igreja e Estado.

Dom Romualdo Antônio de Seixas se tornou o primeiro Primaz do Brasil em 1827, quando a Igreja reconheceu a independência brasileira. Junto a outros Bispos, ele iniciou uma nova etapa da Igreja no Brasil. Sua administração se estendeu até 1860 e foi dividida em duas fases: a primeira até 1839, quando se destacou como deputado, e a segunda a partir de 1840, sendo essencialmente pastoral⁴⁵. As duas fases mostram o processo de transição para a preocupação com as reformas internas da Igreja. Nesse contexto, a Igreja no Brasil apresentava duas tendências, o Regalismo, que almejava uma Igreja brasileira, e o Ultramontanismo, que desejava manter estreitos laços com Roma. O primeiro grupo, predominou até 1842, e o segundo, inicialmente moderado, passou a ser reformista, “e se apresentou endurecido e consciente da necessidade de uma reforma católica”⁴⁶.

⁴³ VIEIRA, Dilermando. **O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. São Paulo: Santuário, 2007, p. 33.

⁴⁴ VILLAÇA, Antônio Carlos. **O Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006, p. 88.

⁴⁵ AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia – 1551-2001**. 2001. Período Imperial e Republicano. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁴⁶ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus, vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 110.

Os Bispos da linha ultramontana, foram ganhando força, gradativamente, almejando a independência da Igreja, livre do Padroado, e com autonomia espiritual e pastoral. Dom Antônio de Macedo Costa afirma: “escravidão, e escravidão ignominiosa, é o que quereis impor com vossas teorias do Estado pagão, do Estado sem Deus [....] Escravidão, dura e ignominiosa escravidão, é esse Estado civil de mitra e báculo, governando a Igreja [...]”⁴⁷. Tensões e embates entre Império e Igreja desencadearam na Questão Religiosa, que “foi a culminância lógica da reforma da Igreja no Brasil”⁴⁸. A prisão dos Bispos, Dom Vital e Dom Macedo, que parecia ser uma vitória do Estado, se tornou um elemento aglutinador dos católicos nas duas Províncias e ao longo do território brasileiro.

A República brasileira chegara em 1889, e a Igreja achava-se temerosa, pois não desejava ver concretizada sua separação com do Estado, receando ser excluída da nova fase brasileira. Os Bispos temiam a construção de “uma sociedade sem Deus”⁴⁹, especialmente a partir do Decreto 119-A que oficializava o caráter laico do Brasil. Na Carta Pastoral Coletiva de 19 de março de 1890, os doze Bispos acolheram a República pela garantia de liberdades, algo que tanto almejavam desde os tempos da monarquia, e, se posicionaram em defesa da Igreja diante da “impiedade moderna” e a “desorganização social produzida pelo ateísmo”⁵⁰. Segundo Maria Domezi, o documento era abrangente, pois:

[...]manifestava as incertezas dos bispos diante da nova situação e tinha um tom de crítica à impiedade moderna, à liberdade de cultos e à secularização do Estado. Por outro lado, fazia uma defesa triunfalista e otimista da Igreja Católica e da sua liberdade, repropondo a união entre Igreja e Estado, com o cuidado de não entrar em detalhes e manter certa tranquilidade em acatar o regime republicano.⁵¹

Isso significava que a Igreja, que havia questionado o Império, estava disposta a uma conciliação com o Estado, que deveria ocorrer de forma prudente, como queria Dom Macedo. Pouco tempo depois, a 24 de fevereiro de 1891, a nova Constituição foi promulgada e a separação entre Igreja e Estado foi sancionada. Em seu artigo 72, além da liberdade de culto, “determinava o reconhecimento oficial somente do casamento civil, o

⁴⁷ COSTA, Francisco de Macedo. Lutas e vitórias. Apud: HAUCK, João Fagundes et.al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época – a Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis: Vozes. 1992, p, 185.

⁴⁸ HAUCK, João Fagundes et.al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época – a Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis: Vozes. 1992, p, 191.

⁴⁹ ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Santa Sé e o Estado Brasileiro**: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil. Jundiaí, Paco Editorial, 2015, p. 73.

⁵⁰ Igreja Católica. **Pastoral Coletiva**, 1890, p. 5-10.

⁵¹ DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 156.

caráter secular dos cemitérios e sua administração pela autoridade municipal, a laicização do ensino nos estabelecimentos públicos e o fim da subvenção oficial a Igreja ou cultos”⁵². Inconformados os Bispos protestaram contra: o casamento civil e a proibição que o religioso ocorresse antes dele, o ensino laico e a proibição do ensino religioso nas escolas, e a administração civil dos cemitérios. Dom Macedo teve papel fundamental de “convencer o episcopado que era o momento certo de transformar a crise em oportunidade de reorganização e de reforma das estruturas eclesiais e da conduta do clero”⁵³. Na Pastoral Coletiva de 1900, os Bispos também protestavam contra a perda do auxílio econômico⁵⁴.

Essa, também foi a posição adotada pela Santa Sé, olhando de outro ângulo para o temido decreto, pois nele se via o fruto da negociação, uma vez que, “diante da inevitabilidade da separação entre o poder religioso e o poder civil, evitou a imediata supressão das propriedades da Igreja e a possibilidade de perseguição do corpo eclesial”⁵⁵. Como afirma Lilian Rosa, essa era apenas uma batalha vencida nesse tabuleiro de xadrez no qual o Brasil estava inserido. O Documento de 19 de março de 1890, transmitiu aos brasileiros a primeira palavra de ordem da Igreja, não admitindo a subordinação dela ao poder civil, e, além disso, a reunião ocorrida em agosto de 1890 previa o aumento de Bispos e Dioceses⁵⁶, deixando claro uma das principais estratégias a ser efetivada. A Pastoral Coletiva realizou um estudo sobre “a liberdade da Igreja e a liberdade anunciada no decreto, fez votos para que, depois de apossados dessa liberdade, ela se complete e se torne efetiva”⁵⁷. Também, recomenda aos fiéis que cumpram seus deveres cristãos com alegria e firmeza, obedecendo aos seus Bispos. Assim, a Pastoral Coletiva “é uma ação apologética porque é de combate à modernidade e contrária à autonomia do poder civil em relação ao religioso”⁵⁸, propondo um modelo de evangelização pautado na postura de defesa da fé cristã “diante de uma sociedade supostamente anticlerical, de guardiã das verdades da fé, é antimodernista”⁵⁹, pois não há

⁵² Ibidem, 2015, p. 156.

⁵³ ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Santa Sé e o Estado Brasileiro**: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil. Jundiaí, Paco Editorial, 2015, p. 73.

⁵⁴ DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 157.

⁵⁵ ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. Op. Cit, 2015, p. 77.

⁵⁶ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil**: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945. São Paulo: Paulos, 2014, p. 37-38.

⁵⁷ Ibidem, 2014, p. 63.

⁵⁸ BRIGHINTI, Agenor. **A Pastoral Coletiva**: modelo de ação. Boletim Ameríndia, nº30 de 4 de maio de 2019.

⁵⁹ Ibidem, 4 de maio de 2019.

salvação fora da Igreja, é a máxima professada. O desejo é trazer o mundo de volta para dentro da Igreja.

A Pastoral Coletiva envia os leigos como “soldados”, como “legião” para trazer de volta as ovelhas desgarradas. O objetivo é recristianizar, ocupar todos os espaços, fortalecendo onde o Cristianismo já é realidade e atingir os cantos nos quais chegara parcialmente, além de reforçar as ações nas áreas que foram alvo da modernidade. Segundo José del Castillo, a preocupação dos Bispos vai além da questão da liberdade da Igreja, pois o ponto crucial é a “sua função num Estado secularizado, do qual não pode reclamar proteção e respaldo para continuar sendo religião oficial”⁶⁰, portanto, é a hegemonia social da Igreja que está em jogo, como sociedade sobrenatural perfeita.

Em 1900 foram promulgados os decretos do Concílio Plenário da América Latina, adotados pela Igreja no Brasil, e em toda a América Latina, como normas. O Concílio Plenário, convocado em 1898, iniciou-se a 28 de maio de 1899, com a presença de 13 Arcebispos e 40 Bispos, dos quais 11 eram do Brasil, e seus decretos vigoraram até a Pastoral Coletiva de 1915. O Concílio foi encerrado com as palavras do Papa Leão XIII: “aproximai-vos para receber o ósculo de paz. Sabei, para vosso consolo, que Roma inteira admirou a vossa união, a vossa ciência e a vossa piedade; e que consideramos o vosso Concílio como uma das joias mais preciosas da nossa coroa”⁶¹. Apesar das limitações do Primeiro Concílio Plenário Latino-americano, ele foi provocativo no que tange a necessidade da real unidade dos bispos. Daí nasceram as Conferências Episcopais Nacionais e posteriormente as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM).

Na Carta Pastoral Coletiva de 1900, os Bispos do Brasil faziam eco ao Concílio Plenário, ressaltando a relação tradicional da fé católica com a Pátria, insistindo na perda da identidade brasileira se o Catolicismo continuasse a ser afastado. Segundo Cristiano Matos, o documento “reivindica o reconhecimento oficial da Igreja Católica com um tratamento privilegiado”⁶², e que deveria haver uma mútua colaboração entre os poderes

⁶⁰ CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulos, 1997, p. 99.

⁶¹ Ata do Concílio Plenário apud SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945**. São Paulo: Paulos, 2014, p. 41.

⁶² MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 Anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 28.

civil e eclesiástico. Mesmo diante das incertezas trazidas pela República, os novos tempos foram aos poucos mostrando que a Igreja, longe dos domínios do Padroado, poderia desenvolver-se de forma livre pelo Brasil, sabendo aproveitar bem, se utilizando de inúmeras estratégias. Até a metade do século XX, o crescimento da Igreja no Brasil se deu de forma extraordinária.

Somente após a queda do Império, se procedeu a criação de novas Dioceses. A Bula de Leão XIII, *Ad Universas Orbis Ecclesias* de 1892, iniciava a reorganização da Igreja no Brasil, promulgando a criação de quatro novas Dioceses, e uma nova Província Eclesiástica, com a redefinição dos limites das Dioceses. A Província de Salvador ficou com sete Bispados Sufragâneos: Belém, São Luís, Fortaleza, Olinda e Goiás, e duas novas, sendo Manaus e Paraíba. A Província Eclesiástica do Rio de Janeiro ficou com sete Dioceses: Rio Grande do Sul, São Paulo, Mariana, Diamantina e Cuiabá, e duas novas, sendo Curitiba e Niterói. A Bahia permaneceu com o título de Primaz⁶³.

Portanto, era uma ocasião para a restauração da hierarquia, para a união dos bispos, reforma do clero e das congregações religiosas, fundação e elevado nível dos seminários, evangelização dos índios e atenção para os imigrantes. Contra as previsões pessimistas, o catolicismo brasileiro foi se recuperando gradualmente. Possuía muito mais capacidade de reação e resposta do que imaginavam seus responsáveis ou seus hostilizadores.⁶⁴

A Igreja adentrava o novo século mais fortalecida. A união dos Bispos latinos em torno do Papa, representou um novo caminho para a Igreja. No Brasil, as Dioceses começaram a se multiplicar, mostrando que a Igreja compreendeu que a chegada da República, inicialmente ameaçadora, trazia a liberdade que ela precisava para se enraizar definitivamente por todo território brasileiro. Ainda em 1895 foi criada a diocese do Espírito Santo, chegando, assim, antes da virada do século, a duas Arquidioceses e 15 Dioceses.

O crescimento das dioceses se justifica pela dimensão territorial do país, e, agora livre do domínio do Padroado, a Igreja tratou de ocupar os espaços. Segundo Sérgio Miceli, a criação das Dioceses, além da expansão territorial, era fruto da estratégia de estadualização dos Bispos, que seguindo o modelo de estrutura do Estado, almejavam transformar todas

⁶³ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil**: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945. São Paulo: Paulos, 2014, p. 38.

⁶⁴ Ibidem, 2014, p. 38.

as capitais em Dioceses. Das 11 Dioceses existentes até 1890, nove já estavam situadas nas capitais, e no período que se segue, até 1930, todas as capitais foram diocelizadas⁶⁵.

A política de estadualização foi implantada utilizando “estratégias diferenciadas, conforme o peso político e a contribuição econômica de cada unidade federativa”⁶⁶, dependendo também da influência e prestígio da Igreja em cada localidade. Dentro dessa política, Miceli aponta duas modalidades básicas de estratégias: a primeira pautada em alianças explícitas com facções oligárquicas dominantes, em Estados de menor peso, com benefício mútuo, que possibilitaram o sucesso da expansão da estrutura eclesiástica; já a outra modalidade se concentrou nos Estados mais desenvolvidos, restaurando a influência política-doutrinária da Igreja, investindo em campanhas institucionais e novas associações.

Outros três aspectos também contribuíram para a expansão das Dioceses. Primeiro, a necessidade de criar, o que Miceli chamou de um cinturão de segurança, para combater os focos de movimentos que desafiavam a autoridade da Igreja, como Canudos e Juazeiro. Por isso, várias Dioceses foram criadas, e de forma acelerada, em localidades estratégicas com o fortalecimento dos laços entre elas, personificado nos seus Prelados, que se mostraram grandes articuladores políticos e fazedores de novos Prelados, bem-preparados e impulsionadores da criação de outras Dioceses. Segundo Paulo Diel, o Episcopado brasileiro tinha consciência da necessidade da reforma, e “operaram uma profunda transformação no catolicismo brasileiro”⁶⁷. A expansão eclesial, vem acompanhada das visitas pastorais, das sagradas missões, e das novas devoções.

Os outros dois aspectos estão imbricados, crescimento econômico e urbano, durante a República Velha. De acordo com Israel Santos, “onde as cidades se desenvolveram e foi possível firmar um acordo com as elites locais e, também, angariar fundos para a formação do patrimônio dessas novas Dioceses”⁶⁸. Dessa forma, a implantação e o fortalecimento das dioceses aconteceram de forma gradativa e acelerada de 1910 a 1940. Até 1910, as

⁶⁵ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 59-62.

⁶⁶ Ibidem, 2009, p. 66.

⁶⁷ DIEI, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulos, 1997, p. 133.

⁶⁸ SANTOS, Israel Silva dos. **Igreja Católica na Bahia: por um Catolicismo Romano (1890-1930)**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 68.

dioceses chegaram a número de 30; entre 1910 e 1920, elas chegaram a 58; até 1930, já eram 88 dioceses, e em 1940 o Brasil possuía 100 Dioceses⁶⁹.

Como forma de reconhecimento, a Santa Sé nomeou como o primeiro Cardeal, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, em 1905, mais tarde sucedido por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. As novas lideranças do Episcopado brasileiro, estreitaram os laços da Igreja com o Estado, tratando de dar visibilidade à renovada aliança entre os poderes. É um novo tipo de relação, pois a Igreja não quer mais se submeter ao modelo anterior, ela exige que a relação agora “se caracterize por uma colaboração que respeite a nítida distinção entre a esfera espiritual e a temporal”⁷⁰.

Em 1915, a Pastoral Coletiva, resultou num documento representativo das cinco Províncias Eclesiásticas. A Pastoral Coletiva, apresentando seis eixos: Fé, Sacramentos, Culto, Disciplina do Clero, Costumes do Povo e Decreto de Promulgação das Constituições. O documento se tornou um guia para sacerdotes e fiéis, especialmente para os párocos mais isolados sem condições de consultas regulares a seus Bispos, visto que, “com esse compêndio em mãos, podiam solucionar suas eventuais dificuldades práticas e pastorais”⁷¹. Essas constituições, trazem em seus artigos uma legislação reformista, expressando “a mentalidade do processo de romanização, mostrando na sua redação, ao mesmo tempo, qual a situação anterior que tentam reformar e qual situação que querem impor”⁷².

Em 1916, a Carta Pastoral do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme, marcou uma nova etapa da Igreja no Brasil, e a partir de 1921, quando passou a ser Arcebispo Coadjutor de Dom Arcoverde, ele despontou como liderança da Igreja até sua morte, em 1942. Em sua Carta Pastoral, fala da necessidade de fortalecer a Igreja, ampliando o número de padres e sua influência política, combatendo práticas religiosas populares e as deficiências na educação religiosa, ampliando o número de intelectuais católicos, e revertendo a situação financeira precária em que a Igreja se encontrava⁷³. Na

⁶⁹ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945**. São Paulo: Paulos, 2014, p. 61.

⁷⁰ AZZI, Riolando. **A Neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulos, 1994, p. 32.

⁷¹ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil: história da igreja no Brasil de 1900 a 1945**. São Paulo: Paulos, 2014, p. 73.

⁷² CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulos, 1997, p. 107.

⁷³ MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 41.

atuação pastoral de Dom Leme, destacam-se: a centralidade do mistério de Cristo; a Eucaristia como cume da vida da Igreja; a evangelização das elites, sobretudo dos intelectuais; e a mobilização das massas em prol da religião⁷⁴.

Tudo que vinha sendo delineado desde a Primeira Pastoral Coletiva, buscando colaboração mútua entre os poderes, se tornou explícito a partir de 1922. Dando visibilidade a essa relação, Dom Leme desfila, a 29 de abril, em carro aberto com o presidente Epitácio Pessoa, e no mês seguinte, foi concedida a autorização para a construção do Cristo Redentor. Em 1924, a 14 de maio, o Cardeal Arcoverde recebeu a visita do presidente Artur Bernardes. Era a primeira vez, após a separação, que ocorria uma visita presidencial ao Palácio da Arquidiocese. Dom Arcoverde teve um funeral com honras de vice-presidente da República, de acordo com decreto do presidente Washington Luís, a 19 de abril de 1930. A inauguração do Cristo Redentor, se deu a 12 de outubro de 1931, contando com a presença do presidente Getúlio Vargas e todo o seu ministério⁷⁵.

A partir de 1929, sob a liderança de Pio XI, a concepção de cristandade é retomada, e a romanização entrava numa nova fase, a da restauração da sociedade cristã, tendo Cristo como centro de tudo, numa perspectiva holística⁷⁶ mesmo em um mundo laicizado. Nesse contexto, formaram-se novas alianças entre os poderes político e eclesiástico, tendo por princípios fundamentais “a ideia de sacralidade da pátria e a valorização do conceito de autoridade. Assim, o projeto católico era o de transformar o Estado republicano num Estado religioso, segundo a configuração da Igreja como cristandade”⁷⁷. Na cristandade tudo era feito a partir do clero. Na neocristandade o clero deixa de ser o centro, já não é mais aceito da mesma forma, dado que agora as regras são da sociedade liberal. Aos leigos é concedida a missão de trazer de volta a sociedade, e, de acordo com Jacques Maritain o modelo passa a ser de baixo para cima⁷⁸.

⁷⁴ MATOS, Henrique Cristiano José. **500 Anos de Presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, p.59.

⁷⁵ AZZI, Riolando. **A Neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulos, 1994, p, 18-19.

⁷⁶ Apesar de não ser mais a ‘Instituição Englobante’, a Igreja Católica se reafirmou holística, mesmo quando a modernidade se intensificou. DUMONT, Louis. **Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. No confronto com o individualismo, o holismo, considerado superado por muitos, continua a ser vivenciado por grupos, como os que compõem a Igreja Católica. MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 44.

⁷⁷ DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015, p, 157.

⁷⁸ BRIGHINTI, Agenor. **A Pastoral Coletiva**: modelo de ação. Boletim Ameríndia, nº30 de 4 de maio de 2019.

A cristandade, segundo a perspectiva de Jacques Le Goff, se apresenta como permanência diante de rupturas vivenciadas com a chegada da modernidade, com alguns aspectos peculiares e com algumas mutações até o final do século XX, mas com elementos comuns que se conectam numa longa duração bimilenar, designando “o conjunto dos povos e instituições que, geográfica e historicamente, têm professado, ampliado e defendido essa religião dentro de um espírito unitário”⁷⁹, modelada pelo desejo de unidade. A neocristandade, segundo Riolando Azzi, assumiu uma posição de contrarrevolução para restaurar a ordem e recuperar a tradição medieval, com a mentalidade de cruzados⁸⁰. No Brasil, a nova cristandade foi marcada pela reconciliação entre Catolicismo e República, traçando “o ideal da neocristandade, modelo de aliança entre Igreja e Estado, não mais em termos de submissão, mas de cordial colaboração, juridicamente assegurada”⁸¹.

A busca pela ressacralização da sociedade, dentro do contexto plural da era moderna, que foi impactado pela Primeira Guerra Mundial, exigia grande esforço da Igreja para firmar a configuração de cristandade, combatendo, especialmente, o comunismo, o liberalismo e o protestantismo, impregnando de valores cristãos a sociedade brasileira e restaurando o reinado de Cristo. Na década de 1930, a Igreja promoveu grandes manifestações, e ao externalizar eventos, ritos, congressos, visou fortalecer o conjunto católico e ao mesmo tempo “convencer os governantes e a sociedade da importância da Igreja Católica”⁸². Destaca-se a coroação de Nossa Senhora Aparecida em maio de 1931, a inauguração do Cristo Redentor em outubro do mesmo ano, os Congressos Eucarísticos e o retorno do ensino religioso nas escolas. Nas primeiras décadas da República, a Igreja buscou se fortalecer internamente, e, nos anos de 1930 em diante, ela passou “a reivindicar um lugar privilegiado na sociedade civil, a fim de restaurar nela o Estado Cristão”⁸³, saindo da defensiva e passando para uma política ofensiva.

Dom Sebastião Leme é a força maior de todo o aparato que vai se formando na década de 1920, quando Igreja e Estado começam a reatar de forma específica as relações, que a chegada da República havia amornado. Com o apoio cada vez mais explícito aos governos de Epitácio Pessoa (1918-1922) e de Arthur Bernardes (1922-1926), a Igreja se esforçou para se reaproximar do poder político, ao mesmo tempo que impunha suas especificidades,

⁷⁹ LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 158.

⁸⁰ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo 3 - Terceira época (1930-1964). 2008, p. 204.

⁸¹ MATOS, Henrique Cristiano José. **500 Anos de Presença da Igreja Católica no Brasil**. 2003, p.60.

⁸² DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. 2015, p. 160.

⁸³ MATOS, Henrique Cristiano José. Op. Cit., 2003, p.54.

deixando claro que não mais aceitaria a dependência que vivera no regime de Padroado. Mas será durante o Governo de Getúlio Vargas, com a força da amizade entre ele e Dom Leme, e dos interesses mútuos e individuais, que Igreja e Estado constituirão laços mais duradouros. Segundo Carlos Moura, “o movimento de recatolização foi fundamental para a manutenção dos diálogos entre o Estado e a Igreja no Brasil”⁸⁴, com Dom Leme liderando intelectuais católicos a partir das propostas da Cúria Romana.

Em 1930, Dom Leme assume o Cardinalato, e suas ações passaram a demonstrar bem as estratégias políticas da neocristandade. Procurando exercer influência sobre causas públicas, conseguiu ajuda estatal para escolas católicas, vetou o divórcio e conseguiu o retorno do ensino religioso para as escolas⁸⁵. A ascensão de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, foi considerada uma vitória política do Catolicismo, e ter o símbolo maior no alto do Corcovado “demonstrava a dimensão das ações de D. Sebastião Leme para a expansão das ideias da Igreja”⁸⁶; com o Cristo Redentor, a partir da capital federal, representava o poder eclesiástico que perpassava todas as estruturas da sociedade brasileira, e sua inauguração, era, também, “uma oportunidade para a Igreja demonstrar sua própria força junto às massas”⁸⁷.

Seguindo as diretrizes do Papa Pio XI e de Dom Leme, “a maioria dos líderes católicos no Brasil acreditava que fosse dever da Igreja catolizar as outras instituições para salvaguardar o caráter cristão da vida social”⁸⁸. Dessa forma, vê-se em 1932 a criação da LEC (Liga Eleitoral Católica), com a função de orientar o católico a votar, sendo anticomunista e esteve atuante, com muita força até 1937, com destaque para as suas exigências atendidas pela Constituição de 1934, “incluindo o apoio financeiro do Estado à Igreja, a proibição do divórcio e o reconhecimento do casamento religioso, a educação religiosa durante o período escolar e subsídios do Estado para as escolas católicas”⁸⁹. A Igreja se pôs ao lado do Estado Novo, uma vez que “clérigos destacados acreditavam que

⁸⁴ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)**. Lisboa: Ics – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p.151.

⁸⁵ MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 48.

⁸⁶ MOURA, Carlos André Silva de. Op. Cit., 2018, p.233-234.

⁸⁷ VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. São Paulo: Santuário, 2016, p.211.

⁸⁸ MAINWARING, Scott. Op. Cit., 2004, p. 48.

⁸⁹ Ibidem. 2004, p.48.

a legislação de Getúlio realizava a doutrina social da Igreja e que o Estado Novo efetivamente conseguia superar os males do liberalismo e do comunismo”⁹⁰.

Nesse contexto, de implantação da República, nasceu a Diocese de Manaus em 1892, que teve a duração de 60 anos. Neste primeiro capítulo, daremos ênfase à segunda fase do Episcopado em Manaus com Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira, porém como preâmbulo, faremos um rápido balanço da primeira fase do Episcopado. Os dois primeiros Bispos, Dom José Lourenço da Costa Aguiar e Dom Frederico Benício de Souza Costa, estão inseridos no processo de transição de uma Igreja subordinada ao Estado para uma Igreja com autonomia e que passou por rápido crescimento de sua estrutura eclesial em terras brasileiras. Os dois Prelados foram apadrinhados por Dom Antônio de Macedo, portanto, portadores do espírito romanizador, desejosos de ver a Amazônia conectada com as diretrizes da Santa Sé.

A primeira fase do Episcopado em Manaus, corresponde ao período em que a Igreja, recém-saída dos laços do Padroado, ainda buscava entender as mudanças trazidas pela chegada da República e passava a lutar por seu espaço, ao mesmo tempo que ia se fortalecendo a partir do crescimento das Dioceses e do investimento em novos Prelados. Dom Lourenço e Dom Frederico, se inserem nesse contexto, e para o Episcopado brasileiro, ainda em construção, a Amazônia é um lugar distante e desconectado, por isso tal visão não possibilitou o estreitamento de laços com nossa região. Os dois Bispos desta primeira fase, têm por eixo Roma, e a partir dela vão construindo as relações locais, sem muito apoio de seus pares.

Quando adentrarmos a segunda fase, ficará perceptível essa mudança nas relações com o Episcopado brasileiro, pois Dom Joffily e Dom Basílio, fazem parte de um grupo de Prelado mais conectados entre si, e mais fortalecidos, com uma rede que perpassa por seus padrinhos eclesiais e demais Prelados, moldados, assim como eles, para assumir a Mitra. Esta divisão em fases foi cunhada para esta tese, para melhor dar visibilidade aos Bispos que governaram o Amazonas, traçando seus perfis e ações que marcam o seu enquadramento nas fases aqui propostas. Para tanto, optei por traçar dados biográficos, na perspectiva de Jacques Le Goff de tema globalizante⁹¹, sem a pretensão de uma história total, como ele realizou nas obras sobre São Francisco e São Luís, mas demonstrar que um

⁹⁰ Ibidem. 2004, p. 47.

⁹¹ LE GOFF, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

dado sujeito histórico está impregnado pelas influências do contexto histórico onde se insere, e ao mesmo tempo que influencia sua época⁹².

Segui os passos dos Bispos para verificar a trajetória de vida deles, especialmente no período em que dirigiram a Diocese de Manaus, evidenciando a condução até a elevação a Arquidiocese, dando ênfase do terceiro ao sexto Bispos da fase diocesana da Igreja de Manaus, de 1916 a 1952, e no primeiro governo arquidiocesano, de 1952 a 1958. Todo esse esforço em rastrear os Bispos nos fornece indícios da rede eclesiástica construída, percorrendo histórias de vida, relações hierárquicas, relações e estratégias de poder e aspectos do comportamento religioso, passando pela esfera local e global.

O Episcopado brasileiro, e de modo particular o que se firmou na Diocese de Manaus, também se insere em um contexto transnacional na fase de romanização a partir de Pio IX, o que é algo ainda não vivenciado neste nível de conexão dos Bispos com Roma. Vê-se a crescente centralização e internacionalização do comando da Igreja que vai se espalhando a partir de novos Concílios, dogma da Infalibilidade Papal, atividades missionárias, escolas, peregrinação a santuários, congressos internacionais e novos movimentos religiosos⁹³. Assim, ao mesmo tempo que busco penetrar na esfera do cotidiano da Diocese/Arquidiocese de Manaus, esta estará sempre conectada a uma dimensão mais ampla, de relação e comando, o que implica em determinados aspectos que só podem ser compreendidos a partir do duplo movimento, do local e do global das diretrizes romanas.

Michel de Certeau, para quem as estratégias condicionam a estrutura de dominação⁹⁴, nos auxiliou para uma melhor compreensão dessa teia de relações a partir da qual os Bispos se articulam entre si e com as elites locais, sendo dessa forma, verificado o Episcopado em suas ações de controle e o enquadramento no modelo de sociedade cristã estabelecida por Roma. Com Sérgio Miceli, adentrei o campo eclesiástico para exame das estratégias de implantação e consolidação das elites eclesiásticas⁹⁵, a fabricação de Prelados, e sua relação com seus patronos, e a rede estabelecida entre eles e com o Papado, que mantêm os olhos firmes nas ações eclesiásticas nos quatro cantos do mundo, conseqüentemente, Amazônia não estará livre desse olhar.

⁹² LE GOFF, Jacques. **São Luís**, biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁹³ CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. REVER, Revista de Estudos da Religião. Vol. 10, dezembro, 2010.

⁹⁴ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁹⁵ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

2. A Primeira Fase do Episcopado na Diocese de Manaus (1892-1913)

No século XIX, dois Bispos ultramontanos foram responsáveis por estreitar os laços com o Papado e iniciar o projeto romanizador na Amazônia. O primeiro foi Dom José Afonso de Moraes Torres, que se tornou o nono Bispo do Grão-Pará (1844-1857), desde o início demonstrou a firmeza episcopal que a região amazônica necessitava, após a turbulência causada pela Cabanagem. Foi padre lazarista, mas quando nomeado já havia sido incardinado na Diocese do Rio de Janeiro. Com espírito missionário por natureza, era essencialmente preocupado com a formação clerical e com as visitas pastorais, para a construção de uma civilização católica. Após três anos de vacância, Dom José Afonso tomou posse a 21 de abril de 1944. Ao assumir a Diocese, encontrou-a dividida em três Vigararias: Belém, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. Colocou-se de prontidão para revitalizar a Igreja, e, “respondendo aos desafios da modernidade, o bispo vai oferecer a opção teórica e prática dos rudimentos da romanização frente à racionalidade moderna”⁹⁶. Iniciavam-se, assim, os primeiros passos do projeto romanizador na Amazônia⁹⁷.

A região não possuía padres suficientes para a realização dos serviços eclesiásticos, e as primeiras medidas de Dom José Afonso foram nessa direção. Era preciso promover uma renovação, e para isso a formação dos padres era essencial. Seguindo as diretrizes do Concílio de Trento, o Bispo deveria lutar “pela regeneração do clero, envolvido em lutas políticas, relaxados nos deveres paroquiais, e levando uma vida dissoluta”⁹⁸. Submetido ao Padroado, o clero dependia da cômputa paga pelo governo. Um clero intelectual, moral e espiritualmente mais preparado deveria abrir caminhos para construir a autonomia da Igreja, que ainda estava nas mãos do Padroado. O reconhecimento da “autoridade da Santa Sé sobre assuntos espirituais significava validar obediência devida pelos clérigos à Igreja”⁹⁹. Suas ações foram na direção de tornar a Diocese mais fortalecida, com um clero

⁹⁶ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do Oitocentos**. Belém: Editora UFPA. 2015, p, 116.

⁹⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014.

⁹⁸ HOONAERT, Eduardo (Org.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992, p, 300.

⁹⁹ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do Oitocentos**. Belém: Editora UFPA. 2015, p. 120.

que primasse pelo sacerdócio, se afastasse de qualquer desvio e fosse decididamente mais conectado a Roma.

Preocupado com a educação e com o fortalecimento da formação dos padres ampliou os espaços, criando mais dois para tal fim: o Colégio São Luiz Gonzaga, em Óbidos em 1846; e o Seminário São José, em Manaus, a 14 de maio de 1848. O objetivo era dar condições educacionais aos filhos da região e promover o estímulo às vocações sacerdotais. Ele mesmo lecionava no Seminário, empenhado em fortalecer o Catolicismo. Dom Afonso Torres, em sua segunda visita pastoral, chegou ao Amazonas no ano de 1847. Depois de percorrer Serpa e Silves¹⁰⁰, observou a realidade das localidades por onde passou, especialmente a necessidade de sacerdotes que o auxiliassem na condução espiritual de sua vasta Diocese. O Seminário São José, também foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário do Amazonas¹⁰¹.

Em 13 de abril de 1855, ocorreu a elevação de Vigararia para Comarca Eclesiástica, permanecendo a sede em Manaus. A terceira visita pastoral realizada por Dom José Afonso, com duração de 21 meses, percorreu a Comarca do Alto Amazonas, em 1857¹⁰², chegando aos rios Solimões, Madeira, Purus e Tapajós, e revisitando Serpa. Dom José Afonso, anunciou sua renúncia em 1857. Estava com a saúde fragilizada. Deixou “o episcopado sem mácula e por várias notas na imprensa do período foi lembrado com clamor por sua volta”¹⁰³. Sua saída só foi oficializada em 1859 pela Santa Sé. Em sua administração 48 ordenações sacerdotais foram realizadas¹⁰⁴.

O segundo Bispo que deu continuidade ao projeto romanizador na região foi Dom Antônio de Macedo Costa (1861-1890). Aos 30 anos foi sagrado, era 21 de abril de 1861, tendo sido ordenado fazia apenas três anos; foi designado para assumir o Pará como seu décimo Bispo. O contexto era de luta dos Bispos contra o Padroado e por fidelidade a Roma. Foi além de seu antecessor na reforma do clero e na condução do Bispado. Segundo Fernando Neves, “O episcopado da década de 1860 tornou-se mais hegemônico devido ao

¹⁰⁰ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2008, p. 409.

¹⁰¹ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 75.

¹⁰² CERETTA, Celestino. Op. Cit., p. 410.

¹⁰³ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do Oitocentos**. Belém: Editora UFPA. 2015, p. 224.

¹⁰⁴ CERETTA, Celestino. Op. Cit., 2008, p. 333.

fortalecimento das posições ultramontanas na Cúria Romana aceitando para os seus postos das dioceses, apenas aqueles reconhecidos por sua adesão à centralização da Igreja”¹⁰⁵.

Retomou a formação do clero e seu afastamento de tudo que não era inerente a seu sacerdócio, como o envolvimento com a política e com a maçonaria. Conseguiu recursos junto ao poder civil para enviar seminaristas para concluírem sua formação na Europa, justificando que a província deveria “cultivar a religião e a civilização”¹⁰⁶. Assim, os novos padres foram moldados na romanização, pois, “para combater o mal pela raiz, passou a enviar novos seminaristas promissores para uma formação mais adequada ao projeto de renovação clerical”¹⁰⁷, para o bom exercício da intelectualidade e do sacerdócio.

Da preocupação com o número reduzido de padres surgiu o projeto ‘Cristóforo’, um barco que percorria os rios da região, denunciando as péssimas condições nos seringais, realizando a desobriga e clamando por novas vocações. Eram 12 sacerdotes com a missão de “derramar a palavra divina por entre as gentes do vale”¹⁰⁸. Dom Macedo solicitou mais missionários para a sua Diocese, para atender o maior número de localidades. O Bispo travou muitas lutas pela preservação e autonomia da Igreja, levando adiante as teses romanizadoras. Combateu a maçonaria e todos os desvios, especialmente do clero, renovando a presença missionária na região. Dom Macedo participou do Concílio Vaticano I (1870-1871), obtendo destaque entre os Bispos brasileiros¹⁰⁹. Dom Macedo consagrou a Diocese ao Sagrado Coração de Jesus¹¹⁰, permanecendo firme e fiel a Roma. Durante sua administração, ordenou 37 sacerdotes¹¹¹.

Dom Macedo esteve na Comarca Eclesiástica do Alto Amazonas por seis vezes, e no Amazonas, especificamente, por quatro vezes, sendo a primeira em junho de 1862¹¹². Segundo Fernando Neves, logo se apresentou o desafio de acompanhar o clero e do seu rebanho de forma mais profunda, implantando “o programa dos romanizadores que

¹⁰⁵ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. Op. Cit., 2015, p. 228-229.

¹⁰⁶ Ibidem, 2015, p. 226.

¹⁰⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 123.

¹⁰⁸ REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Conquista Espiritual da Amazônia**. Escolas Profissionais Salesianas, 1942, p. 81.

¹⁰⁹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2008, p. 423.

¹¹⁰ A consagração foi a 8 de fevereiro de 1874. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 48.

¹¹¹ CERETTA, Op. cit., 2008, p. 333.

¹¹² Visita realizada a 28 de junho de 1862. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 42.

acreditavam poder sintonizar o clero com a hierarquia através da difusão de uma religião mística”¹¹³, onde se obedeceria piamente a hierarquia sem a intervenção dos santos.

Em 1864, visitou várias localidades no Amazonas e chegou a Manaus, onde ordenou o padre Augusto João Maria Culerre, reitor do Seminário São José¹¹⁴. Em 1869, passou em Itacoatiara e de lá seguiu para visitar Manaus e Silves¹¹⁵. Em 1878, permaneceu em Manaus de junho a outubro, partindo em seguida para o rio Purus, regressando a Belém em outubro¹¹⁶. Em 1881, esteve em Itacoatiara, influenciando na construção da nova igreja e distribuindo exemplares de suas obras para as escolas¹¹⁷.

Em 1883, Dom Macedo passou novamente por Manaus. Esta visita ficou marcada por seu discurso em conferência intitulada “A Amazônia, meio para desenvolver sua civilização”. O discurso analisou os problemas socioeconômicos da região, e as questões morais e espirituais e denunciou o descaso com a população e os excessos a que estavam submetidos, sem instrução civil e religiosa¹¹⁸. No ano seguinte, a Comarca ganhou novo padre, João Coelho de Miranda, que foi ordenado e passou a servir a localidade de Silves¹¹⁹. Após as solicitações para a criação do Bispado do Amazonas, de Dom Macedo, de padres e de deputados, o Papa Leão XIII “compreendendo as necessidades espirituais do Brasil criou, antes da virada do século, as primeiras novas dioceses”¹²⁰. Nascia, assim, finalmente, a Diocese de Manaus.

O desenho eclesiástico do Norte será consolidado a partir do momento em que o território das duas Dioceses, Amazonas e Pará, estiverem definitivamente determinados com a criação de Prelazias e Prefeituras Apostólicas. A Igreja foi, na Amazônia, o elemento

¹¹³ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. D. Antônio de Macedo Costa: “um arauto do processo civilizatório”. In: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; RICCI, Magda Maria de Oliveira (Orgs.). **Os Oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura**. 2013, p. 144.

¹¹⁴ Passou por Codajás, Coari, Tefé, Fonte Boa, Tocantins, São Paulo de Olivença, Tabatinga, permanecendo em Manaus por mais tempo. LUSTOSA. Dom Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa**: bispo do Pará. 1992, p. 111-112.

¹¹⁵ Chegou a Itacoatiara em 28 de agosto de 1869, onde celebrou e crismou. CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2008, p. 419.

¹¹⁶ LUSTOSA. Dom Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa**: bispo do Pará. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, 1992, p. 375.

¹¹⁷ Chegou a Itacoatiara a 23 de março de 1881, e os exemplares das obras deixadas foram: “A História Bíblica”, “Compêndio de Civilização Cristã” e “Catecismo da Diocese”. CERETTA, Celestino. Op. Cit., 2008, p. 419.

¹¹⁸ REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Conquista Espiritual da Amazônia**. Escolas Profissionais Salesianas, 1942, p. 81.

¹¹⁹ Foi ordenado a março de 1884. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 54.

¹²⁰ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus, vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 169.

aglutinador social e culturalmente, dos povos já existentes e dos novos grupos chegados, dando o tom e delineando o rosto, pontuando as localidades amazônicas, ao serpentear por cidades, rios e interiores da região.

2.1 Manaus, uma Diocese Romanizada: a Primeira Fase do Episcopado

Durante todo o período imperial, apenas mais três Dioceses haviam sido criadas, perfazendo 12, contando com a Sé Primacial de Salvador. Após o choque inicial da separação entre Igreja e Estado no Brasil, “pouco a pouco a Igreja soube aproveitar-se das condições de liberdade oferecidas pelo governo republicano”¹²¹. Iniciava-se um novo momento para a Igreja no Brasil. A partir dessa ruptura, houve um rápido crescimento das Dioceses e das atividades das novas associações católicas, dando suporte ao Episcopado e ao clero brasileiro no grande processo de romanização. Livre do Padroado e com a chegada da tão temida República, “a Igreja respirou ares de liberdade, deixando claro que para ser católico era preciso ser romano”¹²².

Esse novo sentimento de esperança foi logo fortalecido pela Bula Papal *Ad Universas Orbis Ecclesias* de 27 de abril de 1892, de Leão XIII, que nos apresenta quatro novas Dioceses para o Brasil: Manaus, Paraíba, Niterói e Curitiba. A Bula fala do desejo de ver criadas no Brasil novas Sés Episcopais, para cuidar com mais eficiência do bem espiritual dos cristãos, e justifica o desmembramento afirmando que “[...] lá algumas Dioceses são tão extensas e abrangem povoados tão distantes entre si, que os seus bispos, ou por causa do grande número de habitantes ou por causa das dificuldades e distâncias das estradas não conseguem responder às necessidades dos fiéis nem do governo da Igreja [...]”¹²³. E, antes da virada para o novo século, foi criada a Diocese do Espírito Santo.

Nascia, assim, a Diocese de Manaus, nos moldes de um projeto novo e antigo, a romanização. A Diocese de Manaus se estendeu administrativamente de 1892 a 1952. Ao longo dos seus 60 anos, seis Bispos e um Administrador Apostólico conduziram-na: Dom

¹²¹ AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia – 1551- 2001. Vol. 2, Período Imperial e Republicano. Petrópolis: Vozes, 2001. Vol. 2, período imperial e republicano. P. 161.

¹²² MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 175.

¹²³ **Ad Universas Orbis Ecclesias**. Bula do Santíssimo Senhor Nosso Papa Leão XIII, da nova sagrada hierarquia a ser criada no Brasil. Leão, Bispo Servo dos Servos de Deus, para memória perpétua. 27 de abril de 1892.

José Lourenço da Costa Aguiar, Dom Frederico Benício de Sousa Costa, Dom Santino Coutinho¹²⁴ (Administrador Apostólico), Dom João Irineu Joffily, Dom Basílio Manuel Olímpio Pereira, Dom João da Mata Andrade e Amaral. Seu último Bispo, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, tornou-se seu primeiro Arcebispo.

A espera pela Diocese foi longa. Durante o período provincial o desejo foi aumentando, expresso pela elite e dirigentes da cidade, que se irmanavam à voz dos clérigos nas várias solicitações para a criação da Diocese. Além das quatro solicitações feitas por Dom Macedo, registramos outras solicitações: em 1882, feita pelo Pe. José Henrique da Felix Cruz Dácia, com outros membros da assembleia¹²⁵; em 1886, novamente pelo agora Cônego Dácia¹²⁶; e a 9 de junho de 1887, pelo deputado geral Antônio Passos de Miranda, que apresentou projeto de lei de criação do Bispado do Amazonas, destacando a importância para as duas Províncias do Norte.

Incontestavelmente é um serviço importante que S. Ex.^a. presta a causa da religião e do povo amazonense que disseminado por tão vasta região não pode ser suficientemente socorrido de pasto espiritual, apesar da boa vontade, esforço e dedicação do preclaro virtuoso atual prelado do Pará e Amazonas. Estamos convencidos de que a assembleia geral legislativa e o governo não deixarão de tomar na devida consideração uma das mais palpitantes necessidades desta vasta região, convertendo o projeto em lei do Estado.¹²⁷

Ao justificar a criação do Bispado, o deputado Passos de Miranda leu o discurso de Dom Macedo de 1876, demonstrando admiração pelo Bispo por seu empenho à frente das duas Províncias. No discurso lido pelo deputado, Dom Macedo, fala da sua preocupação com os trabalhos espirituais que sua vasta região necessita, e que desejava o desmembramento. Para ele, esse seria o caminho certo para a melhor administração do serviço eclesiástico, tendo por sede Manaus. Falou da solicitação de Dom Macedo ao Papa Pio IX, que por sua vez fez solicitação ao Império brasileiro, mas que continuava esperando resposta do

¹²⁴ Dom Santino Maria da Silva Coutinho, Arcebispo do Pará (1907-1923), permaneceu como administrador apostólico até a nomeação de Dom João Irineu Joffily. O Cônego João Dias Bento da Cunha, vigário geral de Manaus, estava submetido a Dom Santino e “ambos gozando de todos os direitos, honras e faculdades de bispo diocesano para governarem até a nomeação do novo bispo”. Op. Cit., 2014, p. 203.

¹²⁵ A solicitação foi feita em 5 de junho em sessão da Câmara dos Deputados. **Jornal do Amazonas, 10 de julho de 1882**. Acervo Cúria de Manaus.

¹²⁶ Solicitação feita à Assembleia Provincial do Amazonas a 26 de abril de 1886. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 55.

¹²⁷ O jornal deixou clara sua posição favorável à criação do Bispado, dando destaque ao projeto apresentado pelo deputado, que justificou a partir do crescimento econômico da região e da vastidão territorial, com um povo necessitado de “instrução moral e religiosa”. **Jornal do Amazonas, 01 de julho de 1887**. Acervo Cúria de Manaus.

Imperador. Ao final, Passos de Miranda leu o projeto de lei¹²⁸, que foi assinado por 65 deputados. Em 1890, monsenhor Raymundo Amâncio de Miranda convocou reunião para “tratar da criação de um Bispado no Amazonas, medida de alcance elevadíssimo e com realização da qual muito lucrará a família amazonense”¹²⁹. A primeira reunião ocorreu no Seminário São José, ficando o clero responsável pela carta para o Papa Leão XIII, contendo as justificativas.

Fazemos votos para que seja em breve seja uma realidade a criação do Bispado do Amazonas, de que dependerá em larga escala, a obra do engrandecimento moral da nossa sociedade, sem o que não há progresso possível nem ordem duradoura. Acolham-na com sinceridade e devotamento todos os homens de ação, todos aqueles capazes do bem, os que amam e querem a prosperidade do Amazonas, não se imiscua a politicagem naquilo que só visa o interesse de todos – e a população católica do Amazonas terá dentro em breve, em seu seio, o seu pai em Cristo, que esperamos seja um digno sucessor do visionário do Christophoro.¹³⁰

A partir das duas reuniões ocorridas no mês de maio¹³¹, formaram-se uma comissão geral e comissões parciais, que ficariam responsáveis pela criação do Bispado. Diante da percepção das demandas que competem a uma Diocese e do que esta necessita para desenvolver seu trabalho, as comissões passaram a fazer todo o levantamento de despesas e manutenção. Ficou estabelecida, a organização de uma comissão central, que dirigisse e nomeasse as comissões auxiliares, na capital e no interior, tendo como primeira ação a solicitação da colocação de caixa de esmolas nos vapores, e posteriormente a organização de quermesses com a mesma finalidade¹³².

¹²⁸ Projeto – A Assembleia Geral Legislativa decreta:

Art.1º É o governo autorizado a impetrar da Santa Sé as bulas de criação de um Bispado na província do Amazonas, tendo por sede a cidade de Manaus e por limites os da mesma província.

Art.2º Esse bispado terá um cabido com tem o de Diamantina.

Art.3º A cônica do bispo respectivo será igual a dos outros bispos do Império.

Art.4º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 10 de junho de 1887. (assinam os deputados).

Jornal do Amazonas, 01 de julho de 1887. Acervo Cúria de Manaus.

¹²⁹ A convocação foi feita pelo **Jornal do Amazonas, de 3 de maio de 1890.** Acervo Cúria de Manaus.

¹³⁰ Palavras do Monsenhor Raymundo Amâncio de Miranda. **Jornal do Amazonas de 29 de maio de 1890.** Arquivo Cúria de Manaus.

¹³¹ Na primeira reunião estiveram presentes: Dr. Anselmo Figueiredo Santiago, Dr. Júlio Mario da Serra Freire, o comendador Francisco Joaquim de Amorim, o major Manuel Ferreira dos Anjos, o tenente coronel Menandro Leandro Monteiro Tapajós, o juiz de direito Dr. José Cardoso da Cunha. Uma das questões definidas foi o convite para que outros membros da sociedade participassem das reuniões. **Jornal do Amazonas, 21 de maio de 1890.** A segunda reunião ocorreu na Matriz. Arquivo Cúria de Manaus. Arquivo Cúria de Manaus.

¹³² **Jornal do Amazonas, 29 de maio de 1890.** Arquivo Cúria de Manaus.

Paralelo à movimentação interna em prol do novo Bispado, Dom Macedo Costa e o Internúncio Francesco Spolverini, em consonância com a proposta do Cardeal Mariano Rampolla, em 1890, reforçaram a ideia de ver em cada estado brasileiro se erguer uma Diocese, pois queriam ver a hierarquia eclesiástica aumentar de 12 para 22, criando também uma outra Província Eclesiástica no Rio de Janeiro. Mas no próprio Episcopado brasileiro não havia consenso sobre criar dez novas Dioceses¹³³. Isso mostra a preocupação da Santa Sé com os caminhos da Igreja no Brasil e como esta pensava e queria a expansão do Episcopado.

Enquanto os debates se aprofundavam, na Comarca do Amazonas os trabalhos das comissões prosseguiram, certamente com uma regularidade, mas também pareciam enfrentar obstáculos. No ano de 1891, Dom Jerônimo Thomé da Silva¹³⁴, “ilustre e virtuoso bispo da Amazônia”, assim o apresentou o *Diário de Manaus*¹³⁵, realizou sua visita pastoral a Manaus. A visita ocorreu no mês de julho, fazia poucos meses depois que havia assumido a Diocese do Pará. Acredito que sua passagem por Manaus signifique uma visita de apreciação das solicitações em andamento para o erguimento da nova Diocese e suas reais condições; de outra forma não o teria ocorrido logo no início de sua administração. O Bispo pôde verificar pessoalmente os anseios e a necessidade espiritual dos fiéis manauaras¹³⁶.

O *Diário de Manaus* noticiou em 27 de agosto de 1891 que era preciso apressar os preparativos, pois havia sido confirmado que em breve o novo Bispado seria aprovado. Assim, registrou “não há tempo a perder. É preciso cuidar de preparar residência para o Prelado e dotar a Catedral das alfaías e melhoramentos indispensáveis para o serviço do culto, desde que aí deve ser erigido o sólio episcopal”¹³⁷. O jornal também elogia o trabalho

¹³³ MARIN, Jérri Roberto. A Criação de Novas Circunscrições Eclesiásticas na Amazônia entre 1817 e 1913. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Circunscrições Eclesiásticas Católicas no Brasil: articulações entre Igreja, Estado e sociedade**. Campo Grande: UFMS, 2021, p. 295.

¹³⁴ Dom Jerônimo Thomé da Silva foi o sucessor de Dom Macedo Costa na Diocese do Pará. Chegou a Belém em janeiro de 1891, permanecendo à sua frente até setembro de 1893, quando foi elevado a Arcebispo de Salvador, sucedendo mais uma vez Dom Macedo. Permaneceu como Arcebispo de Salvador até 1924, ano de seu falecimento. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio Ramos. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

¹³⁵ **Diário de Manaus, 16 de julho de 1891**. Arquivo Cúria de Manaus.

¹³⁶ Dom Jerônimo permaneceu em Manaus de 15 a 20 de julho. Durante sua estadia foram crismados 3 mil fiéis e 500 receberam a comunhão. **Diário de Manaus, 29 de julho de 1891**. Arquivo Cúria de Manaus.

¹³⁷ Também se fala da indenização que o Seminário São José tem direito, por ter cedido parte de seu terreno para o cemitério dos portadores de varíola ao Estado, sendo o valor fixado por Dom Jerônimo Thomé, e que este valor seria revertido para a compra de terreno para a construção da casa episcopal. **Diário de Manaus, 27 de agosto de 1891**.

das comissões e do Monsenhor Raymundo Amâncio, incansável à frente delas. Essa notícia parece confirmar a impressão citada acima, sobre a visita de Dom Jerônimo.

Encontramos o registro da reunião da comissão geral realizada a 29 de agosto de 1891, na qual foram reestruturadas as comissões parciais, com o objetivo de atingir a meta da organização do patrimônio do novo Bispado¹³⁸, ficando responsável por anunciar as comissões do interior. Nas comissões constam os nomes de membros de famílias ilustres, de dirigentes e futuros dirigentes da cidade¹³⁹, que foram convidados por serem “vantajosamente conhecidos pela elevação dos seus sentimentos e prestígio do seu nome”¹⁴⁰. Vê-se claramente um estreitamento de laços com a elite local.

Finalmente em 1892 chegou o grande momento, a elevação da Comarca Eclesiástica do Amazonas à condição de Diocese. Há aqui mais do que um ato religioso, é uma consonância de desejos e interesses que atingiam seu ápice ao ver ser concedido o status de Diocese a esta região. Ser Diocese era reconhecer Manaus como cidade em crescimento e modernizada, abrir novas possibilidades para elite e dirigentes na atuação e nas reivindicações, ponto essencial para aglutinar os elementos delineadores e identitários, e acima de tudo era receber as bênçãos do Céu.

a Igreja Universal concedia a Manaus o status de Diocese, o que coroava o seu crescimento na direção de uma grande cidade. A elite passa a se sentir igualmente agraciada, pois não basta ser liderança e acumular bens, o reconhecimento religioso concede um *status* diferente, é como um presente divino. Para os membros da elite se inserir nas atividades ou associações da Igreja lhes concedia um algo a mais, é se sentir divinamente recompensado e reconhecido como eleito de Deus.¹⁴¹

A urgência de controle eclesiástico e de assistência religiosa numa região tão vasta era consenso entre a Santa Sé e o Episcopado brasileiro¹⁴². A nova Circunscrição Eclesiástica,

¹³⁸ Na capital as comissões ficaram assim definidas: São Vicente, São Sebastião, Campina, Mocó, Nazaré, Remédios, Espírito Santo, Rio Branco e Conceição. **Jornal do Amazonas de 6 de setembro de 1891.**

¹³⁹ Destaco aqui alguns nomes representativos da elite que compuseram as comissões, para mostrar o entrelaçamento dos interesses e desejos para a criação da Diocese de Manaus: José Coelho de Miranda Leão (Campina), Manoel de Miranda Leão (Nazaré), Silvério José Nery, Francisco Ribeiro Bittencourt (Espírito Santo), Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt (Rio Branco), Henrique Ferreira Pena de Azevedo, Bernardo da Silva Ramos (Conceição). Extraído do **Jornal do O Amazonas, de 6 de setembro de 1891.**

¹⁴⁰ Ibidem, 1891.

¹⁴¹ MACIEL, Elisângela. “Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 178.

¹⁴² MARIN, Jérri Roberto. A Criação de Novas Circunscrições Eclesiásticas na Amazônia entre 1817 e 1913. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Circunscrições Eclesiásticas Católicas no Brasil: articulações entre Igreja, Estado e sociedade.** Campo Grande: UFMS, 2021, p. 298.

após o desmembramento, enfrentaria seus próprios desafios. A sua abrangência ia além dos limites do Amazonas. À Diocese estavam acopladas as áreas de Roraima, Rondônia e Acre. As visitas pastorais até então tinham percorrido pouco esta vasta extensão, apesar de inúmeros esforços dos Bispos. A distância e o abandono de várias localidades, foram denunciados várias vezes pelas visitas pastorais. A região possui muitas peculiaridades: vastidão territorial com seus desafios naturais; local de abrigo de muitas etnias não reconhecidas pelo poder central; entrecortada por rios com poucas estradas tradicionais abertas, tornando a comunicação mais difícil; receptora de imigrantes em busca da borracha e essencialmente de missão, característica que será reforçada ao longo do século XX.

A nova Diocese nascia pouco tempo depois da separação oficial entre Igreja e Estado. Uma mistura de sentimentos circundava a Igreja, que caminhava para a autonomia, buscando posicionar-se estrategicamente em direção “a expansão de seus domínios territoriais e de sua ação sobre os fiéis católicos”¹⁴³, combatendo adversários, se firmando diante de novas crenças que passavam a se fixar pelo país. As transformações também são almejadas pelo projeto romanizante, pois “sem dúvida, os bispos queriam o desenvolvimento de uma civilização, mas que fosse essencialmente cristã, afastando os desvios e os vícios trazidos pela modernidade”¹⁴⁴.

Muitos desafios se apresentavam à nova Diocese. Manaus estava passando por um brusco crescimento, com o despontar da economia gomífera e as mudanças no cenário urbano que se inspiravam no modelo europeu. Exclusão e contrastes também se intensificaram, ao mesmo tempo que oligarquias acirravam suas rivalidades pelo controle do governo. “Ampliavam-se e alteravam-se as relações étnicas, pessoais, de trabalho e religiosa”¹⁴⁵. Pensar na Diocese de Manaus, é pensar no aspecto religioso como parte do emaranhado dessas relações, “e é tão relevante compreendê-lo quanto os demais elementos constitutivos da cidade naquele momento. O espaço geográfico, as pessoas em suas variadas funções e caracteres correspondem também ao espaço administrativo eclesial: a Diocese”¹⁴⁶.

¹⁴³ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 176.

¹⁴⁴ Ibidem, 2014, p. 180.

¹⁴⁵ Ibidem, 2014, p. 177.

¹⁴⁶ Ibidem, 2014, p. 177.

A Diocese despontou nos primeiros anos da República, em uma Manaus que se apresentava como uma cidade em crescimento modernizante. De acordo com a análise de Deusa Costa, os contrastes começavam a se acentuar à medida que Manaus atendia aos padrões modernos, pondo “em cena a existência de uma outra cidade”¹⁴⁷, e não a homogeneidade desejada. Processaram-se, aterros construção de pontes e alinhamentos de ruas, que “foram imprimindo novas feições à cidade mestiça que teimava em sobreviver nos arrabaldes nos hábitos populares, como banho de igarapé, o consumo de peixes, o uso da rede e a casa de palha”¹⁴⁸.

Os códigos de postura evidenciam as transformações, bem como em suas entrelinhas vemos a resistência dos nativos, que parte de sua condição social em contraste com a riqueza circulante da economia gomífera, mas também oriunda de suas heranças culturais. Os códigos representavam um grande esforço para erradicar o que não era considerado aspecto da civilização moderna. A partir de 1890 vemos a insistência na retirada das palhas, da padronização das fachadas e pátios de edifícios e casas que compreendiam as ruas principais”¹⁴⁹. A lei também previa as taxas punitivas.

Manaus estava diante de inúmeras transformações, além das rivalidades políticas e das alterações aceleradas pelo crescimento espetacular da borracha, que também fazia circular imigrantes nas áreas dos seringais e na capital “onde sonhavam em continuar o processo de embelezamento e saneamento intensificado no final do século XIX e início do XX”¹⁵⁰. Os contrastes sociais se tornavam mais evidentes. Foi em meio a essa efervescência que nasceu a Diocese. Manaus contava nessa ocasião com duas paróquias e com a nova capela de São Sebastião¹⁵¹.

Manaus vai se expandindo, dado que a economia gomífera possibilitou que muitos projetos modernizantes fossem colocados em prática. Mas o crescimento nem sempre se apresenta de forma ordenada, nem tudo se encaixa no embelezamento que se deseja. Os

¹⁴⁷ COSTA, Francisca Deusa Sena. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Valer, 2014, p. 111.

¹⁴⁸ Ibidem. 2014, p. 112.

¹⁴⁹ SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). **Posturas Municipais Amazonas (1838-1967)**. Manaus: EDUA, 2016, p. 117.

¹⁵⁰ BENTES, Dorinethe dos Santos. **Manaus: outras faces da história (1910-1940)**. Manaus: Reggo, 2014, p. 40.

¹⁵¹ São Sebastião será a primeira paróquia criada na Diocese, em 1912, mas já bastante frequentada quando a Diocese foi finalmente implantada. Sua procura e seu crescimento foram muito em função da dificuldade de se chegar em Remédios, sendo beneficiada pela elite e pela localização. MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014.

novos bairros não recebem a mesma estrutura do centro da cidade, porque “povoaram-se em função das constantes levadas de imigrantes que, ou não, tinham para se manter em cortiços e estâncias centrais [...]”¹⁵².

Antigos e novos valores se confrontavam. O Catolicismo não era mais a religião oficial, mas a religiosidade manauara parecia que não sofrera tantos abalos, mesmo em meio às modificações ao seu redor. Seus elementos identitários se inserem nas permanências, que apesar das rupturas, não sofrem tanto os desgastes do tempo. Por isso, é possível que mesmo em meios às alternativas do mundo moderno, seus habitantes são ou querem ser, também, religiosos. Nesse contexto, o Papa Leão XIII, criou a Diocese de Manaus, em 1892, mostrando preocupação com a extensão da Diocese de Belém e “com a necessidade de atingir todos os cantos da Amazônia, para que outras ideias e crenças não proliferassem em seu interior. Manaus parecia pronta para receber uma das quatro novas dioceses brasileiras”¹⁵³.

2.2 Lourenço e Frederico: o começo da Diocese

Os dois primeiros Bispos de Manaus, embora nomeados na fase republicana, e já inseridos na nova geração de Prelados, perceptivelmente estão vinculados ao seu grande patrono que foi Dom Antônio de Macedo Costa, portanto, suas pautas estão direcionadas para o combate ao Padroado, que começava, a partir das ações dos Bispos Reformadores, a entrar em fase de superação das amarras que limitavam a Igreja no Brasil. Na esteira de Dom Macedo, Dom Lourenço Aguiar e Dom Frederico Costa, tiveram formação inicial no Brasil com continuidade em Roma, desenvolvendo elevado grau de intelectualidade. Na administração dos dois Bispos, vê-se como prioridades: as visitas pastorais; a ênfase na família, tendo como centro a mulher, considerada o eixo da família e da sociedade cristã; a educação das novas gerações de cristãos e a acolhida de Congregações Religiosas para auxiliar nas atividades da Diocese.

O escolhido para ser o primeiro Bispo de Manaus era filho do Ceará, *José Lourenço da Costa Aguiar*¹⁵⁴ se tornou sacerdote aos 23 anos, em 1870. Celebrou sua primeira missa no dia da Imaculada Conceição. Como sacerdote, também se dedicou ao Magistério e ao

¹⁵² COSTA, Francisca Deusa Sena. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Valer, 2014.

¹⁵³ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 176.

¹⁵⁴ Nasceu em Sobral, Ceará, a 9 de agosto de 1847; filho de Boaventura da Costa Aguiar e Joana Virgínia de Paula Aguiar. **1º Centenário de Nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar 1º Bispo do Amazonas**. 1947.

Jornalismo, e se tornou Cura da Sé de 1872 a 1876, em Fortaleza. Também exerceu o cargo de deputado em várias legislaturas¹⁵⁵. Por solicitação de Dom Macedo Costa foi transferido de Fortaleza, onde cursou seminário e iniciou o ofício sacerdotal, para Belém em 1876, passando a ser Vigário Geral da Província do Amazonas, nomeado em outubro do mesmo ano, chegando a governar o Bispado do Pará, por duas vezes, na ausência de Dom Macedo¹⁵⁶, e foi Cura da Sé de Belém em 1877¹⁵⁷. Intelectual, portador de uma formação impregnada pelo espírito romano, se tornou Doutor em Direito Civil e Canônico, pelo Colégio dos Nobres, em Roma, e agraciado com o título de monsenhor.

Ao concluir o doutorado, permaneceu em Roma, passando a ser camareiro de Leão XIII, Pontífice que lhe confiou a honra de ser o primeiro Bispo do Amazonas. Sua nomeação o surpreendeu quando estava no Rio de Janeiro. Os novos diocesanos ainda esperariam para ver seu Bispo chegar, porque “da criação à implantação passaram-se dois anos, e durante a espera do Bispo que assumiria a Diocese, os padres Francisco Benedito Coutinho e Casimiro Noberto Dupuy¹⁵⁸ foram encarregados da administração”¹⁵⁹, pois Dom Lourenço só fora sagrado no ano seguinte da criação do Bispado, tomando posse somente a 18 de junho de 1894, finalmente efetivando a implantação da Diocese¹⁶⁰. Coube-lhe a responsabilidade de estruturar a Diocese, de iniciar a organização do seu patrimônio e criar uma unidade em torno do Bispo e da Igreja.

Todas as vezes que volto à questão da criação da Diocese e da tomada de posse de Dom Lourenço, imagino-o chegando lentamente através do caudaloso rio Negro; e, à medida que vai se aproximando do porto de Manaus, a expectativa e a euforia compartilhada por ele e pela população que o aguardava, crescem. Antes de atracar, ele visualiza os fiéis e a igreja, elevada diante do porto. O que será que passava em sua mente e em seu coração? Ele iria aprender a ser Bispo ao mesmo tempo em que ensinaria o Amazonas a ser Diocese. Na primeira Carta Pastoral, apresentou sua proposta de governo, com suas principais preocupações e direcionamentos “para estruturar essa diocese nos moldes desejados pela

¹⁵⁵ Ibidem, 1947.

¹⁵⁶ Foi nomeado a 9 de janeiro de 1877 e permaneceu como Vigário Geral do Amazonas até abril de 1877. **Estado do Grão-Pará**, Belém, 25 de maio de 1894.

¹⁵⁷ Tomou posse em 22 de novembro de 1877 e permaneceu como cura da Sé de Belém até 1889, quando pediu afastamento. Sendo ainda secretário do Bispado e Vigário Geral da Diocese. **1º Centenário de Nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar 1º Bispo do Amazonas**. 1947.

¹⁵⁸ Foram colocados à frente da Diocese por Dom Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia, até a posse do novo Bispo. **Documento de 27 de novembro de 1893**.

¹⁵⁹ MACIEL, Elisângela. Op. cit., 2014, p, 181.

¹⁶⁰ A sagração do monsenhor Costa Aguiar foi na igreja do Sagrado Coração em Petrópolis. **Estado do Grão-Pará**, Belém, 25 de maio de 1894.

Santa Sé”¹⁶¹. Fazendo um balanço dos esforços empenhados para o “ideal supremo”¹⁶², feitos pelos Prelados antecessores e governantes civis, anuncia que, após longa espera, chegou o tempo do erguimento, pois “o Amazonas é Bispado!”¹⁶³. No documento, ele recupera as palavras de Leão XIII, que assim decretou:

Para a formação da nova Diocese do Amazonas, desmembramos para sempre, por autoridade Apostólica, o território do Estado deste nome, da Diocese de Belém, ao qual pertencia, e o damos perpetuamente à Igreja do Amazonas por Diocese. Fundamos perpetuamente a Sé e a Cadeira Episcopais de Manaós e elevamos à dignidade de Igreja Catedral a Igreja dedicada a Mãe de Deus Imaculada.¹⁶⁴

Sua Carta inaugural apresenta o Bispo como mestre e “a Diocese uma escola cheia de discípulos ávidos de ensinamentos”¹⁶⁵. A Carta apresenta as diretrizes para a condução da Diocese, demonstrando preocupação com as questões pertinentes à região e com as ordenações romanas. São três os pilares norteadores de sua administração, em harmonia com a Santa Sé: o colégio apostólico de sacerdotes; o fortalecimento do seminário; a família como base da religião e da fé católica.

O período de seu governo correspondeu a anos prósperos para a economia da região, que seria sentido ainda nos próximos anos. Talvez, por isso, e tendo o coração devoto dos fiéis, as doações se apresentaram de forma bem generosa. Dom Lourenço “tratou de organizar o patrimônio para a sustentação das atividades religiosas e pastorais bem como a formação do clero”¹⁶⁶. Empreendeu várias visitas pastorais, tendo sempre o cuidado na escolha dos responsáveis na sua ausência¹⁶⁷, buscando sempre sintonia com as diretrizes propostas, uma vez que “as visitas pastorais, como revelam os documentos, eram prioridades, pois a assistência dada pela presença do Bispo nas diversas localidades se mostrava mais eficaz”¹⁶⁸. Outras vezes incumbia os padres para realizarem as desobrigas e cuidarem da arrecadação financeira para a Diocese. Visitas Pastorais contínuas foram

¹⁶¹ MACIEL, Elisângela. Op. cit., 2014, p, 182.

¹⁶² AGUIAR, Dom José Lourenço da Costa. **Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas e Programa de Governo do primeiro Bispo**. 11 de março de 1894, p, 6.

¹⁶³ Ibidem, 1894, p, 5.

¹⁶⁴ Ibidem. 1894, p, 8.

¹⁶⁵ Ibidem, 1894, p, 14.

¹⁶⁶ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p, 495.

¹⁶⁷ Em 1896, nomeou o Cônego Dácia e o padre Carloto Fernandes da Silva, para exercerem a função de vigário geral na ordem de nomeação. AGUIAR, Dom José Lourenço da Costa. **Documento de 25 de janeiro de 1896**.

¹⁶⁸ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p, 187.

realizadas como prioridade, em razão de “que tudo estava por fazer e o novo Bispo precisava se desdobrar”¹⁶⁹.

A Diocese, nascida romanizada, não podia permitir “que os vícios ou problemas do tempo do Padroado reaparecessem impedindo o seu crescimento. A Diocese precisava estar sólida para se impor aos tempos da República”¹⁷⁰. O zelo pelos padres era algo pelo qual primava Dom Lourenço. Exigia deles a postura sacerdotal e empenho no cumprimento das demandas eclesiais. Em vários documentos, observamos a renovação das faculdades dos padres, “como também permissão para se ausentarem ou, como era mais comum, os padres acatando as ordens do Bispo”¹⁷¹, além de verificarmos suas indicações para representar o Bispo na capital ou no interior.

Em sua administração, foi confirmada a Irmandade do Santíssimo Sacramento, fundada em 1890¹⁷²; e criado o Conselho Diocesano¹⁷³; os Padres da Congregação do Espírito Santo começaram a trabalhar nas imediações de Tefé e restituíram a missão Franciscana¹⁷⁴; fundação da Confraria de N.S. do Carmo na catedral¹⁷⁵; fundação da Conferência Vicentina na igreja dos Remédios e do Conselho Particular de Manaus¹⁷⁶; as Filhas de Sant’Ana assumiram a direção do Hospital Beneficente Portuguesa¹⁷⁷; e a inauguração de um altar na Casa de Detenção pelos Vicentinos¹⁷⁸. Doze novas ordenações foram realizadas em sua administração, sendo dois dos novos padres destinados a Manaus¹⁷⁹. Novas paróquias foram criadas, uma em Manacapuru, dedicada à Nossa Senhora de Nazaré, e outra no Juruá, tendo como padroeiro São Felipe¹⁸⁰.

¹⁶⁹ **Suplemento de A Reação**. 1846, p. 25.

¹⁷⁰ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 187.

¹⁷¹ Ibidem. 2014, p. 188.

¹⁷² Ibidem. 2014, p. 246.

¹⁷³ Foi instituído a 8 de dezembro de 1894. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 91.

¹⁷⁴ Ambas no dia 17 de setembro de 1897. Ibidem, 1952, p. 92. As Congregações Religiosas que estavam chegando à região, ou retornando, estavam inseridas na Congregação Propaganda Fide (para Propagação da Fé), que foi fundada em 1622 pelo Papa Gregório XV, para coordenar, orientar e difundir a missão cristã no mundo. Somente em 1967 passou a chamar-se Congregação para a Evangelização dos Povos. **Fátima Missionária**. Edição 53, 1 de junho de 2017.

¹⁷⁵ A fundação se deu a 16 de julho de 1899. Ibidem, 1952, p. 93.

¹⁷⁶ Ambos no dia 24 de novembro de 1901. Ibidem, 1952, p. 93.

¹⁷⁷ Ocorrido a 30 de novembro de 1904. Idem, 1952, p. 94.

¹⁷⁸ Inauguração no dia 4 de dezembro de 1904. Ibidem, 1952, p. 94.

¹⁷⁹ Os padres, Raimundo Nonato da Rocha Pitta e Anselmo Domingos Rolim foram ordenados no dia 19 de setembro de 1896. Ibidem, 1952, p. 92.

¹⁸⁰ O curato de Juruá foi fundado a sete de maio de 1896, e o de Manacapuru a 21 de dezembro do mesmo ano. Ibidem, p. 92.

Por anos Dom Lourenço foi “o principal articulador na formação da Igreja no Amazonas, numa época de instabilidade política e ganância econômica. Começou como Vigário Geral e terminou como Bispo”¹⁸¹, procurando cumprir os planos de ampliação e renovação do clero. Mas segundo Jérri Marin, ele se revelou um gestor fraco, preocupado com comodidades e deixando os templos e outros patrimônios da Diocese em mal estado de conservação, o que foi verificado pelo próprio Nuncio Giulio Tonti, que visitou Belém e Manaus em 1904. Religiosamente, a Diocese foi considerada abandonada, e constatado que o Bispo, apesar de respeitada suas qualidades, não era amado por seu povo. Havia indicação de que Dom Lourenço seria conduzido à renúncia, mas faleceu antes que esse processo fosse levado adiante¹⁸².

Dom Lourenço faleceu em 1905¹⁸³, em Lisboa, aos 57 anos, vítima de derrame cerebral. *O Jornal do Commercio*, noticiou a celebração das exéquias, a 10 de junho de 1905, dizendo que “não pertence mais ao número dos vivos Dom José Lourenço Aguiar, primeiro bispo do Amazonas. Mas a memória do ilustre morto fica perpetuada no nosso meio social [...]”¹⁸⁴. O corpo do Bispo foi embalsamado, ficando provisoriamente no jazigo dos Bispos portugueses, até sua condução para Manaus. Durante as exéquias, viu-se na catedral grande número de fiéis, associações católicas, clero e autoridades civis, todos participaram da celebração e da bênção do túmulo¹⁸⁵. Ao chegar em Manaus, Dom Lourenço foi sepultado na capela do cemitério São José, sendo transladado, a 5 de janeiro de 1906, para o jazigo especial na Catedral de Nossa Senhora da Conceição¹⁸⁶, onde havia pronunciado muitos sermões e pedindo a Deus “mercês para o Amazonas, para o Brasil e para a Humanidade”¹⁸⁷.

¹⁸¹ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer 2014, p. 497.

¹⁸² MARIN, Jérri Roberto. A Criação de Novas Circunscrições Eclesiásticas na Amazônia entre 1817 e 1913. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Circunscrições Eclesiásticas Católicas no Brasil**: articulações entre Igreja, Estado e sociedade. Campo Grande: UFMS, 2021, p. 301-303.

¹⁸³ Desde 1904, quando se afastou por motivo de saúde, o Monsenhor Hypólito ficou responsável pela Diocese.

¹⁸⁴ D. José Lourenço. **Jornal do Commercio**. 10 de junho de 1905.

¹⁸⁵ D. José Lourenço. **Jornal do Commercio**. 11 de junho de 1905.

¹⁸⁶ O jornal anunciava uma semana antes o traslado, pois, a cerimônia seria revestida de solenidade fúnebre. D. José Lourenço. **Jornal do Commercio**. 29 de dezembro de 1905.

¹⁸⁷ BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 305.

O segundo Bispo de Manaus era filho de Santarém, nascido em Boim¹⁸⁸. Teve sua formação básica em Belém, educado no colégio dos Espiritanos, que era reconhecido por formar os filhos ilustres da cidade. Com apenas dez anos entrou no Seminário em Belém, sob a orientação de Dom Macedo Costa. O jovem *Frederico Benício de Sousa Costa* foi inserido, assim, no projeto que era a “menina dos olhos” do Bispo, a formação dos novos sacerdotes. Ele acolhia no seminário jovens sem recursos, como Frederico, e acompanhava de perto o processo de formação. Fazia parte do projeto eclesial de Dom Macedo, construir uma civilização cristã na Amazônia: “Tal civilização seria dirigida por sacerdotes. Daí a importância dos seminários como instituições necessárias para formar esse clero dirigente, dotado de boa formação moral e intelectual”¹⁸⁹.

Dentre os seminaristas, os mais promissores eram enviados para a continuação da formação na Europa, e essa experiência marcava de forma profunda os estudantes brasileiros, que, segundo Sérgio Miceli, contribuiu “para reforçar os sentimentos de lealdade perante as autoridades pontifícias”¹⁹⁰. Aos 17 anos, Frederico foi enviado para continuar os estudos sacerdotais em Paris no Seminário de Saint Sulpice, para cursar Filosofia, e em Roma concluiu a parte teológica no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano. Poliglota e intelectual¹⁹¹, o jovem Frederico foi ordenado em Roma, a 1º de abril 1899, ao lado de Eugênio Pacelli¹⁹², o que tinha um grande significado, pois era uma honraria concedida aos mais destacados nos estudos¹⁹³. No dia seguinte celebrou sua primeira missa; era domingo de Páscoa. Ao ser ordenado em 1899, aos 24 anos, ingressou na Universidade Pontifícia Gregoriana, onde recebeu o título de Doutor em Teologia.

Retornou a Belém em 1902, como professor do Seminário, exercendo suas funções sacerdotais no Hospício de Alienados e na Prisão São José. Depois passou a ser vigário de Nossa Senhora de Nazaré, onde fora crismado. A posse ocorreu em 1º de janeiro de 1903,

¹⁸⁸ A mãe de Frederico, Thomázia de Souza Gonçalves da Costa era professora, seu pai Marcelino Bahia de Souza Costa era sapateiro. Oriundos de Belém, a partir da nomeação da mãe para a vila de Boim em 1875, foi nela que nasceu o primeiro filho do casal. Permaneceram em Boim por cerca de 5 anos, quando retornaram para Belém. SANTOS, João. **Monsenhor Frederico Costa**: 1º prelado de Santarém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 29-30.

¹⁸⁹ LOPES, João da Silva. **Sociedade, relações de poder e religiosidade no Alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. 2010, p. 23.

¹⁹⁰ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 132.

¹⁹¹ Falava latim, árabe, hebraico e grego, e compôs hinos, orações e catecismo em tupi. MAIA, Álvaro. Imolação de um Bispo do Amazonas. **Jornal do Commercio**. 1961.

¹⁹² Eugênio Pacelli se tornaria 40 anos depois Pio XII (1939-1958).

¹⁹³ MICELI, Sérgio. Op. Cit., 2009, p. 132.

assumindo como Cônego. Em Nazaré fundou o Apostolado da Oração e Pia União das Filhas de Maria¹⁹⁴, direcionando os fiéis para o novo modelo devocional. E em 1904, assumiu Santarém com dignidade episcopal, como o Prelado mais jovem. A investidura episcopal veio em 1906. Monsenhor Frederico foi a Roma para relatar a situação de Santarém; para ele, a Prelazia só sobreviveria “se fosse entregue a uma ordem religiosa, que garantisse provê-la de padres e do seu sustento”¹⁹⁵. Voltou ao Brasil como Bispo do Amazonas. Foi nomeado em 8 de janeiro de 1907 e sagrado a 19 de março¹⁹⁶.

A Diocese se encontrava há dois anos em vacância, e enquanto o novo Bispo era aguardado, o Pará foi elevado à Arcebispado, ficando a Diocese de Manaus como sua sufragânea¹⁹⁷. Ele chegou à Manaus a 01 de junho, numa tarde chuvosa, que parecia anunciar os novos tempos. A Diocese de Manaus tinha poucos anos de criação, e Dom Frederico enfrentou muitos desafios, sendo a principal a vastidão de sua Diocese. Havia muito a fazer, retomar o caminho iniciado por Dom Lourenço e fortalecer a Diocese, para dar continuidade ao seu enraizamento. Dom Frederico, por sua trajetória de formação e por sua atuação como padre em Belém e como Prelado em Santarém, evidencia seu perfil romanizador. Era firme pastoralmente, pois “sua ação era facilitar ao povo os meios e melhor prática da religião”¹⁹⁸. Afina-se com as diretrizes de Pio X, atuando para criar sintonia entre as localidades e a Santa Sé¹⁹⁹.

A *Carta Pastoral de Dom Frederico aos seus amados diocesanos*, de 1909, escrita após a visita pastoral aos rios Negro e Solimões expressa bem o projeto civilizatório cristão e o desejo de vê-lo implantado na Amazônia e fala da árdua missão que recebeu da Igreja de

¹⁹⁴ BRAGA, Genesino. **Dom Frederico Costa**. Manaus: Academia Amazonense de Letras. P, 3. Acervo Cúria de Manaus.

¹⁹⁵ SANTOS, João. **Monsenhor Frederico Costa**: 1º prelado de Santarém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978, p, 123.

¹⁹⁶ A Santa Sé atendeu o pedido, a Prelazia passaria a ser dirigida por religiosos. Dessa forma cumpria seu serviço em Santarém e se despedia: “nobre povo de Santarém, adeus! Antes de te conhecer já te amava! Depois que te conheci, cresceu de pronto o meu afeto! És um povo digno de estima e de interesse porque teus filhos possuem todos os dotes de inteligência e coração, suficientes para formar um povo grande e futuroso! [...]”. Ibidem, 1978, p, 126.

¹⁹⁷ A elevação ocorreu a 1º de maio de 1906. RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

¹⁹⁸ Escolheu como Lema: “*Salvar as almas e fazer reinar Jesus Cristo*”. SANTOS, João. **Monsenhor Frederico Costa**: 1º prelado de Santarém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978, p, 115.

¹⁹⁹ Em sua Carta de 15 de abril de 1905, ele recomendava a prioridade da catequese para preparação de crianças para receberem a primeira comunhão, e que fosse estabelecida a Congregação da Doutrina Cristã, onde as zeladoras do Apostolado da Oração seriam inseridas, atuando na catequese. Ibidem, p, 70. Com Pio X crianças a partir de sete anos iniciavam a preparação catequética.

“combater o bom combate da verdade e da virtude contra o erro e contra o vício”²⁰⁰. Na Carta convoca todos a não cultivarem o medo e a serem instrumentos em defesa da fé e combater a descristianização que o novo regime estava trazendo. Essas visitas pastorais, aos rios Solimões e Negro, foram conduzidas por zelo espiritual e por preocupação com os povos da região amazônica, denunciando descasos e exploração. Considerou a viagem ao rio Negro de maior importância, e denunciou a opressão e descaso com a população da Amazônia, e clamando por justiça a favor dos indígenas²⁰¹.

Dom Frederico além da denúncia do esquecimento por parte do Estado brasileiro, também se deparou com a ausência de uma evangelização mais profunda. E, assim, se expressou: “sentimos verdadeiramente triste e miserável a condição de tantas almas que estão aí abandonadas! Sentimos como sacerdote e como brasileiro!”²⁰². Como sacerdote diz amar as almas resgatadas em Cristo, e se sente responsável por elas. Sente também, como brasileiro, “porque isso é um opróbrio, uma ignomínia, uma aviltção, uma vergonha para a nossa Pátria!”²⁰³. Dom Frederico falou também da necessidade de enraizar as sementes do Cristianismo, sementes outrora lançadas, para florescerem completamente, e que as novas encontrassem terreno fértil para não tardar a despertar. Nessas localidades, para ele, “não se era brasileiro, mas já se era cristão; o que faltava era a compreensão da religião e da prática do cristão”²⁰⁴.

O Bispo também falou de como essa viagem o tocou, como grandiosa foi a experiência no rio Negro. Em terras longínquas e circunstâncias adversas, sentiu no coração a presença da religião, mais do que nos centros urbanos, que por vezes conduzem às ilusões, já as pessoas da selva são profundamente religiosas. Disse, ter sentido a presença de Deus na natureza e nas pessoas, mas também fala da ignorância religiosa que presenciou, bem imbuído do projeto romanizador, que busca anular ou ressignificar as experiências religiosas para torná-las católicas de fato. A Igreja tinha necessidade de estender o seu controle sobre toda a região, clericalizando e efetivando a vida sacramental.

²⁰⁰ COSTA, Dom Frederico. **Carta Pastoral de Dom Frederico a seus amados diocesanos** (1909). 1994, p, 17.

²⁰¹ Ibidem, 1994, p, 29.

²⁰² Ibidem. 1994, p, 87.

²⁰³ Ibidem, 1994, p, 88.

²⁰⁴ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p, 194.

A viagem ao rio Negro teve duração de cinco meses. A chegada a Manaus ocorreu a 28 de novembro, e o grupo foi direto para a igreja de São Sebastião dar graças pelo retorno. Como resultado da viagem, Dom Frederico declarou orgulhoso: “implantamos a moralidade em uma região, onde raríssimas eram as famílias; pregamos o respeito e obediência às leis tanto do país como da Igreja”²⁰⁵. A carta pastoral termina com o Bispo fazendo um pedido aos jovens: “Mocidade Amazonense, volve teus olhos para o Cristo triunfante e segue-o! Com a Cruz e o Evangelho e o Amor que te inflama o coração farás um dia a grandeza da tua Pátria Querida, o País da Santa Cruz!”²⁰⁶. E aos sacerdotes: “coragem, pois! Não desanimeis no meio da jornada! [...] a vossa frente tereis sempre o vosso bispo para dar o exemplo do trabalho, da constância e da coragem! [...]”²⁰⁷. Claramente, busca evitar qualquer desvio da religião romana.

Diante da realidade encontrada e da extensão da Diocese, que não lhe permitia estar presente como deveria e gostaria, apresentou o projeto de criação de Prefeituras Apostólicas e Prelazias, clamando por um olhar diferenciado para a região. Roma já havia dado o primeiro passo, com a criação da Prelazia de Santarém em 1903, e com o reforço de Dom Frederico, essa passou a ser, em longo prazo, a opção para a Amazônia. Segundo Celestino Ceretta, “as missões viriam encaminhar soluções, não somente às necessidades religiosas, mas também cuidar de alguns serviços essenciais da população”²⁰⁸.

Considerando a Amazônia como “terra de missão” e diante do diagnóstico do Bispo, mas também das pressões do Brasil, Roma apresenta uma “fórmula intermediária entre organização missionária, articulada em vicariatos apostólicos ou prefeituras apostólicas e a diocese propriamente dita [...]”²⁰⁹. Assim, foram criadas: em 1907 a Prelazia do Rio Branco, que ficou com os Beneditinos; em 1910, a Prefeitura Apostólica de Tefé, com os Espiritanos²¹⁰; e as Prefeituras Apostólicas do Alto Solimões e do Rio Negro, também em 1910²¹¹, ambas sob a responsabilidade dos Capuchinhos.

²⁰⁵ Foram realizados: 378 casamentos, 1507 batizados, e mais de mil comunhões e crismas. Ibidem, 1994, p, 145.

²⁰⁶ Ibidem, 1994, p, 153.

²⁰⁷ Ibidem, 1994, p, 154.

²⁰⁸ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p, 70.

²⁰⁹ HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992, p, 396.

²¹⁰ Elevada a Prelazia Nulius a 11 de agosto de 1950. CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p, 183.

²¹¹ A Prefeitura Apostólica do Rio Negro ou São Gabriel da Cachoeira passou para a responsabilidade dos Salesianos a partir de 1915, passando a Prelazia em 1925. A Prefeitura do Rio Solimões só passou a ser Prelazia em 1950. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p, 210.

Dentro desse projeto civilizatório, encontramos também o destaque para a educação. Dom Frederico se orgulhava de que em Manaus se realizava um trabalho de grande benefício do Externato São Sebastião, do Colégio Diocesano de São José e da Escola Paroquial de São Raimundo “em prol da instrução cristã da mocidade”²¹², contando também com a Liga do Apostolado da Oração, a Sociedade São Vicente de Paulo e a Congregação da Doutrina Cristã, para o desenvolvimento da piedade. Diante do cenário de intensa efervescência, a educação cristã era algo vital para Dom Frederico, assim como para seus antecessores. De grande destaque em seu Bispado, foi a etapa implantada que primava pela educação feminina, “reforçando a preocupação em despertar a consciência das mulheres para sua responsabilidade em defesa da família”²¹³.

O Colégio Santa Doroteia foi inaugurado a 7 de outubro de 1910, em prédio cedido pela Diocese para que as Irmãs não demorassem a pôr o projeto em prática. As Irmãs também passaram a auxiliar a Catequese nas paróquias. A partir de 1914 iniciou-se a obra para a implantação de uma escola gratuita, e foi criado o Instituto Pio X, para moças, em Itacoatiara. Se Dom Lourenço Aguiar, via a família como a base da sociedade, Dom Frederico Costa via a mulher como a base da família, “daí seu grande interesse em promover a educação intelectual e moral das moças, que uma vez casadas seriam as principais responsáveis pela educação dos filhos”²¹⁴.

Outro grande acontecimento foi a criação da terceira paróquia de Manaus, a de São Sebastião²¹⁵, a 8 de setembro de 1912. Ela já era dirigida pelos Capuchinhos, que foram confirmados à sua frente²¹⁶. Ao final do retiro dos padres, em 1912, Dom Frederico, depois de refletir muito e se consultar com alguns Prelados, falou dos inúmeros desafios da Diocese, com crescente necessidade espiritual e poucos braços para atendê-la. Assim, procurando dar passos para solucionar esse problema, decidiu criar a terceira Paróquia de Manaus, como recordação perene do retiro, com limites, “que poderão ser mais tarde

²¹²COSTA, Dom Frederico. **Carta Pastoral de Dom Frederico a seus amados diocesanos** (1909). 1994, p. 150.

²¹³ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 273.

²¹⁴ LOPES, João da Silva. **Sociedade, relações de poder e religiosidade no Alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. 2010, p. 49.

²¹⁵ A primeira ermida foi erguida em 1859, pela irmandade de São Sebastião. MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História da Igreja de São Sebastião**. Manaus, 1999, p. 15. Em 1904 a igreja foi reinaugurada.

²¹⁶ Dom Frederico a 30 de setembro de 1909 confiou aos capuchinhos da Úmbria a igreja de São Sebastião. MACIEL, Elisângela. Op. Cit., 2014, p. 233.

modificados, sendo o seguinte: rua Dez de Julho desde a Travessa Ferreira Pena até a Avenida Joaquim Nabuco até se encontrarem com o Boulevard Amazonas”²¹⁷.

A nova paróquia, consagrada ao Sagrado Coração, era a primeira da Diocese, em Manaus, e ficou em mãos de religiosos. Era a materialização da parceria entre a Diocese e uma Congregação, que trazia os ares europeus para auxiliar a consolidação das diretrizes romanas em Manaus. Em 1912, novos freis chegaram ao Bispado; parte deles para a cidade e parte para as missões. Nos anos de 1920 se intensificou a chegada dos Capuchinhos a Manaus. Dom Frederico concedeu ao superior dos Capuchinhos o direito de apresentar o sacerdote a ser nomeado vigário, com as mesmas regalias e direitos dos demais vigários, “porém inteiramente sujeito à Nossa autoridade diocesana e a todas as demais frases e leis estabelecidas pelos nossos antecessores e por nós”²¹⁸.

O primeiro vigário de São Sebastião foi o frei José de Leonissa. Há também no livro tomo o esclarecimento sobre a Praça de São Sebastião, para que não fossem deixadas dúvidas: “ela fica também pertencendo à paróquia”²¹⁹. Assim os habitantes ao redor da praça poderiam recorrer à igreja e ao vigário de São Sebastião “como sendo sua igreja e vigários próprios”²²⁰. Estava selada a responsabilidade dos freis e a sintonia com a Diocese, observando a obediência ao Bispo, bem aos moldes da romanização, uma Congregação europeia se instalando na Diocese para moldar as devoções e exercer o controle sobre a vida dos paroquianos.

Durante a administração de Dom Frederico foram criadas: a Dispensa dos Pobres pelos Vicentinos²²¹; Apostolado da Oração na igreja São Sebastião e em Lábrea²²²; Conferência Vicentina na Colônia Oliveira Machado e no São João²²³; e a Associação das Damas de Caridade em Manaus²²⁴. Também foi entronizado o Crucifixo no Tribunal do Júri e aberto

²¹⁷ O documento segue esclarecendo os limites: da rua Ferreira Pena somente o lado direito de quem vai para o Boulevard, da avenida Joaquim Nabuco encontrando-se com a Doutor Moreira serão os dois lados, da Doutor Moreira com o Boulevard seguirá os dois lados até as costas do cemitério, seguindo os dois lados até a Vila Municipal. Também passaram a pertencer à nova paróquia as colônias de João Alfredo e Campos Sales. **Livro Tombo**. 1912, p, 1-2.

²¹⁸ **Livro Tombo**. 1912, p, 2.

²¹⁹ *Ibidem*, 1912, p, 2.

²²⁰ *Ibidem*, 1912, p, 2.

²²¹ Criada a 10 de maio de 1908. Ramos, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 95.

²²² Em São Sebastião foi criada a 13 de julho, e em Lábrea a 3 de novembro de 1909. *Ibidem*, p, 95 e 96.

²²³ Na Colônia foi fundada a 15 de agosto e em São João a 7 de setembro de 1908. *Ibidem*, p, 96.

²²⁴ Fundada a 26 de dezembro de 1911. *Idem*, p, 97.

o culto na Capela do Hospital Beneficente Portuguesa²²⁵. No ano de 1913, Dom Frederico implantou a Pia União das Filhas de Maria, fortalecendo a devoção à Imaculada Conceição. As moças que abraçaram inicialmente o projeto mariano tinham de 18 a 26 anos. As fundadoras “demonstraram que possuíam uma formação intelectual e religiosa, estando maduras para assumir um compromisso com a vida cristã”²²⁶. O Bispo se encantou com as moças e imediatamente, por meio de decreto episcopal, de 7 de abril, instituiu a nova associação religiosa.

O período da administração de Dom Frederico foi carregado de tensões: a intensidade da vida moderna evidenciava os contrastes políticos e sociais; era o início da crise econômica da borracha, que desencadeou vários problemas nos anos que se seguiram, como conflitos com a maçonaria, que levaram às calúnias contra o Bispo e divergências internas com Monsenhor Hypólito Costa²²⁷, que fora o vigário geral nos primeiros anos de sua administração, o que afetou consideravelmente o Bispado. Desde a última fase do governo de Dom Lourenço, Roma redobrou a vigilância sobre a Diocese de Manaus, cercando-a de informantes.

Sobre Dom Frederico recaiu sérias denúncias, como a de ser indulgente com a devassidão do clero, de má gestão e inúmeras dívidas, o estado precário da Diocese, e de ser incapaz de governar sua vastidão²²⁸. Sua administração ficou estigmatizada pelas crises, com um peso grande na situação financeira, tendo como uma das consequências o fechamento do Seminário São José, em 1909. Nos anos que se seguiram, se intensificaram as crises e os embates, internos e externos, que levaram à renúncia do Bispo. Penso que essa marca negativa que recaiu sobre a Diocese, foi um dos fatores para a demora para sua elevação à Arquidiocese, pois afetou a caminhada diocesana, interrompendo projetos e limitando as relações com o poder local, agravada pela crise da borracha que adentrara de forma permanente a Amazônia a partir de 1912.

²²⁵ O crucifixo foi colocado a 4 de dezembro de 1909, e a capela foi aberta a 8 de outubro de 1912. Ibidem, 1952, p. 96 e 98.

²²⁶ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 266.

²²⁷ O referido monsenhor causou graves problemas financeiros ao Bispado, se aproveitando da ausência do Bispo, em suas visitas pastorais, chegando até a perda de patrimônio. COSTA, Dom Frederico. **Circular ao Clero e aos fiéis**. 7 de agosto de 1909.

²²⁸ MARIN, Jérri Roberto. A Criação de Novas Circunscrições Eclesiásticas na Amazônia entre 1817 e 1913. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Circunscrições Eclesiásticas Católicas no Brasil**: articulações entre Igreja, Estado e sociedade. Campo Grande: UFMS, 2021, p. 322.

Minha impressão se confirmou ao constatar a presença de Dom Francisco de Paulo e Silva, Bispo de São Luís, como visitador extraordinário, para verificar as condições da Diocese e opinar sobre sua possível elevação à Arquidiocese. Dom Francisco foi contrário à elevação, justificando pela má administração de Dom Frederico, e pelo que considerou abandono religioso da Diocese²²⁹. Para completar o diagnóstico para apresentá-lo à Santa Sé, entre 1911 e 1912, Giovanni Genocchi, delegado apostólico, percorreu várias partes da Amazônia, registrando e denunciando os descasos²³⁰.

Sérgio Miceli, fala de situações em que Prelados foram relegados por seus pares, por não corresponderem à expectativa dos projetos episcopais. Ao sair da Diocese nessas circunstâncias, Dom Frederico ficou lembrado por muitos anos pela negatividade, e esse peso foi lançado também sobre a Diocese, que demorou muito tempo para se reerguer e se inserir de fato no mapa eclesiástico. Mas vale também ressaltar, todo o esforço para a redenção da imagem de Dom Frederico, lembrando as ações do Prelado em prol de sua Diocese, como ficou registrado no seu centenário em 1975, pelas homenagens que lhe foram prestadas, pelo padre Nonato Pinheiro, registrado pelo jornal *ACrítica*²³¹, do jornal *A Província do Pará*²³², e pelo discurso de Dom Milton Correa²³³, além de sido tornado patrono da Academia Amazonense de Letras, na cadeira 35.

Durante a sua última visita pastoral, Dom Frederico adoecera gravemente, e nessa ocasião fez uma promessa ao Sagrado Coração: se curado renunciaria ao Bispado e ingressaria em um mosteiro. Em 1913, Dom Frederico foi afastado da Diocese, por decreto de Pio X que estabelecera Dom Santino Coutinho, Arcebispo de Belém, como o Administrador Apostólico. Era o momento de cumprir a promessa e se encaminhar ao

²²⁹ MARIN, Jérri Roberto. Op. Cit., 2021, p. 326.

²³⁰ Ibidem. 2021, p. 319.

²³¹ “Dom Frederico Costa foi um bispo zeloso e muito se empenhou na difusão da doutrina cristã. Um catequista na acepção genuína do termo”. *ACrítica*. 1975. (no recorte disponível no acervo, não aparece o dia da notícia).

²³² *A Província do Pará*, 22 de outubro de 1975.

²³³ *Jornal do Commercio*, 22 de outubro de 1975.

mosteiro²³⁴. Dom Frederico foi designado Bispo titular de Tubuna *in partibus infidelium*²³⁵, na Númídia.

Em documento, Dom Frederico escolheu o cônego João Dias Bento da Cunha para, na sua ausência, exercer os cargos de Vigário Geral e Administrador Diocesano, “com todas as honras e regalias inerentes ao mesmo cargo, até que mandemos o contrário, ou seja pela Santa Sé, determinado diferentemente, isto é que seja entregue à Administração da Diocese ao Excelentíssimo Sr. Arcebispo do Pará”²³⁶. Ele “ficou conhecido pelo título de bispo catequista, o que o coloca em sintonia com o papa Pio X, ambos dedicados ao zelo pastoral”²³⁷. Ao despedir-se de Manaus, dirigiu-se à Nossa Senhora dizendo “até o céu”²³⁸. Após deixar o Bispado de Manaus, realizou a outra parte de sua promessa, se tornando monge camaldulense.

3. A segunda fase do Episcopado na Diocese de Manaus (1916-1941)

O terceiro e o quarto Bispos nomeados para o Amazonas, estão inseridos no projeto do Episcopado brasileiro que enraíza a romanização utilizando estratégias de articulação com as elites locais, e estabelecendo estreitos laços entre si. A separação entre Igreja e Estado, impulsionou a unidade dos Bispos, bem expressa nas pastorais coletivas, tendo como premissa a defesa da Igreja e sua expansão pelo território brasileiro. Alguns Prelados conseguiram estabelecer verdadeiras redes de influência, investindo e amadurecendo os seminários, apadrinhando novos prelados, conectando Dioceses. Seguiremos a perspectiva de Sérgio Miceli, que nos apresenta as estratégias de implantação e consolidação das elites eclesiais.

Segundo Miceli, os Prelados da República Velha podem ser distribuídos em três grupos principais. O primeiro grupo saiu da base das antigas famílias da aristocracia imperial,

²³⁴ Diferente do que eu interpretei na documentação analisada para minha dissertação, concluída em 2008, Dom Frederico não renunciou, esta foi-lhe imposta pela Santa Sé mediante a uma administração considerada fraca e que deixara graves problemas para a diocese. O decreto, de 1º de julho de 1913, do Papa já antecipa um Administrador Apostólico para a Diocese. E, o documento de Dom Frederico que mostra, de forma discreta seu afastamento, sem qualquer sinal de algo permanente, mas já deixando o Vigário Geral à frente do Bispado é datado de 5 de agosto de 1913.

²³⁵ Título honorífico de um prelado que é enviado em missão, sem residência fixa, em países não cristãos. Dicionário de latim online (consultado a 26 de março de 2019).

²³⁶ COSTA, Dom Frederico. **Livro Tombo**, 5 de agosto de 1913.

²³⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p, 202.

²³⁸ **Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição**. Santarém, 8 de dezembro de 1975.

portadoras de lastro material, prestígio social e cacife político. O segundo grupo, provinha de ramos declinantes e empobrecidos do patriarcado rural, que viam na carreira eclesiástica um refúgio. O terceiro grupo era oriundo de famílias com pequenas propriedades rurais, normalmente com prole numerosa, que eram portadoras de piedade e rigor religioso²³⁹. Tudo indica que Dom João Joffily fazia parte do primeiro grupo, enquanto Dom Basílio do terceiro.

Dom João Irineu Joffily e Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira, são filhos do Nordeste e oriundos dessas novas relações do Episcopado no Brasil. Governaram em período de crise, quando o Amazonas enfrentava a retração da economia gomífera, o que os colocou diante de inúmeras dificuldades para levar adiante os projetos eclesiásticos, ao mesmo tempo que o mundo vivenciava o terror da Guerra, e no Brasil ocorria a transição da Primeira República para a ditadura do Estado Novo. Os dois governos tiveram a duração de 23 anos, sendo oito anos com Dom Joffily e 15 anos com Dom Basílio. O contexto do governo desses Bispos, é de guerra e de crise econômica na região amazônica, cenário de desafios para manter a Diocese e levar adiante a romanização neste lado do mundo.

Dos seis Bispos dirigentes da Diocese de Manaus, quatro eram oriundos do Nordeste: Dom José Lourenço da Costa Aguiar, do Ceará; Dom João Irineu Joffily, da Paraíba; Dom Frei Basílio Olympio Manuel Pereira, da Bahia, e Dom João da Mata, de Pernambuco. Dois deles eram oriundos do Pará: Dom Frederico Costa e Dom Alberto Ramos, mas é preciso ressaltar que mesmo sendo paraenses foram apadrinhados por Prelados nordestinos ou que naquelas paragens traçaram seu perfil episcopal. Portanto, a Diocese esteve desde o começo, e mesmo antes de sua fundação, na administração do baiano Dom Antônio de Macedo Costa, conectada às pegadas da Igreja nordestina. O Nordeste se apresenta como celeiro da romanização, preparando e fortalecendo os Prelados, que depois foram enviados ao Norte para conectá-lo a esse projeto.

Mesmo que o Nordeste tenha sido uma invenção, construída a partir das especificidades regionais, da década de 1920 em diante²⁴⁰, compreendo que os Bispos são portadores das heranças regionais e das ações políticas ali estabelecidas, entre os poderes religioso e civil, e que tais aspectos estarão presentes na condução da Diocese de Manaus, que, por sua vez, exigirá que estes se relacionem com os traços regionais locais. Considerando a expansão

²³⁹ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 80-104.

²⁴⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2018.

da estrutura eclesiástica como a principal estratégia do Episcopado brasileiro, temos a primeira expressão deste projeto de concessão de Leão XIII para a Igreja do Brasil, criando as primeiras novas Dioceses antes de terminar o século XIX, e, entre elas está Manaus. portanto, o Nordeste como celeiro de romanização, expressa “a trajetória e a bagagem de influência dos Bispos que foram nomeados para Manaus e a conexão das regiões, que foram desmembradas dando maior visibilidade aos traços sociais e culturais de cada uma”²⁴¹.

O Norte, em suas duas vertentes, a antiga e a nova, despontou como o segundo lugar de maior crescimento das estruturas eclesiásticas²⁴². De 1892 a 1930, as duas regiões passaram ao número de 22 Dioceses, sendo neste contexto acrescidas 17 novas, entre elas a de Manaus. Mas em termos de produção de Prelados, o Nordeste/Norte se tornou o primeiro durante esse mesmo recorte histórico, com 38 Prelados, que perfaz 48% da totalidade²⁴³. Desses 38, apenas um nasceu no Pará, com Dom Frederico Costa que foi o segundo Bispo de Manaus; por isso, compreendemos o Nordeste como celeiro de romanização. Considerando a expansão da estrutura eclesiástica como a principal estratégia do Episcopado brasileiro, temos a primeira expressão desse projeto com a concessão de Leão XIII para a Igreja do Brasil, criando as primeiras novas Dioceses antes de terminar o século XIX.

Dentre as novas Dioceses, está a da Paraíba, onde nasceu Dom Joffily, o terceiro Bispo de Manaus. A Diocese da Paraíba, nasceu no mesmo ano que a de Manaus, 27 de abril de 1892, pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesia*, de Leão XIII. Dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique, foi nomeado seu primeiro Bispo, ele que tornando-se um dos grandes influenciadores e formadores de novos Prelados, aspecto esse favorecido pelo longo tempo de seu Episcopado, de 1894 a 1935. A Diocese de Natal, criada em 1909, foi desmembrada da Paraíba, e, ambas se tornaram sufragâneas da Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1910. Em 1914, foi criada a Diocese de Cajazeiras pela bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum*, do Papa Pio X, e pela mesma bula a Diocese da Paraíba foi elevada à Arquidiocese, e o próprio Dom Adauto se tornou seu primeiro Arcebispo²⁴⁴. A necessidade de firmar a Igreja na região, em tempo de República e diante das ameaças dos crescentes

²⁴¹ MACIEL, Elisângela. **Dom João Irineu Joffily e o enraizamento da romanização na Diocese de Manaus (1916-1924)**. Rever: Revista de Estudos da Religião. vol. 1. n. 1, 2021, p. 140-141.

²⁴² Ibidem. 2021, p. 140.

²⁴³ Dados foram extraídos dos quadros de Sérgio Miceli (2009, p. 61-62.79). Na presente análise, foram somados aos dados do desmembramento na Bahia, que o referido autor descreve separadamente.

²⁴⁴ Site da Arquidiocese da Paraíba. Disponível: <https://arquidiocesepb.org.br/>. Acesso em: 09 de abr. 2019.

desvios do Catolicismo em várias localidades do Nordeste, revelam a rápida expansão da estrutura eclesiástica na Paraíba.

Dom Adauto²⁴⁵, era paraibano e “filho, neto e bisneto de senhores de engenho, o que deixou marcas profundas na sua personalidade”²⁴⁶, se tornou um dos prelados mais influentes, incorporando bem o sistema de estadualização proposto pela elite eclesiástica, que estava pautado nas “linhas de força que presidiram à montagem do pacto oligárquico”²⁴⁷. Seguindo esse modelo, segundo Miceli, cada estado brasileiro foi brindado com pelo menos uma Diocese, uma estrutura com sistema interno de governo, se articulando com o poder civil. Dom Adauto, com uma gestão que durou 41 anos, expandiu sua esfera de influência e “extravasou as fronteiras do estado, estendendo-se a todo Norte-Nordeste, tendo logrado indicar seus auxiliares de confiança para Piauí, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Amazonas”²⁴⁸. Entre os apadrinhados de Dom Adauto, está o paraibano Dom João Irineu Joffily que foi nomeado para Manaus, sagrado em 1915.

A quarta Diocese que nos brindou com um Prelado foi a da Bahia. A Diocese foi criada em 25 de fevereiro de 1551 pela bula *Super Specula Militantes Ecclesiae* do Papa Júlio III. Em 1776 pela bula *Inter Pastoralis Officii Cura*, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana²⁴⁹. Entre os Arcebispos que conduziram a Sé Primacial de Salvador, destacamos: Dom Romualdo Antônio de Seixas (1827-1860); Dom Antônio de Macedo Costa (1890-1891) e Dom Jerônimo Tomé da Silva (1893-1924). Os três Prelados se destacaram por reformas empreendidas e pela luta para firmar o Episcopado brasileiro, também se tornando patronos de outros prelados. Em linha direta, Dom Jerônimo apadrinhou Dom Manoel Gomes de Oliveira, baiano, que se tornou Arcebispo do Ceará (1914-1941), que por sua vez apadrinhou outro baiano, Dom Basílio, sagrado em 1925 para ser o quarto Bispo de Manaus.

O rápido crescimento do número de Dioceses no Nordeste se justifica pela necessidade de formar um cinturão de proteção e ao mesmo tempo uma frente de avanço e retomada de

²⁴⁵ Sua formação eclesiástica foi europeia, cursou Humanidades no Seminário S. Sulpício, em Paris (1875-76), fez o Curso Superior de Teologia e o Doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma (1877-82). A primeira tonsura ocorreu em 1877, pelas mãos de D. Vital, e a ordenação em 1880. De volta ao Brasil em 1882, exerceu a função de professor no Seminário de Olinda até 1894, quando foi sagrado e tomou posse da Diocese da Paraíba. FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização: a implantação da Diocese da Paraíba (1894/1910)**. João Pessoa: UFPB, 2015, p. 72.

²⁴⁶ Ibidem, 2015, p.71.

²⁴⁷ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.65.

²⁴⁸ Ibidem, 2009, p.65.

²⁴⁹ Site da Arquidiocese de Salvador. Consulta realizada em 09 de abril de 2019.

áreas consideradas contaminadas por desvios no Catolicismo. Os Bispos nordestinos, nomeados para o Amazonas, estão inseridos no projeto do Episcopado brasileiro que enraíza a romanização utilizando estratégias de articulação com as elites locais, e estabelecendo estreitos laços entre si, funcionando como uma grande rede de conexões que era difusora das diretrizes da Santa Sé.

1.1.Dom João Irineu Joffily²⁵⁰ (1916-1924): o bispo educador

Dom João Irineu Joffily era filho da Paraíba, nascido em Campina Grande a 24 de maio de 1878, seus pais foram Irineu e Rachel Joffily²⁵¹. Sua família “era fruto de um consórcio entre poderosos interesses econômicos associados à linhagem materna e um apreciável capital social e cultural amealhado pelo pai”²⁵². A trajetória do pai, herdeiro de fortuna proveniente dos ancestrais proprietários de engenho, passa pela advocacia, colaboração com a imprensa e na carreira política, como deputado provincial, com atuação inclusive pelo Partido Católico. Por seu ingresso e atuação como liderança católica leiga, seu filho mais velho, que, fora ordenado, rapidamente galgou carreira eclesiástica, chegando ao Episcopado, que segundo Miceli, fato ocorrido em homenagem à relevante contribuição de seu pai aos interesses da Igreja.

O jovem João se tornou sacerdote aos 22 anos, em 1901, e foi sagrado em 1915, aos 36 anos. Coursou o seminário no Colégio Diocesano de Olinda, sendo conclusos os estudos na Paraíba. Como padre, assumiu a direção do Colégio Santo Antônio em Natal, em 1903, fato que marcou sua trajetória no meio educacional. Tornou-se cônego em 1905, e em 1908, assumiu a direção do Colégio Pio X, na Paraíba, já como monsenhor, cuja administração levou a instituição ao reconhecimento de um dos primeiros educandários do país. Ganhou do Papa Pio X o título de *Antistite Urbano*, em 1914, por sua dedicação à educação²⁵³.

²⁵⁰ Foi ordenado sacerdote a 17 de fevereiro de 1901. Sagrou-se a 13/VI/1915, no Recife. A 25/III/1924 foi transferido para a sede de Belém e tomou posse a 23/I/1925. Renunciou a 1º de julho de 1931, retirando-se para o Rio de Janeiro, onde ficou muito tempo como capelão do Mosteiro da Ajuda. Faleceu em 25/IV/1950 no Asilo de São Luís. Arquivo Particular de Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Apud, Vitor Hugo. **Desbravadores**. a história eclesiástica no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia. Amazonas: Missão Salesiana de Humaitá. 1959.

²⁵¹ **A Imprensa, 10 de junho de 1915**. Acervo Cúria de Manaus.

²⁵² MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p,71.

²⁵³ BRAGA, Genesino. **Dom Frederico Costa**. Manaus: Academia Amazonense de Letras. P, 7. Acervo Cúria de Manaus, 1915.

Como um apadrinhado de Dom Adauto Henriques, monsenhor João foi nomeado Bispo do Piauí em 1914, mas recusou. Pouco tempo depois, a 10 de junho de 1915, recebeu nova nomeação e dessa vez a recusa não foi aceita, sendo sagrado Bispo auxiliar de Olinda, e titular de Sufétula, na Tunísia. A 16 de julho de 1916, se deu a nomeação, pelo Papa Bento XV, para ser o terceiro Bispo da Diocese de Manaus. O Bispado de Manaus, encontrava-se em vacância desde 1913, após a saída de Dom Frederico, indício de que era grande a expectativa pela chegada do novo Bispo. A tomada de posse se deu a 2 de dezembro. O noticiário assim registrou: “o novo prelado amazonense é um dos mais ilustres sacerdotes da presente geração”²⁵⁴.

Dom João Irineu Joffily, foi preparado em cada etapa de sua formação para incorporar o quadro do Episcopado, todos os indícios apontam para isso, não só pela posição privilegiada que sua família ocupava, como também se percebe na aproximação e acompanhamento de Dom Adauto dos passos dados por aquele que demonstrava desde cedo ser um candidato promissor para as estratégias de estadualização da Igreja²⁵⁵. Dom Adauto o tornou Cônego e posteriormente monsenhor, e o nomeou para diretor do Colégio Pio X, que era um dos centros estratégicos para a formação de novos quadros católicos²⁵⁶. Com Dom Joffily, Dom Adauto estendia sua influência por todo o Norte, pois dois de seus apadrinhados ocupavam as mitras de Belém e de Manaus.

Por Decreto Apostólico, de 1º de julho de 1913²⁵⁷, ficou estabelecido que a Administração Apostólica da Diocese ficaria a cargo de Dom Santino Maria da Silva Coutinho, Arcebispo de Belém²⁵⁸, que era o outro afilhado de Dom Adauto. Submetido a ele, ficou como governador do Bispado de Manaus o Cônego João Dias Bento da Cunha, “ambos gozando de todos os direitos, honras e faculdades de Bispo diocesano para governarem até a nomeação de um novo Bispo para esta diocese”²⁵⁹. Em 1914, Bento da

²⁵⁴ **Estado do Pará**, 29 de abril de 1916. Acervo Cúria de Manaus.

²⁵⁵ MICELI, Sérgio. 2009, p. 66-73.

²⁵⁶ Tudo indica que Dom Adauto também esteve direta ou indiretamente ligado à primeira nomeação do padre João Irineu Joffily para a direção do Colégio Diocesano de Natal em 1903. Informações extraídas do jornal **Folhas do Norte**, 6 de abril de 1920.

²⁵⁷ O **Decreto Apostólico de Pio X** se deu a 1 de julho de 1913 e no Ofício de Dom Santino ao cônego João Bento de 19 de março de 1914, ele registra a responsabilidade que foi dada aos dois para dirigirem a Diocese de Manaus durante a vacância.

²⁵⁸ Dom Santino permaneceu como Administrador da Diocese até 1916. **Suplemento de A Reação**, março de 1946, p. 30. Dom Santino foi arcebispo do Pará de 1907 a 1923, quando foi transferido para a arquidiocese de Maceió, sendo sucedido por Dom Joffily. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 74.

²⁵⁹ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 203.

Cunha foi substituído pelo monsenhor Antero José de Lima²⁶⁰, que ficou como governador da Diocese até a chegada do novo Bispo.

Dom Santino, na condição de Administrador Apostólico, esteve em Manaus, e permaneceu durante vários meses no ano de 1914; ao se despedir, ficaram as seguintes determinações²⁶¹: confirmação do Monsenhor Antero de Lima como Vigário Geral do Bispado, e no seu impedimento seria substituído por Monsenhor Luiz Gonzaga de Oliveira; nomeação de comissão para zelar pelas finanças e pelos interesses do patrimônio da Diocese²⁶²; todas as procurações foram revogadas, em nome dele e da Santa Sé e o secretário do Bispado se fará presente todos os dias atendendo na Catedral, os assuntos pertinentes à Cúria Episcopal. A conexão se manteve estreita entre Dom Santino e monsenhor Antero de Lima. As atividades da Diocese foram mantidas em curso, as associações religiosas permaneceram acompanhadas, estando em sintonia com seus padres e submetidas à apreciação do administrador apostólico, quando fosse necessário. A liturgia era celebrada com regularidade²⁶³.

A Irmandade do Santíssimo Sacramento foi encarregada, por Bento da Cunha, Vigário da Catedral, de cuidar dos preparativos para a chegada do terceiro Bispo de Manaus. A solenidade deveria expressar alegria, fervor e gratidão, após o longo período de espera pelo novo Pastor da Diocese, e “entre os preparativos que a Irmandade deveria providenciar para a recepção estavam: a ornamentação da praça, a escolha do repertório a ser tocado pela banda de música e a distribuição dos convites”²⁶⁴. O novo Bispo assumia com a responsabilidade de dar andamento à organização da Diocese, que tivera seu crescimento freado pelas crises enfrentadas pelo Bispado e pela crise econômica que continuou a ser sentida durante todo o seu governo.

Em sua Carta de saudação à Diocese, falou das chagas sociais, lembrando Leão XIII em sua análise sobre as questões sociais e a responsabilidade que a família cristã tem no mundo. Falou do clamor pela paz, expresso nas palavras de Bento XV, e manifestou a alegria pela missão recebida: “somos hoje vosso Bispo e isso vale dizer que iremos exercer

²⁶⁰ Em reunião da Irmandade do Santíssimo, estes já se referem a Dom Antero José de Lima como governador do Bispado. **Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento**. 21 de junho de 1914.

²⁶¹ Agradecimentos e determinações foram feitos na despedida do administrador apostólico. **O Tempo**, 8 de maio de 1914. Acervo Cúria de Manaus.

²⁶² A comissão foi composta pelo cônego Bento da Cunha pelos coronéis Bernardo de Azevedo da Silva Ramos e Elias Thomé de Souza. Ibidem, 1914.

²⁶³ **Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento**. 24 de agosto de 1916.

²⁶⁴ MACIEL, Elisângela. Op. Cit. 2014, p, 204.

as nobilíssimas funções de Pastor, pai, Juiz e Doutor nessa circunscrição que constitui a nossa Diocese amada”²⁶⁵. Finalizou, falando da responsabilidade da família cristã na transmissão da fé. Dom Joffily chegou a Manaus sete meses depois de sua sagração, recebendo suas novas funções das mãos de Dom Santino. Ao tomar posse confirmou o monsenhor Antero de Lima como Vigário Geral da Diocese²⁶⁶. Em nova carta, já escrita em Manaus, dirigiu sua gratidão a todos pela acolhida:

As provas de tanta fidalguia prestadas espontaneamente ao vosso humilde bispo obriga-nos o coração a duradoura gratidão e despertam-nos a mais viva confiança na exposição justa e sincera que, no cumprimento de um dever, devemos fazer a todos vós do estado desta diocese cometida à nossa administração.²⁶⁷

Quando Dom Joffily chegou a Manaus, era o momento da retração da economia gomífera. Segundo Dorinethe Bentes “a partir de 1915 a crise econômica se apresentava de forma mais dramática”²⁶⁸, pois empresas se mudavam ou faliam, a elite abandonava seus casarões, e a população dos arrabaldes crescia, ampliando a cidade. Assim, “enquanto a elite debandava do centro da cidade, as classes menos favorecidas eram atraídas para Manaus em busca de melhores condições de vida, uma vez que os seringais não ofereciam mais condições de sobrevivência”²⁶⁹.

Somada à conjuntura da crise da borracha, a Primeira Guerra Mundial elevou os preços, e “na Amazônia os efeitos da guerra foram devastadores, uma vez que agudizaram a crise local existente com a retração ainda maior do consumo da borracha pelas indústrias europeias”²⁷⁰, como nos narra Maria Luiza Pinheiro. Segundo a autora, Manaus encontrava-se na carestia, o preço elevado do pão mensurava a difícil situação da cidade em 1917. Esse era o cenário de crise que se alastrava, atingindo também as finanças da Diocese, que já estava fragilizada com muitas dívidas oriundas da administração de seu antecessor.

²⁶⁵ A Carta foi escrita ainda na Paraíba em 1º de novembro de 1916. **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 32.

²⁶⁶ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 204.

²⁶⁷ JOFFILY, Dom João Irineu. **A seus Diocesanos**. Manaus, 6 de janeiro de 1917, p. 1.

²⁶⁸ BENTES, Dorinethe dos Santos. **Manaus: outras faces da história (1910-1940)**. Manaus: Rego, 2014, p.42.

²⁶⁹ Ibidem, 2014, p.45.

²⁷⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. Manaus: EDUA, 2015, p.80.

Era tal o problema financeiro do Bispado que até o Seminário São José havia fechado por falta de recursos. Três anos o separavam do seu antecessor e havia muito a organizar. Uma das primeiras ações foi verificar as dívidas, procurando resguardar o patrimônio e cuidar da renovação “do espírito religioso da Diocese”²⁷¹, com muito empenho e uma “oratória persuasiva”²⁷². Dom Joffily precisava colocar tudo de volta aos trilhos e dar continuidade à sedimentação do Bispado, refazendo ou aprofundando relações, ajustando ou ampliando ações eclesiais, atendendo aos anseios da população e do Episcopado²⁷³.

Dom Joffily procurou logo se inteirar do histórico do Bispado e de sua real situação financeira. Se deparou com um quadro crítico de desorganização da Diocese, que só não estava pior devido ao esforço do administrador apostólico Dom Santino Coutinho, que conseguiu empréstimo no Rio de Janeiro para a Diocese continuar caminhando²⁷⁴. Esse ônus herdou Dom Joffily, que ao longo dos seus oito anos de administração procurou equilibrar as finanças do seu Bispado. O equilíbrio parcial alcançado ao final de sua administração, foi resultado, em boa medida, de sua bagagem de relações eclesiais e políticas.

Dom Joffily optou pelo esclarecimento, por meio de Carta Pastoral, a todos os diocesanos, solicitando a colaboração para o auxílio à Diocese, pois a causa não era só do Bispo, mas de todos. Expressou seu desejo de salvar a Diocese, afirmando: “temos a ânsia de fazê-la grande, dotá-la de maior clero, enriquecê-la de instituições que lhe possam trazer benefícios de ordem moral e intelectual, mas para isso é condição precípua libertá-la quanto antes da pesada dívida que a oprime e ameaça de nova vacância”²⁷⁵. A Carta, apresenta o temor de que a Diocese não conseguisse se manter erguida, por isso, representou um verdadeiro apelo em prol de união por sua proteção.

As palavras do Bispo, “ameaça de nova vacância”, causaram impacto, talvez de forma proposital, expressando o seu próprio temor, mas especialmente chamando todos à responsabilidade. Ele acabara de chegar, e acenar com o risco de uma nova vacância era dizer que a Diocese não tinha condições de se sustentar, portanto, havia perigo real para sua existência. A Bula de criação fala claramente que a base financeira é uma das questões

²⁷¹ **Suplemento de A Reação**, março de 1946, p. 31.

²⁷² *Ibidem*, 1946, p. 31.

²⁷³ MACIEL, Elisângela. **Dom João Irineu Joffily e o enraizamento da romanização na Diocese de Manaus (1916-1924)**. *Rever: Revista de Estudos da Religião*. v.21. n. 1. 2021, p. 144.

²⁷⁴ JOFFILY, Dom João Irineu. **A Seus Diocesanos**. Manaus, 6 de janeiro de 1917, p. 2.

²⁷⁵ JOFFILY, Dom João Irineu. **A Seus Diocesanos**. Manaus, 6 de janeiro de 1917, p. 3.

vital para o funcionamento, e era função dos Bispos a tarefa de conseguir os subsídios necessários, lembrando a subordinação da Diocese à Santa Sé também nas questões patrimoniais²⁷⁶.

Os jornais revelavam as expectativas em torno do Bispo, e as impressões deixadas por ele no contato com todos os grupos sociais. Em seu primeiro aniversário passado em Manaus, *A Tribuna Religiosa* demonstrou seu carinho falando da humildade de Dom Joffily e de como atraía “um círculo tão intenso de simpatias que o faz um ídolo entre os fiéis”²⁷⁷, como também ocorreu quando atuou em Pernambuco. Em outubro de 1917, ao se ausentar em viagem ao sul do país, foi cercado pelas autoridades locais e por fiéis²⁷⁸, e o jornal *A Imprensa* assim o registrou como grande orador e um firme administrador, “Dom J. Joffily alia a esses excelentes predicados a mais sugestiva gentileza, que o põe em contato com todas as classes respeitáveis do nosso meio social e o coloca entre os mais notáveis prelados brasileiros”²⁷⁹.

Esses “excelentes predicados” dos quais fala *A Imprensa*, são atributos da elite eclesiástica que foi se consolidando durante o período da Primeira República, da qual Dom Joffily é um membro característico, portador de intelectualidade e habilidades políticas, estando em sintonia com a rede de relações e ações apontadas e desenvolvidas pelo Episcopado brasileiro. As notícias dos jornais nos indicam que o movimento de aproximação entre o poder eclesiástico e a elite local, se dava dos dois lados, como por exemplo na ocasião das viagens do Bispo pelas saudações que lhe eram oferecidas, entre elas do governo²⁸⁰, e os muitos registros sobre o Bispo e suas orientações e determinações, noticiadas pelo jornal *A Imprensa*, órgão da administração do Estado, como se pode perceber nas referências utilizadas desse jornal ao longo deste capítulo²⁸¹.

²⁷⁶ **Bula Ad Universas Orbis Ecclesias** - Do Santíssimo Senhor Nosso Papa Leão XIII. Da nova sagrada hierarquia a ser criada no Brasil. Roma, 1892, aos 27 de abril.

²⁷⁷ **A Tribuna Religiosa**, Olinda – PE, 24 de maio de 1917.

²⁷⁸ Em 1917, a viagem de Dom Joffily ao Rio de Janeiro reuniu em torno um Bispo um aglomerado de pessoas, tanto na ida quanto no retorno, demonstrando o apreço pelo Bispo, o desejo de que os laços sejam estreitados com outras regiões do país, e a alegria por seu retorno a Manaus. **A Imprensa**, 30 de outubro de 1917.

²⁷⁹ **A Imprensa**, 29 de outubro de 1917.

²⁸⁰ *Ibidem*, 22 de maio de 1921.

²⁸¹ O jornal *A Imprensa* foi inaugurado em 1916, inicialmente como órgão independente, mas a partir de abril de 1917 passou a ser instrumento do Partido Republicano do Amazonas, liderado por Pedro de Alcântara Bacellar, após a união das facções Nery e Pedrosa. SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. 1985, p. 43.

No ano de 1918 ocorreu o falecimento do Cônego Bento da Cunha, e para substituí-lo, foi nomeado o Cônego José Tomás de Aquino Menezes. No mês de setembro, procedeu-se à definição dos novos limites da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, levando em consideração o aumento populacional, ficando assim estabelecido para os limites com Remédios: seguirá pela rua Dr. Moreira, pela Praça da Constituição e a avenida 13 de Maio, terminando no encontro com a avenida 10 de Julho, sendo os números ímpares para Nossa Senhora da Conceição. Os limites com São Sebastião não foram modificados. O bairro de Flores ficou com Conceição, além de toda a rua Costa Azevedo²⁸². O Cônego Tomás de Aquino deu continuidade às obras da Sé, iniciadas por seu antecessor, que se estenderam até 1922.

Dentre os desafios enfrentados em sua administração esteve o surto de gripe espanhola, de outubro de 1918 a junho de 1919. Manaus passara por novo crescimento populacional, dessa vez oriundo da crise da borracha que impelia os trabalhadores dos seringais para a capital, como ocorreu no êxodo de 1914 a 1915²⁸³. Dessa forma, os aglomerados iam se localizando nos bairros mais afastados do centro da cidade, como Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado, localidades consideradas no discurso médico como uma colônia de enfermos miseráveis²⁸⁴. Segundo Rosineide Gama “em 1918, a população de Manaus se encontrava à beira de um colapso no sistema sanitário”²⁸⁵, e de março desse ano as notícias nos jornais falavam, além do impacto da Guerra Mundial, “de uma epidemia que grassava o mundo”²⁸⁶.

A 9 de outubro de 1918 já se noticiava mais de três mil infectados no Pará, e no dia 22 do mesmo mês já se registravam casos em Manaus, a contaminação chegara no vapor Valparaíso. No dia 29, o Conselho Sanitário de Manaus discutiu as medidas proibitivas, entre elas a comemoração do Dia dos Mortos, cancelamento de jogos e visitas a hospitais. Desta reunião saiu uma comissão para dialogar com as autoridades eclesiásticas sobre os

²⁸² O Cônego Bento da Cunha faleceu a 27 de abril de 1918, e o Cônego Tomás de Aquino a 1º de maio. MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). 2012, p.105-106.

²⁸³ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001, p 25.

²⁸⁴ Relatório da Assistência Médica Municipal aos habitantes dos bairros de Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado. (Dr. José Francisco de Araújo Lima) anexo ao relatório apresentado a Intendência Municipal de Manaus pelo Superintendente Dorval Pires Porto, na Sessão Ordinária de /02/1915. Apud. COSTA, Francisca Deusa Sena da. **Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: trabalhadores urbanos em Manaus**. 1890-1915. 2014, p, 137.

²⁸⁵ GAMA, Rosineide de Melo. **Dias Mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, 2013, p, 34.

²⁸⁶ Ibidem, 2013, p, 34.

festejos religiosos daquele período²⁸⁷. A 17 de novembro foi criado o Comitê da Salvação Pública, composta pelo governador, pela Associação Comercial e pelo Clero, que ficaram responsáveis pela criação de postos de assistência aos enfermos²⁸⁸.

De acordo com a mensagem do governador Pedro Bacellar, entre novembro e dezembro, o surto se intensificou, gerando pânico, levando muitos a óbito, além de haver dificuldade para transportar os corpos, um período “doloroso momento, doloroso e indescritível”²⁸⁹. O número de mortos chegou a 858. E, quando parecia superada a crise, novos casos apareceram ao longo dos primeiros meses do ano de 1919, no interior e na capital, sendo o Instituto Benjamin Constant um dos últimos lugares a se ter registro da doença, onde atingiu 143 alunas e sete Irmãs.

Dentro ainda desse panorama que envolve a vida sanitária, mas entrelaçada com a vida religiosa, encontramos em 1919, a visita pastoral a Paricatuba²⁹⁰, onde também ficava localizada a Casa de Detenção. Dom Joffily levou consigo o Frei Domingos Anderlini, da Paróquia de São Sebastião. Os dois permaneceram na localidade de 21 a 25 de março. Diariamente celebraram missas e conduziram a reza do terço, com confissões sendo atendidas pelo frei, e alguns presidiários receberam o crisma das mãos do Bispo. Em atendimento ao pedido dos presos, foi determinado que um sacerdote passaria a celebrar missa uma vez por mês no local²⁹¹.

No aniversário do Prelado, em 1919, o jornal *A Imprensa* registrou o afeto dos fiéis por seu Bispo, falando de sua bondade, virtude e amor paternal, referindo-se a ele como “um verdadeiro cristão, um bom, um justo, um pai dedicado e um espírito esclarecido”²⁹². Segundo esse registro, muitos foram homenagear o Bispo, exaltando-o, demonstrando admiração, com preces e com votos de felicidade por parte dos fiéis. Neste mesmo ano, foi criado, por solicitação do Bispo, o *Boletim Paroquial*, que ficou, inicialmente, sob a administração dos padres, com o objetivo de promover maior participação nas celebrações.

²⁸⁷ Ibidem, 2013, p, 40-41.

²⁸⁸ Ibidem, 2013, p, 58.

²⁸⁹ Mensagem lida na Assembleia Legislativa na abertura da 1ª Sessão Ordinária da Décima Legislatura, pelo Exmo. Sr. Governador Pedro de Alcântara Bacellar, 10/07/2019.

²⁹⁰ Paricatuba saiu da administração estadual para a federal em 1923. Em 1925 Dr. Samuel Uchoa, via jornal, apresenta a doação de Paricatuba para a construção do Leprosário, e fala do início das reformas. O Leprosário de Paricatuba entrou em vigor na década de 1930. CABRAL, Adriana Brito Barata. **De Lazarento a Leprosário: políticas de combate a lepra em Manaus (1921-1942)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. 2010.

²⁹¹ *A Imprensa*, 27 de março de 1919. Acervo Cúria de Manaus.

²⁹² Ibidem, 25 de maio de 1919.

A distribuição do *Boletim Paroquial* ocorria todo domingo²⁹³, de forma gratuita, “servindo também de instrumento de comunicação entre a Diocese e os fiéis”²⁹⁴.

Esse projeto teve sucesso, sendo de grande colaboração para a vida cristã nos anos seguintes, segundo o jornal *A Reação*, Esse sucesso se verifica pela circulação semanal e pela duração que teve o *Boletim Paroquial*. Era um pequeno jornal composto de 4 páginas e estava estruturado para iniciar sempre com o Evangelho do domingo e a reflexão sobre ele, depois ficava dividido em sessões que traziam notas e mensagens eclesiais e uma parte com perguntas e respostas. A partir dele, dá para sentir algumas das inquietações e preocupações que rondavam o Bispado e os tons de espiritualidade ali empregados, com temáticas, na década de 1920, que giravam em torno de: protestantismo e seitas; transubstanciação; batismo e confissão; Bíblia; Missa; namoro; moda; entre outras²⁹⁵.

A década de 1920 se apresentou ainda mais agravante, acentuando a crise no mercado da borracha e a aceleração do êxodo, que movimentava os trabalhadores dos seringais rumo a Manaus. Segundo Eloína Santos, “essa população, regra geral, era composta de elementos de baixo nível de renda, caboclos empobrecidos e cearenses que vinham para a cidade, à procura de melhores condições de vida”²⁹⁶. As feições da cidade se modificavam, com a diminuição das atividades econômicas e alta de preços de vários produtos, sem contar que eram os anos pós-guerra, e “a queda dos preços da borracha marginalizava a Amazônia, empobrecendo cada vez mais as oligarquias que dominavam a região”²⁹⁷.

Somada à crise econômica estava a crise política. O Amazonas não ficou fora dos esquemas oligárquicos da Primeira República. As facções se confrontavam e se revezavam no exercício do poder, com intervenção recorrente do governo central. No período de 1920 a 1924, o governo do Estado ficou a cargo de Rego Monteiro, que venceu como candidato da situação. Ao mesmo tempo que o governador questionava a indiferença e descaso do poder central com as dívidas do Estado, procedeu a distribuição da família Rego Monteiro na condução dos municípios, que levou a novas divergências com as facções Nery e

²⁹³ O primeiro número do *Boletim Paroquial* circulou no dia 12 de outubro de 1919. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 102.

²⁹⁴ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 206.

²⁹⁵ Já na minha última fase de pesquisa, para coletar os últimos dados para os últimos capítulos, consegui finalmente encontrar alguns exemplares do *Boletim Paroquial* que na época da dissertação pude apenas saber de sua existência por outros documentos. Encontrei exemplares de 1924 a 1925 e de 1946 a 1948.

²⁹⁶ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001, p.26.

²⁹⁷ Ibidem, 1985, p. 31.

Antony²⁹⁸. Segundo Monteiro, devido à oligarquia reinante, os cofres da Igreja e do funcionalismo público estavam vazios, “sangrando do por uma política nefasta de calote eterno”²⁹⁹. As tensões aumentaram quando Manaus passou a ser um dos focos da ação da rebelião, em 1924, oriunda da ação dos tenentes, que colocou o tenente Ribeiro Junior como administrador do governo, prometendo, entre outras pautas, acabar com a corrupção presente nas últimas décadas, e de forma particular, a fase intensificada com a família Rego Monteiro³⁰⁰. Quando Manaus foi palco de um foco da rebelião, a Diocese já se encontrava em vacância.

Diante desse cenário, a Igreja de Manaus se mobilizava para atender a sociedade diante da realidade que se apresentava, ao mesmo tempo em que buscava alternativas para sair da sua própria crise financeira e extrair do governo a continuidade de parcerias que ajudassem a fortalecer seus projetos. As viagens para o sul são exemplos na busca de ajuda para o pagamento das dívidas do Bispado, como a viagem realizada em 1920 registrada pelo *Folhas do Norte*³⁰¹. Em reconhecimento pelos esforços de Dom Joffily, por ocasião de seu aniversário, em 1921, o jornal *A Imprensa* ressaltou sua administração frente à Diocese, como defensor da Igreja³⁰².

Dentre as ações do Bispo, marcou a vida da Diocese sua dedicação como motivador da vida cristã, e como o Bispo educador, pois para ele “a educação, concordando com seus predecessores e com as diretrizes papais, era a base da sociedade e começa na família”³⁰³. Essa preocupação é perceptível nos projetos educacionais desenvolvidos na Diocese. Em 1918³⁰⁴, já em sua administração, foi colocado em prática o projeto da escola Gratuita de Nossa Senhora da Divina Providência, anexa ao Ginásio Santa Dorotéia. Em 1921, foi

²⁹⁸ Pedro de Alcântara Bacellar, rompeu com a facção Nery e promoveu a candidatura de Rego Monteiro, recorrendo à força do poder central. Ibidem, 1985, p, 45-49.

²⁹⁹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). Manaus: Edições Muiraquitã, 2012, p.107.

³⁰⁰ A rebelião em Manaus, foi fruto da estratégia dos tenentes que se dividiam para atuarem nos Estados, e levar um maior envolvimento dos mesmos para a consolidação dos seus objetivos. Para Manaus se dirigiram o tenente do exército Joaquim de Magalhães Barata e o tenente da armada José Becker Azamor. Alfredo Augusto Ribeiro Junior, 1º tenente, assumiu o controle após a tomada de poder, de 24 de julho a 28 de agosto de 1924, quando chegaram a Manaus as Forças do Destacamento do Norte. SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001, p, 61-92.

³⁰¹ Viagrou a bordo do ‘Florianópolis’ na companhia do Prelado Barrat e o padre Bento Gomes. **Folhas do Norte**, 6 de abril de 1920. Encontrei outra viagem para o sul em 1917. **A Imprensa**, 18 de julho de 1917.

³⁰² **A Imprensa**, 24 de maio de 1921.

³⁰³ MACIEL, Elisângela. Op. Cit., 2014, p.206.

³⁰⁴ A Escola foi fundada em 19 de março de 1918. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

aberto o internato, e em 1924, o Ginásio passou também a abrigar um núcleo da Pia União das Filhas de Maria³⁰⁵, para o auxílio na catequese.

Apostando na educação como instrumento de organização e crescimento da sociedade, o que já mostrara ser uma de suas características mesmo antes de chegar a Manaus. Continuador do projeto de civilização católica, que tem como um dos pilares a educação, abriu as portas de Manaus para a Congregação Salesiana implantar o Colégio Dom Bosco, com o objetivo de educar os meninos, em 1921, sendo o primeiro passo a implantação do oratório festivo³⁰⁶. O Colégio passou a atender tanto a elite em formação, quanto aos mais carentes, por meio de cursos profissionalizantes, ofertados aos filhos de operários³⁰⁷.

Foi com Dom Joffily que a Diocese ganhou mais uma instituição religiosa, com o perfil que se afinava ainda mais com o espírito da romanização. Foram os salesianos imbuídos da missão de implantar nos corações jovens a mensagem de doação de Dom Bosco para a construção de uma sociedade mais cristã. Assim, com o empenho do Bispo, foi criado o Colégio Dom Bosco, cedendo inclusive sua própria residência episcopal para que abrigasse a escola e a capela.³⁰⁸

A partir de 1923, o Colégio Dom Bosco passou a funcionar também como internato, ampliando seus serviços e se tornando uma instituição de ensino “de primeira ordem no Estado, está talhado para preparar a futura geração amazonense em novos sentimentos, de civismo e patriotismo, pelo cultivo de sua inteligência nos ensinamentos da fé cristã”³⁰⁹. Durante seu Bispado, os salesianos também passaram a auxiliar as Filhas de Sant’Ana, no atendimento ao Instituto Benjamin Constant, assumindo também as capelas de Nossa Senhora Auxiliadora e a militar³¹⁰, além de administrarem a Prelazia do Rio Negro. Sem dúvida, a obra salesiana se tornou uma das grandes heranças de Dom Joffily para Manaus.

O *Boletim Paroquial* apresentou dados sobre a administração dos sacramentos no ano de 1923, destacando a capital e alguns municípios. Confissões: Manaus, 31.673; Manicoré, 1513; Lábrea e Floriano Peixoto, 464; Itacoatiara e Borba, 403, e Humaitá, 185. Confissões de Enfermos: Manaus, 1706; Manicoré, 8; Lábrea e Floriano Peixoto, 19; Itacoatiara e

³⁰⁵ A implantação foi em 2 de outubro de 1924. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

³⁰⁶ O Oratório Festivo foi implantado a 7 de agosto e o Grêmio a 28 de agosto de 1921. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p, 103.

³⁰⁷ As aulas noturnas para os operários foram iniciadas em 14 de setembro de 1921. Ibidem, 1952, p, 103.

³⁰⁸ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p, 206.

³⁰⁹ **A Imprensa**, 29 de setembro de 1924.

³¹⁰ Suplemento de **A Reação**, 1946, p, 183.

Borba, 5, e Humaitá, 6. Comunhões: Manaus, 82.000; Manicoré, 2.948; Lábrea e Floriano Peixoto, 266; Itacoatiara e Borba, 473, e Humaitá, 95. Primeira Comunhão: Manaus, 991; Manicoré, 44; Itacoatiara e Borba, 28, e Humaitá, 15. Extrema Unção: Manaus, 604; Manicoré, 5; Lábrea e Floriano Peixoto, 4; Itacoatiara e Borba, 23; Humaitá, 3. Batismo: Manaus, 2.455; Manicoré, 270; Lábrea e Floriano Peixoto, 741; Itacoatiara e Borba, 586, e Humaitá, 270. Casamentos: Manaus, 209; Manicoré, 20; Lábrea e Floriano Peixoto, 61; Itacoatiara e Borba, 46, e Humaitá, 49³¹¹. Esses dados nos fornecem, também, a movimentação social, pois a Igreja apresentava registros de vida, morte e casamentos ocorridos sob sua responsabilidade. Observa-se, assim, a movimentação de procura pela Igreja.

Suas Visitas Pastorais percorreram Janauacá, Lábrea e localidades nos rios Solimões e Madeira³¹². Dom Joffily foi o primeiro bispo a visitar Porto Velho, acompanhando-lhe na visita, mais uma vez, frei Domingos Anderlini³¹³. Durante sua administração foram criadas as Prelazias do Alto Acre e Alto Purus, em 1919, confiada aos Servos de Maria. Em 1925, já em período de vacância, mas como resultado das negociações anteriores, foram criadas: a Prelazia de Porto Velho, confiada aos Salesianos; a Prelazia do Alto Purus, com sede em Lábrea, que ficou com os Agostinianos Recoletos, e a Prelazia do Rio Negro, permanecendo com os Salesianos.

Sobre o Alto Juruá e Alto Tarauacá³¹⁴ foi realizado um acordo entre a Prelazia de Tefé e a Diocese do Amazonas³¹⁵, em consonância com a Santa Sé e a Nunciatura Apostólica, ficando Monsenhor Miguel Alfredo de Barrat, Administrador Apostólico de Tefé, responsável pelas duas regiões, mediante as seguintes condições: designar padres para as

³¹¹ **Boletim Paroquial**. 27 de abril de 1924, ano VI, p. 3. Esse mesmo exemplar fala sobre a grande procura dos fiéis pela catedral, durante o período quaresmal e na Semana Santa.

³¹² Essas visitas foram iniciadas a 15 de agosto de 1917. CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 506.

³¹³ O frei permaneceu no local para preparar a turma de Primeira Comunhão, e padre Paulino Nogueira seguiu acompanhando Dom Joffily, que após visita a outras localidades retornou a Porto Velho e prometeu dar-lhes uma imagem do Sagrado Coração para a igreja, quando estivesse pronta, abençoou a pedra da igreja, celebrou missa e realizou confissões. HUGO, Vitor. **Desbravadores: a história eclesiástica no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia**. Amazonas: Missão Salesiana de Humaitá, 1959, p. 243.

³¹⁴ Alto Tarauacá pertencia formalmente ao Acre. A discussão sobre os limites e responsabilidades da Diocese do Amazonas e a Prefeitura de Tefé duraram alguns anos. Também aparece no documento a necessidade de indenização por parte da Prefeitura de Tefé de 30 contos de reis. JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta de 30 de novembro de 1921**. Acervo Cúria de Manaus.

³¹⁵ A posição de Dom Joffily, expressa ao Nuncio Apostólico, é contrária à alteração dos limites entre a Diocese e a Prefeitura Apostólica de Tefé, principalmente no que diz respeito às paróquias localizadas nessa área, para que não sofram os seus paroquianos. JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta de 22 de outubro de 1922**. Acervo Cúria de Manaus.

principais localidades; emolumentos anuais para os vigários da Diocese, conforme a tabela vigente; apresentar mapa anual dos serviços religiosos e recolher livros de batismo, casamentos, entre outros. O acordo foi previsto para ter duração de 50 anos, com o objetivo de equilibrar as demandas financeiras e a continuação das obras nas duas administrações³¹⁶.

Os documentos também revelam sobre a presença feminina na Igreja, que crescia “como parte ativa nas atividades que se multiplicavam na Diocese de Manaus”³¹⁷. Como exemplo, destaco a Associação das Mães Cristãs, criada por Dom Joffily a 25 de março de 1922, na Catedral, que era fruto de sua preocupação com o andamento da família cristã, pois para ele a educação do lar era a primeira “célula da sociedade e da Pátria”³¹⁸. A associação passou a ser considerada a menina dos seus olhos, e era orientada diretamente por ele, como núcleo de todas as mães amazonenses. As Mães Cristãs, também ficaram associadas ao zelo pelo patrimônio da Igreja³¹⁹. Elas continuaram bem atuantes na Diocese ao longo dos anos que se seguiram. Neste mesmo ano, Dom Joffily convocou o clero para apresentar o projeto de fundação da Congregação da Doutrina Cristã no âmbito diocesano. Para dar andamento, criou-se uma diretoria, tendo o próprio Bispo como presidente. A nova congregação tinha como objetivo colocar em prática a “renovação da catequese conforme orientações de Pio X. As paróquias deveriam seguir semelhante organização e conteúdo”³²⁰.

Em 1923, Dom Joffily anunciou sua ausência por três meses, para tratamento de saúde na Santa Casa de Misericórdia, no sul do país. Deixou à frente da Diocese Monsenhor Antero José de Lima, monsenhor Luiz Gonzaga de Oliveira, e o Cônego José Thomas de Aquino Menezes, seguindo essa ordem de designação no mando da administração. Despediu-se solicitando oração dos fiéis e das associações religiosas para o pleno êxito de sua viagem³²¹. Em 1924, Dom Joffily se despedia de Manaus, deixando como marca sua dedicação à educação, o que lhe rendeu o título de Bispo Educador, e como seus

³¹⁶ As obras previstas são construção de igrejas, casas e escolas paroquiais, e aquisição de patrimônio. O documento termina com a assinatura de Dom Joffily e Monsenhor Miguel Barrat. **Documento de 9 de junho de 1924**. Acervo Cúria de Manaus.

³¹⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. 2014, p, 259.

³¹⁸ **Suplemento de A Reação**, março de 1946, p, 32.

³¹⁹ Exemplo dessa dedicação foi a arrecadação de auxílio para a pintura das capelas de Nossa Senhora das Dores e do Sagrado Coração de Jesus, junto com Apostolado da Oração, em agosto de 1924. MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). Manaus: Edições Muiraquitã, 2012, p.108.

³²⁰ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p, 507.

³²¹ **A Imprensa**, 27 de março de 1923. Acervo Cúria de Manaus.

antecessores e como as diretrizes papais, via na educação a “base da sociedade e começo da família”³²², para a qual “não lhe faltava energia, não conhecia desânimo”³²³. Também foi o primeiro vice-presidente do Instituto Histórico Geográfico do Amazonas, quando este foi fundado em 1917³²⁴.

A *Imprensa* noticiou que Dom Joffily era desprovido de vaidades e de orgulho, mas que sua obediência diante da determinação do Papa, o fez aceitar a nova missão de deixar Manaus e assumir o Arcebispado de Belém. A notícia terminou dizendo que “felicitava preclaro Antístites, rogando a Deus que cubra de bênçãos sua vida preciosa”³²⁵. Dom João Irineu Joffily foi designado como terceiro Arcebispo para conduzir de Belém. A determinação foi feita no último Consistório, realizado até aquele momento, pelo Papa Pio XI³²⁶, que também preconizou Dom José Maria Parreira Lara para ser o novo Bispo de Manaus³²⁷. Dom Joffily havia conquistado o coração do povo amazonense. No seu aniversário, já iniciava a despedida, pois assim o jornal *A Imprensa* registrava:

Ao seu influxo tem prosperado a fé católica entre nós e pela sua modéstia, pelo seu jeito carinhoso em propagar a palavra de Deus no seio da nossa sociedade, tem obtido que voltem ao aprisco milhares de ovelhas desgarradas, convertem-se à Igreja triunfante os que, incrédulos ou hesitantes, não procuravam o caminho da verdadeira luz. Estudioso e ilustrado, orador elegante e de palavra fácil e persuasiva, sua prática, seu discurso tem sido ensinamentos preciosos para a manutenção do nosso nível moral.³²⁸

O jornal *A Imprensa* também falou da ausência de vaidade e orgulho do Bispo, dizendo que certamente apenas por obediência estava deixando Manaus; não fora isso completaria “sua obra de amor e piedade entre nós”³²⁹. O próprio Bispo declarou que “é, pois, a santa obediência que vai desatar os vínculos que nos ligam em espiritual consórcio a esta Diocese

³²² MACIEL, Elisângela. Op. cit., 2014, p, 206.

³²³ **Suplemento de A Reação**, março de 1946, p, 31.

³²⁴ PINHEIRO, Pe. Raimundo Nonato. **Dom João Irineu Joffily**. 8 de novembro de 1993. Acervo Cúria de Manaus.

³²⁵ **A Imprensa**, 24 de maio de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

³²⁶ **Jornal do Commercio**, 8 de abril de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

³²⁷ Dom José Maria Parreira Lara não chegou a tomar posse em Manaus, foi transferido para a diocese de Santos. O sucessor foi Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira, OFM. MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p, 207.

³²⁸ **A Imprensa**, 24 de maio de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

³²⁹ *Ibidem*, 24 de maio de 1924. Acervo da Cúria de Manaus.

que estimo com estranho afeto”³³⁰, e continua dizendo: “Mas não vos deixo órfãos, presto estará convosco aquele que vem em nome do Senhor, dirigir os vossos destinos espirituais e ser o Anjo da Igreja Amazonense. Acolhei-o com alegria cristã; tratai-o com afeto filial”³³¹.

Na despedida, também agradeceu a todos que se empenharam junto com ele na resolução das pendências financeiras da Diocese, que foram reduzidas a menos da metade da dívida que recebeu quando assumiu, e no empenho do andamento das obras da igreja dos Remédios. Pediu a todos que continuassem contribuindo, e falou que seu sucessor já havia se comprometido em dar continuidade ao bom andamento das finanças do Bispado³³². Os agradecimentos também foram direcionados para as Filhas de Sant’Ana e para as Doroteias pelas obras de caridade e de instrução, ao Colégio Dom Bosco, às confrarias e irmandades, às associações religiosas pelo zelo ao culto e pelos serviços de piedade e às catequistas que são “almas de eleição sempre dedicadas a obra do ensino religioso, benção agradecida”³³³. Agradeceu a todos, não quis deixar ninguém de fora, com desejo de continuar recebendo o carinho amazonense na sua Arquidiocese.

A partida de Dom Joffily foi a 30 de setembro, no vapor Ceará rumo ao Rio de Janeiro. No embarque estavam presentes autoridades, associações religiosas, irmandades, colégios e o povo. O *Boletim Paroquial* destacou, nos oito anos de sua administração o equilíbrio que deixou no patrimônio da Diocese, a dedicação às obras da igreja dos Remédios e melhoramentos na Catedral, a criação do Colégio Dom Bosco e a ampliação do Colégio Santa Doroteia, dizendo que tudo isso dá “testemunho perene de uma administração operosa e beneficente”³³⁴. O Pe. Raymundo de Oliveira ficou como Pró-Vigário Geral, com faculdades extraordinárias para a condução da transição³³⁵.

Pe. Raymundo, administrando em período de vacância, fez um balanço da caminhada da Diocese nos fornecendo dados importantes: ele começa o documento falando da estrutura da Cúria, que tem um padre como secretário, seis sacerdotes consultores nomeados para um triênio, e que há livros de registros de batizados e casamentos. Sobre o

³³⁰ JOFFILY, Dom João Irineu. Ao Revmo. Clero e aos caríssimos diocesanos do Amazonas. In: **Jornal do Commercio**, 28 de setembro de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

³³¹ Ibidem, 28 de setembro de 1924.

³³² Ibidem, 28 de setembro de 1924.

³³³ Ibidem, 28 de setembro de 1924.

³³⁴ **Boletim Paroquial**. 5 de outubro de 1924. Ano VII, p. 2.

³³⁵ JOFFILY, Dom João Irineu. Ao Revmo. Clero e aos caríssimos diocesanos do Amazonas. In: **Jornal do Commercio**, 28 de setembro de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

clero, diz haver apenas nove sacerdotes na vasta Diocese, sendo cinco brasileiros e quatro estrangeiros; diz haver retiro espiritual, mas não fala da regularidade, e que há dois seminaristas no Seminário da Paraíba. Sobre as paróquias, diz serem 15, com apenas nove párocos; fala de desobriga realizada em capelas e seringais e que são raras as missões, por falta de missionários, e que nas paróquias há diversas associações religiosas canonicamente erigidas³³⁶.

Sobre a instrução religiosa e a educação, o documento de Pe. Raymundo registrou a implantação dos Colégios Santa Doroteia, em 1910, e Dom Bosco, em 1921. O Instituto Benjamin Constant para órfãs, dirigido pelas Filhas de Sant'Ana, cita ainda a associação de São Luís Gonzaga para jovens e o Grêmio Dom Bosco, todos seguindo a instrução religiosa da Doutrina Cristã. Para cuidados da saúde e caritativos, registra-se a presença da Congregação de São Vicente na capital e em algumas Paróquias do interior, na Santa Casa de Misericórdia, no Asilo dos Alienados e na Beneficente Portuguesa. Fala que não há existência de propaganda contra a fé, registra um pequeno grupo de protestantes, duas casas espíritas, algumas lojas maçônicas, mas, segundo ele, quase não há hostilidades com o Catolicismo. Sobre o patrimônio, são 20 casas que geram uma renda mensal, a casa episcopal, e um terreno no São Raimundo que gera foros.³³⁷

Alguns dias antes da posse do novo Arcebispo de Belém, o Jornal *Estado do Pará*, falava do privilégio de tê-lo como seu novo pastor e que ele não era um desconhecido, pois de Belém se acompanhava seu governo à frente do Amazonas³³⁸. Em sua primeira carta pastoral, como Arcebispo, falou da honra Romualdo Coelho, Macedo Costa, Jerônimo Thomé, dentre outros, e do peso de assumir tal responsabilidade, mas em obediência “eis-nos, por admirável disposição da Divina Providência, Arcebispo vosso”³³⁹. Dom Joffily tomou posse em Belém em janeiro de 1925, e o Jornal *A Palavra* registrou a multidão que ocorreu ao cais para receber o novo Arcebispo dizendo que o Pará católico “deu sobejas provas do quanto sabe amar aos seus pastores”³⁴⁰. O *Boletim Paroquial* ao falar da posse

³³⁶ OLIVEIRA, Pe. Raymundo. **Balanço da Diocese de Manaus**. Novembro de 1924.

³³⁷ Ao falar do patrimônio, o documento registra o terreno cedido para as Irmãs Doroteias construírem o Colégio para meninas, e o terreno cedido aos Salesianos, onde funcionava a residência episcopal, para a construção do Colégio para meninos. E, ainda sobre patrimônio, a solicitação de Dom Joffily ao Cardeal Arcoverde para a diminuição dos juros do empréstimo que a Diocese de Manaus tinha junto ao Seminário São José do rio de Janeiro, o que possibilitou o início da quitação da dívida. Ibidem. Novembro de 1924.

³³⁸ Todos aos Cais! **Estado do Pará**. Belém, 18 de janeiro de 1925.

³³⁹ JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta Pastoral ao Revmo. Cabido, ao Venerável Clero e a todos os Fiéis da Arquidiocese de Belém**. 1925.

³⁴⁰ Entrada Triunfal de Dom Irineu Joffily na cidade de Santa Maria de Belém. **A Palavra**. Belém, 25 de janeiro de 1925.

do Arcebispo de Belém, felicita-o expressando o saudosismo sentido pela Diocese de Manaus³⁴¹.

Uma de suas primeiras visitas pastorais foi ao Leprosário do Prata, onde foi passar seu aniversário, vendo todas as alas, conversando com as senhoras responsáveis pela Catequese e interpelando as crianças³⁴². Em Belém, estimulou ações religiosas, reforçando a presença da educação católica, com a implantação do Colégio Nossa Senhora de Nazaré e colocando os salesianos à frente do Colégio do Carmo. Dom Joffily, permaneceu no Arcebispado até 1931³⁴³, quando renunciou³⁴⁴. Quando faleceu era Arcebispo titular de Anasartha³⁴⁵.

Considero que sua elevação a Arcebispo se deu como coroamento por seu trabalho à frente da Diocese de Manaus, nos variados aspectos, que correspondia às expectativas depositadas na sua carreira episcopal. Nos anos de 1920, a Igreja anunciava a necessidade do aprofundamento nas ações da romanização, com Pio XI e o projeto “Restaurar tudo em Cristo”; era uma nova fase para o Episcopado brasileiro, que buscava sintonizar ainda mais com o Papado, recatolizando e afinando o diálogo entre Igreja e Estado³⁴⁶. Dom Joffily fora, então, agraciado como um eclesiástico que estaria na linha de frente da Igreja no Brasil.

O Papa Pio XI, reconhecendo o grande empenho de Dom Joffily para bem conduzir a Diocese de Manaus, consolidando-a, concedeu a ele a autoridade de Arcebispo. Dessa forma Manaus vira seu Bispo partir para assumir a direção do Arcebispado do Pará, em 1924³⁴⁷. Manaus só receberia seu novo Bispo em 1926³⁴⁸, entrando em novo período de vacância.³⁴⁹

³⁴¹ **Boletim Paroquial**. 01 de Fevereiro de 1925. Ano VII, p. 2. Saudosismo pela partida de Dom Joffily, também foi expresso na ocasião do seu aniversário. **Boletim Paroquial**. 24 de maio de 1925. Ano VII, p. 2.

³⁴² Nesta visita pastoral foram realizados 3 batizados e 27 crismas. O jornal registrou com empolgação a escolha do Arcebispo para o seu aniversário, falando do sucesso das futuras visitas. D. João Irineu Joffily. **A Palavra**. Belém, 28 de maio de 1925.

³⁴³ MENDES, Mayara Silva. **Conflitos Religiosos e Relações Políticas no Pará (1930-1941)**. Dissertação (Mestrado em Direito). Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, 2006.

³⁴⁴ Faleceu em 25 de abril de 1950 no Asilo de São Luís. HUGO, Vitor. **Desbravadores**: a história eclesiástica no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia. Humaitá: Missão Salesiana. 1959.

³⁴⁵ RAMOS, Alberto. **Cronologia Eclesiástica do Amazonas**. 1952, p. 122. Anasartha está localizada no distrito de Safira, na Síria.

³⁴⁶ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). Lisboa: Ics – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 151.

³⁴⁷ Sua partida se deu a 30 de setembro de 1924. RAMOS, Alberto. *Ibidem*, p. 104.

³⁴⁸ Dom Frei Basílio Olímpio Pereira, OFM, tomou posse do Bispado a 16 de fevereiro de 1926. **Suplemento de A Reação**, março de 1946, p. 38.

³⁴⁹ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 207.

1.2. Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira: o Bispo angélico

O período que abrange a criação da Diocese de Manaus, em 1892, até o início do Bispado de Dom Basílio, em 1926, é considerado como a fase da reorganização da cristandade católica. Essa fase, que se inicia com o Papado de Pio XI (1922-1939), está embasada no Concílio de Trento e na centralização da Cúria Romana, sendo a romanização que articula essas duas bases e leva ao mundo católico a necessidade vital de conexão às diretrizes romanas como o modelo, real, de ser cristão. Durante esse período, a Igreja foi aprendendo a usufruir da liberdade trazida pela Proclamação da República brasileira, e o Episcopado ganhou força, com seus projetos e a liderança, e, à medida que novas Dioceses eram erigidas uma rede eclesiástica foi se avolumando e levando adiante a expansão da Igreja no Brasil.

Nos anos de 1920, a crise econômica e política se agravava, tornando as disputas oligárquicas mais acirradas, inclusive com Manaus sendo palco de ação tenentista, como vimos na última fase do governo de Dom Irineu Joffily, como reflexo da situação brasileira, mas acima de tudo evidenciando a problemática manauara. É também nesse momento que a Diocese de Manaus passou por nova fase de vacância, mas os projetos eclesiásticos continuavam em andamento, como é perceptível na criação da Prelazia de Porto Velho, em 1925, entregue aos cuidados da Congregação Salesiana.

Esse foi o cenário encontrado, em 1926, pelo quarto Bispo quando chegou a Manaus, Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira. Sua chegada foi em meio a um período difícil para a região, devido a busca de alternativas econômicas para a superação da crise da borracha, para exercer a administração mais longa da história da Diocese de Manaus, estendida até o início ano de 1941, abarcando, também, boa parte do período da interventoria do regime Vargas, aqui administrada, a maior parte dos anos, por Álvaro Maia, com intervalo de 1931 a 1935, em que o Amazonas foi gerenciado por outros interventores³⁵⁰.

³⁵⁰ Interventores no Amazonas: Álvaro Maia (21/11/1930-10/07/1931); Tenente Emanuel de Moraes (10/07/1931-05/08/1931); Tenente Antônio Rogério Coimbra (05/08/1931-10/10/1933); Waldemar Pedrosa (14/06/1932-10/10/1932); Capitão Nelson Melo (10/10/1933-19/02/1935); Tenente Paulo Cordeiro de Melo (06/01/1934-02/03/1934); Capitão Nelson Melo (02/03/1934-19/02/1935). Álvaro Maia retoma em 1935, ficando até o final do período Vargas. SANTOS. Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia: uma liderança política cabocla**. 1997, p.94.

Basílio nasceu a 27 de maio de 1871, em Vila Velha do Rio das Contas, na Bahia, no distrito de Livramento de Nossa Senhora, filho de Manoel e Ana Maria Alves Pereira. A família Alves Pereira era uma das influentes daquela região sertaneja. Sua irmã Rita e seu cunhado Rodrigo Alves Pereira, que não tiveram filhos, foram seus benfeitores³⁵¹, o que possibilitou sua ida aos 15 anos para o seminário de Santa Tereza, em Salvador. Livramento era é uma localidade com grande vivência religiosa, que seguia o costume introduzido pelos Jesuítas, no qual cada casa trazia à porta uma cruz de madeira ou uma oração, e, também, na zona rural, em capelas e em algumas casas “havia um mastro com a bandeira de um santo, demonstrando a devoção da família”³⁵². Fruto desse universo devocional, Basílio desenvolveu profunda religiosidade, que cresceu ao longo de sua formação. Sua ordenação se deu a 27 de outubro de 1895³⁵³, aos 24 anos.

Já ordenado, se tornou professor no mesmo seminário onde se formou, cargo que exerceu por três anos, sendo coadjutor em Monte Alto, e capelão no Asilo de Lourdes em Feira de Sant’Ana³⁵⁴. Fundou e dirigiu o Colégio São João, em Curralinho de Vila Velha³⁵⁵. Em seguida, padre Basílio passou a dirigir a paróquia de Nossa Senhora da Vitória, em Conquista, no período de 1905 a 1918. De sua atuação destacam-se: a implantação do Apostolado da Oração; e a construção da Santa Casa de Misericórdia em 1914. Em sua partida para Salvador, o jornal *A Semana* destacou seu “zelo e carinho como autêntico condutor dos seus paroquianos e iluminado espírito verdadeiramente cristão”³⁵⁶. Foi ainda em Conquista que passou a ser o monsenhor Olímpio Pereira, como era chamado. Sua atuação sacerdotal ficou bem conhecida na Bahia, também mencionado como hábil pregador³⁵⁷ e “como um dos mais justos orgulhos do clero nacional”³⁵⁸.

Aos 49 anos veio a decisão de fazer parte de uma comunidade religiosa, optando pelo ingresso na OFM, em Olinda, realizando a profissão solene em 1924³⁵⁹. A opção pela vida

³⁵¹ O casal foi patrono também da igreja de São João Batista, inaugurada em 1889, no distrito de Curralinho, com todas as imagens e paramentos. Esse distrito passou depois a se chamar Dom Basílio. TANAJURA, Mozart. **História de Livramento**: a terra e o homem. Salvador: Secretária de Cultura e Turismo, 2003, p.119.

³⁵² Ibidem, 2003, p.365.

³⁵³ Ibidem, 2003, p. 290.

³⁵⁴ Jornal **D’O Dia**. 17 de fevereiro de 1926.

³⁵⁵ Ibidem. 16 de fevereiro de 1926.

³⁵⁶ A *Semana* (2018) apud TANAJURA, Mozart. **História de Livramento**: a terra e o homem. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2003, p.290.

³⁵⁷ Jornal **D’O Dia**. 17 de fevereiro de 1926.

³⁵⁸ Ibidem. 18 de fevereiro de 1926.

³⁵⁹ A profissão simples foi realizada a 18 de setembro de 1921, e a solene a 18 de setembro de 1924. TANAJURA, Mozart. **História de Livramento**: a terra e o homem. Salvador: Secretária de Cultura e Turismo, 2003.

franciscana revela a preferência pela vida simples e a recusa das honrarias. Os franciscanos, especialmente a partir de 1892 quando se iniciou a reforma dos conventos, estavam conectados com a vida da Bahia e de outras localidades brasileiras. Os religiosos alemães chegaram “imbuídos não só da missão de restaurar conventos franciscanos, mas também de um projeto reformista”³⁶⁰. Uma das exigências da Santa Sé, para o estabelecimento da OFM, era o fomento de vocações, o que era almejado também pelo Episcopado brasileiro, o que só começou a ser visto alguns anos depois, além de, em 1908, a Congregação Definitorial determinar “a transferência do noviciado dos clérigos para Olinda, ficando em Salvador só o noviciado dos irmãos leigos”³⁶¹. Por isso, quando chegou o momento de ingressar na OFM, Dom Basílio se dirigiu para Olinda, onde professou todos os votos. Gradativamente foram se firmando as novas fundações franciscanas no Nordeste, que de nove, inicialmente, chegaram a 21 até o ano de 1946³⁶².

Pouco tempo depois da profissão solene, que selou sua entrada na Congregação Religiosa, chegou sua nomeação para o Episcopado, a 1º de maio de 1925, pela bula *Commissum Humilitati Nostrae*³⁶³, adiando, assim, seu recolhimento, como demonstrado em suas próprias palavras “procurei o remanso dos claustros, após longos anos de ministério exaustivo no sertão, como padre secular. Sem renunciar às fadigas do apostolado, pensei encontrar silêncio e sossego entre meus irmãos de hábito”³⁶⁴. Mas os planos do Santo Padre eram outros, lhe concedendo a cruz episcopal, “o humilde franciscano recebia a incumbência que anos antes o atemorizava, e partindo para Roma, ali era sagrado Bispo de Manaus”³⁶⁵, a 25 de outubro³⁶⁶. Em sua sagração, encontramos dois de seus padrinhos: Dom Manoel da Silva Gomes, do Ceará, e Dom Duarte Leopoldo e Silva, de São Paulo.

³⁶⁰ AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia – 1551-2001. Vol. 2, Período Imperial e Republicano. Petrópolis: Vozes, 2001, p.235.

³⁶¹ FRAGOSO, Hugo. Uma contribuição para a história vocacional da Província Franciscana de Santo Antônio. In: AZZI, Riolando (Org.). **A Vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 195.

³⁶² Os nove conventos iniciais que ficaram nas mãos dos franciscanos eram: Salvador e Cairu (BA); Vila de São Francisco (BA); São Cristóvão (SE); Penedo (AL); Sirinhaém (PE); Ipojuca (PE); Olinda e Recife (PE). FRAGOSO, Hugo. Novas fundações franciscanas no Nordeste. In: AZZI, Riolando, BEOZZO, Oscar. **Os Religiosos no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 78.

³⁶³ **Ata de Posse do Exmo. Revmo. Dom Frei Olímpio Basílio Pereira, quinto Bispo desta Diocese de Manaus**. 16 de fevereiro de 1926.

³⁶⁴ **Folha do Norte**. 17 de fevereiro de 1926.

³⁶⁵ **Suplemento de A Reação**. 1946, p.35.

³⁶⁶ CERETA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 507.

Ao ser noticiada a nomeação, Ribeiro Couto, que foi seu companheiro de Seminário, escreveu *Cartas de Longe* para o *Jornal do Recife*. Segundo ele, frei Basílio foi desde a juventude um protótipo de fé e abnegação. O jornalista, falando da trajetória do frei, apresenta um dado importante sobre a paróquia na qual atuou por 13 anos; Vitória da Conquista “foi e ainda é uma das mais turbulentas perigosas zonas do vastíssimo sertão da Bahia”³⁶⁷. Somada ao seu currículo acadêmico e à vocação sacerdotal percebida desde cedo, acredito que foi sua experiência nesta zona de conflito que revelou os seus atributos para o ingresso no corpo do Episcopado brasileiro. Seguindo a linha dos seus padrinhos, Dom Manoel Gomes, Dom Duarte Leopoldo e Dom Jerônimo Tomé, embora este já tivesse falecido³⁶⁸ quando Dom Basílio foi sagrado, se insere na perspectiva dos Prelados que foram designados para o combate de heresias e indisciplinas religiosas. Ele, mesmo antes de ser elevado, já havia recebido tal missão em Conquista.

Dom Jerônimo, o mentor mor da região, nasceu em Sobral, filho de coronel da Guarda Nacional, assumiu a Diocese de Belém em 1893, e no ano seguinte se tornou o Primaz do Brasil, em substituição a Dom Antônio de Macedo. Como Primaz, precisou combater em todas as frentes onde surgiram ameaças ao Catolicismo, em especial Canudos, Juazeiro e Contestado. Mas, não ficou sozinho nessa luta; ele atuante, com mais força, na Bahia, Dom Leme, em Pernambuco, Dom Adauto, na Paraíba, e Dom Duarte, em São Paulo. Todos tiveram uma crescente influência na organização eclesiástica com “prolongadas e bem-sucedidas gestões”³⁶⁹, e atuaram de forma especial na organização de novas circunscrições eclesiásticas e na fabricação de novos Prelados. Dom Jerônimo, orquestrou, junto a esses Prelados, a expansão eclesiástica nas regiões e o cerco aos grupos considerados dissidentes; ele, de forma mais direta, atuou principalmente no combate aos elementos, considerados perniciosos, da herança de Canudos. Dom Jerônimo também era hábil “para se relacionar com as elites tradicionais do Nordeste e o poder político nacional”³⁷⁰.

Dom Manoel, baiano que foi apadrinhado por Dom Jerônimo, de quem fora secretário particular, se tornou Arcebispo do Ceará, e teve uma longa gestão, de 1914 a 1941. Iniciou sua administração em momento de grande preocupação, combatendo Juazeiro e suas

³⁶⁷ **Jornal do Recife**. 12 de setembro de 1925.

³⁶⁸ Faleceu em 19 de fevereiro de 1924, sendo sepultado na capela do Santíssimo Sacramento da Catedral Basílica de Salvador. SANTOS, Israel Silva dos. **Igreja Católica na Bahia**: por um catolicismo romano. Salvador: UDUFBA, 2016, p. 77.

³⁶⁹ MICELI, Sérgio. 2009, p. 78.

³⁷⁰ SANTOS, Israel Silva dos. **Igreja Católica na Bahia**: por um catolicismo romano. Salvador: UDUFBA, 2016, p.75.

influências. Era prioritário recuperá-lo das mãos dos cismáticos. O caso do Ceará constituiu “o princípio-chave da política eclesiástica de ocupação territorial na região nordestina”³⁷¹. Por causa das lutas religiosas do período, segundo Miceli, buscou-se domesticar os movimentos de Canudos e Juazeiro, fechando o cerco em torno das ameaças de cisma, revigorando o Catolicismo e prevenindo “surtos idênticos de heresia capazes de pôr em risco os interesses da Igreja”³⁷². Esse cinturão, ficou visível entre os anos de 1892 e 1910, quando se iniciou a expansão das Dioceses nas capitais do Norte/Nordeste, com exceção de Manaus situada fora da região do cerco. Até 1923, ocorreu um rápido desdobramento com a criação de 11 Dioceses em outras cidades nordestinas³⁷³.

Como não encontrei os detalhes sobre a possível primeira nomeação de Dom Basílio, por meio dos indícios suponho que poderia ter sido uma das Dioceses erigidas em 1918, pois foram as que antecederam sua ida para a Congregação Franciscana, já que a justificativa da recusa foi justamente a opção pela vida religiosa. As Dioceses, de 1918, são respectivamente Garanhuns e Nazaré, ambas em Pernambuco. As duas, estão situadas no mesmo ano de sua partida de Conquista para Olinda, onde ingressou na OFM. O ano de 1918 foi, tudo indica, decisivo para oficializar sua escolha. Prevendo que a proximidade de sua nomeação, antecipou, suponho, a solicitação a seu Prelado, Dom Jerônimo, para ingressar na vida religiosa, “além do intuito de evitar sua ascensão ao episcopado, movia-o o desejo ardente da solidão do claustro, tão propícia para dedicar-se com mais empenho à oração e recolhimento”³⁷⁴.

Traçando o perfil desses Prelados, que o apadrinharam, conseguimos rastrear os passos de Dom Basílio afirmando que ele segue na esteira de seus patronos, Dom Manoel, Dom Jerônimo e Dom Duarte, que também administraram de forma combativa as ameaças de Contestado, sem esquecer também de Dom Adatauto que foi seu professor no seminário de Olinda e com quem certamente manteve contato. Investigando a trajetória de Dom Basílio, percebo que ele, mais do que seus antecessores, possui uma rede de laços que se alastrava

³⁷¹ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 63.

³⁷² As dioceses eram: Manaus e Paraíba em 1892, Maceió em 1900, Teresina em 1905, Natal em 1909, e Aracajú em 1910. Ibidem. 2009, p.59-61.

³⁷³ Pesqueira em 1910, Cajazeiras em 1914, Crato em 1914, Sobral em 1915, Penedo em 1916, Garanhuns em 1918, Nazaré em 1918, Petrolina em 1923. MICELI, Sérgio. 2009, p. 61. Os desmembramentos da Bahia foram: Barra em 1913, Caetité e Ilhéus em 1915. SANTOS, Israel dos Santos. **Igreja Católica na Bahia: por um catolicismo romano**. Salvador: UDUFBA, 2016, p.70-71.

³⁷⁴ **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

pelo Nordeste e chegava ao Sudeste, demonstrada, especialmente na relação mantida com os seus patronos e outros pares.

Analisando esse contexto, e essas relações, levanto a possibilidade de uma outra preocupação, que possivelmente, se fez presente na administração da Diocese de Manaus, além do estabelecimento e fortalecimento da Diocese no Norte, com a grande presença de nordestinos, especialmente cearenses, e com o que eles traziam em sua bagagem religiosa e com suas práticas concretas de religiosidade, não se podia correr o risco de ramificações das ditas heresias. O processo migratório nordestino para o Amazonas foi intenso na primeira fase da borracha, e continuou acontecendo no período do Bispado de Dom Basílio e de seu sucessor, quando ocorreu a segunda fase da borracha. Em Manaus, é perceptível o crescimento dessa presença, especialmente cearense, nos novos bairros que foram se erguendo em função das levadas migratórias³⁷⁵.

Dom Basílio também era herdeiro da habilidade eclesiástica e política, e, se fixa no rol dos Prelados que foram sagrados em Roma, fruto de trajetórias bem-sucedidas³⁷⁶. Portador de uma espiritualidade franciscana, com essa última característica, que se soma às demais já apresentadas, ele trouxe o seu diferencial, tornando-se o primeiro Bispo religioso a governar a Diocese de Manaus, cujo Episcopado deixou marcas e influências nos seus sucessores, nos anos que seguiram.

De volta ao Brasil, após sua sagração, celebrou a missa de Natal em sua terra. No percurso para Manaus, Dom Basílio Pereira foi recebido em Belém por Dom Joffily, o que certamente foi uma ótima oportunidade, não apenas para conhecimento mútuo, mas para a obtenção das primeiras impressões e informações sobre sua nova casa, a Diocese de Manaus. Em entrevista ao Jornal *Folha do Norte*, ao ser perguntado sobre seu programa de governo, sorriu e respondeu: “só os governadores ousam trazer uma plataforma administrativa, financeira e política. Os bispos não! Chegam com instruções que datam do tempo que Jesus despachou os apóstolos”³⁷⁷. Na insistência do Jornal sobre o plano para dirigir a Diocese, esboçou um novo sorriso e respondeu:

Meu plano é de uma generalidade extrema. Seguirei a trilha do meu preclaro antecessor. Tratarei de visitar os diocesanos, de doutrinar, de

³⁷⁵ Deusa Costa, cita os bairros da Colônia Oliveira Machado, Educandos, São Raimundo, Mocó, Girau, Flores e estrada do Telégrafo, como “quase exclusivamente composta de cearenses”. COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana:** trabalhadores de Manaus (890/1915). Manaus: Valer, 2014, p. 115.

³⁷⁶ Dos seus patronos, foram sagrados em Roma: Dom Jerônimo, Dom Adauto, Dom Duarte. E, entre os seus antecessores, foram sagrados em Roma: Dom Lourenço e Dom Frederico.

³⁷⁷ **Folha do Norte**. 17 de fevereiro de 1926.

pregar, de zelar pelos bens eclesiásticos, de reunir recursos para as obras pias e de incentivar boas vontades. No Amazonas sou novato. É uma região mui diversa dos estados do Norte e Nordeste. O clima, o modo de viajar, a paisagem, os costumes são novidade para mim. Contudo, hei de me adaptar rapidamente [...] vou disposto a trabalhar, na certeza de que hei de realizar algum bem, num terreno apropriado para a germinação dos princípios do Evangelho.³⁷⁸ (grifos meus)

Nessa entrevista, grifamos, a prévia visão do novo Bispo sobre o Amazonas, impressões estas sem ainda ter pisado no seu Bispado, mas parecendo ter estudado alguns traços da região. E, realmente, tudo seria muito diferente das localidades por onde passou, uma vez que sua experiência fora em boa parte no sertão, e a região que compreendia sua Diocese era, como destacou, diversa nos aspectos físicos, que fazia contraponto ao sertão que lhe era tão familiar, aqui a abundância das águas e da floresta o levariam a novas experiências e desafios, estaria diante de costumes peculiares da região que agora habitaria. Mas, como ele mesmo destacou, estava disposto a se adaptar rapidamente.

Dom Basílio, se referindo à missão recebida pelo Santo Padre, diz que foi incitado a fundar logo um Seminário, mas refletindo sobre a situação da Diocese afirma que: “não me permite acalentar tão belo sonho”³⁷⁹. Para construir o Seminário, ele fala de muitos obstáculos, pois havia poucos padres, era preciso reunir docentes aptos para a formação dos levitas, e cuidar de todas as etapas de instalação. Mas “a questão das vocações é primordial e merecerá minhas atenções antes de tudo, como recomendou o Santo Padre”³⁸⁰, afirmou Dom Basílio. Havia muito a fazer, pois já ia longe a data em que o Seminário São José cerrara as portas.

Sua chegada a Manaus se deu no dia 16 de fevereiro de 1926, sendo recebido pelo clero, autoridades, representantes católicos, os fiéis e a imprensa “numa efusão de simpatia, distinção e reverência a tão ilustre príncipe da Igreja e tão distinguido expoente do clero brasileiro”³⁸¹, e, todos foram prestar as justas e devidas homenagens. No dia seguinte o *Jornal D’O Dia* também mencionou a presença de representantes de todas as classes sociais e dos poderes públicos, e citando o *Jornal O Pequeno*, de Pernambuco, diz que Dom Basílio foi escolhido para dirigir os destinos católicos no extremo Norte e que na busca por um digno pastor “a Igreja encontrou o humilde filho de São Francisco e o investiu das honras

³⁷⁸ Ibidem.

³⁷⁹ Ibidem.

³⁸⁰ Ibidem.

³⁸¹ *Jornal D’O Dia*. 15 de fevereiro de 1926.

preláticas”³⁸². O Jornal *O Libertador* se referindo aos seus predicados e suas riquezas espirituais, afirmou ser ele “um dos príncipes mais acatados da Igreja do Brasil”³⁸³.

O *Jornal do Commercio* ao noticiar a recepção ao novo Bispo, destacou a presença das lideranças políticas. O Bispo dirigiu-se ao altar ali erguido e paramentou-se, tomou a mitra e o báculo e se dirigiu para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, “debaixo do pátio sustentado pelo presidente do estado, secretário geral, capitão do porto, prefeito municipal, chefe de polícia e deputado Raul de Azevedo e acolitado”³⁸⁴. No cortejo também estavam o governador do Bispado, Monsenhor Raymundo de Oliveira, e o Pe. Ananias Câmara, Vigário da Sé, com as autoridades civis e militares, clero e povo. À porta da Matriz o Bispo aspergiu os fiéis e foi incensado, entrou e rezou no Altar por alguns minutos, e após o *Te Deum*, foi lida a bula apostólica pelo governador do Bispado³⁸⁵.

Ao término da celebração, o Bispo seguiu para o palácio episcopal, acompanhado das autoridades políticas e dos padres, além de Raymundo Oliveira e Ananias Câmara: Frei Domingos Anderlini, Manoel Monteiro, vigário dos Remédios; Joaquim Pereira, vigário de Itacoatiara; Bento Gomes, capelão da Santa Casa; Tirelli, Inspetor Salesiano; Pedro Ghislandi, diretor do Colégio Dom Bosco; Agostinho, Noé e Guilherme Barbosa, professores dos salesianos. Também esteve presente em todo o cerimonial Dom Amando Bahlmann, Bispo da Prelazia de Santarém³⁸⁶, representando o Arcebispo de Belém e a OFM³⁸⁷.

A presença de Dom Amando é muito significativa, pelo trabalho que os franciscanos realizavam na região, especialmente a partir de 1892 com o revigoramento da Província de Santo Antônio, no qual ele esteve diretamente envolvido, e se tornando o segundo Prelado de Santarém³⁸⁸. Os franciscanos, também dentro desse contexto, se tornaram um braço forte, ao lado de outras ordens que colaboraram com o projeto romanizador. Agora era dado outro passo, um franciscano assumia a Diocese de Manaus, como reconhecimento,

³⁸² Ibidem. 16 de fevereiro de 1926.

³⁸³ **O Libertador**. 17 de fevereiro de 1926.

³⁸⁴ No grupo político, além dos citados, estavam os deputados: Washington de Almeida, Joaquim Tanajura, Júlio Ney, Leopoldo Peres e Souza Brasil. **Jornal do Comércio**. 17 de fevereiro de 1926.

³⁸⁵ Ibidem, 17 de fevereiro de 1926.

³⁸⁶ Ibidem, 17 de fevereiro de 1926.

³⁸⁷ **Ata de Posse do Exmo. Revmo. Dom Frei Olímpio Basílio Pereira, quinto Bispo desta Diocese de Manaus**. 16 de fevereiro de 1926.

³⁸⁸ A Província de Santo Antônio foi restaurada com a ajuda da Província da Saxônia, na Alemanha, da qual todos os religiosos, todos alemães, dependiam inicialmente. Dom Amando, com intenso trabalho no Sul, se tornou o primeiro prelado franciscano, e sucedeu Dom Frederico Costa na Prelazia de Santarém. AZZI, Riolando, BEOZZO, Oscar (Orgs.). **Os Religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1986, p.133-134.

pois “com frequência, a nomeação de um religioso para o episcopado se deve sobretudo aos serviços prestados pela congregação religiosa fiel às diretrizes da Santa Sé, e não aos serviços pessoais”³⁸⁹. O caso de Dom Basílio, se insere, mas também vai além desse diagnóstico, pois até aquele período de sua nomeação e posse, ele passara mais tempo de vida sacerdotal no clero secular, o que significa que sua elevação ao Episcopado tem o peso da Ordem, à qual agora fazia parte, mas também por sua trajetória pessoal, especialmente à frente de Conquista. Os dois aspectos somados formaram os atributos para sua sagração.

O *Jornal do Commercio* ainda falou da expectativa da chegada do novo Bispo, dizendo que ele trazia como credenciais o “seu honroso passado”, de inteligência e erudição. Ele chegava para substituir Dom Irineu Joffily, após a sua promoção, como se referiu o citado Jornal, à Arquidiocese de Belém. Dom Basílio, como dito, fora relutante diante da possibilidade, antes de seu ingresso na OFM, de nomeação para o Episcopado, não aceitando-a, devido a decisão de seguir a vida religiosa, mas pouco tempo depois de fazer os votos definitivos veio a temida nomeação, e para o Amazonas, a qual não pôde mais recusar. Era na ocasião capelão dos Ursulinas da Soledade³⁹⁰.

Sobre as autoridades políticas, o Jornal *O Libertador* foi mais detalhista, nomeando e acrescentando outras que não foram citadas pelos outros jornais. Ephigênio Salles era o Governador do Amazonas; Araújo Lima, era o Prefeito da cidade; Sá Antunes, o Secretário Geral do Estado; Ajuricaba Menezes, o chefe de Polícia; Paes Barreto, o Juiz federal; coronel Vidal Pessoa, o Comandante da Polícia; Sebastião Cavalcante, o delegado fiscal; coronel Raul de Azevedo, o administrador dos correios. Todos se fizeram presentes, além de jornalistas e deputados. O discurso de saudação foi proferido pelo prefeito em nome de Manaus³⁹¹. O Bispo agradeceu, “mostrando logo sua admiração e simpatia por esta terra e pelo povo que o recebia com tantas demonstrações de carinho e afeto”³⁹².

Compondo a comissão encarregada da recepção, também estavam Coronel José Carneiro da Motta, presidente da Associação do Comércio; Washington de Almeida, presidente da Assembleia do Estado; Jeremias Valverde, presidente da Conferência de São Vicente de Paulo; Barão Machado e Silva, presidente da Irmandade do Santíssimo; Maximino Correa, industrial; Álvaro Maia diretor, da Imprensa Oficial, e Agésilau Araújo

³⁸⁹ MICELI, Sérgio. *A Elite Eclesiástica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.77.

³⁹⁰ *Jornal do Comércio*. 16 de fevereiro de 1926.

³⁹¹ *O Libertador*. 17 de fevereiro de 1926.

³⁹² *Ata de Posse do Exmo. Revmo. Dom Frei Olímpio Basílio Pereira, quinto Bispo desta Diocese de Manaus*. 16 de fevereiro de 1926.

do Alto Comércio de Manaus. Também foram formadas comissões das Associações Religiosas, respeitando as medidas de não aglomeração, tomadas pelo governo do Estado, devido à ameaça de propagação de varíola³⁹³.

Ainda segundo *O Libertador*, o novo Prelado conquistou a todos desde o primeiro momento, “calmo, sereno, espelhada na face uma bondade ingênita, duma profunda e larga simpatia, S. Exma. Reverendíssima impressionou logo, e favoravelmente à população”³⁹⁴. A notícia fala de sua simpatia e de suas palavras cheias de amor ao pisar em Manaus pela primeira vez, pronunciando “oração simples e tocante no Bispado, foram de deslumbramento e carinho”³⁹⁵.

Dom Basílio chegou em meio a um contexto delicado, pois como dito a cidade enfrentava um surto de varíola. Após a posse, já na residência episcopal, foi celebrada a missa na capelinha, e o novo Bispo rogou para que “Deus suspendesse o flagelo da varíola que, a despeito de todas as providências humanas, ameaçava a cidade”³⁹⁶. Dom Basílio se pôs ao serviço na reorganização da Diocese, e o Monsenhor Raymundo Oliveira foi confirmado como vigário geral, o que parece ser um sinal de continuidade com seu antecessor, como afirmara na entrevista ao *Jornal Folha do Norte*³⁹⁷. Monsenhor Oliveira permanecerá durante toda a sua administração e será, mais uma vez responsável pela transição deste para o próximo governo. Desde sua posse, passou a celebrar na catedral todos os domingos às 10 horas, e ficava “longas horas a ouvir as confissões”³⁹⁸.

No seu primeiro ano de Episcopado, Dom Basílio movimentou o povo católico contra o projeto, apresentado à Câmara Federal, que tratava da implantação do divórcio no Brasil, “povo amazonense, levantemos bem alto o nosso brado, digamos em alto e bom som que não queremos o divórcio em nosso querido Brasil, em respeitoso, mas enérgico protesto que levaremos à Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro”³⁹⁹. Solicitou que os párocos colhessem assinaturas de todos que estavam de acordo com o protesto. Em 1926, o Jubileu do Ano Santo, celebrado em Roma no ano anterior, foi extensivo à Diocese, conforme o anúncio da nota Diocesana.

³⁹³ **Ata de Posse do Exmo. Revmo. Dom Frei Olímpio Basílio Pereira, quinto Bispo desta Diocese de Manaus.** 16 de fevereiro de 1926.

³⁹⁴ *Ibidem.* 17 de fevereiro de 1926.

³⁹⁵ *Ibidem.* 17 de fevereiro de 1926.

³⁹⁶ **Suplemento de A Reação.** 1946, p.36.

³⁹⁷ **Folha do Norte.** 17 de fevereiro de 1926.

³⁹⁸ **O Jornal.** 25 de abril de 1971.

³⁹⁹ **Suplemento de A Reação.** 1946, p.36.

O grande desafio, que o Bispo recebeu como missão, era dar continuidade à quitação das dívidas da Diocese, e desde o início, se empenhou nessa árdua tarefa. As dívidas eram herança da administração de Dom Frederico, e, foram parcialmente pagas na administração de Dom Joffily⁴⁰⁰. Na organização das finanças, Dom Basílio “impôs-se maiores sacrifícios, vivendo franciscanamente, como se fosse simples frade de São Francisco”⁴⁰¹. Assim, gradativamente, com sacrifício pessoal e com várias exigências, o Bispado foi ganhando equilíbrio financeiro. E, isso em meio às dificuldades pelas quais toda a região enfrentava, no processo de superação da crise da borracha.

No ano de 1926, foi registrada a visita pastoral a Itacoatiara e municípios ao redor. Após ouvir as reclamações locais, solicitou a formação de uma comissão que cuidasse da construção da nova matriz. Para tal obra, foi recebida a doação do terreno, feita por Josephina Stone Martins, e foi “liberado significativa importância em dinheiro para proporcionar o começo dos trabalhos”⁴⁰², pelo presidente do Estado. Segundo Francisco Silva, a construção se estendeu por 20 anos, mas os fiéis não deixaram de receber os serviços eclesiais, e a cada etapa da obra, aquela parte da igreja já ficava disponibilizada para o uso. Em nova visita a Itacoatiara, em 1929, Dom Basílio, ainda celebrando na antiga igreja, por ocasião do aniversário de Ephigênio Salles, pediu a Deus por ele e sua família, como agradecimento pela doação feita para a referida obra⁴⁰³. Este, é um bom exemplo de aproximação entre os poderes no Amazonas.

Em Manaus, o Bispo, deu andamento à reforma, iniciada por seu antecessor, da igreja dos Remédios, concedendo as bênçãos ao novo templo em 1927⁴⁰⁴. Na matriz de Nossa Senhora da Conceição, o altar de São Luís Gonzaga foi reformado, e foi erigido o altar de Santa Teresinha do Menino Jesus, tudo sob a supervisão dos padres Paulo Raucci e Ananias Câmara. Ainda no ano de 1927, por ocasião da Semana Santa, aparece o registro de doação da imagem do Cristo Ressuscitado, feita pelo Irmão do Santíssimo Sacramento, Sr. José de Araújo Góis, que foi benzida por Dom Basílio⁴⁰⁵.

⁴⁰⁰ MACIEL, Elisângela. Dom Frei Basílio Pereira: um bispo religioso para a Diocese de Manaus (1926-1941). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva; MACIEL, Elisângela. **História, Cultura, Trabalho e Instituições na Amazônia**. Manaus: Valer, 2021, p. 374.

⁴⁰¹ **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁰² SILVA, Francisco Gomes da. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1999, p.156.

⁴⁰³ Ibidem, 1999, p. 157.

⁴⁰⁴ Ocorrida a 11 de setembro. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. 1952.

⁴⁰⁵ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). Manaus: Edições Muiraquitã, 2012, p.109-110.

Em 1928, a Diocese foi agraciada com a chegada das Irmãs Terceiras Capuchinhas, incumbidas de cuidar da Casa Dr. Fajardo⁴⁰⁶. Em 1930, Manaus recebeu outro presente, com a chegada das Filhas de Maria Auxiliadora, com grande entusiasmo para auxiliar nos trabalhos na Diocese. Em pouco tempo, os projetos das Irmãs foram sendo implantados. E “no mesmo ano de 1930, foram fundados o Colégio, a Associação das Damas de Nossa Senhora Auxiliadora e o Oratório Festivo de Nossa Senhora Auxiliadora”⁴⁰⁷. Além de cuidarem da assistência social e da catequese das crianças⁴⁰⁸. Em 1932, instalou-se em anexo ao colégio o Posto *Auxilium*, que somado aos serviços da capela, inaugurada em 1933, realizava serviços de farmácia e posto à comunidade mais carente, com o apoio de alguns médicos da cidade. Em 1935, as Auxiliadoras, fundaram o Patronato Santa Teresinha⁴⁰⁹, implantando o Oratório e o “ensino profissional gratuito para as jovens desse bairro”⁴¹⁰.

A chegada das Irmãs representava o auxílio vindo em boa hora, tanto para responder aos anseios do Episcopado brasileiro em sintonia com a Santa Sé e para atender os cuidados com a família e com a educação, quanto para atender a demanda oriunda da expansão populacional da cidade. No tocante à educação, as Irmãs Auxiliadoras, vinham reforçar o projeto católico, já em andamento pelas Irmãs Doroteias e pelo Colégio Dom Bosco. Desde 1922, os Bispos brasileiros procuravam alcançar mais influência no âmbito familiar e educacional, e em 1924 passaram a insistir na volta do ensino religioso nas escolas. Com a ascensão de Getúlio Vargas, e o estreitamento dos laços com a Igreja, na pessoa de Dom Leme, o decreto do ensino religioso foi assinado a 30 de abril de 1931. Com a Constituição de 1937, o caminho estava aberto para o ensino religioso se espalhar por todas as escolas. No 1º Congresso Catequético de Salvador, Dom Augusto Álvaro afirmou “o ensino religioso é não só permitido, mas considerado como elemento indispensável para a educação da mocidade”⁴¹¹. Dessa forma, a Diocese de Manaus respondia ao anseio da educação religiosa, contando até 1935 com quatro instituições dirigidas por Congregações: Colégio Santa Doroteia; Colégio Dom Bosco; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e

⁴⁰⁶ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p.274.

⁴⁰⁷ MACIEL, Elisângela. Op. Cit., 2014, p.274.

⁴⁰⁸ **Suplemento de A Reação**, 1946.

⁴⁰⁹ RAMOS, Alberto Gaudêncio Ramos. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.108.

⁴¹⁰ **Suplemento de A Reação**, 1946.

⁴¹¹ Carta Pastoral anunciando o 1º Congresso Catequético da Província Eclesiástica de São Salvador, Salvador, 1938. Apud: AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia – 1551-2001. Vol. 2, Período Imperial e Republicano. Petrópolis: Vozes, 2001, p.309-310

Patronato Santa Terezinha. Gradativamente, o ensino religioso retornou para as demais escolas.

No início dos anos de 1920, nova onda migratória, com a saída dos seringais em crise, se rumo à capital; “em 1922, chegaram cerca de 10 mil migrantes vindos da zona rural especialmente dos vales do Madeira, Purus e Juruá considerados rios seringueiros”⁴¹². Novos processos semelhantes continuaram a ocorrer nos anos que se seguiram. Embora, considerado menor em comparação com a fase anterior, a população cresceu uma média de 2% de 1910 a 1940, sendo o crescimento urbano de Manaus considerável, “agora não mais direcionado ao centro, devido às características de seus novos habitantes, mas a áreas de subúrbios da cidade, dando origem a novos bairros e ampliando outros”⁴¹³. Manaus não estava preparada para receber tantos novos habitantes, e o problema de moradia foi se agravando.

Nos anos de 1925 e 1926, por parte da Intendência Municipal, aparecem políticas de incentivos à construção de moradias, mas isso não era suficiente para eliminar a “carência de habitação dignas para a maioria da população, pois as casas dos bairros mais distantes eram cercadas e cobertas de palha, ou, quando muito, cercadas de taipas”⁴¹⁴, como aparece na mensagem da Intendência em 1928, que propunha a iniciativa, do Estado e do município, de construção de prédios para residência de moradores mais pobres com prestações mensais. Em 1932, foram construídos alguns sobrados, na Praça da Saudade, para os funcionários municipais, e outros na rua Ramos Ferreira, com o objetivo de resolver o problema dos cortiços⁴¹⁵.

No código de postura de 1938, verifica-se esse processo de crescimento populacional a partir das regulamentações que entraram em vigor, que elas se referem a vários aspectos. No que diz respeito às vias públicas, entre outras questões, aparece a preocupação com alinhamento e nivelamento, construção e conservação, e a disposição de bancas de jornaleiros, entre outros. Sobre as moradias, regula-se a altura de edifícios, pavimento, alicerces e paredes, pisos e coberturas, definição de interiores, habitações coletivas e casas populares. O código também nos permite perceber aspectos que nos ajudam a dimensionar

⁴¹² OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus, 1920 1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer, 2003, p.82.

⁴¹³ BENTES, Dorinethe dos Santos. **Outras faces da mesma história: Manaus, 1910-1940**. Manaus: Rego, 2012, p. 100.

⁴¹⁴ OLIVEIRA, José Aldemir. Op. Cit., 2003, p. 82

⁴¹⁵ Ibidem. 2003, p. 83.

a vida social de Manaus, ao se referir a: lojas, cinemas, comércio e indústria, veículos, restaurantes e cafés, botequins, hotéis, mercado, matadouros e açougues, barbearia e lavanderia, farmácias, quitandas, padarias e confeitarias, fábricas de bebidas, cemitérios⁴¹⁶. Assim, temos ideia do processo de transformação ocorrido naquela década.

Na década de 1930, as atividades econômicas passaram por um processo de reconstrução, com novos investimentos na seringueira nativa, como castanha, cacau e guaraná, uma vez que “a diversificação dos produtos na pauta de exportação seria a alternativa para a superação da crise, e isso demonstra que a administração pública continuou investindo no extrativismo”⁴¹⁷. Para Álvaro Maia, a valorização da borracha era um dos temas preferidos, pois havia grande dependência da população interiorana desse produto, defendendo também a agricultura como alternativa econômica. Havia preocupação grande com o êxodo dos seringais entre os anos de 1920 e 1930, que aumentaram as tensões sociais, ampliando a população urbana e o número de desempregados, o que tornava o incremento da produção da borracha era fundamental para a interventoria⁴¹⁸.

Desde a década anterior, havia preocupação com a comunicação entre as zonas, urbana e suburbanas, e, para tanto, foi construída a estrada da Vila Municipal ligando-a a Flores e a Campos Salles, com o objetivo de conectar o centro da cidade aos bairros mais distantes, facilitando “a chegada dos produtos neles produzidos para o abastecimento da cidade, como um mecanismo alternativo para manter a dinâmica da economia local”⁴¹⁹. Ocorreu, também, a descentralização da feira, antes somente de âmbito central, passando a funcionar na Vila Municipal e depois em outros bairros também, que se tornaram muito populares na década de 1930.

Como parte dessas medidas, foram ampliadas ruas e avenidas, e a luz elétrica chegou até a Vila Municipal, a São Raimundo, e ao antigo bairro de Constantinópolis, ainda em 1929⁴²⁰. Além das obras urbanas, que segundo Dorinethe Bentes, visavam à adequação ao padrão de cidade civilizada, verifica-se a construção de pontes e aterramentos para ligar

⁴¹⁶ Esse código de postura ficou em vigor de 1938 a 1967, quando foi implantado o novo código. SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **Posturas Municipais Amazonas (1838-1967)**. Manaus: EDUA, 2016, p.287-365.

⁴¹⁷ BENTES, Dorinethe dos Santos. **Outras faces da mesma história: Manaus, 1910-1940**. Manaus: Rego, 2012, p. 58.

⁴¹⁸ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia: uma liderança política cabocla**. Manaus: EDUA, 1997, p. 90.114.

⁴¹⁹ BENTES, Dorinethe. Op. Cit., 2012, p. 102.

⁴²⁰ Ibidem. 2012, p.103-104.

centro e periferia, o conserto de praças e jardins, considerados “esses espaços de sociabilidade da sociedade, onde se constrói a imagem da cidade”⁴²¹. Dessa forma, “Manaus foi entrando em um novo dinamismo com base nas alternativas econômicas, na ampliação de obras públicas, entre elas várias escolas, e na diversidade social”⁴²².

Para melhor atender a vida religiosa, que teve suas necessidades ampliadas junto com a cidade, Dom Basílio foi procedeu, gradativamente, ao redimensionamento da estrutura espacial da Diocese. Em 1929, ocorreu a inauguração da capela provisória de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de maio; a bênção da primeira pedra da capela de São José de Campos Sales, a 24 de julho, e a de Sant’Ana, no Instituto Benjamim Constant, a 29 de julho⁴²³. Em 1930, a 19 de setembro, ficou pronta a capela de São José de Campos Sales, e foi-lhe dada a bênção⁴²⁴. Em 1933, foi inaugurada a parte interna da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, na Vila Municipal, e procedeu-se a bênção da nova igreja de São Raimundo⁴²⁵. Estas capelas, estavam localizadas nos pontos de expansão da cidade.

Em 1939, foi abençoado do altar de Nossa Senhora do Líbano, na igreja dos Remédios, a 7 de maio, e, a 30 de novembro, Dom Basílio desmembrou da igreja dos Remédios as localidades da Cachoeirinha, Constantinópolis, Colônia Oliveira Machado e Paredão, confiando-as à Congregação do Espírito Santo. Vejo na criação das novas capelas e na separação de localidades, a estrutura preparatória para a ereção das novas paróquias de Manaus, que será decretada por Dom João da Mata, seu sucessor, a partir de 1941. Além da sede do Bispado, Dom Basílio decretou a criação das paróquias: São José de Tarauacá⁴²⁶; Nossa Senhora da Conceição, em Benjamin Constant⁴²⁷; São Francisco, em Eirunepé⁴²⁸; Nossa Senhora Auxiliadora de Feijó e Nossa Senhora da Conceição, em Porto Walter, e São Francisco do Japiim, no Acre⁴²⁹.

A Diocese contava com o *Boletim Paroquial*, instrumento que foi criado por seu antecessor, para servir de comunicação com os fiéis. Não foi possível saber até quando

⁴²¹ Ibidem. 2012, p. 115.

⁴²² MACIEL, Elisângela. Dom Frei Basílio Pereira: um bispo religioso para a Diocese de Manaus (1926-1941). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva; MACIEL, Elisângela. **História, Cultura, Trabalho e Instituições na Amazônia**. Manaus: Valer, 2021, p. 380.

⁴²³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 106.

⁴²⁴ Ibidem. 1952, p.107.

⁴²⁵ Ibidem. 1952, p.108.

⁴²⁶ Criação dada a 28 de dezembro de 1926. Ibidem. 1952, p. 106.

⁴²⁷ Criação dada a 1º de novembro de 1930. Ibidem. 1952, p.107.

⁴²⁸ Criação dada a 8 de dezembro de 1937. Ibidem. 1952, p.109.

⁴²⁹ A criação das duas primeiras ocorreu a 30 de novembro, e a terceira a 8 de dezembro de 1939. Ibidem. 1952, p. 110.

esteve em vigor, mas consegui encontrar exemplares até o ano de 1948, mas não de forma sequencial. No Bispado de Dom Basílio, foi criado o jornal católico *A Reação*, a 13 de maio de 1930, com o objetivo de unir o clero e ser um instrumento de evangelização e comunicação com o povo. A iniciativa foi dos Moços Católicos, com a responsabilidade de ser um semanário, com o aval do Bispo, que compreendia a importância da imprensa para a divulgação da doutrina cristã e de fortalecimento das ideias católicas⁴³⁰. Os dois jornais se fundiram durante a administração de Dom Basílio⁴³¹.

Chegado o ano de 1934, era o momento de realizar a visita *ad limina*. Segundo o rodízio estabelecido pelo Direito Canônico era a vez dos Bispos latino-americanos apresentarem os relatórios de suas respectivas circunscrições eclesiais. Partiram juntos, Dom Basílio Pereira e Dom Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Belém, que se sentia especialmente atraído pela viagem devido à proximidade da canonização de Dom Bosco. Dom Alberto Ramos, ao lembrar essa viagem, registra que Dom Basílio viajava de terceira classe, renunciando a qualquer tipo de luxo. Os Prelados chegaram à Itália a 13 de março, e a 25 de maio já estavam de volta à Belém⁴³².

Auxiliando a Diocese com as finanças, verificamos mais uma vez no ano de 1934, a doação do Estado, que aparece como único doador, na remodelação do interior da igreja da Matriz. Os recursos foram empregados no “polimento do altar, substituição do forro, preparação do nicho e encarnação da imagem da Padroeira, pinturas e reforma da instalação elétrica [...] reforma dos telhados da capela-mor e duas sacristias, mudanças de madeira e limpeza externa”⁴³³. As Associações, como a Pia União das Filhas de Maria, o Apostolado da Oração e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, também arrecadaram e doaram, além de doações realizadas por fiéis⁴³⁴.

A vida pastoral seguia com intensidade: em 1928, foi fundada a Pia União de Santa Terezinha na paróquia de São Sebastião⁴³⁵; em 1929, ocorreu: a Fundação da União de Moços Católicos a, 13 de maio; em 1930, foi fundada a Associação de Nossa Senhora de

⁴³⁰ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 37.

⁴³¹ Nos exemplares do *Boletim Paroquial* de 1946 a 1948, abaixo do título *Boletim Paroquial* aparece *Suplemento de A Reação*. Por não ter encontrado sequencialmente o jornal, não é possível precisar a partir de quando os dois se fundiram.

⁴³² Dom Alberto Gaudêncio Ramos. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴³³ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). Manaus: Edições Muiraquitã, 2012, p.111.

⁴³⁴ Ibidem. 2012, p. 112.

⁴³⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.106.

Nazaré, em a Adrianópolis, e em 1932, foi criado o Trânsito de São José⁴³⁶. Em 1937, a Pia União das Filhas de Maria, foi inserida no Patronato Santa Terezinha, junto aos Santos Anjos, e em Maués⁴³⁷. No mesmo ano, ocorreu a fundação da Congregação Mariana, na Catedral, que além das festividades marianas, auxiliavam nas propagandas da Imprensa Católica⁴³⁸. A Ação Católica foi implantada em Manaus em 1937⁴³⁹, e seus primeiros núcleos da Ação Católica foram criados na paróquia de São Sebastião, em 1938. No mesmo ano, foi fundada a Confraria do Rosário em Borba. Na década de 1930, as Irmãs Doroteias abraçaram o projeto da Ação Católica e obtiveram o reconhecimento de seus serviços educacionais, sendo seu Ginásio equiparado à Escola Normal do Estado. Logo em seguida o Curso de Guarda Livros foi implantado, fiscalizado pelo próprio Governo Federal⁴⁴⁰.

Dom Basílio demonstrou imensa preocupação com a formação de novos padres, pois o seminário fora fechado em meio à crise financeira do Bispado na época de Dom Frederico, “em 1909, após 61 anos de existência dedicados à causa da instrução”⁴⁴¹. Para a recuperação do Seminário São José, “adquiriu o terreno para a construção do Seminário e fundou a Obra das Vocações Sacerdotais”⁴⁴², em 1937. Para a concretização do projeto eclesial, a reforma e o fortalecimento dos seminários era questão central. Parte do século XIX, já presenciara a implantação de novos seminários e reforma dos já existentes. Dom Macedo Costa, por exemplo, zelava pelo seminário, acompanhava pessoalmente a formação dos seminaristas, investindo de forma mais incisiva naqueles que se destacavam e se apresentavam como grandes promessas para um clero renovado. A geração de Prelados pós separação, seguindo esses passos, entendiam que de um clero bem formado, sairiam Bispos bem-preparados para conduzir os rumos da Igreja no Brasil. Uma verdadeira rede de seminários e escolas se verifica, de forma crescente, durante a primeira fase da República, que continuou crescendo nas décadas seguintes. Nos institutos religiosos, permaneceu a escolha dos lazaristas para a administração, demonstrando que a perspectiva

⁴³⁶ A fundação da Associação de N.S. de Nazaré foi a 26 de outubro de 1930, e o Trânsito de S. José a 19 de abril de 1932. **Suplemento de A Reação**. 1946.

⁴³⁷ MACIEL, Elisângela. 2014, p.269.

⁴³⁸ A Congregação foi fundada a 7 de dezembro de 1937, ficando sob a direção do Pe. Carlos Fluhr. **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 84.

⁴³⁹ Ocorreu a 4 de novembro. RAMOS. Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p. 109.

⁴⁴⁰ O reconhecimento do Estado foi pelo decreto nº 88 de 30 de setembro de 1935, e a implantação do Curso de Guarda Livros, hoje Contabilidade, foi em 1938. **Suplemento de A Reação**. Março de 1946.

⁴⁴¹ Ibidem. 1946, p. 76.

⁴⁴² CERETA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 508.

romanizante continuava a ser o fio condutor. Por isso, a retomada do Seminário São José era essencial para o fortalecimento da Igreja em Manaus.

O terreno adquirido para o Seminário, era a antiga chácara do ex-governador Silvério Nery, e ele deu início à implantação do projeto, que foi continuado por seus sucessores, Dom João e Dom Alberto⁴⁴³. Dom Basílio, nos anos que se seguiram, “manteve com ingentes sacrifícios uma turma de seminaristas”⁴⁴⁴, enviando-os para a conclusão dos estudos, fora de Manaus, como ocorreu com Luís de França Tomé de Souza⁴⁴⁵, Antônio Plácido de Souza⁴⁴⁶ e Alcides de Albuquerque Peixoto, que foi ordenado ao final de seu Episcopado⁴⁴⁷. O Bispo se empenhou para que não faltassem sacerdotes para atender às necessidades espirituais, ordenando em Manaus os padres Carlos Fluhr⁴⁴⁸, Pedro Mottais⁴⁴⁹ e José Blecker⁴⁵⁰. Sua preocupação se mostrava não apenas durante a formação no Seminário, mas acompanhava igualmente a atuação dos padres, e é perceptível também seu esforço para de criar um ambiente de diálogo e companheirismo entre os clérigos, como nesta informação extraída de *O Jornal*: “sempre tinha à mesa alguns sacerdotes comensais: Monsenhor Raymundo de Oliveira, Padre Ananias da Silva Câmara, Padre Manoel Monteiro da Silva e Padre Bento Gomes”⁴⁵¹. Em várias ocasiões também outros padres que passavam pela cidade eram bem recebidos por ele.

O ano de 1937, foi também o ano do cinquentenário da presença Vicentina em Manaus, e como resultado de grande trabalho em prol da caridade, foi criada a Vila São Vicente de Paulo, com apoio do município, que para tal fim, doou um terreno na rua Ramos Ferreira, para a residência das famílias pobres que eram amparadas pela Sociedade Vicentina. No lançamento da pedra fundamental, além da presença do Bispo, estavam autoridades políticas, civis, militares e religiosas. As primeiras casinhas foram solenemente inauguradas a 15 de agosto do mesmo ano. Em 1939, foi realizada a adaptação de um velho

⁴⁴³ **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁴⁴ Dom João de Souza Lima. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁴⁵ Sua formação foi no Seminário da Paraíba, e sua ordenação ocorreu a 8 de dezembro de 1928. RAMOS, Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p.106.

⁴⁴⁶ Sua formação foi no Seminário de Fortaleza, e sua ordenação se deu a 27 de novembro de 1938. Ibidem. 1952, p. 109.

⁴⁴⁷ Sua formação foi no Seminário do Maranhão, e sua ordenação se deu a 19 de março de 1941. Ibidem. 1952, p.111.

⁴⁴⁸ Ordenação em abril de 1930. Ibidem. 1952, p. 106.

⁴⁴⁹ Ordenação a 10 de agosto de 1930. Ibidem. 1952, p. 107.

⁴⁵⁰ Ordenação a 8 de janeiro de 1939. Ibidem. 1952, p. 110.

⁴⁵¹ **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

casarão, ficando na parte de cima a capela, uma sala para escola e uma secretaria, e na parte térrea foram construídas 12 salas para residências de famílias pobres⁴⁵².

Durante seu Bispado, foram criadas as Prelazias: de Lábrea, em 1926, entregue aos Agostinianos Recoletos; de Guajará-Mirim (RO), em 1929, entregue à Terceira Ordem Regular, e do Alto Juruá, em 1931, confiada à Congregação do Espírito Santo. Os Agostinianos Recoletos, também passaram a atuar em Manaus em 1938⁴⁵³, e em 1941 “assumiram a recém-criada paróquia de Santa Rita”⁴⁵⁴. Além dos Espiritanos, citados acima, que chegaram a Manaus, em 1939. Uma das faces da ação romanizante foi a europeização expressa na chegada das Congregações Religiosas. Enquanto na Europa o anticlericalismo se fortalecia, em terras brasileiras houve acolhida de várias Congregações Religiosas para o auxílio dos Prelados nas diversas realidades de suas Dioceses. Do início da República até 1930, chegaram ao país 31 Congregações masculinas e 71 femininas. Das nascidas no Brasil, uma é masculina e 22 são femininas. Para Cristiano Matos, além do cenário europeu, deve-se levar em consideração o aspecto sociológico, especialmente no que diz respeito à mulher e sua promoção social⁴⁵⁵.

Boa parte das Congregações, masculinas e femininas, foram atuantes no campo educacional, atendendo grande parcela da classe média e da nascente burguesia, realizando, também, alguns projetos sociais para atender famílias com poucos recursos. Atuaram, também, no campo hospitalar e em outros setores, como na pastoral e na imprensa, contribuindo “para revitalização da Igreja no Brasil em uma perspectiva romanizante”⁴⁵⁶. Contudo, algumas ressalvas foram apontadas no que diz respeito aos chamados ‘esquemas prontos’, trazidos de seus países de origem, como aponta Cristiano Matos. Levando, similarmente, em consideração a particularidade de cada Congregação, às vezes apresentavam dificuldades nas relações diocesanas. As Congregações femininas se dedicaram à educação e saúde, enquanto as masculinas além da educação, também atuaram nas paróquias. Como a maioria vinha da Europa, acabaram transplantando, segundo Azzi, para o Brasil os valores da cultura europeia, continuando com seus centros pastorais em

⁴⁵² **Suplemento de A Reação**. 1946, p.160.

⁴⁵³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

⁴⁵⁴ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a Romanização. Manaus: Valer, 2014, p.212.

⁴⁵⁵ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 36.

⁴⁵⁶ Ibidem. 2003, p. 41.

seus locais de origem⁴⁵⁷. Assim, também, as novas vocações, embora brotem no Brasil, mas suas raízes são europeias. Azzi destaca, também, a formação no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, que formou muitos padres, dentre os quais se escolhia os futuros Prelados, “que devem se destacar pela fidelidade ao espírito romano”⁴⁵⁸. Com a presença de novos grupos de religiosos e religiosas, Dom Basílio supria a Diocese para o auxílio nos serviços eclesiais, especialmente diante desse processo de desmembramento, que começava a se configurar.

Em 1939, realizou-se o Concílio Plenário Brasileiro, ocorrido de 2 a 20 de julho, e Dom Basílio foi um dos padres conciliares⁴⁵⁹. Foi neste ano, também, que efetivamente começou a segunda fase da Guerra dos 31 Anos⁴⁶⁰, eram tempos temerosos, pois os antecedentes já se mostraram bastante agressivos, e a fase que se iniciara tendia a ampliar esses níveis. A Amazônia, até aquele momento parecia distante do conflito mundial, e numa expectativa de retorno aos tempos prósperos que a borracha havia proporcionado, Manaus recebeu a visita do presidente Getúlio Vargas, que pronunciou o seu famoso *Discurso do Rio Amazonas*, em outubro de 1940, anunciando tempos promissores para a região. O Governo propunha estreitar os laços com o Amazonas, visando seu engrandecimento, e conclama-o à responsabilidade afirmando: “o vosso governo, tendo à frente o interventor Álvaro Maia, homem de lúcida inteligência e devotado amor à terra natal, há de aproveitar a oportunidade para reerguer o Estado e preparar o alicerce da sua prosperidade”⁴⁶¹.

Sobre as visitas pastorais, Dom Basílio esteve nas cidades de “Parintins, Barreirinha, Maués, Urucará, Silves e Itacoatiara”⁴⁶², além de outras localidades. Nessas visitas pastorais, além do pároco local, se fazia acompanhar de mais um ou dois sacerdotes. Dom Basílio esteve presente em muitas outras localidades, pois segundo Dom Alberto, “pouquíssimos, todavia foram os lugares, onde não encontrei a tradição de que ali já estivera um outro bispo, esse era sempre Dom Basílio Pereira”⁴⁶³. Após as últimas visitas,

⁴⁵⁷ Até a década de 1960, a presença no Brasil era de 26 Ordens e 66 Congregações, que abarcavam 60% do clero e 26,7% dos Prelados. DEELEN, Godofredo. **O Episcopado Brasileiro**. REB (Revista Eclesiástica Brasileira). N. 27, n. 2. 1967. Os Prelados dirigentes de nossas Prelazias, na década de 1950, se inserem nessa estatística.

⁴⁵⁸ AZZI, Rioldo. **A Neocrisandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994, p. 34.

⁴⁵⁹ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil**: história da igreja no Brasil de 1900 a 1945. São Paulo: Paulos, 2014, p. 98.

⁴⁶⁰ Conceito formulado por Eric Hobsbawm. **A Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1994.

⁴⁶¹ VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas. 10 de outubro de 1940. In: **Revista Brasileira de Geografia**. 1942.

⁴⁶² CERETA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 508.

⁴⁶³ Dom Alberto Gaudêncio Ramos. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

já no ano de 1940, o Bispo se retirou para o Rio de Janeiro, e de lá comunicou sua decisão, inesperada, de renunciar. A decisão foi proveniente do cansaço e da saúde fragilizada. De acordo com *A Reação*, suas forças não o permitiam ir além, e por isso, “precisava a Diocese, a seu ver, da energia de um Bispo em pleno vigor dos anos”⁴⁶⁴.

Em janeiro de 1941, ele escreveu ao Monsenhor Oliveira dando ciência da apresentação de sua renúncia, e pedindo que solicitasse de todos os vigários da Diocese os emolumentos, “a fim de que seu sucessor encontrasse recursos para qualquer empreendimento”⁴⁶⁵. Também, por solicitação de Dom Basílio todas as provisões dos vigários e demais sacerdotes deveriam ser renovadas. Assim, oficialmente, Dom Basílio deixou a Diocese em 1941, aos 70 anos, rumo ao Convento de São Francisco, na Bahia, carregando o sonho antigo de ali se refugiar na presença de Deus. Após a renúncia da Diocese de Manaus, recebeu o título de Bispo titular de Lípari⁴⁶⁶.

Os que o visitaram no recolhimento do Convento, sentiram o quanto “está o seu coração de Pastor preso ao Amazonas”⁴⁶⁷, demonstrando interesse por tudo e todos, e rezando por cada um. Ficou marcado na memória e no coração de seus diocesanos como o Bispo-angélico, como o Anjo da Diocese⁴⁶⁸, o Bispo da oração, que sempre era visto até altas horas rezando por sua Diocese⁴⁶⁹. Segundo Dom João da Mata, suas palavras foram lembradas no centenário de Dom Basílio; seu antecessor era um homem de muita oração, ele “governou a Diocese de joelhos, com o terço na mão!”⁴⁷⁰. Faleceu entre os seus irmãos de hábito, no dia 29 de setembro de 1948, sendo “sepultado com toda a honraria eclesiástica no Cemitério de São Francisco, na Quinta dos Lázaros”⁴⁷¹.

Os sinos de Manaus, dobraram o espaço de sons que pareciam gemidos e soluços partidos de almas em pranto. E todos, homens e mulheres que conheceram o bispo venerando, nas suas orações pediram a Deus por D. Basílio Olímpio Pereira. Ele já está a estas horas, puro como sempre foi, no Reino do Céu, no lugar que lhe competia. Deve ter expirado serenamente, como sempre soube viver. Perdeu a Igreja

⁴⁶⁴ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 37.

⁴⁶⁵ A carta solicita dos vigários um balanço detalhado de todo o ano de 1940, discriminando coletas, esportulas de missas binadas ou dias santos supressos. **Circular de 20 de Março de 1941**.

⁴⁶⁶ **O Jornal**. 25 de abril de 1971. Lípari é uma ilha da Sicília, na Itália.

⁴⁶⁷ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 37.

⁴⁶⁸ *Ibidem*. 1946, p.35.

⁴⁶⁹ *Ibidem*. 1946, p.211.

⁴⁷⁰ **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁷¹ TANAJURA, Mozart. **História de Livramento**: a terra e o homem. Salvador: Secretária de Cultura e Turismo, 2003, p.291.

Católica, com seu desaparecimento terreno, um de seus dignitários mais ilustres, que sempre a honraram pelo saber e pela dignidade.⁴⁷²

No centenário de seu nascimento, o Arcebispo Dom João de Souza Lima, o homenageou falando que seus 15 anos de governo se deram em um dos períodos mais difíceis do Amazonas, que passava por crises econômicas e políticas, e numa região tão vasta que lhe requereu muitas viagens, e se manteve sempre “na sua humildade franciscana, atraente na sua simplicidade encantadora, rico na generosidade de sua pobreza evangélica e santo na expressão de sua piedade”⁴⁷³.

Dom Alberto Ramos, também por ocasião do centenário, ressaltou duas características de Dom Basílio: o zelo pastoral e a pobreza. Dom Alberto disse que ficou “na memória dos amazonenses a imagem do simpático velhinho”⁴⁷⁴ que obedeceu a Pio IX e veio cuidar da vastíssima Diocese. Dom Basílio conseguiu, aos poucos, saldar a dívida que a Diocese carregava há muitos anos, “e para isso se impôs as mais duras economias, na austeridade de uma vida mais do que franciscana”⁴⁷⁵. Dom Alberto, ainda confessou que nos momentos mais difíceis do pastoreio em Manaus, como seu último Bispo e primeiro Arcebispo, sempre pedia a intercessão de Dom Basílio, e sempre era atendido.

Monsenhor Alcides de Albuquerque Peixoto, que era chanceler da Cúria de Manaus por ocasião do centenário de Dom Basílio, lembrou que fez toda a sua formação no seu Episcopado e foi enviado ao Seminário por ele. Destacou, o que considerou, o aspecto mais marcante da administração de Dom Basílio, muito antes do Concílio Vaticano II, que foi o espírito de pobreza e renúncia, que mais lhe impressionou, porque “já naquele tempo seguia os caminhos da pobreza evangélica e sacerdotal”⁴⁷⁶.

Após a renúncia de Dom Basílio, a Diocese de Manaus se preparou para receber o próximo Bispo e continuar a seguindo “seu curso, procurando estender suas ações às diversas localidades, estimulando o fervor devocional, se expandindo geograficamente, e gradativamente se estruturando e atendendo às diretrizes propostas pela Santa Sé”⁴⁷⁷. Cada Bispo, conforme o seu carisma e em sintonia com o Papa, se esforçou para atender às

⁴⁷² ANTONY, Aristophano. **Crônica, D. Basílio**. 30 de setembro de 1948.

⁴⁷³ Dom João de Souza Lima. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁷⁴ Dom Alberto Gaudêncio Ramos. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁷⁵ Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Ibidem, 1971.

⁴⁷⁶ Monsenhor Alcides de Albuquerque Peixoto. In: **O Jornal**. 25 de abril de 1971.

⁴⁷⁷ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1936). Manaus: Valer, 2014, p.226.

necessidades da Igreja no Amazonas, e seguiu plantando e colhendo. O Episcopado de Dom Basílio, com a gestão mais longa do período diocesano, soube recuperar e amadurecer o trabalho já iniciado por seus antecessores, e preparou o terreno para a expansão estrutural que a Diocese passaria com a chegada do seu sucessor, Dom João da Mata, na década de 1940.

II

Romanizar e Restaurar: a terceira fase do Episcopado de Manaus com Dom João da Mata Andrade e Amaral (1941-1948) e Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952)

1. A Igreja no Brasil na década de 1940

Finalizando a década de 1930, ocorreu o Concílio Plenário Brasileiro. Pio XII recém-eleito, confirmou o CPB e nomeou Dom Leme como Legado Pontifício, com toda a autoridade em nome dele. Foi feita, então, a convocação para o CPB, a ser iniciado a 2 de julho de 1939. Nessa ocasião, a Igreja no Brasil contava com um Cardeal, 17 Arcebispados e 56 Bispados, 23 Prelazias e duas Prefeituras Apostólicas. Entre os padres conciliares, estava o Bispo de Manaus Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira (1926-1941), e o seu futuro substituto Dom João da Mata Andrade e Amaral⁴⁷⁸, nomeado em 1941. O CPB, utilizando como base a Pastoral Coletiva de 1915, encerrou seus trabalhos a 20 de julho e enviou seus decretos conciliares a Roma para aprovação e promulgação. A primeira parte do decreto trata das pessoas: o clero, os religiosos e os leigos. A segunda parte trata das coisas: os sacramentos; os lugares e tempos sacros; o culto divino; o Magistério da Igreja; benefícios e bens eclesiásticos; as pias fundações e coletas. Segundo Dom Irineu Scherer, o CPB teve um influxo considerável, mas não tão forte como se esperava, mas, mesmo assim, foi amplamente reconhecido, servindo de modelo para outros concílios⁴⁷⁹.

Nos anos de 1940, a Igreja no Brasil tinha alcançado grandes resultados em sua estratégia de expansão. Nas décadas anteriores, o Episcopado brasileiro foi fortalecido, especialmente sob a liderança de Dom Sebastião Leme que foi responsável por alinhar as relações entre os poderes eclesiástico e político, que pensou e executou as ações da Igreja

⁴⁷⁸ SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil: história da igreja no Brasil de 1900 a 1945**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 90-99.

⁴⁷⁹ Ibidem. 2013, p. 123-132.

no período de restauração católica, com crescimento do engajamento leigo e mobilização de intelectuais católicos que atuaram nas bases⁴⁸⁰. Igualmente fortalecida, estava a relação entre os Prelados, que constituíram uma rede de influência, de troca de favores, de articulações. Em 1942, Dom Sebastião Leme faleceu, sendo substituído por Dom Jaime de Barros Câmara, que foi elevado ao cardinalato em 1946. Junto com a elevação de Dom Jaime Câmara, a Igreja no Brasil ganhou seu segundo cardeal, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota⁴⁸¹.

Segundo Carlos Moura, a morte de Dom Leme “dificultou a continuidade dos projetos de recatolização no país”⁴⁸². Sua liderança centralizada deixou uma lacuna, levando o pensamento conservador a apresentar sinais de crise a partir de 1945. Todo o contexto de transformação pelo qual o Brasil passava, afetou o modelo de neocrisandade construído nas décadas anteriores; o ano de 1945 marcou a redemocratização no Brasil, ao final da Ditadura do Estado Novo e de todo o regime Vargas iniciado em 1930, com o qual a o Episcopado brasileiro havia se aliado, “pelo menos até 1945, a Santa Sé manteria o canal de discussão sobre um acordo internacional com Vargas”⁴⁸³. Ao longo desta década e início da próxima, o Episcopado se esforçou para dar continuidade aos projetos católicos e constituir novas lideranças entre os Prelados. Para Cristiano Matos, “estava em gestação uma nova consciência eclesial, ou seja, uma outra compreensão de si mesma por parte da Igreja”⁴⁸⁴. Vale ressaltar, que Dom Jaime Câmara se posicionou a favor da democracia, e que nesse novo cenário “a tradicional aliança com os poderes públicos garantiu à Igreja uma série de privilégios na constituição democrática de 1946”⁴⁸⁵.

Nesse cenário, como desdobramento das atividades da Ação Católica, o que demonstra o seu crescimento, foi criada a Ação Católica Especializada (ACE) em 1945. Em 1947, a JUC (Juventude Universitária Católica) foi ganhando maior expressão em vários cantos do

⁴⁸⁰ MOURA, Carlos André. **Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)**. Lisboa: Ics – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 237.

⁴⁸¹ AZZI, Rioldo. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Tomo 3 - Terceira época (1930-1964). Petrópolis: Vozes, 2008, p. 582.

⁴⁸² MOURA, Carlos André. **Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)**. Lisboa: Ics – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 236.

⁴⁸³ ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Santa Sé e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.248.

⁴⁸⁴ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, 134.

⁴⁸⁵ VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. São Paulo: Santuário, 2016, p.271.

país⁴⁸⁶. O Círculo Operário teve grande projeção até a metade dos anos de 1945, mas, a partir daí perdeu o patrocínio do governo⁴⁸⁷. Nessa década, a Igreja no Brasil testemunhou um cisma⁴⁸⁸, com a criação da Igreja Católica Brasileira (ICAB) em 1945, mas também dois Congressos Eucarísticos Nacionais, o IV em São Paulo em 1942 e o V em Porto Alegre em 1948⁴⁸⁹. Outro aspecto, nessa década, que marcou a Igreja no Brasil foi a transição na Nunciatura, Dom Benedetto Aloisi Masella, de perfil mais conservador, foi substituído por Dom Carlo Chiarlo, de perfil mais aberto, que permaneceu como Núncio do Brasil de 19 de março de 1946 a 12 de setembro de 1954. Foi na administração de Dom Carlo que se deu a criação das Arquidioceses de Manaus, Teresina e Natal, e a nomeação de três Arcebispos titulares e novos 58 Bispos⁴⁹⁰.

Foi nesse cenário, da década de 1940, que ocorreu a nomeação do quinto Bispo de Manaus, que se enquadra, como seus antecessores, na linha dos Prelados que buscavam o enraizamento da romanização, recatolizando o Brasil e estreitando laços com a Santa Sé. Sagrado na década de 1930, Dom João da Mata se tornou um típico representante desse período, muito bem articulado com seus pares, desenvolvendo e fortalecendo laços nacionais, e se aproximando das elites locais. O fortalecimento dos seminários e do clero, as obras sociais e educacionais, o laicato mais engajado e sintonizado com suas respectivas Dioceses, eram pautas das ações do Episcopado brasileiro. Foi imbuído desse projeto, que Dom João da Mata, dirigiu a Diocese de Cajazeiras de 1934 a 1941, e veio a assumir sua segunda Diocese, a de Manaus, a partir de 1941.

Tudo indica que Dom João da Mata pertence ao terceiro grupo de Prelados, categorizados por Sérgio Miceli. Os Prelados deste grupo, são oriundos de famílias portadoras de pequenas propriedades rurais e que tinham uma prole numerosa, na maioria dos casos. Essas famílias, tinham como característica uma profunda piedade religiosa, com muitos rigores⁴⁹¹. Assim, era Altinho, no sertão de Pernambuco, onde a família Andrade e

⁴⁸⁶ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo 3 - Terceira época (1930-1964). Petrópolis: Vozes, 2008, p. 258.

⁴⁸⁷ Ibidem. 2008, p. 357

⁴⁸⁸ Dom Carlos Duarte foi excomungado a 6 de julho de 1945, no mesmo dia respondeu à declaração do Santo Ofício com o anúncio da fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB). O cisma religioso foi manifesto oficialmente a 18 de agosto, e a 6 de julho de 1946, o Santo Ofício declarou Dom Carlos excomungado, com proibição aos católicos de qualquer comunicação com ele. Ibidem. 2008, p. 612.

⁴⁸⁹ Ibidem. 2008, p. 437

⁴⁹⁰ Ibidem. 2008, p. 607

⁴⁹¹ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 80-104.

Amaral se firmou, com muito trabalho e muito fervor religioso⁴⁹². Filho do Nordeste, Dom João da Mata pertencia a uma geração de Prelados herdeiros do projeto de expansão e fortalecimento da Igreja, romanizando no percurso do Nordeste ao Norte. O Nordeste mais uma vez, aparece como celeiro da romanização. O quinto Bispo de Manaus, governou por sete anos. Quando iniciou seu governo o mundo se encontrava em plena Segunda Guerra Mundial, e no Brasil, a Ditadura Vargas estava a pleno vapor. O contexto mundial e brasileiro, levou o Amazonas a experienciar a batalha da borracha, como saída para a crise econômica, que era fruto de um projeto entre o Estado brasileiro com seu braço interventor na região, impulsionado pelo mercado da guerra.

Os Bispos enviados ao Amazonas, sendo em maioria nordestinos, tiveram sua fabricação e seu fortalecimento ainda em sua região de origem, e ao assumirem uma Diocese do Norte, traziam em sua bagagem o projeto romanizador para efetivá-lo e aprofundá-lo. Ingressavam no Seminário muito jovens e eram preparados desde cedo para a carreira eclesiástica e para pertencer ao rol do Episcopado, fortalecendo, desse modo a rede que começou a ser construída na República Velha, com crescente entrelaçamento e amadurecimento das décadas de 1930 a 1950. A influência de Dom Adauto Henriques, que se estendeu para as duas mitras do Norte com Dom Irineu Joffily e Dom Santino Coutinho, também pode ser sentida em Dom João da Mata, que foi formado nesse caldeirão nordestino.

1.1 Dom João da Mata de Andrade e Amaral: o Bispo empresário

O quinto Prelado de Manaus⁴⁹³ era filho de Pernambuco, nascido em Altinho em 1898, filho de Francisco Severino do Amaral e Deolinda de Andrade e Amaral. A família era “simples e modesta, mas impregnada dos sãos princípios do Cristianismo”⁴⁹⁴. Oriundo do sertão pernambucano, sua infância, como retrata Nonato Pinheiro, foi cercada por aspectos característicos dessa região, com as “famílias patriarcais, as casas de engenho, os canaviais, a capelinha e as festas tradicionais”⁴⁹⁵. Sua mãe, “tipo clássico da mulher sertaneja”, de

⁴⁹² PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 21-23.

⁴⁹³ Nasceu em 8 de fevereiro de 1898, em Pernambuco. Em 1934, foi eleito Bispo de Cajazeiras. Em 21 de outubro de 1941, chegou a Manaus, como seu 5º Bispo. Faleceu em 1954. BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 281.

⁴⁹⁴ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 22.

⁴⁹⁵ Ibidem. 2007, p. 23.

forte piedade cristã, era o símbolo maior de seu querido lar, e mesmo depois de ascender à mitra nunca deixou de visitá-la anualmente.

João, demonstrando inclinação para o sacerdócio, foi encaminhado para a Casa de Formação Salesiana, em Jaboatão. O convívio com os salesianos marcou sua juventude, e de lá seguiu para o Seminário em Olinda, aos 15 anos. A Obra Salesiana, fundada em Turim, em 1841, se apresentava como um novo e eficaz instrumento de educação da juventude, e, por solicitação dos Prelados engajados na reforma católica, como Dom Macedo Costa, chegou ao Brasil em 1883. Os Salesianos, “plenamente imbuídos da mentalidade romanista, que se havia afirmado sobretudo a partir do pontificado de Pio IX”⁴⁹⁶, chegaram ao Rio de Janeiro em 1883, e em 1894 ao Recife e a Cuiabá. Em Pernambuco, além da obra de Recife, em 1905 foi criada a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, em Jaboatão, transformada em Santuário no ano de 1915, onde João fez sua iniciação para o futuro ministério. Certamente a devoção à Maria Auxiliadora, “expressa através de novenas e festas, devia levar os seus devotos a uma prática sacramental mais intensa”⁴⁹⁷, marcando sua trajetória, como ficará evidente nos Congressos Eucarísticos que o futuro Prelado realizará em suas futuras Dioceses.

João foi ordenado em 1921, aos 23 anos. Após a ordenação, ficou incardinado na Diocese de Nazaré, criada em 1918, onde celebrou sua primeira missa. Sob a confiança de Dom Ricardo Vilela, exerceu as funções de: secretário do Bispado, capelão da Usina Aliança; vigário de Nazaré, de 1923 a 1928, e Vigário Geral da Diocese, de 1924 a 1932, conduzindo, ainda, as Paróquias de Queimados, Limoeiro e de Bom Jardim, onde foi surpreendido com a notícia de sua eleição para a Diocese de Cajazeiras. Foi na sua última paróquia, que gerenciou por dois anos, que, o agora Monsenhor João da Mata, se destacou nas obras de assistência social, com a fundação do Colégio de Sant’Ana e a reforma da Igreja Matriz, como um anúncio do que realizaria nas três Dioceses que iria pastorear.

Monsenhor João, foi nomeado o segundo Bispo de Cajazeiras, sagrado em 1934. Além do apadrinhamento de Dom Adauto Henriques, embora já falecido no período da sacração, uma figura dominante em sua trajetória eclesiástica, em sua rede de relações estão Prelados

⁴⁹⁶ AZZI, Riolando. **Os Salesianos no Brasil à luz da História**. Enfoques históricos. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1982, p. 29.

⁴⁹⁷ Ibidem. 1982, p. 118.

influentes, como Dom Antônio de Almeida Lustosa⁴⁹⁸, Salesiano, seu formador na juventude, a quem aprendeu a admirar. E, em linha direta, seus patronos foram: Dom José Pereira Alves⁴⁹⁹, que fora reitor e professor do Seminário de Olinda, e se tornara um grande amigo, e a quem teve a honra de suceder na Diocese de Niterói em 1948; Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra⁵⁰⁰, que lhe concedeu a tonsura e lhe sagrou em 1934, considerado por ele “o timoneiro providencial da Igreja no Brasil”⁵⁰¹; Dom Ricardo Ramos de Castro Vilela⁵⁰², que lhe ordenou em 1921 e foi seu mentor nos anos de presbitério em Nazaré.

Cardeal Leme conduziu a sagração do novo Prelado, assistido por Dom José Alves e Dom Ricardo Vilela. A celebração foi realizada no santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Niterói, prenunciando sua ida para a direção daquela cidade 14 anos mais tarde, sob as bênçãos de Dom Bosco, recém canonizado, como uma terna lembrança da convivência com os Salesianos, quando começou sua caminhada rumo ao sacerdócio. Como paraninfos, foram escolhidos os industriais pernambucanos Walfredo Pessoa de Mello e Major Belarmino Pessoa de Mello, o que demonstra também sua boa relação com o empresariado, outro aspecto que marcará sua trajetória. Em sua primeira Carta Pastoral, Dom João assim se expressou:

Altos desígnios de Deus! No dia 20 de maio de 1934, - festa de Pentecostes, no Santuário de Maria Auxiliadora, em Niterói, - berço da obra salesiana no Brasil, ainda por entre aleluias da canonização de São João Bosco, éramos sagrado Bispo [...] Era a plenitude do sacerdócio católico que, pela imposição das mãos, nos sublimava a alma. Como os discípulos de Emaús, na tarde gloriosa da Ressurreição, podíamos, então, exclamar: não é verdade que, ao contato daqueles três corações, sentíamos que o nosso se abrasava?⁵⁰³

Em discurso, Dom Ricardo Vilela, pediu as bênçãos da Virgem Maria, de quem seu amigo e filho espiritual era devoto, para exercer “as funções de Pai e Pastor de uma

⁴⁹⁸ Nasceu em São João Del Rei (MG) em 1886, sagrado em 1935 para assumir a Diocese de Uberaba, em 1941 passou a ser Arcebispo de Belém, sendo transferido para a Arquidiocese de Fortaleza em 1941. MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.100.

⁴⁹⁹ Nasceu em Palmares (PE) em 1885, cursou seminário em Olinda, sagrado em 1923 para assumir a Diocese de Natal, e em 1938 foi transferido para a Diocese de Niterói. Ibidem. 2009, p. 100.

⁵⁰⁰ Nasceu em Espírito Santo do Pinhal (SP), cursou seminário em São Paulo, foi Bispo auxiliar do Rio de Janeiro (1911), Arcebispo de Olinda em 1916, Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro (1921), se tornou cardeal em 1930. Ibidem. 2009, p.98.

⁵⁰¹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p.25.

⁵⁰² Nasceu em Olinda em 1887, e tornou o primeiro Bispo de Nazaré da Mata em 1919, renunciou em 1946. MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 101.

⁵⁰³ Carta Pastoral de Saudação aos diocesanos de Niterói, 1948, p. 5 e 6. Apud PINHEIRO. 2007, p. 34.

florescente Diocese sertaneja”.⁵⁰⁴ Cajazeiras, havia sido elevada à Diocese em 1914, desmembrada da Diocese da Paraíba, e Dom João da Mata fez sua entrada como segundo Bispo ao anoitecer do dia 28 de junho, recebido por seu antecessor Dom Moisés Ferreira Sizenando Coelho⁵⁰⁵, que passou a suceder Dom Adauto no Arcebispado de João Pessoa, com a posse ocorrendo no dia seguinte. Além das funções inerentes ao Bispo, com visitas pastorais e administração dos sacramentos, dedicou-se à questão social, seguindo as diretrizes da *Rerum Novarum* (1891) e da *Quadragesimo Anno* (1931). No campo assistencial, empenhou-se na criação da Casa do Pobre, que cuidava dos desamparados, e do Hospital D. Alice de Almeida⁵⁰⁶. Outro aspecto de destaque em seu episcopado foi a Educação, se dedicando a reformas de escolas e implantação de novas. Pastoralmente, se empenhou na renovação espiritual da Diocese, organizando a Ação Católica e realizando o 1º Congresso Eucarístico⁵⁰⁷.

Cajazeiras, era um dos centros medianos, situada na divisa entre Bahia e Ceará. Localizada nos confins do sertão paraibano, Cajazeiras era vizinha da região do Cariri, área de influência da liderança político-religiosa de Pe. Cícero. Cajazeiras e Crato, no Ceará, passaram a ser sedes diocesanas “em função dos interesses eclesiais empenhados em erigir frentes capazes de resistir aos avanços de Juazeiro, mas também por abrigarem, respectivamente, o seminário menor e o renomado colégio religioso do Padre Rolim”⁵⁰⁸. Cajazeiras fazia parte do “cerco” territorial estabelecido no Nordeste contra os movimentos cismáticos, que passava pelo crescimento do número de seminários e por acordos políticos realizado por Prelados que tiveram gestões prolongadas e bem-sucedidas gestões, configurando uma crescente influência da organização eclesial⁵⁰⁹. Dom João da Mata, passou a compor o quadro dos Prelados nordestinos imbuídos da missão de consolidar o Catolicismo romano e afastar qualquer desvio doutrinal, diminuindo a força das irmandades e estabelecendo um aparato diocesano em sintonia com as outras Dioceses, e, assim, adquiriu vasta experiência com zonas de conflito e nas articulações político-

⁵⁰⁴ PINHEIRO, Nonato. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p.35.

⁵⁰⁵ Nasceu em Cajazeiras em 1877, foi ordenado em 1901 e sagrado em 1914 para ser o primeiro Bispo de Cajazeiras, sendo seu patrono Dom Adauto Henriques. MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica**. 2009, p.96.

⁵⁰⁶ PINHEIRO, Nonato. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p.42-43.

⁵⁰⁷ Estiveram presentes Dom Jaime de Barros Câmara e Dom Mário de Miranda Vilas-Boas, na ocasião bispos de Mossoró e Garanhuns. Foi erguido o monumento a Cristo Redentor, como lembrança daquele momento. Ibidem, 2007, p.44.

⁵⁰⁸ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 60.

⁵⁰⁹ Ibidem. 2009, p. 78.

religiosas. Foi com esta bagagem que ele foi transferido para comandar a Diocese de Manaus.

A 28 de março de 1941 recebeu a notícia de sua nomeação para a Diocese de Manaus. Segundo o padre Nonato Pinheiro, pareceu hesitante diante do novo desafio, deixar os projetos em andamento e rumar para uma região que não lhe era conhecida, mas se “a Santa Sé quis, ele também o quis”!⁵¹⁰. No caminho, indo para sua nova Diocese, passou por Belém onde foi abraçado por seu antigo professor, o recém-eleito Arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa. Ao descer do hidroavião, trazia na mão o livro do lazarista Dom Francisco de Paula e Silva⁵¹¹, elemento indicador de suas inclinações e sintonia com as diretrizes do Episcopado brasileiro.

Dom João da Mata chegou a 21 de outubro de 1941, como o quinto Bispo de Manaus. Às 16 horas o cortejo seguiu pela avenida Eduardo Ribeiro, “no qual tomaram parte todas as escolas e grupos da capital”⁵¹², na Catedral, após a leitura da bula de sagração, Dom João concedeu sua primeira bênção aos seus diocesanos. Chegou com muito entusiasmo, para uma administração que se estenderia até 1948, anunciando o 1º Congresso Eucarístico Diocesano como grande comemoração do cinquentenário da Diocese de Manaus. Segundo Nonato Pinheiro, não houve muita acolhida no comunicado do Bispo, mas sim um certo temor pelo curto tempo para a preparação e pelos poucos padres que dispunha a Diocese⁵¹³. Todos ficaram na expectativa dos próximos encaminhamentos, pois o Bispo chegara com simpatia e com firmeza, para pôr em prática tal empreitada. Diante de seu antecessor, seu governo foi mais curto, mas foram sete anos de crescimento para a Diocese de Manaus⁵¹⁴.

Diante de uma cidade em expansão e observando as necessidades de sua nova Diocese, Dom João criou três paróquias, em menos de dois meses de administração, o que demonstra interesse, preocupação e uma visão empreendedora para a expansão de sua nova Diocese. As novas paróquias eram: São Raimundo, desmembrada da Matriz, que ficou sob a responsabilidade da Congregação do Espírito Santo; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, desmembrada de Nossa Senhora dos Remédios, que ficou sob a direção dos Diocesanos; e

⁵¹⁰ PINHEIRO, Nonato. Op. Cit., 2007, p. 50.

⁵¹¹ A obra do Bispo lazarista era “Apontamentos para a História Eclesiástica do Maranhão”. PINHEIRO, Nonato. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 51.

⁵¹² **Diário Oficial**, terça-feira 21 de outubro de 1941.

⁵¹³ PINHEIRO, Nonato. Op. Cit., 2007, p. 52.

⁵¹⁴ MACIEL, Elisângela. Diocese à Arquidiocese: os frutos da romanização em Manaus (1941-1952). In: FERREIRA, Arcângelo... [et.al]. **Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate**. Manaus: Editora UEA, 2019, p.24.

Santa Rita, também saída dos Remédios, que ficou sendo conduzida pelos Agostinianos Recoletos⁵¹⁵. Assim, ao final do ano de 1941, a cidade de Manaus passava a contar com seis paróquias.

Antes de findar o ano de 1941, iniciaram-se os preparativos para a realização do Congresso Eucarístico, e para os 50 anos da Diocese de Manaus. O mundo vivia mais uma vez os horrores de uma guerra mundial, que se mostrava mais avassaladora que a fase anterior. Seus impactos também se faziam sentir no Brasil, com grandes reflexos na Amazônia, que em virtude desse contexto, começara a viver o que ficou conhecido como a segunda fase da borracha, levando a guerra aos seringais e transformando os seringueiros em soldados da borracha, “objetivando a retomada da produção extensiva de borracha na Amazônia”⁵¹⁶, e impulsionando deslocamento em massa, principalmente de nordestino para o sertão amazônico, com uma estimativa de “cerca de 55 mil trabalhadores no período de 1941 a 1945”⁵¹⁷.

O Governo Vargas apresentou em seu discurso a convocação dos nordestinos, como um chamado à terra prometida, que “deixa de ser um movimento esporádico, condicionado em sua maioria pela seca, para tornar-se uma campanha oficial, verdadeira campanha de guerra”⁵¹⁸, fato esse, ocorrido um ano antes da chegada de Dom João, e que lançava sobre o Amazonas luzes de prosperidade econômica e política. Essa fase, economicamente, não se compara com a primeira, mas colocou Manaus em conexão com o Brasil novamente, estreitando os laços políticos e econômicos, sociais, culturais e eclesiais. Dom João, soube se articular muito bem com o contexto, procurando dar a ênfase ao que a Diocese precisava para crescer e se destacar em seus projetos.

O discurso varguista fala da avaliação para a realização do plano de reerguimento da Amazônia e da grandeza do Amazonas em variados aspectos, mas que sob seu governo “tornar-se-á um capítulo da história da civilização”⁵¹⁹. Tal discurso se sintoniza com os ideais da Igreja, que também deseja levar a cabo seu projeto de civilização cristã, que deve se estender sobre a Amazônia, aqui em específico. O *Discurso do Rio Amazonas*, teve um tom bélico, mas também um tom de salvação para a Amazônia. Assim, como reflexo da

⁵¹⁵ Ibidem. 2019, p.24.

⁵¹⁶ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha**: das vivências do passado às lutas contemporâneas. Manaus: Valer/FAPEAM, 2014, p. 53.

⁵¹⁷ Ibidem. 2014, p. 74.

⁵¹⁸ Ibidem. 2014, p. 69.

⁵¹⁹ VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas. 10 de outubro de 1940. In: **Revista Brasileira de Geografia**. 1942.

articulação entre Getúlio Vargas e Dom Sebastião Leme, no Amazonas, por meio de seu interventor Álvaro Maia, se percebe a aproximação de interesses e projetos. O Interventor, afinado com o projeto de Getúlio Vargas, de prosperidade e civilização para a região amazônica, e demonstrando afinidade com o projeto cristão nos anos anteriores ao defender a política de povoamento e combater o extermínio indígena, lembrou “o trabalho das missões religiosas franciscanas, salesianas e dominicanas que atuavam e continuavam na Amazônia catequizando-os e incorporando à civilização”⁵²⁰.

O primeiro compromisso do ano de 1942, foi a ida a Belém para a posse do novo Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara. Após a posse, no almoço do dia seguinte, veio a oportunidade do Sufragâneo se dirigir ao seu Metropolita, para falar sobre o Congresso Eucarístico em Manaus e pedir-lhe a bênção para sua realização do que ficaria registrado como o marco inicial de seu Episcopado. Dom João solicitou a Dom Jaime que os seminaristas do Pará fossem ao Congresso para “emprestar mais intenso brilho e pompa às cerimônias sagradas, e maior reforço ao canto litúrgico”⁵²¹. A resposta de Dom Jaime foi sim, em nome dos laços já constituídos quando eram Prelados no Nordeste, iriam não só os seminaristas, mas ele também se faria presente no Congresso em Manaus.

O Mundo enfrentava a Segunda Guerra Mundial, “e a resposta da Igreja era olhar para o Cristo Redentor, vivenciar o Congresso Eucarístico, levando as pessoas ao encontro com a Eucaristia”⁵²². Como preparação para o grande Congresso, iniciaram-se as atividades ainda em janeiro de 1942, no retiro do clero pregado pelo padre lazarista Tiago Way, como primeiro passo da reorganização das Obras Vocacionais. Até o mês de maio foram cumpridas as visitas das missões lazaristas conduzidas nas novas paróquias, preparando mentes e corações para o Congresso. Também nos meses iniciais, a Ação Católica vivenciou os primeiros círculos de estudos. A festa de Pentecostes ocorreu a 24 de maio, e nos dias 27 a 30 foram proferidas conferências por Dom Mário Vilas-Boas, na Catedral⁵²³.

Enquanto os preparativos para o Congresso iam se encaminhando, a guerra se intensificava. Em março de 1942, foram firmados os *Acordos de Washington*, dos quais

⁵²⁰ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia**: uma liderança política cabocla. Manaus: EDUA, 1997, p. 98.

⁵²¹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 54.

⁵²² MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 195.

⁵²³ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 43-44.

decorreu o decreto-Lei nº 3.750, de setembro do mesmo ano, que criava uma Coordenação de Mobilização Econômica, e em seguida houve o reforço da campanha que arregimentava os Soldados da Borracha. A convocação dava duas opções “a incorporação ao Exército Brasileiro e a consequente possibilidade de ir para o cenário das operações de guerra, ou ir para a Amazônia, envolvendo-se no esforço de guerra vinculado à produção de borracha e, dessa forma, ter seu alistamento adiado”⁵²⁴. O entendimento entre Estados Unidos e Brasil, incluíam, entre outros produtos, o café e a borracha, cobrindo o período de 1942 a 1947, com controle do governo federal sobre a produção extrativa da borracha, e aumento da exportação para o norte da América⁵²⁵. Álvaro Maia, na condição de Interventor, assumiu “em conformidade com o Estado Novo, a defesa da batalha da borracha, doutrinando seringalistas e seringueiros sob o pretexto de produzir mais borracha para a guerra”⁵²⁶.

Todo o mês de maio, que antecedeu ao início do Congresso Eucarístico, foi de intensa preparação, com as Santas Missões, divulgação pelo semanário *A Reação* e pela emissora local, intensificação da devoção Mariana, devoção ao Santíssimo Sacramento todas as quintas, festa de Pentecostes, e festa de São Pascoal Bailão, padroeiro dos Congressos Eucarísticos⁵²⁷. Em 21 de maio de 1942 partiu de Belém a embarcação transportando o Arcebispo de Belém Dom Jaime de Barros, o Arcebispo do Maranhão Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o Prelado do Guamá Dom Eliseu Corolli, o Prelado do Marajó Dom Gregório Alonso, o Prelado do Xingu Dom Clemente Geiger, o Administrador Apostólico de Santarém Mons. Anselmo Pietrula, o Cônego Américo Leal, além de vários clérigos, secular e regular, chefiados pelo Reitor Pe. Lourenço Gatti, e 70 seminaristas, além do Pe. Tiago Way, representante da Ação Católica e delegações marianas de Santarém, e uma comitiva de 300 pessoas rumo ao Congresso Eucarístico de Manaus⁵²⁸. É necessário destacar dois aspectos: o Congresso Eucarístico de Manaus (CEM), se apresentou em conformidade com o IVº Congresso Eucarístico Nacional, sediado em São Paulo, e a era a realização do Primeiro Congresso Eucarístico da Amazônia⁵²⁹.

⁵²⁴ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha**: das vivências do passado às lutas contemporâneas. Manaus: Valer/FAPEAM, 2014, p. 80.

⁵²⁵ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia**: uma liderança política cabocla. Manaus: EDUA, 1997, p. 119.

⁵²⁶ Ibidem. 1997, p. 120.

⁵²⁷ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 132-134.

⁵²⁸ Ibidem. 1946, p. 138.

⁵²⁹ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 131.

O Navio Eucarístico, que transportava os peregrinos, “transformou-se em uma igreja flutuante”⁵³⁰, lembrando o Cristóforo de Dom Macedo Costa⁵³¹. Nos dez dias de viagem, toda a disciplina do seminário foi seguida, e cotidianamente celebrou-se a Missa e seguiram-se orações e meditações intercaladas com as aulas. A procissão fluvial recebia demonstrações de fé por onde passava, com grandes manifestações nas cidades onde parou: Santarém, Monte Alegre e Parintins⁵³². Ao passar por Itacoatiara, apesar do avançado da noite, viu-se demonstração de fé e piedade do povo, “ajoelhado nos barrancos do porto tendo à frente, embora cego e velho, o respeitável vigário Pe. Pereira, acompanhado do seu coadjutor Pe. Peixoto, que, da terra, pediam que déssemos a bênção do SSmo. Sacramento”, afirmou, impressionado, o Cônego Américo Leal ao Jornal *A Reação*⁵³³.

No dia 31 de maio se deu a chegada do Navio Eucarístico, uma multidão se comprimia no Roadway de Manaus, aguardando “O Deus Vivo da Eucaristia”⁵³⁴. Um grande cortejo se formou e seguiu até a Praça do Congresso, com o Arcebispo à frente conduzindo o Santíssimo Sacramento, e “no magnífico Altar-Monumento, foi dada a Bênção Eucarística à multidão genuflexa”⁵³⁵. No Altar-Monumento, que se ergueu como um gigante marco de fé, foi colocada uma cruz luminosa que de longe poderia ser vista, e que, na “sua muda beleza, gritava à cidade toda o Mistério de Amor que ali se celebraria”⁵³⁶. Ladeando o painel central, estavam as armas do Sumo Pontífice e do Arcebispo de Belém e Metropolitana da Amazônia, e ao redor da cruz duas colunas foram colocadas servir de mastro para os pavilhões Pontifício e do Brasil, como destaque da união Pátria e Igreja⁵³⁷. E, nos dias 1º e 4 de junho realizou-se o Congresso. Em todos os dias ocorreram: “*Laus Perene*, na catedral; missas festivas, na Praça do Congresso; comunhões gerais; Círculos de Estudos da Ação Católica, no Instituto Benjamin Constant, e sessões solenes na Praça do Congresso”⁵³⁸. Para senti-lo de forma mais entusiástica, foi criado o Hino Oficial do Congresso, como uma ode ao grande acontecimento:

⁵³⁰ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p.55.

⁵³¹ O projeto Cristóforo, idealizado por Dom Antônio de Macedo Costa, consistia em um templo flutuante que percorresse rios e igarapés da Amazônia, levando a evangelização e realizando os serviços pastorais.

⁵³² PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Op. Cit., 2007, p. 56-57.

⁵³³ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 137.

⁵³⁴ Ibidem. 1946, p. 138.

⁵³⁵ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 57.

⁵³⁶ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 139.

⁵³⁷ Ibidem. 1936, p. 140.

⁵³⁸ PINHEIRO, Nonato. Op. Cit., 2007, p. 44.

Já nos plainos do Sul te adoraram
Em Congressos de imenso esplendor;
Hoje é o Norte de imensas florestas
Que Te adora, ó Mistério de Amor!
Eia, exulta, Manaus sorridente,
Nestas Bodas douradas de Luz!
Canta e louva, agradece e súplica,
Adorando na Hóstia a Jesus. (bis)
Nestes dias que estamos vivendo,
Quatro vezes passaram cem anos
Que do rio Amazonas oculto
Descobriram por fim os arcanos.
Adorando a Jesus-Sacramento
Celebramos a data da História,
E em presença da Hóstia comecem
Outras quatro centúrias de glória.
Rei das águas, das terras, das matas,
Amazonas, gigante senhor,
Curva a fronte, depões a coroa
Junto à Hóstia, num ato de amor!⁵³⁹

No dia 1º, dedicado à Família, se pediu a proteção de São José, e houve comunhão geral dos congressistas. No dia dois, ocorreu a chegada solene do Núncio Apostólico do Brasil a Manaus, Dom Benedetto Aloisi Masella, presença engrandecedora para o Congresso e para a Diocese de Manaus, o que ressalta três aspectos: a centralização na Eucaristia, como parte essencial da vivência sacramental tão enfatizado pelo projeto romanizador; a rede entre os Prelados, que coloca Dom João da Mata entre os grandes articuladores, e o destaque que Manaus começava a ganhar entre as Dioceses. O discurso de recepção para o Núncio foi proferido por Adriano Augusto de Araújo Jorge, médico e presidente da Academia Amazonense de Letras, recém-convertido ao Catolicismo, que fora tocado pelas palestras dirigidas aos intelectuais, por Dom Mário Vilas-Boas, nos dias que antecederam ao Congresso. No mesmo dia da chegada do Núncio, o médico recebeu pela primeira vez a

⁵³⁹ A letra do Hino é de autoria do Pe. Manuel Rebouças de Albuquerque e a música do Cônego Pedro Motta. PINHEIRO. Ibidem, 2007, p. 60.

Eucaristia⁵⁴⁰. O dia dois, foi também o dia para as crianças, quando todos os alunos dos centros catequéticos, de Grupos e Escolas primárias, se reuniram para receber a comunhão geral, com súplicas por proteção à Nossa Senhora da Conceição pelas crianças⁵⁴¹.

O dia três, passou a ser o dia do Amazonas. O dia iniciou com a missa em homenagem ao quarto centenário da descoberta do Rio Amazonas, e foi dedicado à Mocidade, sob a proteção de São João Bosco, ocorrendo comunhão geral da Juventude dos Colégios e Escolas secundárias⁵⁴². Álvaro Maia fez a abertura oficial, na presença de autoridades civis, militares e religiosas, e em seguida ocorreu o momento eucarístico das associações religiosas, com prece pelo Estado do Amazonas. A manhã foi encerrada com a reunião da Província Eclesiástica, conduzida por Dom Jaime Câmara. À noite, foi proferida a conferência de Dom Mário Vilas-Boas, intitulada “O Reinado Social de Cristo pela Eucaristia”⁵⁴³. Ocorreu ainda, a comunhão geral dos homens e a marcha à meia-noite, e o dia de preces pelo Santo Padre e pelo IV Congresso Eucarístico Nacional (CEN).

No dia quatro, dia da Eucaristia e da Pátria, com a solenidade de Corpus Christi, houve desfile dos Colégios e Associações Religiosas⁵⁴⁴. O cortejo de encerramento⁵⁴⁵, foi grandioso, saindo da Catedral em direção à Praça do Congresso, com a Procissão Eucarística “cantando e aclamando a Cristo Rei”⁵⁴⁶, enfatizando as estrofes do Hino do Congresso em belo coro. Merece destaque, também, as conferências realizadas nas três noites, sempre proferidas por um clérigo e um leigo: na primeira noite, coube ao Mons. Anselmo Pietrulla e ao Prof. Augusto de Rezende Rocha; na segunda, ao Sr. Núncio Apostólico e o médico Adriano Augusto de Araújo Jorge, e na terceira, ao Dom Mário Vilas-Boas e o desembargador André Vidal de Araújo⁵⁴⁷.

Marcas profundas foram deixadas pelo CEM. Para Dom Carlos Carmelo, os dois Prelados da Amazônia foram os grandes responsáveis pelo sucesso do grande evento, pois “fizeram todo o Amazonas arder em chamas eucarísticas durante o grande Congresso do qual todos saíram mais cristãos e mais brasileiros. Foi um solstício eucarístico mais forte

⁵⁴⁰ Ibidem. 2007, p. 58-59.

⁵⁴¹ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 142.

⁵⁴² Ibidem. 1946, p. 142.

⁵⁴³ **Edição Especial do Diário Oficial**, quarta-feira, 3 de junho de 1942.

⁵⁴⁴ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 142.

⁵⁴⁵ O cortejo passou pelo largo dos Remédios, as avenidas Joaquim Nabuco, Sete de Setembro e Eduardo Ribeiro. PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p.44.

⁵⁴⁶ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 148.

⁵⁴⁷ Ibidem. 1946, p. 145.

que o sol equatorial”⁵⁴⁸. Também, estiveram presentes no Congresso: Dom Henrique Ritter, Bispo do Cruzeiro do Sul e Juruá; Dom Sebastião Tomás, Bispo de Plateia e do Araguaia; Dom Pedro Massa, Bispo de Hebron e do Rio Negro; Mons. Miguel Alfredo Barrat, Prefeito Apostólico de Tefé; Mons. Tomás Marcellano, Prefeito Apostólico de São Paulo de Olivença; Frei Francisco Martinez, capitular de Lábrea; Mons. Sante Portalupi, Auditor da Nunciatura; Pe. Félix Barreto, representante de Dom José Pereira Alves, Bispo de Niterói; 52 sacerdotes e 80 seminaristas⁵⁴⁹. Para Dom João da Mata, o êxito do Congresso foi além de suas expectativas:

Manaus, minha muito amada Diocese, num movimento unânime de inteligências e corações, movimento de que foi pioneiro o grande Estadista que preside aos grandes destinos do Amazonas, Manaus correspondeu às mais caras exigências do meu coração. Este Congresso Eucarístico encheu as medidas de minha alma. Estou contente com o meu povo e Jesus Cristo recompensará centuplicadamente o entusiasmo e a boa vontade de todos⁵⁵⁰.

Dom João trouxe com ele a experiência e o apoio de vários Bispos, para programar e executar o CEM dentro dos festejos do cinquentenário da Diocese de Manaus. Ele reuniu “o mundo cristão amazonense e atraiu figuras da mais alta expressão do pensamento católico brasileiro”⁵⁵¹. A presença do Núncio e de vários Prelados era sinal visível de que a Diocese voltara ou voltaria a ocupar lugar importante na rede de relações eclesiais e políticas⁵⁵². O Núncio Apostólico do Brasil, Dom Aloisi Masella, chegou a Manaus a 2 de junho, e foi recebido por Dom João e as autoridades civis e militares, ficando hospedado no Palácio do Governo. O Diário Oficial, ao anunciar sua chegada, destacou que ele “vem contribuindo para a maior segurança da amizade inquebrantável entre Igreja e Estado Nacional”⁵⁵³. A presença de Dom Aloisi no Congresso, engrandeceu a Diocese de Manaus e demonstrou interesse pela vida religiosa da região. Além de sua presença no grande

⁵⁴⁸ Discurso de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Arcebispo do Maranhão. Apud: PINHEIRO, Nonato. 2007, p. 59.

⁵⁴⁹ **Suplemento de A Reação**. 1946, 146-147.

⁵⁵⁰ Dom João da Mata. Apud: PINHEIRO. 2007, p.60.

⁵⁵¹ SILVA, Francisco Gomes da. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1999, p. 177.

⁵⁵² MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos. Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 196.

⁵⁵³ **Edição Especial do Diário Oficial**, quarta-feira, 3 de junho de 1942.

evento, realizou visita à paróquia de Itacoatiara e participou de ato litúrgico na localidade⁵⁵⁴.

O Jornal *A Reação*, fazendo um balanço dos resultados do Congresso, faz uma estranha comparação entre a “descoberta” do rio Negro e o Congresso, colocando ambos como portadores de progresso econômico e espiritual, falando de vitória da civilização e arrancada de civismo, exaltando ainda os soldados da borracha em união à América do Norte para chegar à vitória, sendo quase uma exaltação de guerra. Mas, ao falar das bênçãos apresenta o movimento no Episcopado, com as promoções realizadas após o Congresso de Manaus: Dom Jaime Câmara passou para a Arquidiocese do Rio de Janeiro; Dom Mário Vilas-Boas, se tornou Arcebispo de Belém; Dom Carlos Motta, passou a ser Arcebispo de São Paulo, e, ainda, Dom Aloisi Masella, passou a cardeal e foi residir no Vaticano⁵⁵⁵, além do Brasil passar a ter dois Cardeais, Dom Jaime Câmara e Dom Carlos Mota⁵⁵⁶.

Dom João fazia parte de uma geração de Prelados que enfrentou o duplo desafio diante do regime republicano, que segundo Sérgio Miceli consiste em: uma nova moldura organizacional que proporcionasse “autonomia material, financeira, doutrinária, capaz de respaldar quaisquer pretensões futuras de influência política”⁵⁵⁷; e “a criação de novas dioceses e paróquias, a fundação de seminários e de outras obras”⁵⁵⁸. Nas décadas de 1930 e 1940, os governos episcopais buscaram enraizar o projeto romanizador, visível em todas as ações que partiam do poder eclesiástico e se espraiavam para o laicato e setores sociais, estabelecendo imbricada rede eclesiástica e política, reconquistando espaços outrora perdidos⁵⁵⁹. Até 1930, o crescimento de Dioceses pelo Brasil ocorreu de forma extraordinária⁵⁶⁰.

⁵⁵⁴ O Núncio Apostólico foi recebido pelo prefeito e pelo vigário auxiliar, padre Alcides Peixoto, no dia 8 de junho. Ao final do dia, Dom Aloisio retornou para o Rio de Janeiro. SILVA, Francisco Gomes da. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1999, p. 177.

⁵⁵⁵ Dom Masella, foi encarregado da Nunciatura de Portugal de 1908 a 1919, quando foi promovido a Núncio no Chile até 1927. A 26 de abril de 1927 passou a ser Núncio no Brasil, permanecendo até 1945. Como representante da Santa Sé no Brasil, enfrentou um período conturbado politicamente e complexo diplomaticamente, com a transição para o governo Vargas, o Estado Novo, e a Segunda Guerra. No Vaticano, exerceu o cargo de Carmelengo durante dois conclaves. ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Santa Sé e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 199-200.

⁵⁵⁶ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 151-152.

⁵⁵⁷ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.24.

⁵⁵⁸ Ibidem. 2009, p. 25.

⁵⁵⁹ MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos. Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p.196.

⁵⁶⁰ Em 1910 eram 30 Dioceses, em 1920 eram 58 e em 1930 chegaram a 85. Ibidem. 2014, p.172.

O Congresso também consistiu em grande espetáculo, bem aos moldes do que era realizado por outros Prelados, em especial por Dom Sebastião Leme, que sabia bem aproveitar os eventos políticos ou os eventos religiosos, para afinar alianças e construir novas possibilidades de aproximação entre os poderes. Para Miceli, ao entrar para a Igreja todo clérigo adentrava o mundo oficial do “espetáculo”, da “festa”, da “encenação”. Era a oportunidade de passar para o outro lado, o do altar, e sair do anonimato e passar a ser o oficiante, “segurar as varas do púlpito, agitar o turíbulo espargindo incenso, tocar campainhas com energia no momento da eucaristia, celebrar a missa, subir ao púlpito e falar alto, alçando-se, em suma, da despersonalização familiar e social à condição de figurante enfarpelado das cerimônias religiosas”⁵⁶¹.

E, Dom João, se mostrou hábil nessa articulação, desde sua primeira Diocese, quando marcou sua entrada no rol dos Bispos empresários, e embora esse termo tenha sido usado por Sérgio Miceli para se referir ao empreendimento dos Bispos aliados com fortes oligarquias na fase anterior, considero Dom João herdeiro desse grupo de Prelados, que na geração dos Prelados constituídos nas décadas de 1930 e 1940 aprofundaram a herança recebida e deram continuidade a esse modelo. E, em Manaus, agora já enraizada na estrutura da estadualização, isso parecia se aprofundar, pois Dom João demonstrou mais maturidade na condução das alianças e dos “espaços de encenação das solenidades”⁵⁶², onde havia ostentação e legitimação de poder, fazendo a conjunção de interesses políticos e religiosos. O CEM, foi sem dúvida a oportunidade perfeita para um grande espetáculo e para o estreitamento desses laços.

A Diocese de Manaus estava agora em relação direta com Arquidioceses e Dioceses de todo o Brasil, e o próprio Papa se fazia presente no Congresso Eucarístico, através de seu representante, o Núncio Apostólico. Tal empreendimento, segundo Miceli, tinha o perfil internacional, com ramificações que ultrapassaram os limites do estadual e do nacional⁵⁶³. O Congresso levou à conexão não apenas com o Episcopado brasileiro, mas com Roma, ao seguir as diretrizes que determinam a vida sacramental como algo essencial, e ao trazer o Papa para mais próximo da Diocese. Para Celestino Ceretta o Congresso trouxe comunhão à cidade e “marcou nova postura da Igreja de Manaus que até então não se havia libertado

⁵⁶¹ MICELI, Sérgio. Op. Cit., 2009, p. 129-130.

⁵⁶² Termo utilizado por Sérgio Miceli, o espaço de encenação poderia ocorrer em diversos momentos solenes como batizados, casamentos, festa de padroeiros, entre outros, e ainda nos atos civis. MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 27.

⁵⁶³ MICELI, Sérgio. Ibidem, 2009, p. 129.

da subserviência e demasiada inibição[...] foi um ato de construção moral e maioria eclesial, inclusive de cidadania”⁵⁶⁴. A região, por décadas esquecida, estava novamente no cenário nacional e internacional, voltando a ter credibilidade⁵⁶⁵.

Essa estreita relação entre os poderes, em Manaus é visível na presença do Interventor em toda a programação do Congresso e nas medidas tomadas. Por decreto de Álvaro Maia, o dia 3 de junho de 1942 foi declarado feriado em comemoração à passagem de Francisco Orellana pelo Rio Amazonas e à realização do Congresso Eucarístico Diocesano⁵⁶⁶. Os dias 1, 2 e 4 ficaram como ponto facultativo, para os servidores comparecerem às festividades do Congresso⁵⁶⁷. O interventor aproveitou a ocasião da realização do Congresso e convocou a Primeira Conferência Intermunicipal Amazonense de Economia e Administração, lembrando outubro de 1940, quando o projeto nacional se entrelaçou com os projetos do Amazonas, e declarou aberto, sob a égide do presidente Getúlio Vargas, o Congresso falando do feito dos seringueiros “em comemoração desses batalhadores, em homenagem aos mateiros e extratores, soldados de nossa integração ao país e de nossa redenção econômica”⁵⁶⁸. A Conferência se estendeu até o dia 10 de junho.

Na abertura do CEM, a cidade ganhou um monumento em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, erigido na Praça do Congresso, local em que as celebrações ocorreram. O monumento possui quatro faces que exaltam acontecimentos que marcaram a história do Amazonas, com os seguintes registros: a face norte é para o 1º Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus em “comemoração do cinquentenário da criação do Bispado – A prefeitura Municipal ergueu, sob as bênçãos do povo, este marco a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Amazonas” (5-5-1892/4-6-1942)”⁵⁶⁹.

Na face sul do monumento, aparece a gratidão a Francisco Orellana e seus companheiros de expedição “no quarto centenário do descobrimento do Rio Negro – as administrações do Estado do Amazonas e da prefeitura de Manaus mandaram construir este monumento” (3-6-1542/4-6-1942); na face leste: “Manaus – agradecida – ao seu 1º Bispo

⁵⁶⁴ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 514.

⁵⁶⁵ Ibidem. 2014, p. 512.

⁵⁶⁶ MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 196.

⁵⁶⁷ Decreto de 26 de maio de 1942. **Edição Especial do Diário Oficial**, quarta-feira, 3 de junho de 1942.

⁵⁶⁸ Discurso de Abertura de Álvaro Maia no Congresso Intermunicipal de Economia e Administração. Ibidem. 3 de junho de 1942.

⁵⁶⁹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: Edições Muiraquitã, 1998, p. 171.

– Dom José Lourenço da Costa Aguiar – organizador da Diocese”; e na face oeste: “Manaus – de joelhos – Diante de Leão XIII – Papa dos operários e criador da Diocese”⁵⁷⁰. Assim, nas quatro faces, as devidas homenagens aos acontecimentos que culminaram na fundação da Diocese e no Congresso Eucarístico que celebrou o seu cinquentenário.

Ainda sob os efeitos do CEM, a cidade ganhou um movimento engajado na causa dos trabalhadores, com a fundação, no dia 6 de junho, do Círculo Operário, já fortalecido em outras localidades, que agora chegava a Manaus. No dia 29, foi celebrada a primeira Festa do Papa, que passou a ser uma comemoração anual. O encerramento do ano jubilar da Criação da Diocese só ocorreu a 8 de dezembro⁵⁷¹, junto aos festejos da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. O Congresso modificou o cenário religioso do Amazonas, dando novo vigor ao clero e aos leigos, impulsionando para novos tempos.

Outra vertente que caracterizou o governo de Dom João, foi a preocupação com as questões sociais, adquirindo três prédios e fundando em 1943 o “Abrigo Cristo Redentor, com Círculo Operário, Creche, Obra do Berço e Aulas de Corte e Costura. No campo da assistência social a Casa da Criança é talvez a sua maior obra”⁵⁷². O Abrigo Redentor, foi criado para atuar no vasto campo da assistência social em Manaus, como órgão central diocesano, sendo inaugurado a 7 de setembro e ficou localizado na rua Visconde de Mauá, 335, possuindo personalidade jurídica, com atividades distribuídas em dois setores distintos: Obras Sociais e Obras Religiosas. O prédio foi adquirido pelo Governo Diocesano e incorporado ao patrimônio da Diocese. O Abrigo Redentor, se propôs a estender seu raio de ação o máximo possível, como a Central da Caridade de Manaus, buscando atender os “filhos desajustados da fortuna, enxugando-lhes as lágrimas, e dando-lhes o conforto da fé cristã, conjuntamente com o auxílio material”⁵⁷³. Amparar da infância à velhice, com especial dedicação à educação da Juventude, eis os planos do Abrigo. Para alcançar tal finalidade, o Abrigo foi organizado em Departamentos de Atividades.

O primeiro departamento, é o Círculo Operário (CO), que foi fundado a 6 de junho de 1942, como fruto do Congresso Eucarístico, e desde lá passou a oferecer vantagens aos seus sócios, seguindo o modelo das organizações já existentes no país: assistência médica,

⁵⁷⁰ Ibidem. 1998, p. 171.

⁵⁷¹ MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 195.

⁵⁷² BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 281.

⁵⁷³ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 53.

dentária e jurídica, inteiramente gratuitas. Além de oferecer formação moral aos seus membros, o Círculo, mantém aulas diurnas e cursos noturnos para operários e seus filhos. Em 1945, o número de matriculados para as aulas chegou a 120 para o turno diurno, e 185 para o noturno⁵⁷⁴. A Creche Circulista Menino Jesus, é o segundo departamento, foi fundada a 1º de maio de 1944, e localizada na Avenida 7 de Setembro, 2.175, sendo nela que os filhos das operárias passam o dia, para que estas possam trabalhar nas fábricas. A Creche possui capacidade para 50 crianças, que praticam exercícios físicos, recreação, recebendo café, almoço e merenda, e as em idade escolar recebem os primeiros ensinamentos. As condições financeiras não possibilitaram a expansão dessa obra, mas aos acolhidos foi dada toda a assistência, preparando o ambiente para ser um segundo lar para as crianças⁵⁷⁵.

O terceiro departamento, foi criado também para proteger a infância. A Obra do Berço foi fundada a 19 de março de 1944. A Obra de caráter maternal, foi confiada à Associação das Mães Cristãs por Dom João. A Associação, composta por senhoras da alta sociedade, se dedicou com zelo à Obra do Berço, confeccionando enxovaizinhos, utilizando seus lares ou a sede, que ficou instalada num dos salões da igreja dos Remédios, e quando prontos eram entregues às mães operárias. Em 1945, foram entregues 600 enxovaizinhos, que no Natal foram acrescidos de uma pequena rede. O quarto departamento, são as Salas de Costura, criadas a 7 de setembro de 1943, com o intuito de cultivar o gosto pelos trabalhos manuais e auxiliar na economia do lar proletário. As Salas, ficaram localizadas na própria sede do Abrigo Redentor, com aulas regulares de corte e costura, bordado à mão e à máquina e tricô, todas gratuitas. Este departamento, foi confiado à Juventude Feminina Católica, e teve suas Salas de Costura expandidas para o CO e nos bairros de São Raimundo, Educandos, Adrianópolis e Aparecida. As moças recebem preparação para a vida prática, nos cursos de trabalhos manuais, e, também, recebem formação moral e religiosa. Na sede, também funciona um Ateliê, no formato de uma pequena indústria, onde as operárias assumem encomendas, recebendo uma diária, sendo o produto das vendas revertido em benefício da obra. Para esse serviço no Ateliê, são aproveitadas as alunas com maiores aptidões e tempo, que por sua vez recebem um retorno com as diárias⁵⁷⁶.

⁵⁷⁴ Ibidem. 1946, p. 54-55.

⁵⁷⁵ Ibidem. 1946, p. 54-57.

⁵⁷⁶ Ibidem. 1946, p. 57.59.

Há registro, também, de outros dois departamentos, o Dispensário e a Oficina de Sapataria. O Dispensário, com a função específica de distribuição de auxílio, que pode ser monetário ou em forma de gêneros alimentícios, aos pobres, chegando a 6.000,00 cruzeiros, em 1945. A Oficina de Sapataria, ficou localizada no bairro operário de Educandos, onde jovens aprendizes passaram a aprender um ofício que venha a auxiliá-los financeiramente no futuro⁵⁷⁷. Em continuidade às ações sociais, foi fundado, em 1945, o Ateliê de Santa Rita, na paróquia de mesmo nome, e, em 1946, ocorreu a fundação do Centro Social Pio XI, na Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, e a inauguração do Ambulatório Nossa Senhora Aparecida⁵⁷⁸.

E, como coroamento das obras sociais, foi fundada a Casa da Criança, sendo inaugurada a 2 de fevereiro de 1948⁵⁷⁹, localizada na avenida Ramos Ferreira, e com capacidade para 100 crianças. A Casa da Criança, configurou um projeto de grande alcance social, que foi muito desejado por Dom João, que o acompanhou de perto, desde a aquisição do terreno até sua inauguração, tudo “com maior carinho e devotamento”⁵⁸⁰. A direção foi confiada às Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, que chegaram para auxiliar na Diocese. Em homenagem, a Dom João da Mata, para quem a Casa da Criança era o maior projeto social da Diocese, o pavilhão frontal recebeu o seu nome. Uma das últimas realizações do Episcopado de Dom João em Manaus foi a fundação da A.S.A. (Ação Social Amazonense), inspirada na Ação Social Arquidiocesana do Rio de Janeiro⁵⁸¹.

Como mais um braço para auxiliar a Diocese, que passava por crescimento contínuo, chegaram a Manaus os Redentoristas, em 1943. Padres norte-americanos, chegando a Manaus em tempos de guerra, constituem mais um indício do entrelaçamento de poderes. Os religiosos assumiram uma das novas Paróquias, a de Nossa Senhora Aparecida, criada neste mesmo ano, desmembrada de Nossa Senhora da Conceição. “Os padres foram bem acolhidos e enquanto suas instalações se organizavam, ficaram provisoriamente usando a

⁵⁷⁷ Ibidem. 1946, p. 58.

⁵⁷⁸ O Ateliê foi fundado a 22 de maio de 1945, o Centro Social no dia 3 de maio de 1946, e o Ambulatório a 13 de setembro de 1946. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 115-116.

⁵⁷⁹ Ibidem. 1952, p.118.

⁵⁸⁰ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 62,

⁵⁸¹ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 64.

capela de São Vicente de Paulo como sede”⁵⁸². Eles passaram a somar esforços aos Capuchinhos, Salesianos e Agostinianos, que também assumiram paróquias.

A presença de Congregações Religiosas, mostra a sintonia com o projeto romanizador, que deveria ser presença norteadora no auxílio à condução das diretrizes da Santa Sé, e, também, a necessidade de fomentar o crescimento do clero local. Com Dom João, o retiro do clero passou a ser anual, o Direito Canônico previa a realização dos exercícios espirituais do clero a cada três anos, mas na Diocese manauara o costume, a partir daquele ano, passou a ser anual. Em 1944, ocorreu a primeira Assembleia das Vocações, e continuavam a ser realizadas as campanhas em prol do Seminário, sendo colocada a primeira pedra do novo prédio. Em junho, ocorreu a semana catequética, como também a solenidade de abertura do centenário do Apostolado da Oração⁵⁸³.

Dom João, tomando para si a responsabilidade, deu continuidade ao grande esforço de Dom Basílio de retomar a Obra das Vocações Sacerdotais, criada em 1937, mobilizando recursos, a partir de 1942, que foram direcionados para a reconstrução do Seminário São José, ampliou o número de centros e de zeladoras, conseguindo “protetoras e madrinhas para os seminaristas pobres”⁵⁸⁴, que concediam bolsas de estudos aos jovens. Até 1946, o quadro das zeladoras era esse: 29 na Catedral; 18 em São Sebastião; 15 nos Remédios; dez em São Raimundo; dez no Perpétuo Socorro; 35 em Santa Rita; 40 no Colégio Auxiliadora; 34 no Colégio Doroteia; 24 em Nossa Senhora da Consolação; dez no Patronato Santa Teresinha e 24 nas Filhas de Sant’Ana, fora a mobilização realizada nas paróquias do interior⁵⁸⁵. Até 1945, a Obra contribuiu para a ordenação de nove sacerdotes, o que revela o grande esforço e o resultado desse movimento, que envolve, além da contribuição mensal das madrinhas e protetoras, e das bolsas, os recursos são provenientes: dos festejos do mês das vocações; da arrecadação mensal feita no Centro da Obra; dos percentuais das festas religiosas; dos donativos particulares; da doação de Escolas e Institutos; da doação de Associações Religiosas; doação do Estado e da doação do Comércio. Toda essa mobilização financeira, se destinou à manutenção dos seminaristas em Belém, São Luiz e Fortaleza; à manutenção do Seminário São José; ao auxílio a vocações religiosas e a padres

⁵⁸² MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 213.

⁵⁸³ MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 197.

⁵⁸⁴ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. 2007, p. 62.

⁵⁸⁵ **Suplemento de A Reação**. 1946, p.75.

pobres. Há, ainda, seminaristas adotados pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, pelas Mães Cristãs, pela Congregação de Nossa Senhora do Líbano, e pela Sra. Neuza Araújo⁵⁸⁶.

A Obra das Vocações Sacerdotais envolveu todos os diocesanos. o Seminário São José, que fechara as portas em 1909, foi reaberto em 19 de março de 1943, por Dom João da Mata que cedeu o próprio Palácio Episcopal para tal empreendimento⁵⁸⁷. A 4 de junho de 1944, foi lançada a primeira pedra do novo Seminário, sendo o primeiro Pavilhão do Seminário, inaugurado a 20 de março de 1946 e denominado Dom Basílio Pereira⁵⁸⁸. A inauguração foi realizada com a presença do Metropolita Dom Mário Vilas-Boas, correspondendo “aos frequentes e vivos apelos, responderam os diocesanos com generosidade”⁵⁸⁹. Justa homenagem a Dom Basílio, que iniciou todo o movimento de reabertura do Seminário, e que do convento franciscano, na Bahia, continuava a rezar pelo Amazonas e a pedir a intercessão de São José para o reerguimento do Seminário⁵⁹⁰. O Jornal *A Reação*, enfatiza o grande júbilo com o qual aconteceu a inauguração do primeiro Pavilhão, “porque era Manaus a única entre as capitais brasileiras a não possuir prédio próprio para seu Seminário”⁵⁹¹. No ano de 1946, eram 37 os seminaristas, que inspiravam a confiança em ver multiplicar o número de operários para a messe. Decididamente, Dom João colocou a Diocese de Manaus no mapa eclesiástico. No quadro abaixo, foi traçado um perfil dos seminaristas da Diocese, até o ano de inauguração do Pavilhão Dom Basílio.

Quadro 1- Perfil dos Seminaristas no Bispado de Dom João da Mata

Nome	Local de Nascimento/ Paróquia	Data de Nascimento/Entrada no Seminário	Seminário	Ano/Curso
1.Raimundo Nonato Pinheiro	São Sebastião – Manaus		São Luiz	4º - Teologia

⁵⁸⁶ Ibidem. 1946, p. 77-79.

⁵⁸⁷ A primeira fase do Seminário São José, se deu de sua fundação a 14 de maio de 1848 até 1909, quando após 61 anos de serviços prestados à formação no Amazonas, enfrentou muitas dificuldades e fechou as portas, quando era Bispo desta Diocese Dom Frederico Costa. Dom Joffily e Dom Basílio, se empenharam em manter, com sacrifícios, um pequeno grupo de seminaristas. A segunda fase inicia-se com a reabertura do Seminário São José, em 1943. Ibidem. 1946, p. 75-76.

⁵⁸⁸ Ibidem. 1946, p. 76.

⁵⁸⁹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 62.

⁵⁹⁰ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 65.

⁵⁹¹ Ibidem. 1946, p. 77.

2. Abelardo R. Pereira	Marechal Deodoro - Alagoas		Belém	2º - Teologia
3. Walter Gonçalves Nogueira	Coari - Amazonas		Belém	1º - Teologia
4. Carlos A. Azevedo Cunha	Coimbra – Portugal	22/11/1926–1/2/1939	Belém	3º - Filosofia
5. Esmeraldo Santos Bessa	São Raimundo - Manaus	1/11/1927 – 4/3/1943	Belém	6º - Ginásial
6. Flávio Farias Bezerra	São Raimundo – Manaus	1/11/1929–15/3/1943	Belém	5º - Ginásial
7. Alexandre Correa Filho	Javari – Amazonas	3/1/1927–15/03/1943	Manaus	4º - Ginásial
8. Áureo Pereira de Araújo	Acarati - Ceará	24/08/1929– 24/3/1943	Manaus	4º - Ginásial
9. José Amaral	Itabalaninha - Sergipe	27/5/1926- 21/02/1945	Manaus	4º - Ginásial
10. Luiz Augusto L. Ruas	São Sebastião - Manaus	28/11/1931–1/3/1943	Manaus	4º - Ginásial
11. Manuel Bessa Filho	Aparecida - Manaus	28/3/1931 – 4/3/1943	Manaus	4º - Ginásial
12. Orígenes Angelitino	Remédios - Manaus	23/5/1928 - 4/3/1943	Manaus	4º - Ginásial
13. Alcides Batista de Lima	Autaz-Miri - Amazonas	9/5/1931 – 2/3/1944	Manaus	3º - Ginásial
14. Domingos Correa Araújo	Humaitá - Amazonas	8/7/1932 – 14/3/1944	Manaus	3º - Ginásial
15. Jorge de A. Normando	São Sebastião - Manaus	23/3/1931 – 4/3/1943	Manaus	3º - Ginásial
16. Nelson Barreto Falcão	Juruá - Amazonas	26/11/1926–1/3/1943	Manaus	3º - Ginásial
17. Nilson Barreto Falcão	Juruá - Amazonas	28/8/1928 – 1/5/1943	Manaus	3º - Ginásial
18. Pedro Pereira dos Santos	Educandos - Manaus	28/1/1932–15/2/1944	Manaus	2º - Ginásial
19. José Bandeira Cabral	Manaus	19/3/1932–15/2/1945	Manaus	2º - Ginásial
20. José Maria de S. Frota	Remédios - Manaus	16/5/1929 – 4/3/1943	Manaus	2º - Ginásial

21.Jupiter Antônio Lima	Remédios – Manaus	13/6/1932 – 1/3/1944	Manaus	2º - Ginásial
22. Manuel Augusto Silva	Remédios - Manaus	22/11/1930- 15/1/1946	Manaus	2º - Ginásial
23.Osman Ribeiro Araújo	Fortaleza - Ceará	20/6/1923–15/2/1944	Manaus	2º - Ginásial
24.Antônio Rebello de Souza	Aparecida - Manaus	15/3/1934 – 1/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
25.Donaldo Peres Jaña	Sé - Manaus	30/12/1933- 25/1/1945	Manaus	1º - Ginásial
26.Fernando A. Macambira	Santarém - Pará	12/7/1931–15/2/1945	Manaus	1º - Ginásial
27.Francisco da S. Silva	Eviatuba - Amazonas	4/3/1931 – 1/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
28.José Marques Pina	Remédios - Manaus	31/12/1934- 15/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
29.Mourão Paulo	Remédios - Borba	25/4/1934 – 4/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
30.Onias Bento Filho	Remédios - Manaus	8/11/1932–15/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
31.Tiago de Souza Braz	Mecejana - Ceará	1/5/1931 – 16/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
32.João A. F. de Carvalho	São Sebastião - Manaus	16/5/1932–23/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
33.Oto Rodrigues Martins	Remédios - Manaus	30/6/1932–28/2/1946	Manaus	1º - Ginásial
34. Jorge Karam Neto	Codajás - Amazonas	31/12/1934–1/2/1946	Manaus	4º - Elementar
35.Francisco Vieira Carvalho	Anamã - Codajás	24/1/1931 – 6/2/1946	Manaus	4º - Elementar
36.Walter Pereira Martins	Manaquiri - Amazonas	2/12/1931–23/2/1946	Manaus	4º - Elementar
37.Valdemar Teles	Manacapuru - Amazonas	31/3/1931–28/1/1946	Manaus	4º - Elementar

Quadro construído para esta Tese. Fonte: Suplemento de A Reação (1946).

No discurso de abertura do Seminário, Dom João tece comparações entre o Seminário e o quartel, onde, o primeiro, forma soldados do Evangelho para proteger a fé e o segundo soldados para a defesa da Pátria. Se refere, também, à Batalha da Borracha, como marco

histórico, fazendo os rios se encherem de embarcações novamente, ele descrevendo-a como parte do plano divino, cujo leite salvará a civilização, e os aviões que cruzam o céu, em novas rotas, colocarão Manaus no cenário das grandes capitais brasileiras⁵⁹². Diria que no ardor do entusiasmo por ver sua Diocese no rol das grandes, como ponto destacado no mapa episcopal, o que de fato será uma verdade ao final de sua gestão, Dom João não percebeu a contradição de seu discurso, pois como poderia a guerra da década de 1940, tão cruel e desumana, ser parte do projeto divino? Ou se se deu conta, minimizou a contradição em prol dos benefícios que as alianças com o Governo Federal e com os Estados Unidos poderiam gerar para Manaus, e conseqüentemente para a Diocese.

Na continuação do discurso, fala do Seminário como templo de fé e escola de civismo, mostrando bem o entrelaçamento de poderes, pois no coração do jovem levita deve crescer “a flor do patriotismo e o culto aos grandes vultos da nacionalidade”. No salão principal do Seminário, foram colocadas as fotos do Presidente da República e do seu Interventor no Amazonas. O Bispo ainda registrou, o clima de cordialidade entre ele e Álvaro Maia, em prol do povo amazonense, por isso considera justa a homenagem. Deixa claro, nas entrelinhas, os recursos advindos do Estado para o reerguimento do Seminário São José. Dom João terminou seu discurso afirmando: “[...] o Seminário não morrerá jamais. Esta não é obra da vaidade do homem. Tem a marca divina. É um milagre do coração Eucarístico de Jesus”⁵⁹³. E o seminário se construiu, sem instalações luxuosas, simples, mas plenamente confortável, em ordem à finalidade a que se destina”⁵⁹⁴. Dom João da Mata, celebrava seu aniversário de sacerdócio e ao mesmo tempo presenteava sua Diocese:

[...] assim como o fortim de S. José, em dias de 16, garantia a soberania portuguesa no Lugar da Barra, hoje, a fortaleza espiritual de Amazonas também se escuda no seu patrocínio, garantindo o futuro da Igreja na Planície. Reviveu o nome do nono Bispo do Pará, D. José Afonso de Moraes Torres que, em 1848, aqui fundava o Seminário S. José, o 1º estabelecimento de ensino secundário do Amazonas [...] Sob o feliz reinado do Santo Pio XII, Dom Mário de Miranda Vilas-Boas, Arcebispo Metropolitano do Pará, benzeu e inaugurou este primeiro Pavilhão do Seminário São José, na ocorrência do 25º aniversário de Ordenação Sacerdotal de Exmo. Snr. Bispo Diocesano, Dom João da Matta Andrade e Amaral. 20-3-1946.⁵⁹⁵

⁵⁹² Ibidem. 1946, p. 61.

⁵⁹³ AMARAL, Dom João da Mata Andrade e. Discurso Proferido na Abertura do Seminário de Manaus. Apud: PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 181.

⁵⁹⁴ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 62.

⁵⁹⁵ Ibidem. 1946, p. 220-221.

A preocupação com as vocações, se mostrou nas obras do Seminário São José e no fortalecimento dos sacerdotes atuantes na Diocese. O Jornal *A Reação*, destaca o retiro do clero, que passou a ser realizado anualmente na administração de Dom João, como o acontecimento que passou a abrir o calendário anual das atividades diocesanas, com única exceção para o ano de 1942 quando foi realizado em maio, e de 1943 a 1945, foi realizado em janeiro: em 1942, como já vimos, o pregador foi Dom Mário Vilas-Boas, preparando para o Congresso Eucarístico; em 1943, a pregação foi realizada pelo padre Noé Gaulberto de Lima, salesiano; em 1944, o pregador foi o Frei Domingos de Galdo, Capuchinho e Missionário; em 1945, Frei Valeriano, Agostiniano Recoleta, foi o responsável pela pregação, e em 1946, foi realizada a primeira Semana Sacerdotal, de 17 a 24 de maio, tendo por temáticas “Poderes Divinos”, “A Eucaristia”, “Ministro do Perdão e Sacerdote Mediador”, “O Papa”, “O Bispo” e o “Vigário”, e no retiro, a pregação mais uma vez coube a Dom Mário Vilas-Boas⁵⁹⁶, que já era o Metropolita da Amazônia. A Semana Sacerdotal, movimentou toda a cidade e chegou a todo o Estado as solenidades pelas ondas da Rádio Baré⁵⁹⁷.

Como parte do programa de acompanhamento sacerdotal, e do desenvolvimento de suas respectivas paróquias, foi realizada no ano de 1946, a visita pastoral às paróquias da capital: de 1º a 3 de fevereiro, Paróquia de Nossa Senhora Aparecida; de 8 a 10 de fevereiro, paróquia de São Raimundo; de 15 a 17 de fevereiro, paróquia de Santo Antônio e Santa Rita; de 22 a 24 de fevereiro, Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; de 1º a 3 de março, Paróquia de São Sebastião; de 8 a 10 de março, Paróquia dos Remédios; e de 15 a 17 de março, visita realizada na Catedral⁵⁹⁸.

No ano de 1945, outro acontecimento marcou o episcopado de Dom João, pois procedeu-se à reorganização, com a fundação oficial, da Ação Católica a 31 de maio, sendo no mês de agosto instalada a LEC (Liga Eleitoral Católica) diocesana, e em outubro a JEC (Juventude Estudantil Católica), que passou a ter um núcleo no Instituto Santa Doroteia⁵⁹⁹, além de foi fundada a Cruzada Eucarística na Catedral⁶⁰⁰. Sagrado no Pontificado de Pio XI (1922-1939), Dom João da Mata se tornou herdeiro do entusiasmo pela Ação Católica,

⁵⁹⁶ Ibidem. 1946, p.46-48.

⁵⁹⁷ Ibidem. 1946, p. 201.

⁵⁹⁸ Ibidem. 1946, p. 47.

⁵⁹⁹ Ibidem. 1946, p. 45-46.

⁶⁰⁰ A fundação ocorreu no dia 28 de outubro de 1945. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 115.

“o glorioso exército de Cristo-Rei, que se propõe, sob as bênçãos do Papa, restaurar tudo em Cristo”⁶⁰¹. A Ação Católica já tinha dado seus primeiros passos em Manaus nos anos de 1930, mas foi a partir do Congresso Eucarístico, que ganhou um novo vigor, se tornando a grande expressão do laicato na Diocese. Em tempos tão calamitosos, os leigos, mais que nunca, eram chamados a assumir o protagonismo cristão e ser instrumento da Igreja no mundo. Pio XI renovou a Ação Católica, primando pela militância leiga, para que se transformasse em um grande movimento que atingisse todas as camadas sociais⁶⁰².

A Diocese de Manaus começava a experimentar de forma mais intensa essa nova forma de engajamento leigo. Em 1946, quando Dom Mário Vilas-Boas veio à Diocese para inaugurar o Pavilhão do Seminário e consagrar a Catedral, encontrou um grupo pequeno, mas muito entusiástico, de jovens militantes da AC, que contava com: quatro rapazes na JCB (Juventude Católica Brasileira); 24 na Liga Feminina (JFC),); e a LFCA, empenhada em especializar jovens assistentes sociais⁶⁰³. Na Semana Sacerdotal, coube a ele a conferência “Círculo de Estudos da AC”. Em 1947, a JEC foi instalada no Patronato Santa Teresinha e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora⁶⁰⁴. A sede da AC e da Ação Social da Amazônia foi inaugurada no mesmo ano⁶⁰⁵. A Ação Católica, se configurou como um dos frutos do Congresso Eucarístico, pois nele foi fortalecida e passou a se expandir.

Percebe-se a intensificação do fervor religioso na expansão da devoção ao Sagrado Coração que atingiu vários municípios ao longo dos anos que se seguiram⁶⁰⁶, dando grande vigor a vários momentos da vida da Diocese. Na década de 1940, o Apostolado da Oração deu um novo passo, passando a incorporar as seções masculinas, como a que foi fundada

⁶⁰¹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 63.

⁶⁰² SOUZA, Ney de. **Ação Católica, militância leiga no Brasil: limites e méritos**. Revista de Cultura Teológica. V. 14, n. 55, abr./jun. 2006, p. 42.

⁶⁰³ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 215.

⁶⁰⁴ No Patronato ocorreu a 25 de maio e em Auxiliadora a 7 de agosto. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 117.

⁶⁰⁵ A inauguração ocorreu a 9 de junho de 1947. Ibidem. 1952, p. 117.

⁶⁰⁶ O Apostolado de da Oração, ao se expandir pela Diocese, chega à Paróquia dos Remédios em 13/07/08 e na igreja de São Sebastião, agregado em 06/08/08; em 01 de janeiro de 1909 na paróquia dos Remédios; São Raimundo, agregada em 3/01/09; Anori e Codajás em 19/02/13; em Maués 02/06/11; agregação do apostolado da Oração de Manicoré 04/06/09; em Manicoré 01/06/12; em 14/07/13 em Itacoatiara; agregação De Codajás; em Janauacá 29/08/14 e agregada em 30/09/16; em campos Sales 16/07/18; lago Manicoré 03/05/19; em Espírito Santo Manicoré, Santo Antônio da Cachoeira, São Joaquim do Cajari, Bom Jesus em 08/05/15; agregação De Maués e Parintins; agregação do apostolado Do ginásio Santa Dorotéia 06/09/25; 02/07/36 em Borba e é agregado em 05/06/37; em 29/3/42 na paróquia de Santa Rita; em 17/ 10/44 na paróquia de Nossa Senhora Aparecida, instalada a secção feminina e a masculina em 5/12/45; em Codajás foi em 1/2/46 e Canutama a agregação se deu em 4/3/46; em 26 de junho de 1949 na paróquias de Nossa Senhora de Nazaré e Santa Terezinha. Ibidem,1952.

em 1945, na paróquia de Nossa Senhora de Aparecida⁶⁰⁷. Assim, o Apostolado da Oração crescia, atuando junto às demais associações para a efetiva vivência espiritual nas várias paróquias.

A Congregação Mariana, fundada em 1937 pelo padre Carlos Fluhr, que se tornou seu primeiro diretor, e no ano de 1946 contava com 40 moços congregados, estando naquele ano sob a direção do Pe. Argemiro Pantoja Munhóz, com reuniões realizadas nas tardes de domingos⁶⁰⁸. Verifica-se também, o crescimento da Pia União das Filhas de Maria, que em 1942 passara a atuar na paróquia de Santa Rita, em 1944 na Paróquia de Aparecida, em 1945 na Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, e em 1946 em Codajás⁶⁰⁹. As Filhas de Maria eram de grande auxílio. Na Paróquia de Aparecida, por exemplo, sua colaboração foi intensa, “no auxílio aos doentes; na organização de cursos de corte e costura e flores; além da intensa participação nos arraiais, encarregadas das barracas de guloseimas”⁶¹⁰. As moças foram grandes colaboradoras da vida pastoral da Diocese, atuando, especialmente, na Catequese e Liturgia.

O outro grande fruto do Congresso Eucarístico, foi a efetivação do Ensino Religioso foi efetivado nas Escolas, em preparação da Juventude, fato ocorrido na Diocese durante a administração de Dom João da Mata. A Igreja Católica se coloca como portadora da missão de ensinar à Humanidade, bem expresso no Código de Direito Canônico: “por especial razão, o dever e o direito de educar competem à Igreja, a quem Deus confiou a missão de ajudar os homens a atingirem a plenitude da vida”⁶¹¹. O Brasil, vivendo o regime do Estado Novo, responde aos anseios da Igreja, apresentando na Constituição de 1937, art. 133 “o ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias”⁶¹². Pela Reforma Gustavo Capanema, a partir de 1942, “o ensino religioso constitui parte integrante da educação da adolescência, sendo lícito nos estudos do primeiro e do segundo ciclo”⁶¹³. Claramente, houve vitória do Catolicismo,

⁶⁰⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: A Diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 262.

⁶⁰⁸ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 84.

⁶⁰⁹ MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. **Nas Curvas do Tempo**: história e historiografia na Amazônia em debate. Manaus: Editora UEA, 2019, p. 25.

⁶¹⁰ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 269-270.

⁶¹¹ **Código de Direito Canônico**. Cânon 794. 1983, p. 381.

⁶¹² Constituição Brasileira de 1937. Apud: Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 69.

⁶¹³ Reforma Gustavo Capanema. Apud: Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 70.

mesmo que as leis brasileiras não façam distinção de credo, ficando o Ensino Religioso garantido legalmente.

Dessa forma, no Brasil foi posto em prática o que determina o Direito Canônico: Can. 794 – “é dever dos pastores de almas tudo dispor para que todos os fiéis possam receber educação católica”; Can. 799 - “os fiéis se esforcem para que, na sociedade civil, as leis que regulam a formação dos jovens tenham nas escolas a devida consideração também pela educação religiosa [...]”; Can. 805 – “é direito do Ordinário local, em sua diocese, nomear ou aprovar os professores de religião, como também afastá-los ou exigir seu afastamento [...]”⁶¹⁴. Por esses dispositivos, e com amparo legal das leis federais, leigos engajados foram indicados para professores de Ensino Religioso das Escolas de Manaus, que ficaram divididas nos Centros Paroquiais.

As Escolas que compõem os Centros Paroquiais, demonstram bem a extensão do Ensino Religioso nas escolas inseridas na Diocese. Paróquia da Sé: Colégio Estadual do Amazonas; Colégio Dom Bosco; Grupo Marechal Hermes; Grupo Saldanha Marinho; Escola União Operária; Escola Rui Barbosa; Instituto J.G. Araújo; Instituto São Geraldo; Escola Júlio Diniz; Escola Maria Auxiliadora; Escola Conselheiro Ferreira Viana; Escola Santa Inês; Escola do Pequeno Gazeteiro; Jardim da Infância Visconde de Mauá; Capela dos Agostinianos; Núcleo da Catedral. Paróquia dos Remédios: Instituto Santa Doroteia; Patronato Santa Teresinha; Instituto Melo Matos; Escola Técnica; Escola Normal São Francisco de Assis; Grupo Nilo Peçanha; Grupo José Paranaguá; Grupo Gonçalves Dias; Grupo Barão do Rio Branco; Escola Progresso; Escola Brasileira de Manaus; Escola Nossa Senhora dos Remédios; Escola Eunice Rodrigues de Souza; Escola Zulmira Bittencourt; Educandário Nossa Senhora do Rosário; Núcleo Nossa Senhora dos Remédios. Paróquia São Sebastião: Instituto de Educação; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; Educandário Gustavo Capanema; Grupo Benjamin Constant; Grupo Antônio Bittencourt; Grupo Farias de Brito; grupo Plácido Serrano; Grupo Ribeiro Cunha; Escola Profa. Teonila Pessoa; Escola Carlos Pinho; Escola Nossa Senhora de Nazaré; Escola João de Deus; Escola 15 de Novembro; Escola Bonifácio de Azevedo; Núcleo Nossa Senhora de Nazaré; Núcleo Nossa Senhora de Fátima; Núcleo São Sebastião. Paróquia de São Raimundo: Grupo Olavo Bilac; Escola Rui Gama e Silva; Escola do Curro; Escola Pe. Pedro Ghislandi; Escola Prof. Celerino; Núcleo São Raimundo. Paróquia do Educandos: Núcleo da Matriz; Grupo

⁶¹⁴ **Código de Direito Canônico.** 1983, p. 381-383.

Machado de Assis; Escolas Reunidas Monteiro de Sousa; Escola Menezes Vieira. Paróquia da Cachoeirinha: Grupo Euclides da Cunha; Grupo Carvalho Leal; Núcleo Nossa Senhora da Consolação; Núcleo São Francisco; Núcleo Santa Rita. Paróquia de Aparecida: Grupo Cônego Azevedo; Escola Dr. Hermenegildo de Campos; Escola Artur Araújo; Escola Aureliano Oliveira; Escola Bilhares; Escola Nossa Senhora do Carmo; Núcleo Santa Luzia; Núcleo de Flores; Núcleo Gema Galgani; Núcleo Nossa Senhora Aparecida; Núcleo São Vicente⁶¹⁵.

Em 2 de junho de 1945, o Papa Pio XII (1939-1958) consagrou a Diocese de Manaus ao Coração Imaculado de Maria. A 24 de março de 1946, realizou-se a Sagração da Catedral, o templo da Virgem Padroeira do Amazonas, com a celebração foi oficializada pelo Arcebispo de Belém, Dom Mário Vilas-Boas. O jornal *A Reação*, ao se referir à Virgem afirmou, em tons poéticos, que o trono da Rainha está “assentado à frente da majestosa baía do Rio Negro, definitivo, sobranceiro, a irradiar o seu doce domínio pela vastidão verde da Planície, sobre cidades e vilas, missões e tabas, igarapés e cachoeiras, florestas e rios”⁶¹⁶. A Consagração do Templo, foi descrita como reflexo da alma dos fiéis, pois grande manifestação de Deus ocorre cotidianamente no templo, envolvendo e levando os leigos a experiência da espiritualidade cristã⁶¹⁷. Para a Consagração foi composto o Hino da Diocese de Manaus ao Imaculado Coração de Maria:

Ansiosos por ver novamente
A oliveira da paz florescer,
Coração de Maria clemente.
Vê o mundo do ensino afastado
Que pregou na Judeia Jesus,
E no sangue de irmãos mergulhados,
Sem consolo a gemer e sem luz!
Coração de Maria, ah! Escuta
Nosso humilde pedido e oração:
Faz que cesse dos homens a luta,
Une-os todos, num só coração!
Se é mister algo, ó Mãe terna e boa,

⁶¹⁵ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 71-73.

⁶¹⁶ Ibidem. 1946, p. 81.

⁶¹⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 227.

Em penhor oferta-te de fé,
Eis: o povo te brinda a coroa
- Sê Rainha da Terra Baré!
O egoísmo feroz recalcando,
Olhos fitos no lenho da Cruz,
Nós queremos, Senhora, o teu mando,
E as leis santas de Cristo Jesus!
O Divino Evangelho queremos
Que nos fale de amor e de paz!
Coração de Maria, seremos
A teu cetro submissos, leais!
Mas, se um dia, o inimigo invejoso
Contra ti nos quiser rebelar,
Dá que o Negro se encrespe furioso
E nos trague qual túrbido mar!⁶¹⁸

No ano seguinte, foi o momento de sagrar a Catedral, que se realizou a 24 de março. A sagração de um templo é reflexo espiritual da alma, e ao ser realizada assinala as grandes verdades aos fiéis: é o lugar santo, lugar de Deus; sua finalidade é ser casa de oração, uma porta para o céu; e é o símbolo das núpcias místicas entre Deus e este lugar. Naquela ocasião, Nossa Senhora da Conceição, o orago da Catedral, já estendia o seu olhar sobre o Amazonas há 251 anos, e por iniciativa de Dom João, o templo dedicado à Virgem recebeu a sagração litúrgica, sendo o oficiante Dom Mário Vilas-Boas. Manaus, a cidade da Virgem da Conceição.

A cerimônia de sagração é longa e complexa, dividida em cinco partes principais, que aqui descrevo de forma sintética: preliminares, quando na véspera o Bispo consagrante inspeciona e deposita as relíquias dos mártires, ocorre vigília noturna, e o Bispo e clero guardam jejum. Repetindo a inspeção pela manhã, acende-se as 12 velas diante de 12 cruzeiros; a segunda parte, se inicia com a procissão a partir da porta principal, seguida das bênçãos da água, sal, cinzas e vinho, acompanhada de ladainha; a terceira parte é a sagração do Altar, com aspersão, recitação dos salmos 50 e 90, orações e prefácios; na quarta parte, ocorre a transladação das relíquias, a sagração de sepulcro, incensar e ungir o Altar, bênção

⁶¹⁸ **Suplemento de A Reação.** 1946, p. 68.

das cruzes; na quinta parte, ocorre a bênção dos paramentos e alfaia, o revestimento do Altar acompanhado da recitação do salmo 62, e a celebração da Santa Missa⁶¹⁹.

Com os dois grandes eventos ocorridos em 1946, a inauguração do Pavilhão Dom Basílio e a Sagração da Catedral, aconteciam, também, as bodas sacerdotais de Dom João da Mata. Passaram-se 25 anos, e foi Manaus o palco dessa comemoração. E, com a presença do Metropolita, Dom Mário Vilas-Boas, os três acontecimentos configuraram outro grande espetáculo, que, como de praxe, muito bem aproveitado por Dom João, com o entrelaçamento da vida da Diocese com a vida de seu Pastor, pois a associação seria de forma imediata entre os três eventos, e ficaria gravada na memória de quem viveu aquele momento, levando, pelo menos, vestígios para a posteridade. Do Vaticano chegou a mensagem ao Bispo de Manaus: “o Soberano Pontífice enriquece o júbilo do 25º natalício do teu sacerdócio com uma bênção apostólica repleta de paternal solicitude, estabelecendo-a, ao mesmo tempo, ao rebanho a ti confiado”⁶²⁰. Em seu discurso de abertura, Dom João declarou “aqui estou para dizer aos sacerdotes que me rodeiam, cheios de mocidade uns, encanecidos outros, no serviço do altar, que nesta jornada de 25 anos, quer nas horas de Calvário, quer nas horas de Tabor, um só pensamento me alentava, um só pensamento me enchia de santa vaidade: Ser Padre!”⁶²¹. Foi assim, com tripla comemoração, o encerramento da Semana Sacerdotal naquele ano.

Dom João amava a Eucaristia e era devoto de Nossa Senhora. A realização do Congresso Eucarístico, a expansão das Filhas de Maria, e a Consagração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição são expressões dessa devoção, que era compartilhada por seus diocesanos⁶²². E, “nas três Dioceses que governou, empenhava-se em intensificar a devoção eucarística e a devoção mariana”⁶²³. Homenageando à Nossa Senhora, foi fundada na cidade a Federação das Congregações Marianas, a 12 de maio de 1946⁶²⁴, que teve como primeira presidente Maria de Miranda Leão, que foi uma das fundadoras da Pia União das Filhas de Maria e sua presidente por muitos anos, sendo reencaminhada à presidência em 1942, por Dom João da Mata, ao mesmo tempo em que lhe confiava a presidência da

⁶¹⁹ Ibidem. 1946, p. 81-84.

⁶²⁰ Ibidem. 1946, p. 8.

⁶²¹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 66.

⁶²² MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 198.

⁶²³ PINHEIRO, Nonato. Op. Cit., 2007, p. 152.

⁶²⁴ RAMOS. Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 116.

Federação das Filhas de Maria⁶²⁵. Até 1945, eram 354 congregadas na Pia União das Filhas de Maria⁶²⁶.

Segundo Nonato Pinheiro, Dom João não foi apenas um Bispo de muitas obras, mas também de grande investimento espiritual. Destaque, em seu Bispado, para as ordenações de cinco padres: João Alves da Costa; Luís Pereira Machado; Francisco de Sales Cavalcante; Argemiro Pantoja Munhoz; e Raimundo Nonato Pinheiro. Além do aumento do clero secular, para o clero regular chegou a Manaus, a seu pedido, o PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), que passou a somar com as Congregações já existentes em Manaus, citadas acima. E, entre as femininas, foi acrescida, além das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, também já citada, as Adoradoras do Preciosíssimo Sangue. Dois sacerdotes receberam a dignidade de monsenhor: Manuel Monteiro da Silva, que se tornou Vigário Geral da Arquidiocese, e Joaquim Pereira, pároco de Itacoatiara⁶²⁷.

Sobre as Congregações Religiosas Femininas, é importante destacar, no balanço da década de 1940, a colaboração de grupos de Irmãs. As Filhas de Sant'Ana, conduziram a Santa Casa de Misericórdia desde 1885, e o boletim do movimento religioso de 1935 a 1945, apresenta: 19.400 confissões de religiosas e empregadas; 2.407 confissões dos empregados; 20.324 confissões de enfermos; 1.932 Primeira Comunhão de adultos; 863 Primeira Comunhão de crianças; 176.441 comunhões gerais; 4.207 extrema-uniões; 2.264 viáticos; 4.083 óbitos; 320 casamentos religiosos; 139 batizados de adultos; 290 batizado de recém-nascidos; 13 conversões de protestantes; e 44 primeiras confissões e Primeira Comunhão de idosos de 60 a 85 anos. A 7 de maio de 1945, a Santa Casa foi consagrada ao Imaculado Coração de Maria⁶²⁸. O Instituto Benjamin Constant, foi assumido pela Filhas de Sant'Ana de 1893 a 1946, chegando a atender 5.396 alunas, com vagas destinadas preferencialmente às órfãs; no ano de 1946, eram 50 alunas. O Instituto, teve sua capela inaugurada a 29 de julho de 1929, que foi ampliada em 1945, e ganhou um pequeno teatro em 1930. As educandas passaram a ter assistência médica diária, e dentária três vezes por semana, e o aprendizado gira em torno de prendas, músicas, pintura, canto, vocação, corte e costura, bordado, flores e trabalhos domésticos. Na parte espiritual, há intensidade, com

⁶²⁵ **Livro de Inscrição da Pia União das Filhas de Maria.** 1913.

⁶²⁶ **Suplemento de A Reação.** 1946, p. 168.

⁶²⁷ Na época em que Pe. Nonato escreveu, em 1955, dos seminaristas deixados por Dom João da Mata, quatro já estavam ordenados, os padres: Walter Gonçalves Nogueira; Luís Augusto de Lima Ruas; Manuel Bessa Filho; e João Amaral de Oliveira. PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata.** Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 64-66.75.

⁶²⁸ **Suplemento de A Reação.** 1946, p. 163-165.

comunhão, adoração, confissões e retiro espiritual, contando sempre com o auxílio das Filhas de Maria⁶²⁹. No Hospital Beneficente Portuguesa, as Filhas de Sant'Ana assumiram-no em 1904, onde além dos cuidados aos doentes, passaram a dar assistência religiosa. Em 1946, era esse o movimento religioso da Beneficente: 817 casamentos; 546 batizados; 2.841 missas; 33.560 comunhões e 2.056 extrema-unções⁶³⁰.

As Filhas do Coração Imaculado de Maria, assumiram a responsabilidade de conduzir da Escola Premonitória do Bom Pastor, a 26 de julho de 1942, destinada a proteger e reeducar jovens de 11 a 18 anos, pobres e abandonados. A Escola segue o programa estadual do curso primário, quanto ao ensino das letras, com entrega de certificado ao final do curso. As moças também recebem aulas de corte e costura, bordado, prendas em geral e trabalhos domésticos. Ao completar 18 anos, as alunas são desligadas da Instituição, passando para a mão de tutores ou a trabalhar em casa de famílias. Desde 1940, quando foi inaugurada consta o dado de 333 alunas, sendo o número atual de 80 alunas⁶³¹. Outras duas Congregações que merecem destaque, ambas no campo educacional, são as Doroteias, atuantes em Manaus desde 1910, e as Salesianas, que nas décadas de 1930 a 1940 intensificaram a educação católica para meninas, com a implantação de duas Escolas; o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o Patronato Santa Teresinha.

Em 1947, a Diocese assistiu à grande solenidade do centenário de nascimento do primeiro Bispo de Manaus, Dom José Lourenço da Costa Aguiar. Para celebrar esse acontecimento, Dom João movimentou o clero, as paróquias, a Ação Católica, e todas as Associações Religiosas para a realização da grande festa, e convidou Dom Mário Vilas-Boas para ser o orador da solenidade. Uma grande passeata percorreu as principais ruas da cidade, com faixas e cartazes, representando paróquias e obras sociais, com o quadro de Dom Lourenço Aguiar, pintado por Branco Silva, e os quadros de todos os Antístites até o momento, como uma grande homenagem. O cortejo se dirigiu para a Praça do Congresso, onde os discursos foram proferidos. O encerramento foi no Teatro Amazonas, quando fez uso da palavra Dom Mário Vilas-Boas. Foi, sem dúvida, outro grande espetáculo do quinto Prelado de Manaus. “O centenário de Dom José Lourenço foi a festa de maior relevo que caracterizou o final do episcopado de Dom João da Mata no Amazonas”⁶³². Dom Lourenço

⁶²⁹ Ibidem. 1946, p. 167-168.

⁶³⁰ O documento traz a data de 13 de fevereiro de 1946, portanto boa parte desses dados devem corresponder ao ano anterior. **Suplemento de A Reação**. 1946, p.172-173.

⁶³¹ Ibidem. 1946, p. 197.

⁶³² PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 68-69.

Aguiar, foi apresentado, pelo Jornal *O Cinema*, como pioneiro da civilização católica no meio desse povo, que destacou os festejos de seu centenário como “uma apoteose!”⁶³³.

Em 1948, foram criadas mais duas paróquias, sendo a primeira foi a Paróquia de São José Operário e Santa Teresinha, que foi desmembrada de Nossa Senhora dos Remédios, ficando na responsabilidade dos Salesianos, e a segunda foi a Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, que foi desmembrada da Paróquia de São Sebastião como o último grande feito de Dom João, criada a 11 de junho de 1948, que já o faz na condição de Administrador da Diocese, portando poderes especiais que lhe foram concedidos pelo Nuncio Apostólico. Para assumir a nova paróquia, Dom João articulou a vinda do PIME⁶³⁴, que passou a somar com as outras Congregações, já presentes na Diocese, para o bom andamento das diversas atividades paroquiais.

A Diocese de Manaus vivia um novo cenário eclesiológico, ocorrendo “uma verdadeira reconquista espiritual da Amazônia, ou seja, ocupando os espaços, mantendo e fortalecendo a instituição”⁶³⁵. Registramos ainda, nesta década, dentro desse processo de expansão eclesial, o envio de missionários para as Prelazias: em 1945, os Redentoristas foram enviados para Codajás, e, em 1948, os Missionários da Consolata chegaram ao Rio Branco⁶³⁶. Destaque para a chegada em Manaus, das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, em 1948, que receberam a responsabilidade de zelar pela Casa da Criança, inaugurada neste mesmo ano por Dom João⁶³⁷. Dessa forma, as Congregações Missionárias auxiliavam na evangelização e na estrutura eclesial, como braços afinados com a Diocese e em sintonia com a Santa Sé.

As ações de Dom João da Mata, confirmaram as características de seu modelo, que irmanado ao Episcopado brasileiro, vindo da experiência em sua primeira Diocese e maturada na Diocese de Manaus: a pastoral como essência; as obras sociais, aqui

⁶³³ **O Cinema**. Número 18. Agosto de 1947.

⁶³⁴ A paróquia de São José e Santa Terezinha foi erigida a 5 de fevereiro de 1948, e Nossa Senhora de Nazaré a 11 de junho de 1948. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 118.

⁶³⁵ MATA, Raimundo Possidônio C. e TADA, Cecília (organizadores). **Amazônia**, desafios e perspectivas para a Missão. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 43.

⁶³⁶ Os Redentoristas chegaram a Codajás a 29 de maio, e os Missionários da Consolata chegaram ao Rio Branco a 7 de agosto (já em período de vacância). RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 115.118.

⁶³⁷ Ibidem. 1952.

acompanhadas da reorganização do patrimônio da Diocese; e a dedicação à Educação⁶³⁸; e o empenho na reorganização do Seminário São José, sendo no ano de 1948 colocada a pedra fundamental do segundo pavilhão⁶³⁹. Ele deu continuidade à boa relação com os Institutos católicos já estabelecidos em Manaus e efetuou três projetos educacionais para o interior, no ano de 1948: a Escola Normal de Tefé, fundada a 1 de janeiro; o Educandário Santa Madalena Sofia, de Borba, que teve sua pedra fundamental colocada a 24 de setembro; e as Obras Sociais e Educacionais, em Fonte Boa, fundada a 26 de dezembro⁶⁴⁰. Os dois últimos projetos já foram lançados no período de vacância.

No dia 20 de março de 1948 chegou a notícia, de que Pio XII (1939- 1958) havia transferido Dom João para a Diocese de Niterói. Pe. Nonato Pinheiro diz que a cidade ficou consternada, todos lamentavam a partida de seu Pastor⁶⁴¹. Antes de partir, celebrou, de forma especial, o centenário do Seminário São José, erguido no dia 14 de maio de 1948 por Dom Afonso de Moraes Torres, que se reerguera com Dom Basílio Pereira e com ele. Aproximava-se o dia da partida, e foram prestadas homenagens na despedida oficial, realizada no Teatro Amazonas, a 5 de junho. Dos discursos, emanou o pedido: “Se não nos virmos mais, se não tornarmos mais a ver essa face nobre, inundada de claridades, como a de Moisés, ao descer do monte, mesmo assim, não se esqueça dos sacerdotes do Amazonas [...]”⁶⁴².

Havia se passado quase sete anos, era 16 de junho, e chegara o dia da despedida. Dom João visitou todos os jornais, em agradecimento, depois recebeu autoridades e sacerdotes na residência episcopal. Às 9 horas formou-se o cortejo rumo à catedral, conduzido pela Ação Católica e Associações Religiosas. O Bispo pediu para ouvir pela última vez o badalar dos sinos, “em vez, porém, de um repique festivo, puseram-se os bronzes a planger, a dobrar tristemente, traduzindo a saudade imensa que já amargurava os corações amazonenses”⁶⁴³. Rumo ao aeroporto, da Catedral ao Ponta Pelada, outro cortejo se formou com ônibus e carros, e no caminho os lenços o saudavam e lhes retribuía com a benção. Já

⁶³⁸ MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 199.

⁶³⁹ A pedra fundamental foi colocada no dia 9 de junho de 1948. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 118.

⁶⁴⁰ Ibidem. 1952, p. 117.119.

⁶⁴¹ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 74.

⁶⁴² Ibidem. 2007, p. 79.

⁶⁴³ Ibidem. 2007, p. 82.

em Niterói, declarou sua profunda saudade cristã pela Diocese de Manaus, e afirmou que em sua nova Diocese faria a “incrementação da obra pontifícia das vocações sacerdotais, da ação católica e da ação social”⁶⁴⁴. Tal afirmação, demonstra bem sua afinação com o projeto restaurador anunciado pelo Papa Pio XI.

A dois passos do avião, comovido, Dom João agradeceu as “últimas homenagens de seu rebanho amado, que o cumulava de tantas gentilezas durante o seu episcopado no Amazonas”⁶⁴⁵. Falou ao coração amazonense, que para ele era maior que as florestas, e declarou que o Amazonas estaria sempre em suas lembranças e em seu coração, “participando das suas orações e das suas bênçãos”⁶⁴⁶. A 8 de agosto de 1948, Dom João tomou posse de sua nova Diocese⁶⁴⁷. Niterói foi elevada pela mesma bula que elevou Manaus à Diocese, longe de imaginar em 1892, que partilhariam o mesmo Bispo 56 anos depois. Monsenhor Manuel Monteiro da Silva, assumiu como Vigário Capitular, a 9 de agosto.

A Diocese de Niterói, inicialmente abarcava os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, já passando pelo primeiro desmembramento em 1895, quando da criação da Diocese de Vitória. Foi em Niterói, que Dom João da Mata foi sagrado, em 1934, e era lá que estava seu grande amigo, como terceiro Bispo, Dom José Pereira Alves, que, a partir de sua nomeação para Niterói, em 1948, passara a suceder o seu mestre. Para saudar sua nova Diocese, escreveu uma Carta Pastoral, a 20 de maio de 1948, onde fala da perda da dignidade humana e da missão da Igreja na Terra, “urge soerguer o homem que jaz, semimorto, no leito da estrada que o conduz a Jericó - sem pão, sem Deus e sem liberdade[...]”⁶⁴⁸, e para ele o bálsamo era a Ação Social, como parte integrante da Ação Católica. Em Niterói realizou o Segundo Congresso Diocesano, que serviu de preparação para o 36º Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em 1955.

Dom João da Mata demonstrou desde o começo preocupação com as necessidades da região e atuou com grande zelo pastoral. Em todos os anos realizou desobriga pastoral, “levando a sua presença animadora e sua palavra ardente de fé aos moradores dos rios, dos

⁶⁴⁴ **Jornal do Comércio**. Agosto de 1948.

⁶⁴⁵ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 83.

⁶⁴⁶ Ibidem. 2007, p. 83.

⁶⁴⁷ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 118.

⁶⁴⁸ AMARAL, Dom João da Mata Andrade e. Carta Pastoral à Niterói. Apud: PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 144.

lagos e dos paranás, a certos lugares, que há mais de duas décadas, não se vira sequer a figura de um sacerdote”⁶⁴⁹. Segundo Celestino Ceretta “Manaus necessitava de um impacto religioso positivo, um sinal de vida e de fé, um resgate da sua dignidade”⁶⁵⁰. A realização do Primeiro Congresso Eucarístico, representou para a Igreja de Manaus a “plenitude de sua liberdade”, que não havia conseguido ao longo dos seus 50 anos de existência⁶⁵¹. Para Agnello Bittencourt, muito se deve à sua “luminosa permanência no Amazonas”⁶⁵².

A Diocese de Manaus entrou em vacância a oito agosto de 1948, e no dia 30, o Monsenhor Alberto Gaudêncio Ramos foi nomeado o sexto Bispo de Manaus⁶⁵³. Nos registros, aparece o novo Bispo inaugurando algumas obras, que certamente foram iniciadas por seu antecessor: reorganização das Damas de Caridade; bênção das primeiras pedras das capelas de São Geraldo e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Aparecida; inauguração do Noviciado da Congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue e inauguração da nova sede do Círculo Operário de Manaus⁶⁵⁴. Como homenagem, o novo pavilhão da Casa da Criança, recebeu o nome de Dom João da Mata, e foi abençoado por Dom Alberto Ramos a 11 de outubro de 1949⁶⁵⁵.

A nova década que iria se iniciar, chegava trazendo sinais de prosperidade para a caminhada eclesial de Manaus. Em reconhecimento aos frutos advindos do esforço dos Bispos, clérigos, religiosos e religiosas, e do laicato, Manaus foi elevada à Arquidiocese, a dois de julho de 1952, pela Bula *Ob Illud* do Papa Pio XII, sendo Dom Alberto Gaudêncio Ramos, o sexto Bispo da Diocese, elevado ao primeiro Arcebispo de Manaus. Analisando a trajetória da Diocese de Manaus, em especial o seu crescimento, físico e espiritual, sentido com mais força nas últimas três décadas, considero que o empenho pastoral e político de Dom João da Mata conseguiu estruturar, dando continuidade aos passos de seus

⁶⁴⁹ **O Jornal**. Junho de 1948.

⁶⁵⁰ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p.512.

⁶⁵¹ Ibidem. 2014, p. 512.

⁶⁵² BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 281.

⁶⁵³ Na ocasião, o Monsenhor Alberto Ramos era o vigário geral da Arquidiocese de Belém. Foi sagrado a 1 de janeiro e a 21 tomou posse da Diocese de Manaus. RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 119.

⁶⁵⁴ A reorganização das Damas, que ficaram com sede na Casa das Crianças, a 5 de fevereiro de 1949; as pedras das novas capelas também foram colocadas a 5 de fevereiro; a nova sede do Círculo Operário foi inaugurada a 3 de abril de 1949. RAMOS, Dom Alberto. Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.119-120.

⁶⁵⁵ Ibidem. 1952, p. 121.

antecessores, mas com o toque do seu empenho pessoal, os aspectos que faltavam para o grande coroamento da Diocese, com a sua elevação à Arquidiocese.

Dom João da Mata se insere no projeto “Restaurar tudo em Cristo”, abraçado pelo Episcopado brasileiro em sintonia com o Papado, e segundo Carlos Moura “o movimento de recatolização foi fundamental para a manutenção dos diálogos entre Estado e Igreja no Brasil e em Portugal”⁶⁵⁶. Os sete anos de sua administração, foram fecundos, gerando muitos frutos para a Diocese de Manaus, como se percebe na narrativa deste capítulo. Dom João “soube, a partir do trabalho de seus antecessores, aprofundar e imprimir sua marca, estreitando os laços com o Episcopado brasileiro e com Roma. Iniciava-se, assim, um novo capítulo da história eclesiástica do Amazonas, colhendo os frutos dos 60 anos da Diocese”⁶⁵⁷.

Por ocasião da realização do Congresso em Niterói, em 1954, Dom João já não possuía o mesmo vigor físico, uma vez que as suas duas primeiras Dioceses o exauriram, pois tal foi seu empenho diante delas, que ao deixar Manaus, em 1948, a doença já o acompanhava. Segundo Nonato Pinheiro, a diminuição no ritmo das obras sociais o conduziu ainda mais para uma entrega espiritual, impressão que teve ao visitá-lo em Niterói entre novembro de 1953 e abril de 1954, de que o sofrimento da doença lapidara “bem os diamantes do seu belo espírito”⁶⁵⁸. Em carta a Dom Alberto, a sete de março, Dom João fala da proximidade da morte e da bondade de Deus ao lhe conceder uma moléstia longa para que melhor se preparasse, e finaliza pedindo a bênção do seu sucessor⁶⁵⁹. Dom João da Mata, faleceu a sete de novembro do mesmo ano, no domingo Pentecostes.

2. As Paróquias em Manaus na década de 1940: a expansão de um projeto romanizador

A Manaus foi elevada à Diocese, com três novas dioceses. A Bula do Papa Leão XIII, inaugurava uma nova fase da Igreja no Brasil, após as tensões com o Império e a separação

⁶⁵⁶ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: Intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). Lisboa: Isc – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 151.

⁶⁵⁷ MACIEL, Elisângela. **Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948)**. In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 201.

⁶⁵⁸ PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado Amazonas/Valer, 2007, p. 101.

⁶⁵⁹ AMARAL, Dom João da Mata Andrade e. **Carta ao Exmo. E Revmo. Sr. Dom Alberto Ramos**. 7 de março de 1954.

desta com o Estado. Apesar do temor que pairava no meio eclesiástica, a República, promulgando liberdade de culto, acabou proporcionando liberdade para o crescimento das Dioceses em todo o território brasileiro. A expansão das Dioceses, sem dúvida, constituiu a base de do projeto Episcopal, que foi se concretizando durante a Primeira fase republicana, continuando nas décadas seguintes. Até 1930, eram 88 Dioceses, e na década de 1940 já eram mais de 100.

A Carta Pastoral de inauguração da Diocese de Manaus, fala da longa espera e da imensa alegria pelo nascimento do segundo Bispado na Amazônia. Com Dom José Lourenço da Costa Aguiar, seu primeiro Bispo, Manaus se manteve com duas paróquias, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Remédios. Com Dom Frederico Costa, a capital do Bispado ganhou sua terceira paróquia, São Sebastião, em 1912. Com Dom Irineu Joffily e Dom Basílio Pereira, especialmente com este último, capelas foram criadas, à medida em que a cidade crescia. Mas foi com Dom João da Mata, quinto Bispo de Manaus, que a configuração das paróquias ganhou novo formato e nova dimensão, acompanhando a expansão urbana, mas também social e espiritual.

Durante os 60 anos da Diocese de Manaus, foi somente na última década que o número de paróquias passou de três para nove, na capital. Até o final dos anos de 1940, o Amazonas contava com 13 municípios⁶⁶⁰, e ao finalizar a administração de Dom João da Mata, essa realidade geográfica da Diocese estava dividida em 17 paróquias, das quais nove na capital e oito no interior, como pode ser verificado no quadro ao final deste capítulo. Nesse contexto, a Diocese de Manaus passara a pouco menos de um terço da sua superfície original, ocupando uma área de 550.964 kms², e abarcando uma população de 270.149 habitantes. Limitando-se: a Leste, com o Estado do Pará; ao Norte, com as Prelazias do Rio Negro e do Rio Branco; ao Sul, com as Prelazias de Lábrea e Porto Velho, e com o Estado do Mato Grosso; a Oeste, com a Prefeitura Apostólica de Tefé⁶⁶¹.

O Episcopado brasileiro, primou nas primeiras décadas da República, pela sintonia com Roma, reforçando o processo romanizador, e abraçando um projeto de expansão eclesiástica, no qual se insere Dom João da Mata, que se enquadra no grupo dos Bispos empreendedores, que estreitam os laços entre si, ao mesmo tempo em que aprofundam pilares romanizadores: implantação de escolas católicas; parcerias com congregações

⁶⁶⁰ Manaus, Manacapuru, Codajás, Coari, Itacoatiara, Itapiranga, Urucará, Urucurituba, Parintins, Barreirinha, Maués, Manicoré, Borba. **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 18.

⁶⁶¹ Ibidem. 1946, p. 18.

estrangeiras que passam a atuar na Diocese; fortalecimento do seminário, que no caso de Manaus foi reerguido; fundação de obras sociais; fortalecimento das relações com o poder local; e o desdobramento da expansão das Dioceses, isto é as paróquias. E, para a condução das paróquias Congregações Religiosas, em sua maioria europeias, foram chegando à Diocese de Manaus para auxiliar os Bispos no enraizamento da romanização.

A Diocese e a expansão da cidade, se entrelaçam, sendo o crescimento das paróquias em Manaus dada à luz das diretrizes episcopais. A paróquia “nos permite reconstituir a origem e a preservação da principal forma de organização das comunidades católicas”⁶⁶², lugar de práticas religiosas, onde clero e leigos desenvolvem seu papel, por isso a Igreja sempre se esforçou para manter esse modelo de estrutura, observando a centralização, a territorialidade e controle sobre o cotidiano dos paroquianos, um modelo institucional, desenhado em Trento e transferido para o Brasil, que foi sendo implantado com ajustes a cada século uniformizando a liturgia, sendo o pároco o gestor⁶⁶³.

É importante considerar as resistências ao controle eclesiástico (confrarias, devoções, centros litúrgicos autônomos), observando o movimento no processo de reforma católica, que visa controlar as devoções tradicionais, classificando-as de ignorância religiosa, mostrando permanências e descontinuidades. Em substituição, aparecem as devoções conduzidas por novas associações religiosas, como o Apostolado da Oração que direciona ao Sagrado Coração, e a Pia União das Filhas de Maria, que direciona à Imaculada Conceição. Nas paróquias de Manaus, essas duas associações são, normalmente, as primeiras a serem implantadas.

São dois modelos, o institucional paroquial e o comunitário popular, que se misturam e se chocam. Para seguir a orientação de Trento, lugar de encontro da fé, era necessário a reforma do clero, desejada no século XVIII, realizada de forma parcial no século XIX e alcançada no século XX. A reforma católica nas suas várias fases, se inspira em Trento, sendo a paróquia a “unidade tática”, que fiscaliza, aparelha e fortalece (escolas, catequese, associações leigas e jornais), congrega e evangeliza, passando a ser o porto seguro da Igreja, tanto pastoral como politicamente, assumindo, como unidade tática, uma “dimensão

⁶⁶² TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 8.

⁶⁶³ Ibidem. 1997, p. 10.

essencialmente militante”⁶⁶⁴. A Paróquia se atualiza e se instrumentaliza para multiplicar os serviços e competir com o Estado⁶⁶⁵. Na restauração católica se reafirma como um “espaço central, insubstituível para a salvação”⁶⁶⁶. A Paróquia é o micro da instituição, seguindo o modelo tridentino, com dogmas, normas, ritos, disciplina e organização eclesial, configurando uma identidade própria⁶⁶⁷.

A paroquialização, conceito utilizado por José Manuel Sanz del Castillo, que aqui utilizamos, é um processo de institucionalização eclesial da vida e organizações da religiosidade do povo⁶⁶⁸, que visa reformar as tradições, costumes e práticas do catolicismo tradicional brasileiro, buscando adequá-lo ao romano, aproximando a hierarquia dos fiéis. A paroquialização, é a expressão e ferramenta do Movimento de Reforma, que segue “o espírito tridentino, a primazia absoluta dos sete sacramentos como mediações privilegiadas do sagrado clericalismo e sacramentalismo se dão a mão e são elementos constitutivos da paróquia romanizada”⁶⁶⁹, que foi iniciada no século XIX e acelerada no século XX. Para que os objetivos da Reforma sejam alcançados, “a paroquialização do espaço eclesial e religiosos popular é de suma importância”⁶⁷⁰, devendo ser controlada pelo clero nos moldes do catolicismo romano. A Paróquia passou por profunda transformação, entre 1890-1920, em relação ao modelo colonial, passando a ser romanizada e se tornando a principal ferramenta do Movimento de Reforma⁶⁷¹.

A Diocese se insere estrategicamente na vida cotidiana, se universaliza gerenciando micro instituições, que se unem e formam o todo da Diocese, tornando assim a estratégia eclesial de expansão e consolidação mais efetiva, e assim, gradativamente ocorre a multiplicação das paróquias, o que em Manaus, se verifica de forma mais efetiva na década de 1940, com o nascimento de seis novas paróquias, que ao mesmo tempo simbolizam o enraizamento do projeto episcopal romanizador, de alcance mais profundo na realidade religiosa e social, e o crescimento da cidade que se expande e se interliga, havendo,

⁶⁶⁴ DIEL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 136.

⁶⁶⁵ TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 13-14.

⁶⁶⁶ Ibidem. 1997, p. 15.

⁶⁶⁷ Ibidem. 1997, p. 18.

⁶⁶⁸ CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 92.

⁶⁶⁹ Ibidem. 1997, p.114.

⁶⁷⁰ Ibidem. 1997, p. 103.

⁶⁷¹ Ibidem. 1997, p.107.

portanto, há um entrelaçamento de duas esferas, a do patamar eclesiástico e a do patamar urbano/social. A Igreja se insere, se faz presente em cada bairro, como definiu Pio XII, como uma “grande família”, com ação pastoral e implantação de obras sociais.

Paróquias e párocos foram enquadrados sob a jurisdição da Diocese e do Bispo. Os párocos como principais colaboradores do Bispo, estão a ele subordinados e passam a ser, eles mesmos, os modeladores de sua paróquia⁶⁷². A Reforma Católica, ocorrida de 1840 a 1920, não modifica de forma estrutural a Igreja nem o modelo de paróquia, mas promove o “alinhamento dos seus membros com o poder central”⁶⁷³, ocorrendo segundo Paulo Diel, um duplo efeito: o crescimento da consciência hierárquica, com dependência do pároco para com o Bispo e do povo para com o pároco e a uniformização para a normatização dos serviços paroquiais. De acordo com o mesmo autor, a paróquia passa por um processo de santificação à medida em que o pároco se fixa e se enclausura na paróquia⁶⁷⁴. Nas fontes paroquiais de Manaus, foi possível encontrar documentos que apresentam alguns párocos, e outros documentos que foram produzidos por eles, dando ideia do andamento das paróquias e do lugar do pároco na Diocese.

Quando a Diocese de Manaus foi inaugurada, em 1892, havia na sede do Bispado apenas duas paróquias. A primeira, era Nossa Senhora da Conceição, criada pelos Carmelitas em 1665, que se tornou a Matriz de Manaus, e a segunda, era Nossa Senhora dos Remédios, criada em 1827, que passou a ser paróquia em 1883. No período diocesano, a primeira paróquia criada na capital foi a de São Sebastião, em 1912. À medida em que a cidade crescia, e com ela a administração eclesiástica, inúmeras capelas foram inauguradas, com destaque para a década de 1930, período em que novos grupos se deslocaram do interior para a capital, devido à retração da economia gomífera pela qual passava a região, impulsionando o crescimento da Diocese.

Foi na década de 1940, que o crescimento da estrutura eclesiástica foi percebido, pois das três paróquias de Manaus nasceram novas, chegando a nove paróquias em 1948. Dom João da Mata, o quinto Prelado a administrar Manaus, analisando as ações empreendidas por seu antecessor, Dom Basílio Pereira, desmembrou as primeiras paróquias e apresentou a nova realidade eclesial de sua Diocese, com as paróquias de: São Raimundo, Nossa

⁶⁷² DIEL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 143.

⁶⁷³ Ibidem. 1997, p. 141.

⁶⁷⁴ Ibidem. 1997, p. 142.

Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Rita, criadas em 1941; Nossa Senhora Aparecida, criada em 1943; e São José Operário e Nossa Senhora de Nazaré, criadas em 1948. Dessa forma, o Bispo colocava a Diocese em sintonia com o projeto de expansão, que os Prelados efetivaram em todo Brasil, atendendo ao projeto romanizador da Santa Sé.

Do final do século XIX até 1920, Manaus passara por grandes transformações e expansão, diferenciando a área central e as áreas periféricas, explicitando a segregação dos trabalhadores para os bairros de Tocos, Cachoeirinha, Mocó, Girau, São Raimundo, Flores, Educandos e Colônia Oliveira Machado, bairros que foram compostos na sua maioria por cearenses⁶⁷⁵. Dos anos de 1920 ao final dos anos de 1940, outras etapas da expansão da cidade foram acontecendo, com novos bairros ou com a transformação dos antigos, que lhe deram novos contornos. As novas paróquias, erigidas na década de 1940, se inserem e são resultado dessa transformação urbana e da crescente necessidade de atendimento espiritual dos moradores, bem como, do necessário controle da Diocese sobre as antigas e novas áreas da cidade, onde o pároco deve acompanhar de perto o cotidiano dos seus fiéis. A seguir, apresentamos as seis novas paróquias erigidas entre 1941 e 1948, na administração de Dom João da Mata Andrade e Amaral.

2.1 São Raimundo Nonato⁶⁷⁶

Alguns registros datam o início do bairro de São Raimundo no ano de 1849, consistindo no que parece ser sobre a chegada das primeiras famílias ao local, mas só foi ganhando contorno de bairro na última década do século XIX, ali foi o primeiro lugar onde se construíram as primeiras casas fora do centro da cidade, para onde só era possível ir de catraia. A colina, como a localidade era chamada, teve sua origem católica, e segundo Ellza Souza, desde a década de 1870 já era celebrada missa em um barracão de ferramentas, mas

⁶⁷⁵ COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Valer, 2014, p. 114-115.

⁶⁷⁶ Nascido em família espanhola nobre, em 1200, foi chamado Nonato por ter sido extraído do corpo da mãe morta durante o trabalho de parto. Aos 24 anos se tornou um mercedário, ordem recém fundada para resgatar escravos aprisionados por mouros da Argélia e do Marrocos. Arruinou seu patrimônio para comprar a liberdade dos escravos cristãos, chegando a se oferecer em troca da liberdade de um pai de família, se tornando escravo entre os escravos na Argélia, sofrendo maus tratos, sendo calado com a perfuração dos lábios lhe colocaram cadeado para não evangelizar. Prevaleceu seu exemplo de fraterna caridade e de perseverança na fé. De volta à Espanha, Gregório IX, admirado com tamanha caridade, o chamou à Roma para ser um dos conselheiros do Papa, e lhe conferiu o título de cardeal. Morreu a caminho de Roma, a 31 de agosto de 1240, em Barcelona. Foi incluído pelo Papa Alexandre VII no livro dos santos, em 1657, declarado protetor dos parturientes e das parteiras. SGARBOSA, Mário. **Os Santos e os Beatos: da Igreja do Ocidente e do Oriente**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 493-494.

foi no ano de 1878 que padre Raimundo Amâncio de Miranda, convidado a celebrar, presenteou o local com a primeira imagem de São Raimundo Nonato, que deu origem ao nome do cemitério e posteriormente ao bairro⁶⁷⁷.

Segundo Carmen Calderón, o surgimento do bairro data de 1894, e as terras, onde o novo bairro se desenvolveria, foram doadas pelo governo do Estado para a Diocese recém-criada⁶⁷⁸. De acordo com Celestino Ceretta, o terreno foi doado em troca do primeiro Seminário que se localizava próximo ao porto de Manaus, durante o Bispado de Dom Lourenço Aguiar. Com o objetivo de arrecadar fundos para o próprio seminário⁶⁷⁹, a Diocese passou a lotear a área vendendo terrenos para pessoas de baixa renda com pagamentos mensais, que era o foro da Igreja, e variava conforme o tamanho do loteamento. As primeiras casas foram construídas à beira do rio Negro, “as famílias praticavam a caça e a pesca para o próprio sustento e a venda nos mercados e feiras de Manaus”⁶⁸⁰.

O povoamento do novo bairro seu deu de forma rápida, o que demonstrada por meio da criação de uma nova capela para atendimento aos moradores da localidade. A pedra fundamental da capela de São Raimundo Nonato, foi lançada e benzida a 19 de março de 1900, sendo o responsável o padre Florêncio, e a condução da celebração ficou a cargo do Monsenhor Coutinho e dois padres agostinianos⁶⁸¹. O bairro cresceu rapidamente, pois muitos moradores foram atraídos para a localidade devido à construção do matadouro municipal em 1912, e este, posteriormente, devido sua expansão se transformou em novo bairro, passando a denominar-se Glória, onde uma nova capela foi erguida.

De 1913 a 1927, padre Bento Fernandes ficou como responsável, se destacando pelo auxílio às vítimas da gripe espanhola⁶⁸². Em de 1928, Pe. Manoel Monteiro da Silva, se apresenta como reitor do Curato de São Raimundo, por meio de um documento de entrega da provisão do corrente ano, no qual também solicita sua recondução ao cargo⁶⁸³, ou seja, estava ainda inserido em sua paróquia de origem. Apesar da capela datar de 1900, a

⁶⁷⁷ SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento.** Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p.18.

⁶⁷⁸ CALDERÓN, Carmen Betel Rocha. **Paisagem Cultural do Bairro de São Raimundo.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2009, p. 14.

⁶⁷⁹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central.** Manaus: Valer, 2014, p. 549.

⁶⁸⁰ CALDERÓN, Carmen Betel Rocha. **Op. Cit.**, 2009, p. 14.

⁶⁸¹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus.** Manaus: EDUA, 1998, p. 639.

⁶⁸² SOUZA, Ellza. **Op. Cit.**, 2008, p.18.

⁶⁸³ **Documento de 31 de dezembro de 1928.** Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

construção da igreja foi lenta, pois até 1930, o barracão ainda era o local da celebração, que se transformou na sacristia⁶⁸⁴.

A partir de 1930, a capela passou aos cuidados do padre Carlos Fluhr, recém ordenado por Dom Basílio Pereira⁶⁸⁵, que logo iniciou a construção da primeira igreja de alvenaria e “trouxe para o bairro educação, cultura, melhorias para a igreja e para a comunidade”⁶⁸⁶, fundou o cine Paroquial, em 1930, para arrecadação de fundos para as obras da igreja, adquiriu o sino e os paramentos, recuperou a primeira imagem do orago e adquiriu a nova imagem para a capela. Foi também, com Pe. Carlos que as Filhas de Maria, a Cruzada Eucarística e a Congregação Mariana passaram a fazer parte de São Raimundo, todas em 1931. A igreja foi se erguendo com o empenho dos moradores que se envolveram diretamente em sua construção. Com Pe. Carlos, o Grupo Escolar São Luiz de Gonzaga, o primeiro do bairro, foi reaberto, em 1930⁶⁸⁷, e se deu a inauguração do cemitério Santa Helena, em 1934⁶⁸⁸. Pe. Carlos, além de tudo isso, teria sido responsável por custear os estudos de várias pessoas no bairro⁶⁸⁹. A 24 de dezembro de 1935, a igreja de São Raimundo foi inaugurada por Dom Basílio⁶⁹⁰.

Em 1939, o Curato de São Raimundo foi entregue à Congregação do Espírito Santo (C.S.Sp)⁶⁹¹, que também passou a cuidar das localidades do Educandos, Oliveira Machado e Cachoeirinha, desmembradas da paróquia dos Remédios⁶⁹². A Congregação do Espírito Santo, permaneceu na condução da Paróquia de São Raimundo até a década de 1990. Um documento, de 1940, da capela de São Francisco das Chagas, em Manaquiri, já faz referência a São Raimundo como freguesia⁶⁹³. Isso demonstra que São Raimundo já era tratado com o potencial para ser considerado uma paróquia, o que foi oficializado um ano depois do referido documento.

⁶⁸⁴ SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p.19.

⁶⁸⁵ A ordenação ocorreu em abril de 1930. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.106.

⁶⁸⁶ SOUZA, Ellza. Op. Cit., 2008, p. 29.

⁶⁸⁷ Ibidem. 2008, p.30.33.

⁶⁸⁸ Ibidem. 2008, p.18.

⁶⁸⁹ Ibidem. 2008, p. 30.

⁶⁹⁰ RAMOS, 1952, p. 108.

⁶⁹¹ **Suplemento de A Reação**. 1946, p.96.

⁶⁹² MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p.212.

⁶⁹³ **Certidão de casamento de Raimundo Batista Belém e Maria Gonçalves Belém**. 19 de setembro de 1940. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

A paróquia de São Raimundo foi desmembrada da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, e inaugurada em 15 de dezembro de 1941, por Dom João da Mata, sendo seu primeiro pároco o padre Henrique Klein⁶⁹⁴, substituído pelo Pe. Rudolfo Lenzback, que ficou de 1942 a 1945, seguido do padre Pancrácio Pauw, que permaneceu de 1945 a 1954⁶⁹⁵. Nesta década, o bairro cresceu muito, indo até o seu limite territorial com criação do cemitério Santa Helena, e a paróquia passou pela ampliação do número de moradores e das atividades ali desenvolvidas. Destaque para o Cine Ideal, que junto a outros cines menores, movimentava a vida social do bairro. Ao lado da igreja, funcionou o cine Paroquial, inaugurado na década anterior, era feito de madeira, cobrava ingressos para filmes mudos e de comédia, e era onde se apresentavam as pastorinhas⁶⁹⁶. Não se pode esquecer do arraial, acompanhado das novenas, que se estendia por quinze dias, com encerramento no dia do Padroeiro, 31 de agosto⁶⁹⁷.

Os limites da nova paróquia ficaram assim definidos: com a prelazia do Rio Branco, inicia na foz do rio Jauaperi até o encontro entre Jauaperi e Nhamundá; com a paróquia de Sant'Ana de Urucará, do paralelo principal do rio Alalaú até a nascente principal do rio Uatumã e a confluência do igarapé de Santo Antônio; com a paróquia de Silves, começando na foz do igarapé de Santo Antônio indo até a nascente do rio Urubuí e chegando a confluência com o rio Urubu, seguindo até a nascente principal do rio Tarumã-Mirim; com a prelazia do Rio Negro, começa na cabeceira do rio Jaú até a foz do rio Negro e a foz do rio Jauaperi; com a paróquia de Codajás, começando no divisor de águas dos rios Negro e Manacapuru até a cabeceira do rio Jaú; com a paróquia de Manacapuru, da cabeceira do rio Manacapuru, passando pelo furo Ariaú chegando a confluência no furo Arapapá até a margem esquerda do rio Solimões⁶⁹⁸.

A paróquia de São Raimundo possuía duas comunidades em Manaus: Glória e Santo Antônio. No interior, a paróquia atendia “6 capelas no Janauacá, 3 na costa do Solimões, 10 no Manaquiri e 10 ao longo do Rio Negro cujo atendimento perdurou até 1975”⁶⁹⁹. O balanço religioso do ano de 1945, traz informações sobre as Associações Religiosas e as

⁶⁹⁴ Padre Henrique adquiriu a imagem grande de São Raimundo Nonato, o presépio, os confessionários, os genuflexórios e a pia batismal. SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da Minha Colina**: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p.36-37.

⁶⁹⁵ Ibidem. 2008, p. 40.

⁶⁹⁶ SOUZA, Ellza. Op. Cit., 2008, p.23.28.

⁶⁹⁷ Ibidem. 2008, p. 24.

⁶⁹⁸ **Documento de 1941**. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

⁶⁹⁹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 549.

Obras Sociais. Os dados das Associações Religiosas: Apostolado da Oração, com dez zeladoras e 100 sócios; Congregação Mariana, com 20 sócios; Pia União das Filhas de Maria, com 33 sócias; Vicentinos, com 20 sócios; Liga Jesus, Maria, José, com 30 sócios; Ordem Terceira, com 25 sócios; Cruzada Eucarística, com 50 meninos; Obra das Vocações Sacerdotais, com nove zeladoras e 100 sócios; e em organização a Pia Obra de Santa Doroteia. Os dados das Obras Sociais: Sala de Costura, com 30 alunas e três professoras; Círculo Operário, com 30 sócios; Posto Médico, com consultas diárias; e em preparação a Mercearia⁷⁰⁰.

Em 1951, chegaram as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, para assumir a escola paroquial São Luiz de Gonzaga e cuidar da saúde na comunidade, auxiliando também na condução de famílias para a adoção de filhos de hansenianos⁷⁰¹. As Irmãs foram responsáveis, por impulsionar o teatro na escola e pela criação do Festival do Marques, que se tornou um dos grandes eventos folclóricos do Amazonas. De 1954 até 1961, assumiu a paróquia o padre Ludovico Soontiens, seguido do padre Francisco Kemenade, que ficou de 1961 a 1965. Foi nesse contexto que a paróquia foi desmembrada, dando origem a duas novas paróquias: Santo Antônio, em 1961; e Nossa Senhora da Glória, em 1963⁷⁰².

2.2 Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Separada do centro de Manaus por igarapé, tranquilo e largo, descreve Avé-Lallemant, estava localizado os Educandos Artífices, era mantido pelo Governo, cuja “educação girava em torno de religião, instrução elementar, trabalhos manuais e música [...] suprem as despesas da casa com o que apuram, fazendo bancos, armários, barcos e remos”⁷⁰³. Os alunos eram preparados para um ofício, muitas vezes com finalidade comercial, e eram contratados tanto para serviços na capital como no interior. Utilizando o método catequético, e dos aprendizes militares, o seu público, no Amazonas, era formado especialmente por indígenas, o projeto era claramente imbuído do espírito do século XIX, almejado pelo Império brasileiro, o de “civilizar”. De acordo com Irma Rizzini, “a história

⁷⁰⁰ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 97.

⁷⁰¹ SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da Minha Colina**: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 42.

⁷⁰² Ibidem. 2008, p.52.

⁷⁰³ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas** (1859). Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 118.

da educação na Amazônia nos revela as aspirações das elites e de grupos que buscavam a distinção com relação ao pesado estigma da *selva* e do *selvagem*”⁷⁰⁴.

A Lei nº 60, de 21 de agosto de 1856, criou a instituição, que ficou localizada no prédio da Olaria, na ilha da Barreira de Baixo, nomenclatura da época, em oposição à Barreira Alta, como era chamado São Raimundo na época. A localidade rapidamente passou a ser conhecida como Educandos, pois era a primeira visão que se tinha ao olhar para aquela colina⁷⁰⁵. A proposta pedagógica do Estabelecimento, era composta de alfabetização, formação religiosa e moral, e ensino de música, pois “não bastava instruir ou ensinar um ofício, mas educar segundo os preceitos da religião católica e da vida social, em atenção aos bons costumes e às regras da civilidade”⁷⁰⁶. A Casa de Educandos Artífices funcionou até 1877, os alunos amazonenses, foram descritos como meninos pobres, pelo Vigário Geral do Alto Amazonas, Raimundo Amâncio de Miranda, que provinham de Manaus, de povoados do interior e das selvas. Em 1882, foi reaberto com o nome Instituto Amazonense de Educandos Artífices.

Segundo Celestino Ceretta, ao redor desse Instituto foi se formando a povoação, com famílias de pouca renda, que muitas vezes trabalhavam de forma avulsa⁷⁰⁷, que por sua vez, gradativamente, foi formando o bairro de Educandos, para onde, também, só se ia de catraia. Em 1901, foi iniciada a urbanização do local, sendo abertas as primeiras ruas para a configuração e ampliação do novo bairro. Em 1907, o antigo bairro de Educandos passou a nomeado de Constantinópolis, no ano seguinte, foram nomeadas as artérias principais do bairro⁷⁰⁸. A mudança do nome se deu em homenagem ao governador Constantino Nery⁷⁰⁹. Neste mesmo ano, o bairro ganhou sua primeira escola⁷¹⁰. A partir de 1927, começou a se formar um grupo de idealistas e benfeitores, inclinados a promover o bairro ao patamar da modernidade, fundaram a Sociedade Sportiva e Beneficente de Constantinópolis⁷¹¹. A Sociedade desejava conectar o bairro ao restante da cidade, além da abertura de estradas e

⁷⁰⁴ RIZZINI, Irma. **Educação Popular na Amazônia Imperial**: crianças índias nos internatos para a formação de artífices. Manaus: EDUA, 2006, p.136.

⁷⁰⁵ AMAZONAS, Cláudio. **Constantinópolis**: origens e tradições. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 12.

⁷⁰⁶ Ibidem. 2006, p. 144.

⁷⁰⁷ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p.550.

⁷⁰⁸ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998, p. 176-177.

⁷⁰⁹ AMAZONAS, Cláudio. Op. Cit., 2008, p. 13.

⁷¹⁰ Ibidem. 2008, p. 21.

⁷¹¹ Mário Ypiranga, fala da criação da Sociedade apenas em 1929, com a primeira diretoria foi composta por: Jacques de Sousa Lima, Pedro Telles Castilho Cruz, Júlio Barbosa Viana, Manuel do Nascimento Filho, Eliezer Mendes e Cassiano da Encarnação. MONTEIRO, Mário Ypiranga. 1998, p.177. Cláudio Amazonas, nos apresenta o ano de 1927 para a criação da Sociedade e inclui entre os fundadores Antônio Anísio Brandão e Antônio Ritta, acrescentando que existiam muitos outros. AMAZONAS, Cláudio. Ibidem. 2008, p.29.

de uma ponte de ligação para o bairro da Cachoeirinha. Em 1928, se iniciou, ao mesmo tempo, a construção da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da ponte e da estrada, iniciada na Baixa da Eva, rumo à Cachoeirinha. Os três empreendimentos, foram inaugurados no ano seguinte, com recurso dos comerciantes locais⁷¹².

O ano de 1929 foi marcado pela chegada da luz elétrica, a criação do posto policial, e foram implantação das atividades do teatro e das pastorinhas no Grupo Escolar Machado de Assis. No ano seguinte, surge o primeiro cinema do bairro, seguido de outros posteriormente. Na década de 1930, aceleram-se as atividades e a ampliação do bairro: em 1933, se deu a construção da estrada do Paredão, e o início da atuação da Panair do Brasil em Manaus; em 1936, ficou pronta a interligação de Constantinópolis à Colônia Oliveira Machado, estendendo até ao cemitério São Francisco, além do início das atividades do rádio no bairro; em 1938, ficou pronta a Usina Labor, de beneficiamento de sorva e borracha, que gerou trabalho para muitos operários. Em 1939, foram contabilizados 6.009 moradores no bairro⁷¹³.

No ano de 1939, Dom Basílio Pereira, separou quatro localidades da paróquia dos Remédios, que foram: Educandos, Cachoeirinha, Colônia Oliveira Machado e Paredão, confiadas inicialmente aos Espiritanos⁷¹⁴. O curato de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi criado a 30 de novembro de 1939, e no ano seguinte, o Curato foi assumido pelo Pe. Antônio Plácido de Souza⁷¹⁵, diocesano. Considerando, o bem espiritual, ouvindo os consultores e de acordo com o vigário dos Remédios, foi criada canonicamente a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, elevada à paróquia a 15 de dezembro de 1941, por Dom João da Mata. Ficaram determinados os seguintes limites:

Constantinópolis, Colônia Oliveira Machado e Paredão, limitando-se pelo Oeste, a margem esquerda do Rio Negro, pelo Noroeste o igarapé da Cachoeirinha atravessado pela ponte que liga Educandos à Cachoeirinha, subindo este igarapé em linha reta, até encontrar a estrada do Aleixo e por esta até encontrar a margem esquerda do Rio Amazonas. Compreende ainda a nova paróquia as duas margens do Rio Amazonas, desde a foz do rio Negro sendo na margem direita: Terra Nova, Paraná da Terra Nova, Murumurutuba, Varre Vento. Pela margem esquerda: Tabocal e mais ambas as margens do Paraná da Eva, ora pertencentes à freguesia dos Remédios e de Itacoatiara.⁷¹⁶

⁷¹² Ibidem. 2008, p. 29-32.

⁷¹³ Ibidem. 2008, p. 37-42.

⁷¹⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 110.

⁷¹⁵ Nascido em Manaus em 1906, foi ordenado em 1938, nomeado Cônego em 1955, e faleceu a 28 de junho de 1966. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**.

⁷¹⁶ **Decreto de Ereção Canônica da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**. 15 de dezembro de 1941.

O Pe. Antônio Plácido, se tornou o primeiro pároco, ele era “muito empreendedor, tratou logo de cuidar da população carente tratando da formação popular, sobretudo para melhorar a condições de vida”⁷¹⁷, fez funcionar vários cursos e escolas, ao mesmo tempo em que cuidava da construção da igreja. O pároco, muito ativo, procurou se envolver em todas as instâncias da vida da paróquia, inclusive na transformação física e expansão do bairro, se colocando no centro da vida da comunidade, entrelaçando todos os aspectos com a essência religiosa da vida paroquial. O seu espírito empreendedor estava bem em sintonia com as ações desenvolvidas na Diocese por Dom João da Mata.

Na capital, a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, atendia as capelas: de Santa Luzia; São Francisco das Chagas, na Colônia Oliveira Machado; Nossa Senhora das Graças, no Educandário Capanema; e a capela do Paredão; e no interior, atendia as capelas de Terra Nova e Tabocal. Pe. Plácido, se destacou, entre outras coisas, pela construção da igreja e pela criação da procissão fluvial de São Pedro, em 1941. A procissão, em homenagem aos pescadores, saía do porto das Catraias, seguia até São Raimundo, retornando pelo Encontro das Águas, até o porto de Constantinópolis, encerrando com a missa na igreja do Perpétuo Socorro.

Em 1943, o padre criou o Instituto de Obras Sociais de Educandos, a Escola de Datilografia, Oficinas de Sapataria e a Casa do Pobre para auxiliar no recurso das famílias, possibilitando senhoras e moças o aprendizado de corte e costura, bordado à mão e à máquina, e flores⁷¹⁸. No balanço de 1945, as Associações Religiosas apresentam os seguintes dados: Apostolado da Oração, com 206 sócias; Pia União das Filhas de Maria, com 42 sócias; Cruzada Eucarística, com 40 crianças (meninas e meninos); Amiguinhos do Menino Jesus, com 38 crianças; Irmandade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com 63 sócios; e Irmandade do Santíssimo Sacramento, com oito sócios. Também, merece destaque o crescimento de alunos no Ensino Religioso e o atendimento da Escola Paroquial, com curso diurno para crianças e curso noturno para operários⁷¹⁹.

A matriz da paróquia, agora de alvenaria, ficou pronta em 1949, graças aos sacrifícios do padre, e de alguns fiéis, que chegaram a se queixar de não receber auxílio nem da

⁷¹⁷ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 550.

⁷¹⁸ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**.

⁷¹⁹ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 106-107.

Diocese nem do Governo⁷²⁰. Neste mesmo ano, padre Plácido enviou um ofício a Dom Alberto Ramos, solicitando autorização para a circulação de uma folha semanal, “O Maná”, dizendo que não seria nem de combate nem de defesa, mas para “o noticiário da paróquia, avisos e instruções dogmáticas, morais e litúrgicas tendo por escopo unicamente alimentar, fortalecer e consolar os corações e as consciências dos paroquianos”⁷²¹. O documento finaliza pedindo bênçãos para “O Maná” e seu autor. O 1º número de “O Maná” passou a circular no dia 10 de abril⁷²². Segundo Paulo Diel, a escrita é outro instrumento de doutrinação, além do púlpito, por isso ocorreu o incentivo para a criação nas paróquias de jornais, boletins e folhetos⁷²³. O “Maná” se enquadra bem no uso desse recurso para atingir um maior número de paroquianos, para além daqueles que regularmente escutam os sermões do padre.

Em outro documento, datado de 1953, encontramos a solicitação para a ereção canônica de uma congregação mista, com o título da Imaculada Conceição de Nossa Senhora e São José, para jovens rapazes, homens de idade, casados ou solteiros⁷²⁴. Esta nova congregação, se insere no novo formato de devoção que se quer ver vivenciado nas paróquias. Cônego Plácido, título lhe conferido por Dom Alberto Ramos em 1955, permaneceu por um longo tempo à frente da paróquia, sendo nomeado o segundo pároco a dois de outubro de 1966, por Pe. Francisco da Silveira Pinto⁷²⁵. Em 1953, houve um desmembramento e Santa Luzia se tornou a primeira paróquia da recém elevada Arquidiocese de Manaus. Em 1980, ocorreu a elevação de São Francisco das Chagas à paróquia, modificando mais uma vez a área de abrangência da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

2.3 Santa Rita de Cássia⁷²⁶

Em 1864, foi aberta a estrada ou caminho para a Cachoeirinha de Manaus, o trecho que começa no igarapé de Manaus e se estendia até o trecho sul da rua Uaupés. Esse caminho,

⁷²⁰ SOUZA, Antônio Plácido. **Manifesto de 8 de dezembro de 1949.**

⁷²¹ **Ofício nº 15.** 4 de abril de 1949.

⁷²² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. *Cronologia Eclesiástica da Amazônia.* 1952, p. 120.

⁷²³ DIEL, Paulo Fernando. *A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República.* In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica.** São Paulo: Paulus, 1997, p. 153.

⁷²⁴ **Documento de 2 de setembro de 1953.**

⁷²⁵ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.**

⁷²⁶ Rita, nascida Margarida, no ano de 1381, em Roccaporena, aldeia montanhosa de Cássia, na província de Perúgia. Aspirando à vida religiosa, submeteu-se à vontade dos pais, e casou-se com um homem violento e brutal. Do matrimônio, concebeu dois filhos. O marido e os filhos morreram, após tantos infortúnios, Rita bateu três vezes o convento das freiras agostinianas e foi recusada, até que obteve êxito em 1407, segundo a

é a atual Avenida Sete de Setembro que chega até a atual Avenida Castelo Branco. O bairro da Cachoeirinha começou a ser edificado em 1892, no governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro, com uma área de 1.547.448 metros quadrados⁷²⁷. O novo bairro tinha 75% dos seus limites rodeados por água, banhado por quatro igarapés, Educandos, Mestre Chico, Quarenta e o da Cachoeirinha, “recebendo tal nome em virtude do impacto da força da água em época de vazante que, ao confrontar-se com algumas pedras mais elevadas, ou alguns empecilhos peculiares, dava aspecto de uma pequena cachoeira”⁷²⁸.

O local que é o ponto de partida do no bairro, a ponte Benjamin Constant, ou ponte de ferro, com é chamada pelos moradores, foi construída entre 1892 e 1895, está localizada ao final da estrada da Cachoeirinha e começo da Uaupés, onde começa o bairro da Cachoeirinha, bem na bifurcação com o bairro de Educandos, na praça Benjamin Constant, onde estava localizado: o Mercadinho da Cachoeirinha, instalado em 1914, que depois passou a ser o Mercado Rayol, a Escola de Aprendizizes Artífices, na década de 1920, a Sub-Usina de Bondes, criada em 1939, e a sede do Círculo Operário, criado em 1944⁷²⁹.

O novo bairro passou a abrigar portugueses, nordestinos, árabes, judeus, entre outros grupos que chegaram a Manaus. Ali, também, muitas fábricas foram erguidas, por isso, ficou caracterizado pelo “cheiro das fábricas de castanha, café e juta, além do som de suas sirenes”⁷³⁰. Em 1895, foi construído um prédio para fins educacionais, mas ficou até 1927 como Posto de Profilaxia Rural, e a partir desta data passou a ser o Grupo Escolar Guerreiro Antony, que em 1931 passou a chamar-se Escola Estadual Euclides da Cunha⁷³¹. Foi, também, na Cachoeirinha que a primeira emissora de rádio do Amazonas foi instalada, em 1928 no governo de Ephigênio Sales⁷³².

A primeira ermida da Cachoeirinha, foi dedicada a Santo Antônio, do Pobre Diabo, “expressão que significa pessoa simples e inofensiva e um tanto sem sorte”⁷³³. Antônio José da Costa, era português e proprietário de uma quitanda na rua da Instalação, na qual

tradição foi por efeito de um milagre. Como freira, ficou conhecida como modelo de oração, de obediência e caridade. Faleceu em 1457. SGARBOSA, Mário. **Os Santos e os Beatos**: da Igreja do Ocidente e do Oriente. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 291.

⁷²⁷ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus, EDUA, 1998, p. 119-120.

⁷²⁸ MINGOS, Carla Negreiros Cardoso. **Cachoeirinha**: sob um novo olhar. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 13.

⁷²⁹ Ibidem. 2008, p. 18.

⁷³⁰ Ibidem. 2008, p. 14.

⁷³¹ Ibidem. 2008, p. 45-46.

⁷³² Ibidem. 2008, p. 48.

⁷³³ CERETTA, Celestino. **História da Amazônia Central**. Manaus: Valer/Bilos, 2014, p. 551.

se via uma tabuleta com a imagem de um homem em andrajos, com a legenda “Ao Pobre Diabo”. Antônio, depois se mudou para a Cachoeirinha, e o local onde residia logo passou a ser denominado de Pobre Diabo. Após a morte de Antônio, sua esposa, Cordolina Rosa de Viterbo mandou construir uma capela dedicada a Santo Antônio, em 1897. A capela de Santo Antônio, ficou na responsabilidade da paróquia dos Remédios até 1941, quando a Cachoeirinha passou a ser paróquia⁷³⁴. A capela de Santo Antônio, é um ótimo exemplo de capela familiar que foi apropriada e enquadrada pelo catolicismo romano. Para José del Castillo, “a reforma da religiosidade popular passa pelo controle clerical das capelas e santuários [...], toda capela é integrada numa paróquia”⁷³⁵.

Dom João da Mata criou o Curato da Cachoeirinha a 6 de novembro de 1941, descrita na Circular da Cúria Diocesana, nº3790⁷³⁶. E, logo em seguida, o Curato foi elevado à paróquia, a ereção canônica da Paróquia de Santa Rita de Cássia e Santo Antônio ocorreu a 15 de dezembro de 1941⁷³⁷. Na mesma data da elevação, foi criado, como anexo à nova Paróquia, o Curato do Careiro, localizado à margem direita do Solimões. A nova Paróquia e o novo curato, ficaram sob a responsabilidade dos Agostinianos Recoletos, que haviam chegado a Manaus em 1938⁷³⁸, e passavam a atender em 1941, a capital e as localidades do Careiro, Cambixe, Autaz Mirim, Purupuru, Cabôa, entre outras⁷³⁹.

Como sede provisória da Paróquia, ficou a igreja de Santo Antônio do “Pobre Diabo”, “com evidente incremento do culto religioso: missas, batizados, casamentos, enterros e novenas”⁷⁴⁰. O terço passou a ser rezado diariamente na capela, durante a semana, e aos domingos a missa era celebrada na sede do Círculo Operário⁷⁴¹. Fundado em 1944, por André Vidal de Araújo, a partir das contribuições recebidas mensalmente dos operários, o Círculo Operário “oferece serviços como assistência médico-odontológica, serviços de funerária e opções de lazer”⁷⁴². As missas dominicais, eram realizadas na sede do Círculo Operário, devido a paróquia ainda não possuir uma igreja que comportasse os fiéis

⁷³⁴ PINHEIRO, Nonato. **Histórico da Capela do Pobre Diabo**. 20 de março de 1976.

⁷³⁵ CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 111.

⁷³⁶ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷³⁷ RAMOS. 1952, p. 111.

⁷³⁸ MACIEL, Elisângela. “**Igreja Universal, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização. Manaus: Valer, 2014, p.212.

⁷³⁹ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷⁴⁰ PINHEIRO, Nonato. **Histórico da Capela do Pobre Diabo**. 20 de março de 1976.

⁷⁴¹ Ibidem. 1976.

⁷⁴² MINGOS, Carla Negreiros Cardoso. **Cachoeirinha: sob um novo olhar**. Manaus: Edições Muiraquitã. 2008, p. 21.

católicos. Aos poucos, as atividades religiosas foram ganhando maior profundidade na paróquia de Santa Rita e Santo Antônio. Em 1942, foi fundada a Pia União das Filhas de Maria, o Apostolado da Oração e a Congregação Mariana⁷⁴³, encarregadas pela difusão de devoções romanizadas, a Imaculada Conceição e o Sagrado Coração.

Em 1945, se deu a fundação do Atelier de Santa Rita⁷⁴⁴, e para o seu funcionamento, foi construído um amplo salão no quintal da residência dos Agostinianos, na rua 24 de maio. No Atelier 500 alunas foram matriculadas nos cursos de: bordado à mão, bordado a máquina, corte e costura, tricô, flores, crochê, lamé e filé. Anualmente, no Natal, as prendas fabricadas no Atelier, eram repartidas entre mais de 600 famílias necessitadas. Quando a residência dos padres foi vendida, o Atelier passou a funcionar no Colégio Santo Agostinho, que depois passou a denominar-se Ruy Araújo, de propriedade dos padres, com duração de mais de dez anos⁷⁴⁵. O balanço religioso, nesse mesmo ano, apresenta os seguintes dados: Pia União das Filhas de Maria, com 43 sócias; Apostolado da Oração, com 96 sócios; Congregação Mariana, com 25 sócios; Cruzada Eucarística, 73 crianças; Pia Obra de Santa Doroteia, com cinco zeladoras; e Obra das Vocações Sacerdotais, com 30 zeladoras⁷⁴⁶.

Em 1947, Frei Valeriano Fernandez, que era o pároco, adquiriu um terreno, na atual Avenida Carvalho Leal⁷⁴⁷, e logo iniciou a construção da igreja de Santa Rita de Cássia a 17 de dezembro⁷⁴⁸. Com a construção da nova matriz da paróquia, a capela de Santo Antônio “deixou de ser a sede paroquial, passando a ser aberta ao culto raramente, para atos religiosos eventuais”⁷⁴⁹, sendo anos depois considerada como patrimônio histórico do Estado do Amazonas, na administração do governador Arthur Cezar Ferreira Reis⁷⁵⁰.

A 23 de março de 1952, Dom Alberto Ramos inaugurou a igreja de Santa Rita de Cássia, a nova matriz da paróquia, e Frei Valeriano celebrou a primeira missa na nova matriz. A imagem da padroeira foi construída em cedro vermelho da Amazônia, obra realizada em

⁷⁴³ A Pia União das Filhas de Maria foi fundada a 20 de janeiro, e o Apostolado da Oração junto com a Congregação Mariana a 29 de março. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.112.

⁷⁴⁴ A fundação ocorreu a 22 de maio. Ibidem. 1952, p. 115.

⁷⁴⁵ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷⁴⁶ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 103.

⁷⁴⁷ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷⁴⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p.117.

⁷⁴⁹ PINHEIRO, Nonato. **Histórico da Capela do Pobre Diabo**. 20 de março de 1976.

⁷⁵⁰ Lei nº 8 de 28 de junho 1965. **Diário Oficial do Estado do Amazonas**, 30 de junho de 1965.

Portugal⁷⁵¹. A paróquia Santa Rita “se tornou base de apoio à Prelazia de Lábrea e missões ao longo do rio Purus, ali foi sediada a administração dos freis Agostinianos”⁷⁵². Diferente das duas paróquias anteriores, Santa Rita já foi colocada nas mãos de uma congregação europeia desde seu começo, permanecendo com os mesmos Freis em toda a sua trajetória.

Dom Alberto determinou, em 1953, que os limites da paróquia ficariam: descendo o igarapé do Mestre Chico, desde a avenida Codajás, subindo pelo igarapé da Cachoeirinha até ao prolongamento da Avenida Codajás, e por esta até o ponto inicial⁷⁵³. Foi com Dom Alberto, já no primeiro ano da Arquidiocese, a recomendação para a existência de apenas um orago⁷⁵⁴, ficando Santa Rita como única padroeira. Na capital, a paróquia ganhou mais uma capela a 1º de julho de 1953, Santa Cecília, em terreno doado pelo governador Álvaro Maia aos Freis Agostinianos⁷⁵⁵. Mais uma vez, percebe-se a relação entre Igreja e Estado, aqui expresso na doação para a nova capela.

2.4 Nossa Senhora Aparecida

O bairro mudou de nome várias vezes, iniciou como Cajazeiras, devido às frondosas árvores que ali existiam, depois ficou conhecido popularmente como “dos Tocos”, devido à derrubada das árvores. Mas, foi com a chegada dos padres Redentoristas que a população se dedicou à devoção de Nossa Senhora Aparecida, padroeira da igreja que ali se construiu⁷⁵⁶, mostrando a força da intervenção paroquial na vida cotidiana e a força da devoção mariana. O bairro de Aparecida se configurou como extensão do centro da cidade.

Os padres Andrew Joerger e John McCormick, Redentoristas oriundos dos Estados Unidos, atenderam o chamado do Santo Padre, iniciando a obra da nova paróquia, sem casa, sem igreja, sem outros confrades, mas com coragem e esperança⁷⁵⁷. Os missionários, ficaram hospedados inicialmente, na Casa dos Capuchinhos até mudarem para sua própria casa no bairro dos Tocos, em setembro⁷⁵⁸, que foi benzida por Dom João da Mata, que na

⁷⁵¹ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷⁵² CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 551.

⁷⁵³ **Novo Decreto de 1953**.

⁷⁵⁴ Não encontrei recomendação específica para a paróquia de Santa Rita, como encontrei para a paróquia de São José a recomendação para um único padroeiro, mas pelo teor do documento, a recomendação se aplica a todas as paróquias que possuíam inicialmente dois oragos. Cf: Decreto de 1953.

⁷⁵⁵ FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

⁷⁵⁶ MARQUES, Orlene Sousa [e. al.]. **Aparecida**. Manaus: SECOM-AM. Manaus: Edições Muiraquitã, 1985, p. 21.

⁷⁵⁷ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida**.

⁷⁵⁸ MARQUES, Orlene Sousa [e. al.]. Op. Cit., 1985, p. 26.

mesma ocasião criou solenemente a paróquia de Nossa Senhora Aparecida, a 7 de setembro de 1943⁷⁵⁹, mas com fundação oficial é datada de 30 de janeiro de 1944⁷⁶⁰.

Observando a necessidade espiritual e o crescimento do número de fiéis na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, e após ouvir os Consultores Diocesanos e o vigário da Matriz, Dom João da Mata promulgou o decreto de ereção da paróquia de Nossa Senhora Aparecida. A capela de São Vicente ficou como sede provisória da nova paróquia⁷⁶¹. Os limites ficaram assim estabelecidos: oeste, igarapé da Cachoeira Grande, que divide a nova freguesia da de São Raimundo; leste, pela margem direita do igarapé da Bica, passando pela praça 1º de Maio até a rua Coronel Salgado, pelo lado esquerdo, seguindo até o encontro com a Dez de Julho, a começar pela casa 441, até encontrar a rua Luiz Antony, entrando na Leonardo Malcher, subindo a avenida Constantino Nery até o Boulevard Amazonas, em cujo cruzamento tomará o rumo do Seringal Mirim até chegar em Flores, abrangendo a Colônia dos Franceses⁷⁶².

Os Redentoristas, chegaram a Manaus como novos braços para uma Diocese em expansão, assumindo a nova paróquia em 1943⁷⁶³. Era a chegada de uma outra congregação estrangeira para organizar a nova paróquia e ordenar as devoções na localidade. Em novembro de 1943, foram a Codajás, Anori e Coari, onde celebraram o Natal⁷⁶⁴, e onde anos mais tarde implantaram o seminário, que deu muitos frutos sacerdotais para o Amazonas⁷⁶⁵. Em 1944, Dom João da Mata pediu que os padres assumissem Manacapuru e suas vizinhanças⁷⁶⁶, e em seguida se dirigiram para Itacoatiara e Madeira⁷⁶⁷. Assim, ficaram definidas três comunidades para os Redentoristas, sendo os padres imediatamente nomeados para suas funções: Aparecida, em Manaus; Coari e Manacapuru, no interior⁷⁶⁸.

O terreno para a construção da igreja e a casa dos padres, veio da herança de uma freira, que foi cedido para os Redentoristas. Outros padres chegaram para auxiliar a obra. As primeiras missas foram celebradas no Grupo Escolar Cônego Azevedo e várias famílias

⁷⁵⁹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 552.

⁷⁶⁰ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 110.

⁷⁶¹ **Decreto de ereção da Paróquia Nossa Senhora Aparecida**. 7 de setembro de 1943.

⁷⁶² Ibidem.

⁷⁶³ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização. Manaus: Valer, 2014, p. 212.

⁷⁶⁴ CERETTA, Celestino. Op. cit., 2014, p. 553.

⁷⁶⁵ BESSA, Roberto. **Memorial**: síntese da história de um bairro – Aparecida. Manaus: Editora Uirapuru, 2007, p. 7.

⁷⁶⁶ CERETTA, Celestino. Op. cit., 2014, p. 553.

⁷⁶⁷ HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992, p.354.

⁷⁶⁸ CERETTA, Celestino. Op. cit., 2014, p. 553.

contribuíram junto aos padres, para que a paróquia desse seus primeiros passos, especialmente na realização da quermesse, no mês de outubro, que ficaram conhecidas como as maiores da cidade. Moacir Andrade, lembra com saudosismo a alegria de viver o período do arraial, onde havia o envolvimento da comunidade e das associações religiosas, como Filhas de Maria e Apostolado da Oração, na comissão de organização e na condução das barracas e outras atividades, como: serviço de alto falante, para a divulgação das mensagens do cupido, acompanhadas de músicas; rainha e boneca viva; pescaria e outros jogos; prisão; rifas⁷⁶⁹. O coro de Aparecida, também ganhou repercussão em toda a cidade⁷⁷⁰, dirigido pelo padre Bernardo, em 1946 o coro era composto por 17 moças⁷⁷¹.

A igreja começou a ser construída em 1946, e em 1954 foi lançada a pedra fundamental, e a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi trazida de São Paulo em 1958, para sua inauguração solene da igreja⁷⁷². Com a inauguração da igreja atual, cresceu a procura pelas celebrações e novenas, e com estas, tradicionalmente populares, com a romanização passaram ao controle dos párocos. Na Paróquia de Aparecida, uma nova tradição foi criada, as novenas realizadas nas terças-feiras foram gradativamente atraindo mais devotos para o interior da igreja sob a condução do padre.

A vida religiosa da paróquia foi se intensificando, começando pela implantação da catequese, intensificada pela Cruzada Infantil, que nos sábados reunia centenas de crianças que enchiam os confessionários, meninos e meninas. Escolas paroquiais e Catequese passaram a “assumir um papel de destaque em toda a atividade pastoral da paróquia”⁷⁷³. Ao término da reunião, iniciava o lazer, com futebol, queimada, escorregador, ping-pong, entre outras brincadeiras. E, ainda, ao final de cada mês acontecia o pic-nic no banho das Pedreiras⁷⁷⁴. A Catequese, também era realizada nas escolas situadas na paróquia, semanalmente. E, confissões eram ouvidas todos os sábados à tarde⁷⁷⁵.

O primeiro pároco foi o padre John McCormick, que impulsionou as atividades religiosas, implantando ali a Pia União das Filhas de Maria, a Cruzada Infantil e o

⁷⁶⁹ ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, varandas e fachadas**. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, p. 89-95.

⁷⁷⁰ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida**.

⁷⁷¹ ANDRADE, Moacir. Op. cit., 1985, p. 92.

⁷⁷² MARQUES, Orlene Sousa [e. al.]. **Aparecida**. Manaus: SECOM-AM, 1985, p. 27.

⁷⁷³ DIEHL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 155.

⁷⁷⁴ BESSA, Roberto. **Memorial: síntese da história de um bairro – Aparecida**. Manaus: Editora Uirapuru, 2007, p. 32.

⁷⁷⁵ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 554.

Apostolado da Oração⁷⁷⁶, cuja seção feminina, foi inaugurada a 17 de outubro de 1944, a seção masculina a 5 de dezembro de 1945⁷⁷⁷. As novenas, passaram a ser uma das atividades centrais e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, autorizadas pelo Papa, passou a atrair pessoas de todos os cantos da cidade. Para a Padroeira, é rezada a novena em todos os sábados de outubro, sendo realizada a procissão que percorre as ruas do bairro, no dia 12⁷⁷⁸. A ampliação dos serviços pastorais, segundo Paulo Diel, tinha “o objetivo exclusivo de doutrinar a sociedade”⁷⁷⁹.

Destacaram-se, também, os projetos sociais como o Ambulatório Nossa Senhora Aparecida, inaugurado a 13 de setembro de 1946, e do Grêmio da Verdade Católica a 10 de outubro⁷⁸⁰. O Ambulatório, era de responsabilidade, inicialmente, do padre Frederico, que era auxiliado pelas Irmãs do Preciosíssimo Sangue, onde os paroquianos recebiam assistência médico ambulatorial, odontológica e até a realização de pequenas cirurgias⁷⁸¹. Foram oferecidas oficinas e cursos profissionais, que levaram muitos a se colocarem no mercado de trabalho: enfermagem, eletricidade, corte e costura, contabilidade, motorização, desenho, bordado, entre outros⁷⁸². A oficina de parte elétrica, passou a dar assistência gratuita aos moradores do bairro. Também, foi implantado o Clube de Mães.⁷⁸³

A 5 de fevereiro de 1949, Dom Alberto realizou a bênção solene das primeiras pedras das capelas de São Geraldo e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro⁷⁸⁴, e assim a Paróquia de Aparecida, era agraciada com duas capelas. São Geraldo, ganhou no mesmo ano, o Noviciado da Congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, com a entrega do hábito às primeiras noviças, a 4 de março de 1949, e a bênção do convento se deu a 3 de julho, por Dom Alberto⁷⁸⁵. No mesmo ano, foi dada a bênção da pedra fundamental do

⁷⁷⁶ BESSA, Roberto. **Memorial**: síntese da história de um bairro – Aparecida. Manaus: Editora Uirapuru, 2007, p. 6.

⁷⁷⁷ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 115.

⁷⁷⁸ MARQUES, Orlene Sousa [e. al.]. **Aparecida**. Manaus: SECOM-AM, 1985, p. 27.

⁷⁷⁹ DIEL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil**: perspectiva Histórica. São Paulo: Paulus, 1997, p. 152.

⁷⁸⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. 1952, p. 116.

⁷⁸¹ BESSA, Roberto. Op. Cit., 2007, p.6.

⁷⁸² **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida**.

⁷⁸³ BESSA, Roberto. Op. Cit., 2007, p. 7.

⁷⁸⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p. 119.

⁷⁸⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p. 120.

Asilo da Velhice Desamparada, em São Geraldo, em 1949⁷⁸⁶. Além das capelas citadas, os Redentoristas atendiam a capela de Santa Luzia, na Matinha, e em Flores⁷⁸⁷.

Completando o trabalho espiritual, foi construído o Colégio Nossa Senhora Aparecida para promover o aspecto educacional, e houve a inauguração da Escola Primária Nossa Senhora de Aparecida, em 1950⁷⁸⁸. Para a juventude, foi criado o projeto SAGA (Sociedade Atlética Guarda de Aparecida), de orientação e produção de lazer sadio⁷⁸⁹. A SAGA, foi fundada a 18 de janeiro de 1962, formou várias equipes de basquete e futebol de salão⁷⁹⁰, também promoveu a “manhã de sol” e a “tarde dançante”, concedendo à juventude um lazer diferenciado⁷⁹¹. A paroquialização, atingiu todas as instâncias da vida da paróquia, e aqui temos dois grandes exemplos, a escola conectada à paróquia, que associada à catequese, fornece a base de um ensino religiosos, e um projeto de orientação para a juventude que passava pelo lazer, pela moralização e doutrinação. Dessa forma, nesses dois exemplos temos como essência a vivência sacramental, um dos eixos centrais da paroquialização⁷⁹².

2.5 São José Operário

Os Salesianos⁷⁹³ chegaram em Manaus a 4 de julho de 1921 “para atuar em um campo que constituía uma grande preocupação da romanização, a educação dos jovens”⁷⁹⁴. Os Salesianos, dentre as congregações europeias, masculina, foi a segunda a se instalar em Manaus. O primeiro passo foi a implantação do Oratório Festivo, que abriu as portas a 7 de agosto com o objetivo de educar os “pobres filhos da rua”⁷⁹⁵. Em um ano de Oratório, a frequência já era de 500 meninos, e em 1946, ao completar 25 anos, 17.450 meninos participavam do Oratório. A criação do Grêmio Dom Bosco se deu a 28 de agosto,

⁷⁸⁶ A 11 de dezembro. Ibidem. 1952, 121.

⁷⁸⁷ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida.**

⁷⁸⁸ A 5 de março. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia.** 1952, p. 121.

⁷⁸⁹ **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida.**

⁷⁹⁰ BESSA, Roberto. **Memorial:** síntese da história de um bairro – Aparecida. Manaus: Editora Uirapuru. 2007, p. 8.

⁷⁹¹ BESSA, Roberto. Ibidem. 2007, p. 34.

⁷⁹² CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil:** perspectiva Histórica. São Paulo: Paulus, 1997, p. 114.

⁷⁹³ A Congregação Salesiana já havia recebido a incumbência da Prefeitura Apostólica do Rio Negro a 24 de julho de 1915. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia.** 1952, p. 100.

⁷⁹⁴ MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”:** a Diocese de Manaus vivenciando a romanização. Manaus: Valer, 2014, p.211.

⁷⁹⁵ Suplemento de **A Reação.** 1946, p. 181.

imbuídos da missão de cultivar o Catolicismo, promovendo “a formação cultural-religiosa dos jovens e homens de Manaus”⁷⁹⁶. No mesmo ano, foram abertas as aulas noturnas gratuitas, contando com um curso comercial em 1930⁷⁹⁷. Em 1923, foi aberto o internato com o curso primário diurno, e dois anos depois, foi acrescentado do curso ginasial⁷⁹⁸.

As atividades salesianas cresceram na Diocese, passaram a auxiliar as Filhas de Sant’Ana no Instituto Benjamin Constant, e se tornaram responsáveis pela capela militar. A partir de 1930, a família Salesiana ganhou um reforço, com a chegada das Filhas de Maria Auxiliadora chegaram a Manaus, ficando os padres Salesianos responsáveis pela nova capela de Nossa Senhora Auxiliadora, em 1933⁷⁹⁹. As Irmãs Salesianas, logo implantaram o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que funcionou como departamento feminino do Colégio Dom Bosco até o ano de 1944⁸⁰⁰. Também, foi criada a Associação das Damas de Nossa Senhora Auxiliadora e o Oratório de Nossa Senhora Auxiliadora, uma obra de caráter social “destinada à assistência e instrução religiosa das crianças pobres do bairro”⁸⁰¹.

Como anexo ao Colégio Auxiliadora, foi criado o Posto *Auxilium* para realizar “serviços à comunidade, oferecendo farmácia e posto, contando com o apoio de alguns médicos da cidade”⁸⁰². As Irmãs, em 1935, fundaram mais uma escola, o Patronato Santa Teresinha⁸⁰³, no qual implantaram o Oratório Festivo e o ensino profissional para atender as jovens do bairro⁸⁰⁴. Com a terceira escola salesiana criada, a Congregação Salesiana passou a ser a de maior influência no campo educacional dentro da Diocese de Manaus. As atividades do Patronato cresceram, e, no ano de 1947, implantou a JEC, a 25 de maio de 1947⁸⁰⁵. A Congregação Salesiana, masculina e feminina, já estava realizando seus valiosos serviços na Diocese de Manaus, quando a oitava paróquia foi erigida, e ficou localizada no limite entre os bairros da Cachoeirinha e da Praça 14 de Janeiro, e os Salesianos foram os escolhidos para assumir a sua direção.

⁷⁹⁶ Ibidem. 1946, p. 182.

⁷⁹⁷ Ibidem. 1946, p. 182.

⁷⁹⁸ MACIEL, Elisângela. Op. cit., 2014, p.212.

⁷⁹⁹ Ibidem. 2014, p.212.

⁸⁰⁰ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 189.

⁸⁰¹ Ibidem. 1946, p. 189.

⁸⁰² MACIEL, Elisângela. Op. cit., 2014, p. 274.

⁸⁰³ A 1º de setembro. RAMOS. Op. cit., 1952, p.108.

⁸⁰⁴ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 193.

⁸⁰⁵ RAMOS. Op. Cit., 1952, p. 117.

Dom João da Mata, considerando a expansão da cidade e o crescimento da Paróquia dos Remédios, e após consultar o pároco e os Consultores Diocesanos, decretou a criação da nova paróquia, “havemos por bem pelo presente nosso decreto, criar e erigir e canonicamente instituir na forma do Direito Canônico e costumes legítimos da Igreja no Brasil, a nova freguesia de São José e Santa Teresinha”⁸⁰⁶. Foi criada a 5 de fevereiro de 1948, e a 6 de junho já estava devidamente instalada⁸⁰⁷. Após a ereção da Paróquia, ficou como matriz provisória a capela do Patronato Santa Teresinha⁸⁰⁸. A capela de Santa Teresinha, ficava localizada na proximidade do Liceu Industrial, este criado em 1942, que depois passou a se chamar Escola Técnica de Manaus, e em seguida Escola Técnica Federal do Amazonas, e na atualidade denomina-se Cefet⁸⁰⁹.

Os limites da nova Paróquia, após o desmembramento da Paróquia dos Remédios, ficaram, assim, estabelecido: ao norte, rua Ramos Ferreira, face de numeração par; ao leste, igarapé do Mestre Chico, margem direita até sua confluência com o igarapé da Cachoeirinha; ao sul, igarapé da Cachoeirinha, margem direita até a confluência com o igarapé de Manaus; e ao oeste, igarapé de Manaus, margem esquerda⁸¹⁰. Foi designado como primeiro pároco padre Estevão Domitrovitsch, que permaneceu de 1948 a 1951, quando o segundo pároco foi empossado, padre Celestino Capra⁸¹¹. O terceiro pároco foi o Pe. Luiz Venzon, sendo seu vigário cooperador o Pe. Mário Castagna, e o quarto pároco foi o padre João Seu⁸¹².

As atividades pastorais e educacionais, que já eram realizadas pelos padres e Irmãs Salesianas, foram continuadas e intensificadas, agora como fomento para a consolidação da nova paróquia. Em 1949, foi implantada Apostolado da Oração⁸¹³. A 4 de junho de 1950, ocorreu a bênção da primeira pedra da igreja de São José⁸¹⁴, e no mesmo ano a bênção e inauguração do Jardim da Infância do Patronato⁸¹⁵. Em 1951, a 7 de janeiro, foi dada a bênção da pedra da Escola Industrial Salesiana⁸¹⁶.

⁸⁰⁶ **Decreto de Ereção Canônica da Paróquia de São José.** 5 de fevereiro de 1948.

⁸⁰⁷ **Histórico da Paróquia de São José Operário.**

⁸⁰⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia.** 1952, p. 118.

⁸⁰⁹ MINGOS, Carla Negreiros Cardoso. **Cachoeirinha: sob um novo olhar.** Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p.19.

⁸¹⁰ **Decreto de Ereção Canônica da Paróquia de São José.** 5 de fevereiro de 1948.

⁸¹¹ VALLE, José Dalla. **Histórico da Paróquia de São José Operário.** 24 de janeiro de 1990.

⁸¹² Ibidem.

⁸¹³ Fundado a 26 de junho. RAMOS. Op. cit., 1952, p.120.

⁸¹⁴ Ibidem. 1952, p. 122.

⁸¹⁵ Ibidem. 1952, p. 122.

⁸¹⁶ Ibidem. 1952, p. 123.

Em 1952, com apenas um ano e meio de criação da paróquia foi registrado o encaminhamento para a vida religiosa de seis moças e a preparação de outras três, todas provenientes da Juventude Feminina Católica (JFC)⁸¹⁷. Vemos aqui, um dos aspectos da educação religiosa, isto é, a formação de quadros religiosos, aqui exemplificado pelas moças que foram encaminhadas ao Convento. Os Salesianos, também foram designados para outras funções, como a nomeação do padre Agostinho Cardoso, que demonstrou qualidades pessoais, para Assistente Eclesiástico da JUC, da Arquidiocese, seguindo os regulamentos próprios da Ação Católica⁸¹⁸.

Com o objetivo de centralizar mais a matriz de São José, para melhor atender aos fiéis, Dom Alberto Ramos decretou alteração nos limites da paróquia, em 1953, ficando assim estabelecido: partindo do ponto em que a rua Leonardo Malcher é cortada pelo Igarapé de Manaus, descendo pelo leito deste igarapé até a avenida Sete de Setembro, continuando pelas casas de número ímpar até a ponte do igarapé Bittencourt, prosseguindo até a confluência com o igarapé da Cachoeirinha, acompanhando seus contornos e continuado pelo leito do igarapé do Mestre Chico até a rua Leonardo Malcher, voltando ao ponto inicial. Dom Alberto, termina o decreto solicitando aos vigários que “dirijam seus paroquianos e cuidem dos interesses espirituais e mesmo materiais da Paróquia em plena conformidade com as determinações da Santa Igreja e, em particular, desta Arquidiocese”⁸¹⁹.

Dom Alberto Ramos, também definiu que a Paróquia fosse denominada simplesmente São José, sendo conveniente a definição de apenas um orago, ficando como padroeiro definitivo São José⁸²⁰, e, que passasse a ser utilizada como sede provisória a Escola Industrial Salesiana, até que o templo que estava sendo construída na esquina da rua Visconde de Porto Alegre com a rua Ramos Ferreira, ficasse pronto e se tornasse a matriz oficial da Paróquia⁸²¹.

⁸¹⁷ **Nota para o Boletim Paroquial.** 10 de agosto de 1952.

⁸¹⁸ **Provisão de 24 de maio de 1963.**

⁸¹⁹ **Decreto de 24 de setembro de 1953.**

⁸²⁰ As informações sobre o esposo de Maria, estão nos Evangelhos de Mateus e Lucas, que o apresentam como homem justo, colocando-o na escala de devoção logo abaixo da Mãe de Jesus. Passou a ser venerado desde os primeiros séculos no Oriente, no Ocidente a difusão do culto ocorreu a partir do século IX. Em 1621, Gregório XV, decretou o seu dia como preceito litúrgico. Pio IX, o elegeu padroeiro da Igreja Universal, e os papas sucessivos o enriqueceram com outros títulos, chegando a instituir uma segunda comemoração no dia 1º de maio, ligada a seu modesto e nobre ofício de artesão. Recebeu o privilégio de ser pai putativo do Messias, que é o título mais alto concedido a um homem. SGARBOSA, Mário. **Os Santos e os Beatos:** da Igreja do Ocidente e do Oriente. São Paulo: 2003, p. 163.

⁸²¹ **Novo Decreto de 1953.**

O Jornal *A Crítica*, destacou a dedicação e o zelo catequético dos Salesianos, que em breve inaugurariam um “imponente templo católico dedicado a São José Operário, a primeira igreja a ser construída com esta invocação no mundo”⁸²². Dentro do conjunto das novas devoções, romanizadas, São José ganha muito espaço, e a recomendação dos Bispos era que o culto a Maria e São José estivessem associados e apresentados como modelo de virtude para todos os cristãos, era uma “opção profunda, clara e decisiva pela família, como elemento básico de doutrinação e de estabilidade moral”⁸²³.

A construção da atual igreja de São José durou cerca de dez anos, sendo inaugurada a 1º de maio de 1967, quando novamente padre Estevão Domitrovitsch era, agora, seu quinto vigário, tendo como vigário cooperador o padre Tadeu Baginski⁸²⁴. A igreja foi construída ao lado da Escola Industrial Domingos Sávio, posteriormente constituída como Santuário de São José Operário⁸²⁵. A igreja de São José Operário foi a quarta erguida em Manaus pelos Salesianos.

2.6 Nossa Senhora de Nazaré

A Vila Municipal Operária, teve sua criação homologada pela lei nº 218, de 30 de maio de 1901, desmembrada do bairro do Mocó. Os terrenos, adquiridos em 1890, foram reservados para a Penitenciária do Estado, inicialmente⁸²⁶. No processo de expansão da cidade, em direção ao norte, os bairros da Vila Municipal e de Flores, passaram a abrigar “chácaras e para a segunda residência da elite ligada ao extrativismo e ao staff das empresas estrangeiras especialmente as concessionárias de serviço público”⁸²⁷. A necessidade da vila operária continuava a existir, mas tal projeto passou a ser direcionado para os bairros mais populares. A Vila Municipal e o Mocó, considerado bairros mistos, passaram a ser “área de valorização e especulação imobiliária, onde se localizava um dos reservatórios de água, além do cemitério São João Batista”⁸²⁸.

⁸²² *ACrítica*. 15 de março de 1961.

⁸²³ DIEL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 162.

⁸²⁴ VALLE, José Dalla. **Histórico da Paróquia de São José Operário**. 24 de janeiro de 1990.

⁸²⁵ CERETTA, Celestino. História da Igreja na Amazônia Central. Manaus: Valer, 2014, p. 557.

⁸²⁶ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998, p. 720.

⁸²⁷ OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1927: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: EDUA, 2003, p. 91-92.

⁸²⁸ COSTA, Francisca Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Valer, 2014, p. 153.

A primeira capela da Vila Municipal, localizada em uma chácara na atual rua Paraíba, era dedicada a São Saturnino, construída em 1899⁸²⁹. Entre os anos de 1912 e 1914, os Capuchinhos, a primeira congregação europeia a se instalar na Diocese de Manaus, “se fizeram presentes nesta área que já dava sinais de um crescimento futuro, em virtude da existência de inúmeros sítios, vilas, moradias de muitos carvoeiros e ser ali o ponto final da linha do bonde”⁸³⁰, e construíram a primeira capela, ainda de madeira, em área intermediada pelos moradores, mudando o orago, de São Saturnino para Nossa Senhora de Nazaré. Esse é outro exemplo de capela de devoção doméstica que foi enquadrada nos domínios paroquiais. Os Capuchinhos foram responsáveis pelo trabalho pastoral inicial, se empenhando na construção da igreja e da Escola Nossa Senhora de Nazaré⁸³¹, assim, os padres cuidavam da vida espiritual e da formação dos seus fiéis.

Em 1914, foi colocada a pedra fundamental da nova igreja, a 1º de agosto, bênção dada por monsenhor Antero⁸³², que era o vigário geral da Diocese. As obras da igreja foram bem lentas, ficando na pedra fundamental por muitos anos, além dos anos de guerra, que esfriaram o trabalho dos Freis, ocorreu embates entre a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré e o pároco, Frei José de Leonissa, em relação a arrecadação nos arraiais, tudo isso afetou o andamento da construção da igreja⁸³³. Os embates, também, se deram por causa do Círio de Nazaré, que foi condenado por Dom Irineu Joffily por ser “demasiadamente popular”⁸³⁴. Aqui vemos, um claro conflito entre o modelo anterior de irmandade, que tinha autonomia na condução dos festejos do santo de devoção, e a necessidade de controle e centralização clericalista que a romanização impõe.

Enquanto, a capela de Nazaré ficava parada, a de São João, dentro do cemitério, passou a ser de interesse da comissão de construção. Nesse intervalo de tempo, os esforços dos freis foram direcionados para a construção de outras capelas, assim, em 1929 foram realizadas: a inauguração da capela provisória de Nossa Senhora de Fátima; a bênção da primeira pedra da capela de São José de Campos Sales; e a inauguração da capela de Sant’Ana, no Instituto Benjamin Constant⁸³⁵. A capela de Nossa Senhora de Nazaré, teve

⁸²⁹ MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 26 de setembro de 1990.

⁸³⁰ Ibidem. 1990.

⁸³¹ Ibidem. 1990.

⁸³² MONTEIRO, Mário Ypiranga. Op. cit., 1998, p. 474-475.

⁸³³ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 236.

⁸³⁴ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História da Igreja de São Sebastião**. 1999, p.26

⁸³⁵ Os fatos ocorreram respectivamente a 13 de maio, 24 de julho e 29 de julho. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 106.

sua inauguração, da parte interna, em 1933, com muito esforço e sacrifício de Frei José de Leonissa, contando com esmolas e a assiduidade devocional dos fiéis conduziu a construção da igreja desde 1914, que neste ano tinha à frente Frei Venceslau de Spoleto que conduziu a solenidade⁸³⁶. A igreja só ficou pronta em definitivo em 1942⁸³⁷.

A Ereção da Paróquia se deu a 11 de junho de 1948, sendo desmembrada da paróquia de São Sebastião. O ato de criação da nova paróquia se deu com poderes especiais concedidos pelo Núncio Apostólico a Dom João da Mata, que já havia sido designado para assumir Diocese de Niterói⁸³⁸. A paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, foi entregue ao PIME (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras), pois os Capuchinhos⁸³⁹ não podiam continuar atendendo a essa área que estava em expansão, e que passara a abranger “a Vila Municipal e todo o interior que se estendia fora da cidade naquela direção”⁸⁴⁰, com as capelas de São José de Campos Sales e São Francisco. Dom Alberto Ramos, ao assumir a Diocese, confirmou o PIME à frente da paróquia com os encargos espirituais e a administração dos bens, incluindo o compromisso com a construção do Educandário de Nossa Senhora de Nazaré⁸⁴¹.

O primeiro pároco, empossado no dia 13 de junho, foi o Pe. Alberto Morelli⁸⁴². Padre Morelli, em relato a Dom Alberto, fala da pobreza das paróquias que foram confiadas ao PIME, Maués e Manicoré, e solicita isenção das taxas e contribuições da Cúria, para viabilizar o sustento dos padres. Esse relato de súplica, revela um pouco dos primeiros desafios sentidos por essa recém-chegada Congregação, que também assumiu a Prelazia de Parintins⁸⁴³. A 5 de fevereiro de 1949, padre Morelli, na qualidade de Superior do PIME

⁸³⁶ **Lapide de Inauguração da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.** 24 de outubro de 1933.

⁸³⁷ CERETTA, Op. cit., 2014, p.554.

⁸³⁸ PINHEIRO, Nonato. **Dados Históricos sobre a Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré e o bairro de Adrianópolis.**

⁸³⁹ Nos registros da paróquia encontramos a informação sobre o descontentamento dos Capuchinhos com a chegada dos novos missionários, a pedido de Dom João da Mata, que passaram a assumir parte do que era de sua responsabilidade na Diocese. O problema é de ordem material, os Capuchinhos reivindicavam o retorno de sua propriedade na Vila, com: igreja, escola e a área para o futuro seminário Seráfico (projeto). Estavam dispostos a ceder pelo tempo necessário até os padres do PIME construíssem seu próprio patrimônio, ou em último caso que fossem indenizados. SPOLETO, Mons. Wenceslau de, Pref. Ap. OFM Cap. **Documento para Excelência. Revma. Sr. Núncio Apostólico.** Rio de Janeiro, 1º outubro de 1948. Em outro documento, de data anterior, aparece a possível indenização, em troca da igreja de Nazaré seria dado o prédio da Diocese localizado ao lado da igreja de São Sebastião. Esse documento, que é do Superior Local, parece apontar uma possível solução, já que o prédio ao lado da igreja de São Sebastião é a residência dos Capuchinhos. TADINO, Frei Domingo de Gualdo. **Memorando de 11 de junho de 1948.**

⁸⁴⁰ CERETTA, Celestino. 2014, p. 555.

⁸⁴¹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Declaração.** 7 de fevereiro de 1949.

⁸⁴² **Ata de posse do Primeiro Vigário da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré.** 13 de junho de 1948.

⁸⁴³ MORELLI, Alberto. **Solicitação das faculdades para o vigário e os vigários coadjutores de Maués e Manicoré.** 9 de fevereiro de 1949.

no Amazonas, apresentou os padres que assumiriam as paróquias destinadas ao Instituto: para a Paróquia de Nazaré, Pe. Domingos Rossi; para a Paróquia de Maués, Pe. Mário Giudici; e para a Paróquia de Manicoré, Pe. Pedro Rizzi⁸⁴⁴.

No ano de 1951, realizou-se o retiro anual dos padres do PIME, e na ocasião, o pároco solicitou ao Bispo que em data oportuna, já que sua agenda não permitiria que se fizesse presente para finalizar o retiro como eles gostariam, proferisse conferência ou exortação aos padres na condição de Pastor. No documento, redigido por padre Alberto Morelli, foi finalizado com pedidos de orações do Bispo para a boa realização do trabalho para o qual os missionários foram chamados, assim como os padres reunidos estariam rezando por ele e por toda a Diocese⁸⁴⁵. Claramente, a congregação de atuação mais nova na Diocese de Manaus buscou afinar-se com o Bispo. Com eles, das seis novas paróquias, cinco foram entregues em mãos de Congregações Religiosas estrangeiras, sintonizadas com o projeto romanizador.

Neste ano, de 1951, os padres ficaram assim distribuídos: Jorge Frezzini, vigário de Nossa Senhora de Nazaré; Mário Giudici, vigário de Maués e Canumã; Pedro Rizzi, vigário de Manicoré. E, como vigários cooperadores os padres: Luiz Bellini, Bernardino Micci, Francisco Luppino, Sante Cortese e Alberto Morelli⁸⁴⁶. Na solicitação de provisão para 1952, foram mantidos os padres Jorge Frezzini e Pedro Rizzi, em suas respectivas paróquias, aparecendo alteração no pároco de Maués, que passou a ser o padre Luiz Bellini⁸⁴⁷.

Na Paróquia de Nazaré, as atividades religiosas foram se intensificando, tendo por base os anos anteriores, com a implantação do Apostolado da Oração, em 1949⁸⁴⁸; a fundação da Pia União das Filhas de Maria⁸⁴⁹; a obra das vocações sacerdotais, fundada em 1950⁸⁵⁰; realização na Colônia Antônio Aleixo, de Comunhão, de 45 meninos e 13 meninas, três casamentos e inauguração do novo Altar construído pelos hansenianos, no Natal de

⁸⁴⁴ MORELLI, Alberto. **Documento de Apresentação dos Párocos**. 5 de fevereiro de 1949.

⁸⁴⁵ MORELLI, Alberto. **Documento dos padres do PIME a Dom Alberto Ramos**. 28 de janeiro de 1951.

⁸⁴⁶ MORELLI, Alberto. **Documento de apresentação e renovação das faculdades dos padres do PIME**. 3 de janeiro de 1951.

⁸⁴⁷ MORELLI, Alberto. **Solicitação de Provisão**. 29 de fevereiro de 1952.

⁸⁴⁸ Fundado a 26 de junho. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica Amazônia**. 1952, p.120.

⁸⁴⁹ ROSSI, Domingos. **Documento de Solicitação de Fundação da Pia União das Filhas de Maria na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 1949.

⁸⁵⁰ A 25 de junho de 1950. RAMOS. Op. Cit., 1952, p. 122.

1950⁸⁵¹; a Congregação Mariana, fundada a 7 de janeiro de 1951⁸⁵², denominada Congregação Mariana de Nossa Senhora de Nazaré e São João Batista de Adrianópolis, com a finalidade de aumentar a filiação de devoção, como expressa o documento, do pároco, de solicitação para a fundação, enviado a Dom Alberto⁸⁵³.

Em outro documento, datado de 1952, sobre a Colônia Antônio Aleixo, aparece uma solicitação para a realização do Crisma e para a organização do Apostolado da Oração no hospital⁸⁵⁴. No campo educacional, além do Colégio, foi criada a associação atlética Nazaré, com a sede e os campos esportivos abençoados em 1950⁸⁵⁵, e no ano seguinte se deu a inauguração do primeiro pavilhão do Educandário-Orfanato de Nossa Senhora de Nazaré⁸⁵⁶. Mais uma vez, aparece a preocupação e o zelo com o modelo devocional conduzido pelo clero e com a educação associada ao desenvolvimento pastoral da paróquia.

Em 1952, Dom Alberto Ramos “considerando a necessidade de atender ao bem das almas e de facilitar o ministério paroquial”⁸⁵⁷, alterou os limites da paróquia de Nazaré que seguia a linha do Boulevard pela Visconde de Porto Alegre até a avenida Nhamundá continuando pela avenida Codajás, até seu prolongamento na interseção com o igarapé da Cachoeirinha. Em 1953, houve um novo decreto com nova alteração, a paróquia passou a assumir as quadras do Boulevard Amazonas e avenida Airão, entre as ruas Comendador Clemente e Visconde de Porto Alegre, seguindo pelos dois braços dos riachos que formam o igarapé do Mestre Chico até voltar ao prolongamento do Boulevard⁸⁵⁸. E, ainda, em outro documento, sem data, aparece a referência do outro ponto do limite, a partir do entroncamento da rua Djalma Dutra continuando pelo vale até encontrar o igarapé do Parque 10, seguindo até as nascentes que se perdem na floresta. Cada nova alteração, demonstra a necessidade do enquadramento de uma nova área em expansão nos domínios paroquiais.

⁸⁵¹ MORELLI, Alberto. **Comunicado de Resultados na Colônia Antônio Aleixo**. 12 de dezembro de 1950.

⁸⁵² FREZZINI, Jorge. **Documento de solicitação da fundação da Congregação Mariana na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 4 de janeiro de 1951.

⁸⁵³ RAMOS. Op. Cit., 1952, p. 123.

⁸⁵⁴ No documento, o senhor Raimundo que é o solicitante, pede ao Bispo que lhe atenda nos dois pedidos, pois deseja se crismar junto com outros e ver florescer o Apostolado no hospital da Colônia, finaliza lembrando que “somos todos mortais” e assina com “prisioneiro de Deus”. LEITE, Raimundo Andrade. **Documento de Solicitação da Colônia Antônio Aleixo a Dom Alberto Gaudêncio Ramos**. 11 de setembro de 1952.

⁸⁵⁵ A 26 de novembro. Ibidem. 1952, p. 123.

⁸⁵⁶ A 18 de fevereiro. Ibidem. 1952, p. 123.

⁸⁵⁷ **Decreto** de 28 de fevereiro de 1952.

⁸⁵⁸ **Decreto** de 24 de setembro de 1953.

O trabalho dos padres foi sendo ampliado, passando a atender várias capelas: São João Batista, no cemitério; Nossa Senhora das Graças, no Beco do Macedo; Menino Jesus, no Instituto Montessoriano Álvaro Maia; Nossa Senhora das Graças, no Leprosário do Aleixo; Sant'Ana, na estrada do Aleixo; capela na Vila Amazonas; Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, na residência das Filhas de Caridade; capela da residência paroquial; capela no Asilo de Mendicidade Dr. Thomas; São José, na colônia de Campos Sales; São Francisco; e a capela no km 24 da BR 174⁸⁵⁹.

O PIME, deu continuidade ao trabalho pastoral, procurando atender a necessidade dos moradores que iam chegando, criando a Sociedade de Obras Sociais de Nossa Senhora de Nazaré, que passou a viabilizar “projetos e ações promocionais, assistenciais e sociais junto aos órgãos públicos em favor dos mais carentes”⁸⁶⁰. Em 1950, foi criado o posto de Puericultura Dr. Adriano Jorge, em memória e gratidão ao médico, gesto que levou à mudança do nome do bairro para Adrianópolis. O posto, que atendia necessidades médico assistenciais, teve duração até 1985⁸⁶¹. Em 1950, ocorreu, também, a fundação do Ambulatório Dr. Adriano Jorge⁸⁶².

Em 1958, verificamos outro indício de expansão da administração do PIME: Pe. João Airaghi, Superior Provincial do PIME, solicitou provisão de vigário para o Pe. José Maritano assumir a paróquia de Nazaré, ele que também seria o Superior Vice Provincial da Prelazia de Parintins e do Território Federal do Amapá. O documento, também se refere ao Pe. Francisco Luppino, que permaneceria em Manaus na qualidade de Procurador da Prelazia de Parintins e vigário colaborador da paróquia de Nazaré⁸⁶³.

A característica missionária da Congregação, direcionou o olhar dos padres para os novos agrupamentos humanos que iam surgindo, impulsionando-os para o acompanhamento de novas comunidades e suas necessidades pastorais, religiosas e assistenciais. Dessa forma, foram grandes colaboradores no surgimento de novas Paróquias que posteriormente foram criadas na Arquidiocese de Manaus: São Francisco de Assis; Nossa Senhora das Graças; São José de Belo Horizonte; Divino Espírito Santo; Nossa Senhora de Lourdes; Nossa Senhora das Mercês. E, na área rural, se destacaram no auxílio

⁸⁵⁹ Este é outro documento sem data, embora datilografado, traz informações incompletas, mas importantes, como um esforço de memória de algum pároco.

⁸⁶⁰ MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 26 de setembro de 1990.

⁸⁶¹ MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 26 de setembro de 1990.

⁸⁶² A 29 de janeiro de 1950. RAMOS. 1952, p. 121.

⁸⁶³ AIRAGHI, João. **Solicitação de Provisão do Padre José Muritano**. 6 de novembro de 1958.

às comunidades nas rodovias AM 010 e BR 174, onde foram implantadas várias obras, como: a construção do Centro de Treinamento Emaús, que dava formação para jovens e adultos; e a construção da Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos, que funcionou por quinze anos, de 1974 a 1989, atendendo adolescentes e jovens do interior para capacitação técnico-profissional.⁸⁶⁴

A Escola Agrícola, ficava na BR 174 no km 40 da Manaus-Caracará, e foi construída com grande esforço dos padres da paróquia de Nazaré. Para tal empreendimento foi elaborado um projeto-convênio entre a Sociedade de Obras Sociais de Nossa Senhora de Nazaré e a FUNABEM. O Curso Trienal, passou a funcionar, embora ainda com as instalações precárias, conveniado entre a Sociedade de Nazaré e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas⁸⁶⁵. Nas décadas seguintes, os padres do PIME, ainda passaram a atender dois novos bairros que foram se formando no perímetro urbano: Novo Israel e Santa Etelvina⁸⁶⁶.

3. Dom Alberto Gaudêncio Ramos: do último Bispo de Manaus ao Pastor da Amazônia

[...] Dom Ramos tenha do céu
De um Lourenço a diligência
De um Frederico a paciência
A ordem de Dom Irineu
Senhor, o meu voto acata!
Tenha a calma de um Basílio
E qual decisivo auxílio,
A piedade de Dom Mata [...] ⁸⁶⁷

Alberto, nasceu a 30 de março de 1915, em Belém do Pará, era o filho mais velho do casal português Manuel Gaudêncio Ramos e Aurora de Abreu Pereira Ramos. De família

⁸⁶⁴ MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 26 de setembro de 1990.

⁸⁶⁵ **Histórico da Escola Agrícola “Rainha dos Apóstolos”**.

⁸⁶⁶ MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 26 de setembro de 1990.

⁸⁶⁷ Poema escrito pelo Pe. Florêncio Dubois para a sagração de Dom Alberto (Apud: RAMOS, 2006, p.75). O poema menciona todos os seus antecessores: Dom Lourenço Aguiar (1894-1905), Dom Frederico Costa (1907-1913), Dom Irineu Joffily (1916-1924), Dom Basílio Pereira (1926-1941) e Dom João da Mata (1941-1948).

extremamente católica, sendo a mãe militante da AC, zeladora da Cruzada Eucarística e catequista. Alberto não se insere nos grupos categorizados por Sérgio Miceli, que utilizei para apresentar os antecessores dele, pois é filho de imigrantes portugueses, piedosamente devotos e orgulhosos, que se sentem realizados e agraciados por ter um padre na família. Alberto é fruto da rede de Prelados que foi se fortalecendo ao longo da primeira metade do século XX, e é filho do novo Norte, mas mesmo nascido no Pará, teve como “patronos Bispos que atuaram no Nordeste, o que o coloca no mesmo patamar de seus antecessores”⁸⁶⁸.

Alberto sentiu-se despertar para a vocação sacerdotal ainda bem menino. No Natal de 1930, com 15 anos, comunicou para a família por meio de uma carta o desejo de ser padre, afirmando que estava na idade de fazer a escolha para o seu futuro, argumentando que “a medicina cura o corpo, a religião cura a alma, o engenheiro ergue grandes edifícios, o padre constrói os prédios da virtude e do saber [...] os sentimentos por mim experimentados são claros indícios de vocação divina [...]”⁸⁶⁹. Dessa forma, demonstrando maturidade, na carta cheia de argumentos, solicitou a permissão dos pais para entrar no seminário. Alberto, simpatizava com a Companhia de Jesus, mas em conversa com o Arcebispo, Dom Irineu Joffily, que lhe apresentou a necessidade de padres no Pará, foi direcionado para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde outros seminaristas paraenses já estavam em formação, pois o Seminário de Belém estava fechado⁸⁷⁰.

A família Ramos regressou para Portugal, Alberto ficou no Brasil, e nos períodos de férias do seminário ia a Belém e se hospedava no Arcebispado, que nessa ocasião era conduzido por Dom Antônio Lustosa, que o acolhia e lhe aconselhava espiritualmente. A partir do segundo ano no seminário, passou a se destacar como primeiro da turma, recebendo a tonsura a 17 de maio de 1936, e a 8 de dezembro de 1937 as ordens menores, o subdiaconato foi recebido a 8 de dezembro de 1938, e o diaconato a 25 de março de 1939. No último ano de seus estudos, foi escolhido para representar o Seminário da Prainha no III Congresso Eucarístico Nacional, em Recife, onde apresentou o tema “As Congregações Marianas e a Ação Católica”, aproveitando a ocasião para solicitar estágio para os seminaristas do último ano. Causou boa impressão nos Bispos, entre eles estava Dom Jaime

⁸⁶⁸ MACIEL, Elisângela. **Basílio, João e Alberto**: a transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus (1926-1957). ANPUH-Brasil -31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro/RJ, 2021.

⁸⁶⁹ Fragmento da carta de Alberto à família, escrita em 1930. In: RAMOS, José P. **Dom Alberto Ramos**: o pastor da Amazônia. 2006.

⁸⁷⁰ RAMOS, José P. **Dom Alberto Ramos**: o pastor da Amazônia. Belém: FCPTN, 2006, p.17-18.43

de Barros Câmara, que seria o próximo Arcebispo de Belém. Ainda como seminarista, fundou a revista “A Voz do Seminário”, e se dedicava a estudar profundamente a Ação Católica⁸⁷¹.

Foi ordenado a 1º de outubro de 1939, pelas mãos de Dom Lustosa, na Catedral de Nossa Senhora de Nazaré, onde fora batizado e crismado. Celebrou a primeira missa na capela do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, onde estudara. A segunda missa foi celebrada no oratório de Santa Teresinha, de quem era devoto. A terceira missa, sua primeira solene, foi celebrada na festa de Nossa Senhora de Nazaré, por quem tinha especial devoção, graça que lhe foi concedida por Dom Lustosa, que cedeu seu lugar de celebrante para o jovem padre⁸⁷². Como padre, passou a ser secretário de Dom Lustosa, chegou a ser capelão do Oratório de Santa Teresinha e capelão da OVS (Obra das Vocações Sacerdotais), foi assistente da AC, professor de religião no Colégio Estadual Paes de Carvalho, e professor do Seminário.

Depois passou a ser capelão do Colégio Gentil Bittencourt, onde desempenhou as funções de confessor das religiosas e das alunas, professor de Catequese e diretor espiritual das alunas, além de celebrar missa diariamente. Permaneceu como capelão de 1940 a 1948, deixando uma estatística marcante no Colégio, que até 1945 era: 2.204 missas; 1.742 comunhões; 2.597 terços; 2.548 visitas; 257 vias-sacras; 1.119 mortificações; e 347.264 jaculatórias⁸⁷³. Exerceu também o cargo de secretário do Arcebispado, durante a administração dos três Arcebispos que acompanhou: Dom Lustosa (1931-1941), Dom Jaime Câmara (1942-1943) e Dom Mário Vilas-Boas (1945-1956).

Seus patronos, acompanharam de perto sua trajetória, e dois deles oficiaram sua sacração. Sua carreira eclesial, revela que foi sendo preparado desde o começo para o Episcopado, se tornando Bispo muito jovem, e logo em seguida, ao se tornar Arcebispo era o mais novo do quadro. Dom Antônio Lustosa, o acompanhou em sua fase no seminário, lhe ordenou, e de quem foi secretário pessoal, se tornando seu braço direito na Arquidiocese. Dom Jaime de Barros Câmara, que passou a admirá-lo desde o Congresso de Recife, foi quem o nomeou Cônego em 1943. Dom Mário Vilas-Boas, que o nomeou Vigário Geral da Arquidiocese de Belém, em 1947, e no seguinte o nomeou Monsenhor, se tornou seu grande amigo. Também, incluiu nesse rol de patronos, Dom Irineu Joffily

⁸⁷¹ Ibidem. 2006, p. 52.

⁸⁷² Ibidem. 2006, p. 56.

⁸⁷³ Ibidem. 2006, p. 63-63.

(1925-1931), que foi quem o direcionou para o seminário diocesano, desviando de um possível ingresso nos Jesuítas. Desde seminarista, estabeleceu uma rede de relações com padres e Bispos, e entre eles, estão os seus contemporâneos no Seminário da Prainha, Dom Eugênio Sales e Dom Helder Câmara.

A 30 de agosto de 1948, o Monsenhor Alberto foi nomeado para substituir Dom João da Mata à frente da Diocese de Manaus⁸⁷⁴, sendo sagrado a 1º de janeiro de 1949, pelas mãos do Cardeal Dom Jaime Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, com a presença de Dom Mário Vilas Boas, Arcebispo de Belém e de Dom Anselmo Pietrulla, OFM, Prelado de Santarém. No dia 21 de janeiro, Dom Alberto chegou a Manaus, sendo “festivamente recebido pela população de Manaus, sendo cumprimentado no aeroporto de Ponta Pelada pelo mundo oficial, imprensa e povo em geral”⁸⁷⁵.

Saindo do aeroporto, o cortejo se dirigiu à sede da Ação Social, onde Dom Alberto recebeu a chave simbólica da cidade. No mesmo dia, ocorreu a posse oficial do novo Bispo, sob o pátio e acompanhado do clero, autoridades civis, da Ação Católica, Colégios, Paróquias e do povo. O cortejo se dirigiu para a Catedral de Manaus, onde a leitura da bula foi realizada pelo Pe. Antônio Plácido de Souza, como registrou o jornal *A Tarde*⁸⁷⁶. Ao finalizar a cerimônia, Dom Alberto proferiu sua oração e apresentou as suas diretrizes, “e assim com muito fulgor o novo Bispo de Manaus inicia sua vida como pastor do rebanho católico desta terra, que saberá amar pela veneração à Igreja e desejo de trabalhar pelas hostes de Cristo”⁸⁷⁷.

Dom Alberto Gaudêncio Ramos, conduziu a Diocese de Manaus de janeiro de 1949 a julho de 1952, como seu último Bispo, quando foi elevado à Arcebispo, aos 36 anos, e conduziu a Arquidiocese de 1952 a 1957, quando foi transferido para a Arquidiocese de Belém. Dessa forma, Dom Alberto Ramos, ocupou o cargo mais alto das duas Províncias Eclesiásticas do Norte. Ao assumir a Diocese de Manaus, afirmou que depositava sua “confiança em Deus para o desempenho da elevada missão”⁸⁷⁸, e logo cuidou de dar andamento ao aprofundamento da Ação Católica, adaptando um prédio ao lado do Bispado,

⁸⁷⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio Ramos. **Cronologia Eclesiástica do Amazonas**. 1952, p. 119.

⁸⁷⁵ **Chegou hoje o novo Bispo de Manaus**. *A Tarde*, Manaus 21 de janeiro de 1949.

⁸⁷⁶ No cortejo, as escolas ficaram assim ordenadas: Instituto de Educação, Instituto Benjamin Constant, Colégio Estadual, Colégio Santa Doroteia, Colégio Maria Auxiliadora, Patronato Santa Teresinha, Colégio São Francisco de Assis, Ginásio Brasileiro, Escola Técnica, Colégio Dom Bosco. *Ibidem*.

⁸⁷⁷ **A chegada ontem do Bispo do Amazonas**. *A Tarde*, Manaus 22 de janeiro de 1949.

⁸⁷⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular**, de 24 de janeiro de 1949.

para o desenvolvimento de suas atividades. Uma de suas prioridades foi o Seminário, pelo qual trabalhou para mantê-lo, com especial atenção às vocações⁸⁷⁹.

A Manaus que encontrou, era uma cidade em um novo processo de expansão, e a Diocese que ele recebeu agora estava no mapa eclesiástico brasileiro de fato. O Congresso Eucarístico de 1942, o primeiro de Manaus e da Amazônia, sacudiu a cidade e lhe deu novo vigor espiritual, proporcionando unidade e intensidade na vida pastoral, com muitos frutos que se viram após a sua realização, demonstrando crescimento extraordinário da Diocese nos anos que se seguiram.

Em seu primeiro ano de Bispado, Monsenhor Manuel Monteiro da Silva foi nomeado Vigário Geral da Diocese, a 5 de junho de 1949⁸⁸⁰. Além da prioridade para a Obra das Vocações, bem destacada no Bispado de Dom Alberto, encontrei no *Boletim Eclesiástico*⁸⁸¹ duas preocupações expressas na reunião do Clero. A primeira diz respeito ao Comunismo, onde se interroga se é lícito propagar e ler livros, revistas, jornais ou folhas volantes que divulgam tais ideias, ou ainda escrever algo nessas publicações, e a resposta dada é respaldada no CDD 1399, que afirma que o Comunismo é materialista e anticristão, sendo hostil a Deus e à Igreja Cristã. A outra preocupação é sobre os festejos religiosos, onde se pede a observância do código 1385, para padres e diretores, sobre livros, folhetos, impressos, e especialmente programa das festas, que antes de enviados para a tipografia devem receber autorização por escrito do Bispo ou do Vigário Geral⁸⁸².

Ao final do primeiro ano do governo de Dom Alberto, visualizamos a intensidade da vida da Diocese, destacando aqui alguns desses aspectos: a reorganização das Damas de Caridade; a inauguração da nova sede do Círculo Operário; fundação do Apostolado da Oração nas Paróquias de Nossa Senhora de Nazaré e de São José e Santa Teresinha; bênção da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Rua Leonardo Malcher; organização da Semana Diocesana do Ensino Religioso e Primeira Maratona Catequética Diocesana, ocorrida em setembro⁸⁸³. O Bispo esteve presente em diversos lugares, incluindo nos interiores, para eventos religiosos, benções de casas de formação, conventos religiosos e

⁸⁷⁹ RAMOS, José P. **Dom Alberto Ramos: o pastor da Amazônia**. Belém: FCPTN, 2006, p. 82.

⁸⁸⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 120.

⁸⁸¹ O *Boletim Eclesiástico* traz a reunião mensal do clero e outras questões referentes ao expediente do Governo Diocesano. Encontrei no Arquivo da Cúria uma pasta com impressos desse boletim, do período de 1949 a 1957, marcando o tempo do Governo de Dom Alberto.

⁸⁸² **Boletim Eclesiástico**. 10 de julho de 1949.

⁸⁸³ MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. **Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate**. Manaus: Editora UEA, 2019, p. 27.

associações, criação e instalação de paróquias. Segundo Ceretta, sua presença e atuação em Manaus foi marcante⁸⁸⁴.

Nos registros de Dom Alberto, nesse primeiro ano de governo, vê-se aspectos da atuação das Congregações Religiosas, como: a bênção da pedra fundamental da capela de São Geraldo Magela, extensão da paróquia conduzida pelos Redentoristas; a bênção do novo pavilhão “Sant’Ana” na Santa Casa de Misericórdia, onde as Irmãs já atuavam desde o final do XIX; e a bênção da nova igreja de Nossa Senhora das Graças no Leprosário, no Aleixo, na véspera do Natal, uma área dirigida pelo PIME. E, da atuação diocesana, como: o início da circulação do 1º número de “O Maná”, na Paróquia do Perpétuo Socorro, como instrumento de comunicação interna; e a ordenação de mais um padre para a Diocese, Walter Gonçalves Nogueira⁸⁸⁵.

Em 1949, chegou a Manaus a Congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue que vieram somar às Congregações femininas e masculinas, ao clero diocesano, e às várias associações leigas, que já atuavam na Diocese. As Irmãs se localizaram no bairro de São Geraldo, iniciando ali seu Noviciado. A bênção do convento, como forma de acolhida às Irmãs, foi procedida por Dom Alberto Ramos, para iniciarem os serviços religiosos. E já no mês de março estavam a pleno vapor, com dez jovens ingressantes no noviciado desta Congregação⁸⁸⁶, o que demonstra que antes das Irmãs fixarem residência em Manaus, já havia sido iniciado um trabalho vocacional.

Segundo Moacir Andrade, a maior parte das primeiras Irmãs do Preciosíssimo Sangue, saiu das famílias da Paróquia de Aparecida, “através de um trabalho missionário muito bem dirigido às vocações, capitaneado pela irmã Julita, superiora da Congregação, moças de profunda convicção religiosa, todas elas pertencentes à Pia União das Filhas de Maria”⁸⁸⁷. As novas turmas, que se seguiram, de jovens vocacionadas eram oriundas das paróquias conduzidas pelos Redentoristas e pelos Franciscanos⁸⁸⁸. Também, como expansão da presença religiosa feminina, destacamos, em 1951, a chegada das Irmãs Franciscanas

⁸⁸⁴ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 519.

⁸⁸⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁸⁸⁶ **Jubileu de Amor**: histórico dos 25 anos de existência das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue de Cristo no Brasil, formando a Província de Manaus (27 de dezembro de 1947 a 27 de dezembro de 1972). Manaus, 1972.

⁸⁸⁷ ANDRADE, Moacir. **Manaus**: ruas, fachadas e varandas. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, p. 223.

⁸⁸⁸ **Jubileu de Amor**: histórico dos 25 anos de existência das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue de Cristo no Brasil, formando a Província de Manaus (27 de dezembro de 1947 a 27 de dezembro de 1972). Manaus, 1972.

Missionárias de Maria, que foram instaladas na Paróquia de São Raimundo, e a abertura da nova casa das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, em Codajás⁸⁸⁹.

A 24 de dezembro de 1949, o Papa Pio XII realizou a abertura do 25º Ano Santo de 1950, conclamando a todos para “a renovação do mundo moderno através da religião”⁸⁹⁰. Cumprindo o rito da abertura das portas de São Pedro, Pio XII utilizou um martelo de prata, que fora lhe presenteado por um operário italiano, para dar as três pancadas rituais na pequena cruz fixada no centro da porta sagrada, pronunciando “abra-se as portas para Deus que está conosco”⁸⁹¹. Inaugurava-se uma nova década, na incerteza do tempo pós-guerra e do início de algo ainda não decifrável, algo estranho, pois eram os primeiros anos de Guerra Fria.

Em Manaus, havia sinais de prosperidade para a caminhada eclesial. Destaca-se em 1950: a inauguração da Escola Primária Nossa Senhora Aparecida; do Ambulatório Dr. Adriano Jorge na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré; a fundação da JEC (Juventude Estudantil Católica) no Instituto Benjamim Constant; bênção e inauguração do Jardim de Infância do Patronato Santa Teresinha; Semana Diocesana da Ação Católica, ocorrida em dezembro⁸⁹². Também, foi nesse ano que Dom Alberto fez sua primeira visita a Roma, em companhia de Dom Mário Vilas Boas.

Em 1950, Dom Alberto participou de vários eventos que mostram a movimentação da vida religiosa, na capital e no interior. Sua presença nesses eventos, registrados por ele mesmo, demonstra que está ciente do andamento das atividades em sua Diocese, incluindo as de expansão, mas também, de dar visibilidade às suas ações: abençoou a pedra fundamental da igreja de São José Operário, das sedes esportivas da igreja de Nazaré, o início do Jardim da Infância do Patronato Santa Teresinha; Semana Bíblica organizada pela Catequese e AC⁸⁹³. Aparece, também, os registros de suas visitas pastorais para a Paróquia de Maués em maio, de 23 a 26, com inauguração da casa paroquial, e para a Paróquia de Borba em junho, de 9 a 14, onde inaugurou o Educandário Maria Madalena de Sofia⁸⁹⁴; a

⁸⁸⁹ MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. **Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate**. Manaus: Editora UEA, 2019, p. 28.

⁸⁹⁰ Fala o Santo Padre. **A Tarde**, Manaus 24 de dezembro de 1949.

⁸⁹¹ **Inaugurado o Ano Santo**. **A Tarde**, Manaus 26 de dezembro de 1949.

⁸⁹² MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. **Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate**. Manaus: Editora UEA, 2019, p. 18.

⁸⁹³ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer, 2014, p. 519-520.

⁸⁹⁴ **Boletim Eclesiástico**. Maio de 1950.

fundação da quase Paróquia de São José da Foz do Jutáí; e a elevação das Prefeituras Apostólicas, criadas em 1910, à Prelazias, a de Tefé que foi instalada a cinco de maio e a do Alto Solimões a 29 de junho, ambas em 1950⁸⁹⁵.

A prioridade absoluta da administração de Dom Alberto era o fomento às vocações sacerdotais. Neste ano, ele participou o Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais, e em consonância com as diretrizes ali estabelecidas, firmou como meta a formação de ambiente propício para as vocações, especialmente no seio das associações religiosas, com ênfase para a AC e a Cruzada Eucarística. Como desdobramento desta prioridade, vemos alguns acontecimentos: a obra das Vocações Sacerdotais de Manaus foi agregada à obra Pontifícia, sendo realizadas diversas promoções em prol das vocações sacerdotais, sendo uma delas a fundação da Obra das Vocações Sacerdotais na Paróquia de Nazaré⁸⁹⁶.

Como parte deste grande projeto em prol das vocações, Dom Alberto ordenou o segundo padre em sua gestão, o Pe. Raimundo Nonato de Oliveira, no dia 28 de maio, e registrou a ordenação do padre amazonense Eduardo Koaik⁸⁹⁷, a oito de abril em Roma⁸⁹⁸. Antes do final do ano ocorreu a inauguração da parte principal do Pavilhão Dom João da Mata no Seminário São José e a inauguração do edifício Pio XII.

Neste mesmo ano, a Arquidiocese recebeu a boa notícia da promulgação da Lei n. 878 de 30 de dezembro, do governo do Estado do Amazonas, decretada pela Assembleia Legislativa, que considera monumentos históricos do Amazonas as igrejas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a de Nossa Senhora dos Remédios e a de São Sebastião, “e como tal sob o amparo do Estado, no que tange a sua conservação”. O valor orçado foi de Cr\$ 50.000.000, distribuído da seguinte forma: 20 mil para a Matriz, 15 mil para Remédios e 15 mil para São Sebastião, ficando o valor a ser repassado pelo governo direto aos párocos responsáveis pelos templos⁸⁹⁹. Esse foi um grande ganho para a Diocese e para a preservação do patrimônio religioso da cidade.

⁸⁹⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁸⁹⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁸⁹⁷ Eduardo Koaik nasceu em Manaus, a 21 de agosto de 1926, muito criança, após a mãe fica viúva, foi morar no Rio de Janeiro; foi ordenado em 1950, em 1973 nomeado bispo auxiliar do Rio de Janeiro, e em 1980 se tornou bispo coadjutor de Piracicaba, passando a ser o bispo em 1984; faleceu a 25 de agosto de 2012. Informações extraídas do site da Diocese de Piracicaba, consulta a 12 de janeiro de 2023.

⁸⁹⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁸⁹⁹ **Lei n. 878 de 30 de Dezembro de 1950.** Júlio Francisco de Carvalho Filho, Governador do Estado, e Washington Cesar Filho, Secretário Geral do Estado.

Em 1951, Manaus foi dividida em três zonas territoriais, configuração que só terá alteração a partir da implantação da Zona Franca de Manaus: a Zona Central, a Zona Urbana e a Zona Suburbana. A primeira abarca as ruas centrais, a segunda parte das ruas centrais e se estende para a avenida Constantino Nery, a terceira tem limites entre bairros, aparecendo a estrada do Aleixo e a rua Codajás, destacando os bairros de: São Geraldo, São Raimundo, Constantinópolis, Matinha e Colônia Oliveira Machado⁹⁰⁰. Essa configuração da cidade ajuda a visualizar os espaços onde as novas paróquias foram erigidas.

No primeiro semestre de 1951, a comunicação do Núncio Apostólico, Dom Carlo Chiarlo, deu o tom para a caminhada deste ano. O comunicado falava do Congresso Internacional ocorrido de novembro a dezembro de 1950, dirigido pela Sagrada Congregação dos Religiosos, que oficializou o seguinte voto: “que Institutos Religiosos e Seculares, congregando suas forças com o Clero Secular e com a Ação Católica, prestem seu amplíssimo concurso às pregações especiais em forma de Missões Extraordinárias”⁹⁰¹. Percebo aqui não apenas a preocupação da Nunciatura em conectar os vários cantos do Brasil a partir de diretrizes, mas também o lugar que a AC passou a ocupar nas ações da Igreja. E, essas orientações devem ser aplicadas na Diocese de Manaus, onde a AC estava em processo de enraizamento e expansão.

No registro de Dom Alberto para o ano de 1951, encontramos a expansão das atividades dos Salesianos, com a benção da primeira pedra da Escola Industrial Salesiana, que atenderia os trabalhadores, e da primeira pedra da sede da Associação para os seus ex-alunos. No campo laical, com aprofundamento das devoções, ocorreu, neste ano, a ereção canônica da Congregação Mariana de Nossa Senhora de Nazaré e São João Batista, em Adrianópolis, a agregação da Congregação Mariana de Nossa Senhora Das Graças e São José, em Manicoré, o recebimento da fita de cruzado para os primeiros cruzadinhos da Paróquia de São José; e a fundação do Apostolado da Oração no Seminário São José⁹⁰².

Os documentos revelam, também, a passagem de Dom Alberto pelo interior. Em Carauari procedeu-se à elevação da Paróquia. Em Itacoatiara, o Bispo deu a bênção e inaugurou o Colégio Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que ficou sob a responsabilidade das Irmãs Doroteias, e no mês de outubro, ele voltou a visitar o Colégio, que já estava em

⁹⁰⁰ OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. 2003, p. 93.

⁹⁰¹ Comunicação da Nunciatura Apostólica, nº 10.726, RJ, 25/04/1951. **Boletim Eclesiástico**. 10 de maio de 1951.

⁹⁰² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

pleno funcionamento, promovendo educação moral e religiosa e cuidado de crianças e jovens de qualquer condição social, e, para tanto recebeu apoio financeiro do governador Álvaro Maia e do prefeito⁹⁰³. Este fato, demonstra a permanência das relações estabelecidas entre o seu antecessor e o Estado, com benefícios concedidos para as obras religiosas, tanto na capital como no interior. Outro registro desse ano, foi a bênção de Dom Alberto à capela de São Francisco Xavier em Santa Maria da Vila Amazônia⁹⁰⁴.

Nessa movimentação religiosa, também aparecem em destaque os aspectos educacionais e assistenciais promovidos na Diocese, no ano de 1951, como: bênção do primeiro pavilhão do Educandário Orfanato Nossa Senhora de Nazaré; bênção das instalações do prédio da Sociedade do Amparo à Maternidade e à Infância em São Raimundo; a fundação das Obras Sociais e Educacionais em Carauari; inauguração do pavilhão “Martagão Gesteira” e do Clube de Mães na Casa da Criança; aula inaugural do curso de Cultura Religiosa; inauguração das salas da Escola Primária da Casa da Divina Providência; bênção da primeira pedra do Colégio Paroquial de Manicoré⁹⁰⁵.

Ao final de 1951, o *Boletim Eclesiástico* anunciava o Retiro do Clero para os dias 7 a 12 de janeiro do ano que se iniciaria. Vê-se, também, uma programação a ser seguida após o retiro, por exigência do Bispo: no restante do mês de janeiro ocorreu a prestação de contas das obras eclesiais; em fevereiro será a análise dos livros tombos das paróquias; até o mês de março o livro caixa das associações religiosas deveria ser apresentados e realizado o pagamento da taxa ao Seminário; e durante a visita pastoral às paróquias, da capital e do interior, os demais livros foram verificados⁹⁰⁶. Ainda em janeiro de 1952, a quase paróquia da Boca de Tefé foi finalmente elevada a Paróquia⁹⁰⁷. E, enquanto a agenda prevista para 1952 começava a ser efetivada, chegou a grande notícia, de que Manaus finalmente fora elevada à Arquidiocese, a 16 de fevereiro, pela Bula *Ob Illud* do Papa Pio XII.

⁹⁰³ SILVA, Francisco Gomes da. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara (1759-1999)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1999, p.183-185.

⁹⁰⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁰⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁰⁶ **Boletim Eclesiástico**. 10 de dezembro de 1951.

⁹⁰⁷ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

Parte II

Arquidiocese de Manaus: entre a romanização e os labirintos da contemporaneidade (1952-1958)

I

Igreja de Manaus: a primeira fase da história arquidiocesana

O Concílio Vaticano II significou, para a Igreja Católica, um divisor de águas, o fim de uma época e o início de outra, pois encerrou, de certo modo, a longa fase inaugurada com o Concílio de Trento (1545-1563), fase de ruptura com o nascente mundo moderno e de confronto com as correntes espirituais, culturais e políticas que emergiram do conjunto da Renascença e, de modo particular, da Reforma Protestante.⁹⁰⁸

Após a fase caracterizada pelo endurecimento da Igreja, que se apresentou de forma mais contundente do Papado de Pio IX (1846-1878) ao Papado de Pio XII (1939-1958), houve o período em que a Igreja foi ganhando força e “se posicionava não mais como uma instituição ameaçada, mas permanecendo com sua firmeza característica”⁹⁰⁹. Para Giuseppe Alberigo, apesar do centralismo e da postura defensiva, houve no Papado dos dois últimos Pios o aparecimento de movimentos de renovação, com destaque para o campo bíblico e litúrgico, e a Ação Católica, que considera como pré-conciliares⁹¹⁰. Ação Católica, que colocou em foco o protagonismo leigo, teve sua inspiração no padre belga J. Cardijn, que foi se inserindo, de forma mais acelerada a partir de 1945, em várias instâncias sociais.

O movimento de retorno à Bíblia, foi encabeçado por França, Bélgica e Alemanha, que oficialmente foi reforçado pela encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943)⁹¹¹. Alberigo classifica o movimento bíblico como: científico, auxiliado pela Arqueologia, Filologia e História; espiritual e pastoral⁹¹². O movimento litúrgico tem suas raízes na Bélgica, oriundo dos beneditinos, desejando superar a uniformização. Para Fábio Souza, enquanto o magistério oficial se fechava e suspeitava de tudo, esses movimentos de renovação foram minando as barreiras impostas⁹¹³. Quando o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi apresentado ao mundo, trazendo ares de renovação, sendo “de fato um concílio da Igreja

⁹⁰⁸ BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁹⁰⁹ MACIEL, Elisângela. **Padre Sebastião Puga: a trajetória e o amor por uma Paróquia**. Manaus, 2022.

⁹¹⁰ ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 95.

⁹¹¹ SOUZA, Fábio Vieira de. **Vaticano II e Igreja Local: aspectos históricos e teológicos da recepção do Concílio Vaticano II na (Arqui)diocese de Montes Claros (1966-1990)**. Dissertação de Mestrado em Teologia. PUC/SP, 2014, p. 14

⁹¹² ALBERIGO, Giuseppe. Op. Cit. 1996, p. 96.

⁹¹³ SOUZA, Fábio Vieira de. Op. Cit, p. 15.

sobre a Igreja”⁹¹⁴”, e por tudo que representou, e representa, a fase anterior passou a ser preterida, como se precisasse ser superada e evitada.

Entretanto, é na fase de endurecimento que o caminho para a construção de um novo concílio começou sua preparação, algo inclusive desejado pelo Papado de Pio XII, pois a romanização com sua luta contra a modernidade, também almejava a sua reforma interna, partindo da centralização e do controle do que considerava desvios clericais e laicais. A Igreja mostrou que havia se fortalecido novamente e que iniciara gradativamente um diálogo, com avanços e recuos, na relação com os novos tempos, definindo seu lugar e afastando a ideia do seu desaparecimento, o que muitas correntes a partir do século XIX difundiram.

Como pesquisadora da fase dos Pios, considero, sem deixar de perceber os problemas e contradições ali vivenciados, como uma fase de força que tinha como meta marcar o lugar da Igreja na modernidade e contemporaneidade. Falar de romanização na década de 1950 pode soar estranho e deslocado temporalmente, mas a situação, de forma mais delineada e enraizada, de Pio IX a Pio XII, definindo-a como um projeto da administração do Papado dos Pios, de sua perspectiva de Igreja. Por isso, insiro e aqui apresento minhas reflexões e discussões sobre a Arquidiocese de Manaus, em sua primeira fase, ainda sob o manto da romanização, embora experimentando processos transitórios.

Como já apresentei anteriormente, utilizo a romanização, com suas fases, iniciadas no século XIX, e se estendendo até às vésperas do Concílio Vaticano II. Este terceiro capítulo apresenta a década que antecede ao Vaticano II, passando pelas ações gerais da Igreja no Brasil, mas direcionando e visualizando o caminhar da Igreja na nova Província Eclesiástica erigida em 1952, em Manaus. Buscando compreender avanços e recuos, rupturas e permanências, dentro de um processo de crescente maturidade eclesial, mas envolta em tensas relações constituídas em um mundo labiríntico, constituído, de forma mais agravante, com a Guerra dos 31 Anos, e que tem a Guerra Fria como pano de fundo, onde se inserem as questões pertinentes à América Latina, ao Brasil, à Amazônia, à Igreja de Manaus.

Em meio ao turbilhão de acontecimentos, que marcou a transição do século XIX para o século XX, em especial os embates entre a Igreja Católica com o Mundo Moderno, que

⁹¹⁴ SOUZA, Ney de (Org.). **Vaticano II: história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019, p. 129.

adentraram as décadas que se seguiram, insiro Manaus. Assim como nos primeiros capítulos, procuro perceber estratégias e ações dos Bispos, para sintonizar com as diretrizes da Santa Sé, e ao mesmo tempo em que buscam responder aos desafios peculiares de sua região, e as reais contribuições da Igreja para a sociedade manauara, em meio ao processo romanizador.

Relembrando os anos que antecederam à elevação de Manaus à Arquidiocese, vemos na década de 1940 o início de uma nova fase da Igreja no Brasil. Como já fora mencionado no capítulo anterior, a morte de Dom Leme gerou uma crise de liderança em uma Igreja que, com mais ênfase dos anos de 1920 em diante, se pautou na centralização desta autoridade eclesiástica e de suas relações de poder que deram sustentação à tão sonhada neocristandade, quando a Igreja encarou a nova missão de “cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico”⁹¹⁵.

A romanização do Catolicismo brasileiro se iniciara no século XIX, mas foi na década de 1920 que a recristianização começou a florescer. A Igreja, percebendo o Mundo Moderno como maligno, e de modo enfático o Comunismo, mantinha a concepção de fé como um processo interno e íntimo com Jesus Cristo, mas viu que também era preciso externalizar as manifestações de fé, e acentuar a atuação da Ação Católica (AC), nos anos que se seguiram, para arregimentar a sociedade⁹¹⁶. Aqui se aplica a concepção de “espetáculo” de Sérgio Miceli⁹¹⁷, não apenas para missas, preces e devoções já características da vida da Igreja, mas de uma nova necessidade de visibilidade, de atrair, de tocar a sensibilidade e despertar para a fé católica⁹¹⁸. O que Dom Leme, e o Episcopado brasileiro sob seu comando, soube muito bem fazer. Manaus não ficou fora desse circuito de espetáculos, de encenações, como vimos no segundo capítulo, de forma mais enfática, com a realização do I Congresso Eucarístico e no II Congresso de Manaus, em 1952, não será ainda mais expressivo.

⁹¹⁵ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 45.

⁹¹⁶ Ibidem. 2004, p. 46.

⁹¹⁷ MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 129.

⁹¹⁸ Essa necessidade de visibilidade e de enraizar a fé católica, precisa ser entendida também a nível macro, pois estas décadas eram de grande instabilidade que acelerava a dessacralização do mundo com a força avassaladora do período de guerras, e muitos temores pairavam, de modo mais incisivo o avanço das ideias comunistas. Dessa forma, a Igreja indica o caminho que é a recristianização para alicerçar o Reino de Cristo.

Com a ausência de Dom Leme, era preciso repensar o caminho a seguir. De 1922 até a década de 1940, e mais especificamente durante o período Vargasista, “clérigos destacados acreditavam que a legislação de Getúlio realizava a doutrina social da Igreja e que o Estado Novo efetivamente conseguia superar os males do liberalismo e do comunismo”⁹¹⁹. Aos moldes de Dom Leme e Pio XI, boa parte dos líderes católicos brasileiros acreditavam no dever da Igreja de catolizar instituições “para salvaguardar o caráter cristão da vida social”⁹²⁰. Assim como no período de Dom Leme, o Estado Novo findara, e no interior da própria liderança eclesiástica começava a se perceber pequenas rachaduras que sinalizavam a necessidade de mudança.

A Igreja, pautada na neocristandade, dependia de uma forte aliança com o Estado, o que após Vargas era incerto, os governos democráticos que se seguiram até acenaram com favores, mas para a Igreja o resultado dessas negociações não se apresentava muito favorável. E havia a preocupação com o crescimento protestante, espírita, e da religiosidade afro-brasileira, que atingia muitos católicos, cada vez mais visível da década de 1940 em diante, além da simpatia com que alguns padres, Bispos e leigos abraçaram ideias fascistas na década anterior⁹²¹, e do permanente medo da ameaça comunista, expressos em determinadas ações da elite eclesiástica. O sentimento antimoderno e a secularização, o receio da religiosidade popular e o modelo de neocristandade, engessavam a Igreja, e parte da liderança começa a perceber a necessidade de movimentar-se.

Segundo Mainwaring, uma das mudanças importantes foi a reforma do Catecismo e da educação religiosa nas décadas de 1940 e 1950. Para este autor, a partir de 1955 vê-se claramente três facções dentro da Igreja. A primeira eram os tradicionalistas, que se sentiam ameaçados pela esquerda e não estavam entusiasmados com a doutrina social da Igreja, pois queriam continuar combatendo a secularização e insistiam no fortalecimento da presença institucional na sociedade. A segunda era composta pelos modernistas conservadores, que também se preocupavam com a ameaça comunista, a secularização e a

⁹¹⁹ MAINWARING, Scott. Op. Cit. 2004, p. 47.

⁹²⁰ Ibidem. 2004, p. 48.

⁹²¹ Dentre os simpatizantes estavam Dom Manoel da Silva Gomes, Arcebispo do Ceará, Dom José Pereira Alves, Bispo de Niterói, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, futuro cardeal, e o padre Hélder Câmara, que anos depois seria crítico do Integralismo brasileiro. VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. Aparecida: Santuário, 2016, p. 243. O primeiro bispo citado foi um dos patronos de Dom Basílio, o segundo foi amigo de João da Mata, o terceiro esteve no Primeiro Congresso Eucarístico de Manaus e mantinha laços com os Prelados daquele contexto, e Hélder Câmara, já como Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, esteve no Segundo Congresso Eucarístico de Manaus, já como articulador da criação da CNBB.

expansão dos protestantes, mas estavam mais abertos ao mundo, apesar de uma concepção limitada de justiça social, primando pela hierarquia da Igreja, ao mesmo tempo que queriam atuações leigas mais eficazes. A terceira eram os reformistas, preocupados, como o grupo anterior, com um trabalho pastoral e uma educação religiosa mais intensa, mas eram portadores de uma posição social mais progressista⁹²².

Pouco tempo depois, em 1946, Dom Carlo Chiarlo assumiu como Núncio Apostólico do Brasil, marcando, por sua vez, uma fase mais aberta ao diálogo, que seu antecessor, com seu apoio, e com as novas articulações do Episcopado brasileiro, vimos nascer uma nova estrutura da Igreja no Brasil, pautada numa liderança colegiada, que resultou na criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em 1952⁹²³. Segundo Riolando Azzi, as duas reuniões, do Vale Amazônico e do Vale do São Francisco, ocorridas em 1952, que antecederam ao nascimento dessa nova estrutura do Episcopado brasileiro foram de caráter decisivo, pois reuniram lideranças eclesiais em prol de objetivos comuns⁹²⁴. Importante destacar a atuação de Dom Hélder Câmara nesse processo. A CNBB foi construindo múltiplas lideranças para o Episcopado brasileiro e passando a orientar os passos da Igreja no Brasil⁹²⁵. Nesta década, também, se deu o nascimento da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), sendo a primeira realizada no Rio de Janeiro, em 1955, onde o Episcopado deu novos passos⁹²⁶.

No contexto de criação da CNBB, existiam 20 Províncias Eclesiais e 115 Dioceses e Prelazias. Inicialmente, só os dois Cardeais e os 18 Arcebispos participavam, mas dois anos depois todos os Bispos se tornaram membros efetivos. O Cardeal Carlos Mota de Vasconcelos se tornou o primeiro presidente, e Dom Helder Câmara, o secretário-geral, cargo ocupado por 12 anos. É inegável a influência da ACB (Ação Católica Brasileira) e da ACE (Ação Católica Especializada) sobre os membros da CNBB, chegando

⁹²² MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 56-57.

⁹²³ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojuca Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021.

⁹²⁴ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Tomo 3 - Terceira época (1930-1964). Petrópolis: Vozes, 2008, p. 607.

⁹²⁵ MACIEL, Elisângela. **Padre Sebastião Puga: a trajetória e o amor por uma Paróquia**. Manaus, 2022, p. 28.

⁹²⁶ Coube a Dom Hélder Câmara, na condição de secretário geral da CNBB, a organização do 36º Congresso Eucarístico Internacional e do CELAM, ambos no Rio de Janeiro em 1955. VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. Aparecida: Santuário, 2016, p. 272.

a utilizar para o seu funcionamento nos primeiros anos, inclusive, a infraestrutura dessa base leiga, que serviu para a organização da hierarquia eclesiástica⁹²⁷.

Dom Armando Lombardi, Núncio do Brasil de 1954 a 1964, acompanhou e colaborou com a renovação da Igreja brasileira, apoiando a AC, na criação das novas circunscrições eclesiásticas, indicando para o Episcopado sacerdotes de visão e experiência pastoral. As Conferências Episcopais Nacionais, não estão previstas no Código de Direito Canônico, assim a criação da CNBB assinalou um novo interesse da Santa Sé, e Dom Armando, teve papel importante nessa mudança de concepção⁹²⁸. A CNBB, “favoreceu uma ação conjugada na busca de uma evangelização capaz de atender à realidade do povo na sua diversidade regional”⁹²⁹, criando a possibilidade da existência de uma pastoral de conjunto a nível nacional. A década de 1950, iniciava-se com novas perspectivas, uma vez que o Episcopado buscava uma unidade ainda não experimentada pela realidade brasileira. Foi nesse novo cenário eclesiológico que foi criada a Arquidiocese de Manaus, em 1952.

A Diocese de Manaus, nas administrações de Dom Irineu Joffily, Dom Basílio Pereira e Dom João da Mata, terceiro, quarto e quinto Bispos, respectivamente, nomeados para o Amazonas, apresentava sinais de consolidação e relação com outras regiões, superando o ar de instabilidade da sua primeira fase. Esses Bispos estavam inseridos no projeto do Episcopado brasileiro de enraizamento da romanização com estratégias de articulação com as elites locais, e fortes vínculos entre si. Situo Dom Joffily e Dom Basílio na segunda fase do Episcopado de Manaus, e Dom João da Mata na terceira fase, conectados a partir de estratégias e projetos que marcam bem a linha de sucessão.

A separação entre Igreja e Estado, no final do século XIX, impulsionou gradativamente a unidade dos Bispos, bem expressa nas pastorais coletivas, tendo como premissa a defesa da Igreja e sua expansão no território brasileiro. Alguns prelados conseguiram estabelecer verdadeiras redes de influência, investindo e amadurecendo os Seminários, apadrinhando novos Prelados, conectando Dioceses, como se percebe nos capítulos anteriores desta tese.

⁹²⁷ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003, p.152-154.

⁹²⁸ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojuca Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021, p. 70.

⁹²⁹ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 157

Os Bispos que governaram a Igreja de Manaus, especialmente do terceiro em diante, se inserem nesse circuito de estratégias e fortalecimento da elite eclesiástica.

Dom João Irineu Joffily, Dom Frei Basílio Manuel Olímpio Pereira e Dom João da Mata Andrade e Amaral, são filhos do Nordeste e oriundos dessas novas relações do Episcopado no Brasil. Os dois primeiros governaram em período de crise, quando o Amazonas enfrentava a retração da economia gomífera, o que os colocou diante de inúmeras dificuldades para levar adiante os projetos eclesiásticos, enfrentando a própria crise financeira da Diocese, superada, gradativamente em seus Bispados, o que é perceptível nos projetos efetivados na década de 1940, na administração de Dom João. O contexto da administração desses Bispos corresponde ao tempo em que o mundo vivenciava o terror da Guerra, e no Brasil se vivia a transição da Primeira República para a Ditadura do Estado Novo, e na Amazônia iniciava-se uma nova fase de crescente demanda da borracha, impactando a região e trazendo novos desafios.

1. Dom Alberto Gaudêncio Ramos: a transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus

Dom João da Mata se despedira de Manaus em 16 de junho de 1948, tomando posse de Niterói em agosto, e permanecendo como Administrador Apostólico da Diocese. Durante o período de vacância, logo se ouviu o anúncio de Pio XII, nomeando o Monsenhor Alberto Gaudêncio Ramos, até então Vigário Geral da Arquidiocese de Belém, como o sexto Bispo da Diocese de Manaus, a 30 de agosto do mesmo ano. Enquanto Manaus aguardava a chegada do novo Bispo, os consultores diocesanos elegeram o Monsenhor Manuel Monteiro da Silva como Vigário Capitular, havendo, também, o lançamento da pedra fundamental do Educandário Santa Madalena Sofia, em Borba, e a fundação das Obras Sociais e Educacionais, em Fonte Boa, além da chegada a Manaus da triste notícia do falecimento de Dom Basílio, a 29 de setembro⁹³⁰.

A Manaus que o novo Bispo encontraria havia passado por transformações, dado que desde o período do advento da borracha ela foi colocada no circuito mundial, ao mesmo tempo em que permanecia distante do Brasil. As sucessivas crises fizeram com que grande

⁹³⁰ RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 119.

contingente populacional dos interiores buscassem abrigo na capital. Na década de 1940, a região foi sacudida pela “Batalha da Borracha”, em contexto de guerra, quando, por efeito da procura da borracha amazônica pelo grande capital, fez dos trabalhadores um corpo militarizado. “porque a exploração da borracha era uma arregimentação necessária para que os aliados ganhassem a guerra”⁹³¹.

No contexto internacional, o mundo testemunhou aterrorizado o desfecho da Segunda Guerra Mundial com as duas bombas atômicas, e o início da Guerra Fria, dividindo o mundo em dois polos: capitalista e socialista. Essa nova fase se estenderá até a transição dos anos 1980 a 1990, e levará o mundo repetidas vezes à beira do colapso. Ao final dos anos de 1940, outro impacto para o Mundo Ocidental Cristão, ocorreu a Revolução Chinesa (1949), e a força do idealismo comunista começou a se mostrar para além dos limites dos domínios soviéticos⁹³².

E na década de 1950, o mundo, e a Igreja de modo particular, assistiu a Guerra da Coreia (1953), e a Revolução Cubana (1959), esta como primeiro expoente das lutas na América Latina, entre EUA e as tentativas revolucionárias. O caso cubano, que interessa pelos rumos que a América Latina tomará e sofrerá, é, para Hobsbawm, peculiar, pois conta com um avassalador apoio popular, sem noções preconcebidas e uma inclinação para a velocidade⁹³³. No avanço das forças de esquerda, passaram a ocorrer inúmeras perseguições aos cristãos nas áreas onde o “domínio vermelho” passou a vigorar. O *Jornal Universal* destacou, nesta década, a perseguição religiosa ocorrida na Polônia como atentado à vida cristã⁹³⁴.

Neste contexto, ocorrem, também, transformações sociais e culturais, é a era de ouro como afirma Hobsbawm, trazendo um brilho fugaz que antecedeu décadas difíceis⁹³⁵. A esse cenário de crescente tensões, conflitos armados, fortalecimento dos polos ideológicos, aumento de problemas econômicos e lutas sociais, a Igreja respondeu mais uma vez com a

⁹³¹ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia**: uma liderança política cabocla. Manaus: EDUA, 1997, p. 122.

⁹³² Cf: HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**, o breve século XX: 1914-1991. 1995. Já havia recaído sobre o mundo as transformações e crises advindas da Guerra dos 31 Anos, da Revolução de 1917, da ascensão do Nazifascismo, e agora era um tempo de consequências que desencadeavam novas formas de crise, aguçando o emaranhado desse labirinto. Esse tempo de crises se entrelaça com às mudanças e impactos sentidos na Amazônia.

⁹³³ HOBBSAWM, Eric. **Viva la Revolución**: a era das utopias na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 42-43.

⁹³⁴ Notícias Diversas. **Universal**. Manaus 11 de outubro de 1953, n. 28, Ano 1.

⁹³⁵ Cf: HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**, o breve século XX: 1914-1991. 1995.

promulgação de um dogma, o da Assunção de Nossa Senhora, com o fortalecimento de sua estrutura eclesiástica e com a militância leiga, e, no caso específico da Amazônia, com a criação da Província Eclesiástica de Manaus, onde se sentia, também, os impactos da exploração capitalista.

Em meio aos horrores e contradições desse mundo labiríntico, novos olhares e novos investimentos começam a chegar para a região. Ao final desta década, mais uma vez a economia dava sinais preocupantes, sendo nos anos de 1950 abandonado o plantio de seringueiras. Álvaro Maia, governador do Amazonas, preocupado com a economia amazonense, apontou como solução a diversificação de extração de outros produtos para garantir “a sobrevivência e a estabilidade do interior”⁹³⁶. O governo enfrentava o problema com o extrativismo, o êxodo nos seringais e mais uma vez com o crescimento populacional em Manaus, que gerava inúmeras tensões.

A cidade foi crescendo de forma desigual, bem perceptível nos contornos dos bairros e no aumento de moradias precárias, muitas seguindo o contorno dos igarapés. Na década de 1950, a “cidade flutuante” atingiu seu ápice, ela era decorrente do êxodo e estagnação do interior, da falta de emprego e de moradia, localizando-se “na frente da cidade, estendendo-se para a foz do igarapé do Educandos”⁹³⁷. Segundo Leno Barata, as moradias flutuantes começaram a se espalhar nas margens da cidade desde a década de 1920, que se transformara na “cidade flutuante” e só foi retirada na década de 1960, quando Manaus passará por novas transformações. Os flutuantes se tornaram uma cultura, alimentados, sobretudo, pelo comércio. A enchente de 1953 fomentou-a ainda mais a “cidade flutuante”⁹³⁸.

José Aldemir destaca, ainda, que morar sobre as águas fere a lógica do grande capital, dessa forma essa população vinha na contramão do problema com a terra⁹³⁹. Deusa Costa a apresenta como alternativa de sobrevivência de um contingente populacional expropriado, chegando na década de 1950 a 1.200 flutuantes, com cerca de 12.000 moradores, funcionando com uma verdadeira cidade alternativa com comércio ativo, oferta

⁹³⁶ Ibidem. 1997, p. 137.

⁹³⁷ OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: EDUA, 2003, p. 79.

⁹³⁸ SOUZA, Leno José Barata. “**Cidade Flutuante**”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967). Tese (Doutorado em História). PUC/SP, 2010, p. 58.

⁹³⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. 79.

variada de serviços de subemprego e movimentação noturna. A “cidade flutuante” cresceu conforme o contorno dado por seus moradores⁹⁴⁰.

Foi no ano, de 1953, que se deu a criação da Superintendência do Plano de Valorização da Economia da Amazônia (SPVEA), a partir de um cenário de mudança política no Brasil e na região amazônica, para estimular a produção agrícola. O governo de Plínio Coêlho, a partir de 1954, levou à cabo o incentivo à cana e à juta, ao plantio de seringueira e cacau, à instalação da Companhia de Eletricidade de Manaus e do Banco do Estado do Amazonas em 1957. Nesse contexto, se encaminhou uma comissão de elaboração do projeto para a futura Zona Franca de Manaus⁹⁴¹.

Sobre a vida social e cultural da cidade, Vicente Aguiar descreve as praças e os cafés como lugares de encontros coletivos e intelectuais, de circulação de informação e formação, que abrigavam “grupos envolvidos com atividades culturais e políticas principalmente”⁹⁴². Cinema, teatro e literatura se faziam presentes na vida da cidade, a geografia do centro era constituída por espaços de circulação dessas artes, e foi exatamente aí, mas especificamente na praça Heliodoro Balbi, que surgiu o *Clube da Madrugada*, “movimento literário que, a partir de 1954, promoveu, de certa forma, uma ruptura cultural no Amazonas”⁹⁴³, e, que terá entre seus membros um dos padres bem ativos da Arquidiocese de Manaus, Luís Augusto de Lima Ruas.

O universo religioso também se expressava por meio da arte. Em 1950, os Capuchinhos inauguraram o *Teatro Juvenil* que tinha por lema “a arte a serviço do bem”. O *Teatro Juvenil* era dirigido por Frei Pio de Coscostalda, com objetivo de incentivar no meio da juventude o gosto pelo teatro. O grupo de jovens rapazes passou a apresentar várias encenações, entre elas sobre a Paixão de Cristo e a vida de São Francisco, atraindo um público crescente. Em 1953, ocorreu a inauguração da nova sala de espetáculo do *Teatro Juvenil*, com as bênçãos de Dom Alberto Ramos, ocorrendo em seguida a apresentação da peça “Milagre do Calvário”⁹⁴⁴.

⁹⁴⁰ COSTA, Deusa. **Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana**: trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Valer, 2014, p. 171-172.

⁹⁴¹ FERREIRA, Arcângelo da Silva. “**Na Vaga Claridade do Luar**”: história e literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967). Curitiba: Appris, 2020, p. 63-64.

⁹⁴² AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60. Manaus: Valer, 2002, p. 73-74.

⁹⁴³ FERREIRA, op. cit., p. 72.

⁹⁴⁴ **Universal**. Manaus, 5 de abril de 1953, n. 1, Ano I, p.3.

E, dentre as ofertas de cinema da cidade, havia o *Cine Manaus*, sob a responsabilidade do Colégio Dom Bosco, que atraía os meninos, além do Oratório, para fazer a experiência com a tela do cinema, desde que participassem ativamente das Missas e da Catequese e adquirissem, assim, os carimbos que lhes garantiriam adentrar a sala, que Moacir Andrade, rememorando, descreve, que para ele e seus colegas, era como adentrar o paraíso, “onde encostados no espaldar esperávamos com o coração aos saltos o início do filme”⁹⁴⁵. Dessa forma, havia uma alternativa para os filmes autorizados pela Igreja.

Ao fazer memória da Manaus da década de 1930 ao início da década de 1950, o poeta Thiago de Mello descreve diversos aspectos da vida da cotidiana, fala dos sons da cidade, dos apitos que marcavam o tempo dos trabalhadores, dos apitos que vinham das águas oriundos das embarcações que atracavam ao redor da cidade, e lembra dos sinos da Matriz no cotidiano, mas em especial aos domingos, mas que também servia para alertar diante de incêndios, assim como o da igreja de São Sebastião anunciava as horas, “mas também as meias e quartos de hora, com sinos de amálgamas e timbres diferentes”⁹⁴⁶.

O som do sino que marca o tempo, e nos remete à temporalidade medieval na qual o sino dava o tom à vida, como um marcador do tempo, “o bater dos sinos comunica o único tempo cotidiano medido aproximadamente, o das horas canônicas pelo qual todos os homens se regulam”⁹⁴⁷. E, assim como o som dos sinos se espalhava por várias direções e conectava sentimentos religiosos, os braços da Diocese começaram a se estender para onde a cidade crescia. Ao iniciar a década de 1940 Manaus possuía três Paróquias, mas quando Dom Alberto chegou em 1949 a capital já abrigava nove Paróquias, em uma nova configuração eclesial que se entrelaçava com a vida da cidade e com ela precisava enfrentar novos desafios que se apresentavam.

1.1 O Despontar da Arquidiocese de Manaus

Manaus havia sido elevada à Diocese em 1892, pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias* de Leão XIII. Durante os seus 60 anos, seis Bispos a conduziram. A Diocese seguiu seu curso, “procurando estender suas ações às diversas localidades, estimulando o fervor

⁹⁴⁵ ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Umberto Calderaro. 1985, p. 145.

⁹⁴⁶ MELLO, Thiago. **Manaus, Amor e Memória**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984, p. 46.

⁹⁴⁷ LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 131.

devocional, se expandindo geograficamente, e gradativamente se estruturando atendendo às diretrizes propostas pela Santa Sé⁹⁴⁸. Cada Bispo contribuiu para a sua estruturação e enraizamento da Diocese, com seu carisma e seu perfil administrador. Foi um longo percurso até a chegada do último Bispo, Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-1952), e para que Manaus fosse elevada à Arquidiocese.

Outras Dioceses mais jovens receberam esse privilégio, mas Manaus continuava esperando, até que finalmente, em 1952, foi considerada pronta para iniciar sua nova fase eclesial. Com a elevação, Dom Alberto, tornou-se o seu primeiro Arcebispo, governando-a de 1952 a 1957. Em 1952, pela Bula *Ob Illud* de 16 de fevereiro, o Papa Pio XII erigiu a Província Eclesial de Manaus, desmembrando-a dos domínios de Belém, e elevando Dom Alberto Ramos a Arcebispo de Manaus. Pio XII, assim abre o documento:

“[...] em virtude daquele mandato que recebemos de Deus de governar todas as Igrejas, em qualquer parte do orbe em que se encontrem, cuidamos com particular diligência que a ordenação e administração das mesmas de tal modo se adaptem às necessidades das coisas e dos tempos, que contribuam cada vez mais para a utilidade religiosa dos fiéis[...]”⁹⁴⁹.

Dessa forma é de grande contribuição “a ereção de uma nova Província Eclesial na amplíssima região do Amazonas, na República Brasileira, pareça de muito proveito para o incremento da religião cristã[...]”⁹⁵⁰. Em Carta, a Nunciatura Apostólica parabeniza Manaus por ser elevada à Arquidiocese, falando que se eleva o seu prestígio e o seu status. Parabeniza, também, Dom Alberto Ramos por sua promoção a Arcebispo. O Núncio sugere que se aproveite o Congresso Eucarístico para realizar a Instalação da Arquidiocese de Manaus, unindo as festas Religiosa e Civil, e que será representante da Nunciatura o Monsenhor Giovanni Ferrofino⁹⁵¹.

O jornal *A Tarde*, noticiou que o Amazonas passava a ocupar posição privilegiada e que a comunidade católica estava em festa, pois “a família católica deste Estado está justamente regozijada com a elevação, pelo Vaticano, da nossa Diocese à categoria de Arquidiocese e, conseqüentemente, com a promoção do Bispo do Amazonas ao posto de Arcebispo”⁹⁵².

⁹⁴⁸ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 226.

⁹⁴⁹ Bula “*Ob Illud*” do Santo Padre o Papa Pio XII, criando a Nova Arquidiocese de Manaus. 16 de fevereiro de 1952.

⁹⁵⁰ Ibidem. 1952.

⁹⁵¹ Carta da Nunciatura Apostólica. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1952.

⁹⁵² Criado o Arcebispado do Amazonas. *A Tarde*, Manaus 3 de março de 1952.

O referido jornal presta homenagem a Dom Alberto Ramos “pelo triunfo que acaba de conquistar na sua carreira eclesiástica”, lembramos aqui que Dom Alberto era ainda um jovem Bispo, pois fora sagrado há apenas três anos, e agora tornara-se o primeiro Arcebispo da nascente Arquidiocese.

No transcorrer dos meses, antes da Instalação da Arquidiocese, Dom Alberto registrou em seus escritos que, ainda em fevereiro celebrou a primeira missa vespertina na Arquidiocese e que ocorreu a instalação do Secretariado Arquidiocesano do Ensino Religioso; no mês de março, houve a bênção da igreja de Santa Rita e a sagração do altar da capela de Sant’Ana, no Instituto Benjamin Constant; em abril foi inaugurada a JOCM (Juventude Operária Católica Masculina) e JICM (Juventude Estudantil Independente Masculina); em maio ocorreu a bênção da capela de São Lázaro, na costa do Iranduba e a sagração do altar-mor da capela de Nossa Senhora Auxiliadora. No mês de maio aparece, ainda, a ordenação, em Barcelona, do Pe. Antônio Ambrósio, SJ, amazonense, no dia 31⁹⁵³.

Esses meses foram, também, tempo de preparação para a realização do II Congresso Eucarístico de Manaus, após dez anos da realização do primeiro. Era o momento de celebrar os 60 anos de Diocese e ao mesmo tempo a sua elevação à Arquidiocese. Para compreender o efeito dos Congressos Eucarísticos e a sua permanência como parte integrante da prática católica, emprego aqui o conceito apresentado por Eric Hobsbawm de “invenção das tradições”, para a apresentar a tradição criada de realizar Congressos Eucarísticos nos âmbitos internacional, nacional e local. Uma tradição inventada se pauta em um conjunto de práticas, que envolvem regras e uma natureza ritual ou simbólica, que inoculam “valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”⁹⁵⁴. Essa tradição criada ao final do século XIX, tendo o primeiro ocorrido em 1881, na França, firmou a prática do encontro com a Eucaristia e a sua centralidade na vida católica, como fortalecimento espiritual e como instrumento de combate às forças contrárias ao Reino de Cristo.

Um Congresso Eucarístico é essencialmente revestido do sentimento de pertencimento religioso e patriótico, e se propõe a ser o mais abrangente possível, pois possui “grande alcance social e político, porque visa dilatar e estimular a Eucaristia, fonte e centro da vida

⁹⁵³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁵⁴ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 9.

cristã, fazendo sentir na sociedade a exuberância dos frutos do Evangelho”⁹⁵⁵. A realização dos Congressos passou a marcar a vida católica, levando a grande concentração de fiéis, permanecendo e ganhando força como uma prática antiga, embora recente, como uma tradição que repetida ganha longevidade e deixa a sensação de que estava presente desde tempos mais remotos. Em 1952, o II Congresso Eucarístico de Manaus marcava também a preparação para a realização do VI Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belém, em 1953, e para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro, em 1955.

Dom Alberto, ao registrar sobre a preparação do II Congresso Eucarístico, afirma que esta começou ainda em 1950, com a consagração à Nossa Senhora, a 1º de novembro. Depois aparecem outros eventos preparatórios: visita da imagem peregrina de Nossa Senhora do Carmo; pregação da mensagem de Fátima pelos Missionários Capuchinhos portugueses, Frei Jerônimo e Frei Mateus; peregrinação da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora por todo o Brasil; pregação da Cruzada do Rosário, em Manaus, dirigida por frei Marinho Olive, OP, além das Santas Missões nos subúrbios de Manaus pelos RR. Padres João Alberto, Cornélio e Geraldo, Lazaristas; Horas Santas para Religiosas pregadas por Dom Alberto; Tríduos Eucarísticos em todas as Paróquias; Congressinhos Eucarísticos nos Colégios; Semana da Bíblia e Semana da Missa promovidas pela AC⁹⁵⁶.

Quando despontou o ano de 1952, intensificou-se a preparação com momentos de grande concentração. No dia 1º de janeiro houve a abertura do Ano do Congresso, no dia 1º de maio o encerramento das Santas Missões, e em 1º de junho a Festa de Pentecostes⁹⁵⁷. Durante toda essa fase preparatória, quero ressaltar os elementos romanizantes evidenciados, primeiro nos vários momentos dedicados à Nossa Senhora, como centro de força de fé e de proteção da Igreja, agora respaldado com mais um dogma mariano, o da Assunção proclamado em 1950. Segundo, na centralidade eucarística, sob o comando eclesial, com o auxílio da AC que é parte essencial do projeto de neocristandade. E ainda, a continua presença dos Lazaristas para promover reflexões e devoções mais centradas.

⁹⁵⁵ ZANOLLA, Frei Renato. **IX Congresso Eucarístico Nacional de Manaus**: radio programas SERPAL – vol. 29. Vozes, 1975.

⁹⁵⁶ **II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas**. 1952.

⁹⁵⁷ Ibidem. 1952.

Na comissão de honra do Congresso Eucarístico, entre outras pessoas, aparece Getúlio Vargas, Álvaro Maia, governador do Amazonas, os dois Cardeais e o Núncio Apostólico. A comissão efetiva do Congresso era composta pelo presidente Dom Alberto Ramos, pelo secretário o Pe. Walter Nogueira e pelo tesoureiro, o Pe. João Alves da Costa. Na comissão de honra estavam: os Arcebispos de Belém e de São Luís; os Prelados do Vale Amazônico; dos Bispos de Niterói e o Auxiliar do Rio de Janeiro; o Monsenhor Ferrofino, Auditor da Nunciatura; o Prefeito Municipal de Manaus Álvaro Bandeira de Melo; o presidente da Assembleia Legislativa; o presidente do Tribunal de Justiça; o Comandante da Guarda Federal; e os senhores Comendador Agesilau Araújo, Ermindo Barbosa, José Ribeiro Soares e Mansour Francis Cheuhan⁹⁵⁸.

O Congresso Eucarístico se apresentava como uma grande preparação para o VI Congresso Nacional, a ocorrer no ano seguinte em Belém, como o grande momento comemorativo de criação da nova Província Eclesiástica e a promoção de Dom Alberto Ramos à dignidade de Arcebispo Metropolitano⁹⁵⁹. A Instalação da Arquidiocese de Manaus ocorreu oficialmente a 2 de julho, em solenidade realizada na Catedral, quando monsenhor João Ferrofino, auditor da Nunciatura Apostólica do Brasil, representando Dom Carlos Chiarlo, procedeu à leitura da bula papal⁹⁶⁰. Na Carta Pastoral de Instalação da Arquidiocese, Dom Alberto faz um breve resumo sobre a trajetória da Diocese, destacando algumas ações de seus antecessores, e referindo ao progresso de Manaus no campo espiritual, educacional, cultural e assistencial, caminho preparado para a ereção da nova Província Eclesiástica. A Carta apresenta o programa para esta fase de Arcebispado que se inicia:

[...] Urge aperfeiçoar a organização da Cúria Metropolitana, da Ação Católica, da Assistência Social. Cumpre-nos ampliar e aprofundar a cultura religiosa do povo pela instrução cristã e todos os estabelecimentos de ensino, pela constituição de cursos intensivos para a formação de catequistas, pelo desenvolvimento e disseminação da Boa Imprensa, pelo noticiário radiofônico, pelo aproveitamento das reuniões de associações de piedade para aulas de Religião, pelas bibliotecas circulantes e pela conferências doutrinárias e científicas. Importa congregar todas as forças católicas, num trabalho conjunto, para evitar dispersão de energias e até dissensões estéréis e prejudiciais. Arcebispos e Sacerdotes, Comunidades Religiosas e Obras Paroquiais, todos devem colaborar, visando acima de tudo e apesar de tudo **Restaurar tudo em Cristo**, para que a

⁹⁵⁸ Ibidem. 1952.

⁹⁵⁹ Ibidem. 1952.

⁹⁶⁰ **Ata da Instalação da Arquidiocese de Manaus e tomada de posse do Primeiro Arcebispo Metropolitano.** 2 de julho de 1952.

Arquidiocese reproduza em si as notas características da verdadeira Igreja: **unidade** de objetivos, **santidade** nos espíritos e nas orações, **universalidade** no exercício da caridade, para com todos, **apostolicidade** em todas as atividades individuais, familiares e sociais [...].⁹⁶¹

Dom Alberto passou, desse momento em diante, a ser o primeiro Arcebispo de Manaus, e aqui quero mencionar o brasão colocado no início desta tese com a devida descrição, que expressa claramente, a meu ver, a romanização que veio serpenteando a Amazônia e se expressa na vontade do Arcebispo de sempre obedecer aos mandamentos e às leis, e a força da cruz sobre as planícies e águas amazônicas. Esse brasão me transmite o triunfo da Igreja na Amazônia, literal ou desejado, a obediência e sintonia firmada com a Santa Sé. Mas, positivamente, os ramos colocam o clero e o laicato como braços de um mesmo processo, embora expressem, também, que devem caminhar na mesma direção, no sentido de firmar a verdadeira fé.

Passaram a pertencer à Província Eclesiástica de Manaus, as Prelazias Nullius: Rio Negro, Rio Branco, Juruá, Lábrea, Porto Velho, São Peregrino Laziosi nos Altos Acre e Purus, Altos Solimões e Tefé. Como sede metropolitana ficou a própria cidade de Manaus, e o Metropolita passou a ser Dom Alberto Gaudêncio Ramos, ficando os demais Prelados sujeitos à jurisdição metropolitana da Arquidiocese de Manaus⁹⁶².

Após a solenidade de Instalação da Arquidiocese, procedeu-se à abertura do II Congresso Eucarístico Regional da Amazônia (II CERA), realizado de 2 a 6 de julho de 1952. Na abertura do Congresso, foi instalada oficialmente a Arquidiocese, tomando posse o primeiro Arcebispo de Manaus Dom Alberto Gaudêncio Ramos. O Amazonas iniciava, assim, um novo capítulo de sua história eclesial, colhendo os frutos dos 60 anos da Diocese⁹⁶³. Dom Mário Vilas-Boas e Dom Jaime de Barros Câmara, que estiveram presentes no I Congresso, estavam de volta dez anos depois para o II Congresso e para celebração da tomada de posse do novo Arcebispo. Coube a Dom Mário fazer o sermão. Manaus, passava novamente por intensa renovação espiritual, sendo um dos conferencistas

⁹⁶¹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta Pastoral de Instalação da Arquidiocese de Manaus**. Manaus, 1952.

⁹⁶² Ibidem. 2 de julho de 1952.

⁹⁶³ MACIEL, Op. cit., 2018, p. 28.

do Congresso, Dom Helder Câmara, “foram seis dias de grandes realizações religiosas e espirituais que envolveram a cidade de Manaus”⁹⁶⁴.

Também se fizeram presentes Dom Gregório Alonso da Consolação, Bispo do Marajó, Dom Joaquim de Lange, Bispo de Tefé, e Dom José Domitrovich, Bispo do Porto Velho⁹⁶⁵, Dom João Costa, Dom Antônio Campelo de Aragão, Bispo Auxiliar de Cuiabá, Dom Luiz Palha, Bispo de Conceição do Araguaia e Dom Eliseu Maria Carolli, Bispo do Guamá. Também padres vindos de várias localidades como Rio Branco, Porto Velho e Itacoatiara participaram do Congresso com suas delegações⁹⁶⁶.

O Jornal *A Tarde*, também se referiu ao Congresso como um empolgante espetáculo divinizador, que reuniu Bispos, padres e a multidão de fiéis, se refere ao momento da chegada da procissão fluvial que deu abertura ao II CERA: “o magnífico espetáculo de fé cristã que foi o encontro nas imediações do Paredão com o navio Cristóforo, que é um sonho de Dom Macedo Costa, hoje realizado, significou um atestado impressionante do sentimento religioso do nosso povo”⁹⁶⁷. O Santíssimo Sacramento foi conduzido para a Catedral, onde a multidão de fiéis recebeu a bênção pelas mãos de Dom Alberto. O governador do Estado, junto com sua casa civil e militar participou do grande espetáculo da posse do primeiro Arcebispo e da elevação de Manaus à Arquidiocese, e “estava assim elevada a Diocese a categoria de Arquidiocese através da Bula Pontifícia lida pelo representante do Nuncio Apostólico com a celebração da primeira missa pelo Arcebispo Dom Alberto Gaudêncio Ramos”⁹⁶⁸.

Coube a Dom Mário Vilas-Boas a oração congratulatória “Cristo reina e a Igreja vence!”. Conhecido como um dos grandes oradores sacros do Brasil, lembrou como a modernidade, e de forma mais intensa o materialismo, acreditou que a Igreja desapareceria no século XX, no entanto, afirmou que “a Cruz se mantém mais erguida e brilhante como um sol luminosíssimo que jamais poderá ser ofuscado pelos ímpios”⁹⁶⁹. Continuou o discurso falando da missão enobrecedora da Igreja Católica, exaltando os missionários da

⁹⁶⁴ RAMOS, Op. cit., 2006, p.78.

⁹⁶⁵ II Congresso Eucarístico. **A Tarde**, Manaus 25 de junho de 1952.

⁹⁶⁶ Dias Espledentes de fé cristã viverá o Amazonas. **A tarde**, Manaus 30 de junho de 1952.

⁹⁶⁷ Apoteose de fé cristã! O povo de Manaus vibra diante do empolgante espetáculo divinizador. **A Tarde**, Manaus 3 de julho de 1952.

⁹⁶⁸ Ibidem. 3 de julho de 1952.

⁹⁶⁹ Cruz sempre erguida e brilhante! **A Tarde**. Manaus, 3 de julho de 1952.

Amazônia, destacando a figura de Dom Antônio de Macedo, e todos que seguiram semeando neste vasto chão.

O Cardeal Dom Jaime Câmara, foi recebido, no dia seguinte, com honras de chefe de Estado pelo governador Álvaro Maia e homenageado pela população como “um poderoso baluarte da Igreja, sempre disposto a empregar seus esforços para que a Cruz se mantenha erguida e brilhante, como um sol luminoso de fé cristã”⁹⁷⁰. O II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas foi retratado como “espetáculo empolgantíssimo de religiosidade”⁹⁷¹, como um brado de fé para a Humanidade. Em um contexto conturbado, de Guerra Fria, a Igreja exalta a paz que vem de Jesus Cristo, sendo os Congressos um sinal de sua presença no Mundo. Neste mesmo ano, Pio XII declarou que a sociedade cristã deve apoiar o livre intercâmbio de ideias e conter os conflitos que dividem os grupos humanos, e que a pacificação não deve ser pautada apenas em bases materialistas, pois a prioridade é o bem-estar dos filhos de Deus⁹⁷².

O segundo dia do Congresso foi dedicado às Crianças, com numerosas delas recebendo a Eucaristia. Este dia foi encerrado com a pregação de Dom Luiz Palha, Bispo de Conceição do Araguaia, com o tema “A Eucaristia e a Sociedade”, e com o deputado André Araújo saudando os peregrinos. O II CERA, proporcionou um encontro entre Prelados que foi um ponto de renovação espiritual e certamente um grande momento de fortalecimento de laços e articulações entre eles. O Episcopado de atuação na década de 1940 e 1950, era filho das grandes ações desenvolvidas após separação entre Igreja e Estado, que se fortaleceu e se expandiu nas primeiras décadas da República, e que nesse contexto se apresentava muito mais preparados para efetivar os projetos eclesiais em suas áreas de atuação e se relacionar com o poder local e nacional. A visibilidade dessas relações por meio de eventos religiosos e civis, se configuravam em espaço de encenação, em grandes espetáculos, utilizo aqui mais uma vez o conceito de Miceli⁹⁷³.

E, o II CERA foi uma dessas oportunidades de entrelaçamento de poderes e de visibilidade de alianças, sejam elas entre poder político e eclesiástico ou dentro do próprio Episcopado brasileiro. No dia três, um grande passo foi dado, posto que realizou a primeira

⁹⁷⁰ Manaus Exultante de Fé: S. Eminência Revdma. Dom Jaime Câmara espalha seu verbo convincente por entre bênçãos ao povo amazonense. **A Tarde**. Manaus, 5 de julho de 1952.

⁹⁷¹ Ibidem. 5 de julho de 1952.

⁹⁷² Pio XII Acentua a Necessidade de Pacificar os Conflitos Humanos. **A Tarde**. Manaus, 11 de outubro de 1952.

⁹⁷³ MICELI, Op. Cit., 2009, p. 129.

reunião de Prelados do Vale Amazônico, Pará e Amazonas. De acordo com Riolando Azzi, quem teria convocado essa reunião seria Dom Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico, e que tanto esta reunião, como a ocorrida no Vale do São Francisco seriam preâmbulos para a criação da CNBB, e ainda menciona a participação efetiva da AC nesse processo⁹⁷⁴. Na coletânea de documentos *Desafio Missionário*, Dom Claudio Hummes cita o 1º Encontro do Episcopado na Amazônia, afirmando que foi a partir daí que o “o grito dos Bispos da Amazônia ecoou pelo Brasil (e pelo mundo) e, desde então, cresce a consciência de que a evangelização, nesta vasta região brasileira, é responsabilidade de toda a Igreja no Brasil”⁹⁷⁵. Essa coletânea, afirma que foi este Encontro que revelou nos Bispos da Amazônia necessidade de:

[...] organizar-se e expressar sua corresponsabilidade além dos limites das próprias prelazias e dioceses e em nível de todo o Brasil. Deram-se conta de que, isolados, separados uns dos outros, cada um perdido no mundo amazônico, não tinham condições de acompanhar os novos tempos [...], sentiram-se chamados a acompanhar e avaliar os projetos do Governo, especialmente o plano da integração e valorização da Amazônia, que levaria a criação da Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazonia – SPVEA⁹⁷⁶.

Dom Alberto registrou esse Encontro, ocorrido no dia três de julho, como segunda reunião dos Prelados⁹⁷⁷, por considerar o Primeiro Congresso Eucarístico como o primeiro Encontro do Episcopado da região. Este foi sem dúvida um grande momento, a elevação de Manaus à Arquidiocese e de Dom Alberto a seu primeiro Arcebispo, firmada no II CERA, foi coroada com o marco histórico dos Prelados da Amazônia reunidos em Assembleia para refletir e dar encaminhamentos sobre a região, mostrando que a Igreja na Amazônia estava ativa e consciente de sua missão. E, o palco para esse acontecimento foi Manaus, em seu momento de apoteose.

A estadualização, era um sucesso, cada Estado havia passado gradativamente pelo processo, além de todas as capitais, alguns deles passaram a ter várias Dioceses⁹⁷⁸. No

⁹⁷⁴ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 607.

⁹⁷⁵ **Desafio Missionário**: documentos da Igreja na Amazônia - Coletânea. Brasília, Edições CNBB, 2014.

⁹⁷⁶ Com a implantação da SPEVA entrava em execução a Amazonia Legal, agregando parte do maranhão e do mato grosso, e o atual Estado do Tocantins, chegando a uma área de 5.033.081 km quadrados, que continha 41 Prelazias naquele contexto. Ibidem. 2014, 198-199.

⁹⁷⁷ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁷⁸ MICELI. Op. cit., 2009, p. 65.

Norte, existia, até pouco antes do Congresso, apenas uma Província Eclesiástica, uma diocese, seis prelazias, e duas Prefeituras Apostólicas. Diante da dimensão territorial da Diocese, Dom Alberto havia solicitado da Nunciatura a transformação das Prefeituras Apostólicas de Tefé e do Alto Solimões em Prelazias, em 1950. No último dia do Congresso, ocorreu a sagração de Dom José Nepote Fus e Dom Joaquim de Lange para assumirem as Prelazias de Rio Branco e de Tefé, sendo a sagração foi oficializada por Dom Jaime, Dom Mário e Dom Alberto⁹⁷⁹.

E, em 1955, nasceria nova Prelazia, a de Parintins, sob a responsabilidade do PIME, e Dom Alberto acompanhou de perto todo o processo⁹⁸⁰. Mas a grande mudança na estrutura eclesiástica da Amazônia, foi a criação de sua segunda Província Eclesiástica, com Manaus elevada à Arquidiocese em 1952, e esta passar a abrigar um conjunto de Prelazias. Os Prelados da Província Eclesiástica de Manaus passaram, a partir do II CERA, a manter encontros periódicos. Contando com a Igreja de Manaus, até o ano de 1952 chegou-se a 20 Arquidioceses e 115 Dioceses em todo o Brasil.

No dia 4, dedicado às Famílias, a celebração foi presidida por Dom João da Mata, e em seguida, todos os Bispos foram levar comunhão aos doentes de Manaus⁹⁸¹. No encerramento deste terceiro dia, o padre Raimundo Nonato Pinheiro proferiu seu discurso sobre a “Eucaristia e Família”, e o Arcebispo do Maranhão, Dom José de Medeiros Delgado, falou sobre o divórcio e a indissolubilidade do casamento pela Igreja Católica, destacando Dom Jaime Câmara com seu sermão sobre o Catecismo. A solenidade, ocorrida na praça do Congresso, foi um dos espetáculos mais significativos, assim descreveu o jornal *A Tarde*. Após os discursos, a multidão de fiéis confessou e comungou⁹⁸². Ao final da noite ocorreu a confissão para os homens⁹⁸³.

O dia cinco foi dedicado à Juventude, a celebração inicial foi presidida por Dom Alberto onde concedeu a tonsura e as ordens menores aos seminaristas, e comunhão para moças e rapazes das escolas secundaristas. À noite, na última sessão solene, Dom Hélder Câmara,

⁹⁷⁹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 125.

⁹⁸⁰ CERETTA, Op. cit., 2014, p. 520.

⁹⁸¹ **II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas**. 1952.

⁹⁸² Manaus Exultante de Fé: S. Eminência Revdma. Dom Jaime Câmara espalha seu verbo convincente por entre benções ao povo amazonense. **A Tarde**. Manaus, 5 de julho de 1952.

⁹⁸³ **II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas**. 1952.

Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, pregou sobre “A Eucaristia e a Juventude”, e o governador Álvaro Maia, fez a Saudação a Pio XII⁹⁸⁴.

O II CERA, marcou uma nova fase de religiosidade para a recém-inaugurada Arquidiocese, com a presença do Cardeal, de Arcebispos e Bispos para a imponente festa litúrgica que “fez Manaus viver horas apoteóticas de fé, participando do II Congresso com todo entusiasmo e louvor do povo amazonense [...] Vitória para a Igreja, triunfo para os católicos que são quase toda a população de Manaus na pujança de fé religiosa”⁹⁸⁵. Assim, o jornal *A Tarde* registrou o encerramento do Congresso, lembrando as palavras de Dom Jaime, repetidas em seus sermões, que o povo de Manaus era “religioso e bom, católico por sentimento e tradição”⁹⁸⁶. O livreto do II CERA assim registrou:

O Congresso Eucarístico foi assim realçado pelo magno acontecimento da instalação da nova Arquidiocese, acrescido da tomada de posse do primeiro Arcebispo metropolitano, da coroação pontifícia da imagem peregrina de Nossa Senhora Auxiliadora, da reunião de todo o Episcopado do Vale Amazônico, da sagração de dois bispos missionários e da primeira visita de um membro do Colégio Cardinalício ao Amazonas⁹⁸⁷.

Em Circular, no último dia do Congresso, Dom Alberto comunica oficialmente a instalação da Arquidiocese de Manaus e sua tomada de posse como primeiro Arcebispo Metropolitano, pela execução da bula “*Ob Illud*” de Pio XII, de 16 de fevereiro do corrente ano⁹⁸⁸. Ao tomar posse da recém-instalada Arquidiocese, Dom Alberto recebeu privilégio especial da Santa Sé para exercer o poder episcopal, pois ainda não havia recebido o palio.

A procissão de encerramento do II Congresso saiu da igreja dos Remédios e percorreu a avenida Joaquim Nabuco, a avenida 7 de Setembro e a avenida Eduardo Ribeiro para chegar à Praça do Congresso. Depois da bênção do Santíssimo Sacramento, Dom Alberto falou que aquela era a hora do reconhecimento e da gratidão, “afirmou que o Congresso Eucarístico de Manaus tinha sido um milagre, pois tendo âmbito regional, espalhou-se por todo o Brasil, pois de todos os Estados da Federação havia recebido adesões, quando não

⁹⁸⁴ Ibidem. 1952.

⁹⁸⁵ Encerrado Apoteoticamente: a Imponente Festa Litúrgica o grau religioso do nosso povo, católico por sentimento e tradição. **A Tarde**. Manaus, 7 de julho de 1952.

⁹⁸⁶ Ibidem. 7 de julho de 1952.

⁹⁸⁷ **II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas**. 1952.

⁹⁸⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular nº 1**. Manaus 06 de julho de 1952.

representantes”⁹⁸⁹. Mencionou a colaboração dos poderes públicos e terminou ovacionando o Santo Padre, o Cardeal Jaime e os Arcebispos do Brasil.

Neste ano de elevação, novos núcleos da Ação Católica foram implantados, um grande reforço para as atividades do movimento. Além dos já citados acima, temos a fundação da Juventude Operária Católica (JOC) e da Juventude Universitária Católica (JUC). Para Celestino Ceretta, “foi um tempo forte na formação da consciência cristã”⁹⁹⁰. Encontramos, também, neste ano, a solicitação de Frei José de Leonissa para que fosse erigida canonicamente na Paróquia de São Sebastião uma Congregação Mariana, com os títulos de Nossa de Fátima e São Francisco de Assis para os homens⁹⁹¹. Esses aspectos mostram o crescimento da participação laical na Arquidiocese.

Mas os documentos também revelam que Dom Alberto não estava satisfeito com a caminhada da Arquidiocese. Em carta à Nunciatura, ele fala que o ambiente cultural, leigo e do clero é deficiente. Ele diz verificar com tristeza, que nem os documentos da Santa Sé são muito lidos, e que sugeriu na última reunião do clero que fosse mudado o roteiro que sempre é seguido, pedindo a dois padres para apresentarem os discursos recentes do Santo Padre na próxima reunião. No meio dos leigos, diz ele, a ignorância e a indiferença ainda são maiores, com exceção dos círculos de estudo da Ação Católica. O Arcebispo demonstra preocupação com desvios que rondam em todos os cantos, por isso, o perigo de conhecer pouco da doutrina da Igreja⁹⁹².

Para o Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas, a ocorrer nas férias, foram indicados os Freis Ambrósio de Gaifana e Miguel Ângelo de Marenella para contribuir com o programa apresentado pelo Arcebispo⁹⁹³. No mês de julho registou-se, também, a primeira missa na capela de São José do Miuá, em Codajás. Na reunião do clero de 10 de setembro aparece a intenção do Arcebispo em manter um noticiário radiofônico para o interior do Estado, uma vez por semana, e para tanto solicitou aos párocos informações sobre a estação de rádio que fosse de maior alcance, dia e horário mais conveniente para a transmissão⁹⁹⁴. Seguindo a agenda do mês, foi implantada na Arquidiocese a União Missionária do Clero;

⁹⁸⁹ **II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas**. 1952.

⁹⁹⁰ CERETTA, Celestino. Op. Cit. 2014, 520.

⁹⁹¹ LEONISSA, José. **Solicitação de Ereção Canônica da Congregação Mariana na Paróquia de São Sebastião**. 28 de junho de 1952.

⁹⁹² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular Reservada 13839**. Manaus, 28 de agosto de 1952.

⁹⁹³ CASTALDA, Pio de Casa. **Circular Reverendo Interino**. 30 de dezembro de 1952.

⁹⁹⁴ **Boletim Arquidiocesano**. 10 de setembro de 1952.

a bênção da capela do Coração de Maria na Boca do Miriti; a bênção da capela de Nossa Senhora de Nazaré no Lago do Muritinga; a bênção da capela de Cainamazinho, na paróquia de Itacoatiara⁹⁹⁵.

No mês de outubro ocorreu a Assembleia de Instalação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entre os dias 14 e 17, sendo o Cardeal Mota o primeiro presidente e Dom Helder o secretário geral⁹⁹⁶. Na Assembleia, pela primeira vez, estavam reunidos os dois cardeais e os 18 Arcebispos. Homenagearam Dom Sebastião Leme, celebrando por sua alma, e procederam a visita ao Palácio do Catete e ao Itamarati, onde debateram sobre a História do Brasil e a História da Igreja nesse território dos Bispos do Brasil. Durante a realização da Conferência, um dos principais temas foi o divórcio, que estava agitando a opinião pública no Brasil, A Igreja se posiciona contra os divorcistas buscando, no campo da política, que o eleitorado católico possa votar de acordo com seus princípios⁹⁹⁷. Durante a Assembleia, Dom Alberto foi eleito presidente do Secretariado Nacional do Ensino Religioso.

Em Manaus, ocorreu no mês de outubro a instalação da comunidade das Legionárias de Nossa Senhora Rainha dos Corações em Manaus, e ao final do ano a inauguração do convento dos Redentoristas⁹⁹⁸. O ano de 1953 chegou trazendo ótimas notícias. Em 12 de janeiro Pio XII oficializou o nome dos novos Arcebispos e ordenou a entrega dos seus pálios. O Antístites de Manaus recebeu o pálio através do seu procurador Monsenhor Jacinto Parísio, a 17 de janeiro⁹⁹⁹.

A grande solenidade da imposição do símbolo da jurisdição arquiépiscopal a Dom Alberto, o primeiro Metropolitano de Manaus, ocorreu em celebração na Catedral de Manaus, no domingo 11 de abril, pelo sufragâneo mais antigo, e na presença de todos os Prelados desta Província Eclesiástica¹⁰⁰⁰. Após a imposição do pálio por Dom Frei José Alvarez, ocorreu a bênção pontifical a todos os presentes, e o clero foi convidado a venerar o sagrado

⁹⁹⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁹⁶ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 Anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 154.

⁹⁹⁷ Combate ao Divórcio: dois Cardeais e dezoito Arcebispos reunidos no Rio em Conferência. **A Tarde**. Manaus, 18 de outubro de 1952.

⁹⁹⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

⁹⁹⁹ Grandiosa Solenidade na Catedral. **Universal**, 5 de abril de 1953, n.1, ano I.

¹⁰⁰⁰ Ibidem. 5 de abril de 1953.

pálio, insígnia benzida pelo próprio Papa, “comparecendo diante do altar, e beijando-o, de pé, com as mãos juntas”¹⁰⁰¹.

No dia anterior, no sábado, ocorreu a Reunião dos Prelados da Província Eclesiástica de Manaus, sob a direção de Dom Alberto, visando a preparação para a reunião da CNBB, a ser realizada em Belém após o VI Congresso Eucarístico Nacional, objetivando estudos sobre os assuntos propostos na primeira reunião dos Arcebispos¹⁰⁰². Essa foi a Segunda Reunião de Prelados desta Província Eclesiástica, considerando a geral de 1952 como a primeira. No dia seguinte, foi confirmado o padre Luiz Pereira Machado como vigário da Catedral, e a 31 de maio Monsenhor Manoel Monteiro da Silva foi confirmado como Vigário Geral da Arquidiocese¹⁰⁰³.

Em 1953, deu-se a expansão das Congregações Marianas em Manaus, sendo implantadas nas paróquias: CM de Nossa Senhora de Nazaré; CM de Nossa Senhora da Consolação; CM de Nossa Senhora de Fátima; CM de Nossa Senhora da Glória; e CM de Nossa Senhora da Conceição, na Catedral. No *Jornal Universal* aparece a Convocação para Assembleia Geral, feita pela Federação Mariana para todas as Congregações Marianas¹⁰⁰⁴. Outro acontecimento importante para esta associação foi a entrega da fita para as novas integrantes da Pia União das Filhas de Maria, a 31 de maio de 1953, na Paróquia de São Sebastião¹⁰⁰⁵.

Ainda no primeiro semestre, Dom Alberto realizou a inauguração do Teatro no térreo da Casa Nossa Senhora da Divina Providência, na paróquia de São Sebastião, a abertura da Escola Noturna das Doroteias, em Itacoatiara, e a bênção da primeira pedra do santuário do Sagrado Coração, e, sua eleição, por unanimidade, para a Academia Amazonense de Letras, a 19 de maio¹⁰⁰⁶. No mês de junho, na reunião do clero de 1953, aparece uma nota sobre o *Jornal Universal*, dizendo que não é um órgão arquidiocesano, mas que é um jornal de católicos, e Dom Alberto finaliza dizendo que os sacerdotes devem colaborar intelectualmente ou financeiramente, pois o clero precisa apoiar a imprensa católica¹⁰⁰⁷.

¹⁰⁰¹ As Grandiosas Solenidades de Hoje. **Universal**. 12 de abril de 1953, Ano I.

¹⁰⁰² Ibidem. 12 de abril de 1953.

¹⁰⁰³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁰⁴ Mundo Mariano. **Universal**. 19 de abril. Manaus. Ano I.

¹⁰⁰⁵ Noticiário Paroquial. **Universal**. Ano I, n. 8, 24 de maio.

¹⁰⁰⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁰⁷ **Boletim Arquidiocesano**, 11 de junho de 1953.

Não era arquidiocesano, mas o Arcebispo saberá muito bem utilizar-se dele como instrumento de anúncio a afirmação das diretrizes de sua administração.

Estava sendo implantado em Manaus um jornal católico de maior alcance e sintonizado com as ideias da Boa Imprensa, o que Jérri Marin aponta como função do jornal católico nas duas décadas anteriores se encaixa no perfil do *Universal*, era um instrumento combativo com inserção nos diversos setores sociais, e, portanto, de maior alcance, objetivando mobilizar por meio da Ação Católica, transformando “as relações entre a hierarquia eclesiástica e os católicos, aproximando-os na defesa dos interesses religiosos”¹⁰⁰⁸. E, aqui em Manaus, o *Universal* foi criado e dirigido pela AC, com assessoria de um padre, com colunas e notas que apresentavam questões internas, do andamento e estruturação da Igreja de Manaus, e abordando temas de impacto religioso e social, com direcionamento para o que era o correto aos olhos da Igreja.

Nas fases anteriores, especificamente desde 1919, vê-se em Manaus um periódico católico intitulado *Boletim Paroquial*, mas de pequeno alcance pelo conteúdo e por circular apenas nas paróquias, que naquela ocasião eram três. Na década de 1930, o *Boletim Paroquial* ampliou-se parcamente, já coordenado pela liderança dos Moços Católicos, passando a intitular-se *A Reação*, que na década seguinte teve uma circulação mais ampla motivado pelos acontecimentos eclesiásticos, como a realização do I Congresso Eucarístico, e pela ampliação para nove paróquias na capital. Mas ao se comparar os três, o *Universal* possuía maior estrutura e articulação, o que lhe permitiu alcançar melhor os objetivos de inserção na sociedade e sua conexão com temáticas religiosas e visibilidade das diretrizes da Igreja.

No primeiro número do *Universal*, lê-se na primeira página as palavras de Dom Alberto sobre este projeto que nasceu do idealismo de jovens que veem a urgência de um órgão que defenda a Justiça Social e que propague a Cultura. Dom Alberto diz que o periódico não pode ser igual a tantos outros, ele tem que “ser um paladino da Verdade, respeitador das instituições dignas, porém destemido e livre de compromissos humilhantes”, e que em tempos de valorização da economia ele busque, também, a valorização moral e intelectual da Amazônia¹⁰⁰⁹. É dessa forma que o *Jornal Universal* lançado a cinco de abril de 1953,

¹⁰⁰⁸ MARIN, Jérri Roberto. Reflexões sobre a Imprensa católica no Brasil. In: **Religião e Sociedade**. 2018, p. 211.

¹⁰⁰⁹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Estimulando e Abençoando. 30 de março de 1953. **Universal**. Manaus, 5 de abril de 1953, n. 1, Ano 1.

se apresenta, como um *Paladino da Verdade e da Justiça*. Como dirigente do *Universal* aparece o presidente da JUC, naquela ocasião, João Vicente Torres.

Dentre as colunas do *Universal*, estão essas: Governo Arquidiocesano; Pelo Seminário; De Estudante para Estudante; Coluna Operária; Ação Católica; Correio Feminino; Relembrando a Doutrina; Mundo Mariano; Vida Litúrgica; Notas Vicentinas; De tudo um pouco; Notícias Diversas; Noticiário Paroquial; Acontecimentos da Semana; Horário das Missas; Artes e Letras, entre outros. Tais estruturas buscam fazer uma grande conexão com o cotidiano da Arquidiocese, e as questões mais amplas da Igreja, e os problemas apontados por ela. E, partir daqui utilizaremos algumas delas para evidenciar aspectos do cotidiano administrativo da Arquidiocese.

Em meio às colunas aparecem, constantemente, temáticas reflexivas e apologéticas, que trazem questionamentos e esclarecimentos à luz do projeto civilizador católico. Dentre as temáticas aparecem a questão do divórcio, da mulher, do Comunismo, do Espiritismo, do Protestantismo e de quais são as boas leituras e bons filmes para católicos. Também, no *Universal*, aparecem diretrizes Papais, e do Arcebispo, dos Encontros dos Prelados da Amazônia, e Cartas Pastorais. Algumas delas foram de grande utilidade para visualizar aspectos da Arquidiocese¹⁰¹⁰.

Ainda no mês de abril, o *Universal* colocou em primeira página a mensagem dos Prelados da Província Eclesiástica de Manaus, expressam a gratidão dos povos amazônicos ao Santo Padre Pio XII, pela Constituição Apostólica *Christus Dominus*, a partir da escuta das necessidades dos tempos modernos, facilitando o múnus sacerdotal para o atendimento aos fiéis e sua frequência à Comunhão. A mensagem diz ainda, que Pio XII estava completando as trilhas abertas por Pio X, para levar todos à Mesa da Eucaristia. Nesta mensagem os Prelados, pontuam, também, a questão da família, do alcoolismo, reforma agrária, formação política e sobre a vida religiosa¹⁰¹¹.

No primeiro semestre há o registro de uma visita pastoral de Dom Alberto para a Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru, com um roteiro de escala em 11 localidades. O *Universal* informou que o Arcebispo Metropolitano de Manaus “percorrerá

¹⁰¹⁰ Não encontrei até quando funcionou o *Universal*, o último exemplar que encontrei, já mais resumido, data de 15 de janeiro de 1961, de n. 377, Ano IX.

¹⁰¹¹ Mensagem dos Exmos. Snrs, Arcebispo e Bispos Prelados da Província Eclesiástica de Manaus. **Universal**. Manaus, 19 de abril de 1953, n. 3, Ano I.

aquela região, pregando a Palavra de Deus, administrando o sacramento do Crisma e outros sacramentos”, em uma viagem de 4 a 16 de maio¹⁰¹².

A partir do jornal, verificamos, também, aspectos da vida pastoral, como o andamento da aplicação da Catequese. Ao iniciar as atividades catequéticas no mês de março, Dom Alberto escreveu: “todos compreendem a função básica do ensino de Religião, sem ele nada se pode esperar, nada se pode realizar”¹⁰¹³. O catecismo paroquial ocorria todos os domingos, e o catecismo escolar ocorria conforme o horário das escolas. Nas paróquias o total, para aquele ano, foi de 2.064 catequizandos, que eram acompanhados por Irmãs e alunas do Dorotéia e militantes da AC.

Nas escolas, as catequistas eram as Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, as Irmãs de Caridade, professoras e moças da AC, e a aplicação da Catequese se dava em escolas que funcionavam como núcleos: Grupo Escolar Nilo Peçanha; Grupo Escolar José Paranaguá; Grupo Escolar Barão do Rio Branco; Grupo Escolar Farias de Brito e do Colégio Progresso, além da Catequese de adultos, que funcionava na sede da AC. Nas escolas e na sede da AC, vê-se, para este ano, o total de inscritos de 1.961 crianças e 73 adultos, e total de catequistas: 5 Religiosas; 17 Professoras; e 45 Militantes¹⁰¹⁴.

Vale ressaltar que na fase de romanização o Episcopado toma para si a responsabilidade do ensino do catecismo, aos moldes de Pio X, com a necessidade de exercer o controle sobre o conhecimento da doutrina cristã, mais do que em outras fases da vida na Igreja, para levar à obediência que veja no Catolicismo a única verdade¹⁰¹⁵. Algo revelador dessa força é que a maioria dos que ministram a Catequese são provenientes do laicato, e mais especificamente maioria de mulheres, tomando para si a missão de catolizar e recatolização da sociedade.

O *Universal* destacou, também, a Obra das Vocações Sacerdotais nos dando o alcance do envolvimento e da arrecadação. Todos eram mobilizados a colaborar no investimento das vocações, movimentos e institutos. No mês de junho, aparece registrado os donativos, capital e interior, referente ao ano anterior: Casa da Criança, Casa da Criança “Menino Jesus”, Beneficente Portuguesa, Santa Casa de Misericórdia, Colégio Dom Bosco, Colégio

¹⁰¹² Visita Pastoral. **Universal**. Manaus, 3 de maio de 1953, n. 5, Ano I, p. 3.

¹⁰¹³ Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

¹⁰¹⁴ Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

¹⁰¹⁵ PASSOS, Mauro (Org.). **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 36.

Santa Dorotéia, Mães Cristãs, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Apostolado da Oração da Vila Amazônia. A nota reforça a necessidade da continuidade das doações para as vocações¹⁰¹⁶.

O segundo semestre foi tão intenso quanto o primeiro. Para a comemoração do primeiro aniversário da Arquidiocese, foi preparada uma grande solenidade. Pela manhã, foi celebrada missa pontifical, celebrada por Dom Alberto Ramos, e depois ocorreram outras celebrações litúrgicas¹⁰¹⁷. No mês de setembro ocorreu: a fundação da Congregação Mariana de Nossa Senhora Perpétuo Socorro e São José, no Educandos; e no Aleixo foi realizado o primeiro Congresso Eucarístico¹⁰¹⁸.

Referente às paróquias, temos a bênção da primeira pedra da capela de São Francisco, a 30 de agosto, e a bênção da capela de Nossa Senhora das Graças, no Beco do Macedo, em setembro. A ereção da primeira paróquia da fase arquidiocesana, a de Santa Luzia, no bairro do Imboca, no dia 24 de setembro, com a Instalação realizada no dia 27, assumindo Pe. Paulino Lammeier, como seu primeiro pároco¹⁰¹⁹.

Foi no mês de agosto que o tão esperado VI Congresso Eucarístico Nacional aconteceu, sendo realizado em Belém. Já se via a movimentação nos vários cantos do país, e os peregrinos amazonenses se organizaram em comitiva, conduzida por Dom Alberto, para se fazerem presentes. Em abril, o *Universal* já noticiara que o Arcebispo de Manaus conduziria o Santíssimo Sacramento no Congresso¹⁰²⁰. Em maio já anunciara o percurso que o navio eucarístico faria ao sair de Manaus, passaria por Itacoatiara, Parintins, Óbidos e Santarém, animando os peregrinos a participarem¹⁰²¹. Assim, o caminho foi preparando para o grande evento de agosto.

No dia 4 de junho, a Procissão de Corpus Christi foi acrescida de dois significados entrelaçados a ela, a comemoração do 11º aniversário do I Congresso Eucarístico de Manaus e a adesão ao VI Congresso Eucarístico Nacional. A saída do Ostensório da Catedral, foi seguido pelo cortejo dividido em quatro grupos na seguinte ordem: no primeiro estava a Cruzada Eucarística, as Escolas Paroquiais, Ateliê Santa Rita, Casa da

¹⁰¹⁶ Obra das Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano 1, p.5.

¹⁰¹⁷ As Solenidades Religiosas de Amanhã: será festivamente comemorado pela Igreja o primeiro aniversário da Arquidiocese do Amazonas. **A Tarde**. Manaus, 1 de julho de 1953.

¹⁰¹⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰¹⁹ Ibidem.

¹⁰²⁰ **Universal**. Manaus, 5 de abril de 1953, n. 1, Ano 1.

¹⁰²¹ VI Congresso Eucarístico Nacional. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, Ano I.

Criança, Abrigo Redentor e Casa da Criança Circulista; no segundo, as Escolas para mulheres; no terceiro as Associações Femininas; e no quarto os Colégios e Associações Masculinas. Ao centro da Procissão estava um pequeno cortejo constituído de pajens do Congresso Eucarístico e anjinhos, militantes da AC, Religiosas, Seminário, Sacerdotes, Vigários e o Santíssimo Sacramento sob o pálio¹⁰²². Assim, Manaus começava a viver o espírito do Congresso.

No dia 2 de agosto, em nota no *Universal*, Dom Alberto, fala que está se aproximando o dia em que à bordo do “Vitória” e à frente dos peregrinos amazonenses ele irá conduzir o Santíssimo Sacramento para o Congresso, afirmando que “tornar-se-á mais uma vez realidade o sonho de Dom Macedo Costa: o navio “Cristóforo” descerá o rio Amazonas, portador de Cristo e mensageiro de Cristo”. O Arcebispo pediu que durante o Congresso se intensificassem em Manaus as orações e a adoração ao Santíssimo, que vigários e Congregações Religiosas organizem seus programas¹⁰²³. A partida do navio se deu no dia 9, além de Dom Alberto, estava Dom Joaquim de Lange e padres, militantes da AC e outros representantes de associações¹⁰²⁴.

Em setembro, a Arquidiocese de Manaus recebeu a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, acolhida com fervor pelas graças trazidas para esta terra, afirmou o *Universal*. A imagem também passou pelas cidades de Eirunepé, Carauari, Tefé, Coari, Codajás, Manacapuru, chegando a Manaus, a cinco de setembro, foi recebida na baía do rio Negro de onde saiu a procissão em direção à Catedral. Na capital percorreu paróquias e capelas até o dia nove, partindo em direção ao Rio Branco, Lábrea e Itacoatiara¹⁰²⁵.

No mês de outubro foi dada a bênção para a igreja de São José, em Urucurituba. Para o mês de novembro foi registrado: a fundação do Conselho particular Vicentino da paróquia de Borba, e das Damas de Caridade, e a ereção canônica do Apostolado da Oração, na paróquia de Santa Luzia, e, a seis de dezembro, ocorreu a bênção da igreja de Santa Luzia, na Matinha, pertencente à paróquia de Nossa Senhora Aparecida¹⁰²⁶.

Ainda referente à expansão paroquial, o *Jornal A Tarde*, deu ênfase ao lançamento da pedra fundamental da capela Nossa Senhora das Graças, no bairro do Beco do Macedo,

¹⁰²² Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 31 de maio de 1953, n. 9, Ano 1.

¹⁰²³ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 2 de agosto de 1953, n. 18, Ano 1.

¹⁰²⁴ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 9 de agosto de 1953, n. 19, Ano 1.

¹⁰²⁵ Bênções da Virgem de Fátima sobre o Amazonas. **Universal**. 30 de agosto de 1953, n. 22, Ano 1.

¹⁰²⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

que pertencia à paróquia Nossa Senhora de Nazaré¹⁰²⁷, apontando o crescimento do bairro e arredores. Também, foi noticiado a organização da Comissão para a construção do templo de Nossa Senhora de Fátima, no bairro da Praça 14, com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos desta obra. A Comissão para essa obra foi composta por: Frei José de Leonissa, presidente; Desembargador André Araújo, vice-diretor; Emídio Vaz de Oliveira, secretário; João Pereira de Andrade, tesoureiro, e os vogais Alfredo Ribeiro Soares e Francisco Fernandes Barbosa¹⁰²⁸.

A 21 de setembro de 1953, Dom Alberto tomou posse da cadeira Euclides da Cunha na Academia Amazonense de Letras. Um mês depois, proferiu seu discurso de posse “Euclides da Cunha e Adriano Jorge”, que finalizou dirigindo-se aos acadêmicos “entre as colunas matizadas de poesia e arte, os capitéis e os arcos de estética e de beleza, as frisas de inspiração e de vernaculidade desta Academia excelsa, seremos tão somente o fuste singelo e apagado [...]”¹⁰²⁹. Ao final do mesmo mês, Dom Alberto foi homenageado com o diploma de sócio honorário da Sociedade Beneficente Portuguesa¹⁰³⁰.

Entre as cartas de Dom Alberto encontrei uma informação preciosa sobre a possibilidade da ereção de uma Faculdade Católica de Filosofia em Manaus. A Carta da Nunciatura, diz que a Congregação Salesiana foi indicada como capaz de assumir essa missão e pede a Dom Alberto para analisar a proposta¹⁰³¹. Em resposta Dom Alberto fala que chegou de viagem e encontrou essa amável recomendação de criação da Faculdade Católica, e que já há cerca de dois anos está trabalhando nesta direção, mas que a principal dificuldade é não ter professores para tal empreitada, mas que entraria em contato com o Inspetor Salesiano para levar adiante esse projeto¹⁰³². Em meio às outras cartas não encontrei mais nenhuma menção sobre tal projeto, mas é sabido que a criação de Institutos de Ensino Superior na Amazônia, já era desejo comum dos Bispos desde o Primeiro

¹⁰²⁷ O lançamento se deu na semana anterior. N.S. das Graças terá sua igreja em Manaus: lançada a pedra fundamental do templo à milagrosa Santa do Beco do Macedo. **A Tarde**. Manaus, 29 de setembro de 1953.

¹⁰²⁸ Santuário de Nossa Senhora de Fátima: comissão administrativa para os serviços de construção do templo. **A Tarde**. Manaus, 27 de outubro de 1953.

¹⁰²⁹ RAMOS, Alberto Gaudêncio. **No Silogeu Amazonense**. Manaus: Sérgio Cardos e Cia (editores), 1957, p. 31.

¹⁰³⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰³¹ **Carta da Nunciatura Apostólica**. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1953.

¹⁰³² Esta carta parece ser um rascunho, pois não está datada, mas pela forma da resposta foi pouco depois do recebimento da Carta da Nunciatura.

Encontro de 1952. Mas, também, é sabido que, pelo menos aqui em Manaus, esse projeto só começa a tomar forma a partir de 1972.

No ano de 1954, logo no primeiro dia do ano, Dom Alberto, em celebração, conclamou a todos fazerem deste Ano Santo Mariano, o ano das Vocações Sacerdotais, anunciando para este ano a ordenação de mais dois padres para a Arquidiocese, e pediu a todos que se mobilizassem com orações, sacrifícios e doações para as vocações¹⁰³³. Também, pelo *Universal*, apareceu um convite a todos os meninos, que tendo concluído o primário e se sentindo chamados à vocação, que se dirijam ao Reitor do Seminário¹⁰³⁴. Neste Ano Santo celebrou o Centenário da promulgação do Dogma da Imaculada Conceição¹⁰³⁵.

A partir do dia oito de janeiro, ocorreu uma série de palestras para a AC, e tendo por tema no primeiro dia “Educação dos Adolescentes”. E, a 25 a 29 de janeiro, realizou-se, em Belém, a Primeira Reunião Geral dos Arcebispos, Bispos e Prelados da Amazônia, presidido por Dom Mário Vilas Boas, com assessoria de Dom Helder Câmara¹⁰³⁶. Esta foi a Segunda Reunião de Prelados da Amazônia, sendo a primeira oficial da CNBB. Entre os pontos de pauta, estava a avaliação dos projetos do Governo, especialmente a SPVEA¹⁰³⁷.

Este Segundo Encontro, teve como pauta: a situação jurídica e territorial das Prelazias, que devem ser vistas como ‘dioceses em formação; o apostolado entre os indígenas, deixando claro a desconfiança para com o SPI (Serviço de Proteção ao Índio); a expansão protestante; solicitação da faculdade para as Prelazias de “terra de missão”; o problema financeiro das Prelazias e a dependência do Governo; e a criação de um Centro Missionário¹⁰³⁸.

Ainda no mês de janeiro, o *Universal* registrou o retiro do clero, pregado por Dom Joaquim de Lange, e no mês de fevereiro o retiro da Federação Mariana, pregado por Dom

¹⁰³³ Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano 1.

¹⁰³⁴ Pelo Seminário. **Universal**. Manaus, 24 de janeiro de 1954, n. 43, Ano 1.

¹⁰³⁵ **Universal**. Manaus, 13 de dezembro de 1953, n. 37, p. 1, Ano 1.

¹⁰³⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰³⁷ Para Djalma Batista, foram vários fatores que emperram o funcionamento da SPEVA, apesar de ela ainda ter vigorado até 1966, mas também, considera aspectos positivos como o levantamento das necessidades da região, o suporte financeiro para o sistema elétrico em Manaus e Belém, apoio à instalação e funcionamento do INPA, construção da estrada Belém-Brasília. Em 1966, a SPVEA converteu-se na SUDAM, sendo dirigida pelo Banco da Amazônia, com antigos e novos problemas para a região. BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. 2007, p. 176-180.

¹⁰³⁸ **Desafio Missionário**: documentos da Igreja na Amazônia - Coletânea. Brasília, Edições CNBB, 2014, p. 199-202.

Alberto¹⁰³⁹. No mês de março, foi concretizado um grande sonho da Inauguração do Seminário Maior em Manaus, no dia de São Tomás de Aquino, sete de março. Era um novo passo no aperfeiçoamento da formação dos seminaristas. Ao falar da importância do Seminário São José, Dom Alberto disse que o percentual dos que perseveraram é de apenas 10%, os outros 90% se tornam professores, jornalistas, bacharéis, entre outros. Dessa forma, o Arcebispo solicitava auxílio do Estado já que este será beneficiado pelos 90% dos saídos do Seminário¹⁰⁴⁰. Naquela ocasião a estrutura da Arquidiocese se encontrava assim: havia um total de 15 seminaristas, sendo 11 na Teologia e quatro na Filosofia; eram 14 padres arquidiocesanos¹⁰⁴¹, contando com o Arcebispo; seis Congregações Masculinas¹⁰⁴²; oito Congregações Femininas¹⁰⁴³; oito Prelazias; e mais de dez Estabelecimentos de Ensino.

Ainda neste mês, a capela da residência das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue recebeu a bênção, e esta, também, foi concedida à imagem da capela de Nossa Senhora da Glória, e ocorreu a ereção do curato dos hospitais por Dom Alberto. Em abril, a bênção foi concedida à capela das Franciscanas Missionárias de Maria em São Raimundo. Em maio, ocorreu a fundação do Clube das Mães na Casa Circulista, a fundação do pensionato para moças, da Escola Agrícola no Paraná da Eva, a sagração do sino de Nossa Senhora das Graças e a bênção do Educandário Paroquial de Manicoré¹⁰⁴⁴. Parte desses acontecimentos estão vinculados à atuação das Irmãs.

Dom Alberto escreveu, em 1954, sua terceira Carta Pastoral, dizendo logo no início, que após fechar o ciclo de visitas aos filhos, “é coerente saudar e pedir a bênção do Pai carinhoso, e conselho ao Pastor supremo das nossas almas”. Ele estava se dirigindo para a visita “*ad limina apostolorum*”, e escreveu esta carta inspirado na Carta Pastoral de Dom Lourenço Aguiar, de 1896, que teve essa mesma finalidade. O documento fala da unidade

¹⁰³⁹ Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

¹⁰⁴⁰ **Universal**. Manaus, 28 de março de 1954, n. 52, Ano 1.

¹⁰⁴¹ Mons. Manoel Monteiro da Silva, Mons. Joaquim Pereira, Pe. B. José de Souza, Pe. José Vitor M, Pe. Pedro M, Pe. Paulino Lammeier, Pe. Antônio Plácido de Souza, Pe. Alcides Albuquerque Peixoto, Pe. Luiz Pereira Machado, Pe. Argemiro Pantoja Munhoz, Pe. João Alves de Castro, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, Pe. Walter Gonçalves Nogueira. Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 3 de Janeiro de 1954, n. 40, Ano 1.

¹⁰⁴² Congregação do Espírito Santo, Franciscanos Capuchinhos, Salesianos de Dom Bosco, Agostinianos Recoletos, Redentoristas, PIME. Ibidem. 1954.

¹⁰⁴³ Filhas de Sant’Ana, Doroteias, Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, Terceiras Capuchinhas, Filhas de Maria Auxiliadora, Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Franciscanas Missionárias de Maria, Legionárias Nossa Senhora Rainha dos Corações. Ibidem. 1954

¹⁰⁴⁴ Ibidem.

cristã, e relembra os erros que assolaram o mundo e que queriam arruinar o Catolicismo, dizendo que somente da boca de Pio XII “se espera com fundamento a salvação da sociedade”, e que estava indo tratar dos interesses e necessidades espirituais do povo desta região e pediria que o Papa abençoasse o Vale Amazônico¹⁰⁴⁵.

Nesta Carta Pastoral, Dom Alberto, afirma que um dos motivos para sua ida a Roma era solicitar pessoalmente que neste Ano Marial, em que se dá o centenário da Proclamação da Imaculada Conceição, “seja a Virgem Imaculada proclamada oficial, jurídica e liturgicamente Padroeira do Estado do Amazonas!”¹⁰⁴⁶. Assim, pelo breve “*Primae Labis*”, Pio XII proclamou Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Amazonas, a 4 de junho, oficializando o que na prática já ocorria. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi a primeira de Manaus, criada em 1695 pelos Missionários Carmelitas, portanto, a devoção à Nossa Senhora é a primeira que penetrou nos corações da região e foi se enraizando à medida em que a Igreja Católica também se enraizou no território amazônico. O Breve papal, oficializa, assim, a devoção mais antiga, e o fez logo em seguida da promulgação do dogma da Assunção de Nossa Senhora, 1950, e no ano de 1954 é dedicado à Maria e ao centenário do dogma da Imaculada Conceição. A Arquidiocese, estava em sintonia com Roma, sendo conduzida por Maria¹⁰⁴⁷.

Dom Alberto e Dom Mário, na ocasião de sua visita “*ad limina*”, tiveram a oportunidade de testemunhar a canonização de Pio X, a 29 de maio de 1954. Destaco esse momento pelo seu significado, um Pio canonizando um Pio, dentro ainda do contexto de romanização. No regresso da Europa, no mês de julho, Dom Alberto teve uma recepção alegre, como registrou o *Jornal A Tarde*, sendo recebido por representantes de oficiais, padres e instituições religiosas¹⁰⁴⁸.

Após seu retorno, a 1º de agosto, houve uma missa campal, presidida por ele, para comemorar o 10º aniversário da chegada dos Padres Redentoristas, e em seguida uma

¹⁰⁴⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **III Carta Pastoral** de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano de Manaus. 1954.

¹⁰⁴⁶ Ibidem. 1954.

¹⁰⁴⁷ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojuca Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021, p. 81-82.

¹⁰⁴⁸ Regressou o Arcebispo Metropolitano: D. Alberto Gaudêncio Ramos teve concorrido desembarque. **A Tarde**. Manaus, 28 de julho de 1954.

solenidade no Teatro Amazonas¹⁰⁴⁹. Ainda em agosto, Dom Alberto concedeu a bênção à capela do Sagrado Coração de Jesus e iniciou a Semana das Vocações Sacerdotais¹⁰⁵⁰. Em setembro, em São Paulo, Dom Alberto pronunciou sua tese sobre “Imaculada Conceição” no Congresso Nacional da Padroeira do Brasil¹⁰⁵¹.

Em outubro, foi dada a bênção para a nova capela do Preciosíssimo Sangue em Manaus e foi sagrado o altar desta igreja, ocorreu a inauguração do Berçário da Casa da Criança, e a bênção da primeira pedra do posto médico São Vicente de Paulo. Em novembro houve a bênção da primeira pedra do Colégio Santo Agostinho, na Cachoeirinha¹⁰⁵². Neste mês ocorreu o cinquentenário das atividades das Filhas de Sant’Ana no Hospital Beneficente Portuguesa¹⁰⁵³. Mais uma vez, a maior parte dessas atividades foram conduzidas por Irmãs. E, chegou a triste notícia do falecimento de Dom João da Mata Andrade e Amaral¹⁰⁵⁴.

Em dezembro, a bênção da primeira pedra da igreja de Nossa Senhora Aparecida e a bênção da Escola Agrícola do Paraná da Eva foi concedida. E, neste segundo semestre, merece destaque a ordenação de três padres, em Manaus: em agosto, do Pe. Manoel Bessa Filho, e em outubro dos padres Luís Augusto de Lima Ruas e Vicente Gonçalves de Albuquerque. No último dia deste ano, os Salesianos deixaram a direção do Seminário São José¹⁰⁵⁵. Encerrando este ano, o Pe. Luís Ruas foi eleito o Chanceler da Arquidiocese de Manaus¹⁰⁵⁶. É a primeira vez que aparece descrito, nos documentos que encontrei, o cargo de Chanceler, mas não será empregado nesta década com frequência, como nas décadas seguintes.

Em carta ao Pe. Milton Corrêa, de Belém, Dom Alberto agradeceu a acolhida aos alunos saídos do Seminário Menor de Manaus, e nos dá a informação de que naquela ocasião havia 15 alunos no Seminário São José, cursando Filosofia e Teologia, e que era seu desejo para

¹⁰⁴⁹ Homenagem muito justa” os paroquianos do Bairro de Aparecida comemorarão o 10º aniversário da chegada, ao nosso Estado, dos Padres Redentoristas. **A Tarde**. Manaus, 30 de julho de 1954. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁵⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁵¹ Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

¹⁰⁵² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁵³ **Universal**. Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano 1.

¹⁰⁵⁴ Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

¹⁰⁵⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁵⁶ Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano II.

o próximo ano abrir em Manaus o Seminário Maior, assim, tão logo terminados os exames os amazonenses deveriam retornar. Ele, também, se colocou à disposição para receber os seminaristas de Belém, dizendo que no quadro de professores estavam os padres Walter, Mottais, Pereira Neto, e ele próprio¹⁰⁵⁷. Em carta, desta vez do padre Milton a Dom Alberto, ele pergunta como estão os seminaristas que passaram por Belém, e que lá deixaram boa impressão, cheios de boa vontade em servir as comunidades, e agradeceu a oportunidade de fazer parte de uma pequena parcela da formação destes futuros padres¹⁰⁵⁸.

Em outra carta, dirigida a Dom Alberto, o Pe. João Comaru agradeceu ao Arcebispo pelo convite para dirigir o Seminário São José, para o qual demonstrou vivo interesse, estando ele para finalizar as obrigações na paróquia onde estava, em São Paulo¹⁰⁵⁹. O mesmo padre, em outra carta, fala que já está pronto para vir assumir o Seminário, que já renunciou à paróquia onde estava, e que separou vários materiais para estudo e solicitou dados sobre o Seminário ou o que se relacione com ele. Nesta última carta ele demonstra certa preocupação com as notícias sobre Manaus, de até possível intervenção federal, e o confuso cenário nacional com a transição política do Brasil¹⁰⁶⁰. Essa parte de diálogo aqui colocada é para demonstrar a preocupação de Dom Alberto com andamento do Seminário e quem o conduziria, com o perfil que ele esperava alcançar na formação dos seminaristas, com base espiritual, moral e intelectual sólidas.

Na reunião do clero aparecem orientações pastorais: todas as festividades religiosas (arraiais e quermesses) devem contribuir para o Seminário; nenhuma procissão deve ultrapassar os limites da paróquia sem comunicar ao respectivo vigário; na festa de Cristo Rei deve ser lida a Consagração com Ladainhas do Sagrado Coração de Jesus; todos os sacerdotes devem se preocupar com os meninos que apresentem qualquer indício de vocação sacerdotal; Catequese e Ação Católica devem constituir o empenho máximo de todos os vigários, como orienta o Concílio Plenário Brasileiro¹⁰⁶¹. Na maioria das vezes era o próprio Arcebispo que conduzia as reuniões e orientava os padres.

¹⁰⁵⁷ A carta é dirigida a um dos futuros Arcebispos de Manaus, Dom Milton Correa. RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Carta**, de 29 de setembro de 1953.

¹⁰⁵⁸ PEREIRA, Milton Corrêa. **Carta**. Belém, 7 de setembro de 1955.

¹⁰⁵⁹ ARAÚJO, João Comaru de. **Carta**. Presidente Altino, São Paulo, 27 de outubro de 1954.

¹⁰⁶⁰ ARAÚJO, João Comaru de. **Carta**. Presidente Altino, São Paulo, 23 de dezembro de 1954.

¹⁰⁶¹ **Boletim Arquidiocesano**, 13 de outubro de 1954.

Uma das primeiras notícias do ano de 1955 foi sobre a nova direção do Seminário. Pe. João Belisário Comaru de Araújo foi nomeado Reitor do Seminário, Pe. Luís Ruas ficou como Prefeito de Estudos, Pe. Vicente Albuquerque como Prefeito do Seminário Menor, Pe. João Alves da Costa como diretor espiritual, Pe. Manuel Bessa Filho como ecônomo. E, entre os professores, além destes mencionados, figuravam Dom Alberto Ramos, e os padres Walter Nogueira, Pedro Mottais, José Pereira Neto e Luís Venzon, os dois últimos salesianos. O retiro anual do clero foi agendado para 10 a 15 de janeiro¹⁰⁶².

No início do ano de 1955, Dom Joaquim de Lange anunciou, que em sintonia com o XXXVI Congresso Internacional que ocorrerá no Rio de Janeiro, a Prelazia de Tefé fará seu Congresso Eucarístico, será em junho, com a abertura de Dom Alberto Ramos¹⁰⁶³. Ainda neste começo do ano, os padres Pedro Mottais, Antônio Plácido de Souza e João Alves da Costa foram nomeados cônegos, e o Altar Mor da Igreja de São Sebastião foi sagrado¹⁰⁶⁴. Ao final de janeiro, Dom Alberto visitou a Missão Salesiana do Rio Negro e ao final de fevereiro a visita pastoral foi para Maués¹⁰⁶⁵.

O *Correio Feminino*, coluna do *Universal*, trouxe a reflexão sobre as transformações oriundas da civilização moderna, sendo o campo espiritual o mais atingido, e em tom moralista, sobre as virtudes perdidas, fala do ataque ao pudor e pureza feminina que foi substituído pelo biquíni, e que os homens preferem o modelo de mulher recatada, mas defende que a bondade ainda prevalece e que os bons conseguem tocar os que estão ao seu redor¹⁰⁶⁶. Nesse mesmo sentido, encontrei uma nota sobre a nova peça do *Teatro Juvenil* intitulada *Cem Gramas de Homem*, tratando de um chefe de família que se deixa dominar pela esposa, a peça tecendo críticas aos lares modernos¹⁰⁶⁷.

Essa questão do olhar da Igreja, dos homens e das próprias mulheres, em contexto dos primeiros passos de mudança do lugar da mulher no mundo, o que vai levar, gradativamente, a pensar no lugar da mulher na Igreja, lembrando que são muitas mulheres em atuação, sejam as religiosas ou as inseridas em diversas associações religiosas e na realização de diversos serviços, merece reflexão. Em outra nota, vê-se a crítica às mulheres que exercem alguma atividade fora de casa, afirmando que “as boas mães de família, as

¹⁰⁶² Direção do Seminário. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

¹⁰⁶³ Ibidem. 1951.

¹⁰⁶⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁶⁵ **Universal**. Manaus, 16 de janeiro de 1955, n. 94, Ano 2.

¹⁰⁶⁶ DINIZ, Yole. *Correio Feminino*. **Universal**. Manaus, 9 de janeiro de 1955, n. 93, Ano 2.

¹⁰⁶⁷ *Teatro Juvenil*. **Universal**. Manaus, 10 de julho de 1955, n.119.

esposas exemplares e virtuosas encontram-se geralmente em sua casa”¹⁰⁶⁸. Tal visão, claro relacionada às heranças e contexto, mostra que se quer manter uma estrutura de séculos sem entender, que, especialmente, no mundo pós-guerra existem várias amarras que as mulheres começaram a romper, algo que só será entendido a longo prazo.

Extraí, também, do jornal uma reflexão que fala da religião e das mulheres. São apresentados dois princípios falsos, o primeiro refere-se à condição inferior da mulher arvorando-se o homem de sua virtude e inteligência no campo da filosofia e da ciência em detrimento da mulher que não conseguiria alcançar tal patamar, por possuir “alma pequena e retrógrada”, sem conseguir alcançar níveis intelectuais e morais. O segundo refere-se à religião como lugar de ocupação inferior, portanto, talhada para mulheres, argumentando-se que a religião não é moda, sentimento ou capricho se o fosse seria próprio para mulheres¹⁰⁶⁹.

Não aparece o nome de quem escreveu a nota, sobre religião e mulheres, mas sendo mulher ou homem, na ânsia de mostrar que a prática da religião cabe a mulheres e homens, acabou utilizando argumentos que continuam a diminuir as mulheres, pois não se contrapõe efetivamente contra o primeiro princípio falso e muito menos tem a dimensão da importância dos serviços realizados pelas mulheres em uma religião que possui uma hierarquia masculina, portanto, o segundo princípio falso é bem contraditório. Há de se lembrar que Congregações femininas e membros femininos de associações religiosas são sempre mais numerosas.

Nessas instruções para, e sobre, mulheres, além da preocupação com a permanência delas em casa, a questão do corpo continua sendo uma questão central, com mudanças em vestimentas e comportamentos. Encontrei, no *Universal*, as instruções para a prática da Educação Física, referindo-se à delicadeza do corpo feminino que não é dado a esportes mais agressivos, citando Pio XII, que afirma que “a moça moderna pode ser graciosa, esportiva, mas não há de perder seu pudor”. O jornal segue dizendo que pular, saltar, arremessar são para meninos, se as mulheres praticarem ficarão masculinizadas, e ainda a questão da higiene afetada por esportes mais violentos¹⁰⁷⁰.

¹⁰⁶⁸ Mulheres que não param em casa. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

¹⁰⁶⁹ A Religião é boa para as mulheres. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

¹⁰⁷⁰ BRANDÃO, Monsenhor Ascânio. A Mulher e a Educação Física. **Universal**. Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135.

Em outra nota, aparecem trechos da Conferência do Monsenhor Gonne, em Liverpool, onde levanta a questão do progresso feminino que vai colocando a mulher em evidência nos vários setores da sociedade. Ele tocou na delicada questão da posição da mulher na Igreja, dizendo não se tratar de inferiorizar ou desmerecer, que homens e mulheres são iguais em dignidade, mas que a Igreja se posiciona pela diferença entre as funções destes na vida da sociedade, e por isso, mulheres não recebem as Ordens Sacras, então para a Igreja esta é uma lei divina¹⁰⁷¹. Se há muito debate, significa que a mulher fora de casa e o seu crescente papel em associações e serviços, incomodava cada vez mais a Igreja, e que a Arquidiocese de Manaus não estava isenta dessa questão.

Ao final de fevereiro, a preocupação era com a lei do jejum e abstinência, coube ao Chanceler anunciar, para clero e fiéis, em nome do Arcebispo, que valeriam as mesmas regras do ano anterior, no que diz respeito ao jejum e à abstinência de carne para a Quarta de Cinzas, a Sexta-Feira Santa, na Vigília da Assunção e nas sextas do Advento. Durante o período quaresmal, a abstinência de carne será toda sexta-feira, sem a necessidade do jejum¹⁰⁷².

Em março, ocorreu a fundação da comunidade das Filhas de Caridade na Paróquia de Nazaré, e Frei Cesário de Colognola, OFC, foi nomeado Administrador Apostólico do Alto Solimões. O *Universal* noticiou, a entrada de novos seminaristas, 17 para o Seminário Menor e para o Maior dois, e falou de esperança no futuro, depositada nesses meninos¹⁰⁷³. No início de abril ocorreu a reunião da Comissão Arquidiocesana encarregada de organizar os peregrinos amazonenses para a ida ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que ocorreu no mês de julho. A comissão verificou a necessidade de criar subcomissões para orientações e inscrições, devendo os congressistas serem divididos em dois grupos, coletivo e individual¹⁰⁷⁴.

No *Universal* o decreto do Governador Plínio Coelho autorizando funcionários públicos a participarem do Congresso, afirmando que sente, “com todo o povo, o entusiasmo cristão que empolga a humanidade e principalmente as consciências brasileiras pela aproximação da grande concentração de fé e contrição”. O decreto respeita o tempo de realização do

¹⁰⁷¹ A Mulher na Igreja. **Universal**. Manaus, 25 de dezembro de 1955, n. 142.

¹⁰⁷² Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 20 de fevereiro de 1955, n. 99, Ano 2.

¹⁰⁷³ Novos Seminaristas. **Universal**. Manaus, 27 de março de 1955, n. 104, Ano 2.

¹⁰⁷⁴ XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. **Universal**. Manaus, 10 de abril de 1955, n.106, Ano 2.

Congresso, mas estabelece um dia específico para os funcionários se apresentarem de volta ao trabalho¹⁰⁷⁵.

O *Universal* menciona os peregrinos do Amazonas citando os Prelados Dom Alberto, Dom Pedro Massa (Rio Negro), Dom Joaquim de Lange (Tefé), Dom José Nepote (Rio Branco), Dom José Hascher (Juruá), Dom José Alvarez (Lábrea), Dom Julio Mattioli (Laziosi), Dom José Domitrovitsch (Porto Velho), e Dom Cesário de Colognola (Alto Solimões). Na relação estão os cônegos Alcides Peixoto e Pedro Mottais, alguns padres, entre eles o Diocesano Walter Nogueira, religiosas, e militantes da AC¹⁰⁷⁶. Foi o primeiro, e único, Congresso Internacional realizado em terras brasileiras, por isso, era grande a euforia.

Em abril, o Pe. Manuel Bessa Filho foi nomeado pelo Estado para direção da Escola Estadual¹⁰⁷⁷. No jornal há indícios que estava ocorrendo agitações dos alunos, e por isso, a insistência do Governo para que um padre assumisse a direção do Estadual, e que somente por esta situação Dom Alberto consentiu que um padre se tornasse diretor de um órgão público. O *Universal* deu um grande destaque, pois o Colégio Estadual do Amazonas é o primeiro estabelecimento de Ensino do Estado e agora passava a ser conduzido por um padre¹⁰⁷⁸.

No *Universal* aparecem instruções para crismandos e padrinhos, para não haver falhas: só se é crismado uma vez; é preciso ser batizado e confessar-se antes do rito; não podem ser padrinhos: ser pai e mãe do crismando ou seus padrinhos de batismo; excomungados, inscritos em seitas, criminosos sociais; quem não é crismado; o que não é do sexo do confirmado; o que tiver apenas o casamento civil ou viver em concubinato; mulheres escandalosas; os menores de 14 anos. Essas duas últimas regras são bem estranhas, pois se direciona apenas às mulheres, como se os homens não se envolvessem em escândalos, e essa questão de idade tão reduzida para ser padrinho ou madrinha. A última observação pede aos crismandos chegarem mais cedo e permanecerem por toda a celebração¹⁰⁷⁹.

Outras duas notas do *Universal* chamaram a atenção. A primeira refere-se a como reconhecer um bom católico. O primeiro ponto é sobre a regularidade às missas, a prática

¹⁰⁷⁵ O Governador Decreta. **Universal**. Manaus, 3 de julho de 1955, n.118.

¹⁰⁷⁶ Peregrinos Amazonenses no Congresso Eucarístico. **Universal**. Manaus, 10 de julho de 1955, n. 119.

¹⁰⁷⁷ Acontecimento da Semana. **Universal**. Manaus, 24 de abril de 1955, n. 108, Ano 2.

¹⁰⁷⁸ Ibidem. 1955.

¹⁰⁷⁹ Ibidem. 1955.

dos sacramentos, e a oração matinal e noturna. O segundo ponto é a coragem na prática das demonstrações de fé, sem se importar com dificuldades ou opiniões. O terceiro é evitar o pecado e a tudo que ele conduz, como as más leituras. O quarto é prestar serviço ao próximo, mesmo que precise sacrificar-se. O quinto é obediência e lealdade na relação com o próximo e os superiores, e, o sexto ponto afirma que “se procurais cumprir com sinceridade e pureza da alma estas coisas, podeis estar tranquilos, - sois bons católicos¹⁰⁸⁰”.

A segunda diz respeito ao debate que estava em voga, sobre matrimônio e divórcio. A nota defende o matrimônio pela intensa preparação que normalmente leva a uma vida conjugal serena e cristã, mas que em casos difíceis deve-se recorrer à oração. Em seguida, fala das vantagens da indissolubilidade, que seria: o gozo da segurança dos cônjuges; a fidelidade e auxílio mútuo e a tranquilidade e ordem doméstica e social, sobretudo sobre os filhos e a boa educação. As desvantagens do divórcio seriam: a instabilidade e a incerteza na vida dos cônjuges, a limitação dos nascimentos, a falta de educação dos filhos; as desordens familiares e infidelidade, e as ruínas sociais¹⁰⁸¹. Embora sejam esses os ensinamentos a serem seguidos, é necessário dizer que nenhuma dessas vantagens é garantia desses elementos indicados, e nem quanto às desvantagens que podem não corresponder a essa percepção, que é muito mais vontade que aconteça assim.

A 20 de maio, Dom Alberto participou da ação de graças pelo cinquentenário da Arquidiocese de Belém. Em junho, foi a inauguração da nova sede do Abrigo Redentor¹⁰⁸². Em carta datada de 1955, Dom Alberto expressa algumas preocupações, com o andamento do Seminário, pois eram poucos no Seminário Menor e que seriam em número mais reduzido ao chegar no Seminário Maior, quando vão escasseando as vocações, e o receio de remotas ordenações no futuro. Falou ainda, que os Missionários de Milão estavam cogitando a saída da região caso a criação da Prelazia, a ser conduzida por eles, não se concretizasse, uma situação preocupante, pois o número de sacerdotes diminuiria mais¹⁰⁸³. Parece aqui haver uma condição imposta pelo PIME para poder permanecer na Arquidiocese. Essa era uma questão delicada e importante, pois se trata da criação da primeira Prelazia da fase arquidiocesana de Manaus e na permanência ou não de uma Congregação.

¹⁰⁸⁰ Sois Bons Católicos. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

¹⁰⁸¹ Um balanço entre Matrimônio e Divórcio. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

¹⁰⁸² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁸³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta de 24 de janeiro de 1955**.

A referida Prelazia era Parintins, e na carta Dom Alberto fala da articulação para a sua criação, mas sem seu conhecimento, segundo ele, seu antecessor havia prometido ao PIME, mas ele ainda não havia analisado devidamente o pedido e as paróquias de sua Diocese, sendo esta sua resposta ao superior da Congregação Luigi Riso, logo que assumiu Manaus. Ficou surpreso por saber que eles queriam Parintins, pois considerava a melhor paróquia do interior, e por isso, não simpatizou com a ideia inicialmente, todavia depois refletiu e resolveu concordar, porém ainda era preciso resolver a situação do pároco de Parintins, padre José Victor Heinz, que não ficou nada satisfeito¹⁰⁸⁴. Dom Alberto chegou a ir pessoalmente a Parintins, em visita pastoral de 23 a 27 de novembro, já para os trâmites¹⁰⁸⁵.

As discussões para a criação de uma nova Prelazia já estavam acontecendo desde 1950, e a Nunciatura Apostólica sugeriu que fosse em Manicoré, Maués ou Borba¹⁰⁸⁶. A posição do padre Luigi Riso, que aparece em carta de Dom Alberto, datada de 1954, demonstra que a proposta feita por Dom Alberto ao PIME não agradou, sugerindo que a Prelazia fosse erigida em Maués, abarcando Barreirinha e Canumã, e ele apresenta seus argumentos, e aqui destaco dois pontos centrais: uma prelazia deve ser constituída de pelo menos três paróquias, e Canumã não o é, e que as três localidades não conseguiram abrigar dez padres; e propôs um aumento de área, abarcando Parintins¹⁰⁸⁷.

Vê-se que este era um caso que vinha se arrastando e incomodando, findando com Dom Alberto cedendo Parintins, para que os missionários não abandonassem a região. Em outra carta, não datada, direcionada à Nunciatura, Dom Alberto renova a proposta de criação de uma nova Prelazia, e nesta aparece que ela será composta pela paróquia de Nossa Senhora do Carmo, de Parintins, por Nossa Senhora do Bom Socorro, de Barreirinha, e Nossa Senhora da Conceição, de Maués. Ele diz que o projeto já passou pelo Conselho Arquidiocesano, e que apesar de diminuir o patrimônio arquidiocesano, era o melhor a fazer para bem das almas¹⁰⁸⁸.

Na obra *Clarões de Fé no Médio Amazonas*, Dom Arcângelo Cerqua registra os antecedentes e acontecimentos em torno da criação da Prelazia de Parintins, mas silencia quanto às divergências. Sobre o Pe. Victor, fala que foi pároco de Parintins de 1940 a

¹⁰⁸⁴ Ibidem. 1955.

¹⁰⁸⁵ CERQUA, Arcângelo. **Clarões de Fé do Médio Amazonas**: a Prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. 1980, p. 79.

¹⁰⁸⁶ **Carta da Nunciatura Apostólica**. Rio de Janeiro. 21 de novembro de 1950.

¹⁰⁸⁷ RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Carta à Nunciatura Apostólica**. Manaus, 23 de abril de 1954.

¹⁰⁸⁸ A carta não está datada, podendo ser entre 1954 e início de 1955.

1955¹⁰⁸⁹, que saiu de férias e não retornou, e foi substituído pelo Pe. Nonato Pinheiro¹⁰⁹⁰. Pe. Arcângelo Cerqua, era o padre superior do PIME, e junto com os padres João Airaghi e Jorge Franzini, visitaram Parintins para colher dados e enviar à Nunciatura, no mês de abril de 1955. Parecia que tudo estava encaminhado, os trâmites foram rápidos, pois em junho o Vaticano anunciou a criação da nova Prelazia. Não há menção a qualquer mal-estar entre o Arcebispo e os Missionários de Milão, a única informação que fornece é que houve dúvidas quanto à sede da Prelazia¹⁰⁹¹.

Assim, pela bula “*Ceu Boni Patris Famílias*”, de Pio XII, foi criada a Prelazia de Parintins, a 12 de julho de 1955, e a instalação ocorreu a 13 de novembro, com leitura da bula e decreto¹⁰⁹². A Prelazia abarcava os municípios de Parintins, Maués e Barreirinha, tendo como padroeira Nossa Senhora do Carmo. A bula faz recomendação especial para a criação de um Seminário, cabendo ao Núncio Lombardi instalar a Prelazia. No dia da instalação, estavam presentes Dom Alberto, Pe. Arcângelo e a Federação Mariana de Manaus. Como vigário de Parintins ficou o Pe. Jorge Franzini, e a 15 de março de 1956, Pe. Arcângelo foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia, passando o pároco a ser o vigário geral. Dom Alberto permaneceu como Administrador Apostólico, enquanto não ocorreu uma nomeação oficial para Parintins¹⁰⁹³.

Na nota do *Jornal Universal*, transmitindo as mensagens da CNBB, diz que o Santo Padre erigiu a nova Prelazia saída da Arquidiocese de Manaus, como grande auxílio para Dom Alberto que tinha responsabilidade sobre vasta região e poucos padres, dessa forma a notícia foi recebida com grande alegria¹⁰⁹⁴. Somente a 11 de fevereiro de 1961 foi

¹⁰⁸⁹ Padre José Victor Heinz, alemão da Ordem dos Frades Menores, tomou posse de Parintins a 11 de janeiro de 1940 e permaneceu até 1955. Reformou a matriz e construiu capelas, entre elas a de São Benedito, edificou o Colégio Nossa Senhora do Carmo e montou uma olaria, foi ele que fundou em Parintins a Congregação Mariana, em 1941. Em março de 1955 foi para a Alemanha de férias, depois foi para o sul do Brasil e em seguida retornou para Alemanha. Ibidem. 1980, p. 77-79.

¹⁰⁹⁰ Padre Raimundo Nonato Pinheiro passou a ser vigário de Parintins a 7 de março de 1955, com função de criar um clima favorável à criação da Prelazia. Permaneceu no mês de outubro, implantou a Ação Católica e os Vicentinos. Foi substituído por frei Silvestre de Pontepátoli, que ficou até 13 de novembro, data da instalação da Prelazia. Ibidem. 1980, p. 79.

¹⁰⁹¹ Ibidem. 1980, p. 85-86.

¹⁰⁹² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁹³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta à Nunciatura Apostólica**. Manaus. 11 de outubro de 1955.

¹⁰⁹⁴ Episcopado Brasileiro. **Universal**. Manaus, 10 de julho de 1955, n. 119.

nomeado um Bispo para Parintins¹⁰⁹⁵. Monsenhor Arcângelo Cerqua foi sagrado em Parintins a 14 de maio de 1961¹⁰⁹⁶.

Em julho de 1955, a visita pastoral de Dom Alberto foi na Paróquia de São Raimundo e nas suas capelas do interior. O *Universal* nos forneceu dados sobre as capelas visitadas e as cinco atividades religiosas realizadas, missas, confissões, comunhões, crismas e pregações. Os números a seguir estão postos exatamente nessa sequência: São Pedro do Jaraqui, 3, 211, 175, 127, 6; Conceição do Andiroba, 3, 175, 152, 91, 6; São Francisco, Manaquiri, 6, 253, 212, 85, 9; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Manaquiri, 1, 25, 20, 15, 2; São Sebastião, Aruanã, 3, 101, 92, 56, 5; Nossa Senhora de Nazaré, 3, 80, 68, 84, 5; São Francisco, Iranduba, 3, 78, 60, 23, 4; e São Lázaro, 1, 20, 15, 38, 3. O jornal ainda cita que realizou-se inúmero batizados e casamentos, e várias crianças fizeram Primeira Comunhão¹⁰⁹⁷.

O *Universal* apresentou no mês de agosto uma nota que traz pontos para o exercício de boa catequista. Ser catequista é: tratar de perto com a alma das crianças; é impedir que o mundo fique velho e mal; é salvar o homem da idolatria; é pensar como Deus pensou para proceder diante dos problemas; é merecer a confiança de Nosso Senhor; é uma profissão divina, é criar Deus nas almas; é não conhecer o pessimismo; é ser apóstolo da graça por tornar as almas dispostas a receber a graça; e é esperar no Senhor Jesus¹⁰⁹⁸. Destaque, neste mês, para o Dia Nacional do Catecismo, 21 de agosto, com chamada pela Paróquia de São Sebastião para grande concentração na Casa da Divina Providência, começando por reuniões, pela parte da tarde apresentações do *Teatro Juvenil*, e à noite palestras e sessão de cinema¹⁰⁹⁹. Observa-se que a orientação é para mulheres, portanto, há uma opção por elas para a aplicação da Catequese. O fato de estar nas mãos delas os ensinamentos da doutrina cristã são, no mínimo, contraditórios, se pensarmos nas notas apresentadas no jornal, como vimos acima.

1955 foi o ano da realização da I Conferência Geral da Hierarquia Latino-Americana, a quatro de agosto de 1955. Dom Alberto se dirigiu ao Rio de Janeiro, e junto com Dom Mário tomou posse como fundador do CELAM¹¹⁰⁰. Participaram do I CELAM, oito

¹⁰⁹⁵ CERQUA. Op. cit., 1980, p. 86-91.

¹⁰⁹⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁰⁹⁷ Visita Pastoral. **Universal**. Manaus, 3 de julho de 1955, n. 118.

¹⁰⁹⁸ Dez pontos principais para uma Catequista. **Universal**. Manaus, 7 de agosto de 1955, n. 123.

¹⁰⁹⁹ Extraordinária Concentração Catequética. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

¹¹⁰⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

Cardeais, 43 Arcebispos, 59 Bispos de 23 nações, e como representante do Papa estava o Cardeal Adeodato Piazza da Sagrada Congregação Consistorial. A Igreja ponderou sua realização e sua importância por uma terça parte dos católicos se encontrarem na América Latina, sendo um continente jovem com reservas humanas que excede a Europa e não sofreu as consequências da guerra¹¹⁰¹. É a Igreja reconhecendo a importância e a força potencial do catolicismo latino.

Dentre as questões discutidas na Conferência estava a preocupação com a escassez do clero, tanto secular quanto religioso, com a ignorância religiosa do povo, com o relaxamento dos costumes e enfraquecimento da fé, e com os perigos advindos da Maçonaria, Protestantismo, Espiritismo, Comunismo, laicismo, e as superstições. Ao final, o empenho dos padres foi lembrado e agradecido, e saudaram à Sua Santidade com “sentimentos de filial submissão e afeto”¹¹⁰².

Ainda em agosto, aparece no *Universal* a preocupação com as perseguições aos católicos na China, registrando que lá ainda se encontram quatro bispos, 34 padres, 17 religiosas, dos quais 17 foram presos¹¹⁰³. Na sequência uma outra nota se refere ao perigo que o Comunismo é para o indivíduo, ao referir-se à perseguição na Polônia¹¹⁰⁴. Em primeira página iniciando o mês de setembro aparece o temor do Comunismo, que é, nas palavras do Monsenhor Caetano Pollio, uma demagogia, pois fere a liberdade de pensamento e ação, trazendo algemas para a Igreja¹¹⁰⁵. Um grupo estimado entre 8.000 e 10.000 católicos fugiram da perseguição comunista no Vietnã arriscando suas vidas pelo alto mar, registrou o *Universal* em outra nota¹¹⁰⁶.

Outro momento especial, destacado no *Universal*, foi a nomeação a Prelados Domésticos dos Monsenhores Manuel Monteiro da Silva e Joaquim Pereira, o primeiro é o vigário geral da Arquidiocese e o segundo é o pároco de Itacoatiara, é “um título de honra, com o qual são condecorados os clérigos beneméritos, alguns investidos deste título pela função que ocupam”¹¹⁰⁷. A partir desse mês começou a aparecer no meio do jornal a frase:

¹¹⁰¹ Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

¹¹⁰² Ibidem. 1955.

¹¹⁰³ Notícias Diversas. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

¹¹⁰⁴ O Comunismo destrói o Indivíduo. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

¹¹⁰⁵ Caetano Pollio era Arcebispo de Kaifeng, na China, e sofreu perseguição. No Comunismo não há lugar para a Religião. **Universal**. Manaus, 4 de setembro de 1955, n. 127.

¹¹⁰⁶ Fugindo do Paraíso do Vietnã Vermelho. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127.

¹¹⁰⁷ Honrosa Distinção a dois membros do Clero Amazonense. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126.

“Os católicos são uma força. Se organizados serão irresistíveis pelo número e pelos ideais”¹¹⁰⁸. É uma frase forte, uma verdadeira convocação à militância, a estar de prontidão, bem característico da AC.

Em setembro, após 30 anos à frente da Paróquia de São Sebastião, Frei José de Leonissa deixou de ser o pároco e foi empossado Frei Miguel Ângelo de Marenella. O *Universal* destacou o zelo e a piedade de Frei José, e que chegava o seu merecido descanso¹¹⁰⁹. Dom Alberto, ao se aproximar o momento da eleição para presidência da República, alerta aos padres para se absterem de qualquer referência pessoal, alertar somente à consciência dos católicos para a responsabilidade do voto¹¹¹⁰. Também, foi realizado em setembro o Congresso Eucarístico na Colônia Antônio Aleixo, para os hansenianos participarem, envolvendo a Colônia e 65 moradores de Paricatuba¹¹¹¹.

Em outubro, se reforçou o pedido para a reza cotidiana do terço¹¹¹². O *Universal* colocou em primeira página uma nota com um trecho das palavras de Djalma Batista sobre o Seminário, que se encontra na revista da Academia Amazonense de Letras, onde ele se refere ao ensino no Amazonas e menciona o Seminário São José, lugar onde um grupo de rapazes se exercita mentalmente bebendo do Humanismo cristão, e diz que: “no Seminário os amazonenses haverão de lucrar intelectualmente, queiram os céus que cheguem às Ordens, contanto que sejam bons padres – humanos, inteligentes, cultos, compreensivos e sobretudo honestos”¹¹¹³. As palavras de Djalma Batista antecederam a ordenação de mais um padre, em Manaus, Joaquim Diomar Lopes de Araújo, ocorrida ao final do mês¹¹¹⁴.

Dom Alberto abençoou, em outubro, o cemitério das Irmãs do Preciosíssimo Sangue e o Clube de Mães da Casa da Criança¹¹¹⁵. O *Universal* colocou uma nota sobre o festejo do Dia das Crianças e a bênção do novo Clube de Mães, que foi instalado na Casa da Criança como iniciativa das Irmãs Vicentinas. A Casa da Criança, caracterizada com obra de

¹¹⁰⁸ Ibidem. 1955.

¹¹⁰⁹ Novo Vigário da Paróquia de São Sebastião. **Universal**. Manaus, 4 de setembro de 1955, n. 126, Ano III.

¹¹¹⁰ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127, Ano III.

¹¹¹¹ Comovedor Congresso Eucarístico de Hansenianos. **Universal**. Manaus, 2 de outubro de 1955, n.130, Ano III.

¹¹¹² Pela reza diária do terço. **Universal**. Manaus, 9 de outubro de 1955, n. 131, Ano III.

¹¹¹³ A posição do Seminário na Cultura Amazônica. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

¹¹¹⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹¹⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

amparo social, acolhia diariamente cerca de 200 crianças filhas de trabalhadoras carentes¹¹¹⁶.

O Episcopado Latino divulgou nota sobre as principais diretrizes saídas da I Conferência, convocando todos para a contribuição nessa empreitada. A primeira é a necessidade de trabalhar ardente e incansavelmente em favor das vocações sacerdotais e religiosas, formando consciência sobre a gravidade do problema da escassez de clero, para tanto os encaminhamentos: o primeiro é uma campanha forte de oração, e que a Obra das Vocações Sacerdotais seja considerada a obra fundamental e insubstituível. Há um agradecimento aos leigos, que em plena submissão ao Papa e à Sagrada Hierarquia, se empenham na urgência do trabalho apostólico, em especial a AC¹¹¹⁷.

A segunda prioridade é a instrução religiosa, o Episcopado enfatizou o esforço de pregadores, educadores e catequistas, mas enfatiza que é preciso atender a necessidade dos povos e que a escassez de padres implica no alcance desta instrução. Observa-se que é preciso conter os avanços dos adversários da fé católica. Em terceiro lugar se pede que o padre trabalhe intensamente pela formação de uma consciência social viva, iluminando e difundindo a doutrina, auxiliando a todos no dever social, e que a AC cumpra seu papel transcendental¹¹¹⁸.

Sobre o Dia das Missões, festejado em todo o mundo católico, padre Nonato Pinheiro escreveu um breve texto, pedindo aos padres que sigam as orientações sobre pregações com temas missionários e realizem a coleta para as Missões. Nesta ocasião, a Igreja concede indulgência plenária para as almas do purgatório, aos cristãos que confessarem, comungarem e rezarem pela conversão dos infiéis. Segue o padre falando da beleza da vida missionária, e que as Missões são “caravanas sublimes que levam por toda a parte a luz redentora do Evangelho, e o próprio clarão da civilização”, e lembra Pio XI, Papa das Missões, que estabeleceu Santa Teresinha padroeira das Missões¹¹¹⁹.

Foi apresentado, no *Universal*, o programa religioso do Festejo de Nossa Senhora da Conceição, marcado para os dias 29 de novembro a oito de dezembro. O cronograma ficou assim definido: Noite dos Trabalhadores, dia 29; Noite dos Clubes Esportivos, dia 30; Noite dos Professores, dia 1; Noite dos Comerciantes, dia 2; Noite do Funcionário Público,

¹¹¹⁶ Clube de Mães da Casa da Criança. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132.

¹¹¹⁷ Declaração do Episcopado na América Latina. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132.

¹¹¹⁸ Declaração do Episcopado na América Latina. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

¹¹¹⁹ PINHEIRO, Pe. Nonato. A Epopeia das Missões. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

dia três; Noite da Família e das Marias, dia quatro; Noite dos Estudantes, dia cinco; Noite dos Industriários e Bancários, dia seis; Noite do Município de Manaus, dia sete, e Noite do Estado do Amazonas, dia oito. Na extensa programação, estão vários horários de missas, novenas e procissão¹¹²⁰.

Dezembro chegou com o anúncio da promulgação do decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, do último 16 de novembro, que reforma algumas celebrações da Semana Santa, para entrar em vigor em 1956. O *Universal* destaca a Quinta-Feira Santa, aparecendo a distinção da Celebração dos Santos óleos que ocorrerá pela manhã, enquanto a Celebração da Instituição da Eucaristia ocorrerá do final da tarde para o início da noite¹¹²¹.

Antes do final do ano, o Governador do Amazonas propôs à Assembleia o projeto para uma nova configuração do Estado, com a criação de 16 novos municípios: Atalaia, Aripuanã, Autazes, Ilha das Cotias, Envira, Içana, Ipixuna, Ituxi, Japurá, Juruá, Jutai, Maraã, Nova Olinda do Norte, Piauí, Santo Antônio do Içá, Tapauá¹¹²². E, às vésperas do Natal, a Ação Social Arquidiocesana promoveu a distribuição de gêneros alimentícios aos pobres por ela amparados¹¹²³.

Ao iniciar o ano de 1956, ocorreu o retiro do clero, com a pregação Cônego Milton Corrêa Pereira, reitor do Seminário de Belém¹¹²⁴. Também, ocorreu a inauguração do Parque Infantil da Casa da Criança, e o encerramento do primeiro Curso Intensivo para Catequistas Rurais, quando Dom Alberto fundou o Movimento Agrário Católico¹¹²⁵. Neste mês apareceu no *Universal* uma nota em destaque, referente ao Espiritismo, com o intuito de esclarecer aos fiéis católicos da impossibilidade de frequentar sessões espíritas, pedindo para que não se enganem, apesar de falarem de Jesus com respeito, o consideram como um grande médium, portanto, as doutrinas são incompatíveis¹¹²⁶.

O *Jornal Universal*, adentrando já o ano de 1956, se tornou, percebo, como um instrumento ativo que aborda diversas temáticas de fortalecimento da fé e caminhada

¹¹²⁰ Solene Novenário em Honra a Nossa Senhora da Conceição. **Universal**. Manaus, 27 de novembro de 1955, n. 138.

¹¹²¹ Mais uma vitória do Movimento Litúrgico. **Universal**. Manaus, 4 de dezembro de 1955, n. 139.

¹¹²² Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 11 de dezembro de 1955, n. 140.

¹¹²³ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 18 de dezembro de 1955, n. 141.

¹¹²⁴ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 8 de janeiro de 1956, n. 144.

¹¹²⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹²⁶ BOAVENTURA, Frei, OFM. Pode um católico ser espírita? **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145.

católica da Igreja de Manaus, e ao mesmo tempo mescla com temáticas de alerta e combativas do que se considerava pernicioso, lembrando que foi criado e continua administrado pela AC, portanto, em estreita sintonia com o Arcebispo e com as diretrizes da Santa Sé. Neste caso do Espiritismo, além dessa orientação descrita, este é chamado de heresia, e sem qualquer chance de conciliação entre católicos e espíritas.

Outra preocupação constante, como já percebemos ao longo deste capítulo, é o Ensino de Religião. Dom Alberto, na condição de Secretário do Ensino Religioso da CNBB, esteve no Rio de Janeiro, de 14 a 15 de dezembro, já organizando as atividades de seu secretariado para o ano de 1956, como uma das primeiras atividades estava o Encontro com diretores de Ensino Religioso do Nordeste para o mês de fevereiro, e para o bom resultado foi distribuído um questionário, solicitando que seja preenchido e estudados os pontos ali elencados antes da realização desse encontro¹¹²⁷.

Ao se aproximar o aniversário de 80 anos de Pio XII, ao mesmo tempo dos seus 17 anos de pontificado, em 2 de março, Dom Alberto envia circular falando de tão importante data e que a partir de 1º de fevereiro, todas as orações e sacrifícios deveriam ser direcionadas ao Pontífice. O Arcebispo convocou padres, Religiosas, Seminaristas, militantes da AC e fiéis a se “reunirem num só ramallete espiritual o oferecimento de missas ouvidas, comunhões sacramentais, terços, visitas ao Santíssimo, mortificações e jaculatórias”. Solicitação de que tudo isso seja repassado à Cúria para o envio dessa oferta espiritual ao Papa. Ordenou, ainda que até 12 de março, que todas as Associações que se reunirem incluam uma Ave-Maria em intenção pelo Sumo Pontífice¹¹²⁸.

Em 1956, a Arquidiocese ganhou mais quatro padres, em março foi ordenado Moisés Lindoso, em Manaus, em junho Jorge de Andrade Normando, em Manaus, Alírio Lima dos Santos, primeiro redentorista amazonense, em Manaus, e em setembro Bernardo Martins Lindoso, ordenado em Manicoré. E, o Pe. Bento José de Souza recebeu, de Dom Alberto, o título de cônego, em maio¹¹²⁹. A cada novo padre havia muita comemoração, bem como expressões de alegria por aqueles que recebiam títulos.

¹¹²⁷ Em atividade o Secretariado Nacional do Ensino Religioso. **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145.

¹¹²⁸ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 22 de janeiro de 1956, n. 146.

¹¹²⁹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

Ainda em janeiro, foi dada a bênção da capela de Nossa Senhora das Graças, no Lago Murutinga, por Dom Alberto¹¹³⁰. O Pe. José Pereira Neto, diretor do Colégio Dom Bosco, passou a ocupar a cadeira Tenreiro Aranha, em sucedendo Leopoldo Peres, na Academia Amazonense de Letras¹¹³¹, se tornando mais uma presença eclesiástica neste Instituto. O Cônego Milton Pereira, permaneceu por mais uns dias e pregou o retiro das Irmãs Doroteias em Itacoatiara¹¹³².

As provisões dos vigários, descrita no *Universal* no início de fevereiro, nos dá visibilidade da estrutura até aquele momento. Na Catedral, Pe. Walter Nogueira; em Remédios, Cônego Pedro Mottais; em São Sebastião, Frei Miguel Ângelo, Capuchinho; São Raimundo, Pe. Ludovico Sootiens, CSSp; no Perpétuo Socorro, Cônego Antônio Plácido; em Santa Rita, Frei Valeriano Fernandez, ORSA; em São José, Pe. Luís Veson, SDB; em Aparecida, Pe. Mário Anglin, CSSR; em Nazaré, Pe. Francisco Luppino, PIME; na Santa Luzia, padre Paulino Lammeier; em Itacoatiara, Cônego Alcides Peixoto; em Manacapuru, Pe. Paulo Broker, CSSR; em Coari, Pe. Clemente Weirich, CSSR; em Codajás, padre Jorge Joly, CSSR; em Borba, Pe. Bento Souza; em Manicoré, Pe. Ludovico Sootiens, CSSp; em Silves, Cônego Alcides Peixoto; em Canumã, Pe. Paulino Lammeier; no Curato do Careiro e Cambixe, Frei Valeriano Fernandez, ORSA; no Curato dos Hospitais, Monsenhor Manuel Monteiro; Curato do Aleixo, Pe. Tullio Aballe, PIME¹¹³³. Como se vê, a maioria das paróquias era conduzida por Congregações Religiosas estrangeiras.

Para o primeiro domingo da Quaresma, foi solicitado aos párocos que iniciassem a instrução da doutrina cristã, tendo por tema o Símbolo dos Apóstolos, com observações sobre a Igreja, o Romano Pontífice e o Magistério¹¹³⁴. Para iniciar o tempo quaresmal, aparece uma nota no jornal sobre quatro tipos de católicos indesejáveis: o católico ignorante, que pouco ou nada conhece do Catecismo, cai em erros e heresias por desconhecimento; o católico rotineiro, faz tudo por costume sem compreender a missa nem o sentido das devoções; o católico crítico, que quer que sua opinião sempre prevaleça, que

¹¹³⁰ Ibidem.

¹¹³¹ Festa da Inteligência: a Recepção do Padre Pereira Neto na Academia Amazonense de Letras. **Universal**. Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147.

¹¹³² Ibidem. 1956.

¹¹³³ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 5 de fevereiro de 1956, n. 148.

¹¹³⁴ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149.

exige muito, mas quase não se esforça para fazer o que deve; e o católico escandaloso, se diz católico, mas sua vida é uma negação da Fé¹¹³⁵.

Ao final de fevereiro, Dom Alberto em visita pastoral ao Baixo Amazonas, passou pelas comunidades de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Coração de Maria, no Autaz-Mirim, depois foi para Vila Rosa do Cumã. Iniciando março, chegou em seguida Nossa Senhora de Nazaré, no Murutinga¹¹³⁶, nos dias seguintes passou pelas comunidades Ambrósio Aires, Cainamãzinho, Nossa Senhora de Nazaré, na região do Paraná da Eva, Santo Antônio do Caxinauã, retornando para Manaus a nove de março¹¹³⁷. Em abril foi registrada a visita pastoral para Itacoatiara, passando Dom Alberto, também, pelas localidades de: São Sebastião do Uatumã, Sant'Ana do Uatumã, Urucará, Castanhal, Comprido, Urucurituba, Vila Silva no Paraná do Ramos, Terra Preta, Pedras, Tabocal, e Silves¹¹³⁸. Em outra nota aparece que o Arcebispo passou também por Itapiranga¹¹³⁹, e ainda que para outras localidades de Itacoatiara¹¹⁴⁰ Dom Alberto foi acompanhado pelo cônego Alcides, frei Valeriano e padre Bernardino Lindoso¹¹⁴¹.

Ao final de março foi divulgada a nomeação do monsenhor Arcângelo Cerqua para Administrador Apostólico da Prelazia de Parintins¹¹⁴², tomando posse ao final de abril pelas mãos de Dom Alberto¹¹⁴³. Em abril registrou-se a chegada do Presidente Juscelino Kubitschek a Manaus, que foi recebido pelo Vigário Geral, monsenhor Manuel Monteiro, representando o Arcebispo que estava em visita pastoral ao Baixo Amazonas, e no banquete

¹¹³⁵ Algumas espécies de católicos indesejáveis. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149.

¹¹³⁶ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151.

¹¹³⁷ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 4 de março de 1956, n. 152.

¹¹³⁸ Viagens de Dom Alberto. **Universal**. Manaus, 1º de abril de 1956, n. 154.

¹¹³⁹ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 1º de abril de 1956, n. 154.

¹¹⁴⁰ Para a Visita Pastoral às localidades de Itacoatiara, foi apresentado o resultado referente a missas, comunhões, confissões, Batismo, Crisma, Casamento, pregações e Catequese, que transcrevo aqui, seguindo essa ordem, nas seguintes comunidades: Itapiranga, 3, 205, 234, 17, 136, 5, 3, 1; Silves, 4, 250, 275, 9, 249, 9, 4, 1; Urucará, 6, 392, 437, 31, 438, 10, 6, 1; S. S. Uatumã, 4, 312 342, 18, 179, 14, 3, 1; S. Ana Uatumã, 3, 71, 75, 5, 41, 8, 3, 0; Castanhal, 3, 130, 145, 8, 175, 10, 3, 2, Urucurituba, 6, 176, 187, 21, 133, 7, 6, 1; Comprido, 3, 83, 128, 28, 86, 10, 3, 1; Vila Silva, 3, 115, 136, 166, 7, 3, 1; Terra Preta, 3, 155, 167, 8, 145, 1, 3, 1; Pedras, 3, 166, 189, 35, 153, 6, 3,1; Tabocal, 2, 62, 87, 17, 104,2, 3,1. Movimento Religioso na Visita Pastoral. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160.

¹¹⁴¹ Visita Pastoral. **Universal**. Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157, Ano IV.

¹¹⁴² Nascido na Itália a 2 de janeiro de 1917, foi ordenado em 1940, iniciando seu trabalho no Brasil pela Prelazia do Amapá. Designado o Administrador Apostólico para a Prelazia de Parintins. **Universal**. Manaus, 25 de março de 1956, n. 155.

¹¹⁴³ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 22 de abril de 1956, n. 159.

oferecido ao Presidente, o reitor do Seminário São José', monsenhor João Alves da Costa, representou Dom Alberto¹¹⁴⁴.

Em maio, a convite de Dom Mário Vilas Boas, Dom Alberto foi orador da comemoração do cinquentenário da Arquidiocese de Belém¹¹⁴⁵. O *Universal* destacou que a Arquidiocese de Belém foi merecedora de ser a terceira Província Eclesiástica erguida no Brasil, privilégios concedidos somente para Salvador e Rio de Janeiro até aquele momento, falando da importância da comemoração da Arquidiocese de Belém para o Amazonas, pois este esteve como sufragânea de Belém de 1906 até 1952¹¹⁴⁶, portanto, suas histórias estão entrelaçadas.

Antes de sua viagem, Dom Alberto reorganizou as funções na Arquidiocese, permanecendo Monsenhor Manuel Monteiro como vigário geral e Pe. Luiz Ruas como secretário. No Conselho Arquidiocesano, por três anos, tinha-se: Monsenhor Alves da Costa, os Cônegos. Alcides Peixoto, Pedro Mottais e Antônio Plácido, e o Pe. Walter Nogueira. Como Párocos Consultores: os Cônegos Antônio Plácido e Alcides Peixoto, o Pe. Bento José de Souza, Frei Valeriano Fernandez, ORSA, Pe. Walter Nogueira. Como examinadores pró-Sinodais, por 10 anos: Pe. Paulino Lammeier, Cônego Pedro Mottais, Frei José de Leonissa, OFM, Pe. Frederico Strattman, CSSR. Conselho Administrativo, por três anos: cônego Pedro Mottais e Pe. Walter Nogueira.

Para o Tribunal Eclesiástico: Cônego Pedro Mottais e Pe. Walter Nogueira, Promotor de Justiça, como Juiz pró-sinodal o padre Vicente Albuquerque, o monsenhor João Alves da Costa, e frei Valeriano Fernandez, como advogados os padres Raimundo Nonato, Manuel Bessa Filho e Joaquim Diomar Araújo, como notários os padres Luiz Augusto Ruas e Moisés Lindoso. Na Comissão Arquidiocesana do Catecismo: Dom Alberto Ramos, os padres Walter Nogueira, Moisés Lindoso e Pascoal Fillipelli. SDB. Censores Livres: cônego Pedro Mottais, Pe. Raimundo Nonato. Na Comissão Música Sacra: Monsenhor Manuel Monteiro da Silva, Cônego Pedro Mottais, prof. Pedro Pereira dos Santos, maestro Nivaldo e prof. Arnoud. Na Comissão Arte Sacra: Dom Alberto, padres Ruas e Moisés Lindoso. Comissão Apostolado Litúrgico: Monsenhor João Alves da Costa e padres Ruas, Walter, Moisés, Joaquim Diomar¹¹⁴⁷

¹¹⁴⁴ A autoridade Eclesiástica presente. **Universal**. Manaus, 22 de abril de 1956, n. 159.

¹¹⁴⁵ Cinquentenário da Arquidiocese de Belém. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160.

¹¹⁴⁶ Bodas de Ouro na Arquidiocese de Belém. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162.

¹¹⁴⁷ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 6 de maio de 1956, n. 161, Ano IV.

De volta a Manaus, concedeu o título de cônego ao Pe. Bento José de Souza, e recebeu as Filhas da Caridade que foram encaminhadas para Maués¹¹⁴⁸. Ainda em maio, apareceu no *Universal* uma nota sobre a reclamação dos alunos referente ao professor de História Geral do Colégio Estadual do Amazonas, Manuel Otávio de Souza, que trata a Igreja Católica, em suas aulas, de forma desrespeitosa “argumentando com preconceitos caducos e historicamente falsos”, inclinado para o ateísmo e materialismo, diz a nota. O jornal segue dizendo que o professor precisa de mais estudos, que pare com deboches e que a liberdade de cátedra não deve ser abusada, e aconselha: “ensine história como ela é, largue de mão os preconceitos deturpadores”¹¹⁴⁹.

Não se sabe o teor das aulas, ou as concepções do referido professor, mas esta nota chama atenção pela forma como foi exposta a situação ocorrida no Estadual. Os alunos, certamente alguns militantes da AC ou de famílias de militantes, recorreram ao jornal e este foi em defesa da Igreja acusando o professor pelos erros cometidos nas aulas. Isso nos mostra o alcance da Igreja, que chega à sala de aula e sua força que estabelece uma censura, mesmo que não oficial, que limita o professor de História e o direcionamento de suas aulas.

No número seguinte do *Universal*, Pe. Walter Nogueira diz ter sido procurado pelo professor Manuel Otávio que se sentiu atacado pelo jornal e afirmou que continuaria agindo da mesma forma, pois não se estava mais na Idade Média. A tal posicionamento o padre respondeu, que era justamente por esse motivo que os alunos tinham liberdade para reclamar quando ofendidos em suas convicções religiosas, e ao impasse do professor o padre retrucou que o jornal continuaria a ser combativo¹¹⁵⁰. Nos números seguintes do jornal, não há mais notícias sobre este acontecimento, ficando a impressão de que não houve mais um conflito, não a ponto de causar outra manifestação dos alunos, pois a característica militância da época, e com o apoio do Arcebispado, não ficaria calada.

Do final de maio ao início de junho, foi realizada na Catedral, a Páscoa Coletiva do funcionalismo público estadual, dos portuários e choferes, do Colégio Estadual do Amazonas e do Instituto de Educação do Amazonas¹¹⁵¹. Em junho, Dom Alberto foi a Borba, em visita pastoral, para a comemoração de seu II Centenário, durante os festejos de

¹¹⁴⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹⁴⁹ Ainda o Professor de História! **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n.162.

¹¹⁵⁰ NOGUEIRA, Pe. Walter Gonçalves. Apologia à Vista. **Universal**. Manaus, 20 de maio de 1956, n. 163.

¹¹⁵¹ Páscoas Coletivas na Catedral. **Universal**. Manaus, 20 de maio de 1956, n. 163.

Santo Antônio, e nessa ocasião, abençoou a pedra fundamental do Abrigo dos Pobres¹¹⁵². Seguindo, em visita pastoral, Dom Alberto se dirigiu para o Lago do Janauacá, passando por várias capelas¹¹⁵³. Ao final do mês foram assinadas as provisões dos padres Mário Giudici, para vigário cooperador de Nazaré, e Armando Bollentini, SDB, para confessor do Patronato Santa Teresinha¹¹⁵⁴.

Na reunião do clero, realizada no meio do ano, aparece um roteiro para as temáticas que serão expostas pelos padres nas próximas reuniões de junho a outubro de 1956. As temáticas são diversificadas, e, eu diria, até inusitadas: no mês de junho o tem foi “O parto sem dor”, pelo Pe. Walter Nogueira; em julho, “A encíclica sem música sacra”, pelo Pe. Luís Ruas; em agosto, a “Estrutura íntima da matéria”, pelo Pe. Joaquim Diomar Araújo; em setembro, “O filme ideal”, pelo Pe. M. Bessa Filho; e para outubro ficou o tema “A inseminação artificial”, a ser apresentada pelo Pe. Moisés Lindoso¹¹⁵⁵. Essas temáticas nos dão ideia de questões que incomodavam o clero, mas não encontrei nenhuma fonte que nos desse um pouco do desenrolar dessas temáticas.

Na reunião do clero, aparece, também, a questão do cinema, há registro sobre o apoio ao CCC (Circuito de Cinema Católico), sediado em Recife, a qual a Arquidiocese de Manaus reconhece como organização oficial católica para o fornecimento de bons filmes. O clero de Manaus, e a AC, demonstrava que estava em sintonia com as diretrizes papais, demonstrando preocupação com o teor dos filmes, como aparece em destaque na primeira página do *Universal* as palavras de Pio XII sobre o zelo que a família deve ter, como oásis e refúgio, protegendo de ideias perniciosas, trazidas pelo cinema, todos os seus membros, indicando filmes adequados para a vivência católica¹¹⁵⁶. Isso mostra claramente o incomodo com o alcance dos filmes, principalmente em meio à juventude.

Nesta mesma reunião, aparecem os registros das visitas pastorais de junho para o segundo semestre. Em junho, para Nova Olinda e Canumã, de 5 a 10 de junho; para Borba, de 10 a 14 de junho, já mencionada acima; e para Janauacá, de 23 a 27 de junho, também mencionada. Em julho, para Coari, de 22 a 30 de julho. Em agosto para Codajás, e para a

¹¹⁵² O que haverá essa semana. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano IV.

¹¹⁵³ Visita Pastoral. **Universal**. Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano IV.

¹¹⁵⁴ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano IV.

¹¹⁵⁵ **Boletim Eclesiástico**, 21 de junho de 1956.

¹¹⁵⁶ O Cinema e Família: oportunas palavras do Papa Pio XII sobre o filme ideal. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano IV.

paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Manaus. Em setembro para Manicoré, e para a paróquia de Santa Luzia, em Manaus¹¹⁵⁷.

Na reunião do mês seguinte, apareceu a notícia sobre a Obra Arquidiocesana das Vocações, tendo como diretor Dom Alberto, e como vice-diretor Pe. Jorge de Andrade Normando. O Arcebispo solicitou informação dos vigários sobre os dias em que ocorrem as reuniões de OVS para que o diretor ou o vice possam comparecer. Afirmando que: “Não se trata apenas de recolher dinheiro, cumpre desenvolver a vida associativa, para que todos os sócios sintam o dever de rezar e sacrificar-se pelo magno problema das vocações, compreendendo-lhe também o elevado significado”¹¹⁵⁸.

Em julho, uma das observações trazidas pelo *Universal* se refere ao comportamento na Casa de Deus, elencando os seguintes pontos: a Casa de Deus é lugar de oração; primeiro ato ao adentrar a igreja é adorar ao Santíssimo Sacramento; só depois da oração eucarística vem o culto aos santos; não se passa diante do Santíssimo sem fazer a genuflexão completa; ajoelhar-se na elevação e para receber a comunhão; dentro da igreja não se deve falar nem passear; tomar parte ativa na liturgia, nas orações e cantos; as senhoras devem vir de cabeça coberta, com trajes modestos e cristãos; não se aceita orações e esmolas de senhoras que não se vestem com pudor; Deus será severo com os pais que não impedem a extravagância das filhas; sem cães na igreja; não trazer crianças que choram durante os atos religiosos e as senhoras que se vestem com roupas curtas, sem manga e com decote não podem ser madrinhas de Batismo, testemunha de casamento e nem participar de atos religiosos¹¹⁵⁹. Essa nota é ao mesmo tempo orientação e exortação, que mescla questões litúrgicas e morais, vê-se a exigência do zelo para com o templo e a Eucaristia, ao mesmo tempo em que se aproveita para jogar a maior responsabilidade para as mulheres, na maior parte, pela serenidade, em outras palavras elas causam a perturbação da ordem.

Durante esse mês as Santas Missões, pregadas pelos Redentoristas, chegaram à Nossa Senhora de Fátima, havendo reza do terço em vários cantos do bairro, com o apoio de congregados marianos, cabendo aos vigários de São Sebastião e alguns seminaristas as funções litúrgicas, e da preparação de primeiras comunhões e confissões¹¹⁶⁰. Na segunda

¹¹⁵⁷ **Boletim Eclesiástico**, 21 de junho de 1956.

¹¹⁵⁸ **Boletim Eclesiástico**, 19 de julho de 1956.

¹¹⁵⁹ Respeito à Casa de Deus. **Universal**. Manaus, 1º de julho de 1956, n. 169.

¹¹⁶⁰ Santas Missões. **Universal**. Manaus, 15 de julho de 1956, n. 171, Ano IV.

quinzena de julho, Dom Alberto seguiu em visita pastoral para Coari e Codajás¹¹⁶¹, e foi anunciada a publicação do livro do Pe. Raimundo Nonato Pinheiro sobre Dom João da Mata, recebendo ele o convite da Editora Vozes para compor o corpo de críticos literários¹¹⁶².

No início de agosto, Dom Alberto erigiu canonicamente as paróquias: Nossa Senhora da Conceição de Silves, capela criada em 1759; Sant'Ana de Urucará, capela criada em visita pastoral de Dom Antônio de Macedo Costa; Nossa Senhora da Assunção de Canumã, capela criada em 1802; e São José de Urucurituba¹¹⁶³. Para a comemoração do Dia Mundial do Catecismo, Dom Alberto expressou seu desejo de poder contar com a boa vontade de todos os mestres, sacerdotes, religiosas, professores secundários e primários para o ensino religioso em todos os cursos, em estabelecimentos católicos ou neutros¹¹⁶⁴. Na segunda quinzena do mês Dom Alberto esteve, em visita pastoral, em Nova Olinda e Canumã¹¹⁶⁵.

Ao final do mês de agosto ocorreu a terceira Reunião da Província Eclesiástica de Manaus, com a principal finalidade de elaborar as respostas que devem ser dadas pelo metropolitano, por ocasião da reunião dos Arcebispos, em Campinas no mês de novembro¹¹⁶⁶. Nesta ocasião, o Prelado de Porto Velho, o salesiano João Batista de Souza Costa, participou do encontro desta Província Eclesiástica pela primeira vez¹¹⁶⁷. Os Prelados, em conjunto fizeram seus encaminhamentos sobre as questões pertinentes a esta Província Eclesiástica, a partir do que parece ser uma pauta de levantamento para uma discussão maior na CNBB.

Previamente estava em pauta a vida paroquial ajustada aos novos tempos, a formação da opinião pública a partir dos agentes de publicidade, os problemas dos Seminários e a pauta de um programa de realizações para que o Governo possa atender. Foram convidados o jornalista Herculano Castro e Costa, para falar sobre a *Valorização da Amazônia* e o médico Ney Lacerda para tratar sobre o *Serviço Nacional de Endemias*. Também, foram programadas visitas ao Governador, à Casa do Trabalhador e à Associação Comercial¹¹⁶⁸.

¹¹⁶¹ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano IV.

¹¹⁶² Dom João da Mata. **Universal**. Manaus, 5 de agosto de 1956, n. 174, Ano IV.

¹¹⁶³ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 12 de agosto de 1956, n. 175.

¹¹⁶⁴ Dia Mundial do Catecismo. **Universal**. Manaus, 19 de agosto de 1956, n. 176, Ano IV.

¹¹⁶⁵ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 19 de agosto de 1956, n.176, Ano IV.

¹¹⁶⁶ **Boletim Arquidiocesano**, 23 de agosto de 1956.

¹¹⁶⁷ Importante Conclave dos Prelados. **Universal**. Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano IV.

¹¹⁶⁸ Ibidem. 1956.

Nesta Terceira Reunião, ocorrida de 30 de agosto a 1º de setembro, Dom Pedro Massa não estava presente, sendo representado por seu bispo-coadjutor Dom José Mitrovitsch, também estava ausente o Administrador Apostólico de Parintins, representado pelo Pe. Francisco Luppino. Os Prelados debateram sobre os problemas econômicos da região e a difícil relação com a SPVEA, falando da situação humilhante das instituições religiosas que se encontram no Vale Amazônico. O deputado Xenofonte Antony, na Assembleia Legislativa, aproveitando a passagem dos Prelados, afirmou que “A obra social da Igreja Católica não encontra paralelo nem precedentes dentro do Estado e honramo-nos mesmo em dizer que, onde muitas vezes a própria administração falhou ou descuidou-se, a Igreja substituiu-a com vantagem e eficiência”¹¹⁶⁹.

Nas visitas, os Prelados estiveram com o governador Plínio Coelho, e depois se dirigiram à Associação Comercial do Amazonas, onde Dom Alberto aproveitou para fazer apelo contra o alcoolismo e folhinhas obscenas. Ao passar na Casa do Trabalhador, presidentes de sindicatos se manifestaram e em resposta os Prelados defenderam “a posição da Igreja como harmonizadora das classes sociais”. Foram ainda ao Tribunal de Justiça, onde levantaram a questão do casamento. Na participação no Primeiro Congresso dos Municípios do Amazonas, que estava acontecendo por ocasião desta Terceira Reunião de Prelados, Dom Alberto discursou sobre “A Paróquia e os Municípios”. Visitaram, ainda, o Seminário dos Padres Redentoristas, o Noviciado do Preciosíssimo Sangue, e as obras da igreja de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças e Santa Rita¹¹⁷⁰.

Na II Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica de Manaus, aparece a instrução religiosa como primeiro ponto, e sobre ela a preocupação com a ignorância da doutrina que constitui, na opinião dos Prelados, o maior entrave à evangelização, reconhecendo o sentimento de religiosidade existente no povo, mas que faltar-lhes orientação sobre a essência do Cristianismo. No segundo ponto aparece a preocupação com a Boa Imprensa, solicitando para que se divulgue em larga escala jornais e revistas católicas, e a necessidade de mais cursos para formar catequistas, que serão, também, formadores de opinião.

O terceiro ponto, trazido pela Pastoral, é o Apostolado Bíblico, no qual deve-se exercitar e fomentar entre católicos o amor à Sagrada Escritura, o que deve ser intensificado no mês de setembro. A formação cívica, aparece como outro ponto, para que sacerdotes orientem

¹¹⁶⁹ **III Reunião da Província Eclesiástica de Manaus.** 30 de agosto a 1º de setembro de 1956.

¹¹⁷⁰ **III Reunião da Província Eclesiástica de Manaus.** 30 de agosto a 1º de setembro de 1956.

o povo a renovar títulos e participar ativamente nas eleições. A Pastoral também apresenta preocupação com a defesa da família, os inimigos da família e o perigo das festas dançantes, com o problema do alcoolismo e jogos de azar, e com o apostolado entre os homens. Como último ponto, é o incentivo às vocações, que deve ser um trabalho permanente¹¹⁷¹.

O *Universal* publicou uma foto dos Prelados, ao final deste Encontro, e uma nota que a acompanha falando sobre a II Pastoral Coletiva, dizendo que o documento apresenta pontos esclarecedores, após fazer um panorama religioso e social da região amazônica, aborda os problemas e apresenta soluções. O jornal afirma que “nenhum leigo esclarecido deve ignorar a momentosa epístola coletiva dos nossos Bispos, mas incluirá em sua biblioteca o precioso documento, que transmite a palavra do bom senso, da sabedoria e do equilíbrio em assuntos de tanta gravidade”, e que os Bispos visam o bem-estar público e o progresso espiritual da região¹¹⁷².

Em outubro, passou por Manaus o Monsenhor Berlocco, secretário da Nunciatura Apostólica, para um Encontro com os seminaristas, onde falou que este grupo se encontra em uma terra promissora com habitantes virtuosos, e que precisavam corresponder ao chamado ao sacerdócio, com sinceridade, lealdade, disciplina, e responsabilidade, afirmando que se a Amazônia tiver sacerdotes assim, e “[...] essa será então a terra prometida onde florescerão as virtudes cristãs[...]”, esse sacerdote, continua ele “[...] transportará inúmeras almas que se sucedem através dos séculos para interminável vida do Paraíso celeste: para Deus”¹¹⁷³. Esse mês marcou, também, mais uma etapa da expansão da Arquidiocese, com a ereção da Paróquia de São Francisco de Assis instalada em Manaus no dia 4¹¹⁷⁴.

Dom Alberto e o Monsenhor João Alves da Costa se dirigiram para São Paulo para participarem do II Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais, no mês de novembro, em seguida Dom Alberto foi a Campinas para a Reunião dos Arcebispos Metropolitanos¹¹⁷⁵. O I Congresso das Vocações ocorreu em 1949, e ao longo desses sete anos a urgência de mais sacerdotes continuava a ser o ponto central. O II Congresso fez

¹¹⁷¹ II Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica de Manaus. **Universal**. Manaus, 16 de setembro de 1956, n. 180, Ano IV.

¹¹⁷² Precioso Documento. **Universal**. Manaus, 7 de outubro de 1956, n.183, Ano IV.

¹¹⁷³ Brilhante Alocução. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

¹¹⁷⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹⁷⁵ Irão a São Paulo. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

um balanço do número de sacerdotes existentes no Brasil, sendo 10.000, e da real necessidade, que era de 50.000. era um alerta de mobilização para os Arcebispos¹¹⁷⁶. No discurso, no Congresso, Dom Alberto falou da imensa responsabilidade dos Bispos que assumem “o peso das preocupações tanto de ordem material, como sobretudo de ordem espiritual¹¹⁷⁷”.

Para os festejos da Imaculada Conceição, deste ano, sempre iniciado ao final de novembro e se estendendo até o dia da Padroeira, o programa constava de missas, novena, com participação de coral e Banda da Polícia, em relação às várias peregrinações de Paróquias, Associações Religiosas, e Escolas para prestar homenagens coletivas à Virgem, o *Universal* destacou a presença do Apostolado da Oração, da Irmandade do Carmo e Adoradoras do Santíssimo, do Instituto Montessoriano Álvaro Maia e do Educandário Gustavo Capanema, e a noite dedicada aos professores¹¹⁷⁸.

Diante das suas inúmeras demandas, Dom Alberto propôs sua renúncia do Secretariado Nacional do Ensino Religioso, durante a reunião da III Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, alegando estar “à frente de uma Arquidiocese difícil e longínqua”, e que tão importante missão fosse dada a outro Prelado que fosse de um Estado mais central. Mas o cardeal Mota, presidente Conferência, não aceitou o pedido, mantendo Dom Alberto na função¹¹⁷⁹.

Outro registro importante no final deste ano, envolve a designação dos padres Joaquim Diomar e Moisés Lindoso para assumirem Manicoré em substituição aos padres Espiritanos¹¹⁸⁰, e o anúncio do início do retiro do clero com início para o dia sete de janeiro¹¹⁸¹. Às vésperas do Natal, o Governo enviou à Assembleia Legislativa duas mensagens, a primeira referente à obrigatoriedade do ensino primário, e a segunda com a proposta de conceder à Arquidiocese ou às Paróquias a responsabilidade da direção das Escolas, sem previamente ter consultado o Arcebispo¹¹⁸². Não encontrei nenhum registro

¹¹⁷⁶ Segundo Congresso Nacional de Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

¹¹⁷⁷ O imprescindível dever de todos colaborarem com a Obra das Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

¹¹⁷⁸ Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

¹¹⁷⁹ Não foi aceita a renúncia. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

¹¹⁸⁰ Paróquia de Manicoré. **Universal**. Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

¹¹⁸¹ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

¹¹⁸² Dois projetos sobre o Ensino. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

posterior sobre a gestão das escolas passarem para a Arquidiocese, o que significa que essa proposta não foi aceita.

Durante o período natalino, As Mães Cristãs, que eram responsáveis pela Obra do Berço, entregaram vários enxovais para dezenas de gestantes pobres¹¹⁸³. E, Dom Alberto, solicitou a todos os sacerdotes os dados estatísticos do movimento religioso do ano de 1956, e que dentro do mapa previamente enviado, reforçando a data do retiro anual do clero de 7 a 12 de janeiro, e pediu orações por ocasião do seu oitavo ano de Episcopado a ser celebrado no dia 1º de janeiro¹¹⁸⁴.

No início do ano de 1957, Dom Alberto conferiu o título de Cônego ao Pe. Walter Nogueira, logo em 1º de janeiro, e, o *Universal* colocou em primeira página lembrando que ele, vindo de Coari, era diretor deste jornal, e que foi o primeiro padre ordenado pelas mãos de Dom Alberto¹¹⁸⁵. Neste mesmo dia foi ordenado o padre dominicano Frei Francisco Maria de Araújo, cearense¹¹⁸⁶. No retiro do clero, apenas dois padres estavam ausentes: Jorge Normando e Moisés Lindoso. O primeiro por estar no Sul e o segundo por motivos de saúde. Ao final do retiro, foi nomeado o novo reitor do Seminário São José, Cônego Pedro Mottais, e o Monsenhor João Alves reassumiu a Paróquia dos Remédios, e, ainda, houve a suspensão de ordens do Pe. Raimundo Nonato, por tempo indeterminado¹¹⁸⁷, não havendo nenhuma menção sobre o motivo do afastamento¹¹⁸⁸.

O *Universal* transcreveu do *Jornal Folhas do Norte* as palavras de Dom Mário Vilas-Boas, que no mês de maio assumiu como Arcebispo Coadjutor de Salvador, fazendo reflexão sobre o tempo e a eternidade, dizendo que para o cristão o tempo e a eternidade estão marcados por um Menino e uma estrela. Sem o Menino não há salvação, e a estrela representa os caminhos apontados por Jesus, Maria e a Igreja. Com essa reflexão, de 1º de janeiro, Dom Mário começava a se despedir de Belém, “retirar-me-ei do vosso convívio,

¹¹⁸³ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

¹¹⁸⁴ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 30 de dezembro de 1956, n. 195, Ano IV.

¹¹⁸⁵ Alta distinção conferida ao nosso diretor. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1957, n. 196, Ano IV.

¹¹⁸⁶ Ordenações. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1956, n.196, Ano IV.

¹¹⁸⁷ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano IV.

¹¹⁸⁸ Pe. Nonato Pinheiro, sempre escrevia colunas para o *Universal*, e nos meses que se seguiram há um silêncio, aparecendo o cônego Walter Nogueira nas colunas de destaque. E, após esse silêncio reaparecem os escritos do Pe. Nonato, por ocasião das homenagens prestadas a Dom Alberto que se despedia de Manaus. Um artigo escrito por ele, como escritor do IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas), intitulado “Bispos do Pará: rápidas perspectivas sobre um Sólido Episcopal”, foi publicado no *Universal* a 11 de agosto de 1957, sem menção alguma da retoma de suas funções ministeriais, mas para aparecer um texto seu significa que estava, outra forma não teria sido permitida nenhuma publicação sua.

carregando no coração o fardo, imensamente e docemente pesado, da saudade e da gratidão”¹¹⁸⁹.

No andamento do mês, ocorreu o Curso Intensivo para Catequistas Rurais, no Abrigo Redentor¹¹⁹⁰, com a colaboração das Filhas de Caridade e das Doroteias, e procedeu-se, por Dom Alberto, a benção das capelas de Nossa Senhora de Nazaré em Flores, BR 174, construída com o esforço dos moradores das colônias¹¹⁹¹, e a de Sant’Ana no Instituto Benjamin Constant¹¹⁹². As visitas pastorais anunciadas para o mês de fevereiro foram para o Careiro e em seguida para o Rio Negro, onde Dom Alberto passou pelas comunidades: Pagodão, Apuaú; Pacatuba; Tauápessaçu, onde inaugurou a capela de Santo Ângelo; Igarapé-Açú; Lago do Ubim; Ariaú; e Lago do Limão¹¹⁹³.

Dom Alberto apresentou as funções do clero, de fevereiro em diante, ficando a distribuição a seguir: Monsenhor Manuel Monteiro vigário geral e capelão do Preciosíssimo Sangue; Monsenhor Joaquim Pereira, auxiliar de Itacoatiara; Monsenhor Alves da Costa pároco dos Remédios; Cônego Mottais reitor do Seminário; Cônego Plácido pároco do Perpétuo Socorro; Cônego Alcides pároco de Itacoatiara, Silves, Urucará e Urucurituba; Cônego Bento de Souza pároco de Borba; Cônego Walter Nogueira pároco da Catedral e administrador do patrimônio da Arquidiocese; Pe. Paulino Lemmeier pároco de Santa Luzia e professor do Seminário; Pe. Luís Ruas pároco de Manicoré; Pe. Manuel Bessa pároco de São Francisco; Pe. Vicente Albuquerque prefeito de estudos do Seminário e capelão do Instituto Benjamin Constant; Pe. Joaquim Diomar professor do Seminário e cooperador da Catedral; Pe. Jorge Normando capelão da Casa da Criança e cooperador de Itacoatiara; Pe. Bernardo Lindoso capelão da Casa da Criança; e Pe. Moisés Lindoso secretário do Arcebispado e capelão do Ginásio Doroteia¹¹⁹⁴.

Ao final de fevereiro, o *Universal* publicou uma reflexão sobre a liberdade. Iniciou falando das trevas da opressão que caiu sobre o mundo desde 1917, exaltando a Polônia e seu movimento pela liberdade que foi seguido pela Hungria, e que tem sido motivação para outros, contra o urso soviético que se apresentou ao mundo como “flagelo de Deus”, a

¹¹⁸⁹ Diálogo do tempo com a eternidade. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro, n. 198, Ano IV.

¹¹⁹⁰ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1956, n. 198, Ano IV.

¹¹⁹¹ A benção solene da capela de Nossa Senhora de Nazaré em Flores. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano IV.

¹¹⁹² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹⁹³ Visitas Pastorais. **Universal**. Manaus, 10 de fevereiro de 1957, n. 201, Ano IV.

¹¹⁹⁴ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano IV.

exemplo de Átila e Gengis Khan, afirma o jornal. Termina dizendo que o Ocidente está atento para as manobras de Moscou¹¹⁹⁵. O posicionamento da Igreja contra o “Comunismo”, já expresso em várias encíclicas, aqui, também, aparece como de uma Instituição Ocidental que em tempos de Guerra Fria se contrapõe à ideologia e às ações soviéticas.

Em março, Dom Alberto, em visita pastoral a Itacoatiara, abençoou as capelas de Nossa Senhora de Nazaré e do Divino Espírito Santo¹¹⁹⁶. Neste mês, foram provisionados os seguintes sacerdotes: Bernardo Lindoso pároco de Nossa Senhora das Dores de Manicoré; Luís Ruas capelão da Casa da Criança; Mário Costagna confessor das Filhas de Maria e do Patronato; Moisés Lindoso secretário do Arcebispado e assistente da JEC; e Joaquim Diomar assistente da JUC. Manoel Monteiro foi exonerado do cargo de Vigário Geral da Arquidiocese, por idade e motivo de saúde¹¹⁹⁷.

O Secretariado Nacional do Ensino Religioso, anunciou a realização da Maratona Catequética Nacional, a ser realizada em janeiro de 1958, no Rio de Janeiro, e apresentou o programa a ser seguido pelos diversos cursos: para o Primário, um resumo de toda a Doutrina Cristã; para o Ginásio, os temas Vida Cristã, Dogmas, Sacramentos e Liturgia, e Moral; para o Científico, a História da Igreja; e para o Curso Normal, a Pedagogia Catequética¹¹⁹⁸. O que mostra a padronização do Ensino Religioso em íntima conexão com o ensino da Catequese.

Na reunião do clero, do mês de março, foram colocadas as orientações para o período quaresmal e a Semana Santa, onde se deixou registrada a proibição aos padres de irem ao cinema durante a Quaresma, exceto os Salesianos ao acompanharem os meninos do Oratório. A outra orientação diz respeito ao uso de rito simples, que deve ter o número básico de acólitos, preparados devidamente. O Seminário São José ficou responsável por ministrar aulas especiais para preparar os ajudantes de paróquias e capelas, para o Domingo de Ramos e o Tríduo maior¹¹⁹⁹.

Uma nota em primeira página chamou atenção. A pouco Pio XII completara 81 anos e 18 de Papado, e estava com a saúde fragilizada, começavam, então, as especulações sobre

¹¹⁹⁵ O Espírito da Liberdade. **Universal**. Manaus, 24 de fevereiro de 1957, n. 203, Ano IV.

¹¹⁹⁶ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹¹⁹⁷ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 3 de março de 1957, n. 204, Ano IV.

¹¹⁹⁸ Maratona Catequética Nacional. **Universal**. Manaus, 24 de março de 1957, n. 207, Ano IV.

¹¹⁹⁹ **Boletim Eclesiástico**, 20 de março de 1957.

o próximo conclave. A notícia destaca o Cardeal Cerejeira, de Portugal, como um dos dez candidatos cotados para a sucessão papal, além dele aparecem sete italianos, um armênio e um canadense¹²⁰⁰. Conhecidamente todos os Papas que subiram ao trono desde Trento foram italianos, com exceção de dois austríacos (Pio X e Pio XI), e é bom saber que antes da eleição do Papa polonês (1978), já havia possíveis candidatos não italianos ao Papado, mesmo que fossem apenas especulações, outros nomes foram cogitados.

No mês de abril, por ocasião da Semana Santa, por ordem Arquidiocesana, o *Universal* divulgou alguns pontos do *Motu Proprio* de Pio XII: permitido a celebração diária da Missa, desde que seja para o bem espiritual de um considerável número de fiéis; padres e fiéis obrigados a abster-se por três horas de alimentos sólidos e bebidas alcoólicas, e demais bebidas uma hora antes das Missas; tal jejum é independente do horário da Missa, e para os enfermos não tem limite de tempo para a bebida não alcoólica e remédios. O *Motu Proprio* entrou em vigor no dia 25 de março¹²⁰¹. O Papa, agora idoso e doente, demonstra sua compreensão para com todos, em igual situação a dele, não passassem por que restrições para o recebimento da Eucaristia.

Dom Alberto decretou a criação da Paróquia de São Jorge, a 15 de abril, a terceira de sua administração, na capital¹²⁰², que foi instalada a 23 de abril, bem como a tomada de posse de seu primeiro pároco, Pe. Luís Augusto de Lima Ruas¹²⁰³. Com São Jorge, chegaram ao número de 12 as paróquias na sede metropolitana, um número significativo, mas não supria a necessidade de uma cidade em crescente expansão. Mas esta terceira paróquia erigida em um espaço de tempo tão curto, bem como inúmeras capelas benzidas, mostra a preocupação de Dom Alberto com a demarcação arquidiocesana da sede, e do interior, para uma melhor administração.

Em nota do *Universal*, no mês de maio, aparece a iniciativa do Pe. Paulino Lemmeier de criar o Clube dos Padres, com o objetivo de integração do clero de Manaus¹²⁰⁴. Neste anúncio já aparece o convite para o segundo encontro do Clube, mas não encontrei informação sobre a primeira e nem sobre sua continuidade, mas não deixa de ser uma nota

¹²⁰⁰ Cotado Cardeal Cerejeira como Candidato ao Papado. **Universal**. Manaus, 10 de março de 1957, n. 205, Ano V.

¹²⁰¹ Novas Concessões sobre a Missa Vespertina e o Jejum Eucarístico. **Universal**. Manaus, 14 de abril de 1957, n. 209, Ano V.

¹²⁰² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹²⁰³ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, Ano V.

¹²⁰⁴ Clube dos Padres. **Universal**. Manaus, 12 de maio de 1957, n.215, Ano V.

que ajuda a pensar a necessidade de momentos interativos e divertidos para o clero, sentida, pelo menos por parte deles.

A nove de maio, também chegou a notícia que Dom Alberto, a mando de Pio XII, estava sendo enviado para a Arquidiocese de Belém, e permaneceria com poderes de Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus até que o novo Arcebispo assumisse. A notícia foi confirmada pela publicação no *Osservatore Romano*, no dia 13. O *Universal* dizia que Manaus estava sem Metropolita, e que a atitude deveria ser de obediência, pois para Dom Alberto era merecida a promoção para uma Arquidiocese mais antiga. Mas, é nítido o sentimento de que se pudesse que fosse outro o escolhido, deixando claro que Dom Alberto faria falta em Manaus¹²⁰⁵. Pelo Decreto Consistorial de 19 de junho, Dom Alberto foi nomeado Administrador Apostólico da Arquidiocese vacante de Manaus, função assumida oficialmente a partir de 23 de junho¹²⁰⁶.

Dom Alberto iniciou, em junho, seu longo roteiro de visitas de despedida, começando com Missa para os hansenianos, na Colônia Belisário Pena, em Paricatuba¹²⁰⁷. Em julho ocorreu a visita pastoral para Manacapuru, por três dias, sendo o último dia dedicado para uma fala com o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria e para as Crianças da Cruzada Eucarística, onde explicou os ritos da Missa. Durante esta visita, crismou 578 pessoas¹²⁰⁸.

Nos meses que se seguiram, ainda sob o impacto da mudança, foram realizadas homenagens a Dom Alberto. O título de Cidadão Honorário da Capital Amazonense foi concedido pela Câmara Municipal de Manaus. No discurso da Câmara, foram elogiados seus feitos à frente da Arquidiocese, dizendo que ele ficaria presente no coração de quem o conheceu e conheceu suas obras, e foi-lhe conferido título pelo “apreço e alta consideração ao Digno Sacerdote que por nove anos de sublime apostolado, deu tantas provas de inequívocas simpatias por nossa terra e nossa gente, carinhosamente manifestadas na grande obra de assistência social e espiritual”¹²⁰⁹.

Finalizando julho, Dom Alberto chegou a Codajás para sua visita pastoral, onde realizou pregações, crismou, celebrou Missa campal e encerrou com reuniões para religiosas e

¹²⁰⁵ Dom Alberto transferido. **Universal**. Manaus, 19 de maio de 1957, n. 116, Ano V.

¹²⁰⁶ Dom Alberto continuará governando a Arquidiocese de Manaus até a tomada de posse do novo Arcebispo. **Universal**. Manaus, 21 de julho de 1957, n. 225, Ano V.

¹²⁰⁷ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 9 de junho de 1957, n. 219.

¹²⁰⁸ Visita Pastoral a Manacapuru. **Universal**. Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

¹²⁰⁹ Cidadão Honorário de Manaus. **Universal**. Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

religiosos. Nos primeiros dias de agosto se dirigiu para o Paraná do Cambixe, onde a celebração do Crisma foi ao ar livre, pois a capela ficou pequena para o momento. Em seguida se dirigiu para Itacoatiara¹²¹⁰.

Na capital, várias visitas às Paróquias ocorreram nesses meses que antecederam a partida de Dom Alberto, em agosto esse momento de despedida foi em São Francisco e na capela de Nossa Senhora da Glória¹²¹¹, e em São Sebastião, já em setembro, onde recebeu homenagens, com a presença de todas as associações religiosas da Paróquia¹²¹². Há registro de sua presença, para crismar, nas Paróquias de São Raimundo e Santa Rita, e no Sanatório Adriano Jorge¹²¹³.

Nos últimos dias, a agenda de Dom Alberto se intensificou ainda mais, com várias missas em diversas localidades de Manaus, visitas a Institutos, Escolas, Congregações Religiosas, ao Leprosário do Aleixo, a Hospitais, ao Governador, reuniões com a AC, crismas nas Paróquias de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Nazaré, e ainda esteve em Manicoré¹²¹⁴. A 27 de setembro, Dom Alberto, com a presença do clero e da AC, recebeu homenagem da Academia Amazonense de Letras, como um dos seus membros mais relevantes¹²¹⁵.

E, a 28 de setembro, recebeu o título de Cidadão Benemérito do Amazonas, conferido pela Assembleia Legislativa. Neste mesmo dia foi organizada a despedida na Praça do Congresso, com apresentação do Instituto Musical Santa Cecília, com a fala de um representante do clero e um do laicato, com a presença de autoridades civis. O *Universal* noticiou que foi um apostolado incansável de nove anos, e que o “episcopado de Dom Alberto, no Amazonas, foi a soma, complementação e frutificação das preces de Dom Basílio Olímpio Pereira e do dinamismo construtor de Dom João da Mata”¹²¹⁶.

O que o *Universal* afirmou, é atestado com o resultado das pesquisas desta tese, de que Dom Basílio e Dom João preparam o caminho para que a administração de Dom Alberto

¹²¹⁰ Visitas Pastorais. **Universal**. Manaus, 11 de agosto de 1957, n. 228, Ano V.

¹²¹¹ Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

¹²¹² Paróquia de São Sebastião: despedida do Senhor Arcebispo. **Universal**. Manaus, 1 de setembro de 1957, n. 231, Ano V.

¹²¹³ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 1 de setembro de 1957, n. 231, Ano V.

¹²¹⁴ Programa de Dom Alberto nos seus últimos dias entre nós. **Universal**. Manaus, 8 de setembro de 1957, n. 232, Ano V.

¹²¹⁵ Homenagens da Academia. **Universal**. Manaus, 22 de setembro de 1957, n. 234, Ano V.

¹²¹⁶ Despede-se a Arquidiocese de Manaus. **Universal**. Manaus, 15 de setembro de 1957, n. 233, Ano V.

pudesse colher muitos frutos. Também é importante dizer, que a partida de Dom Alberto foi algo desejado por ele, e talvez até articulado, sutilmente ou não, mas havia deixado claro que a dificuldade de deslocamento, que a distância da Arquidiocese de Manaus para as demais era um obstáculo para o bom exercício do Secretariado da CNBB, e voltar para Belém, seu local de origem, como Arcebispo, era sem dúvida um grande feito pessoal.

Dom Alberto não deixou nenhuma pendência financeira na Igreja de Manaus, e na condição de Administrador Apostólico nomeou o monsenhor João Alves da Costa como Governador do Arcebispado, ficando os assuntos mais importantes a serem resolvidos em Belém. O expediente da Cúria de Manaus continuaria a funcionar no Edifício Pio XII, à avenida Joaquim Nabuco, 1023, das 15 às 17 horas. Esta nota termina afirmando que enquanto Dom Alberto fosse o Administrador não haveria autorização para nenhum padre se envolver em cargos políticos¹²¹⁷. Claramente havia, pelo menos, algum debate em torno dessa questão.

A 29 de setembro, Dom Alberto celebrou pela manhã na Catedral e se despediu do Amazonas. Formou-se uma comitiva amazonense de 40 pessoas, para acompanhar o Arcebispo até Belém e testemunhar sua posse. A comitiva era encabeçada pelos Cônegos Alcides Peixoto e Walter Nogueira, o Pe. Mário Anglin e Frei Carmelo Aros, entre os membros das associações estava Maria de Miranda Leão¹²¹⁸. Do Pará, chegou uma embaixada que veio buscar Dom Alberto, trazendo à frente do Grupo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré¹²¹⁹.

O *Universal* registrou, também, o percurso do navio que transportou Dom Alberto de Manaus a Belém, destacando a recepção e a saudação das cidades de Itacoatiara, Parintins, Juruti, Santarém, Alenquer e São Sebastião de Boa Vista¹²²⁰. A chegada a Belém foi a três de outubro, sendo Dom Alberto recebido pelas autoridades com a entrega da chave da cidade pelo prefeito, em seguida o cortejo seguiu para a tomada de posse da Arquidiocese de Belém, na Catedral¹²²¹. No caminho para a Catedral, todas as igrejas fizeram soar os

¹²¹⁷ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 29 de setembro de 1957, n.235, Ano V.

¹²¹⁸ A Comitiva amazonense. **Universal**. Manaus, 8 de setembro de 1957, n. 232, Ano V.

¹²¹⁹ Chegou dia 25 a embaixada paraense que vem buscar Dom Alberto. **Universal**. Manaus, 29 de setembro de 1957, n. 235, Ano V.

¹²²⁰ Viagem de Dom Alberto. **Universal**. Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

¹²²¹ Primeiros dias de S. Excia. Revma. D. Alberto G. Ramos em Belém. **Universal**. Manaus, 6 de outubro de 1957, n. 136, Ano V.

sinos numa grande saudação¹²²². Ao longo dos próximos dias ocorreu uma vasta programação, destacando as homenagens feitas pelo clero e pela AC¹²²³.

Na Carta Pastoral de Saudação à Arquidiocese de Belém, Dom Alberto apresenta como primeira preocupação, o problema dos Seminários, dando ênfase à Obra das Vocações Sacerdotais e a importância dos setores da AC no fortalecimento da caminhada dos seminaristas. Depois, entre outras questões, falou das paróquias e de como os meios de comunicação e a aviação estão auxiliando no processo evangelizador, e sobre a Reunião de Prelados que tem apontado, entre as várias questões refletidas, para atualização das Prelazias, a renovação da Catequese e como trabalhar a opinião pública¹²²⁴.

No mês de novembro, de cinco a oito, ocorreu o III Encontro de Prelados Amazônia, em Belém. No discurso de abertura do Núncio Apostólico, aparece como primeiro ponto a relação entre as Prelazias e a SPVEA, dizendo que não se tratava apenas de cobrança de recursos devidos, mas de avaliar o conceito de Valorização da Amazônia, e que a presença do Presidente poderia ajudar em uma nova fase desse projeto. Também foi pedido que os Prelados discutissem sobre a divisão eclesial da Amazônia, a criação de novas prelazias, e a escassez de padres. Foi incluída na pauta, a proposta de seminário para os Prelados da Amazônia, com preocupação na formação do clero indígena e que a Amazônia fosse coberta radiofonicamente. E, neste documento há referência à criação de um Centro Missionário proposto na Primeira Reunião dos Prelados, em 1952, já iniciado com escola, mas que precisa se efetivar de fato¹²²⁵.

O Plano de Valorização da Economia da Amazônia foi projetado a partir de 1946, mas somente em 1953 entrou em vigor, e definida a sua abrangência foi criada a SPVEA para a Amazônia Legal, como passou a ser conhecida a partir desta lei. Após sua criação se elaborou o Plano de Emergência (1953-1954) e o Plano Quinquenal (1955-1959), tendo como meta a infraestrutura, a saúde e a educação, e para tanto realizou um diagnóstico da

¹²²² Repicaram festivamente os sinos de Belém. **Universal**. Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

¹²²³ Primeiros dias de S. Excia. Revma. D. Alberto G. Ramos em Belém. **Universal**. Manaus, 6 de outubro de 1957, n. 136, Ano V.

¹²²⁴ Saudação à Arquidiocese de Belém. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém e Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus. **Universal**. Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

¹²²⁵ LOMBARDI, Armando. **Discurso Proferido na Instalação da 3ª Reunião de Prelados da Amazônia**. 5 de novembro de 1957.

região. A SPVEA não atingiu todas as metas propostas para a região¹²²⁶. Exatamente sobre o que foi previsto e não realizado, é que se debruçaram as pautas dos Prelados.

Nos debates do III Encontro dos Prelados, aparecem reclamações e reivindicações para que o Governo Federal repassasse o recurso da SPVEA e a garanta sua aplicação conforme o plano decidido no Parlamento Nacional, de 3%, definido em 1955, e que até aquele momento não havia sido assinado o convênio e, portanto, havia dificuldade no recebimento da quota. Ao argumentar, se falou da composição da Província Eclesiástica, de uma Arquidiocese e nove Prelazias “nullius”, que ocupam metade da Amazônia e onde há escassez de alimentação e de transporte, por isso, os donativos são valiosos para a manutenção das Missões, uma vez que a falta de recurso inviabiliza a realização de vários projetos previstos para a região¹²²⁷. O presidente da República, presente no Encontro, ao tomar a palavra discursou sobre “Valorização Econômica e Valorização Espiritual” e assinou diante dos Bispos um decreto para o repasse dos recursos¹²²⁸.

Sobre a criação de novas Prelazias, que foram solicitadas durante este Encontro, estas só foram criadas no início da próxima década. Em 1961, a Prelazia de Humaitá, criada a 20 de junho de 1961, confiada aos Salesianos. E, a 13 de julho de 1963 foram criadas as Prelazias de Borba, confiada aos Franciscanos da Terceira Ordem Regular, a de Coari, na responsabilidade dos Redentoristas, e a de Itacoatiara, que ficou com os Padres da Sociedade de Scarboro¹²²⁹.

Ao final do mês de novembro, Dom Alberto estava de volta para seus compromissos na Arquidiocese de Manaus¹²³⁰. No início de dezembro, foi grande a comemoração na Igreja de Manaus ao ganhar mais quatro padres, ordenados, em Manaus, pelas mãos de Dom Alberto. Eram eles: Antônio Juarez de Moura Maia, Francisco da Silveira Pinto, Onias Bento da Silva Filho e Tiago de Sousa Brás¹²³¹.

Em 1958, ocorreu o Encontro de representantes da hierarquia do Brasil com representantes das hierarquias EUA e Canadá. Para os representantes da CNBB participarem desse Encontro foi enviado um questionário de verificação das necessidades

¹²²⁶ OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus de 1920 a 1967: a cidade doce e dura em excesso**. 2003, p. 62.

¹²²⁷ **Documento de Conclusão da 3ª Reunião de Prelados da Amazônia**. 5 a 9 de novembro de 1957.

¹²²⁸ **Desafio Missionário**: documentos da Igreja na Amazônia - Coletânea. Brasília, Edições CNBB, 2014, p. 204.

¹²²⁹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. 2014, p. 416.426.444.454.

¹²³⁰ De novo conosco. **Universal**. Manaus, 24 de novembro de 1957, n. 242, Ano V.

¹²³¹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

dos Prelados. O ponto central do Encontro seria a Amazônia. As questões se referem à possível criação de novas Prelazias, e se os Prelados gostariam de receber padres norte americanos e canadenses, se gostariam que implantassem seminários e outros projetos em suas localidades. Esse levantamento teve algum resultado, já que a Prelazia de Itacoatiara, criada em 1963, foi confiada aos Padres da Sociedade do Scarboro, sediado no Canadá¹²³².

Até o Encontro citado acima, Dom Alberto ainda era o Administrador Apostólico de Manaus. O segundo Arcebispo da Igreja de Manaus, Dom João de Souza Lima¹²³³, foi nomeado a 16 de janeiro de 1958, mas só tomou posse a 24 de maio. Dom João era Bispo Titular de Derbe, desde 1955, e quando recebeu a nomeação era Bispo de Nazaré da Mata, e de lá veio para assumir Manaus. O *Universal* destacou que o novo Arcebispo virá de Nazaré, fazendo analogia à Bíblia¹²³⁴.

Dom João de Souza Lima escreveu para o monsenhor João Alves da Costa, expressando sua alegria pela nomeação para a Igreja de Manaus, afirmando que desejava “consagrar-se de corpo e alma aos interesses de sua Arquidiocese, preparado com as melhores disposições”¹²³⁵. Estando de passagem pelo Rio de Janeiro, o novo Arcebispo convocou a colônia amazonense ali residente para uma Missa presidida por ele. Dom João confessou que recebeu com receio a notícia da transferência para o Amazonas, por desconhecer completamente, mas agradecia a Deus pela “oportunidade de ir pastorear fiéis que sabia tão amantes à Santa Igreja Católica Apostólica Romana”¹²³⁶.

Enquanto o novo Arcebispo não chegava, Dom Alberto continuava administrando Manaus, e passava por aqui pelo menos a cada dois meses para acompanhar de perto situações e decisões que dependiam de sua presença e permissão, reunia-se com o clero, crismava, entre outras obrigações. 1958 foi mais um ano de transição para a Igreja de Manaus, Dom Alberto fechava sua última etapa administrativa e Manaus começava a adentrar a sua segunda fase arquidiocesana. Era, também, um ano de transição no Papado, ano de despedida de Pio XII, ano de encerramento de uma longa fase dominada pelos Pios.

¹²³² **A Amazônia e o Encontro de representantes da Hierarquia do Brasil com Representantes da Hierarquia dos EUA e Canadá.** Abril de 1958.

¹²³³ Nasceu a 22 de março de 1913, em Tacaratu, município de Petrolândia, foi ordenado a 12 de novembro de 1939. Em 1949 foi nomeado Bispo Auxiliar de Diamantina, depois transferido para a Diocese de Nazaré. Ecos da Grande Notícia. **Universal.** Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

¹²³⁴ De Nazaré? **Universal.** Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

¹²³⁵ Dom João de Souza Lima, novo Arcebispo de Manaus. **Universal.** Manaus, 9 de fevereiro de 1958, n. 254, Ano V.

¹²³⁶ Colônia Amazonense no Rio. **Universal.** Manaus, 23 de fevereiro de 1958, n. 256, Ano V.

A experiência vivida pelo Episcopado da Amazônia na década de 1950 é diferenciada, havia uma expectativa nova, uma visão mais ampla do papel da Igreja, mostrando sinais de que começava a amadurecer no pensar e sentir a região. Uma unidade entre os Prelados em prol da Amazônia estava mais visível, com pautas em comum que mostravam preocupação com o pouco recurso empregado na região, mas também, com as questões sociais e ambientais que passaram a compor as reivindicações. Há quatro décadas, Dom Frederico Costa já denunciava o descaso para com os povos da Amazônia e a ausência do poder público para sanar graves problemas na região, mas ele era uma voz isolada numa época em que não havia conexão nem interesse em cuidar de um lugar considerado tão distante.

Com a virada de percepção do Episcopado sobre a atuação da Igreja no Brasil e na Amazônia, e com uma nova compreensão de si sobre a força e a unidade, na década de 1950 vê-se firmar a colegialidade dos Bispos em prol de projetos de maior alcance pastoral e social, passando a dar espaço para pautas já indicadas por Dom Frederico, talvez porque fosse, dentre os que por aqui passaram, nascido na região. Os Encontros dos Prelados da Amazônia, e os específicos da Província de Manaus, foram decisivos para a construção de um novo olhar sobre a região. Durante esse período o condutor da Arquidiocese de Manaus era Dom Alberto, também nascido na região, que logo em seguida passou a conduzir Belém, e dessa forma, continuou conectado com as questões que envolviam as duas Províncias Eclesiásticas.

Dom Alberto, pelo tempo longo de Episcopado na região acompanhou os impactos e as transformações, e o crescente posicionamento dos Bispos para uma Igreja mais engajada com as causas amazônicas, mas ainda de forma embrionária. Seu perfil era de um modernista conservador, de acordo com a categorização que apresentei ao início deste capítulo, aquele que se mantém firme em prol de uma Igreja defensiva de sua doutrina, combativo de tudo que represente ameaça, e profundamente clerical, ao mesmo tempo em que via a necessidade de uma Igreja mais atuante socialmente, afinal, ele era um Bispo da Ação Católica, e com ela, e a partir dela, procurou penetrar nas diversas instâncias da vida da sociedade amazonense, ao mesmo tempo em que conduzia de rédeas curtas a ela e às ações empregadas pelo clero.

Sua trajetória, nas Arquidioceses de Manaus (1949 a 1957) e de Belém (1957 a 1990), mostra que se tornou um Metropolita de projeção nacional, com um longo Episcopado na Amazônia. Ele se tornou o único a ocupar a Mitra nas duas Províncias Eclesiásticas do Norte, mantendo estreita relação entre elas, e sendo parte integrante de um contexto em

que o Episcopado da Amazônia deu passos importantes para dar visibilidade à região e na consciência de sua defesa, demonstrado desde a primeira reunião dos Prelados da Amazônia, ganhando maior força a partir do IV Encontro em Santarém, em 1972. Dom Alberto Ramos faleceu a 26 de novembro de 1991.

Entre as cartas de Dom Alberto, encontrei uma, de muitos anos depois, onde ele expressa o desejo de rever as localidades de suas primeiras visitas pastorais logo que assumiu a Diocese de Manaus. O ano era 1989, e Dom Alberto queria realizar esse desejo, tão logo ocorresse sua visita “*ad limina*” e apresentasse sua renúncia ao Papa. Ele estava para completar 75 anos, e queria rever Manaus, Parintins, Itacoatiara, Coari e Borba, por onde iniciou sua trajetória episcopal. Ele apresenta, na carta, um plano de viagem, começando por seu aniversário, em março, passando por Roma e a renúncia, em maio, a passagem do báculo a Dom Zico, em junho, e logo sua saída de Belém, de catamarã, e passaria por Parintins, Itacoatiara e chegaria a Manaus. Ao finalizar a carta, dirigida ao Arcebispo de Manaus, diz que será uma alegria rever esta Arquidiocese¹²³⁷.

Dom Alberto, frente à Igreja de Manaus, priorizou as vocações sacerdotais, como já destacado, e quando se despediu de Manaus, deixou 14 novos padres para autuar nessa imensa Arquidiocese, sendo dois ordenados em sua fase diocesana e os demais na arquidiocesana, e ampliou o Seminário São José, não apenas fisicamente, mas, com muito esforço e alegria, inaugurou o Seminário Maior. E, dentre os seus inúmeros feitos nesta Arquidiocese, destaco como uma de suas heranças a criação das três paróquias da primeira fase arquidiocesana, que serão apresentadas a seguir.

2. Santa Luzia, São Francisco de Assis e São Jorge: a paroquialização na Arquidiocese de Manaus

Seguindo a mesma perspectiva da análise das paróquias da década de 1940, realizada no capítulo dois, de micro instituição como parte integrante, somada às demais paróquias, apresento neste capítulo as três paróquias criadas na década de 1950 em Manaus, sede da Arquidiocese de Manaus. Nas décadas de 1950 e 1950, a cidade de Manaus vivia um processo de reordenação espacial devido ao crescimento urbano e populacional, levando à

¹²³⁷ A Carta é endereçada a Manaus, na ocasião o Arcebispo era Dom Clóvis Frainer. RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta**. Belém, 7 de dezembro de 1989.

sua divisão em três zonas: central, urbana e suburbana¹²³⁸. Ocorreu, a partir de 1952, a expansão para o noroeste com a criação de: São Geraldo, São Jorge e Ponta Negra. A estimativa da população de Manaus, na época era de 139.620 p.116¹²³⁹.

E, buscando atender essa nova realidade, a Arquidiocese criou na década de 1950 novas paróquias. Seguindo a perspectiva de análise sobre as paróquias no Brasil de Torres-Londoño, que afirma que elas são micro instituições aparelhadas, que seguem o modelo tridentino, com a finalidade de gerenciar, consolidar e levar adiante o projeto cristão, que se apresenta no período da restauração católica como “espaço central, insubstituível para a salvação”¹²⁴⁰. Nas novas localidades da crescente cidade de Manaus, foram fundadas as novas paróquias: Santa Luzia, 1953; São Francisco de Assis, em 1956; e São Jorge, em 1957. No interior, a paróquia de Silves, foi criada a 4 de agosto de 1956, com o título de Nossa Senhora da Conceição de Silves¹²⁴¹, entre outras paróquias e capelas estruturadas neste contexto.

A paroquialização, utilizo aqui o conceito empregado por José Manuel del Castillo¹²⁴², institucionaliza a vida e a organiza a religiosidade das comunidades. Manaus passava a se configurar em 12 paróquias. A instrução da Arquidiocese de Manaus para o que a vai conduzir, o pároco, tem como primeiro dever o ensino da Religião, pois é a partir dele que os fiéis conservam as virtudes cristãs: fé, esperança e caridade. A pregação, portanto, é essencial em uma paróquia, evitando assim erros advindos da ignorância religiosa. Para Santo Agostinho, ser catequista é criar laços com os catequizandos por meio do amor fraterno, do amor paterno e do amor fraternal¹²⁴³, e, o pároco tem o dever de ser o primeiro no ensino da Catequese.

Das paróquias existentes até o início dos anos de 1950, cinco eram dedicadas à Nossa Senhora e as outras quatro foram uma para uma santa e três para santos. As três novas paróquias instaladas a partir de 1953, todas têm por padroeiros santos, sendo uma mulher

¹²³⁸ OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: EDUA, 2003, p. 93.

¹²³⁹ Ibidem. 2003, p.198.

¹²⁴⁰ TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 15.

¹²⁴¹ RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Vida e Morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991, p.86.

¹²⁴² CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva Histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 92.

¹²⁴³ O Primeiro Dever de um Pároco. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

e dois homens, que tiveram por marco temporal uma devoção crescente a partir do século XIII, o que estabelece um ponto comum entre eles, e agora voltam a se encontrar nos anos de 1950 em Manaus.

O santo é próprio da cultura cristã, e tem como principal característica ter sido escolhido por Deus para se manifestar em seu lugar na terra, “como um instrumento ou um intermediário, seja através de milagres, seja por virtudes ou um comportamento excepcionalmente religioso em sua existência terrestre”¹²⁴⁴. Sua escolha é uma forma de vocação manifestada em um momento da existência dessa pessoa, se encarnando nela até a morte e lhe conduzindo à santidade.

O aparecimento dos santos configura uma das primeiras rupturas do Cristianismo com o Judaísmo. Depois dos apóstolos, os mártires foram definidos como santos, pois deram sua vida pela nova fé que gradativamente substituiu o paganismo antigo e o Judaísmo. A santificação dos mártires, estabelece forte ligação entre a santidade e a morte, o que tornou os santos, como denominou Peter Brown, “mortos privilegiados”, e seus túmulos se tornaram uma das principais redes espirituais, sendo seus restos mortais transformados no culto das relíquias.

Desde o início da era cristã, a natureza do santo e a santidade foram evoluindo, sendo na Alta Idade Média categorizada em: apóstolos, mártires, confessores e virgens. A partir do período Carolíngio, os santos são sacralizados, com destaque especial aos eremitas, e no final do século XII, coube ao papado qualificar o santo, a partir de exame geral e minucioso que é o processo de canonização. O dia do culto ao santo é o da sua morte, que é “definido como um ato de memória”¹²⁴⁵, uma comemoração, que etimologicamente significa “lembrar juntos”. Os santos se tornaram marcadores do tempo, o sacralizando.

A santidade, expressa a ideia de uma experiência íntima, e “está relacionada também com a ideia que se faz desta com função à qual ela é relegada em cada sociedade”¹²⁴⁶. Desde os primórdios os santos que são alvo de maior devoção eram os que se mostravam mais preocupados em transmitir a graça, adquirida em oração e ascese, aos mais

¹²⁴⁴ LE GOFF, Jacques. **Em Busca do Tempo Sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.54.

¹²⁴⁵ Ibidem, 2014, p. 57.

¹²⁴⁶ FORTES, Carolina Coelho. As ordens mendicantes e a santidade na Idade Média. In: SILVA, Andréia C. L. Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (Orgs.). **Mártires, Confessores e Virgens**: o culto aos santos no Ocidente Medieval. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 118.

necessitados. O santo se coloca à disposição dos fiéis como aquele que promove integração e equilíbrio à vida.

As três paróquias constituídas na década de 1950, na cidade de Manaus, foram frutos da intensa transformação pela qual a cidade passava, acompanhada pela primeira fase arquidiocesana da Igreja de Manaus, sendo, portanto, é um contexto de novos e crescentes desafios. Os santos escolhidos como padroeiros das três novas paróquias, se inserem no santoral da Lenda Dourada¹²⁴⁷, conectados ao tempo litúrgico, cada um marcando e sacralizando o tempo com suas peculiaridades, de caminho espiritual e inserção no mundo.

Luzia, se insere no tempo da renovação; Jorge, no tempo da reconciliação; e Francisco, no tempo da peregrinação. Os santos da Lenda Dourada, sem ignorar as fases de tristeza, foram inseridos num movimento arrebatador dos homens para Deus “e a salvação é antes de tudo um tempo de festa”¹²⁴⁸. Os santos se tornaram “fazedores de tempos festivos, os santos são de um modo geral grandes enxugadores de lágrimas”¹²⁴⁹. A intervenção do santo é motivo de festa, marca e oportuniza o início de nova vida¹²⁵⁰.

Jorge, é um santo do tempo da reconciliação, tempo que se inicia na Páscoa e vai até a Ascensão e Pentecostes. Foi redescoberto no tempo das Cruzadas, seu culto deve muito a Ricardo Coração de Leão e aos reis ingleses, sendo definida a data de 23 de abril para o seu festejo desde 1222, em Oxford. Foi, também, no século XIII que, de acordo com Le Goff, a Lenda Dourada o tornou padroeiro dos cavaleiros, e padroeiro da Inglaterra pelo esforço dos reis, o que somado ao célebre combate com o dragão para libertar uma princesa, deu visibilidade a Jorge, como santo guerreiro¹²⁵¹.

¹²⁴⁷ Foi escrita no último terço do século XIII, pelo dominicano Tiago de Varazze, contém 178 capítulos e depois da Bíblia é o livro mais procurado na Idade Média, foi também traduzida para a língua vulgar. Durante a Idade Média, a obra foi traduzida para italiano, francês, holandês, alto-alemão, baixo-alemão, tcheco e inglês. Para Le Goff, esta obra tem grande originalidade por apresentar a combinação de três tipos de tempo: o temporal, que é o tempo cíclico da liturgia cristã; o santoral, que é o tempo linear marcado pela sucessão da vida dos santos; e o tempo escatológico, no qual o caminho temporal da humanidade leva-a em direção ao Juízo Final. Na obra há o relato da vida de 153 santos, divididos em: tempo da renovação; tempo do desvio; tempo da reconciliação; e tempo da peregrinação. LE GOFF, Jacques. **Em Busca do Tempo Sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

¹²⁴⁸ Ibidem, 2014, p. 57.

¹²⁴⁹ Ibidem, 2014, p. 70.

¹²⁵⁰ FORTES, Carolina Coelho. As ordens mendicantes e a santidade na Idade Média. In: SILVA, Andréia C. L. Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (Orgs.). **Mártires, Confessores e Virgens**: o culto aos santos no Ocidente Medieval. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 119.

¹²⁵¹ LE GOFF, Jacques. Op. Cit., 2014, p. 180.

Francisco, é um santo do tempo da peregrinação, tempo que aparece como continuidade do tempo de reconciliação auxiliando a humanidade na caminhada para Deus. É no século XIII, que os três santos aqui mencionados se destacam, os dois primeiros, como já foi dito, por redescoberta e crescente interesse devocional, e Francisco que desenvolveu toda a sua missão e foi canonizado neste mesmo século. Francisco é um exemplo de conversão, passando “de uma vida, se não dissoluta, pelo menos despida de piedade, para uma vida representativa de um profundo engajamento espiritual”¹²⁵². Para Le Goff, “Francisco e a ordem franciscana tem uma história dramática que agita sua época”¹²⁵³. Assim, Francisco projeta valores do céu sobre a terra, e sua espiritualidade marcará as gerações que se seguiram. Francisco foi canonizado dois anos após a sua morte, em 1228¹²⁵⁴.

2.1 Paróquia de Santa Luzia

Na década de 1950 observa-se um novo crescimento populacional em Manaus, o que levou à criação de novos bairros na cidade. A maioria deles nasceu de forma desordenada, como o de Santa Luzia, antigamente chamado Emboca, ou Imboca, oriundo de ocupações que provinham de fluxos migratórios desde a década de 1920. Oficialmente o bairro de Santa Luzia foi criado pela Lei Municipal n. 320, a 16 de março de 1951, mas o anúncio da lei só se deu em 1954 apresentando os limites do bairro: ao norte e ao leste com o igarapé da Cachoeirinha, ao sul e a oeste com a estrada da Paredão e o bairro da Liberdade¹²⁵⁵.

A enchente de 1953, impulsionou nova onda migratória para a capital, assim, o reordenamento urbano era algo contínuo. É neste ano que foi inaugurada a primeira paróquia da fase arquidiocesana da Igreja de Manaus, Santa Luzia. A paróquia de Santa Luzia, localizada no bairro de mesmo nome, foi desmembrada da paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, surgida da necessidade de assistir religiosamente de forma mais adequada o povo daquela localidade¹²⁵⁶.

O decreto de criação faz menção ao crescimento populacional nos bairros que constituem a paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e coloca a capela com no gozo do direito

¹²⁵² LE GOFF, Jacques. **Em Busca do Tempo Sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 236.

¹²⁵³ LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.9-13.

¹²⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *Ibidem*. 2001.

¹²⁵⁵ FIGUEIREDO, Agnaldo Nascimento. **Santa Luzia**: história do povo do Emboca. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 13-14.

¹²⁵⁶ **Ata de Instalação da Paróquia de Santa Luzia e do primeiro pároco**. 27 de setembro de 1953.

de matriz, enquanto um novo templo para Santa Luzia não for erguido. Ficando determinado que o orago seja celebrado com todas as solenidades especiais e que os padres que a assumam zelem pelos interesses materiais e espirituais da paróquia¹²⁵⁷.

A nova Paróquia foi instalada a 27 de setembro de 1953, com a celebração conduzida por Dom Alberto Ramos, que leu o decreto arquidiocesano de 24 de setembro, e em seguida declarou a Paróquia instalada, dando posse ao primeiro pároco, Pe. Paulino Lammeier¹²⁵⁸. A ata de instalação da paróquia foi assinada por Dom Alberto, o Vigário Geral, Monsenhor Manuel Monteiro da Silva, os padres Paulino Lammeier e Raimundo Nonato Pinheiro, e alguns paroquianos¹²⁵⁹.

A área que correspondeu à nova paróquia abrangia do igarapé do Cachoeirinha, passando pela Serraria Amazonas até a Avenida Leopoldo Peres, a partir daí seguia pela estrada do Aeroporto ou Paredão, abarcando todo o perímetro do terreno pertencente à aeronáutica. Pelo outro lado, a paróquia ficou limitada pelo igarapé do Crespo e da Cachoeirinha até o ponto inicial¹²⁶⁰.

Por solicitação do pároco, foi erigida a 12 de outubro de 1953, a Organização Social Reivindicatória Pio XII, para auxílio dos moradores. Logo começaram a ser percebidos os esforços pastorais, pois a 12 de novembro foi implantada a Pia União do Apostolado da Oração, e a 23 do mesmo mês foi concedida *o imprimatur* à oração de Santa Luzia. A 13 de dezembro, ainda em 1953, foi fundada a Organização Paroquial Santa Luiza de Marillac, que passou a ser personalidade jurídica a três de novembro de 1954, abarcando: Escola com setor Educacional; Curso de Alfabetização; Clube de Mães; Jardim de Infância; e Ambulatório.

A escolinha primária Santa Luiza de Marillac, foi fundada pela Irmã Maria Madalena que era superintendente das Irmãs de Caridade. No projeto estava incluso a sede do Apostolado da Oração, da Cruzada Eucarística Infantil, da Conferência São Vicente de Paulo e das Filhas de Maria. Tal complexo foi construído pela empresa Sociedade de Obras

¹²⁵⁷ RAMOS, Alberto Gaudêncio Ramos. **Decreto de Ereção da Paróquia de Santa Luzia**. 24 de setembro de 1953.

¹²⁵⁸ Padre Paulino Lammeier era natural de Fulde na Alemanha, nasceu a 12 de novembro de 1902. Chegou ao Brasil em 1924, como estudante Franciscano, foi ordenado em Salvador a 1º de maio de 1930. Foi pároco de Manicoré, Maués e Santa Luzia, onde permaneceu de 1953 a 1966. A partir deste ano retirou-se para o Leprosário Fr. Antônio, no Rio de Janeiro. Faleceu a 18 de março de 1969. **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

¹²⁵⁹ **Ata de Instalação da Paróquia de Santa Luzia e do primeiro pároco**. 27 de setembro de 1953.

¹²⁶⁰ Ibidem. 27 de setembro de 1953.

Ltda em convênio com o Ministério da Justiça e dos Negócios Internos, com a intermediação da SPVEA¹²⁶¹.

A 13 de dezembro de 1954, foi lançada a pedra fundamental da nova igreja de Santa Luzia, sendo a ata assinada por Dom Alberto Ramos, o vigário geral monsenhor Manoel Monteiro da Silva, pelos padres Paulino Lammeier e Arcângelo Cerqua, por Domício José Santana, por Darci Rodrigues Gomes, por José Dias Sobrinho, e pela Irmã Hermina Gomes de Matos¹²⁶².

O terreno da nova igreja foi uma doação do coronel Eduardo Félix de Araújo à Cúria de Manaus, em 1946, por intermédio do cônego Antônio Plácido, que era o pároco de Educandos e atendia as localidades ao redor de sua paróquia. Ali onde seria instalada Santa Luzia, e as primeiras missas, celebradas por ele, passaram a ocorrer na segunda metade da década de 1940. Na ocasião o terreno acabou sendo devolvido porque se tornou alvo de invasões e pela indiferença dos moradores, como afirmou o cônego Plácido. Posteriormente, a Prefeitura transformou o local em uma praça com ruas laterais, e em 1952 houve nova demarcação da área, com redução de 20 metros devido à invasão¹²⁶³.

Com o esforço dos paroquianos, Estevam e Zulmira Cordeiro, o cônego adquiriu novo terreno para a construção de uma capela de madeira. E, finalmente, em 1953, Dom Alberto recebeu da filha do coronel Eduardo, Lucinda, a escritura do primeiro terreno que fora doado. Foi em parte deste terreno que o Colégio Santa Luiza de Marillac foi construído, sendo inaugurado a 28 de novembro de 1955, para dar assistência aos menores¹²⁶⁴.

Em 1958, por iniciativa dos congregados marianos foi construída uma capela em honra ao Coração Imaculado de Maria, no Morro da Liberdade. Na nova capela, aos domingos, ocorria a missa e as reuniões dos marianos e vicentinos, e durante a semana servia de escola para as crianças. Também, foi construída uma capela de madeira e barro vermelho em honra à São Lázaro, cujo terreno foi adquirido pela Irmã Peixoto, das Doroteias, onde foi construído, também, um Centro Social¹²⁶⁵.

¹²⁶¹ FIGUEIREDO, Agnaldo Nascimento. **Santa Luzia: história do povo do Emboca**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 26.

¹²⁶² **Ata de lançamento da pedra fundamental da igreja de Santa Luzia**. 13 de dezembro de 1954.

¹²⁶³ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

¹²⁶⁴ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

¹²⁶⁵ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

Eram muitos os desafios enfrentados nessa localidade, que não possuía esgoto, água encanada e nem luz elétrica. Na segunda metade da década de 1950 as melhorias começam a ser realizadas no bairro. Em 1960 foi instalado um posto de atendimentos ambulatoriais, que também realizava curativos e pequenas cirurgias. Além disso, no início desta nova década, a luz foi chegando gradativamente ao bairro¹²⁶⁶.

Em maio de 1966, quando padre Paulino deixou a paróquia por motivo de doença, a paróquia ficou aos cuidados do Arcebispo que passou a zelar pessoalmente pelo Morro da Liberdade, ficando o Chanceler Mons. Alcides responsável por São Lázaro e Nova Betânia, e os padres salesianos responsáveis pela comunidade central de Santa Luzia. Neste mesmo ano, Dom Alberto abençoou a pedra fundamental do Centro Social Coração Imaculado de Maria, em terreno, no Morro da Liberdade, doado à Conferência de São Vicente pelo governador¹²⁶⁷.

A 31 de outubro de 1966, em provisão canônica, Dom João de Souza Lima confiou a Paróquia de Santa Luzia aos Missionários da Consolata, nomeando como pároco o padre José Monticone, que foi empossado no dia seguinte, no salão paroquial. Nesta década, já se percebe uma expansão das atividades na paróquia, além do Apostolado da Oração e da Conferência Vicentina, aparece nos registros a Legião de Maria e a Arquiconfraria do Carmo, além da reorganização, em 1967 da Cáritas Diocesana em Santa Luzia e da introdução da Pontifícia Obra da Santa Infância¹²⁶⁸.

Foi a 31 de dezembro de 1967 que a nova igreja foi finalmente inaugurada. Para a realização de tal empreitada, foram disponibilizados recursos da Campanha da Fraternidade, pelo Arcebispo, houve doações de vários paroquianos, doação de 26 bancos dos padres redentoristas, e o Cônego Walter Nogueira doou o altar, paramentos e a geladeira. Muitos foram também os voluntários, para os diversos trabalhos durante a construção. Nessa ocasião, chegou o padre Paulino Galbusera para auxiliar nos serviços da paróquia. A inauguração da nova igreja foi celebrada no dia da padroeira.

A partir de 1968, houve intensificação na programação da paróquia e dos novos horários para as celebrações nas três comunidades: Santa Luzia, Morro da Liberdade e São

¹²⁶⁶ FIGUEIREDO, Agnaldo Nascimento. **Santa Luzia**: história do povo do Emboca. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008, p. 28-30.

¹²⁶⁷ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

¹²⁶⁸ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia**. Agosto de 1990.

Lázaro¹²⁶⁹. Nesta década as atividades paroquiais se apresentavam mais bem organizadas, com a implantação do Conselho, com reuniões periódicas das irmandades, ali existentes, acompanhadas pelo padre.

Nos registros da Paróquia aparece a preocupação com o Batismo, em apresentá-lo claramente a todas as famílias que o procuravam e em fornecer a preparação necessária de pais e padrinhos, para que as crianças recebessem o Sacramento. As principais decisões pastorais sobre o Batismo eram: ficha de inscrição avaliada pelo padre; preparação para os pais e padrinhos, com indicação do padre sobre as conferências a participar; e escolher padrinhos esclarecidos na fé, comprometidos e idôneos; compreender o Batismo como compromisso de vida cristã e inserção na Igreja, sendo a sua administração celebrada solenemente na presença da comunidade¹²⁷⁰.

Em 1970, o pároco e o vigário auxiliar foram substituídos. Assumiu como pároco o padre Mário Teruzzi e como seu auxiliar o padre Vittorio Gatti, ficando o Pe. José Monticone como cooperador pastoral. Na avaliação dos padres, nesta década, verifica-se a preocupação com o que já fora alcançado e o que ainda precisava ser realizado nas três comunidades: Santa Luzia, Morro da Liberdade e São Lázaro. Os padres, também, apontaram os problemas nos novos bairros que ainda estavam sem estrutura: Nova Betânia, Crespo e Ponta Pelada. Ao longo desta década, outros padres começaram a chegar para auxiliar, ou se revezar com os demais, além da continuidade dos serviços das Irmãs de Caridade¹²⁷¹ e das Irmãs Doroteias¹²⁷².

2.2 Paróquia de São Francisco de Assis

Os primeiros habitantes, oficialmente, começaram a chegar na localidade em 1950. O bairro foi crescendo com o traçado das ruas de forma irregular, sendo fruto de processos migratórios, e durante esta década as condições eram precárias para aqueles lá foram habitar. O bairro de São Francisco de Assis está localizado: ao sul pelo bairro da

¹²⁶⁹ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia.** Agosto de 1990.

¹²⁷⁰ **Histórico da Paróquia de Santa Luzia.** Agosto de 1990.

¹²⁷¹ Um registro importante no início da década de 1970, foi a entrega para as Irmãs de Caridade do prédio da Escola Luiza de Marillac, da casa de madeira e áreas correspondentes em troca do prédio do Abrigo Redentor, situado na avenida Joaquim Nabuco, e às melhorias ali realizadas. Foi neste local cedido pelas Irmãs, que foi implantado o CENESCH. **Histórico da Paróquia de Santa Luzia.** Agosto de 1990.

¹²⁷² *Ibidem.* Agosto de 1990.

Cachoeirinha; ao leste pelo bairro de Petrópolis; a oeste pelo bairro de Adrianópolis; e ao norte está a estrada do Aleixo¹²⁷³.

Desde 1947, já se percebe a presença de um pequeno grupo no interior desta localidade ainda de mata fechada, eram trabalhadores carvoeiros que ali se fixaram para facilitar a produção do carvão. A partir de 1950, iniciou-se a distribuição de lotes para famílias, e aos poucos o contorno do bairro foi surgindo. Em 1953, a grande enchente do rio Negro afetou muitos ribeirinhos da orla de Manaus e moradores dos interiores¹²⁷⁴, sendo o bairro de São Francisco um dos lugares para onde se direcionaram.

A composição inicial do bairro de São Francisco, também, contou com migrantes de Santarém, do Nordeste, de Portugal, e norte-americanos, neste último grupo havia a presença de dez famílias protestantes. Na década de 1960, já havia cerca de sete mil habitantes no bairro, e somando os bairros de São Francisco e o de Petrópolis formava-se o maior bairro de Manaus¹²⁷⁵.

A primeira capela foi construída em 1952, era feita de palha com portas bem simples, mas com uma grande presença de fiéis. As celebrações eram presididas pelos padres da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, de onde vinham também as Irmãs que passaram a ministrar Catequese para as crianças. Entre 1953 e 1955, sob a coordenação dos padres de Nazaré, uma nova capela foi construída para melhor atender aos fiéis. Todos se envolveram, material e fisicamente, na construção, os padres fabricavam os tijolos, a água tinha que ser transportada de longe, e a mão de obra vinha de homens, mulheres e crianças¹²⁷⁶.

A primeira missa na nova capela foi celebrada a 13 de fevereiro de 1955, e mesmo estando ainda em construção já foi aberta para atender os fiéis. No *Jornal Universal*, ao falar desta primeira Missa, aparece um pedido para que moradores e devotos do Santo Padroeiro continuassem a auxiliar a obra da capela, que procurassem para tal fim o padre Bernardino, na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré¹²⁷⁷.

¹²⁷³ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998, p. 626.

¹²⁷⁴ Os primeiros loteamentos foram realizados pelo coronel Alexandre Montoril. WENDLING, José Ricardo. **História do Bairro São Francisco**. Manaus: Valer, 2022, p. 21.

¹²⁷⁵ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis**. 1990.

¹²⁷⁶ Ibidem. 1990.

¹²⁷⁷ Bairro de São Francisco. **Universal**. Manaus, 13 de fevereiro de 1955, n. 98, Ano 2.

O rápido crescimento do bairro foi o principal motivo para que fosse ali instalada uma nova paróquia. Criada no dia 1º de outubro de 1956, a Paróquia de São Francisco de Assis foi desmembrada das paróquias de Nossa Senhora de Nazaré e de Santa Rita, levando em consideração o crescimento da população de moradias nos subúrbios de Manaus, diz o decreto¹²⁷⁸, sendo nomeado para seu primeiro pároco o Pe. Manoel Bessa Filho. O território da nova paróquia abrangeu os bairros de São Francisco de Assis, Petrópolis, Raiz e a Colônia do Japiim. Os limites ficaram assim definidos:

[...]dos fundos do terreno do Telégrafo Nacional pela rua Nicolau da Silva, dobrando pela rua Amaro Lima até os fundos do terreno do Instituto Montessoriano, seguindo por uma reta até a rua Belém, no local onde está situado o centro de Reservistas “Olavo Bilac”, seguindo pela continuação da Avenida Airão até a rua General Glicério, descendo por esta até a avenida Codajás, prosseguindo esta até o igarapé da Cachoeirinha, continuando sempre pela margem esquerda deste e do igarapé do Crespo¹²⁷⁹.

A instalação da Paróquia ocorreu a 4 de outubro em Missa celebrada por Dom Alberto, quando também ocorreu a Primeira Comunhão de várias crianças, e a posse do Pe. Manuel Bessa, como primeiro pároco. Em seguida foi dada a bênção da Escola Paroquial, e pela tarde ocorreu a procissão de São Francisco com a Missa celebrada pelo pároco¹²⁸⁰.

Em agosto de 1957, quando Dom Alberto Ramos estava percorrendo as paróquias se despedindo antes de sua partida para Belém, foi celebrar em São Francisco, já como Administrador Apostólico, para comemorar o aniversário sacerdotal do pároco e conferir o Crisma. Pela tarde as Irmãs do Preciosíssimo Sangue organizaram um programa com as crianças da Catequese e houve um torneio de futebol, organizado por Clubes do bairro, disputando a taça “Padre Bessa”¹²⁸¹.

Durante sua passagem por São Francisco, Dom Alberto iniciou uma campanha de arrecadação com a finalidade de construir a casa paroquial, para que o vigário pudesse fixar residência entre os paroquianos. Houve uma boa recepção, pois seria mais uma alegria e de grande contribuição para a vida paroquial. Pe. Bessa animou os fiéis e disse poder contar

¹²⁷⁸ **Decreto de Criação da Paróquia de São Francisco de Assis.** 1º de outubro de 1956.

¹²⁷⁹ Paróquia de São Francisco. **Universal.** Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

¹²⁸⁰ Paróquia de São Francisco. **Universal.** Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

¹²⁸¹ Paróquia de São Francisco. **Universal.** Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

também com os amigos do bairro. Dentre os primeiros doadores estava Dom Alberto, o Banco de Crédito da Amazônia e o Prefeito Gilberto Mestrinho¹²⁸².

Pe. Bessa foi substituído pelo Pe. Onias Bento da Silva Filho, em 1958, que permaneceu até 1966¹²⁸³. Na posse de Pe. Onias, estiveram representantes dos setores da AC, Monsenhor João Alves da Costa e Pe. Moisés Lindoso¹²⁸⁴. Em março deste ano, o *Universal*, apresentou alguns dados da movimentação religiosa, com os horários das missas, novenas, terços, batizados e confissões¹²⁸⁵. A partir de 1967, a Paróquia foi confiada aos Padres do Scarboro, que já se faziam presentes desde o ano anterior, com a finalidade de “promoção religiosa, educacional e social do povo do Amazonas”. Essa Congregação ficou à frente da paróquia até 1972¹²⁸⁶.

De 1965 a 1966, uma nova igreja foi erguida, contendo um apartamento residencial, em cima da sacristia, para os padres. A igreja velha passou a ser a Escola Paroquial, organizada pela ALFA (Associação Leiga de Fraternidade Assistencial) e Obras Sociais, e “a partir de 1979 a igreja velha foi transformada em Salão de Reunião, de encontros, de teatro e outras atividades pastorais”¹²⁸⁷.

Nos documentos da Paróquia aparecem registros de divergência entre as lideranças e os padres, mostrando a fragilidade da vida pastoral que foi emperrada pelas questões econômicas e pela falta de diálogo entre clero e fiéis. Percebe-se dois pontos fortes nessa divergência, como o fato de os padres serem estrangeiros ou de outras localidades do Brasil, e centralização econômica no ALFA, que em 1967 substituiu o Centro Social da Paróquia de São Francisco¹²⁸⁸.

Em documento, Pe. Terêncio justificou a presença da sua Ordem em Manaus pelo pouco clero da região e de agentes pastorais, por isso, a pedido de Dom João de Souza Lima eles se estabeleceram nesta paróquia. Nos documentos fica claro que essa divergência se estendeu por alguns anos, sendo a ALFA acusada de ser um dirigente paralelo da paróquia a ponto de se ver afastar vários paroquianos, e os padres impossibilitados de assumirem

¹²⁸² Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 25 de agosto de 1957, n. 230, Ano V.

¹²⁸³ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis**. 1990.

¹²⁸⁴ Movimento Jicista. **Universal**. Manaus, 23 de fevereiro, n. 256, Ano V.

¹²⁸⁵ Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 2 de março de 1958, n. 257, Ano V.

¹²⁸⁶ **Registro de Títulos e Documentos sob o nº 593**, 19 de junho de 1967.

¹²⁸⁷ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis**. 1990.

¹²⁸⁸ O’SULLIVAN, Pe. Terêncio. **Documento de 6 de maio de 1972**.

por completo os assuntos da Paróquia, levando esse documento a ser colocado em caráter de denúncia¹²⁸⁹.

Em outro documento, que parece ser uma pregação, que tem por título “o que é religião?” se questiona a mentalidade que vigora em toda a América Latina, a “religião popular”, onde o padre celebra, reza e constrói igrejas, mas não age pastoralmente na vida da paróquia: o conhecimento do Evangelho é fraco, os santos substituem Cristo, a novena é mais importante que a missa, e a promessa tem mais força. Nesse documento, o padre chama a atenção que para ser batizado tem que conhecer Cristo, que é preciso viver em comunidade, que a nova Igreja, referindo-se às diretrizes do Vaticano II, “se baseia em entendimento não medo, participação e não promessa”¹²⁹⁰. Pelo posicionamento do padre as divergências eram grandes.

As questões levantadas pelo padre, me fazem pensar que os elementos postulados pela romanização ainda eram combates reais naquele contexto de Concílio, embora com visões e experiências diversificadas das décadas anteriores, como por exemplo quando o padre aponta o Apostolado da Oração e a Legião de Maria como expressões de fé popular. Também, observa-se a contradição, pois, antes do Vaticano II o clericalismo era um dos pontos fortes, e no pós-Concílio deve-se traçar um novo caminho de diálogo entre clero e leigos, mas era algo que ainda parecia distante. Na paróquia de São Francisco parece haver esse grande impasse ao final da década de 1960 e nos primeiros anos da década de 1970, e ainda a questão do clero estrangeiro como alternativa para a região.

No histórico da Paróquia aparece o registro das dificuldades encontradas pelos Padres do Scarboro para conduzi-la, que apontam: falta de fé, hábitos e costumes religiosos diferentes, muito sincretismo, falta de engajamento e de apoio da comunidade, e a questão da língua. Foram muitas tensões e os padres se sentiram frustrados por não conseguir realizar sua missão na Paróquia¹²⁹¹.

Não foi encontrado nada referente à solicitação de troca de pároco, por parte da Paróquia, mas no documento do Pe. Terêncio, do dia 6 de maio, aparece a convocação para a discussão dos problemas paroquiais¹²⁹², e em outro documento, destinado ao Arcebispo, ele expressa o desejo de entregar São Francisco, ele e os Padres do Scarboro, se colocando

¹²⁸⁹ O’SULLIVAN, Pe. Terêncio. **Documento de 6 de maio de 1972.**

¹²⁹⁰ GONÇALVES, Pe. Raimundo Lopes. **O que é Religião?** 1972.

¹²⁹¹ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis.** 1990.

¹²⁹² O’SULLIVAN, Pe. Terêncio. **Documento de 6 de maio de 1972.**

à disposição para atender Petrópolis e Raiz. Fica claro, no documento, que houve conversa prévia com o Arcebispo e com os religiosos. Pe. Terêncio pede desculpas pelos desentendimentos durante os dois anos em que permaneceu em São Francisco, falou da sua dificuldade com a língua e com o jeito brasileiro¹²⁹³. Pe. Vicente Daniel foi pároco de 1966 a 1969, Pe. Terêncio O’Sullivan conduziu São Francisco de 1970 a 1972¹²⁹⁴.

Como é perceptível, os problemas com o padre iam além da questão linguística, dado que em outro documento aparece a clara alegria na troca de pároco ocorrida em 1972. O documento, encaminhado ao Arcebispo, é de agradecimento por Pe. Raimundo Lopes ter assumido a paróquia e trata-o como um vigário “que tem alma limpa e sadia, que compreende nossos sofrimentos, do bairro de São Francisco”¹²⁹⁵. Pe. Raimundo conduziu a paróquia até 1977, e pertencia à Congregação do Espírito Santo¹²⁹⁶.

Na administração de Pe. Raimundo Lopes, foi construído, com a ajuda da Obra da Santa Infância, o Centro Catequético, que foi inaugurado em setembro de 1974. O Centro Catequético Paulo VI, assim denominado, era constituído por um salão coberto e aberto nas laterais, uma sala, um quarto e uma cozinha. O Centro foi utilizado para as atividades de Catequese, as recreativas e as festivas. Após dez anos, o espaço passou apenas a ser ocupado pelo Salão Paroquial¹²⁹⁷.

Quanto ao prédio da Escola, que teve a construção iniciada, a partir de 1975, pelo Pe. Raimundo, com recursos vindos da Alemanha, teve sua continuidade com Pe. Mauro Fancello, que assumiu a Paróquia em agosto de 1977, substituindo Pe. Raimundo que adoeceu. Após as dificuldades com o terreno e os recursos, a Escola foi inaugurada em agosto de 1978, com seis salas, uma cozinha, dois banheiros e uma sala de administração. Se fizeram presentes Dom João de Souza Lima, Dom Milton Corrêa, o vice-prefeito Josué Filho, e as lideranças da comunidade¹²⁹⁸.

O PLIMEC assumiu a Escola, e passou a desenvolver atividades educacionais e recreativas, com oferecimento de cursos, e aos finais de semana a Paróquia utilizava as dependências para a Catequese. Esses padres, que eram empreendedores, organizaram e

¹²⁹³ O’SULLIVAN, Pe. Terêncio. **Documento de 6 de junho de 1972.**

¹²⁹⁴ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis.** 1990.

¹²⁹⁵ **Ofício ao Arcebispo Metropolitano de Manaus.** 27 de julho de 1972.

¹²⁹⁶ WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco de Assis.** 1990.

¹²⁹⁷ Ibidem. 1990.

¹²⁹⁸ Ibidem. 1990.

regularizaram os muros, as quadras, o terreno da igreja e outras dependências ao longo da década de 1970 e parte de 1980, mas igualmente trabalharam para erguer pastorais e movimentos¹²⁹⁹. Pe. Mauro Fancello, da Congregação do Instituto Missões Consolata, ficou na direção da paróquia até 1979 e enfrentou o desafio de católicos envolvidos com outras crenças religiosas. Em sua saída ficaram padres jesuítas para cuidar da Paróquia¹³⁰⁰. Assim, a vida paroquial de São Francisco de Assis se fortaleceu, com muitos obstáculos, e se estruturou física e pastoralmente.

2.3 Paróquia de São Jorge

O bairro de São Jorge está localizado na colina à margem esquerda da rodovia AM-01, é cortado pelo igarapé da Cachoeira Grande¹³⁰¹, denominado anteriormente como bairro dos Bilhares. Neste bairro foi criada a terceira Paróquia da fase arquidiocesana de Manaus, oficialmente a 15 de abril de 1957. Dom Alberto Ramos, de acordo com o que reza o Código de Direito Canônico e após ouvir os Consultores Arquidiocesanos e padres interessados, e considerando o crescimento dos bairros da sede arquiépiscopal, atendendo, sobretudo às necessidades espirituais do povo daquela localidade, decretou: “havemos por bem desmembrar dos territórios das paróquias de Nossa Senhora Aparecida e São Raimundo uma área para constituir uma nova paróquia, que terá como orago o mártir São Jorge em honra do qual se celebrarão solenidades anualmente”¹³⁰².

O território da nova Paróquia ficou assim definido: abrange os bairros de São Jorge, do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários, e Vila Militar dos Sargentos. Ficou circunscrita pela margem esquerda do igarapé da Cachoeira Grande, desde a intercessão pela ponte da estrada do Stand de Guerra, até a confluência do igarapé do Franco e seguindo por este até a sua nascente. O decreto estabelece que os vigários que venham a dirigir a Paróquia que cuidem dos paroquianos e da Paróquia no que diz respeito ao material e espiritual, e aos fiéis que obedeçam a seus vigários, como pede a Santa Igreja¹³⁰³.

¹²⁹⁹ Ibidem. 1990.

¹³⁰⁰ WENDLING, José Ricardo. **História do Bairro São Francisco**. Manaus: Valer, 2022, p. 134.

¹³⁰¹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998, p.637.

¹³⁰² **Decreto de Criação da Paróquia de São Jorge**. 15 de abril de 1957.

¹³⁰³ Ibidem. 15 de abril de 1957.

As primeiras missas celebradas no bairro de São Jorge ocorreram em 1953, pelo Pe. Luís Ruas, que foi o responsável por iniciar o movimento da futura Paróquia, realizando visitas aos moradores para criar unidade na localidade. A primeira capela foi construída em 1955. Ao ser instalada a paróquia em 1957, Pe. Luís Ruas se tornou seu primeiro pároco e logo às missas dominicais foram acrescentadas às semanais, a Catequese foi sendo inserida e os sacramentos do Batismo e do Matrimônio já estavam regularizados no ano de 1958. Gradativamente, a vida religiosa ganhava forma e força, com a implantação do Conselho Paroquial e com auxílio do Apostolado da Oração e da Legião de Maria¹³⁰⁴.

Em 1963, a pedido do segundo Arcebispo de Manaus, Dom João de Souza Lima, os padres Franciscanos da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Penitência (T.O.R) assumem a Paróquia de São Jorge. Eles haviam chegado no ano anterior para assumir a Prelazia de Borba, e ao assumir São Jorge logo se envolveram na ampliação da igreja, tendo à frente o novo pároco Frei Marcelo Smith. As Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue assumiram a Catequese em 1963. A nova igreja foi inaugurada no Domingo de Ramos de 1964¹³⁰⁵.

No início da década de 1960, a “Cidade Flutuante” foi desativada, sendo o ano de 1967 como marco desse desfecho. Esse acontecimento afetou vários bairros de Manaus, entre eles São Jorge, que recebeu alguns loteamentos para essa população de lá deslocada, mas também foi fruto de invasões, o que lançou novos desafios para a Paróquia. Ao redor de São Jorge, surgiram novos bairros que passaram a ser atendidos pelos frades: Vila da Prata, Jardim dos Barés e Compensa. Assim, novas capelas foram sendo criadas: Nossa Senhora de Fátima, Cristo Libertador, São Vicente, Perpétuo Socorro, Santo Antônio, São João Batista e São Francisco¹³⁰⁶.

Também, entre 1967 e 1969, uma comunidade portuguesa se instalou na estrada da Ponta Negra e doaram terreno para uma capela, que recebeu o nome de Nossa Senhora do Sameiro. Nova capela foi criada em 1968, a de São Dimas¹³⁰⁷. Algumas destas capelas citadas tiveram um crescimento e maior estruturação do que outras, o que foi perceptível nos anos que se seguiram, com algumas delas passando a ser paróquias.

¹³⁰⁴ **Histórico da Paróquia de São Jorge.** 1990.

¹³⁰⁵ Ibidem. 1990.

¹³⁰⁶ Ibidem. 1990.

¹³⁰⁷ Ibidem. 1990.

Para atender à crescente população da Paróquia, foi criada a Associação Social de São Jorge, em 1967, que oferecia atendimento médico, dentário e educacional, contando a ajuda de uma Irmã Franciscana Missionária que também era enfermeira. O prédio contava com o posto médico, salas de aula e salão¹³⁰⁸. Assim, com a expansão da Paróquia, foram sendo ampliadas atividades pastorais e serviços oferecidos à comunidade, que se apresentam já bem mais estruturados na década de 1970, tendo ocorrido em 1979 o primeiro desmembramento com a criação de uma nova Paróquia, a de Cristo Libertador¹³⁰⁹.

As três Paróquias da primeira fase da Arquidiocese de Manaus foram criadas e estruturadas na década de 1950. Foi uma opção em traçar um pouco da trajetória delas até o final dos anos de 1970 para poder perceber um processo de crescimento em torno de 20 anos, e assim visualizar alguns aspectos, a partir do que as fontes permitiram, do caminho percorrido por elas e de como a partir delas podemos perceber para onde a cidade ia se expandindo e o esforço da Igreja de Manaus para acompanhar a partir do desdobramento destas Paróquias.

¹³⁰⁸ Ibidem. 1990.

¹³⁰⁹ Instalada a 25 de julho de 1979, no bairro da Compensa, que abrangia toda a área desse bairro e a Estrada da Ponta Negra. FARIAS, Elson. **Cem Anos de Fé na Floresta**: o centenário da Arquidiocese de Manaus. 1993, p. 50.

II

Perscrutando Corações: a romanização dos Pios e a resposta do Laicato na Igreja de Manaus

Senhor Jesus que nos concedestes a honra de colaborar humildemente com o trabalho do apostolado hierárquico, vós que pedistes ao Pai Celeste, não que nos tirasse do mundo, mas que nos preservasse do mal, concedei-nos em abundância vossa luz e vossa graça para vencer em nós mesmos o espírito das trevas e do pecado, a fim de que, conscientes de nosso dever, perseverantes no bem, inflamados pelo zelo de vossa causa, nos tornemos cada dia, pela força do exemplo, da oração e da vida sobrenatural, mais dignos de nossa santa missão e mais aptos a estabelecer e formar entre os homens, nossos irmãos, vosso reino de Justiça, de Paz e de Amor. Assim seja¹³¹⁰.

Ainda que indignos em virtude de nossos pecados e carregados de infinita miséria, admiramos e louvamos a riqueza sem par dos dons sublimes com que Deus Te cumulou acima de todas as criaturas, desde o momento de tua Concepção até o dia em que, depois tua Assunção aos céus, Te coroou Rainha do Universo¹³¹¹.

Para alguns pode parecer estranho que os Pios apareçam no último capítulo desta tese, mas ao olharmos mais de perto se verificará um melhor discernimento, afinal eles são os Papas da romanização, com eles foram promulgados os dois últimos dogmas marianos junto com eles vemos a força de um laicato mais militante e mais conectado à hierarquia romana. Por isso, a opção em fazer uma breve discussão apresentando a linha de força dos 12 Pios, a fim de identificar os principais elementos de contexto e de suas ações. A linha norteadora dos Pios, estabelece pontos de conexão entre eles, firmando suas características e escolhas ao longo dos séculos, com suas decisões e ações combativas. Os Pios, a partir da Revolução Francesa, mobilizaram todas as forças possíveis, e estão no cerne da nova realidade da Igreja no mundo moderno, são eles que recolocam, em meio às inúmeras perdas sofridas, o Papado na condução efetiva da Igreja.

O projeto romanizador, que a meu ver, se inicia, de forma efetiva, com a fase de institucionalização da Igreja, no século IV, já que naquela ocasião o cristão passava a ser

¹³¹⁰ Oração de Pio XII para os leigos da AC. Ação Católica. **Universal**. Manaus, 22 de agosto de 1954, n. 73. Ano II.

¹³¹¹ Trecho da oração de Pio XII para o Ano Mariano de 1954. **Universal**. Manaus, 13 de dezembro de 1953, n. 37, Ano I.

romano e o romano a ser cristão. Mas é no momento de consolidação da Cristandade na Baixa Idade Média, e retomada com todo vigor pelo Concílio de Trento, que fica mais evidente, nas rachaduras do mundo cristão Ocidental do século XVI, que romanizar é o projeto mais importante. Torna-se mais evidente a partir do século XVIII com a Revolução Francesa e todos os processos revolucionários que adentraram os próximos séculos, que a romanização será a diretriz maior que conduzirá as ações dos Pios. A recristianização do mundo, pauta dos Pios, é desdobramento da romanização, em contextos específicos. Eles foram os Papas do endurecimento diante do mundo moderno e contemporâneo, especialmente de Pio IX a Pio XII, que foram, também, os Papas dos dois últimos dogmas marianos.

Como desdobramento dessa linha de força, de Pio IX a Pio XII, está a atuação do laicato, aqui destacado a partir de duas expressões laicais, a Pia União da Filhas de Maria e da Ação Católica (AC), que conectadas com a hierarquia romana, se tornaram instrumento ativo na sociedade, e como elo entre as demais associações católicas, as quais foram visivelmente destacadas na Igreja de Manaus. Dentre as variadas atividades desenvolvidas pelos leigos locais, ambas foram priorizadas para compor este capítulo, por serem parte integrante do aparato diocesano, que como um braço forte, contribuiu de forma significativa para a efetivação da transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus. A primeira são as associações marianas, com ênfase na Pia União das Filhas de Maria¹³¹², que demonstraram atuação constante e crescente nos anos seguintes. Dos anos de 1916, ano que inicia o recorte da tese, a Pia União se consolida como principal associação na condução de atividade e em resposta aos projetos da hierarquia.

A segunda é a Ação Católica, que do embrião, na década de 1930, se expandiu e se enraizou nas duas décadas seguintes. Ambas tiveram seu início oficial no Papado de Pio IX. A Pia União das Filhas de Maria, inicialmente se expandiu e predominou com trato devocional, e foi sendo redimensionada nas décadas seguintes, para assumir, também, funções pastorais. Com o seu enraizamento e fortalecimento, preparou o terreno para a Ação Católica, que alimentou o devocional e o pastoral, combatendo as investidas modernas e assegurando o terreno da Igreja, com foco na família e na juventude, conectada

¹³¹² Com elas travei o primeiro contato por ocasião da confecção da minha dissertação, e que nas pesquisas para a tese continuavam aparecendo em minhas fontes.

com a hierarquia, e se lançando socialmente no mundo, visando a reconquista e a restauração católica.

Na neocristandade, como desdobramento da romanização, o laicato recebe a missão, através dos espaços concedidos na aliança entre poder temporal e espiritual, de fazer o movimento que impulse a transformação do Estado para abraçar o projeto de cristandade, movimentando da base para cima¹³¹³. O clero agora ocupa, teoricamente, papel secundário de gerir os organismos laicais que conectados aos seus pastores, respondem aos anseios da Santa Sé, e se inserem no seio da sociedade, como instrumentos de militância por espaços crescentes e por conversões efetivas, sejam de retorno, para aqueles que em algum momento abandonaram a Igreja, ou de novos integrantes da cristandade

Percebeu-se no decorrer da exploração documental que ao verificar cada ano do processo que levou a Diocese de Manaus à sua elevação à Arquidiocese, que a Pia União das Filhas de Maria diminuiu em atuação, depois que a AC entrou em cena e foi ocupando os espaços que eram predominantemente preenchidos por elas e por outras associações. Elas não desapareceram e nem deixaram de receber novos membros, mas não eram mais priorizadas para encabeçar atividades como foram nas décadas anteriores, desde sua criação em 1913.

Gradativamente a AC assumiu a liderança das demais associações, pois era esta uma das funções para a qual havia sido criada. Dos anos de 1940 em diante, na Igreja de Manaus, é a Ação Católica que ocupará o lugar de associação arregimentadora dos católicos para a militância e obediência às diretrizes romanas, ganhando ainda mais força na década de 1950. Criada no tempo dos Pios, o crescimento do seu espaço de atuação, se concentrou no governo de Pio XI e Pio XII, os quais pertencem ao contexto em que o recorte da tese foi realizado, tendo se dado no governo do último Pio a elevação da Arquidiocese de Manaus.

1. “Chamar-me-ei Pio”¹³¹⁴: a linha de força na sucessão dos Pios

¹³¹³ BRIGHENTI, Agenor. **A Pastoral Coletiva**: modelo de ação. Boletim Ameríndia, nº 30 de 4 de maio de 2019.

¹³¹⁴ Esta frase é de Pio X ao assumir o Papado em 1903, que assim falou: “Em memória dos Santos Pontífices de cuja existência tanta necessidade tenho e particularmente em memória daqueles que tanto sofreram pela Igreja, tomarei o nome de Pio”. **Universal**. Manaus, 27 de fevereiro de 1955, n. 100, Ano II.

É muito significativo que sejam 12 Pios, que o primeiro esteja localizado no período da organização da tradição cristã, ainda no século II, o segundo e o terceiro localizados nas tensões pós cisma papal, o quarto no contexto do Concílio Trento, o quinto é o primeiro Pio sucessivo, e que procura dar continuidade à reforma tridentina, o sexto e o sétimo enfrentaram os problemas oriundos da Revolução Francesa e da Era Napoleônica, sendo também sucessivos, o oitavo na fase de restauração e de começo das ondas revolucionárias, e do nono ao décimo segundo tenham enfrentado a difícil relação com o Mundo Moderno e a Contemporaneidade, constituindo novas relações e lutando para consolidar o espaço da Igreja nesta nova realidade, e, onde se encontra pela terceira vez Pios sucessivos.

Pio vem do latim *pius*, e significa piedoso, aquele que revela piedade ou caridade, que é devoto, que é religioso. Nem todos os Papas Pios eram tão piedosos, mas alguns deles foram mais espiritualizados e com vivência devocional, com destaque para a devoção a Nossa Senhora, mas, também, eram políticos, e essencialmente Papas reformadores, a partir da defesa da Igreja. Dentre eles, cinco eram religiosos: Pio V era Dominicano; Pio VII era Beneditino; Pio IX, Pio X e Pio XI eram Franciscanos Seculares; e Pio XII era Dominicano. A fase de endurecimento, de Pio IX a Pio XII, passa pelo Concílio Vaticano I, que recupera e põe em prática as diretrizes de Trento, e chega às vésperas do Concílio Vaticano II. O tempo deles é o tempo de efetivação do projeto romanizador, da construção de novas formas de relação com os Estados e com a laicização, e da compreensão do papel da Igreja nas lutas, antigas e novas, pela dignidade humana em suas variadas dimensões, que vai preparando o terreno para as novas mudanças a partir de 1962.

Não é objetivo desta tese apresentar a história dos Pios, mas sim apresentar aspectos que conectam a linhagem destes Papas, a partir de algumas ações no contexto em que se inserem, criando pontos de conexão entre eles. No contexto das Revoluções do século XVIII, que segundo Alain Guerreau, foi o tempo da dupla fratura, o *dominium* e a *ecclesia*, e que gerou a estranha união entre liberdade de consciência e liberdade de comércio¹³¹⁵. O despontar do individualismo diminui e se confrontou com o modelo de sociedade holística, na qual a Igreja se baseia¹³¹⁶. O medievo passou a ter tonalidades muito negativas, e a Igreja passou a ser sinônimo de Idade Média, portanto, as duas eram consideradas ultrapassadas não cabendo no projeto de sociedade moderna que estava sendo inaugurada, e ameaçava a

¹³¹⁵ GUERREAU, Alain. **El Futuro de un Pasado**: la Edad Media en el siglo XXI. Barcelona: Crítica, 2002, p. 26.

¹³¹⁶ DUMONT, Louis. **O Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 87.

existência da Igreja. E, essa brusca transformação trazida pela era revolucionária, fazia a Igreja Romana experimentar turbulências, como ainda não havia vivenciado, e a resposta foi a reafirmação de valores e ações católicas a partir do endurecimento do processo de romanização¹³¹⁷.

No cenário das transformações do século XVIII até metade do século XX, os Pios reinaram na maior parte desse período de 183 anos, já presentes desde o Concílio de Trento, e agora de forma mais contundente, os pais do projeto romanizador como resposta à turbulência das novidades e liberdades trazidas pela modernidade. A marca principal desses 183 anos, de 1755 a 1958, será o reinado dos Pios, que será intercalado apenas por 4 Papas de linhagens diferentes (Leão XII, Gregório XVI, Leão XIII e Bento XV), que juntos somam 56 anos de Papado, mas que estarão impresados entre os Pios, que, também, passaram por dois momentos sequenciais longos do Pio VI ao VII e do Pio XI ao XII. Nesses 183 anos estão, também, 6 dos 20 Papados mais longos, sendo 5 deles de Pios: Pio IX, com 31 anos e 7 meses, o mais longo da História; Pio VI, com 24 anos e 6 meses; Pio VII, com 23 anos e 5 meses; Pio XII, com 19 anos; e Pio XI, com 17 anos.

Se ainda havia dúvida sobre as características que marcaram a linhagem dos Pios, a partir desta sequência de reinados a marca fica evidente, eles são conservadores, defensores ferrenhos da Igreja, combatentes de todos que se colocam como obstáculos para existência e efetivação de seus projetos, e são reformadores a partir da centralização e padronização romana. Para muitos foram apenas Papas autoritários, que com seu conservadorismo e clericalismo emperraram a Igreja por muito tempo, mas gostaria de enfatizar a linha de força dos Pios, que a partir de sua perspectiva de Igreja enfrentaram as adversidades modernas com as armas que julgaram corretas, com dogmas, reformas na liturgia e na catequese, novas congregações, um novo perfil laical que caminhará para militância combativa e protetora da Igreja.

Ao longo de todo o século XIX, a Igreja travou acirrada luta contra os princípios ordenadores da nova época que queria excluí-la, anunciando uma multiplicidade de correntes e alternativas para as sociedades, em sua maioria considerando-a ultrapassada diante do progresso anunciado. Os conflitos com a Modernidade, ficaram mais fortes a cada década e geraram muitas turbulências e excessos por todos os lados, por parte da Igreja foram muitas represálias, que por sua vez recebeu com a mesma intensidade de seus

¹³¹⁷ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 42.

opositores¹³¹⁸. Segundo Jacques Le Goff, a modernidade já pressupõe ruptura, pois se apresenta como progresso, mas muitas vezes se camufla e se exprime com cores do passado, negando este, e, por vezes negando, seus próprios pressupostos para apresentar constantemente mudanças, como um vertiginoso turbilhão. É preciso, então, ver as permanências que estarão presentes no ‘novo’¹³¹⁹. As lutas travadas no XIX, entre o poder temporal e espiritual, ficaram permeadas por rupturas e permanências, impulsionando a Igreja a se tornar ainda mais romana, e mostrar que não ia desaparecer nesse turbilhão.

Um dos momentos mais fortes de afirmação da Igreja foi no breve Concílio Vaticano I, conduzido por Pio IX, quando, pela primeira vez, a nenhum chefe de Estado foi permitido a participação e com a promulgação do dogma da Infalibilidade Papal. Para Paul Johnson, a Infalibilidade Papal selou o triunfo da Santa Sé e tirou a ameaça galicana que perdurou por séculos¹³²⁰. Para Giacomo Martina, o Vaticano I finalmente pôs em prática Trento, com a implantação da reforma do clero e do seminário, para a obtenção de pastores espiritualizados, bem-preparados e fiéis à hierarquia¹³²¹. Para Manoel Ivan, o dogma permitiu a centralização na Cúria Romana, e o direcionamento doutrinário e político da Igreja¹³²².

Para Carlos Moura, o projeto de recatolização começou com Pio IX, a partir da encíclica *Quanta Cura* (1864), que enfatizou a união dos católicos contra doutrinas discordantes da Igreja¹³²³, claramente aqui está um resumo do projeto dos Pios, com suas defesas e combates, com sua proposta de civilização cristã. Na reforma de Pio IX aparece o novo modelo de laicato, a criação de novas ordens, o clero e o seminário, o papel dos Bispos, as encíclicas, a união dos católicos mais romanizados. Em anexo se encontra o *Syllabus*, traz um elenco de 80 condenações elencadas, tinham objetivo de responder às retaliações dos avanços nacionalistas e da secularização. E, ainda com os dois dogmas

¹³¹⁸ MARTINA, Giacomo. **História da Igreja:** de Lutero aos nossos dias. Tomo IV - o mundo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1996, p. 68.

¹³¹⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 2003, p. 204.

¹³²⁰ JOHNSON, Paul. **O Livro de Ouro dos Papas:** a vida e a obra dos primeiros líderes da Igreja. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 274.

¹³²¹ MARTINA, Giacomo. Op. Cit., 1996, p. 119.

¹³²² MANOEL, Ivan Aparecido. **Donoso-Cortês e a antidemocracia católica no século XIX.** Revista História. São Paulo, v. 11, 1992, p. 229.

¹³²³ MOURA, Carlos. **Histórias Cruzadas:** intelectuais no Brasil e Portugal durante a restauração católica. Lisboa: Ics – Imprensa Ciências Sociais, 2018, p. 39.

promulgados por Pio IX, Imaculada Conceição (1854) e a Infalibilidade Papal (1870), confirmavam e reforçavam o que na prática era vivenciado na crença católica.

O projeto de romanização reafirma o Catolicismo como modelo de civilização, direcionando as devoções, exigindo a renovação e obediência do clero, colocando Congregações europeias como reforço do modelo a ser seguido. Com o Papa aprisionado, diferente do que se pensou, o projeto de romanização começava a apresentar sinais de sucesso, a rede de solidariedade em torno do Santo Padre cresceu para além dos muros de Roma, salvaguardando sua autoridade, que fora confirmada pela Infalibilidade Papal. Para José Casanova, o caráter transnacional do Catolicismo é quase indiscutível, mas sua natureza se altera de forma radical acompanhando a mudança nos regimes seculares, sendo, exatamente o ponto dessa virada a incorporação dos Estados Papais pela Itália que compeliu o Papa à renúncia da soberania territorial.

O Papado se reconstitui “como núcleo de um regime religioso transnacional, dessa vez sobre uma base de fato católica”¹³²⁴. Características essas, da cristandade medieval visíveis a partir da metade do XIX, que Casanova destaca: supremacia papal; centralização e internacionalização do comando da Igreja; convocação de Concílios Ecumênicos; núcleos religiosos transnacionais; atividade missionária; escolas, centros de aprendizagem e redes intelectuais transnacionais; santuários como centros de peregrinação e centros internacionais; movimentos religiosos transnacionais. A supremacia papal e a globalização do Papado, como afirma Casanova, vão ganhando espaço e se avolumando ao longo do século XX, especialmente nos Papados de Pio XI e Pio XII. O governo dos dois últimos Pios constitui a base contextual desta tese.

Pio XI (1922-1939)¹³²⁵, adotou como lema “A paz de Cristo no Reino de Cristo”, assumiu o Papado depois de um curto intervalo do governo de Bento XV (1914-1922), que era de uma linha opositora, demonstrando que sua identidade era de Pio, mas sabendo conciliar com aspectos de seu antecessor. Era um contexto difícil de reconstrução no pós-guerra, dos primeiros anos da Revolução Russa, e do surgimento do Fascismo e de sua

¹³²⁴ CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. Rever – Revista de Estudos da Religião. 2010, p. 19.

¹³²⁵ Ambrogio Damiano Achille Ratti, nasceu a 31 de maio de 1857 em Destio, próximo a Monza, foi professor no Seminário de Milão, se tornou Visitador Apostólico (1918) e Núncio na Polónia (1919), foi Arcebispo de Milão (1921) e Cardeal. Eleito Papa a 6 de fevereiro de 1922, faleceu a 10 de fevereiro de 1939. Ficou conhecido como o Papa da solução da “Questão Romana”, da promoção do apostolado dos leigos e do clero indígena. FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os Papas e o Papado**: de Pedro a Bento XVI. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 160-162.

chegada ao poder. Ao subir ao trono de Pedro, o Papa deixou claro seu repúdio à guerra e a uma paz artificial, continuou as ações de seu antecessor em prol da caridade e de novas relações diplomáticas, que até 1922 estava constituída com 25 países, e ao longo do seu Papado de ampliou para 38, e o estabelecimento de um clero local nas áreas de missão, consagrando Bispos nativos. A encíclica *Rerum Ecclesiae*, de 1926, trata das missões e do dever de tornar todos participantes da redenção, estimulando o crescimento das ações missionárias e defendendo a construção de um clero nativo¹³²⁶. Até 1939 eram 48 territórios missionários com bispos naturais, iniciando um processo de autonomia e valorização de costumes locais.

Pio XI era formado em Teologia, Filosofia e Direito Canônico, com ênfase nos estudos filosóficos e exegetas, além do domínio de várias línguas. Em sua carreira eclesiástica foi professor do seminário, diretor da Biblioteca Ambrosiana, prefeito da Biblioteca do Vaticano, foi visitador apostólico e comissário eclesiástico em vários países do leste europeu. Embora rejeitasse a modernidade e suas proposições, ele não condenou abertamente, como seus antecessores, à direita, colocando-se como aberto à negociação com os Estados civis, pois certamente suas ações diplomáticas advém de sua experiência no trato com países considerados difíceis e complexos em suas relações, e na construção de acordos¹³²⁷. Essa trajetória anterior, possibilitou a assinatura dos Pactos Lateranenses, que pôs fim à Questão Romana, e era constituído de três partes: concordata, tratado e uma convenção financeira.

Elza Soffiatti diz que a consequência dessa assinatura foi a aproximação entre Igreja e Estado, mas na prática Pio XI se afastava de Mussolini, principalmente pelas divergências doutrinárias, inconciliáveis, entre Cristianismo e fascismo¹³²⁸. Duffy destacou, que pela concordata, a lei canônica foi equiparada a lei do Estado, a Igreja manteve o controle dos casamentos católicos e do ensino da doutrina católica nas escolas, e, também, menciona a reação contrária da Ação Católica e a luta antifascista, considerando um ato de extrema-unção na democracia italiana a retirada do apoio, por parte da Igreja, ao Partito Popolare¹³²⁹. Mas, por este Tratado, o Papado assume a perda definitiva de seu poder

¹³²⁶ PIO XI. *Rerum Ecclesiae*. 28 de fevereiro de 1926. **Documentos da Igreja**. 2004.

¹³²⁷ SOFFIATTI, Elza S. Cardoso. **Igreja Católica, Política e Pio XII: o Estado Democrático**. São Paulo: Paco Editorial, 2012, p. 59-61.

¹³²⁸ Ibidem. 2012, p. 68.

¹³²⁹ DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: história dos Papas**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 258.

temporal¹³³⁰. A assinatura do Tratado de Latrão, em 11 de fevereiro de 1929, concedeu ao Vaticano total soberania, com linhas de comunicação com o mundo e neutralidade em conflitos internacionais, com direito a indenização pela perda dos Estados Pontifícios, e a garantia do Catolicismo como religião de Estado.

Se por um lado o Papa era diplomático, por outro, viu os primeiros passos do ecumenismo, em contexto de resistência ao Totalitarismo, como uma ameaça. Sua encíclica *Mortalium Animos*, de 1928, condena o que chama de tentativa de criar uma “Pan-Cristandade”, afirmando que a unidade entre cristãos só pode ser conseguida se todos regressarem à única Igreja de Cristo, vendo as tentativas ecumênicas como relativismo teológico¹³³¹. Em seu pontificado está explícito a condenação ao laicismo, a luta pela liberdade da Igreja e da Humanidade, com a convicção de que o caminho para a salvação é conduzido somente pela Igreja, bem como a partir dela a construção de uma sociedade digna. Pio XI acreditava na construção de um Estado católico, que poderia salvar ou reconstruir a cristandade¹³³².

Três anos antes, a encíclica *Quas Primas* inaugurou a nova Festa de Cristo Rei e denunciava a praga da secularização, preconizando o governo de Cristo para todas as sociedades, que “deviam obedecer à lei de Deus proclamada pela Igreja”¹³³³. As denúncias aparecem, também, na *Quadragesimo Anno* quando aponta a incompatibilidade entre Catolicismo e Socialismo, falando sobre a dignidade e interesses dos trabalhadores, ao comemorar os 40 anos da *Rerum Novarum*¹³³⁴; na *Divini Redemptoris* que apresenta o comunismo bolchevista como o maior risco para a Humanidade de todos os tempos¹³³⁵; na *Casti Connubii* que fala do erro dos que querem romper com os laços do sacramento do matrimônio, reafirmando a indissolubilidade¹³³⁶; na *Mit Brennender Sorge*, que condenou o racismo e o poder totalitário, alertando contra a Alemanha¹³³⁷.

¹³³⁰ CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. Rever – Revista de Estudos da Religião. 2010, p. 26.

¹³³¹ PIO XI. *Mortalium Animos*. 6 de janeiro de 1928. **Documentos da Igreja**, 2004.

¹³³² MARTINA, Giacomo. **História da Igreja: de Lutero a nossos dias** 1996, p.126.142.

¹³³³ DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: história dos Papas**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 257.

¹³³⁴ PIO XI. *Quadragesimo Anno*. 15 de maio de 1931. **Documentos da Igreja**, 2004.

¹³³⁵ PIO XI. *Divini Redemptoris*. 19 de março de 1937. **Documentos da Igreja**, 2004.

¹³³⁶ PIO XI. *Casti Connubii*. 31 de dezembro de 1930. **Documentos da Igreja**, 2004.

¹³³⁷ PIO XI. *Mit Brennender Sorge*. 14 de março de 1937. **Documentos da Igreja**, 2004.

Segundo Guido Zagheni, a Igreja italiana não foi antifascista e nem fascista, mas “afascita”, portadora de um projeto autônomo¹³³⁸. Pio XI abertamente se posiciona contra o Totalitarismo, nos governos de direita e esquerda, em 1937 com as duas encíclicas condenatórias: a *Divini Redemptoris* e a *Mit Brennender Sorge*. Yves Chiron diz que os 17 anos do Papado de Pio XI foram marcados pelo confronto com a ideologia mortífera da modernidade, com confrontos reais, empurrando o Papa ao pronunciamento das condenações e na elaboração de uma teologia para a vida, com a ambição de recristianizar a sociedade, que tratou o problema de ordem social e moral “alla luce delle esigenze cristiane, impartendo direttive innovatrici in materia di apostolato dei laici e di azione missionaria”¹³³⁹.

Nesta década, de 1930, as tensões com o crescimento do fascismo foram se evidenciando, com ações cada vez mais violentas, e o Papa reiterou sua defesa à Ação Católica¹³⁴⁰. Como alternativa para as mazelas apontadas por Pio XI, ele investe na Ação Católica como a força necessária para avançar levando Cristo e sua paz ao mundo, é a força da militância católica sendo colocada em prática. Para estabelecer as condições para este modelo de sociedade, a encíclica *Divini Illius Magistri*, fala da educação da juventude cristã e da preocupação com as gerações futuras, deixando claro que a educação perfeita é a cristã¹³⁴¹. E na *Non Abbiamo Bisogno*, ele denuncia as perseguições às associações católicas, universitárias e juvenis desencadeadas pelo fascismo. Pio XI diz que essas ações ferem seu coração de pai, deixando visível sua defesa das associações, especialmente da Ação Católica, que lhe é tão preciosa, exaltando todos os trabalhos de seus núcleos¹³⁴².

Além desses aspectos que marcaram o Papado de Pio XI, está a abertura da janela do Vaticano para a benção *Urbi et Orbi*, após 52 anos, como gesto de que a Igreja estava acenando para a reconciliação com a Itália, é, também, como expressa Casanova as bases do processo de globalização que marca o Papado moderno, que será acelerado na segunda metade do XX. Este autor, também, trata as encíclicas como expressões desse processo global, pois dialogam com questões de fé, moral e disciplina católica, assim como abordam

¹³³⁸ ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea**. Curso de História da Igreja - IV, São Paulo: Paulus, 1999, p.276.

¹³³⁹ CHIRON, Yves. **Pio XI: Il Papa de Patti Lateranensi e dell'opposizione ai totalitarismi**. Itália: San Paolo: Edizione, 2006, p. 6-7.

¹³⁴⁰ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 91-92.

¹³⁴¹ PIO XI. *Divini Illius Magistri*. 31 de dezembro de 1929. **Documentos da Igreja**, 2004.

¹³⁴² PIO XI. *Non Abbiamo Bisogno*. 29 de junho de 1931. **Documentos da Igreja**, 2004.

questões seculares que dizem respeito a toda Humanidade, o que torna o Papado cada vez mais ativo nos conflitos internacionais e nos assuntos: de paz; ordem e política mundiais; a visibilidade do Papa como sumo sacerdote de uma nova fase da religião universal e sua credibilidade como primeiro cidadão de uma sociedade civil global. As encíclicas papais configuram uma das poucas vozes que restaram na crítica à injusta divisão do trabalho e a desumanidade do capitalismo ¹³⁴³. Seu Papado se estendeu até o ano em que o mundo era aterrorizado com o início da Segunda Guerra Mundial, ficando conhecido como Papa da conciliação, das missões e da Ação Católica.

Pio XI e Pio XII, governaram em tempos de ascensão do fascismo e na preparação e deflagração da Segunda Guerra Mundial, com intercessões polêmicas e várias considerações de fracasso ao enfrentar os ditadores e na condenação destes de forma explícita, revelando falha moral na perspectiva dos direitos e dignidade humana ¹³⁴⁴. É preciso que se reconheça a opção pela imparcialidade, a simpatia inicial pelo fascismo, o silêncio e a omissão em dado momento, mas também as estratégias e força de atuação diante de um cenário caótico, e o esforço pela Paz. Segundo Pierre Blet, a imparcialidade de Pio XII “julgava as coisas segundo a verdade e a justiça”, encarando os desafios da guerra e sabedor de sua globalidade e de que a Paz irrestrita e completa era a única alternativa para conter as atrocidades e injustiças ¹³⁴⁵.

Para Casanova, a ação Papal pode ser explicada em alguns pontos: o receio de movimentos leigos autônomos e de partidos católicos que estavam longe do controle do clero; a preocupação com o crescimento do socialismo e sua influência, visto como mal maior que assolava o mundo naquele momento; as afinidades entre a Doutrina Social da Igreja e o corporativismo fascista, que adquiriu grande apoio dos católicos italianos; a inclinação de Eugênio Pacelli para as concordatas, que passou a ser uma opção para a Igreja desde os tempos napoleônicos, por isso, todo o empenho para o sucesso do Tratado de Latrão, em 1929, e a assinatura com a Alemanha, em 1933, buscando conciliação ¹³⁴⁶.

¹³⁴³ O autor destaca a *Rerum Novarum* (1891), a *Quadragesimo Anno* (1931), a *Mater et Magistra* (1961), a *Pacem in Terris* (1963), a *Populorum Progressio* (1967), a *Octogesima Adveniens* (1971), a *Laborem Exercens* (1981) e a *Centesimum Annum* (1991). CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. Rever – Revista de Estudos da Religião. 2010, p. 23-25.

¹³⁴⁴ Ibidem. 2010, p. 27.

¹³⁴⁵ BLET, Pierre. Pio XII e a Segunda Guerra Mundial. Apud: RUST, Leandro Duarte. **Mitos Papais: política e imaginário na história**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 205-206.

¹³⁴⁶ CASANOVA, José. Op. Cit., 2010, p. 28-29.

Para Ivan Manoel, Eugênio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, ocupa um lugar de destaque na história do século XX, sendo um dos responsáveis pela negociação do Tratado de Latrão, e, como Nuncio Apostólico responsável pela assinatura de várias concordatas com governos europeus, entre eles o Estado nazista, em 1933, para garantir os direitos da Igreja e a vida dos fiéis católicos, o que não foi respeitado pela Alemanha. O longo governo de Pio XII, em contexto tão difícil, possibilitou reflexão aprofundada sobre seus posicionamentos anteriores e a constatação que a base do totalitarismo era a extrema violência contra a pessoa humana. A Igreja se apresenta como de toda a Humanidade e não de classes ou grupos, e os documentos de Pio XII apontam para a dignidade humana, apoiando claramente a democracia¹³⁴⁷. A revisão feita por ele, segundo Ivan Manoel, vem de sua vasta experiência diplomática, do seu Papado em tempos de guerra, de sua renovada concepção política e firmeza doutrinária, que culminou no Concílio Vaticano II, iniciado por seu sucessor.

O papel e o prestígio do Papado no sistema mundial emergente, diz Casanova, se deve a capacidade de aproveitar as oportunidades e tem suas origens na Segunda Guerra Mundial e em seus resultados, e, ainda, no processo da Guerra Fria, com a política de contenção comunista, houve a aproximação dos católicos com países protestantes, algo que não parecia possível desde a Reforma Protestante. Dessa forma, o Concílio Vaticano II veio ratificar o processo de *aggiornamento* que já estava em curso na Europa Ocidental católica. Mais tarde até os soviéticos reconheceram a centralidade do Papado no novo sistema global¹³⁴⁸.

O cenário era de tensões, perseguições e repressões às instituições da Igreja. José D'Assunção destaca o extraordinário poder de adaptação da Igreja ao longo dos séculos, enfrentando as mudanças sociais e políticas, e consolidando sua permanência histórica¹³⁴⁹. Leandro Rust, enfatiza o protagonismo do Papado contemporâneo, que de 1870 a 1950 “atravessou uma fase de profundas transformações políticas”, e que até metade do século XIX ainda era um monarca do Antigo Regime, virando do avesso ao longo dessas décadas, resistindo às mudanças bruscas e firmando a autoridade papal, confirmada e renovada pelo

¹³⁴⁷ MANOEL, Ivan Aparecido. Prefácio da Obra “**Igreja Católica, Política e Pio XII: o Estado Democrático**”, da historiadora Elza Soffiatti. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

¹³⁴⁸ CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. Rever – Revista de Estudos da Religião, 2010, p. 34.

¹³⁴⁹ BARROS, José D'Assunção. Prefácio da obra “**Mitos Papais: política e imaginário na história**”, do autor Leandro Duarte Rust. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 16.

achado dos “restos mortais de Pedro”¹³⁵⁰, nos anos de 1940, o que fortaleceu a unidade católica¹³⁵¹. Casanova afirma que o Papado assumiu o papel vago de porta-voz da Humanidade, da paz mundial, da dignidade humana e de uma divisão mais justa do trabalho, por fazer parte de tradicionais reivindicações e por sua autoridade universal¹³⁵². Coube a Pio XII, em meio à catástrofe e desumanidade trazidas pela guerra, reencontrar a força do Papado e o Lugar da Igreja na labiríntica contemporaneidade.

Segundo Elza Soffiatti, Eugênio Pacelli era oriundo de uma família nobre com longa tradição de serviços prestados ao Vaticano, e de sua família, foi o que melhor assimilou a cristandade. Entrou para o seminário em 1893, possuidor de carisma, se dedicou aos estudos de história antiga e moderna, e às concordatas, construiu ao longo de sua formação o poder de argumentação e diplomacia, foi ordenado em 1899 e se tornou doutor em Direito Civil e Canônico. Assumiu vários cargos no Vaticano e passou a ser professor de Direito Internacional e de Diplomacia Eclesiástica. Em 1917, contexto de Primeira Guerra Mundial, foi sagrado Bispo e designado Nuncio Apostólico em Munique, onde sofreu atentados e “organizou muitas instituições de caridade para prestar socorro aos prisioneiros e aos sobreviventes da guerra, doando alimentos, roupas, medicamentos e cuidados”¹³⁵³.

De volta a Roma, foi elevado a Cardeal em 1929, e a partir de 1930 se tornou Secretário de Estado e principal assistente de Pio XI, e era inegável que o Papa o queria como sucessor. Segundo Burkhardt Schneider, não foi nenhuma surpresa quando Pacelli assumiu como Secretário de Estado, devido ao sucesso de sua missão na Baviera, destacado no empenho das concordatas, com a Baviera (1925) e com a Prússia (1929), como também “non era un segreto che Pio XI vendesse in Pacelli il suo naturale successore”, chegando a afirmar em determinada ocasião: “un giorno sarà un buon papa!”. Como Secretário adquiriu experiência ao ser enviado em missão a vários países, como uma preparação para

¹³⁵⁰ A escavação arqueológica foi uma das primeiras decisões de Pio XII ao subir ao trono, sendo encontrados pela Equipe ossos que supostamente seriam de São Pedro. A Partir de 1952, uma nova fase desta investigação foi iniciada, para verificar a veracidade dos ossos, sendo em 1959 publicado o resultado das pesquisas, como comprovatório de que seriam os restos mortais de Pedro. Para além desta comprovação, o que realmente teve peso foi o efeito desse achado para o fortalecimento do Papado, e sua conexão com aquele considerado o primeiro Papa, e a renovação da unidade católica em torno do seu Pontífice. Cf.: RUST, Leandro Duarte. **Mitos Papais: política e imaginário na história**. Petrópolis: Vozes, 2015.

¹³⁵¹ RUST, Leandro Duarte. Ibidem. 2015, p. 27-28.

¹³⁵² CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. Rever – Revista de Estudos da Religião, 2010, p. 35.

¹³⁵³ SOFFIATTI, Elza. **Igreja Católica, Política e Pio XII: o Estado Democrático**. São Paulo: Paco Editorial, 2012, p. 119.

a sucessão¹³⁵⁴. Em 2 de março, após o terceiro escrutínio, Eugênio Pacelli passou a ser Pio XII. Pela terceira vez um Pio sucedia outro Pio.

Pio XII (1939-1958)¹³⁵⁵, o último Papa Pio que é também o último Papa soberano em estilo medieval, é o Pio que canonizou outro Pio¹³⁵⁶, teve em seu reinado marca o fim de uma longa fase de romanização e endurecimento, mas também de reformas e preparações, entre avanços e retrocessos, rupturas e permanências para a nova fase que a Igreja passou a experimentar a partir do Concílio Vaticano II. Ele era um dominicano e seu lema “A paz é obra da justiça”, contendo em seu brasão a pomba da paz, era uma declaração contra a iminente guerra, tendo seu Papado vivenciado os difíceis e dolorosos anos de guerra, de reconstrução do mundo pós-guerra, do despontar da Guerra Fria, de perseguição ao Catolicismo nos países adeptos do “comunismo”, com destruição do patrimônio, prisões e mortes. Poucos meses após sua subida ao trono papal, teve início a Segunda Guerra Mundial, e Pio XII firmou sua postura imparcial, preocupado com as vítimas, independente do lado.

O Vaticano foi atacado com duas bombas, sem que ninguém assumisse a autoria. À esse tempo de guerra respondeu com a formação de organizações de ajuda, para levar cuidados médicos e alimentos aos necessitados, também um serviço de informações sobre prisioneiros de guerra e feridos, concedendo asilo a judeus, liberais, democratas e muitos outros, no Vaticano e em Castel Gandolfo. Pio XII Passou a indicar a democracia como forma de governo viável para a sociedade civil, ação presente em suas radiomensagens de Natal, durante a guerra, e ao final da guerra, também intensificou sua campanha pela paz justa e duradoura, continuando a política conciliatória e diplomática quando o mundo passou a vivenciar a bipolarização¹³⁵⁷. Ainda em 1944, Israeli Zolli, rabino-mor de Roma, declarou que “a salvação de tantas famílias judaicas era obra pessoal de Pio XII”¹³⁵⁸. Ao

¹³⁵⁴ SCHNEIDER, Burkhardt. **Pio XII**: pace, opera della giustizia. Itália: San Paolo Edizione, 2002, p. 21-22.

¹³⁵⁵ Eugênio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, nasceu a de março de 1876, em Roma, foi Núncio Apostólico em Munique (1917) e em Berlim (1920), e a 2 de março de 1939 foi eleito Papa. Morreu a 9 de outubro de 1958. FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os Papas e o Papado**: de Pedro a Bento XVI. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 162. Ao final do Concílio Vaticano II, foi aberto o processo de beatificação de Pio XII, quando foi considerado Servo de Deus. Em 2009, Pio XII foi proclamado Venerável.

¹³⁵⁶ O *Jornal A Tarde*, ao falar da canonização de Pio X, o Papa da Eucaristia, realizada por Pio XII, destacou que no dia seguinte foi-lhe consagrada a primeira capela, localizada na França, e que foi uma proclamação ex-Cathedra. Igreja francesa consagrada a São Pio X. **A Tarde**. Manaus, 2 de outubro de 1954.

¹³⁵⁷ SOFFIATTI, Elza. **Igreja Católica, Política e Pio XII**: o Estado Democrático. São Paulo: Paco Editorial, 2012, p. 123-127.

¹³⁵⁸ A declaração foi para o jornal *The New York Times* a 17 de junho de 1944. ZOLLI, Israeli. Apud: RUST, Leandro Duarte. **Mitos Papais**: política e imaginário na história. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 213.

longo de seu Papado se posicionou em questões éticas e dogmáticas, respondendo ao mundo abalado por guerras, o que para muitos pode ter parecido loucura, com a proclamação do quarto dogma mariano, a Assunção de Nossa Senhora, a 1º de novembro de 1950.

A chegada da nova década marcou também uma nova fase para o Papado. Leandro Rust fala que pela primeira vez as mensagens do Papa passaram a ser traduzidas para línguas nacionais, e que até mesmo no momento de sua morte ele se aproximou dos fiéis que puderam acompanhar, pelos comunicados, seus momentos finais. Para Rust, Pio XII buscou reeducar para um Catolicismo “simultaneamente militante e moderno, conservador e atualizado”, acionando a Infalibilidade Papal para proclamar o dogma da Assunção da Virgem Maria, também promoveu reformas litúrgicas, mas exibia sua coroa pontifical, ao mesmo tempo que falava de justiça como base essencial da doutrina da Igreja¹³⁵⁹. Com ele fecha-se ao mesmo tempo uma fase de endurecimento que marcou o Papado dos Pios, especialmente a partir de Pio IX, no contexto mais turbulento que a Igreja já enfrentou, de perdas, transformações radicais, de reafirmação da autoridade Papal, como a permanência da luta para firmar o lugar da Igreja no mundo contemporâneo e efetivar reformas necessárias no âmbito católico, por vezes adiadas. Sendo essas duas faces preparatórias e impulsionadoras das decisões e escolhas que a Igreja fará a partir do Concílio Vaticano II.

O *Jornal Universal* inaugurado em 1953, em Manaus, como vimos no capítulo anterior, criado no contexto de Pio XII, apresenta reflexões, posicionamentos e determinações do Papa, buscando sintonizar a Igreja de Manaus com as orientações do Chefe da Igreja. Devem ser destacados alguns pontos apresentados pelo *Universal*, que por estarem inseridos na década de 1950, correspondem ao momento descrito acima, de força renovada do Papado e de seu lugar com e resposta ao mundo pós-guerra e bipolarizado, mas também de sua aproximação para com os fiéis e destes para com o Papa. Ao final de fevereiro de 1954, apareceu em destaque a preocupação com a saúde fragilizada do Papa, e o pedido de intensificação nas orações, especialmente no dia 2 de março em seu aniversário de 78 anos e 15 anos de Pontificado¹³⁶⁰.

Em julho de 1955, o *Universal* lembrava as palavras de São de Francisco de Sales, que sem Papa não há Igreja, os dois constituem uma unidade, e que o Papa é o Chefe Supremo,

¹³⁵⁹ RUST, Leandro Duarte. **Mitos Papais**: política e imaginário na história. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 37.

¹³⁶⁰ Oremus Pró-Pontífice. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano II.

mestre universal com a difícil missão de governar a cristandade¹³⁶¹. Sobre a questão social, o *Universal* fala da subida ao trono de Pio XII em tempos de guerra e de sua luta pela dignidade humana, da família, do direito de propriedade e da organização profissional¹³⁶². Foi enfatizado o posicionamento da Igreja em relação ao socialismo e ao comunismo, especialmente em virtude das perseguições sofridas por católicos naquele contexto. Ao lembrar *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, a incompatibilidade dessa ideologia com o Catolicismo, e, citando a encíclica, afirma que a restauração social só ocorrerá pela renovação do espírito cristão¹³⁶³. O projeto de sociedade trazida pelo comunismo, diz o *Universal*, quer mudar a estrutura da civilização, afirmando, à luz da *Quadragesimo Anno*, que nem comunismo nem capitalismo respeitam a vida, ambos ferem os princípios humanos¹³⁶⁴.

Em 1956, ano de comemoração dos 80 anos de Pio XII, o *Universal* anunciou que em sua homenagem, a partir de 2 de março, dia do aniversário de Pio XII, que todo o mês seria de palestras no Edifício Pio XII¹³⁶⁵. Na manchete de primeira página exaltou-se a assombrosa inteligência do Papa e sua vasta cultura¹³⁶⁶. Também foram destacados os temas debatidos pela ocasião dos 80 anos de Pio XII, apresentadas pelo *Osservatore Romano*: “Relação entre Santa Sé e os Estados depois do segundo conflito mundial”; “Incomparável respeito que a Igreja e o Papa testemunham pela palavra”; “A Cultura do Pontificado de Pio XII”; “O Papa dos Santos”; “O Papa e a Paz”; “O Papa e o Mundo Operário”¹³⁶⁷.

No Congresso Litúrgico Internacional, ocorrido em Assis, no ano de 1956, o Papa reforçou alguns pontos de sua encíclica *Mediator Dei*, onde apresenta a Sagrada Liturgia como a essência da Igreja, “constitui o íntegro culto público do Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, a cabeça e dos membros”¹³⁶⁸. Uma das preocupações de Pio XII foi a reforma e aprofundamento litúrgico, no *Universal* aparece seu discurso no Congresso de Assis, no qual destaca a contribuição da Hierarquia e dos leigos “com igual constância para a

¹³⁶¹ Sem Papa não há Igreja. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

¹³⁶² Pio XII e a Questão Social. **Universal**. Manaus, 7 de agosto de 1955, n. 123.

¹³⁶³ A *Quadragesimo Anno*. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127.

¹³⁶⁴ O Comunismo é intrinsecamente perverso. **Universal**. Manaus, 20 de novembro de 1955, n. 137, Ano III.

¹³⁶⁵ O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano II.

¹³⁶⁶ Viva o Papa! **Universal**. Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano II.

¹³⁶⁷ O Aniversário de Pio XII. **Universal**. Manaus, 18 de março de 1956, n. 154, Ano III.

¹³⁶⁸ PIO XII. *Mediator Dei*. 20 de novembro de 1947. 1998.

magnificência exterior do culto, para a construção de igrejas e capelas, para a decoração das mesmas, e para o realce das cerimônias litúrgicas com todos os esplendores de arte sacra”¹³⁶⁹.

O *Universal*, apresentou outra preocupação do Papa, ao transcrever sua mensagem contra as armas termonucleares, onde fala que não se opõe a nenhuma conquista do pensamento nem ao desenvolvimento de atividades produtivas e técnicas, mas que além do progresso trazido por essa energia estão aqueles que a empregam para a destruição, trazendo angústia e morte para a vida dos povos, visando a cada dia crescer o medo de uma destruição total acionada pelos novos mecanismos guiados à distância. O Papa afirma que se deve fortalecer o verdadeiro amigo da Paz, que evita o pessimismo, a inveja e as paixões desenfreadas, e que tem Cristo como centro da vida¹³⁷⁰. Com esta mensagem, Pio XII mais uma vez reafirma que o projeto cristão de sociedade é a solução para o mundo em caos. Aos membros da Comissão Permanente da Unidade e Universalidade da Cultura, o Papa afirmou que a mesma pergunta dirigida ao Divino Mestre a dois mil anos “quem é o meu próximo?”, tem hoje um sentido mais profundo, pois “o meu próximo é o negro da África Central ou o índio da floresta do Amazonas”¹³⁷¹.

Em outubro de 1958, o *Universal* reproduziu o anúncio da Rádio Vaticano: “O homem mais estimado do mundo, o Santo Padre Pio XII acaba de morrer”, aos 82 anos. Em Manaus, por ordem do Arcebispo, os sinos tocaram por três dias às 6h, 12h e 18h, e o Governador decretou luto de três dias. E todos foram convocados a celebrar o 7º dia, no dia 15 de outubro. O *Universal* completou a nota de pesar dizendo que Pio XII foi o maior Pontífice do século e que “[...]suas mensagens, escritos, discursos, exortações, cartas e determinações doutrinárias, plenificaram de vida e de luz toda a Santa Igreja, transbordando o vigor de sua insuperável cultura e tangível santidade [...]”¹³⁷². Assim, Manaus se despediu do Santo Padre. E, nessa despedida, cabe bem as palavras de Dom Alberto Ramos sobre Pio XII, *Videre Petrum*:

ver a Pedro, na pessoa de Pio XII, que além de ser chefe, a cabeça visível do corpo místico de Cristo, é também o homem genial que norteia o mundo e os sábios nos mais variados setores do saber humano. Ver a Pedro, na pessoa de Pio XII, o grande amigo do Brasil e do Amazonas.

¹³⁶⁹ A Liturgia e a Igreja. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano III.

¹³⁷⁰ Dirige Pio XII uma Mensagem ao Mundo. **Universal**. Manaus, 15 de abril de 1956, n. 158, Ano III.

¹³⁷¹ Um Índio do Amazonas também é o nosso próximo, afirma o S. P. Pio XII. **Universal**. Manaus, 29 de julho de 1956, n. 173, Ano III.

¹³⁷² O Homem mais estimado do Mundo”. **Universal**. Manaus, 12 de outubro de 1958, n. 289, ano VI.

Pio XII, o pontífice que nos elevou a plenitude do sacerdócio (1948) e mais tarde à dignidade de metropolita (1952), conferindo-nos ainda a honra insigne de coroar em seu nome a querida preciosa imagem de Nossa Senhora Auxiliadora! Pio XII, o pontífice que erigiu a Província Eclesiástica de Manaus e as prelazias de Tefé e Solimões e chamou ao episcopado todos os exmos. e revmos. Prelados sufragâneos desta Igreja Metropolitana! [...] ¹³⁷³.

2. No Tempo dos Pios: Dogmas e a Devoção Mariana na Igreja de Manaus

Pio IX e Pio XII foram responsáveis pela proclamação de três dogmas: Imaculada Conceição (1854), Infalibilidade Papal (1870), e a Assunção da Virgem Maria (1950). A palavra dogma vem do grego e significa ‘aquilo que parece justo’, verdades a crer por serem reveladas, podendo sua promulgação ser no concílio ou pelo Papa, e estão pautadas na doutrina junto a sua interpretação, se tornando sinalizadores para o conjunto da Igreja. A palavra dogma só passou a ser empregada de forma frequente e como eixo da vida cristã a partir do século V, efetivamente, embora se tivesse iniciado a experiência conciliar, que tem como marca de sua atividade as palavras: renovar a fé; oferecer ensinamento e emitir uma definição. Logo, à medida em que os concílios se tornaram diretriz, o dogma e suas dimensões passam a ser o ponto central da doutrina e da prática religiosa. O dogma significa decreto, preceito, ensinamento, instrução moral de Jesus ¹³⁷⁴.

Os dogmas da Igreja Católica são 49 divididos em oito categorias (sobre Deus; sobre Jesus; sobre a criação do mundo; sobre a natureza humana; marianos; Papa e Igreja; sacramentos; e últimas coisas). No século XII, em Tomás de Aquino aparece a denominação de artigo de fé, no lugar da palavra dogma. Com as primeiras faculdades de Teologia, a função de ensinar ganha outro patamar, Abelardo emprega o termo *magisterium*, e Tomás de Aquino acrescenta que há dois magistérios, o do Prelado e o do Doutor. No magistério pastoral os Papas assumem a responsabilidade de ensinar, com a autoridade de ligar e desligar. O magistério dos doutores era empregado tanto como elo com o magistério Papal como independente dele ¹³⁷⁵. A partir de Trento, o magistério

¹³⁷³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **III Carta Pastoral** de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano de Manaus. 1954.

¹³⁷⁴ SESBOÜÉ, Bernardo; THEOBALD, Christoph. **História dos Dogmas**. Tomo 4: A palavra da Salvação. São Paulo: Loyola, 2006, p. 60-63.

¹³⁷⁵ Ibidem. 2006, p. 85-86.

romano ganha outra dimensão, na busca pelo fortalecimento da autoridade do Papa começa-se a desenvolver a ideia de Infalibilidade, porém vista como expressão da hierarquia se firma ao final do século XVIII, como posicionamento diante das mudanças trazidas pela Revolução Francesa. Com Gregório XVI, mas de forma mais contundente com Pio IX, o magistério vivo, trazendo um novo gênero literário no campo da doutrina, a encíclica, ganha a proporção que conhecemos na atualidade¹³⁷⁶. O Concílio Vaticano I, na Constituição Dogmática, *Pastor Aeternus*, define a perenidade, a natureza, os poderes e a Infalibilidade Papal¹³⁷⁷.

A partir desta compreensão, direcionamos para os dogmas marianos promulgados por Pio IX e Pio XII. As devoções à Maria se iniciaram ainda na Antiguidade, mas foi na Baixa Idade Média quando se buscou com mais força a humanidade de Jesus, e, com ela, a exaltação à sua Mãe. Um complexo debate foi travado em torno do dogma da Imaculada Conceição pela teologia medieval, pois naquele contexto houve um aprofundamento da devoção à Maria, ficando seu culto à frente da teologia. Pinturas e esculturas marianas se multiplicaram a partir dos séculos XII e XIII, sendo São Francisco de Assis, Bernardo de Claraval, Boaventura responsáveis, em boa parte, pela difusão desse espírito devocional¹³⁷⁸. Mas foi somente em 1854 que se chegou à formulação dogmática “através de um longo e acidentado caminho, no qual se entrevê a importância que desempenha na vida eclesial o chamado *sensus fidelium*”¹³⁷⁹.

O *sensus fidelium* diz respeito ao senso comum em relação à verdade de fé que o magistério ainda não se posicionou oficialmente, portanto, a devoção à Imaculada já era fruto de experiências dos fiéis em diversas localidades, muito antes da promulgação do dogma e mesmo antes das discussões filosóficas e teológicas. Dois dogmas marianos já haviam sido formulados na Antiguidade, o *Theotokos* no Concílio de Éfeso (431), e o da Virgindade de Maria refletido a partir do Concílio de Calcedônia (451), e formulado no II Concílio de Constantinopla (553). Para chegar aos dois últimos dogmas marianos, foi um longo percurso,

¹³⁷⁶ Ibidem. 2006, p. 180-181.

¹³⁷⁷ Ibidem. 2006, p. 211.

¹³⁷⁸ MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012, 17.

¹³⁷⁹ TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 137.

Como o debate sobre a Imaculada Conceição se estendeu por muitos séculos e sempre cheio de controvérsias, foram destacados apenas aqueles que foram delineando, preparando o caminho para o dogma. Santo Agostinho definiu Maria como uma grande exceção do pecado original, e Pascásio Radberto, no século VIII, afirma que a concepção da Virgem Maria, isenta do pecado original, retirou a maldição de Eva e a benção foi transmitida a todos¹³⁸⁰.

A partir do século IX, a festa da Imaculada foi trazida para o Ocidente por monges fugidos das perseguições da iconoclastia. A festa foi se espalhando pela Europa com crescente devoção, e no século XIII, após hesitação, Roma consagrou o 8 de dezembro como festa da Imaculada Conceição. Anselmo, o jovem, se definiu como todo dedicado ao serviço da Mãe de Deus, difundindo as histórias de milagres e estimulando a oração da Ave Maria, no século XII. Para Pedro Lombardo, Maria fora concebida em pecado original e purificada antes de nascer. No século XIII, Tomás de Aquino e Boaventura seguem essa direção, de que Maria foi purificada no primeiro instante. Foi o franciscano Duns Scotto que atribuiu a ela a pré-redenção, pois ela “fora preservada do pecado desde o momento de sua concepção até a redenção na cruz, quando ela tal como toda a raça humana, foi salva”¹³⁸¹.

Dessa forma, por seu Filho, o perfeito redentor, Maria se torna a perfeita redimida, preservada do pecado original¹³⁸². O magistério vai aos poucos confirmando e caminhando para o dogma: Sixto IV (1484) instituiu um ofício expressando o privilégio de Maria e louvando a festa da Imaculada Conceição, em 1476; no Concílio de Trento (1545-1563), sem oficializar o dogma, afirma que a Virgem foi isenta do pecado durante toda a sua vida, e não incluindo-a no pecado original¹³⁸³. O culto se universalizou a partir de Clemente XI, em 1708¹³⁸⁴.

Ao adentrar o século XIX, é perceptível o aumento da devoção à Maria, reforçada pela aparição da Medalha Milagrosa a Catarina Labouré, em 1830. Desde o papado de Gregório XVI (1830-1846) muitos pedidos pela proclamação do dogma chegaram a Roma. Diante

¹³⁸⁰ Ibidem. 2010, p. 145-146.

¹³⁸¹ Ibidem. 2010, p. 154.

¹³⁸² Ibidem. 2010, p. 154.

¹³⁸³ MACIEL, Elisângela. A Pia União das Filhas de Maria na Diocese de Manaus. In: GASPARETTO JUNIOR, Antônio; BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Orgs.). **História** [recurso eletrônico]: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 260.

¹³⁸⁴ TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 146.

da continuidade da solicitação Pio IX (1846-1878), estabeleceu uma comissão, em 1848, composta por teólogos e cardeais para os esclarecimentos necessários sobre a prática devocional e a realidade eclesial.

No ano seguinte, a encíclica *Ubi Primum Nullis* (1849), solicita a confirmação dos Bispos, a uma análise do clero e do povo de suas dioceses, sobre os sentimentos acerca da Virgem Imaculada. A bula inicia falando que Deus escolheu a Mãe de seu Filho desde o início dos tempos, sendo ela “absolutamente livre de qualquer mancha do pecado, toda bela e perfeita, possui tal plenitude de inocência e de santidade, que, depois de Deus, não é possível pensar maior, e de quem, excetuando Deus, nenhuma mente consegue compreender a profundidade”¹³⁸⁵. 546 Bispos, de 603, foram a favor da definição dogmática.

Assim, a 8 de dezembro de 1854, por meio da bula *Ineffabilis Deus*, foi pronunciado o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Por mérito de seu Filho, Jesus Cristo, Maria foi portadora da graça santificante, de forma plena, desde o primeiro instante, sendo “concebida imaculada por sua estreita vinculação com seu Filho”¹³⁸⁶. Para entender a profundidade do dogma, segue um trecho da bula:

Nossa boca está repleta de alegria e nossos lábios exultantes. Rendemos e renderemos sempre os mais humildes e vivos agradecimentos a nosso Senhor Jesus Cristo, por nos ter concedido a graça singular de poder, ainda que sem o merecer, oferecer e decretar esta honra, esta glória e este louvor à Santíssima Mãe. Reafirmamos nossa viva esperança na beatíssima Mãe, que, toda bela e imaculada, esmagou a cabeça venenosa da cruelíssima serpente, e trouxe a salvação ao mundo; naquela que é a glória dos profetas e dos apóstolos, honra dos mártires, alegria e coroa de todos os santos; seguríssimo refúgio e fidelíssima ajuda contra todos os perigos; potentíssima mediadora e reconciliadora de todo o mundo junto a seu Filho unigênito; fulgidíssima beleza e ornamento da Igreja e sua segura defesa. Reafirmamos nossa esperança naquela que sempre destruiu todas as heresias, salvou os povos fiéis de gravíssimos males de todo gênero, e nos libertou de tantos perigos que nos ameaçavam. Confiamos que ela queira, com sua validíssima proteção, fazer com que nossa santa mãe, a Igreja católica, superadas todas as dificuldades e erradicados todos os erros, prospere e floresça cada dia mais junto a todos os povos e em todos os lugares, de um mar a outro, e de um rio até os confins da terra, havendo paz, tranquilidade e liberdade completa. Que os reis obtenham o perdão, os doentes a saúde, os tímidos a força, os aflitos a consolação, os que correm perigo a ajuda. Que todos os errantes,

¹³⁸⁵ Pio IX. *Ubi Primum Nullis*. 1849, n. 1, p. 168.

¹³⁸⁶ TEMPORELLI, Clara. Op. Cit., p. 159.

desfeita a névoa de suas mentes, retornem ao caminho da verdade e da justiça, e haja um só rebanho sob um único pastor¹³⁸⁷. (grifos meus)

A promulgação do dogma, além de ser uma verdade teológica que sela as controvérsias, considerado e confirmado pelo céu, se concretiza num contexto turbulento da história da Igreja, marcando sua posição diante do mundo moderno que trouxe o racionalismo e a laicidade. Pio IX enfrenta-o, colocando Maria como a defensora da Igreja, que esmagará os males trazidos pela nova época, que triunfará sobre todos os erros e conduzirá à paz¹³⁸⁸. Os grifos destacam a importância do dogma para o processo de romanização, ela é o grande símbolo diante das vicissitudes, e é nela se confia nesses tempos conflituosos. O dogma é providencial diante das incertezas que rondam a Igreja, e advém também do “amadurecimento da doutrina e do reconhecimento eclesiástico da força vital de Maria como Mãe de Deus e que estende seu amor materno a todos que a ela recorrem”¹³⁸⁹. Portanto, a Imaculada Conceição passa a ser um dos principais pilares no projeto da romanização, bem expresso por Jaroslav Pelikan:

Há boas razões para se acreditar que nem a defesa intelectual da relação cristã pela iniciativa da teologia católica romana do século XIX, inclusive o renascimento da filosofia tomística, nem a defesa política da Igreja institucional e de suas prerrogativas contra o anticlericalismo da época tenham se mostrado tão eficazes, particularmente entre as pessoas comuns, como a campanha empreendida em favor da Virgem Maria¹³⁹⁰.

De acordo com Afonso Murad, o dogma da Imaculada Conceição deve ser entendido como gratuidade de Deus, no horizonte da teologia da Graça, que realiza o projeto salvífico de Deus. Maria é Imaculada, mas continua humana, trilhando o caminho da fé, como mãe e como discípula, experimentando a conversão cotidianamente, “não do mal para o bem,

¹³⁸⁷ Pio IX *Ineffabilis Deus*. N.24, 1854, p.187.

¹³⁸⁸ MACIEL, Elisângela. A Pia União das Filhas de Maria na Diocese de Manaus. In: GASPARETTO JUNIOR, Antônio; BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Orgs.). **História** [recurso eletrônico]: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 261.

¹³⁸⁹ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus, vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 220.

¹³⁹⁰ PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 248.

mas do bem para um bem maior”¹³⁹¹, realizando a “utopia da nova humanidade, do ser humano que cresce na fé, na esperança e no amor, sem amarras”¹³⁹².

Maria se tornou, sem dúvida, o grande meio de difusão e consolidação do Catolicismo, assumindo as feições culturais das diversas localidades onde a fé católica foi disseminada. No Brasil a pluralidade cultural passou a apresentar uma diversidade de devoções que criaram respeito e a imensa necessidade da intercessão da Mãe, Maria, levando a buscá-la com intensidade e com intimidade peculiar que os povos da América arvoram ter com Nossa Senhora¹³⁹³. Para Dilermando Vieira, o culto à Virgem Maria sintetizou, em grande medida, a piedade negra e parda, pois foi a partir da madrinha Nossa Senhora, “que se criaram as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas desta com a família e a cultura circundante, o que se estendia por outras etapas da vida”¹³⁹⁴.

É nessa lógica que se enraízam as práticas devocionais das Filhas de Maria, que se colocam como filhas obedientes, mas também em sintonia com a humanidade de Maria e em busca das virtudes provenientes da Virgem. Havia o desejo ardente de se conectar com Maria, que se tornou “a Mãe de toda a humanidade, papel essencial na redenção, pois ela era a nova Eva, a nova mãe, o instrumento na renovação da obra da criação”¹³⁹⁵. As Filhas de Maria trazem para si a responsabilidade de fazer concretizar no mundo a devoção mariana que leva a uma verdadeira prática cristã, pois é a Mãe que conduz ao Filho.

A devoção a Maria remonta à Antiguidade, mas foi nos séculos XI e XII, segundo Jacques Le Goff, que ela atingiu a plenitude, se tornando crescente desde então, sendo expressa em: sermões, cânticos, liturgias, obras de arte, imagens, narrações de milagres, teatro, com destaque para a redação da Ave Maria. Nesse contexto, as noções teológicas, não dogmatizadas, mas já institucionalizadas, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, se tornaram alvo de calorosos debates¹³⁹⁶. As confrarias passaram a se multiplicar, entre elas as dedicadas à Maria, sinal da crescente devoção. Destacando-se a fundada pelo

¹³⁹¹ MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 173.

¹³⁹² Ibidem. 212, p. 174.

¹³⁹³ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus, vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 221.

¹³⁹⁴ VIEIRA, Dilermando. **O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. São Paulo: Santuário, 2007, p. 43.

¹³⁹⁵ MACIEL, Elisângela. Op. Cit., 2014, p. 215.

¹³⁹⁶ LE GOFF, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005, p. 203.

Cônego Pedro de Honestis, no século XII, dos Filhos e Filhas de Maria, composta por religiosos e leigos. Seus membros portavam uma medalha e uma faixa azul na cintura.

A partir do Concílio de Trento (1545-1563), houve a crescente preocupação com as práticas cristãs, especialmente com as virtudes e com a castidade, procurando levar as decisões conciliares para mais próximo dos fiéis, para que pudessem exercitar a vivência sacramental. Diante das tensões e conflitos do século XVI, a Virgem Maria aparece como a protetora do mundo católico. Seguindo o modelo criado por Pedro de Honestis, na França surge a Congregação da Virgem Imaculada, fundada pelo Cônego Pedro Fourier, com o objetivo de atrair as jovens para a devoção à Maria. Suas integrantes usavam um escapulário de cor celeste, que trazia de um lado a imagem da Imaculada Conceição e do outro a inscrição *Maria concebida sem pecado*. Esse processo se estendeu de 1594 a 1640.

Em 1830, Catarina Labouré passou a fazer parte das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Data dessa época também as aparições da Virgem, descritas por ela. A Virgem lhe pediu que fosse cunhada uma medalha, com as mensagens da aparição, o que foi feito em 1832. Catarina fundou a Associação das Filhas de Maria, em 1837, a pedido da Virgem, voltada para mulheres religiosas. As Filhas de Maria usavam uma fita azul no pescoço com a medalha milagrosa¹³⁹⁷, cuja inscrição agora trazia *Oh Maria concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós*. A associação foi aprovada pelo Papa Pio IX em 1847, com manual divulgado em 1848. De acordo com o manual, as moças devem, principalmente: louvar Maria; buscar a santificação pessoal; e manter o apostolado¹³⁹⁸.

Com a definição dogmática da Imaculada Conceição, além de reforçar as devoções mariana, e especialmente aquelas ligadas diretamente ao dogma, como é o caso das Filhas de Maria, ganham respaldo, pois estão conectadas pela fé e pela busca de vida virtuosa à exemplo da Virgem. “A Bula *Ineffabilis Deus* faculta a todas as províncias e reinos a escolha da Imaculada Conceição como padroeira e a criação de confrarias e congregações devotadas a ela, assim como outros tipos de tributos em sua honra. Ao mesmo tempo

¹³⁹⁷ O culto à medalha milagrosa se desenvolveu rapidamente em Paris, a partir de 1832, o santuário passou a ser lugar de peregrinação. Para todos que usarem a medalha há a promessa de grandes graças. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. 1999, p. 78.197.

¹³⁹⁸ BRION, Ioneide Maria Piffano. **As Filhas de Maria: uma história social da Pia União**. Juiz de Fora: UFJF, 2009, p. 11.

determina punições aos que não sigam os preceitos do dogma e não cumpram os festejos adequados em seu dia”¹³⁹⁹.

No ano de 1864, em Roma, o padre Alberto Passéri fundou, no estilo da associação francesa, a Pia União das Filhas de Maria. Protegidas pela Virgem as moças cristãs tinham a finalidade de combater os malefícios do mundo observando os costumes cristãos, visando aumentar a devoção à Virgem, se colocando como protagonistas de sua missão perante Deus, difundindo amor, virtude e piedade. Em 1864 a Pia União das Filhas de Maria foi ereta canonicamente, sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês, virgem e mártir. Dois anos depois, Pio IX lhe concedeu a honra de Confraria Primária, passando a agregar todas as associações de Filhas de Maria¹⁴⁰⁰. Receberam indulgências e privilégios de Pio IX, em 1866. O Papa Leão XIII (1878-1903) tornou Passéri diretor geral de todas as Congregações de Filhas de Maria.

O processo de romanização buscou padronizar o laicato, utilizando mecanismos como o ensino e a criação de associações leigas que se revestisse da piedade católica como salvaguardando-a e difundindo no seio da sociedade os valores cristãos, lutando, assim, contra os malefícios trazidos pelo mundo moderno. A romanização condena as devoções populares, dando maior espaço para as associações marianas. Maria é figura colocada à serviço desse projeto: rosário obrigatório, dogma da virgindade que justifica preceitos de moral sexual, divulgação de aparições de Maria e suas mensagens como se fosse um quinto evangelho. A devoção intensa a Maria, somado à adoração ao Santíssimo e ao culto personalista do Papa são colocadas como únicas expressões do Catolicismo, afirma Murad, e, diz ainda, que a proclamação dos dogmas da Imaculada e da Assunção aumentaram a ‘euforia mariana’, e que estes dogmas são interpretados com dupla fidelidade, à Tradição e à contemporaneidade¹⁴⁰¹.

Após a efetivação do dogma da Imaculada, inicia-se um caminho para chegar à confirmação da próxima etapa, o dogma da Assunção de Maria. A Bíblia não relata sobre os últimos anos de Maria, coube à literatura apócrifa a construção de narrativas sobre as várias etapas da vida de Maria, incluindo sua dormição. Segundo Murad, os apócrifos não

¹³⁹⁹ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus, vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 218.

¹⁴⁰⁰ Manual da Pia União das Filhas de Maria. Disponível em: filhasdemariaarqrio.wixsite.com/ffmarqrio/maual-das-filhas-de-maria. Acesso em: 08 de julho de 2019.

¹⁴⁰¹ MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 16-19.

respeitam a centralidade de Jesus, cheios de narrativas mitológicas sem fundo histórico, foram rejeitados pela Igreja, mas serviram de base para o crescimento da devoção mariana¹⁴⁰².

A Festa da Dormição de Maria passou a ser liturgicamente celebrada no século VI, na Igreja Oriental, no dia 15 de agosto, chegando a Roma no século VII, recebendo o nome de Assunção de Maria no século seguinte. A definição do dogma se deu somente em 1950, a 1º de novembro, pela bula *Munificentissimus Deus*, de Pio XII. A Igreja tendo por base a longa tradição de devoção a Maria, presente nos textos canônicos e apócrifos, proclamou o dogma que reconhece que Maria foi assunta ao céu de corpo e alma¹⁴⁰³. Na bula lê-se “definimos ser dogma divinamente revelado: que a Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, cumprindo o curso de sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”¹⁴⁰⁴. A bula não se preocupa com os detalhes sobre a morte de Maria, mas volta-se para a questão da conexão entre Filho e Mãe, a tal ponto que ela é colocada como coparticipante de toda a obra redentora. Murad afirma que a “assunção é a participação de Maria na ressurreição de Cristo”, e que independente da visão escatológica adotada, Maria já está glorificada junto a Deus, inteiramente¹⁴⁰⁵.

Pelikan diz que a proclamação do dogma foi encarada, pelos protestantes, como divisionista em um momento em que lentamente se construía o ecumenismo¹⁴⁰⁶. Carl Jung, em resposta a Pio XII, em livro datado de 1952, afirma que pela doutrina da encarnação e pela forma como a Virgem Maria foi considerada, a cristandade suavizou a austeridade e tornou a Divindade mais acessível¹⁴⁰⁷. Pio XII afirma que a luta compartilhada entre Filho e Mãe foi concluída com a glorificação de seu corpo virginal, dessa forma ela não passou pela corrupção. No Concílio Vaticano II, dentre os tópicos apresentados sobre Maria, ela foi destacada como “símbolo de verdadeira esperança e conforto para a peregrinação do

¹⁴⁰² Ibidem. 2012, p. 17.

¹⁴⁰³ Trânsito de Maria do Pseudo-Militão de Sardes. Apud: FARIA, Jacir de Freitas. **História de Maria, Mãe e Apóstola de seu Filho, nos Evangelhos Apócrifos**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 180.

¹⁴⁰⁴ PIO XII. Bula *Munificentissimus Deus*, 1º de novembro de 1950. **Documentos da Igreja**. 1998.

¹⁴⁰⁵ MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2012, p.190.

¹⁴⁰⁶ PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 276.

¹⁴⁰⁷ JUNG, Carl Gustav. Resposta a Jó. Apud: PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 278.

povo de Deus”, e, “pela glória corporal e espiritual que possuiu no Céu, Mãe de Jesus continua neste mundo de hoje como a imagem da primeira florescência da Igreja”¹⁴⁰⁸.

Temporelli, afirma que o dogma da Assunção de Maria foi uma consequência do dogma da Imaculada, e que “esse dogma nos permite adentrar no mistério da dinâmica vida-morte, própria de toda criatura”, sendo o contexto imediato ao dogma estendido até 1954, no centenário do dogma da Imaculada, quando Maria teve sua invocação como Rainha proclamada¹⁴⁰⁹. Sobre a mediação Pio XII afirma que Maria é poderosíssima Mediadora e reconciliadora de todo o mundo junto a seu Filho Unigênito, ela é “fulgidíssima beleza e ornamento da Igreja, constituída por Deus Rainha do Céu e da terra, e exaltada acima de todos os Anjos e de todas as ordens dos Santos”. Afirma o Papa, que ela está à direita do seu Filho Unigênito, e com sua poderosíssima prece suplica pela humanidade¹⁴¹⁰.

A Diocese de Manaus foi consagrada ao Coração Imaculado de Maria a 2 de junho de 1945¹⁴¹¹. O *Jornal Universal* lembrou que desde 1942 Pio XII consagrou o mundo a Maria, de modo especial a Rússia do comunismo ateu, e afirma que “o Coração Imaculado de Maria é a arca da nova aliança que Deus quer fazer com a humanidade”¹⁴¹², e que é preciso cumprir o dever de bom católico e propagar a devoção a Maria. No ano de consagração da Catedral à Nossa Senhora, 1946, a Diocese de Manaus possuía 15 paróquias, das quais nove eram dedicadas a ela¹⁴¹³. Na capital, até 1948, das nove paróquias, cinco eram dedicadas à Nossa Senhora, como podemos verificar no segundo capítulo desta tese. A Adesão da Diocese de Manaus à proclamação do dogma da Assunção, ocorreu a 1º de novembro de 1949¹⁴¹⁴. Sendo oficializada Nossa Senhora da Conceição, pelo breve *Primae Labis* de Pio XII, a quatro de junho de 1954, padroeira do Amazonas¹⁴¹⁵.

O envolvimento das mulheres nas atividades da Igreja foi crescendo, e em Manaus não foi diferente. Elas assumiram o protagonismo de várias associações, firmando posição em defesa dos valores cristãos. Aí se enquadram as Filhas de Maria, que interiorizaram a

¹⁴⁰⁸ PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 287.

¹⁴⁰⁹ TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 189.204.

¹⁴¹⁰ A Mediação de Maria Santíssima nas Encíclicas Papais. **Universal**. Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157.

¹⁴¹¹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 115.

¹⁴¹² Coração Imaculado de Maria. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126.

¹⁴¹³ Suplemento de **A Reação**. 1946, p. 19.

¹⁴¹⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 122.

¹⁴¹⁵ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 228.

experiência devocional e externalizam em práticas pastorais e sociais do que era ser uma cristã no mundo. Com a aprovação de um movimento com esse perfil, a Igreja abre espaço para um tipo de protagonismo feminino, que possibilitou, segundo Lucélia Andrade, a arregimentação de “grande número de fiéis empenhadas em defender as demandas católicas frente ao Estado brasileiro”¹⁴¹⁶. Para Dilermando Vieira, esta associação se insere no mundo contemporâneo como condição de aperfeiçoamento moral e religioso, como um prêmio para as moças consideradas merecedoras¹⁴¹⁷. A Pia União foi organizada de acordo com o projeto romanizador, sendo conduzida por sacerdote com funções de diretor espiritual, que também garantia o controle da associação nos moldes exigidos

As circunstâncias históricas pelas quais a Igreja passava no século XIX, fê-la endurecer, assim se apresentou a primeira fase da romanização. Foi durante os conflitos mais acirrados que nasceram e se efetivaram as principais propostas da Igreja desse contexto. Paralelo ao turbilhão das novas correntes e tendências trazidas pelo século XIX, a romanização se espalhou “assumindo, especialmente, a forma de novas ordens e de novas associações católicas, imbuídas do ideal de defesa dos valores católicos, bem como de renovação da espiritualidade e da ação católica”¹⁴¹⁸.

Nesse período, a Igreja buscava exercer controle mais efetivo, novamente, impondo-se cultural e religiosamente, através de leis e normas baseadas em uma Catequese sacramental, que levasse à disciplina e interiorização dos valores católicos. Esse direcionamento acabou por estabelecer, segundo Possidônio Mata, o antagonismo com o catolicismo popular que se relaciona com o sagrado de forma direta e doméstica “muitas vezes fatalista, providencialista, messiânico, mas com imensos valores de transcendência e autenticidade, revelados nas festas dos padroeiros, arraiais e círios”.¹⁴¹⁹

O campo de maior atuação na romanização foi a criação de novas Congregações¹⁴²⁰ que, em sintonia com as propostas da Santa Sé, colocassem em prática o projeto de vida cristã.

¹⁴¹⁶ ANDRADE, Maria Lucélia de. “**O dogma não muda, mas debes vivê-lo no dia de hoje não no de ontem**”: tempo, modernidade e tradição na pauta das Filhas de Maria (1915-1965). 2018, p. 2.

¹⁴¹⁷ VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. São Paulo: Santuário, 2016, p. 252.

¹⁴¹⁸ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014, p. 239.

¹⁴¹⁹ MATA, Possidônio C. e TADA, Cecília: **Amazônia, desafios e perspectivas para a Missão**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 44.

¹⁴²⁰ Do latim ‘ação de reunir’; é uma associação religiosa de padres ou de leigos, cujos membros pronunciam votos simples e seguem constituições organizando sua ação e sua vida comunitária. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 1999.

O ideal missionário foi revigorado, e novamente cristianizar o mundo é, mais uma vez, crucial. Nesse novo florescimento, as ordens e associações assumem a postura de restauração, dentro do centralismo, bem aos moldes da romanização, onde reforma e centralismo caminham juntos. Para Henrique Matos, essas congregações, nem sempre com espiritualidade sólida, centraram na educação de menores carentes, na assistência aos pobres, idosos e doentes, direcionados, em sua maioria, para atividades caritativas e assistenciais¹⁴²¹.

Em meio às novas associações verifica-se a intensidade da atuação das mulheres, se comparado a outros momentos, perceptível nas Congregações religiosas do XIX de maioria feminina¹⁴²². A preocupação era educar doutrinariamente para uma devoção mais centrada, e as Congregações e Associações femininas se empenharam nesse processo. Essa presença ativa e crescente das mulheres pode ser percebida também na Diocese de Manaus, e, em meio às muitas associações existentes na Diocese, como a Pia União das Filhas de Maria que passou a se destacar e a assumir funções de liderança desde sua criação em 1913. A Romanização cobrou da mulher que seja o esteio da família, reforçando seu papel e dando maior responsabilidade na estruturação da família cristã. Para Dom Macedo Costa as mulheres são “depositárias da moralidade”¹⁴²³. Para Heloísa Costa, mesmo com visão tradicional, foi na Igreja que as mulheres encontraram mais espaço de atuação, mesmo recolhidas a espaços íntimos, a Igreja foi-lhes abrindo as portas para a vida social, a partir da vivência comunitária e participação nas associações e atividades da vida da Igreja¹⁴²⁴.

Uma grande preocupação continuou a ser o limite da sexualidade, especialmente no que diz respeito ao corpo feminino. Essa fiscalização excessiva sobre a mulher que legitima religiosamente o controle social, nos reporta à Baixa Idade Média, quando a Virgem passou a ser o modelo feminino, o ideal de virtude para todas as mulheres, com uma aparente dignidade, mas que a submetia ainda à condição de submissão. O Catolicismo, com o ideal da castidade e do casamento, propondo teoricamente um equilíbrio na sexualidade, sempre

¹⁴²¹ MATOS, Henrique Cristiano José. **Caminhando pela História da Igreja**. Belo Horizonte: O Lutador, 1996.

¹⁴²² Institutos fundados na Europa no século XIX: as Congregações clericais foram 39 fundadas e aprovadas por Roma no XIX e 15 fundadas no XIX e provadas no XX; as Congregações laicais apresentam um número de 10 fundadas e aprovadas no XIX e 11 fundadas no XIX e aprovadas no XX; enquanto as Congregações femininas religiosas no XIX e no XX fundadas e aprovadas aparecem em número de 1.139. MATOS, Henrique Cristiano José. *Ibidem*. 1996, p. 26-27.

¹⁴²³ Dom Antônio de Macedo Costa. Apud: COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As Mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005, p. 150.

¹⁴²⁴ *Ibidem*. 2005, p. 133.

discutiu e direcionou as questões femininas a partir do rigor da sexualidade¹⁴²⁵. Mas Maria, vai se tornando, também, modelo de luta e do protagonismo feminino, o que vai impulsionar outros aspectos da atuação das mulheres no seio da Igreja ao longo do século XX.

No processo de pesquisa apareceram registros da presença feminina nas atividades das paróquias, que foi crescendo na vida da Diocese de Manaus¹⁴²⁶. Retomamos a Pia União das Filhas de Maria, para falar do laicato, por ser uma liderança feminina ativa, revelado pela documentação nas décadas que se seguiram, o qual deve ser considerado, dentro de um contexto específico, uma expressão de protagonismo feminino católico. E, segundo Sylvia Ribeiro a diferença das novas associações é a posição que elas ocupam, elas passaram a ser “associações para leigos, e não associações de leigos”¹⁴²⁷, e estritamente controladas pelo clero. As Filhas de Maria expressam bem o fervor devocional, e, se apresentam como instrumento do processo romanizador.

Todas as Filhas de Maria eram castas, e só deixaram o grupo ao se casarem ou quando optavam pelo convento, oferecendo sua juventude para a Virgem e para serem um canal que a levaria até os devotos, seja quando permaneciam na associação ou ao se tornarem consagradas. Sua fundação foi na Catedral de Manaus, depois passaram a ter núcleos nas outras duas paróquias existentes na época, Nossa Senhora dos Remédios e São Sebastião. Passaram a atuar na Catequese, auxiliando, também, o Apostolado da Oração e os Irmãos do Santíssimo nos festejos religiosos e outras atividades¹⁴²⁸.

A Pia União funcionava como uma verdadeira Congregação, com a obrigatoriedade de disciplina e formação. As moças que desejassem ingressar na associação passavam por um período de aspirantado, onde recebiam a preparação adequada e as informações sobre as atividades que passariam a desenvolver. Eram, assim, instruídas para assumirem esse grande compromisso de serem Filhas de Maria.

Num contexto de intensas transformações, a romanização apresenta sua experiência com o sagrado a partir da devoção ao Sagrado Coração e à Imaculada Virgem Maria, e da prática

¹⁴²⁵ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-926). Manaus: Valer, 2014, p. 255.

¹⁴²⁶ Para ter uma ideia das associações femininas existentes em Manaus, consultar: MACIEL, Elisângela. Ibidem. 2014, p. 258.

¹⁴²⁷ RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Vida e Morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 105.

¹⁴²⁸ Cf: MACIEL, Elisângela. Op. Cit., 2014.

sacramental. Para Ângelo Brelich, a religião leva: “à dimensão do homem aquilo que é humanamente incontornável, revestindo-o de valores humanos, atribuindo-lhe um significado que o justifique e, com isso, tornar aceitáveis e possíveis os esforços indispensáveis à existência”¹⁴²⁹. Se refere à crença no sobrenatural, também em “histórias sagradas”, contadas em ocasiões especiais como em festas religiosas, observando que a religião não é apenas um comportamento mental, envolve instrumentos que dão visibilidade às ações como preces, ofertas e sacrifícios. As relações com a divindade se expressam no ritual, envolvendo “o ser sobre-humano no circuito de dons e de intercâmbios ou estabelece com ele um pacto, uma comunhão de interesses, uma solidariedade ou até, na forma extrema de ‘comunhão’, uma identificação”¹⁴³⁰.

A Pia União das Filhas de Maria representa um exemplo dessa intensa relação com o sagrado. Tomaram a iniciativa de encaminhar um documento a Dom Frederico Costa¹⁴³¹ demonstrando preocupação com a moral e os bons costumes. Diante das bruscas transformações modernas, elas parecem assumir a responsabilidade, como que dispostas ao sacrifício para o bem maior, acreditando que “o meio mais eficaz a impedir tão grande mal será sem dúvida, a união de todas as boas vontades veiculadas pela fé sob o patrocínio da Imaculada Virgem Maria Mãe de Jesus, protótipo da mulher forte e o mais perfeito modelo da mãe cristã”¹⁴³².

O grupo de moças, com o apoio e orientação do Cônego Bento da Cunha, no requerimento ao Bispo, expressam preocupação com os ataques das “ideias perniciosas e doutrinas subversivas da piedade e virtude cristã”. Demonstram consciência dos seus deveres, convictas de que a obra parece ser a mais adequada para “fim tão nobre de tão alcance social”. Encantado com as moças, Dom Frederico recebeu o documento no dia 2 de abril e logo respondeu. No dia 7 de abril de 1913 foi emitido o Decreto Episcopal, instituindo canonicamente a Pia União das Filhas de Maria na Catedral de Manaus:

[...] atendendo ao nobre sentimento de piedade e religião de que são animadas, com o louvável intuito de serem espelhos de virtude no meio

¹⁴²⁹ BRELICH, Ângelo. In: FILORAMO, Giovanni. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999, p.78.

¹⁴³⁰ Ibidem. 1999, p. 77.

¹⁴³¹ Dom Frederico Benício de Souza Costa foi o segundo Bispo de Manaus, administrou a Diocese de 1907 a 1913.

¹⁴³² **Requerimento de solicitação da criação da Pia União das Filhas de Maria**. 2 de abril de 1913.

social em que vivemos, procurando para isso o forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus – Havemos por bem declarar ereta e canonicamente instituída, na Nossa Igreja Catedral a Pia União das Filhas de Maria, mandando que o mais breve possível se faça a agregação canônica a Prima Primária de Roma.¹⁴³³

As Filhas de Maria estavam respondendo aos anseios da Igreja, demonstraram maturidade e “compreensão quanto às necessidades de uma interiorização da fé católica, a ponto de serem merecedoras de receber indulgências”¹⁴³⁴. Na portaria de criação foram concedidos 50 dias de indulgências “às piedosas senhoritas fundadoras, cada vez que se reunirem em comum para honrarem a santíssima Virgem implorando para elas todas as bênçãos do céu”¹⁴³⁵.

Na relação com o sagrado, a indulgência ocupa um lugar especial na vida dos católicos, de aproximação com Deus. O imaginário religioso encontra na liturgia e no direito canônico conformidade, abrindo possibilidades à ação do laicato renovando sua vida religiosa o que lhe dá novo ânimo para realizar com doação os serviços que a Igreja necessita. Obter indulgência é receber a “remissão de uma pena ou de uma penitência”¹⁴³⁶. Mas ao recebê-la não se está isento, deve-se oferecer alguma forma de reparação, como jejum e penitência, por exemplo, pela expiação dos pecados. A concessão de indulgências é então, nesse contexto, um desses estímulos. “A atitude das Filhas de Maria foi considerada um gesto concreto, quando se colocaram receptivas aos anseios e diretrizes romanizantes”¹⁴³⁷. Elas se apresentaram como portadoras de devoção corajosa e vivência cristã, atitude de resposta de um movimento peculiar, conduzido por moças.

A Diocese de Manaus estava colocando em prática as diretrizes da Santa Sé, mostrando empenho na manutenção e disseminação da fé católica, instituindo movimentos que atendessem ao projeto romanizante. “A permissão e a motivação para criar associações católicas têm sido uma característica da capacidade adaptativa da Igreja ao longo dos

¹⁴³³ COSTA, Dom Frederico. **Portaria de criação da Pia União das Filhas de Maria na Catedral**. 7 de abril de 1913.

¹⁴³⁴ MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). 2014, p. 264.

¹⁴³⁵ COSTA, Dom Frederico. **Portaria de criação da Pia União das Filhas de Maria na Catedral**. 7 de abril de 1913.

¹⁴³⁶ LEMAITRE, Nicole; QUINSON, Marie-Thérèse e SOT, Veronique. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. Publicações Dom Quixote, 1999, p.160.

¹⁴³⁷ MACIEL, Elisângela. Op. Cit., p.265.

séculos e uma das formas de dar respostas aos tempos modernos”¹⁴³⁸. A maior participação da juventude era algo almejado pela Igreja, agora, não era esperado só dos mais velhos o empenho espiritual. A Pia União buscava conduzir as Filhas para renovação constante de sua espiritualidade, tendo como modelo a Imaculada Conceição, exercendo forte atração sobre as jovens católicas para abraçarem o projeto de vida cristã. As insígnias e os diplomas recebidos na grande solenidade, eram o símbolo de um voto de entrega, da promessa de estarem sempre com a Virgem Maria.

Um movimento como a Pia União representa a renovação no laicato promovida pela romanização, com o intuito de enraizar o Catolicismo, fortalecendo-o em meio a juventude, que passa a ser instrumento com grande potencial de agregação no meio social. As jovens fundadoras procediam de famílias ilustres, o que nos revela a aliança entre a Igreja com as famílias consolidadas e tradicionalmente católicas, fortalecendo-a em uma cidade que passava por bruscas transformações. A crise da borracha ainda não se efetivara, Manaus vivia a algumas décadas a euforia da economia gomífera, e os laços entre elite eclesiástica e elite nativa representavam benesses para os dois lados¹⁴³⁹. As famílias também se empenhavam no envolvimento de suas filhas com os projetos de vida cristã, canalizando o vigor das jovens para o campo espiritual. Encontramos às vezes em uma mesma família duas ou três filhas inseridas nas Filhas de Maria.

As fundadoras da Pia União das Filhas de Maria eram jovens senhoritas, que tinham em média de 18 a 26 anos no momento da fundação¹⁴⁴⁰. Eram exatamente 12¹⁴⁴¹ quando a associação foi erigida, número simbólico que expressa o apostolado ali iniciado e que almejava grandes obras. Pela portaria, Dom Frederico estabeleceu que a Pia União teria o Cônego João Dias Bento da Cunha como diretor, e dirigindo-se às Filhas de Maria diz que

¹⁴³⁸ Ibidem. 2014, p. 265.

¹⁴³⁹ MACIEL, Elisângela. A Pia União das Filhas de Maria na Diocese de Manaus. In: GASPARETTO JUNIOR, Antônio; BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Orgs.). **História** [recurso eletrônico]: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020, p. 266.

¹⁴⁴⁰ Aparecem entre as fundadoras, Ida com apenas 14 anos, Joanna com 30 anos e Minervina com 33 anos. **Livro de Inscrição das Filhas de Maria. 1913 a 1919.**

¹⁴⁴¹ Eram elas: Maria de Miranda Leão, Albertina de Castro e Costa, Maria Lourdes Araújo, Rosalina de Castro e Costa, Heloisa de Miranda Leão, Luiza de Miranda Leão, Izabel de Castro e Costa, Joanna, Minervina Maria da Conceição, Raymunda Araújo, Ida Ribeiro. Henedina Monteiro. Requerimento de Solicitação da Criação da Pia União das Filhas de Maria. COSTA, Dom Frederico. **Decreto Episcopal de criação da Pia União das Filhas de Maria.** 7 de abril de 1913.

deveriam ser “espelhos de virtude no seio social em que vivemos, procurando para isso forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus”¹⁴⁴².

A 1º de maio de 1913, houve missa e comunhão geral pela manhã, e pela tarde solenidade presidida por Dom Frederico, onde as moças receberam as insígnias e os diplomas da Pia União das Filhas de Maria. Estavam em traje oficial: vestido branco, véu branco e fita azul. Logo que a associação foi oficializada, passou a se inserir nas atividades da Diocese a partir das orientações da Catedral. Na primeira reunião oficial, se definiu que haveria uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, uma tesoureira e uma assistente¹⁴⁴³; e que a reunião seria no primeiro sábado de cada mês às três da tarde, sendo realizada no dia seguinte a comunhão geral na missa às sete da manhã. A reunião seria sempre iniciada e terminada com as orações do manual. O Cônego lhes pediu que fossem sempre unidas “pelo amor de tão boa Mãe”¹⁴⁴⁴.

A partir das atas da associação foi possível acompanhar o cotidiano das atividades realizadas pela Pia União, o seu comportamento devocional, e o controle da Igreja sobre as moças. Elas passaram a seguir o programa das solenidades, em maio se dedicaram intensamente à Virgem, em junho, iniciaram suas atividades no ensino da Catequese e auxiliaram nos festejos do Sagrado Coração, unidas às zeladoras do Apostolado da Oração¹⁴⁴⁵, em julho, está registrado na ata o pedido do Cônego para comungarem com frequência, de preferência cotidianamente¹⁴⁴⁶.

Na ata do mês de agosto aparece a presença do próprio Bispo presidindo a reunião, e aconselhando-as que praticassem a humildade e a simplicidade, lembrando que Maria “é a muleta de Deus”, e, que elas “devem ser espelho de cristal onde todas devem se mirar”. Pediu que fossem modelo para as outras Congregações, dizendo que “uma Filha de Maria deve ser humilde, simples, piedosa, ao mesmo tempo forte, corajosa, imitando em tudo sua Mãe Imaculada”. Ao final o diretor pediu zelo no ensino da Catequese e que no dia 8 de

¹⁴⁴² COSTA, Dom Frederico. **Decreto Episcopal de criação da Pia União das Filhas de Maria**. 7 de abril de 1913.

¹⁴⁴³ Encontrei lendo as atas as funções de mestra de aspirantes, conselheira e consultora. Também foram inseridas a 2ª secretária, 2ª tesoureira, 2ª assistente e 2ª consultora, para que na ausência de uma a outra assumisse.

¹⁴⁴⁴ **Ata da Pia União das Filhas de Maria**. 10 de maio de 1913.

¹⁴⁴⁵ Aqui aparece a sintonia com o pedido de Pio X para se ministrar a Catequese para as crianças.

¹⁴⁴⁶ **Ata da Pia União das Filhas de Maria**. 5 de julho de 1913.

dezembro, no grande dia da Imaculada Conceição, houvesse uma numerosa Primeira Comunhão¹⁴⁴⁷.

Nas reuniões regulares havia sempre um tema a ser trabalhado pelo diretor, que conduzia a orientação espiritual das moças. Setembro foi dedicado à reflexão das “Dores de Maria”, sendo pedido às moças que amassem a Maria e a Deus, e que com fé obteriam resignação diante das dores da vida. A reunião foi finalizada com a solicitação de que as crianças da Catequese fossem preparadas para serem consagradas ao coração de Maria, e ela como instrumento, as levaria ao seu Filho¹⁴⁴⁸.

No mês de outubro, dedicado à Nossa Senhora do Rosário, o tema escolhido foi “A Moda”. As jovens foram exortadas a vestirem-se com modéstia, imitando a Virgem Imaculada e os santos que se “trajavam com toda simplicidade e candura”. Se há uma exortação, pode ser algo além de um lembrete de comportamento, parece uma advertência. Foi-lhes solicitado a reza do terço diariamente, a propagarem a devoção ao Rosário e a fazer pequenos sacrifícios¹⁴⁴⁹. O mês transcorreu, e a Pia União auxiliou a Irmandade do Santíssimo, com a reza do terço e a exposição do Santíssimo Sacramento, ficando responsáveis, também, pelo coro na celebração. A partir daqui começa a aparecer outro desdobramento de suas funções, a preparação das crianças para a liturgia, assumindo a Associação dos Santos Anjos, solicitada pelo Cônego Bento da Cunha¹⁴⁵⁰.

Os preparativos para o mês de dezembro foram iniciados na reunião extraordinária de outubro, com organização de comissões para arrecadação de prendas junto ao comércio. A Comunhão seria realizada na véspera, no dia 8 aconteceria a recepção das novas Filhas de Maria¹⁴⁵¹ e a missa pela manhã, ficando a doação aos pobres e a procissão para a tarde. Também deveria ser preparada a novena e a quermesse. Assim, no dia 7 de dezembro 142 crianças receberam a Primeira Comunhão, e no dia 8, 184 pobres foram assistidos, e às

¹⁴⁴⁷ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 2 de agosto de 1913.

¹⁴⁴⁸ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 6 de setembro de 1913.

¹⁴⁴⁹ Nessa reunião também foi destacada a honra com que foram agraciadas, passando a fazer parte da Prima Primária de Roma “lucrando todas as indulgências concedidas às Pias Uniões. **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 4 de outubro de 1913.

¹⁴⁵⁰ A Associação dos Santos Anjos foi criada pelo Cônego João Dias Bento da Cunha a 2 de outubro de 1913. **Suplemento de A Reação.** Março de 1946. p.85.

¹⁴⁵¹ As aspirantes foram avaliadas com parecer das Filhas de Maria e do diretor, sendo aprovadas para no dia 8 de dezembro receberem a insígnia e o diploma da Pia União. **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 27 de outubro de 1913.

quatro da tarde, do mesmo dia, saiu a procissão “tomando parte grandes elementos oficiais, associações católicas, colégios e grande multidão de fiéis”¹⁴⁵².

Ao iniciar o ano de 1914, a reunião tratou da avaliação dos festejos, sendo escolhido para reflexão o tema da “Pureza e Virtude de Maria”, pedindo ao diretor que “todas as Filhas de Maria devem esforçar-se por adquirir, imitando assim sua Mãe Imaculada”. Foram aconselhadas a trocar os romances pela leitura do Evangelho, e as proibiu de frequentar bailes de carnaval, sob pena de serem riscadas da Pia União¹⁴⁵³. O grupo foi crescendo e assumindo mais responsabilidades, com ampliação de seus núcleos, envolvidas em inúmeras atividades ligadas diretamente às suas funções ou outras que lhes foram sendo atribuídas. No ano de 1914, foram inseridas na Paróquia de São Sebastião e no Instituto Benjamin Constant.

Em 1915, apresentaram um relatório sobre suas atividades, em alusão aos seus dois anos de ereção canônica e dos Santos Anjos, que receberam como responsabilidade desde o começo. Aparecem as reuniões mensais, as festas religiosas, frequência regular aos sacramentos, e a afirmação de que a Pia União segue com rigor o método verdadeiro da religião, que pratica o Catolicismo integral e imutável, com disciplina. No relatório aparece o dado estatístico, que registra 20.759 moças filiadas à Pia União no Brasil, e afirma ser esta “[...]uma obra de salvação social, obra que se impõe, mais do que qualquer outra a nossa preocupação: a escola cristã ou a Catequese[...]”, e que “[...]as Filhas de Maria serão mestras em religião, que devem ensinar pela palavra e pelo exemplo, já no seio da família, já no centro de Catequese[...]”. Em Manaus, até aquele momento, eram 148 associadas, divididas em: 63 Filhas de Maria, 43 aspirantes, 17 pretendentes, e quatro agregadas. E, no Santos Anjos, meninas de seis a 12 anos, havia 150 associadas, sendo: 31 anjos; 97 aspirantes e 23 pretendentes¹⁴⁵⁴.

Ao iniciar o ano de 1916, encontrei a preocupação com as leituras. Aparece registrado em ata, a exortação do Cônego Bento da Cunha para que as Filhas de Maria não leiam romances perniciosos, e que se recolham fundos para a organização de uma biblioteca que sirva de base para as moças¹⁴⁵⁵. Ao se aproximar o período de carnaval, mais uma vez a ata

¹⁴⁵² **Livro Tombo.** 1912-1913

¹⁴⁵³ A exortação foi feita mediante a aproximação do carnaval. **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 3 de janeiro de 1914.

¹⁴⁵⁴ **Relatório da Pia União das Filhas de Maria da Sé Catedral.** Manaus, 1º de maio de 1915.

¹⁴⁵⁵ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 1 de janeiro de 1916.

registra as proibições, enfatizadas para o uso de máscaras e roupas masculinas, permitindo-se apenas fantasias modestas, e que a desobediência levaria à expulsão da Pia União¹⁴⁵⁶. Em abril, encontrei o caso de três aspirantes, que foram avaliadas com “comportamento indigno para serem Filhas de Maria”, sendo as duas primeiras expulsas e a terceira ficando sob investigação de um namoro escandaloso, a ser verificado¹⁴⁵⁷. Buscando resolver o problema disciplinar das aspirantes, ficou resolvido em conselho, que as pretendentes deveriam permanecer um ano ou mais com a fita verde, enquanto seriam avaliadas suas condutas e piedade¹⁴⁵⁸. Até maio de 1917, o livro de inscrição registrou 197 Filhas de Maria, na Catedral¹⁴⁵⁹.

Ao final de 1918, aparece mais uma vez a preocupação a instrução cristã, falando da crescente falta de fé, e que as Filhas de Maria deveriam se empenhar com zelo no ensino da doutrina cristã¹⁴⁶⁰. No retiro de 1919, foi pedido às moças que examinassem suas faltas e fizessem bons propósitos para corrigi-las, e que fossem perseverantes nos seus deveres para alcançarem a salvação de suas almas¹⁴⁶¹. As moças foram lembradas que o título de Filhas de Maria basta para distingui-las das “moças mundanas”, e que Maria é “arma poderosa” diante dos malefícios do mundo¹⁴⁶². Em 1924, a Pia União chegou ao Ginásio Santa Dorotéia, em 1937 ao Patronato Santa Teresinha e Maués, em 1942 à Paróquia de Santa Rita, em 1945 à Paróquia dos Remédios e em 1946 à Codajás¹⁴⁶³.

As Filhas de Maria estavam constantemente em busca do crescimento espiritual e envolvidas em inúmeras atividades. Essas moças viviam para a Igreja, permanecendo solteiras, sendo a castidade sua grande virtude, símbolo de sua dedicação e entrega à Virgem. E, como já dito antes, as que casavam deixavam a associação e outras foram encaminhadas ao convento. Foi possível mapeá-las até onde vai o recorte desta tese, observando a mudança, nos anos de 1940 e 1950, na diminuição ou redirecionamento de suas funções, como para as demais associações, quando a Ação Católica (AC) assumiu a liderança do laicato em Manaus. Embora tenham permanecido atuantes, como na

¹⁴⁵⁶ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 3 de fevereiro de 1916.

¹⁴⁵⁷ **Ata da Pia União das Filhas de Maria,** 26 de abril de 1926.

¹⁴⁵⁸ **Ata Pia União das Filhas de Maria.** 25 de maio de 1916.

¹⁴⁵⁹ **Livro de Inscrição das Filhas de Maria.** 1913-1919.

¹⁴⁶⁰ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 14 de dezembro de 1918.

¹⁴⁶¹ **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 1º de março de 1919.

¹⁴⁶² **Ata da Pia União das Filhas de Maria.** 5 de julho de 1919.

¹⁴⁶³ MACIEL, Elisângela. **Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). 2014, p. 268-269.

Catequese por exemplo, vão ficando mais restritas ao campo devocional, e voltadas para o seu núcleo paroquial, diferente das primeiras décadas quando suas atividades extrapolaram os muros.

Destaco Maria de Miranda Leão, uma das fundadoras da Pia União das Filhas de Maria, e que a mesma cerca de 30 anos depois, e era uma das lideranças da AC em Manaus. Ela tinha aos 26 anos na ocasião da fundação, presidiu a Pia União de 1913 a 1940, voltando a dirigi-la de 1942 a 1951¹⁴⁶⁴. Ela também esteve inserida em outros projetos sociais, como as Damas de Caridade, que dedicaram especial atenção aos doentes. Acompanhou o movimento pelo sufrágio feminino no Brasil, tornando-se uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), seção Amazonas em 18 de dezembro de 1932. Ajudou a organizar atividades de sensibilização das mulheres para o alistamento eleitoral, participando de todos os eventos promovidos pela FBPF na década de 1930 e foi eleita deputada estadual de 1936 e 1937¹⁴⁶⁵. Ela ficou conhecida pelo título de Mãezinha, considerada a primeira assistente social do Amazonas¹⁴⁶⁶. Em 1942 foi nomeada Presidente da Federação das Filhas de Maria, por Dom João da Mata, e em 1951 foi novamente nomeada Presidente da Federação, por Dom Alberto Ramos¹⁴⁶⁷. É possível ver nela, a conexão entre as Filhas de Maria e a AC.

A partir de 1937, Manaus recebeu mais uma associação devotada à Maria, foi a Congregação Mariana, fundada na Catedral, em 7 de dezembro¹⁴⁶⁸. Sobre as Congregações Marianas (CCMM), Dilermando Vieira nos diz que funcionavam de acordo com suas próprias regras, com o objetivo de fomentar em seus membros “uma ardentíssima devoção a Nossa Senhora e por meio dessa devoção tornar os congregados pessoas piedosas”, para a busca da santificação pessoal para santificar o mundo, dessa forma, seu fim principal era “formar bons cristãos”¹⁴⁶⁹. A CM foi implantada em Maués em 11 de maio de 1940 e na

¹⁴⁶⁴ Maria de Miranda também foi durante muitos anos a secretária da Irmandade do Carmo, cargo confiado a ela pelo Cônego Bento da Cunha. **Livro de Conta da Irmandade do Carmo da Catedral, de 1913-1935.**

¹⁴⁶⁵ SCHUMANHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: JZE, 2000.

¹⁴⁶⁶ CAMPOS, Luciane Maria Dantas. **Trabalho e Emancipação:** um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. 2010, p. 127.

¹⁴⁶⁷ **Livro de Inscrição das Filhas de Maria.** 1913-1919.

¹⁴⁶⁸ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia.** 1952, p. 109.

¹⁴⁶⁹ VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945).** 2016, p. 251.

Paróquia de Santa Rita a 29 de março de 1941. E, pela expansão das CCMM, foi fundada em Manaus a Federação das Congregações Marianas, no dia 12 de maio de 1946¹⁴⁷⁰.

As Filhas de Maria demonstraram entrega e resignação nas funções desempenhadas. Seu carisma principal, a doação de corpo e alma, tendo sempre por modelo a Virgem Imaculada, revela o desejo de conexão maior com Deus, e se possível apartadas das imperfeições do mundo¹⁴⁷¹. Nos anos de 1940, encontramos também a Pia União atuando nas atividades de mais uma nova paróquia, além das já citadas, a de Nossa Senhora Aparecida¹⁴⁷², no auxílio aos doentes¹⁴⁷³, na organização de cursos de corte e costura e flores, além da intensa participação nos arraiais, onde ficavam encarregadas das barracas de guloseimas. Em 1945, a 16 de maio, foram erigidas em Coari¹⁴⁷⁴. No ano de 1949, a Congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue chegou a Manaus e passou a se localizar no bairro de São Geraldo, iniciando seu Noviciado. Segundo Moacir Andrade, todas as que compuseram o primeiro escalão da Congregação eram oriundas da Pia União das Filhas de Maria¹⁴⁷⁵. Em 1954, encontrei a convocação para todas as Pias Uniões para se organizarem e prestarem homenagem à Virgem Imaculada em sua festa litúrgica, celebrando o Ano Mariano¹⁴⁷⁶.

A partir do *Jornal Universal*, fundado em 1953, foi possível acompanhar um pouco da presença das CCMM na Igreja de Manaus, assim como captar alguns rastros da Pia União das Filhas de Maria. Logo nas primeiras semanas de circulação do jornal, as Congregações Marianas se apresentam com o ideal de “conquistar todos os homens para Cristo por meio do Coração Imaculado de Maria, nossa mãe querida e Mãe de Deus onde está a esperança de salvação do mundo”. No *Universal* aparece o apelo aos dirigentes de todas as congregações para que a coluna “Mundo Mariano” desperte o interesse e corações dos leitores. Na coluna deste dia foi colocada a informação sobre as congregações marianas

¹⁴⁷⁰ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 110.112.116.

¹⁴⁷¹ Cito aqui as que foram para o convento: Ida, para as Doroteias; Izabel, para a Congregação do Bom Pastor; Luiza, para as Filhas de Maria Auxiliadora. Cf: MACIEL, Elisângela. **Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014.

¹⁴⁷² Fundada no dia 10 de setembro de 1944; inicialmente receberam a fita azul oito jovens e a fita verde 6 jovens. ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Umberto Calderaro. 1985, p. 217.

¹⁴⁷³ Encontrei na obra de Moacir Andrade a menção à Filha de Maria Noêmia Cinque, que a partir de sua dedicação no serviço da prática da caridade levou-a a ingressar na Congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue. Ibidem. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, p. 220.

¹⁴⁷⁴ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁴⁷⁵ ANDRADE, Moacir. Op. Cit., 1985, p. 223.

¹⁴⁷⁶ Conversando com Filhas de Maria. **Universal**. Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano I.

existentes em Manaus com seus horários de reuniões: CM Nazaré, CM Consolação, CM Conceição e CM Fátima, ocorre aos domingos; e a CM Glória ocorre nas terças. Também aparece a reunião da diretoria da Federação Mariana, e todos os diretores de congregações para a organização do Dia Mundial do Consagrado Mariano. Há também a convocação para a Assembleia Geral da Federação Arquidiocesana das Congregações Marianas¹⁴⁷⁷.

Para o dia do consagrado mariano ficou definido: concentração de todas as Congregações no presbitério da Catedral, santa missa e comunhão geral, e logo após o desfile pela avenida Eduardo Ribeiro até a Casa de Nossa Senhora da Divina Providência¹⁴⁷⁸. Em junho a coluna trouxe as seguintes indagações: Qual o maior inimigo da Congregação Mariana? Será o protestante, ou espírita, o indiferente, o anticlerical, o incrédulo, o ímpio, o comunista? Depois seguiu respondendo que, o maior inimigo é o mau congregado, que falta ou atrasa para as reuniões, que sempre quer atribuir a si os triunfos, que não paga as mensalidades, que não se empenha na conquista de novos congregados, que não se interessa pela Federação Arquidiocesana, nem pelo movimento mariano nacional e mundial, que não faz a saudação “Salve Maria” ou “Ave Maria”, que comunga raramente e pouco se envolve em atos coletivos de piedade, que alega sempre falta de tempo. Um congregado assim arruína e desarticula a Federação. Realizaram, ainda, visita aos enfermos, e à penitenciária¹⁴⁷⁹.

À propósito da verdadeira devoção à Virgem Santíssima, deve ser interior, partindo do espírito e do coração, brota da estima que se tem à Santíssima Virgem, em segundo lugar a devoção é terna, “cheia da confiança na Boa Mãe do Céu”, confiança de filho que tem convicção de que Maria é refúgio em qualquer circunstância. Essa foi a reflexão para o mês de agosto. Neste mês, o Papa apresentou uma Carta de Aprovação aos estatutos da Federação Mundial das Congregações Marianas¹⁴⁸⁰. Em outubro, a coluna apresentou a necessidade de haver um setor independente para estudos especializados, com assuntos mais interessantes e sugestivos para os associados, com promoção de palestras, tertúlias literárias e religiosas¹⁴⁸¹.

¹⁴⁷⁷ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 19 de abril de 1953, n. 3, Ano I.

¹⁴⁷⁸ Ibidem. 1953.

¹⁴⁷⁹ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I.

¹⁴⁸⁰ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 16 de agosto, n. 20, Ano I.

¹⁴⁸¹ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 25 de outubro de 1953, n. 30, Ano I.

Ao iniciar 1954, foram apresentadas as intenções para o Ano Santo Mariano: a conversão da Rússia, a Educação das Crianças e a preservação da Juventude¹⁴⁸². Logo no começo do ano, as novas diretorias das Congregações Marianas foram eleitas, o *Universal* citou a Catedral, Nossa Senhora de Fátima, São Raimundo, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Nazaré, e o presidente da Federação, pediu que neste Ano Mariano, a Congregação ampliasse o plano de ação¹⁴⁸³. Ao DEMA (Departamento de Esportes Mariano) foi pedido que organizasse o campeonato mariano de futebol para o ano de 1954, e todas as CM foram convocadas CM para a romaria, que aconteceria no dia 23 de janeiro, com concentração em São Sebastião e saída para a Praça do Congresso, e que se posicionasse aos pés do monumento da Imaculada¹⁴⁸⁴.

A Federação Mariana realizou um retiro espiritual, no mês de fevereiro, na igreja de São João Bosco¹⁴⁸⁵. Em maio, para o dia do Congregado Mariano, segundo domingo, foi feita grande convocação, sendo convidados para o festejo a AC, as Pias Uniões das Filhas de Maria e demais associações religiosas¹⁴⁸⁶. Em junho, foi anunciado a realização do II Congresso Mariológico e IX Congresso Mariano Internacional, de 24 de outubro a 1º de novembro em Roma, com debate sobre a Virgem Imaculada no dogma, na história, no culto e na arte¹⁴⁸⁷. Em julho, ocorreu o Congresso Mundial das Filhas de Maria, em Roma, com a presença de 6.000 moças de 33 países, o Papa se dirigiu às Filhas de Maria falando da necessidade de uma sólida formação cristã, exortando-as à meditação do Evangelho e que confiem inteiramente na Virgem Santíssima¹⁴⁸⁸.

Em outubro, o Departamento Arquidiocesano de Ensino Religioso promoveu uma maratona catequética voltada para temáticas marianas, passando por três rodadas, para alunos do primário, para alunos do ginásio, para membros da AC, da CM e das Filhas de Maria¹⁴⁸⁹. Em dezembro de 1954, foi eleita a nova diretoria da Federação Arquidiocesana das Filhas de Maria, com a presença de Dom Alberto e de Maria de Miranda Leão, que mais uma vez aparece como presidente da Federação, e as representantes das Pias Uniões, com a ausência da Pia União da Paróquia do Perpétuo Socorro, do Patronato e de Santa

¹⁴⁸² Intenções do Santo Padre para o Ano Mariano. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

¹⁴⁸³ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

¹⁴⁸⁴ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 17 de janeiro de 1954 n. 42, Ano I.

¹⁴⁸⁵ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 14 de fevereiro de 1954, n. 46, Ano I.

¹⁴⁸⁶ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 2 de maio de 1954, n. 57, Ano II.

¹⁴⁸⁷ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 13 de junho de 1954, n. 63, Ano II.

¹⁴⁸⁸ 6.000 Filhas de Maria em Roma. **Universal**. Manaus, 8 de agosto de 1954, n.71, Ano II.

¹⁴⁸⁹ Certame Catequístico do Ano Mariano. **Universal**. Manaus, 29 de agosto de 1954, n. 74, Ano II.

Doroteia. Procedeu-se a eleição e o Arcebispo anunciou a criação de três novos cargos, o de vice-diretor para o qual nomeou Pe. Francisco Luppino, o de diretora nomeando a Irmã Hermínia Matos, e o de presidente honorária para a Mãezinha, enfatizando que ela foi uma das fundadoras da primeira Pia União, servindo desde o começo com muito amor¹⁴⁹⁰. Foi introduzida a manhã de recolhimento espiritual, ao exemplo da AC, como pequenos retiros de preparação espiritual e formação, essa proposta foi do próprio Arcebispo, e para 1955 ficaram previstos 4 momentos como esse.

Chegado o ano de 1955, começaram os preparativos para o Congresso Eucarístico Internacional, a ser realizado no Rio de Janeiro, em que as Filhas de Maria se comprometeram em ampliar o número de associadas e celebrar com mais solenidade todos os momentos dedicados à Nossa Senhora. Reforçaram o compromisso na participação das reuniões e a presença de todas no retiro programado para o final de fevereiro¹⁴⁹¹. A Confederação Nacional das CCMM. solicitou da Federação Amazonense que se faça representar no XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, levando sua bandeira para compor o desfile de todas as Congregações do Brasil e do Mundo¹⁴⁹².

No dia do Congregado Mariano, a reflexão foi sobre a “Militância numa época de caos”, em que os valores cristãos são atacados cotidianamente, também pediram as bênçãos da Virgem para a juventude e para o Brasil. Como resposta ao mês mariano, os congregados se colocaram como colaboradores da Arquidiocese, com seus dois mil e quinhentos soldados, o exército da fita azul¹⁴⁹³. O mesmo número do *Universal* transcreveu a palestra que foi transmitida pela rádio Baré para os trabalhadores, falando do mês de maio como sendo ao mesmo tempo dedicado à Virgem e aos operários, lembrando que a Família de Nazaré era constituída de operários, por isso, a Virgem Santíssima é sabedora de suas necessidades e angústias, e, portanto, por seu intermédio os operários devem se reconciliar com Deus¹⁴⁹⁴.

O Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom José Távora lançou um movimento para que todos os trabalhadores interrompam suas atividades no dia 31 de maio, às quinze horas e

¹⁴⁹⁰ A nova gestão ficou assim definida: Presidente - Inês Vasconcelos Dias; Vice-Presidente - Benigna Rodrigues; 1ª Secretária - Maria Emília Barbosa; 2ª Secretária - Raimunda Rodrigues; 1ª Tesoureira - Margarida Miranda Leão; 2ª Tesoureira - Raimunda Magalhães. Federação Arquidiocesana de Filhas de Maria. **Universal**. Manaus, 16 de janeiro de 1955, n. 94, Ano II.

¹⁴⁹¹ Filhas de Maria da Catedral. **Universal**. Manaus, 30 de janeiro de 1955, n. 96, Ano II.

¹⁴⁹² Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 27 de fevereiro de 1955, n. 100, Ano II.

¹⁴⁹³ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

¹⁴⁹⁴ Maria e os Operários. **Universal**. Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

façam a seguinte oração “Senhor Jesus, Salvador do Mundo, fazei com que o Congresso Eucarístico Nacional marque definitivamente para a classe operária como esperança de nova justiça, paz e amor, medidas concretas que resolvam humana e cristãmente os nossos problemas de todos os dias”¹⁴⁹⁵. Na mesma página do jornal, aparece uma nota sobre a *Rerum Novarum*, expressando o desejo de que todos os operários e patrões possam ler o documento de Leão XIII¹⁴⁹⁶.

Em agosto a Federação Mariana de Manaus reuniu em Parintins os congregados daquela cidade e de Maués, com grande manifestação de amor e devoção. Nessa passagem pelo interior, também já viveram essa experiência Manacapuru e Itacoatiara, aparece irmanando nos congregados o mesmo ideal, afirmando “Tudo nos une a Maria, nada nos separa de Cristo! Nosso ideal é restaurar tudo em Cristo por Maria”¹⁴⁹⁷. Em novembro apareceu uma espécie de balanço das ações das CCMM, falando sobre as regras escritas em 1910, mas que tem sua atuação há quatro séculos, e que apesar do mundo ter mudado muito os métodos utilizados continuam eficientes, a cada ano um milhar de novas ereções e agregações, constando que as CCMM não envelheceram, que com suas regras rígidas e flexíveis na medida certa, continuam respondendo plenamente às necessidades atuais da Igreja¹⁴⁹⁸.

Ao iniciar janeiro de 1956, mais uma vez aparece a questão da sintonia das CCMM com o Sumo Pontífice, e apesar de algumas viverem somente de devoção e outras associarem a devoção ao apostolado, afirma-se que as Regras devem se manter intactas, cultivando o seu método no mundo moderno¹⁴⁹⁹. Para os festejos do mês de maio todos os marianos foram convocados à preparação da Páscoa coletiva dos portuários, gazeteiros, e dos operários com oficinas na Catedral. As Filhas de Maria promoveram reunião extraordinária para todas as associadas, no dia 29 de abril, para as seguintes orientações: primeiro domingo missa em intenção à Pia União, para o progresso espiritual da associação, todas devem comparecer; serão designadas três a quatro para o ensino do catecismo no Grupo Escolar Marechal Hermes; reabilitando o costume do mês de maio das crianças, consistindo na recitação do terço, ladainha rezada, e rápida palestra do vigário¹⁵⁰⁰.

¹⁴⁹⁵ Operários. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

¹⁴⁹⁶ *Rerum Novarum*. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

¹⁴⁹⁷ Fraternidade Mariana. **Universal**. Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

¹⁴⁹⁸ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135, Ano III.

¹⁴⁹⁹ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 1º de janeiro de 1956, n. 143, Ano III.

¹⁵⁰⁰ Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160, Ano III.

Em maio, foi celebrado os 10 anos da Federação Mariana no Amazonas, comemorado no Dia Mundial do Congregado Mariano, e o *Universal* lembrou que ela foi criada “pelo ardente desejo de propagar a devoção à Virgem e dilatar o Reino de Cristo nos corações”¹⁵⁰¹. Também ocorreu a recepção de novas sócias da Pia União, a 26 de maio, na Catedral¹⁵⁰². Em julho, uma nota direcionada às Filhas de Maria, falava que muitas delas são chamadas ao matrimônio, e como membro da associação, sua formação é para enfrentar o futuro com mais seriedade e dignidade, tendo sempre em mente que isso é exigência por ser cristã e pela fita azul que carrega¹⁵⁰³. As Filhas de Maria foram lembradas da importância da assiduidade de todas as associadas, e que assim, colocarão em prática a doação total e a devoção sincera à Mãe do Céu¹⁵⁰⁴. E, que uma Filha de Maria não se nega ao trabalho, tudo dedicado em prol da honra de Nossa Senhora e progresso espiritual da Pia União¹⁵⁰⁵.

Ao iniciar setembro todas foram convocadas para a comunhão geral e para estarem no sacrifício da Santa Missa para comemoração do aniversário de Nossa Senhora¹⁵⁰⁶. Em outubro, foi anunciado os ensaios para aspirantes e pretendentes para a preparação do grande dia, ocasião em que foi lembrada mais uma vez a assiduidade como requisito para permanecerem na Pia União¹⁵⁰⁷. A nota, fala também, das reuniões semanais para aspirantes e pretendentes a Filha de Maria, lembrando para as que já eram agregadas, que faltas acarretariam o afastamento, a mesma nota fala da organização de um piquenique e da divisão de equipes para a quermesse¹⁵⁰⁸. Ainda no mesmo mês, também apareceu a realização da Assembleia Geral das Congregações Marianas, com a presença de 160 aspirantes, com destaque para a Congregação de Parintins¹⁵⁰⁹. Em novembro, se lembrou da proximidade da Festa da Imaculada Conceição, e que esta data também é a festa da Pia União, que “a Filha de Maria sentirá no seu coração um grande ardor e uma vontade enorme

¹⁵⁰¹ Salve a Federação Mariana do Amazonas. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162, Ano III.

¹⁵⁰² Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 27 de maio de 1956, n. 164.

¹⁵⁰³ A Filha de Maria também casa. **Universal**. Manaus, 1º de julho de 1956, n. 169, Ano III.

¹⁵⁰⁴ Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

¹⁵⁰⁵ Pia União da Catedral. **Universal**, Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano III.

¹⁵⁰⁶ Pia União na Catedral. **Universal**. Manaus, 2 de setembro de 1956, n. 178, Ano III.

¹⁵⁰⁷ Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano III.

¹⁵⁰⁸ Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

¹⁵⁰⁹ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

de agir, com espírito de apostolado, de paz e harmonia, fazendo tudo, mesmo com sacrifício, mas com amor sincero e desinteressado, por Maria, com Maria e para Maria”¹⁵¹⁰.

Ao iniciar 1957, aparece na coluna mariana a Campanha dos 100, em âmbito paroquial, lançada pelo Padre Diretor para alcançar para o centenário da Catedral em 1958: 100 Filhas de Maria, 100 Irmãos do Santíssimo, 100 membros do Apostolado da Oração¹⁵¹¹. Em novembro de 1957, O Vigário da Catedral e diretor da Pia União das Filhas de Maria, fez a proposta de “reconduzir às fileiras ativas do exército da fita azul” Maria de Miranda Leão, a Mãezinha, na condição de presidente perpétua da Pia União da Catedral, auxiliando, sempre que possível, em trabalho conjunto com a gestão atual, e finaliza dizendo que “Mãezinha legou o melhor de sua vida a esta Pia União terá assim a felicidade privilégio de permanecer ao posto que tanto dignificou, em outros tempo, com labor apostólico e piedade”¹⁵¹².

Em 1958, o retiro foi em forma de Tríduo Mariano, de nove a 11 de fevereiro, para comemorar o centenário da aparição em Lourdes, com a renovação do ato de consagração a Nossa Senhora¹⁵¹³. Em abril apareceu uma Reunião Geral da Federação Mariana Feminina, com a presença das Pias Uniões da Catedral, São Sebastião, Aparecida, Nazaré, Fátima, São Raimundo, Perpétuo Socorro, Santa Luzia, Colégio Auxiliadora e Instituto Benjamin Constant¹⁵¹⁴. O último registro que foi possível mapear data do ano de 1961, uma convocação de reunião para todas as Pias Uniões¹⁵¹⁵. Dessa forma, através desses registros, foi procurado mostrar um pouco da atuação das associações marianas em Manaus, de modo especial da Pia União das Filhas de Maria, significativas para a caminhada devocional da Arquidiocese.

3. No tempo dos Pios: a Ação Católica na Igreja de Manaus e sua militância cristã em meio aos conflitos e tensões da contemporaneidade

A Ação Católica se configurou como a grande colaboração dos leigos no apostolado hierárquico, ganhando maior dimensão no pontificado de Pio XI, tornando-se a

¹⁵¹⁰ Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano III.

¹⁵¹¹ Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano III.

¹⁵¹² Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano III.

¹⁵¹³ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 19 de janeiro de 1958, n. 251, Ano V.

¹⁵¹⁴ Federação Mariana Feminina. **Universal**. Manaus, 27 de abril de 1958, n. 265, Ano VI.

¹⁵¹⁵ Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 8 de janeiro de 1961, n. 376, Ano IX.

“designação própria de um grande movimento ramificado em diversos setores e atividades sob a efígie de uma só bandeira: Ação Católica”¹⁵¹⁶. A primeira fase da AC, reconhecida por ela mesma, tem como marco a ação de dois jovens, ficando a data de 29 de julho de 1867 como sua fundação. A proposta foi discutida durante a realização de um congresso em Roma, que reuniu vários membros de círculos da juventude católica. Em 23 de dezembro daquele ano, foi oficializado o estatuto da “Sociedade da Juventude Católica”, reconhecida por Pio IX a 2 de maio do ano seguinte¹⁵¹⁷.

Em 1905, Pio X, por meio da encíclica *Il Fermo Proposito*, reordenou a Ação Católica. Na carta o Papa fala do vastíssimo campo de atuação e do seu reconhecimento para “[...]tão importante obra, não somente para a santificação de nossas almas, mas também para difundir e dilatar cada vez mais o Reino de Deus nos indivíduos, nas famílias e na sociedade[...]”, trabalhando para a restauração da sociedade cristã em meio às bruscas mudanças pelas quais o mundo tem passado¹⁵¹⁸. A AC vai se configurando como um prolongamento do clero, e com esse novo ordenamento, surgiram a União Popular Católica Italiana, a União Católica Italiana das Associações Eleitorais e a União Católica Italiana das Instituições Econômicas e Sociais, em 1906. No ano de 1909, surgiu a União das Mulheres Católicas. No Papado de Bento XV, a Sociedade da Juventude Católica e as várias Uniões Católicas continuaram existindo, sendo conduzidas por uma junta diretiva, que por sua vez fez surgir juntas diocesanas e juntas paroquiais. Em 1919, nasceu a Juventude Feminina Católica, que em fusão com a União das Mulheres, deu origem à União Feminina Católica Italiana. No mesmo ano, surgiu o Partido Popular, para distinguir a Ação Católica e a ação dos católicos¹⁵¹⁹.

Depois de percorrer um longo processo, a Ação Católica se consolidou e entrou no patamar da universalidade, a partir de 1922, em sua fase de renovação e intensificação, apareceu como alternativa da Igreja em resposta aos inúmeros desafios da época. A AC, passou a ser mais ampla e complexa, objetivando unir todas as forças católicas. A consolidação desse movimento se deu dentro de um contexto de transformações profundas nos aspectos político, econômico, social e dos enfrentamentos do Pontificado de Pio XI,

¹⁵¹⁶ SOUZA, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. In: **Revista de Cultura Teológica** – v. 14 – n.55 – ABR/JUN 2006. p, 39.

¹⁵¹⁷ Ibidem. 2006, p. 45.

¹⁵¹⁸ PIO X. **Il Fermo Proposito**. 11 de junho de 1905.

¹⁵¹⁹ SOUZA, Ney de. Op. Cit., p. 47-48.

que ficou conhecido como o ‘Papa da Ação Católica’¹⁵²⁰. Segundo Ney de Souza, Pio XI a transforma em divisões de um exército para impedir um maior recuo da Igreja, preparando a reconquista do terreno perdido. A renovação da AC se deu em três aspectos: apelo ao caráter apostólico ou ativista dos leigos; abrangência para todas as camadas sociais; seu caráter eminentemente leigo¹⁵²¹.

O cenário mundial era de guerra, o que intensificou o capitalismo e abriu a possibilidade de expansão de outras forças ideológicas, as de esquerda e as de extrema direita. Além desses agravantes, a Igreja enfrentava desde 1870 a Questão Romana, que levou à perda dos Estados pontifícios e tornou o Papa prisioneiro da Itália, fato que só mudaria com a assinatura do Tratado de Latrão em 1929. O objetivo da Ação Católica era conduzir todos para Cristo, estava, assim, em sintonia com o lema de Pio XI ‘restaurar todas as coisas em Cristo’. A encíclica *Ubi Arcano Dei* apresentou as bases ideológicas da AC, é nela também que está o programa de governo de Pio XI, com o lema “A Paz de Cristo no Reino de Cristo”. O documento fala dos males que assolam a Humanidade, por esta ter se afastado de Deus, enfatizando: a falta de paz; a ambição dos Estados; a crise e escassez de padres; a exclusão de Deus da educação da juventude; a violação ao sacramento do matrimônio e à santidade da família. Diante desse cenário, é preciso salvar o que resta, que a paz de Cristo penetre nos corações preparando o caminho para a caridade fraterna que assegurará a paz cristã¹⁵²².

Para Pio XI, a Igreja recebeu a divina missão, pois é portadora das verdades do céu, e como tal tem o dever de colocar em prática as doutrinas e preceitos relativos à dignidade da pessoa humana, preservar a pureza dos costumes, organizar divinamente a sociedade, preservar o matrimônio e a santidade da família cristã. A ela cabe fortalecer a verdadeira paz de Jesus Cristo e sua consolidação, é a Instituição capaz de impor às nações um código internacional de acordo com o que a época pede, como a cristandade medieval o fizera. A paz de Cristo, só pode ocorrer no Reino de Cristo¹⁵²³. Para o Papa, seus antecessores preparam o caminho para a restauração do Reino de Cristo, com Pio X temos o lema “restaurar tudo em Cristo”, e com Bento XV a luta pelo “restabelecimento da paz”¹⁵²⁴.

¹⁵²⁰ Ibidem. 2006, p. 40-41.

¹⁵²¹ ibidem. 2006, p.40-42.

¹⁵²² PIO XI. *Ubi Arcano Dei*, 23 de dezembro de 1922. **Documentos da Igreja**. 2004.

¹⁵²³ MACIEL, Elisângela. **A Atuação do Laicato Romanizado**: a Pia União das Filhas de Maria e a Ação Católica em Manaus (1926-1957). Anais do IV Seminário Internacional Brasil no Século XIX. 2021.

¹⁵²⁴ PIO XI. *Ubi Arcano Dei*, 23 de dezembro de 1922. **Documentos da Igreja**, 2004.

A encíclica apresenta a Ação Católica como obras apostólicas que auxiliarão na restauração do Reino. Somada às obras pias, a AC com seu espírito apostólico zela: pela oração assídua; pela vida exemplar; pelo instrumento fecundo da Palavra, e por sua divulgação pela imprensa e outros meios, pelas obras de caridade, pelo amor, culto e honrarias devidas ao Sagrado Coração de Jesus, à sua realeza divina. AC é colocada como instrumento de combate pelo Altar e pelo lar, defensora da sociedade religiosa e doméstica, da Igreja, da família e da educação dos filhos. A restauração do Reino de Cristo impulsiona “A Paz de Cristo no Reino de Cristo”¹⁵²⁵. A AC constituiu, portanto, um apostolado laical sob o comando da Hierarquia, “procurava inocular nos fiéis leigos, particularmente da classe média, um sentido de presença dinâmica na sociedade, dentro do espírito de ordem e disciplina, e na dependência direta do episcopado”¹⁵²⁶. A AC se coloca, portanto, de prontidão a serviço da neocristandade.

As duas encíclicas seguintes, de Pio XI, se apresentam como desdobramento do plano de ação traçado na primeira. A *Quas Primas*, de 1925, instituiu a Festa de Cristo Rei, colocando-a como último evento do calendário litúrgico. O documento fala da necessidade do reconhecimento da realeza de Cristo, impulsionando todos a voltarem-se para o Salvador¹⁵²⁷. A Igreja no Brasil, respondeu com o Cristo Redentor, colocado de braços abertos no alto do Corcovado, inaugurado em 1931. A *Rerum Ecclesiae*, de 1926, trata da importância das missões para dilatar “por toda a terra o reino de Jesus Cristo”, enfatizando a formação de padres indígenas, sem fazer distinção entre europeus e nativos¹⁵²⁸.

No Brasil, em 1935, nasceu a Ação Católica Brasileira (ACB), a qual esteve desde o começo em sintonia com as diretrizes papais, que a partir das particularidades locais participaram da missão apostólica da Igreja, utilizando o método Ver, Julgar e Agir. Neste ano de 1935, Pio XI enviou ao Brasil a carta *Quamvis Nostra*, dirigida ao Cardeal Leme e a todos os Arcebispos e Bispos, falando sobre a escassez de padres e de como a AC deve atuar para amenizar esse problema. O Papa fala da AC como “o exército pacífico que empreenderá a gloriosa batalha pela defesa e propagação do Reino de Cristo, Reino de Justiça, da Paz e do Amor”¹⁵²⁹. A ACB se empenhou para colocar em prática a Constituição

¹⁵²⁵ Ibidem. 1922.

¹⁵²⁶ MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 Anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 105.

¹⁵²⁷ PIO XI. *Quas Primas*. 11 de dezembro de 1925. **Documentos da Igreja**. 2004.

¹⁵²⁸ PIO XI. *Rerum Ecclesiae*. 28 de fevereiro de 1926. **Documentos da Igreja**. 2004.

¹⁵²⁹ PIO XI. *Quamvis Nostra*. 27 de outubro de 1935.

de 1934, na luta contra o comunismo, e objetivou a formação tanto do clérigo quanto do leigo militante¹⁵³⁰.

Esse documento expressa bem o lugar que a AC deve ocupar na sociedade, a sua conexão com a Santa Sé e com o Episcopado, em plena sintonia com o projeto romanizador, sendo “muito útil estabelecer grupos de sacerdotes e leigos em cada diocese, formados nas coisas divinas, fervorosos com zelo pelas almas”¹⁵³¹. Para formar adequadamente os missionários da AC, o documento fala da necessidade de organização de dias, semanas e congressos de estudo. Dom Sebastião Leme, objetivando a recatolização do Brasil e fortalecer a aliança entre os poderes civil e religioso, desenvolveu entre outras ações, a nacionalização da Liga Eleitoral Católica, da Ação Católica Brasileira, nesse contexto destaca-se a fundação do Centro Dom Vital e a organização da revista *A Ordem*, para doutrinar novos intelectuais para a causa da Igreja¹⁵³².

Ao final do período Varguista, a ACB entrou em nova fase, passando a se intitular Ação Católica Especializada (ACE), sendo “importante instrumento para a participação dos leigos na vida democrática e no exercício pleno da cidadania”¹⁵³³, levou a doutrina social da Igreja para escolas, universidades, fábricas, lares, contribuindo para o surgimento de outros movimentos. A ACE, iniciou um novo modelo com a utilização de grupos: JAC, JEC, JIC, JOC, JUC. Para Ney de Souza, “uma das maiores contribuições da Ação Católica à sociedade e à Igreja é a militância nos diferentes ambientes da sociedade e da Igreja com o intuito de transformá-los em condições mais justas e democráticas, a partir da novidade da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo”¹⁵³⁴. Para Carlos Moura, os intelectuais convertidos ao Catolicismo foram fundamentais no movimento de recatolização, que junto aos clérigos, se engajaram politicamente, possibilitando “um novo debate sobre o papel da

¹⁵³⁰ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). 2018, p. 232.

¹⁵³¹ PIO XI. *Quamvis Nostra*. 27 de outubro de 1935.

¹⁵³² MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). Lisboa: Ics – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 221.

¹⁵³³ SOUZA, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. In: **Revista de Cultura Teológica** – v. 14 – n.55 – ABR/JUN 2006, p. 49.

¹⁵³⁴ Ibidem. 2006, p. 53.

religião na sociedade secularizada”¹⁵³⁵, e se tornaram a base para um Catolicismo militante, comprometido com a recristianização¹⁵³⁶.

A encíclica *Summi Pontificatus*, que apresenta o programa de governo de Pio XII, constata o afastamento da fé, num mundo em guerra, e, por isso, convida ao retorno ao Coração de Cristo, e traz em um de seus pontos a importante colaboração dos leigos “na vinha que precisa de operários”¹⁵³⁷, para compensar a escassez de sacerdotes. Pio XII demonstra toda a sua expectativa na Ação Católica, apresentando-a como “uma ardente falange de homens e de mulheres e jovens de ambos os sexos, obedecendo à voz do sumo pastor às diretrizes dos próprios Bispos, consagra-se com todo o ardor de sua alma às obras do apostolado para reconduzir a Cristo as massas populares”¹⁵³⁸. O documento coloca o leigo militante como um quase “ministro de Cristo”, que tem por desígnio divino restaurar tudo em Cristo, atuando na família e nos diversos setores da sociedade, como pacificador e agregador.

Em Manaus, o primeiro embrião de preparação para a implantação da AC se deu com a fundação da União dos Moços Católicos (UMC), em 1929, tendo por assistente eclesiástico o Pe. Luiz França Thomé de Souza¹⁵³⁹. Um dos primeiros feitos foi a organização de uma festa em homenagem ao Papa Pio XII, nos salões do Ideal Clube, que ali estaria representado do Dom Basílio Pereira, em 29 de junho¹⁵⁴⁰. No ano seguinte, os unionistas fundaram o jornal *A Reação*, em 13 de maio¹⁵⁴¹. É a UMC que em 1947 passou a ser denominada Juventude Masculina Católica (JMC)¹⁵⁴². Mas, foi a partir de 1937, a 17 de outubro, na administração de Dom Basílio Pereira, que os primeiros núcleos da AC foram organizados, sendo implantados, na paróquia de São Sebastião, no ano seguinte, em quatro de outubro de 1938¹⁵⁴³, e em seguida também no Colégio Santa Doroteia. E foi a partir do I Congresso Eucarístico Diocesano em Manaus, em 1942, que a AC ganhou novo impulso e se expandiu pela Diocese. A Juventude Feminina Católica (JFC) passou a se engajar mais

¹⁵³⁵ MOURA, Carlos André Silva de. Op. Cit., 2018, p. 78.

¹⁵³⁶ Dentre os intelectuais que formam essa base, estão Henri-Louis Bergson, Jacques Maritain, Jackson de Figueiredo e Alceu Lima Amoroso. Essa base era antimodernista, anticomunista, crente que toda a desordem social provinha da falta de instrução religiosa. Ibidem. 2018, p. 222.

¹⁵³⁷ Mt 9, 37 ; Lc 10, 2.

¹⁵³⁸ PIO XII. *Summi Pontificatus*. 20 de outubro de 1939. **Documentos da Igreja**, 1998.

¹⁵³⁹ **Ata da União dos Moços Católicos**. Manaus, 19 de maio de 1929.

¹⁵⁴⁰ **Ata da União dos Moços Católicos**. Manaus, 25 de junho de 1929.

¹⁵⁴¹ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 109.

¹⁵⁴² **Ata da Juventude Masculina Católica**. Manaus. 1947.

¹⁵⁴³ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p. 109.

na liturgia, auxiliando no conhecimento do Missal, procurando “desvendar às jovens as belezas da Liturgia para que a amem”¹⁵⁴⁴ E, em 1945, a AC foi reorganizada e considerada oficialmente fundada em Manaus¹⁵⁴⁵.

Deste ano em diante, também passaram a ter retiros mensais com a finalidade de um breve afastamento do mundo para pesar a responsabilidade e o dever de militantes da AC. A JFC passou a atuar no Abrigo Redentor, na assistência aos detentos, nas campanhas pascais, na LEC (Liga Eleitoral Católica), e toda semana ministrava o catecismo¹⁵⁴⁶. A exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1932 quando a JFC foi o primeiro núcleo a ser introduzido, mesmo antes da fundação da ACB¹⁵⁴⁷, foi este também o núcleo que se tornou o primeiro a desenvolver o maior repertório de atividades na Diocese de Manaus.

Em 1946, o Jornal *A Reação* apresentou um balanço da caminhada da Diocese de Manaus, em que estava sendo realizada a 1ª Semana Sacerdotal da Diocese de Manaus, de 17 a 24 de março, também foi celebrado o 25º aniversário sacerdotal de Dom João da Mata e a reinauguração do Seminário São José. A presença de Dom Mário Vilas-Boas, engrandeceu ainda mais a sucessão de eventos naquela semana, sendo responsável por proferir as conferências nos três primeiros dias, destacou o jornal. O segundo dia foi dedicado aos colégios e a AC, que era vinculada à Belém, tendo por Metropolita Dom Mário, que ouviu a saudação da AC “Dom Mário, os militantes de Manaus estão prontos a ouvir-vos, e eles, mais do que ninguém, talvez, ansiavam pela vossa vinda e pela vossa palavra”¹⁵⁴⁸.

Após a saudação procedeu-se a apresentação do pequeno grupo de militantes: três no núcleo dos Homens da Ação Católica (HAC); 24 no núcleo da Liga Feminina da Ação Católica (LFCA); quatro no núcleo da Juventude Brasileira Católica (JBC); e 30 no núcleo da Juventude Feminina Católica (JFC), que incorporava a Juventude Estudantil Católica (JEC). O discurso, também destacou que a LFAC possuía cerca de 500 alunas e que a JBC estava empenhada na linha de frente no combate aos comunistas¹⁵⁴⁹.

¹⁵⁴⁴ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 216.

¹⁵⁴⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Op. Cit., 1952, p. 115.

¹⁵⁴⁶ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 216.

¹⁵⁴⁷ MOURA, Carlos André Silva de. Op. Cit., 2018, p. 231.

¹⁵⁴⁸ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 215.

¹⁵⁴⁹ Ibidem. 1946, p. 215.

A *Reação* apresentou a estrutura dos núcleos da AC até aquele momento, que assumiram a responsabilidade por vários setores. O núcleo da HAC, comprometeu-se com atuação no Círculo Operário, no Centro de Cultura Católica e realização de Conferências, e, também com a realização de campanhas particulares envolvendo operários, intelectuais, professores e médicos. O núcleo JCB responsabilizou-se com atividades no Círculo Operário, com a Juventude Operária (JOC), com a Juventude Colegial (JEC), com a Juventude Universitária (JUC) e nas campanhas particulares também aparece a Juventude Independente Católica (JIC)¹⁵⁵⁰. Na paróquia de São Raimundo até 1946, aparece o registro de 30 sócios no Círculo Operário¹⁵⁵¹.

O núcleo das Senhoras da Ação Católica (LFAC), realizava atividades no Ateliê Santa Rita, com aulas de corte e costura, bordado e tricô, além do catecismo e da assistência às mulheres pobres. O núcleo das moças da Ação Católica (JFC), cuidava do Ensino Religioso, do departamento das salas de costura, do apostolado do Bom Livro, das secundaristas da JEC, prestavam assistência religiosa na penitenciária, e realizavam campanhas particulares no Instituto de Educação, no Colégio Estadual, no Abrigo Redentor e com a Juventude Operária. Gradativamente a JFC foi mobilizando a juventude para a realização de reuniões especializadas para JEC, JIC e JOC¹⁵⁵².

As campanhas gerais da AC eram destinadas aos seus núcleos, à LEC, ao Abrigo Redentor, ao Seminário São José, à Obra das Vocações Sacerdotais, à Imprensa e às Missões. As festas principais eram realizadas no aniversário do Congresso Eucarístico, de 31 de maio a 4 de junho, no Dia do Papa, 29 de junho, e na Festa de Cristo Rei, quando era comemorado o Dia da AC. Esse desenvolvimento dos núcleos em Manaus, demonstra ao mesmo tempo a sintonia com as diretrizes da Santa Sé e seus encaminhamentos no Brasil, e um percurso, embora ainda inicial, de aprofundamento de suas atividades na Diocese de Manaus¹⁵⁵³.

Dom Mário, ao se dirigir à AC lembrou o lema que o movimento carrega “Restaurar tudo em Cristo”, e que é necessário que primeiro se conheça a AC para que possa ser suficientemente amada, que a firmeza vista em seus membros iria atrair mesmo os que com

¹⁵⁵⁰ Ibidem. 1946, p. 216.

¹⁵⁵¹ Ibidem. 1946, p. 97.

¹⁵⁵² Ibidem. 1946, p. 216.

¹⁵⁵³ MACIEL, Elisângela. **A Atuação do Laicato Romanizado:** a Pia União das Filhas de Maria e a Ação Católica em Manaus (1926-1957). Anais do IV Seminário Internacional Brasil no Século XIX. 2021.

ela não simpatizam. Falou ainda, das características da AC e de sua devoção ao Santo Papa, e do destaque que o Brasil ganhara na expansão das atividades dos núcleos da AC, e que ele tem acompanhado de perto o crescimento da JFC e da JBC em Belém. Ao finalizar deu vivas a Pio XII e a Dom João da Mata, seu representante em Manaus¹⁵⁵⁴.

Em 1947, foi inaugurada a sede da AC e da Ação Social da Amazônia (ASA), também com as atividades da JEC que haviam sido implantadas no Patronato Santa Teresinha e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora¹⁵⁵⁵. Dom João da Mata foi transferido para Niterói em 1948, e em janeiro de 1949 a Diocese de Manaus recebeu seu sexto Bispo, Dom Alberto Ramos. No começo de sua administração, encontrei o registro da fundação da AC no município de Manicoré e a inauguração da sede do Círculo Operário, em 1949, a implantação da JEC no Instituto Benjamin Constant, em 1950, e a abertura da Semana Diocesana da Ação Católica, em dezembro do mesmo ano¹⁵⁵⁶, em 1951, a fundação o Círculo Operário de Manacapuru¹⁵⁵⁷.

A Santa Sé conferiu caráter especial à Ação Católica. No Congresso do Apostolado Leigo de 1951, Pio XII, afirmou que “a dependência do apostolado dos leigos com relação à hierarquia admite graus”, a dependência é mais estreita para a AC, que representa o apostolado oficial do leigo, um instrumento nas mãos da Hierarquia e deve ser como um prolongamento do seu braço¹⁵⁵⁸. Desde a renovação do seu apostolado, a AC foi ganhando cada vez mais espaço de atuação, e pelas palavras do Papa fica claro que ela está um grau acima, na hierarquia, dos outros movimentos leigos, e que lhe deposita imensa confiança de que pode alcançar todas as instâncias sociais. E, em Manaus não foi diferente, ela assumiu a liderança do laicato, sintonizada com o Arcebispo e com as diretrizes da Santa Sé.

A 16 de fevereiro de 1952, Manaus foi elevada à Arquidiocese, pela bula *Ob Illud*, do Papa Pio XII, que erigia o Amazonas como a Segunda Província Eclesiástica. A bula elevou Manaus à Arquidiocese e Dom Alberto Gaudêncio Ramos à Arcebispo¹⁵⁵⁹. A Instalação da nova Arquidiocese ocorreu no dia 2 de julho, na abertura do II Congresso Eucarístico de

¹⁵⁵⁴ **Suplemento de A Reação**. 1946, p. 218-219.

¹⁵⁵⁵ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952, p. 117.

¹⁵⁵⁶ Ibidem. 1952, p. 120-123.

¹⁵⁵⁷ RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁵⁵⁸ **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

¹⁵⁵⁹ Bula “*Ob Illud*” do Santo Padre o Papa Pio XII, criando a Nova Arquidiocese de Manaus. 16 de fevereiro de 1952.

Manaus, que comemorava os 60 anos da Diocese. No ano de elevação, novos núcleos da AC foram implantados, registrando-se a fundação da JOC (Juventude Operária Católica), da JICM (Juventude Independente Católica Masculina), da JUC (Juventude Universitária Católica) e da JECM (Juventude Estudantil Católica Masculina)¹⁵⁶⁰. Era o momento de grande reforço para o movimento e um “tempo forte na formação da consciência cristã”, afirmou Celestino Ceretta¹⁵⁶¹. Nesse contexto, também, ocorreu a expansão da Congregação Mariana, a fundação da JOCM (Juventude Operária Católica Masculina) e da JUCM (Juventude Universitária Católica Masculina)¹⁵⁶².

No ano seguinte, o *Universal*, apresentou um quadro onde a AC aparece bem estruturada, com todos os núcleos consolidados: HAC; Senhoras da LFAC e a LICF passaram a ter o núcleo das casadas e o das solteiras; JMC; a JECM e JECF; a JOCF as ramificações dos núcleos são dirigidos por membros da JIC, da JOC; da JUC; da JFC¹⁵⁶³. O *Jornal Universal*, criado pela própria AC em Manaus em 1953, passou a registrar as diretrizes e os acontecimentos que envolviam a vida da Arquidiocese, e de modo especial, as inúmeras atividades desenvolvidas pelos núcleos da AC, de onde foi possível extrair informações sobre o cotidiano, diretrizes e ações. Descreveremos algumas delas, para evidenciar a relação imbricada da AC com a Igreja de Manaus.

As senhoras da LFCA passaram a auxiliar a Catequese, que era realizada nas escolas N.S. da Divina Providência, N.S. do Rosário, Gustavo Capanema, São Luiz, Luso Sporting Clube, João de Deus, Princesa Isabel no IEA, escola pertencente à Paróquia de São Sebastião¹⁵⁶⁴. Na Paróquia dos Remédios, a Catequese era ministrada por religiosas, professoras e militantes da AC, abarcando a Escola Paroquial, o Grupo Escolar Nilo Peçanha, o Grupo Escolar José Paranaguá, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, o Grupo Escolar Farias de Brito, o Colégio Progresso. Na sede da AC, a JICF executava várias atividades e ministrava a Catequese¹⁵⁶⁵.

Desde 1950, Dom Alberto tomou a iniciativa de levar às fábricas o ensino do catecismo, como cumprimento do dever cristão diante dos operários. O catecismo passou a ser

¹⁵⁶⁰ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojucan Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazonicas**. Belém: Cabana, 2021, p. 79.

¹⁵⁶¹ CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Valer/Biblos, 2014, p. 520.

¹⁵⁶² RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

¹⁵⁶³ **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 11, Ano I.

¹⁵⁶⁴ **Universal**. Manaus, 26 de abril de 1953, n. 4, Ano I.

¹⁵⁶⁵ Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

ministrado por rapazes, moças e senhoras da AC e membros de outras associações. O ensino ocorria sempre no intervalo do almoço, para não atrapalhar o horário de trabalho dos operários e nem dos catequistas. A coluna operária exaltou tal desprendimento como gesto de grande fé e de grande amor a Deus e ao próximo. Em 1953, foi registrado a comunhão de 65 operários da Fábrica Cachetas e da Olaria Grilo, realizada na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro¹⁵⁶⁶. Pelo registro do *Universal*, vê-se a ampliação da oferta da Catequese para as várias Escolas e, a maior parte deste ensino ficando sob a responsabilidade da AC.

A *Coluna Operária* mencionou a *Folha Operária* que passou a ser desativada em função do *Universal*, mas não foi encontrado nenhum outro indício se era uma coluna ou um jornal que fora desativado. No Dia do Trabalho foi lembrado que é também o primeiro dia do mês dedicado à Maria, portanto, todos os operários são chamados à reflexão para que “se lembrem que são filhos de Deus e filhos de Maria” e a que a Sagrada Família é patrona dos operários¹⁵⁶⁷. No mês de maio, os operários foram conclamados a continuarem em missão, para não se calarem e continuarem o fogo do amor de Cristo, dessa forma, lembrando o salmista “provai e vede como é doce o Senhor”, assim expressa a coluna, afirmando que os operários vão experimentar “aquele que é o caminho, a Verdade e a Vida, é à falta dele que sentimos este drama dantesco de desarmonia social nesta hora agonizante que passamos. Operários, camponeses, estudantes, todos em conjunto, correi todos para a luz à semelhança da mariposa à lâmpada forte”. A *Coluna Operária* seguiu falando que é preciso reconhecer a necessidade da vida cristã, abandonar o efêmero e procurar a verdadeira causa da vida¹⁵⁶⁸. Ainda em maio aparecem as reflexões: “Amai-vos uns aos outros”¹⁵⁶⁹; e “não é fácil a escolha”¹⁵⁷⁰.

A JICF passou a promover círculos de estudo, percorrendo os seus núcleos, com um programa de estudos sobre as bem-aventuranças, consciente de que não somos donos dos bens materiais, apenas os administramos. Neste ano de 1953, os núcleos já haviam se estendido para os Remédios, para Nossa Senhora da Conceição, para São João Bosco, e para São Sebastião¹⁵⁷¹. Durante a campanha pascal, a coluna da AC falou do chamado e do

¹⁵⁶⁶ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

¹⁵⁶⁷ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 26 de abril de 1953, n.4, Ano I.

¹⁵⁶⁸ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I..

¹⁵⁶⁹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, Ano I.

¹⁵⁷⁰ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 31 de maio de 1953, n. 9, Ano I.

¹⁵⁷¹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

fazer AC, que não “é simplesmente frequentar reuniões, usar o emblema e ser bom, é tudo isso e muito mais, é estar presente, é atuar onde quer que no nosso meio haja um hábito, um costume, uma palavra, uma atitude que destoe, que fique mal ou ofenda a nobreza do Corpo Místico que formamos com o Senhor. Isso é ser militante [...]”¹⁵⁷².

Neste mesmo número do *Universal*, aparece a solicitação do Arcebispado para que todos os ramos da AC mantenham atualizadas as listas de nomes de militantes que vão renovar o compromisso ou fazê-lo pela primeira vez. Os critérios para o primeiro grupo são a frequência nos círculos de estudo e o ilibado procedimento na sociedade com a doação do bom exemplo e a prática do apostolado. Há ainda a observação para aqueles que preferem o carnaval ao silêncio espiritual, estes não poderão renovar compromisso, “todos sabem que Ação Católica é elite e não visa número, mas qualidade”, caso insista em ficar poderá voltar à condição de estagiário e fazer novo compromisso conforme critério do Arcebispo ou do Assistente eclesiástico da organização¹⁵⁷³.

Outro grande campo de atuação da AC é o Educacional. O *Universal* destacou a Instalação do II Congresso Amazonense de Estudantes Secundários, a 19 de abril, com participação da UESA (União dos Estudantes Secundários do Amazonas), em pauta estavam questões que afligiam estudantes e professores que impediam o melhoramento do Ensino Secundário no Amazonas. Se fizeram presentes representantes de quase todas as escolas masculinas, femininas e mistas, sendo estas religiosas, leigas, particulares ou públicas. Nos dias do Congresso foi discutido sobre as associações culturais de Manaus, e o programa mínimo a ser colocado em prática pela UESA de 1953 a 1954, pela nova diretoria, e no encerramento foram preferidos vários discursos¹⁵⁷⁴.

Ainda em abril, apareceu a convocação da JOC para que mais jovens trabalhadores passassem a congregar nessa militância católica pela dignidade do jovem no trabalho e o trabalho entre os jovens, reforçando que a luta não é apenas econômica, mas integral¹⁵⁷⁵. Em maio foi ocorreu o Curso Intensivo de Religião, promovido pelo padre José Pereira Neto, assistente da JECF, ofertado para militantes da AC, tendo como disciplinas principais: História da Igreja; Ação Católica; Pedagogia Catequética; e Círculos de Estudos

¹⁵⁷² Ação Católica. **Universal**. Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, Ano I.

¹⁵⁷³ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, n. I.

¹⁵⁷⁴ Panorama Estudantil. **Universal**. Manaus, 26 de abril, n. 4, Ano I.

¹⁵⁷⁵ JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 4 de abril de 1953, n. 53, Ano I.

Práticos. O curso contou com a participação de outros padres e foi ministrado no edifício Pio XII¹⁵⁷⁶.

Em junho ocorreu a apresentação das novas diretorias, e aqui merece destaque a figura de Maria de Miranda Leão, que mais uma vez aparece como liderança, ela que conduziu por muitos anos a Pia União das Filhas de Maria, e desta se tornou presidente perpétua, passou a ser a presidente das Senhoras da AC e presidente da JICF solteiras. Na configuração das diretorias, vemos o Pe. Walter Gonçalves, que era secretário do Arcebispado, vigário cooperador da Catedral, e professor do Estadual e do Doroteia, assumindo a JUC. E, para assistente da JOCF, o vigário cooperador de Santa Rita, Frei Carmelo Aroz. Encerrou-se com as seguintes palavras; “aproveitamos o ensejo para reafirmar ao nosso caríssimo Antístites nossa inteira submissão, nossa integral disponibilidade para cumprir suas inspiradas determinações”¹⁵⁷⁷.

Pio XII falou aos operários – destacando o salário justo, a dignidade, a moradia sadia para ele e sua família, desfrutando de uma vida cristã e feliz. Falou, ainda do trabalho e do lugar de trabalho, para que o trabalhador seja sujeito e não mero objeto na empresa¹⁵⁷⁸. A coluna operária lembrou as palavras de Leão XIII “ide aos operários, sobretudo aos mais pobres e mais necessitados”, e de Pio XI “o apóstolo do operário tem de ser o próprio operário”, e apresentou aspectos da vida de um operário, utilizado como exemplo de quem se desviou por causa dos companheiros de trabalho, mas que depois se converteu e se envolveu nas causas justas para a classe dos operários¹⁵⁷⁹. Para este mês trouxe, ainda, essas reflexões: “Ainda bem!”, expressando o desejo de ver os operários voltarem para casa, para Santa Igreja, e diz que há notícias de que os operários de Manaus estão gostando desta coluna¹⁵⁸⁰; “Ide, pois, operários cristãos, aos vossos companheiros e dizei-lhes que o vácuo que eles sentem em seus corações, não pode se preenchido por coisa alguma deste mundo”¹⁵⁸¹; “Ide aos operários”, pedindo que os operários se deixem invadir pelo fogo da caridade do Sagrado Coração de Jesus, e passem a transbordar ao mundo¹⁵⁸².

¹⁵⁷⁶ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

¹⁵⁷⁷ Pela Ação Católica. **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

¹⁵⁷⁸ Notícias Paroquiais. **Universal**. Manaus, 7 de junho, n. 10, Ano I.

¹⁵⁷⁹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

¹⁵⁸⁰ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 14 de junho de 1953, n. 11, Ano I.

¹⁵⁸¹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I.

¹⁵⁸² Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 28 de junho de 1953, n. 13, Ano I.

Ainda em junho, as Senhoras da AC, da Paróquia dos Remédios, realizaram a Páscoa dos doentes, e todos que estavam inscritos receberam a visita do pároco¹⁵⁸³. A JICF, junto com a JOCF, promoveu uma manhã de recolhimento, em junho, tendo por reflexão o tema “O Testemunho do Cristão no dia de hoje”, chamando a AC ao compromisso com o Reino de Deus, consciente como deve ser todo cristão, que o Reino de Deus não é deste mundo, sem ignorar que este Reino começa a preparar-se nas ações ainda neste mundo, a partir da vida em comunidade onde se busca a salvação para toda a Humanidade, pois a salvação individual depende da luta pela salvação de todos. A AC deve dar “testemunho da vida cristã e de apostolado dentro do tempo, no tempo, para a eternidade, testemunho que pede um novo tipo de santidade, presença de um novo apostolado que as necessidades dos tempos vão exigindo: santo da ação, e da ação católica[...]”. a reflexão continua falando que em virtude da liberdade, do progresso, inclusive de consciência, somos conduzidos à luta, e que esta é uma condição terrena até o fim dos séculos. Esse testemunho exige um novo apostolado, uma nova forma de santidade dos militantes da AC¹⁵⁸⁴.

Há nesse mês, também, o registro de agradecimento da “festa joanina” que ficou sob o comando da JICF e foi em prol da Obra das Vocações Sacerdotais, com a participação de vários órgãos da sociedade e dos núcleos da AC: as senhoras e a JOCF, ficaram com os quitutes; a JMC, com a iluminação; a JEC com a ornamentação. Toda a arrecadação foi entregue ao Arcebispo para o fim proposto. Ao final dos agradecimentos, aparece a convocação das jicistas para a aula de religião com o tema ‘Sacramentos’¹⁵⁸⁵. Nesse contexto, prestes a completar um ano da elevação da Arquidiocese, a AC passou a estar conectada com o Metropolita da Igreja de Manaus.

Na edição de três de julho, o *Universal* apresentou alguns pontos proferidos pelo Papa na assembleia Geral da AC Italiana, que aqui destaco dois trechos: a AC não deve exercer a função de autoridade sobre os outros movimentos, embora esteja sob a direção imediata da Hierarquia; e a admoestação para a AC de todos os países, a AC deve adaptar-se nas diversas regiões às circunstâncias particulares do lugar, permanecendo iguais todos membros no ‘*sentir cum ecclesia*’, “em sentir com a Igreja na rendição à causa da Igreja, na obediência àqueles que o Espírito Santo constituiu Bispos para regerem a Igreja de Deus,

¹⁵⁸³ **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

¹⁵⁸⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I.

¹⁵⁸⁵ **Universal**. Manaus, 28 de junho de 1953, n. 13, Ano I.

na submissão filial ao Pastor, a cuja solicitude Cristo confiou a sua Igreja”¹⁵⁸⁶. A coluna operária trouxe, neste mês a reflexão “Como Resolver a Questão Social”, feita por Dom Alberto, lembrando que Leão XIII apontou o caminho do entendimento mútuo entre empregados e patrões, e que falou da necessidade de instituir novas associações, substituindo antigas corporações de ofício, sob a tutela da religião. O Arcebispo falou que graças a Deus já existem tais associações, referindo-se à JOC e aos Círculos Operários¹⁵⁸⁷.

Em agosto, registrou-se a participação de grande número de militantes da AC no VI Congresso Eucarístico¹⁵⁸⁸, e, para os que permaneceram em Manaus, a reflexão da manhã de formação foi sobre “O Evangelho e o Militante”, onde se foi dada a orientação de que ao abordar os Evangelhos, a atitude deve ser de dependência, disponibilidade e oração¹⁵⁸⁹. Em setembro, a JUC promoveu um Tríduo de Estudos, com presença dos alunos de Direito, Enfermagem e Serviço Social, tendo como o principal tema a “Vida Comunitária Acadêmica”, ligado ao tema central estava a questão dos meios de comunicação, do individualismo no espírito universitário e a influência da AC no meio universitário¹⁵⁹⁰. A *Coluna Operária*, para esse mês trouxe a reflexão sobre “Que devo fazer para possuir a vida eterna?”, afirmando que não se brinca com Deus¹⁵⁹¹, “Ninguém pode servir a dois senhores!”, reforçando com a frase do Papa Pio XI: “que o grande mal do mundo é a ignorância religiosa”, os católicos precisam estudar e praticar¹⁵⁹².

Em setembro, no centenário de Frederico Ozanam, Dom Alberto lembrou de sua inteligência e bondade, utilizadas por ele para testemunhar Cristo na Sociedade, e que é uma imensa satisfação ter na Arquidiocese a Conferência Vicentina¹⁵⁹³. A *Coluna Operária* também celebrou Ozanam, apresentando um pouco de sua biografia, e afirmando ser o vicentino o verdadeiro assistente social¹⁵⁹⁴. “Jesus disse aos seus apóstolos”: ide pelo mundo, a missão continua hoje, reforçou a coluna¹⁵⁹⁵. Neste mesmo mês, Pio XII, em audiência com os padres assistentes da Juventude Católica Italiana, fez apelo à Juventude

¹⁵⁸⁶ **Universal**. Manaus, 3 de julho de 1953, n. 14, Ano I.

¹⁵⁸⁷ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 26 de julho de 1953, n. 17, Ano I.

¹⁵⁸⁸ **Universal**. Manaus, 2 de agosto de 1953, n. 18, Ano I.

¹⁵⁸⁹ **Universal**. Manaus, 16 de agosto de 1953, n. 20, Ano I.

¹⁵⁹⁰ **Universal**. Manaus, 20 de setembro de 1953, n. 25, Ano I.

¹⁵⁹¹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 16 de agosto de 1953, n. 20, Ano I.

¹⁵⁹² Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 30 de agosto de 1953, n. 22, Ano I.

¹⁵⁹³ Governo Arquidiocesano. **Universal**. Manaus, 6 de setembro de 1953, n. 22, Ano I.

¹⁵⁹⁴ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 13 de setembro de 1953, n. 24, Ano I.

¹⁵⁹⁵ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 6 de setembro de 1953, n.23, Ano I.

Católica para contribuir com a salvação do mundo “desumano e anticristão”. Naquele contexto, eram 200 mil membros efetivos e 300 mil aspirantes na Itália. O Papa chamou atenção aos perigos modernos que ameaçam a juventude e pediu aos padres que vigiem os passos dos jovens. O *Universal* reproduziu essas palavras de condução da AC para os militantes de Manaus¹⁵⁹⁶.

No mês de outubro, mês do Rosário, Pio XI afirmou que ele é o meio providencial para alcançar a salvação, e para Leão XIII ele é o resumo do Evangelho. E diz a coluna operária que a Igreja o considera eficaz na Recristianização da sociedade¹⁵⁹⁷. A reflexão deste mês feita pela coluna operária foi “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”, afirmando que os governantes precisam reconhecer sua obrigação no culto a Deus¹⁵⁹⁸. Em novembro, foi comemorado os 11 anos do Círculo Operário Católico, sendo feito um balanço do serviço prestado ao operariado, não apenas material com assistência médica, dentária e creche, mas também a assistência moral e espiritual, com um assistente eclesiástico responsável por cuidar dos associados. e, pediu-se aos operários que se interessem pelo círculo, que é uma obra para todos os operários para que haja expansão para outras paróquias¹⁵⁹⁹.

No mês de novembro ocorreu a Semana Interamericana da Ação Católica, em Chimbote, no Peru, para os membros da JMC e JFC, com o tema “Apostolado Leigo, Arma Moderna da Igreja”¹⁶⁰⁰. E, aqui em Manaus, foram feitos os preparativos para a Festa de Cristo Rei, com reuniões conduzidas pela HAC nas casas de associados e simpatizantes, e compôs-se uma programação: JIC e LIC ficaram responsáveis pelas tardes sociais nos principais clubes sociais da cidade; a JUC ficou com as atividades de conscientização universitária; a LIC com o curso de orientação familiar. A Ação Católica, através de seus núcleos, se colocou à disposição do Arcebispo para a reorganização da ASA¹⁶⁰¹. A reflexão da coluna operária para esse mês foi “Causa da nossa alegria”, dedicado a Maria¹⁶⁰².

No 1º Domingo do Advento, comemorou-se o Dia da JEC, com celebração realizada pelo término do ano litúrgico e do ano letivo, com a simbologia da renovação trazida pelo

¹⁵⁹⁶ **Universal**. Manaus, 27 de setembro de 1953, n. 26, Ano I.

¹⁵⁹⁷ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 6 de outubro, n. 27, Ano V.

¹⁵⁹⁸ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 25 de outubro, n. 30, Ano I.

¹⁵⁹⁹ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 25 de outubro, n. 34, Ano I.

¹⁶⁰⁰ **Universal**. Manaus, 15 de novembro de 1953, n. 33, Ano I.

¹⁶⁰¹ **Universal**. Manaus, 22 de novembro de 1953, n. 34, Ano I.

¹⁶⁰² Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 29 de novembro de 1953, n. 35, Ano I.

Advento. Pela parte da tarde, procedeu-se à bênção e entrega dos distintivos para a JOC, dos diplomas para novas catequistas, e a recepção da JCIF, e das jecistas concluintes do colegial, de vários colégios da cidade, e de cursos técnicos, Pedagógico e Industrial¹⁶⁰³. No Natal de 1953, um grupo da JUC recebeu seus distintivos e outros militantes renovaram seus compromissos¹⁶⁰⁴.

Em janeiro de 1954, ocorreu uma série de palestras para a AC, tendo por tema central a “Educação dos Adolescentes”¹⁶⁰⁵. A coluna operária refletiu, neste início de ano, sobre “Operário cioso dos deveres é bom cristão”, alertando para os erros do mundo, fazendo comparação com a separação das pedras e feijão carunchado do bom feijão, mas se jogar tudo fora a família não saberia o que é uma feijoada¹⁶⁰⁶. Ainda em janeiro as jecistas anunciaram os preparativos para o retiro anual para as moças, a ocorrer nos três dias de carnaval, no Ginásio Santa Doroteia¹⁶⁰⁷.

Para homens e rapazes da AC, também foi feita a convocação para o retiro anual, no carnaval, no Colégio Dom Bosco¹⁶⁰⁸. Durante o retiro, para as ações neste Ano Mariano, pediram a intercessão da Imaculada para que a AC “conquiste as elites, isto é, os chefes, os líderes, para penetrar verdadeiramente a massa”¹⁶⁰⁹. Ainda durante o período de carnaval foram realizados acampamentos para rapazes, promovido pela JEC, e para moças, promovido em conjunto as Filhas de Maria e a AC¹⁶¹⁰. E no final de março foi a vez do retiro para as senhoras da AC, pregado por Dom Alberto¹⁶¹¹. Para a Festa de Pentecostes, a ACA (Ação Católica Arquidiocesana) convocou todos os setores, masculinos e femininos, da AC para a realização neste dia da cerimônia de Renovação de Compromisso, neste dia¹⁶¹². Afirmou o *Universal* que um acista tem Pentecostes como “um abraçar de novas conquistas no coração dum militante”¹⁶¹³, é o momento de renovar seu apostolado.

¹⁶⁰³ **Universal**. Manaus, 29 de novembro de 1953, n. 35, Ano I.

¹⁶⁰⁴ **Universal**. Manaus, 20 de dezembro de 1953, n. 38, Ano I.

¹⁶⁰⁵ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojucan Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021, p. 81.

¹⁶⁰⁶ Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

¹⁶⁰⁷ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 24 de janeiro de 1954, n. 43, Ano I.

¹⁶⁰⁸ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 14 de fevereiro de 1954, n. 46, Ano I.

¹⁶⁰⁹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano I.

¹⁶¹⁰ Retiros durante o Carnaval. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano I.

¹⁶¹¹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de março de 1954, n. 51, Ano I.

¹⁶¹² Ação Católica Arquidiocesana. **Universal**. Manaus, 6 de junho de 1954, n. 62, Ano II.

¹⁶¹³ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 6 de junho de 1954, n. 62, Ano II.

Em julho a JUC realizou seu Encontro Regional, para que os universitários discutissem pontos para o Conselho Nacional que ocorreria em janeiro do ano seguinte. Outros dois Encontros Regionais foram realizados em Belém, no mês de julho, o da JIC¹⁶¹⁴ e o da JEC¹⁶¹⁵, ambos já pensando no programa de 1955. A JUC anunciou com antecedência o Segundo Encontro Regional a ocorrer no mês de dezembro, em Manaus, convocando os alunos dos cursos de Direito, Enfermagem, Serviço Social e Orientação Pedagógica, tendo, também como convidados os Centros Jucistas de Belém e São Luís¹⁶¹⁶. Encerrando o Ano Letivo foi comemorado o Dia da JEC, com a participação do Colégio Auxiliadora, Patronato Santa Teresinha, Colégio Santa Doroteia, o Instituto de Educação do Amazonas e o Instituto Benjamin Constant, foi, também o momento de preparação para vivenciar os festejos da Imaculada Conceição¹⁶¹⁷.

Em 1955, aparece o registro do recolhimento espiritual das senhoras da LICF, e a realização do Tríduo de Estudos da JUC, com a presença da dirigente nacional, o qual tinha o intuito de dar suporte aos jucistas amazonenses para melhor conhecerem o meio universitário e renová-lo, e se prepararem para o ano vigente com o programa base trazendo por tema “A Família”¹⁶¹⁸. Ao final de janeiro foi anunciado o retiro anual da JICF, chamando para o piquenique e lembrando o cronograma das reuniões das jicistas. A nota do *Universal* cobrou, nominalmente, as que não apresentaram justificativa para a ausência na manhã de recolhimento¹⁶¹⁹. Em fevereiro, após realizado o círculo de estudos dos juristas, decidiram iniciar um inquérito para verificação entre os universitários da realização da Missa do Universitário, levando em consideração o número de estudantes, cerca de 300, nas três Instituições de Ensino Superior, e a centralidade da Eucaristia¹⁶²⁰. Ao final deste mês JICF e JOCF fizeram seu retiro anual, de carnaval, nas dependências do Santa Doroteia¹⁶²¹.

Em março, o *Universal* registrou a Semana de Estudos da AC, iniciativa de Dom Alberto, realizada de 20 a 27, tendo por tema “O que esperamos da Ação Católica? O que espera de nós a Ação Católica”. Uma das primeiras temáticas foi “Apostolado dos Leigos

¹⁶¹⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 27 de junho de 1954, n. 65, Ano II.

¹⁶¹⁵ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 4 de julho de 1954, n. 66, Ano II.

¹⁶¹⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 12 de setembro de 1954, n. 76, Ano II.

¹⁶¹⁷ Dia da JEC. **Universal**. Manaus, 5 de dezembro de 1954, n. 88, Ano II.

¹⁶¹⁸ **Universal**. Manaus, 9 de janeiro de 1955, n. 93, Ano II.

¹⁶¹⁹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 23 de janeiro de 1954, n. 95, Ano II.

¹⁶²⁰ Missa do Universitário. **Universal**. Manaus, 13 de fevereiro de 1955, n. 98, Ano II.

¹⁶²¹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 20 de fevereiro de 1955, n. 99, Ano II.

pela Vida Litúrgica”, em seguida se refletiu sobre a “Ação Católica e a Obra Arquidiocesana das Vocações Sacerdotais”. Nos dias que se seguiram as temáticas foram ligadas ao clero, ao operariado, a Catequese, religiosas, seminaristas, universitários, e a Pátria, e a relação e parceria destes com a AC. O último dia foi o momento das palestras “O que espera a Arquidiocese da Ação Católica?”, proferida por Dom Alberto Ramos, e “O que a Ação Católica espera da Arquidiocese?”, proferida por Maria de Miranda Leão¹⁶²².

Em abril, o *Universal* colocou em destaque a reflexão sobre o “Apostolado da Ação Católica”, afirmando que o apóstolo leigo é também um sacerdote leigo, não apenas pelo Batismo e Crisma, mas pela investidura oficial conferida pela Igreja à AC e às CCMM. Enfatiza que a AC dá ao cristão nova vitalidade e que por ela o cristão se torna participante no apostolado hierárquico da Igreja. Para reforçar, foi citada a Carta Pastoral de Dom Mário Vilas-Boas, onde afirma que a AC é dos leigos para os leigos, sendo o leigo, o realizador, e a hierarquia o diretor, numa relação de obediência e subordinação, a AC se torna ação do Corpo Místico Cristo, e, esta relação necessita ser clara, precisa, constante e sempre eficiente para não ser alvo de nenhuma ação cismática. Ainda foi citada a encíclica “Com singular complacência” de Pio XI, onde afirma ser a AC sinônimo de vida católica, “pois como não há ação sem vida, assim não haverá vida sem ação”. O *Universal* termina dizendo que a AC é fomentadora e defensora da vida sobrenatural das almas e conclamando todos os acistas a se revestirem de Cristo e enfrentarem todos os inimigos. “Avante, avante Ação Católica”!¹⁶²³.

Neste mês a coluna da Ação Católica passou a apresentar um espaço formativo para dar oportunidade de ampliar os conhecimentos dos jocistas e organizou uma semana de estudos intitulada “A Hora da Classe Operária” baseada nos estudos do Cônego Cardijn. Se enfatizou a necessidade de criar um movimento operário poderoso para ser capaz de realizar sua missão no mundo, e para tanto, os chefes operários devem desenvolver seu apostolado entre os irmãos¹⁶²⁴. Na semana seguinte os estudos ficaram pautados no tema “Vocação”, chamando a trabalhadora e o trabalhador à responsabilidade no cumprimento de militantes somado às demais associações religiosas na preparação dos operários para a

¹⁶²² **Universal**. Manaus, 20 de março de 1955, n. 103, Ano II.

¹⁶²³ Apostolado da Ação Católica. **Universal**. Manaus, 3 de abril de 1955, n. 105, Ano II.

¹⁶²⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 17 de abril de 1955, n. 107, Ano II.

comunhão pascal. Todas as fábricas da cidade foram visitadas para iniciar as aulas de preparação para a Páscoa¹⁶²⁵.

Em maio, o *Universal*, abordou a missão da AC em todo o Mundo, “como afirmação da Verdade e do Bem, como ofensiva salvadora contra os inimigos de Jesus Cristo, como militante do Seu Reino”, e que esta nobre missão atende à doutrina superior e é portadora de ardente caridade¹⁶²⁶. Todos os assistentes eclesiais e diretorias da AC foram convocadas para a reunião da JAAC (Junta Arquidiocesana da Ação Católica), onde entre outras questões, tomou-se as decisões sobre Pentecostes¹⁶²⁷. Neste mês foi definido o segundo domingo de cada mês para a Missa dos Universitários, com adesão dos três cursos: Direito, Serviço Social e Enfermagem¹⁶²⁸, sendo marcada a cerimônia de renovação do compromisso dos jucistas para Pentecostes¹⁶²⁹. Ao fechar o mês o *Universal* transcreveu o boletim Nacional Nacional da JUC, que retrata a perseguição às Universidades na Argentina, com o governo Perón, que tem silenciado professores e fechado cursos, cerceando a liberdade dos universitários, prendendo padres e membros da AC, e que se faz necessário conhecer o que está ocorrendo e se espalhando para outros países¹⁶³⁰.

A JOC comemorou o seu dia, 1º de maio, com missa no Dom Bosco, seguida de café para os rapazes e para as moças na sede da AC. O *Universal* falou que ainda é um Movimento incipiente em Manaus, mas que começou a dar passos firmes¹⁶³¹. Em julho, a coluna da JOC a apresentou como constituída de jovens destemidos que cumprem seus deveres e que lutam pela felicidade brasileira, que o trabalhador é a força da nação e que será recompensado por Deus¹⁶³². Ao final do mês foi organizada uma assembleia mista, com assinaturas de novos integrantes da JOC, na ocasião o tema debatido foi “O moço perante a moça e vice-versa”, encerrando com uma parte recreativa¹⁶³³. A coluna afirma

¹⁶²⁵ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 24 de abril de 1955, n. 108, Ano II.

¹⁶²⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

¹⁶²⁷ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

¹⁶²⁸ Movimento Universitário. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

¹⁶²⁹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 22 de maio de 1955, n. 112, Ano III.

¹⁶³⁰ Universitários Perseguidos. **Universal**. Manaus, 29 de maio de 1955, n. 113, Ano III.

¹⁶³¹ Dia Mundial da JOC. **Universal**. Manaus, 25 de abril de 1954, n. 56, Ano II.

¹⁶³² FREITAS, A. P. O que a JOC observa e institui. **Universal**. Manaus, 17 de julho de 1955, n. 120, Ano III.

¹⁶³³ PLAYFAIR, Tom. Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 17 de julho de 1955, n. 120, Ano III.

que o militante da AC tem a responsabilidade do sacerdócio leigo, de caminhar para a santidade, enfrentando as dores do mundo, carregando a cruz¹⁶³⁴.

A JEC anunciou em agosto a realização de um Tríduo para os militantes jecistas e para simpatizantes, ocorrendo simultaneamente nos Colégios Nossa Senhora Auxiliadora e Santa Dorotéia, e no Instituto Benjamin Constant, para os dias três, quatro e cinco de setembro. Três temáticas foram escolhidas para esses dias de especialização jecista: Método ver, julgar e agir; a Equipe de Irradiação; e o Mergulho na realidade¹⁶³⁵. Neste mês foi implantado o núcleo da JOC na paróquia de São José, e a coluna afirmou que a força dos direitos do trabalhador está na união das classes, que todo apoio deve ser dado ao sindicato que é um órgão constituído de trabalhadores¹⁶³⁶. Também, foi criado o núcleo em Santa Luzia, a 14 de agosto¹⁶³⁷.

Na continuidade de agosto, o *Universal* apresentou uma nota falando de São Francisco de Assis, eleito padroeiro da AC por Pio XI em sua encíclica *Rite Expiatis*, de 1926¹⁶³⁸. A carta celebrava o sétimo centenário da morte de São Francisco. Pio XI, escreveu que o espírito franciscano em nada difere do sentimento e da prática evangélica, citou o enfrentamento das dificuldades da época vividas por Francisco e que manteve as virtudes cristãs, que ele foi “providenzialmente chiamato all’opera di riforma e di salvezza dei suoi contemporanei e di aiuto per la Chiesa universale”, e lançou as bases para a renovação da sociedade¹⁶³⁹. PioXI não só o apresentou como patrono da AC, mas também de seu Pontificado. E, deve ser lembrado mais uma vez que Pio IX, Pio X e Pio XI eram franciscanos, pertencentes à OFS.

Em setembro, também ocorreu a implantação de mais um núcleo da JOC, no bairro de São Raimundo¹⁶⁴⁰, e o Pe. Serra publicou no *Universal* uma reflexão sobre a *Quadragésimo Anno*, ressaltando a declaração de que a restauração social só será alcançada pela renovação total do espírito cristão, e que para realizar essa empreitada o desenvolvimento da AC é essencial, chamando os sacerdotes à responsabilidade da formação do apostolado leigo¹⁶⁴¹.

¹⁶³⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 31 de julho de 1955, n. 122, Ano III.

¹⁶³⁵ Tríduo Jecista. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126, Ano III.

¹⁶³⁶ PLAYFAIR, Tom. Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

¹⁶³⁷ PLAYFAIR, Tom. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125, Ano III.

¹⁶³⁸ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

¹⁶³⁹ PIO XI. *Rite Expiatis*. Roma, 30 de abril de 1926.

¹⁶⁴⁰ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

¹⁶⁴¹ SERRA, Padre. A *Quadragésimo Anno*. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

A JUC realizou seu acampamento de cinco a sete do mês de setembro, contendo círculos de estudo que debateram temas universitários e do programa nacional, com exposição e discussão, completando com um momento de lazer. Das conclusões do acampamento saíram cinco pontos: a JUC não deve negar-se ao trabalho da faculdade; participar ativamente dos diretórios e da faculdade; promover mensalmente palestras com temas instigantes, em locais acessíveis e dias alternados; incentivar a leitura de bons livros para a formação da juventude; e promover mensalmente a Missa dos Universitários¹⁶⁴². A Missa da JUC, nesse mês, foi presidida pelo próprio Arcebispo, que abordou a questão do despertar da juventude e sua prontidão ao trabalho. Estiveram presentes os professores da Faculdade de Direito e da Escola de Serviço Social, ficando definido segundo domingo de cada mês para a Missa Universitária¹⁶⁴³.

Em outubro, a JOC realizou sua assembleia e escolheu por tema “O Noivado” para debater sobre o futuro da juventude e a construção de novos lares com formação cristã. Ao final a JOC lembrou que é “uma organização de rapazes e moças que procura completar a formação de cada trabalhador, é uma escola viva que procura ensinar a juventude para que saiba enfrentar sua dificuldade como operário honesto e cristão”, afirmando que deseja a felicidade de toda a juventude brasileira e que tenham seus direitos garantidos. Terminou chamando mais jovens a se tornarem soldados de Cristo, nas fileiras da JOC¹⁶⁴⁴.

Após a missa de outubro da JUC, os jucistas foram convocados para a palestra que nesse mês ficou sob a responsabilidade dos estudantes de Direito e para o círculo de estudos em novembro sobre o ambiente universitário e seus problemas diários¹⁶⁴⁵. Na manhã de recolhimento de outubro, convocada pela JICF, contou com a presença da JEC e da JUC, com seus setores feminino e masculino¹⁶⁴⁶. O núcleo da JICF, de Parintins, solicitou a presença de representantes da sede, por ocasião da instalação da Prelazia, para levar as técnicas da AC para os novos militantes, ficando definido o envio de um grupo de jicistas para atuar por três dias em Parintins¹⁶⁴⁷. A AC anunciou que em dezembro o programa para o próximo ano ficará pronto, mas já definido que o tema central será o mesmo para todos

¹⁶⁴² Juventude Universitária Católica. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

¹⁶⁴³ Juventude Universitária Católica. **Universal**. Manaus, 18 de setembro de 1955, n. 129, Ano III.

¹⁶⁴⁴ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 9 de outubro de 1955, n. 131, Ano III.

¹⁶⁴⁵ Juventude Universitária Católica. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

¹⁶⁴⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

¹⁶⁴⁷ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135, Ano III.

os setores, “O Trabalho”¹⁶⁴⁸. A JAAC anunciou que seu novo presidente passou a ser André Vidal de Araújo¹⁶⁴⁹. A JOC anunciou sua visita social de Natal a diversos lugares, entres eles ao Sanatório Adriano Jorge, e a direção da JOCM solicitou a prestação de contas da venda do Jornal Juventude Trabalhista¹⁶⁵⁰.

O primeiro comunicado da AC para 1956, foi sobre a manhã de recolhimento, já em preparação para o retiro que se aproximava, e que para este dia a JAAC e as diretorias arquidiocesanas e paroquiais, e os assistentes eclesiásticos, estavam convocadas para juntos traçarem o plano o ano que se iniciava¹⁶⁵¹. Uma semana depois, o próprio Arcebispo convocou a JAAC e as diretorias, acrescentando o chamado para a Federação Mariana para definição de programas e planos de trabalho para 1956¹⁶⁵². Na reunião, presidida por Dom Alberto, foi definido: incentivo à campanha do tesourinho espiritual a ser encaminhado ao Santo Padre Pio XII, por ocasião de seus 80 anos; promoção de uma semana de estudos, para março, tendo na frente os vigários das paróquias da capital, e que seja encerrada com sessão solene em homenagem ao Papa; organização de retiros para os dias de carnaval; organizar homenagem ao primeiro militante da AC que será ordenado em 17 de março, diácono Moisés Lindoso; e José Bernardino Lindoso passou a representar a ACA no Conselho Estadual da Legião Brasileira¹⁶⁵³.

Ao final de janeiro, a JOC começou a se preparar para implantar núcleos, também da JOCF, no Sanatório Adriano Jorge, obtendo boa receptividade de moças e rapazes ali internados, destacou, ainda, o trabalho de jocistas de Parintins e o empenho dos estagiários em prol do movimento, e, reforçou que todo jovem assalariado, não apenas para operários, mas comerciários, funcionários públicos, e demais, podem, e devem, se juntar ao movimento¹⁶⁵⁴. E, no boletim da LICF, foi destacado que não é tempo de lamentação por erros passados e nem de saudosismo por virtudes perdidas, é tempo de ação¹⁶⁵⁵. Foi anunciado o Encontro Regional da JICF, de oito a 10 de fevereiro, em Belém, para participação do Amazonas, Pará e Maranhão, sendo daqui confirmada uma representante;

¹⁶⁴⁸ Coluna de Ação Católica. **Universal**. Manaus, 13 de novembro de 1955, n. 136, Ano III.

¹⁶⁴⁹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de dezembro de 1955, n. 140, Ano III.

¹⁶⁵⁰ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 18 de dezembro de 1955, n. 141, Ano III.

¹⁶⁵¹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 8 de janeiro de 1956, n. 144, Ano III.

¹⁶⁵² Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145, Ano III.

¹⁶⁵³ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 22 de janeiro de 1956, n. 146, Ano III.

¹⁶⁵⁴ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

¹⁶⁵⁵ LICF. **Universal**. Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

e, também, o anúncio do retiro anual de 12 a 14 de fevereiro, no Santa Doroteia¹⁶⁵⁶. Para o retiro, ficou como pregador Dom Alberto, e para o Regional a dirigente do Rio de Janeiro, Isabel Maria, com a seguinte discussão: ponto fraco e direção espiritual; a responsabilidade da dirigente; penetração do meio e novas militantes; estrutura da organização regional e material de propaganda¹⁶⁵⁷.

Em fevereiro, os jocistas falaram de seu animando piquenique, congregando seus membros, e ao mesmo tempo, fez lembrar que o inquérito é parte integrante do método jocista. O inquérito permite: conhecer o meio ambiente e suas causas (VER); estudar os fatos observados à luz da doutrina católica (JULGAR); e atuar eficazmente na sua transformação (AGIR). E, reafirmou-se que a AC é a participação dos leigos no apostolado da Hierarquia¹⁶⁵⁸. A JOC reforçou que cada jocista deve ser ativo, entusiasta e propagandista do movimento, repetindo para si mesmo “a JOC sou eu”¹⁶⁵⁹. Para esse mês a JICF, também, anunciou uma excursão para a Escola de Enfermagem, uma matinê no Cinema Éden para todas as militantes, e que já estava finalizando a campanha do tesourinho espiritual nas intenções do Papa, e, ainda aparece a cobrança aos membros de Parintins para que comuniquem como vai a caminhada e a necessidade do envio de membros para o retiro¹⁶⁶⁰. Novos integrantes passaram a compor a JICF, e aproveitou-se o momento para reforçar alguns pontos: a AC é laical sob a autoridade do Bispo que conta com a colaboração do clero; a AC é essencialmente diocesana, sendo todas as diretrizes direcionadas pelo próprio Bispo¹⁶⁶¹. O fato de ela ser diocesana e estar diretamente ligada ao Bispo, a torna uma associação diferente, em termos de atuação e resposta.

O acampamento anual da JEC ocorreu em Adrianópolis na casa das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, tendo o círculo de estudo abordado o tema “A Técnica do Apostolado Jecista”, depois do estudo tiveram um momento para participar do piquenique das Filhas de Maria¹⁶⁶². Ao final de fevereiro a JOC alertou que a importância de ampliar o número de militantes é algo primordial, pois não basta ter padres, religiosos e religiosas, a Igreja necessita de militantes, são eles o futuro da Igreja. Essa reflexão extraída das

¹⁶⁵⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

¹⁶⁵⁷ JICF. **Universal**. Manaus, 6 de fevereiro de 1956, n. 148, Ano III.

¹⁶⁵⁸ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 6 de fevereiro de 1956, n. 148, Ano III.

¹⁶⁵⁹ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149, Ano III.

¹⁶⁶⁰ JICF. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, 149, Ano III.

¹⁶⁶¹ JICF. **Universal**. Manaus, 20 de fevereiro de 1956, n. 150, Ano III.

¹⁶⁶² Eco Jecistas. **Universal**. Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano III.

discussões do Monsenhor Cardijn, reflete bem a força do laicato e chama a atenção da Igreja para não a perder¹⁶⁶³. Ao iniciar abril, tempo pascal, a JICF desejou a suas irmãs, JECF E JUCF, atuantes no meio escolar e universitário, que vibrem cada vez mais a paz e a unidade, para irmã JOCF o desejo de entusiasmo perene na difícil missão com a juventude operária, e para a JMC, HAC e a LICF, a esperança de dias melhores, alcançando uma engrenagem perfeita¹⁶⁶⁴. A JICF divulgou o Curso de Dogmática e Moral, a ser ministrado pelo Pe. Moisés Lindoso em vários dias da semana, sendo aberto para todos, mas aparece um convite especial para as jecistas da Aparecida, os jucistas e a JICM¹⁶⁶⁵.

Como preparação para o Dia Internacional da JOC, foram organizadas conferências, e, comemorando o dia, em forma de oração, pediram que cada vez mais pudesse penetrar no imenso horizonte conquistando mais irmãos operários¹⁶⁶⁶. A coluna destacou a realização de campeonato esportivo, o festejo no Sanatório, onde o movimento está bem entrosado; as paredes do bairro de São Raimundo ficaram marcadas com frases alusivas ao dia; e, ao Pe. Ruas foi feito um bolo surpresa¹⁶⁶⁷. Aparece, na coluna, o registro das paróquias onde a JOC já estava inserida, além de São Raimundo, em São José Operário, Santa Luzia, e Perpétuo Socorro, onde estão recebendo apoio do Cônego Plácido para o crescimento do núcleo¹⁶⁶⁸. A JOC anunciou, em maio, a realização de Curso para Dirigentes, com o objetivo de melhor preparar aqueles que têm a missão de conduzir o movimento¹⁶⁶⁹, e em junho, que, junto ao Pe. Ruas estavam auxiliando os Engraxates para fundação de seu sindicato, solicitando à Casa dos Trabalhadores que ali pudessem realizar suas reuniões¹⁶⁷⁰.

A JICF promoveu em todas as paróquias a Páscoa das Moças, para melhor vivenciar o tempo pascal, e ficou responsável pela manhã de recolhimento, neste mês de maio, como preparação para a renovação do compromisso e entrega dos distintivos, que este ano ficou para o Dia de Corpus Christi¹⁶⁷¹. Em junho, a JICF anunciou a troca de diretoria, a organização de três dias de festa junina, em favor do Seminário de sua organização, e que

¹⁶⁶³ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 4 de março de 1956, n. 152, Ano III.

¹⁶⁶⁴ JICF. **Universal**. Manaus, 1º de abril de 1956, n. 156, Ano III.

¹⁶⁶⁵ JICF. **Universal**. Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157, Ano III.

¹⁶⁶⁶ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160, Ano III.

¹⁶⁶⁷ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 6 de maio de 1956, n. 161, Ano III.

¹⁶⁶⁸ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162, Ano III.

¹⁶⁶⁹ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 27 de maio de 1956, n. 164, Ano III.

¹⁶⁷⁰ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano III.

¹⁶⁷¹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 12 de maio de 1956, n. 162, Ano III.

os militantes devem ter 100% de frequência, totalmente empenhados em ser jicista¹⁶⁷². Realizou-se, em Roma, o Congresso das Juventudes Femininas, e a JICF, em sua coluna, transcreveu o discurso de Pio XII para as moças, aqui apresento um trecho: “[...] a rapidez e a comodidade dos meios de comunicação, a abundância de livros e periódicos, a rádio, o cinema, a televisão põe-nos em contato com todas as formas da vida e da atividade humana [...]. E, mais à frente, o Papa chamou-as à responsabilidade “[...] visto que assumistes a missão de responder às necessidades atuais da juventude no plano internacional, deveis olhar de frente a dificuldade e buscar-lhe as soluções adequadas[...]”¹⁶⁷³.

Em julho, a manhã de recolhimento foi conduzida pelo próprio Arcebispo¹⁶⁷⁴. A JOC anunciou o início da campanha para preparação espiritual em favor da Peregrinação Jocista para agosto do próximo ano¹⁶⁷⁵, que será em Roma, com o objetivo de “renovar o espírito apostólico do missionário da JOC”¹⁶⁷⁶. O *Universal* apresentou uma nota da LOC se dirigindo aos operários, onde se afirmar que “o operário com sua dignidade de cristão, saberá desempenhar na sociedade o papel que lhe compete, que é o de uma força propulsora, trabalhando de acordo com as normas da técnica e do direito a que faz jus”¹⁶⁷⁷. A JEC reforçou a importância de participar das reuniões e atividades, e chamou a atenção especialmente das jecistas do IEA, e que todos devem se empenhar na construção de um autêntico movimento em Manaus¹⁶⁷⁸. Em agosto foi realizado o II Encontro Regional da JOC, em Belém, iniciado por um retiro e seguido por dias de estudo, dias em que, segundo a JOC, “cada jocista descobriu melhor a sua capacidade de amar, dias que, como a luz de uma lâmpada, mostrou o seu lugar no Corpo Místico de Cristo”¹⁶⁷⁹. A JOC é apresentada como o fermento que ligará toda a humanidade, e não apenas os operários, mas sem esquecer que nada poderá fazer como missionário se não se alimentar da Eucaristia, é incompreensível que um militante vá à missa e não comungue¹⁶⁸⁰.

Em setembro, pré-jecistas debateram o tema “A Força de Vontade”, e jecistas, em seus círculos, estão estudaram o tema “Pensando no Futuro”, que é o mesmo para todos os

¹⁶⁷² JICF. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano III.

¹⁶⁷³ JICF. **Universal**. Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano III.

¹⁶⁷⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de julho de 1956, n. 171, Ano III.

¹⁶⁷⁵ Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

¹⁶⁷⁶ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano III.

¹⁶⁷⁷ Orientação Operária. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

¹⁶⁷⁸ Coluna Jecista. **Universal**. Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano III.

¹⁶⁷⁹ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 2 de setembro de 1956, n. 178, Ano III.

¹⁶⁸⁰ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano III.

jecistas brasileiros¹⁶⁸¹. Ao final de setembro a JEC realizou uma Semana de Estudos, onde Dom Alberto proclamou São Domingos Sávio como Patrono da Juventude Amazonense, e a JECF promoveu a Semana da Bíblia, iniciando a campanha pela Crisma¹⁶⁸². A JICF anunciou com alegria que o Encontro Regional do próximo ano será realizado em Manaus, e que devem se preparar para receber dirigentes de Belém, São Luís e Santarém¹⁶⁸³, marcado para a segunda quinzena de janeiro¹⁶⁸⁴. Para o mês de outubro foi organizado um curso de inglês para jecistas¹⁶⁸⁵. E, para novembro, foi anunciada a Campanha das Boas Provas, com confecção de cartazes que alertavam para a chegada das provas, com frases de estímulo, afixados em diversos estabelecimentos de ensino¹⁶⁸⁶.

Em outubro, a manhã de recolhimento teve como principal objetivo a preparação para a Festa de Cristo Rei. O Tríduo da Semana da Ação Católica teve como tema “O Reinado de Cristo no Indivíduo, na Família e na Sociedade”. No dia 28, Festa de Cristo Rei, houve a benção e a entrega dos distintivos, seguida da missa na Catedral, depois a programação teve continuidade no Edifício Pio XII, com atividades culturais e discursos, coroação de Cristo Rei e consagração da Humanidade a Ele, iniciando com o hino da AC e terminando com o hino de Cristo Rei¹⁶⁸⁷.

A JOC e a JEC, em conjunto, promoveram confraternização e treinamento para suas equipes, e no domingo seguinte a JOC realizou manhã de estudo, em 21 de outubro, com convocação para todos os jecistas¹⁶⁸⁸. E, antes de encerrar o mês, a JOC visitou o Sanatório Adriano Jorge e o Seminário São José. A coluna enfatiza que um militante é um verdadeiro soldado de Cristo em prol da coletividade, encaminhando-os para Cristo. A coluna também fez denúncias de demissões indevidas, em Manaus, e cobrou salários justos¹⁶⁸⁹.

Ao final de outubro, a JOC apresentou no *Universal* algumas questões que parecem ser um esclarecimento dentro dos círculos de estudo, mas ao mesmo tempo abre margem para pensarmos sobre o porquê desses pontos, se são apenas reforço necessário para os ajustes dos núcleos ou se internamente havia divergência e questionamentos. As questões eram:

¹⁶⁸¹ Coluna Jecista. **Universal**. Manaus, 9 de setembro de 1956, n. 179, Ano IV.

¹⁶⁸² Coluna Jecista. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano IV.

¹⁶⁸³ JICF. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano IV.

¹⁶⁸⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

¹⁶⁸⁵ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

¹⁶⁸⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

¹⁶⁸⁷ Solenidades da Festa de Cristo Rei. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

¹⁶⁸⁸ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

¹⁶⁸⁹ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

“A JOC deve ser paroquializada? Para que existem as sessões nos bairros? A partir daí foi lembrado que uma vez paroquializada, ela não pode agir de forma independente, pois estará subordinada à Federação, e que em cada sessão deve haver um conselho responsável pelas reuniões mensais em consonância com as deliberações da Federação, lembrando ainda que os comitês da Federação estão em união com o Arcebispo Metropolitano¹⁶⁹⁰. Nessa estrutura, como forma de organizar, mas também de controlar, é perceptível uma centelha de autonomia que desencadeará no futuro a independência de setores do movimento diante do cenário ditatorial que o Brasil vai adentrar na próxima década.

Ao falar do militante da JOC, afirma-se que deve ser um “jovem dedicado a lutar com ardor pela causa dos problemas da causa obreira”, que assume sua responsabilidade e não descuida da formação intelectual, moral e religiosa, “é um verdadeiro soldado de Cristo, que enfrenta as maiores lutas renhidas, em busca da vitória coletiva da humanidade, encaminhado-a para Cristo”¹⁶⁹¹. Todo esse discurso de ser soldado de Cristo, serve para todos os setores da AC, reforçado pelo ingresso de novos militantes a cada ano. É importante dizer como ficou perceptível, que depois de um tempo a coluna operária que foi bem ativa, cedeu lugar ou foi substituída pela coluna da JOC, o que é outro indício de os círculos operários tinham mais independência por não estarem vinculados a nenhuma paróquia.

A JEC, lembrou, também, que ser militante é ser presença cristã no meio, como testemunha e luz, é o eixo que estimula a ação dos outros, e se algum núcleo fracassa é porque ali faltou a alma de militante¹⁶⁹². Pe. Nonato Pinheiro reforça que todo cristão enfrenta dificuldade e carrega sua cruz, e, ainda mais o militante da AC que se sacrifica para alargar os domínios de Cristo e restaurar tudo Nele¹⁶⁹³. Assim, confiantes neste ideal, ao final de outubro, na Festa de Cristo Rei novos militantes da AC, receberam seus distintivos¹⁶⁹⁴.

A JEC realizou, em novembro, duas visitas, a primeira ao Seminário São José com o intuito de apresentar-se aos seminaristas, e a segunda ao Sanatório Adriano Jorge, a fim

¹⁶⁹⁰ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

¹⁶⁹¹ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

¹⁶⁹² Ação Católica. **Universal**. Manaus, 4 de novembro de 1956, n. 187, Ano IV.

¹⁶⁹³ PINHEIRO, Padre Nonato. Carta a uma jovem da Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano IV.

¹⁶⁹⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

de conhecer internamente estas Instituições¹⁶⁹⁵. As metas jecistas foram reforçadas para todos os membros: Empenho, vivendo na graça de Deus; Força, com Jesus na Eucaristia, como sustento, e confissão frequente; Alegria, no cumprimento do dever; Felicidade, na busca da pureza; Ideal, conquistar almas para Deus; Glória, amar e defender o Papa. E foi anunciado, pela JEC, a promoção de um curso gratuito de admissão ao Ginásio, para dezembro. A JICF, em sua manhã de recolhimento lembrou que devem ser cumpridos os propósitos estabelecidos no retiro, e que sejam reforçadas as orações pelo seu desenvolvimento, também neste mês recebeu novos militantes. A JOC, em sua coluna, pede aos jocistas que sejam apóstolos no meio do operariado, ensinando-os através do Cristo Operário¹⁶⁹⁶, e que sejam ativos, alegres e conquistadores¹⁶⁹⁷.

Em dezembro, registrou-se a realização das Assembleias da JICF, onde se prestou homenagem ao Arcebispo e ao assistente eclesiástico, e da JEC com troca de lembranças entre as jecistas, a criação de mais um núcleo da JECM no Colégio Dom Bosco, e a realização, pela JEC, do Natal para crianças carentes¹⁶⁹⁸, com distribuição de brinquedos, no dia 25 de dezembro¹⁶⁹⁹. A JICF fez questão de anunciar a formatura de professorandas do Colégio Auxiliadora, que passaram a ser suas novas integrantes¹⁷⁰⁰. A JOC passou a ter um programa na Rádio Difusora, quinzenal¹⁷⁰¹, e promoveu no dia 30 de dezembro uma mesa redonda, composta por autoridades, para debater e exigir a criação de novos cursos profissionalizantes e mais escolas primárias¹⁷⁰².

Ao começar janeiro de 1957, na coluna da JOC se falou da angústia de Dom Alberto por poucos homens frequentarem a igreja, e a JOC se manifestou dizendo que compartilha desta angústia e que continua firme no desejo de ver Cristo reinar em todos os homens desta terra, e em seguida fez uma motivação aos seus núcleos para o tamanho da responsabilidade que carregam e para não desanimarem da luta¹⁷⁰³. Este é mais um indício de que a maior parte dos movimentos era composto por mulheres, visível entre os setores

¹⁶⁹⁵ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano IV.

¹⁶⁹⁶ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 18 de novembro de 1956, n. 189, Ano IV.

¹⁶⁹⁷ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 11 de novembro, n. 188, Ano IV.

¹⁶⁹⁸ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

¹⁶⁹⁹ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 30 de dezembro de 1956, n. 195, Ano IV.

¹⁷⁰⁰ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

¹⁷⁰¹ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 16 de dezembro de 1956, n. 193, Ano IV.

¹⁷⁰² A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

¹⁷⁰³ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1957, n. 196, Ano IV.

da AC a presença e participação de muitas associadas e várias delas aparecem como dirigentes e lideranças.

O Encontro Regional da JICF do Norte ficou definido para a segunda quinzena de fevereiro com previsão de vir para Manaus militantes de Belém, São Luís, Santarém, Bragança, Parintins e Itacoatiara, além de uma representante da Equipe Nacional. O assistente eclesiástico, Pe. Moisés Lindoso, reuniu com as jicistas para as resoluções do Encontro, convocando todas para oração e participação, em prol de sua realização¹⁷⁰⁴. Na coluna a JEC, apareceu a informação de uma aula ministrada, seguindo o programa para janeiro, e coube ao Pe. Moisés Lindoso, que enfatizou que sem Amor não pode haver AC, que Deus criou tudo para os homens, mas estes corrompem tudo, e a missão da AC é recristianizar tudo. A JEC, também, informou que visitou, conforme planejado, aos doentes da Santa Casa de Misericórdia¹⁷⁰⁵.

Ao final de janeiro aparece uma nota no *Universal* onde a AC parece um tanto contraditória, apontando esses três pontos: não ter a pretensão de conquistar a todos, não ser um movimento de massa, pois os conquistados ao se tornarem numerosos querem conquistar o conquistador; conquistar os melhores, empregando energia aos que valem para as fileiras da AC; conquistar os meios honestos e seus próprios meios, deve-se pregar Deus pela vida, dedicação e convicção, “a AC pede sacrifício, esquecimento de si, abnegação, dedicação”¹⁷⁰⁶. Na coluna da JOC, que seus membros devem se entrosar na massa e transformá-la¹⁷⁰⁷. É visível a contradição na afirmação da AC de recristianizar, de levar todos a viver o Reino de Cristo. Mas é visto, também, nesse discurso, o medo de perder o controle, pois se quer uma padronização, um militante que se encaixe no perfil estabelecido. Isso me soa como um grupo de elite católica, como sabedor e portador das virtudes e qualidades, querendo apenas enquadrar a massa, sem se preocupar se todos irão vivenciar plenamente o projeto cristão. Mas, também, deve-se pontuar que esse discurso, contraditório em si mesmo, é revelador das visões diferenciadas e das pequenas

¹⁷⁰⁴ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano IV.

¹⁷⁰⁵ Ação Católica. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano IV.

¹⁷⁰⁶ A Ação Católica é um movimento de escola e não de massa. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano IV.

¹⁷⁰⁷ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano IV.

dissidências que se tornaram fortes posteriormente, e do clericalismo que se reproduz em algumas instâncias laicais. Mais uma vez é visto a centelha aqui¹⁷⁰⁸.

A LOCF apresentou, em nota, um esclarecimento, dizendo que tem a mesma proposta da JOCF, mas direcionada para quem tem mais de 30 anos ou já constituiu família. Desta forma a JOC, busca atender a todo o público trabalhador, e que a LOCF já é uma realidade em Manaus, em processo de desenvolvimento¹⁷⁰⁹. A JOC reforçou a Campanha da Peregrinação a Roma, animando os jocistas que serão recebidos pelo Santo Padre¹⁷¹⁰. A JOC considerou ser este um ano decisivo para se tornar cada vez mais missionária e apostólica. A previsão de presença de 30.000 jovens em Roma, com o intuito de fazer desta Peregrinação “uma nova etapa para a conquista da juventude trabalhadora de todos os países do mundo”¹⁷¹¹.

A JEC e a JECF anunciaram seu acampamento anual, em locais separados, ficando sob a responsabilidade dos padres Bernardino, Moisés e Diomar, com a mesma temática para os dois grupos. Pe. Bernardino ficou com “Noção”, “Laicato”, “Participação”, “Submissão à Hierarquia e Apostolado”. Pe. Moisés com “Metodologia da JEC (Ver, Julgar e Agir)”, “Formação Pessoal e Apostolado”. Pe. Diomar com “O Problema Moderna da Santidade Leiga” e “Principais Valores de uma Santificação no Mundo”¹⁷¹². O Encontro Regional da JICF, ocorrido em Manaus, sofreu um atraso na data prevista e acabou acontecendo no início de março, no Ginásio Santa Doroteia, com as seguintes temáticas centrais: “Militante e seu campo de ação”; e “Método, Inquérito, Técnica e Serviço”. Todo o Encontro foi acompanhado pelo Arcebispo de Manaus, e os Assistentes Eclesiásticos de Manaus e do

¹⁷⁰⁸ Refiro-me ao percurso intelectual, especialmente da JUC, que vai despontar como esquerda católica ganhando forma e força ainda na década de 1950, a partir da França, com debate politizado e militância, até parte dela dá uma guinada ainda mais à esquerda, desembocando na AP. Sem falar na JOC e no MEB, bem engajados nas lutas sociais. Para Scott Mainwaring, a virada radical da JUC se deu em sua Conferência em 1959, quando entrou em conflito com a hierarquia, segundo o autor, a visão de Igreja dos Bispos ainda era hierárquica, mesmo buscando o envolvimento dos leigos, não lhes concedia autonomia, a ponto de a JUC ser suprimida pela hierarquia. MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 71.84. Para Pedro Oliveira, a esquerda católica se expressou pela Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC), pelo MEB e pela AP, sendo a JUC a grande referência para a esquerda católica. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. “Esquerda Católica”: o recurso às Ciências Sociais. In: HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico; RODRIGUES, Elisa (Orgs.). **Experiências e Interpretações do Sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 156. Essas questões representam inquietações para o futuro, caminham para além do meu recorte.

¹⁷⁰⁹ Conversando com a LOCF. **Universal**. Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano IV.

¹⁷¹⁰ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 3 de março de 1957, n. 202, Ano IV.

¹⁷¹¹ A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 10 de março de 1957, n. 203, Ano IV.

¹⁷¹² Ação Católica. **Universal**. Manaus, 3 de março de 1957, n. 202, Ano IV.

Pará. Além do que já havia sido citado, estiveram presentes representantes da Prelazia do Rio Branco¹⁷¹³.

Em abril, registrou-se o início das atividades da JOC nos bairros de São Francisco e Praça 14. A JEC anunciou a realização de grande inquérito sobre leitura, e Pe. Moisés em reunião com JEC e JECF, reforçou a questão fundamental da unidade entre os jovens¹⁷¹⁴. A comemoração do Dia do Trabalho iniciou com uma missa, e em seguida, na Casa do Trabalhador, ocorreu uma reunião com a presença de representantes dos poderes, a JOC destacou a fala do presidente do Sindicato dos Gráficos que foi o único a não fazer propaganda política e falando de assuntos voltados ao trabalhador¹⁷¹⁵. Em maio ocorreu, no Rio de Janeiro, o Encontro do Episcopado com Assistentes e Diretores Nacionais da ACB, com as seguintes temáticas: “Os mais graves problemas suscitados pelo meio estudantil, pelo meio operário e pelo meio independente”; “Resposta da Ação Católica Especializada às exigências do meio”; “Ação Católica de Adultos”; Ação Católica e Paróquia”; “A Ação Católica e o Assistente Eclesiástico”. Dom Alberto esteve presente em todas as reuniões deste Encontro¹⁷¹⁶. Em junho, a JEC falou com alegria do crescimento de sua família, com o ingresso de novos militantes¹⁷¹⁷, e anunciou o I Encontro Nacional da JECM para o próximo mês¹⁷¹⁸.

Ainda em junho, a JOC falou da centralidade em Cristo, que é preciso partir do Altar para o lar, a fábrica, escritórios, e demais lugares de trabalho, e pediu uma campanha espiritual até a realização do Congresso Internacional em agosto. A mesma coluna apresentou o regulamento da JOCF: Art. 1º a Juventude Operária Católica Feminina da JFC (artigos 8º e 11º dos Estatutos da ACB), procura elevar a juventude trabalhadora material, social, moral e espiritual, realizando-se como escola, serviço e corpo representativo; Art. 2º - são consideradas jovens trabalhadoras: jovens em idade de iniciar a profissão, jovens empregadas em diversos trabalhos e que possuem menos de 30 anos, jovens que ainda não trabalham, mas compartilham das aspirações da classe trabalhadora; Art. 3º - a JOC admite três categorias de membros: jocistas, jovens que aderiram ao movimento jocista e seguem sua orientação; militantes, jocistas que tomaram consciência

¹⁷¹³ Ibidem. 1957.

¹⁷¹⁴ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, ano V.

¹⁷¹⁵ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 5 de maio de 1957, n. 214, Ano V.

¹⁷¹⁶ Encontro Nacional de Ação Católica. **Universal**. Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, Ano V.

¹⁷¹⁷ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 9 de junho de 1957, n. 219, Ano V.

¹⁷¹⁸ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 30 de junho de 1957, n. 222, Ano V.

de sua responsabilidade cristã, e exercem influência diante dos problemas do meio; e dirigentes, militantes que assumem cargos de direção¹⁷¹⁹.

Em junho a JICF anunciou a realização do seu Encontro Nacional, no Rio de Janeiro, tendo como tema principal “O Espírito Jicista”, e, anunciou que já está presente em Itacoatiara, onde as jicistas estão dando os primeiros passos¹⁷²⁰. A JEC anunciou sua Campanha do Livro de Ouro com arrecadação para a fundação do Clube do Livro, com o objetivo de “trabalhar por um Amazonas melhor, através de uma mocidade sã e culta”¹⁷²¹. Para o dia 25 de agosto a JOC convocou todos os jocistas e amigos da JOC, além de contar com a presença de Dom Alberto, para uma assembleia popular de renovação do seu compromisso em todo o Brasil pela salvação da juventude trabalhadora¹⁷²². Em setembro, a JEC anunciou a organização do Curso de Filosofia e Oratória, e, a JOC falou que de agosto de 1957 a setembro 1958 passará por um programa de estudo da base, para facilitar a criação de novos núcleos e é uma oportunidade de renovação da vida jocista em cada um dos seus membros¹⁷²³. Ainda, a JOC refletindo sobre sua caminhada, lembrou que seu nascimento foi a partir de um grande inquérito realizado por Monsenhor Cardijn que se fez um com os operários para entender suas misérias físicas e morais, foi assim que ele desenvolveu o método Ver, Julgar e Agir¹⁷²⁴.

Ao final de setembro Dom Alberto se despediu de Manaus, mas continuou como Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus, como pudemos acompanhar no capítulo anterior. Acompanhando o *Universal*, se vê a continuidade de todas as programações dos setores da AC como o planejado, mesmo na ausência de Dom Alberto. E, em outubro a JOC anunciou o início de um núcleo na Escola Técnica¹⁷²⁵. Em novembro, o Clube de Leitura foi instalado no Edifício Pio XII¹⁷²⁶. Ao final do ano ocorreram as assembleias avaliativas e de confraternização, e as programações sociais de Natal¹⁷²⁷.

Logo na virada para o ano de 1958, a JOC realizou a assembleia popular para saudar os jovens e homenagear os jocistas na passagem do Ano Novo, estiveram presentes muitos

¹⁷¹⁹ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 23 de junho de 1957, n. 221, Ano V.

¹⁷²⁰ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

¹⁷²¹ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 28 de julho de 1957, n. 226, Ano V.

¹⁷²² Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

¹⁷²³ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 15 de setembro de 1957, n. 233, Ano V.

¹⁷²⁴ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 22 de setembro de 1957, n. 234, Ano V.

¹⁷²⁵ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 27 de outubro de 1957, n. 239, Ano V.

¹⁷²⁶ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 24 de novembro de 1957, n. 242, Ano V.

¹⁷²⁷ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 22 de dezembro de 1957, n. 245, Ano V.

jovens trabalhadores, e alguns membros da JEC e da JIC¹⁷²⁸. Celebrando o tempo natalino, a JOC e a JOCF estiveram presentes no Sanatório Adriano Jorge, onde promoveram uma noite festiva para os internos, e na segunda semana de janeiro, a JOC realizou sua manhã de formação, com o tema “Lealdade no compromisso Jocista”¹⁷²⁹. Ao final de janeiro, ocorreu a Assembleia Geral dividida em dois blocos, o primeiro em Educandos com os jocistas de Santa Luzia, o segundo na Praça 14 para os jocistas de Fátima e São José¹⁷³⁰. Para fevereiro a JOC, organizou um festival no bairro de Santa Luzia, e o espetáculo teatral ocorrido na Escola Domingos Sávio¹⁷³¹.

A JEC realizou o III Encontro Regional, Norte-Nordeste, com a discussão sobre os problemas estudantis e as variadas trocas de experiências. A JEC aproveitou a presença do Administrador Apostólico, Dom Alberto Ramos, para a apresentação da nova gestão, e por determinação do Arcebispo, Pe. Moisés ficou como assistente eclesial¹⁷³². Em março, a JEC anunciou para julho a realização da Sessão Internacional de JEC e JUC, em Dakar, na África, para estudos dos problemas do mundo atual que envolvem o meio estudantil¹⁷³³. A JEC, também, apresentou seu núcleo caçula que foi implantado na Escola Técnica, dizendo que estão aptos para se doarem pela causa jecista¹⁷³⁴.

A JOCF, como antecipação das comemorações do Dia do Trabalho, promoveu um Encontro Diocesano com o tema “Vida de Trabalho e de Bairro”, desdobrando para discussões sobre leitura, lazer, doença, economia e serviço do jornal¹⁷³⁵. Nos meses que se seguiram, os setores da AC, especialmente JEC e JOC, com seus respectivos núcleos, continuaram ativos, atuando de forma expressiva na Arquidiocese de Manaus, como ficou perceptível acima. Mas em relação à JUC, esta nota sobre Dakar, foi a única notícia que encontrei depois de um longo silêncio do jornal sobre ela, lembrando que o *Universal* foi um instrumento criado por ela para difundir a fé católica, apresentando o caminhar e as diretrizes da Arquidiocese, com destaque para as atividades e orientações da AC.

¹⁷²⁸ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 5 de janeiro de 1958, n. 247, Ano V.

¹⁷²⁹ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 12 de janeiro de 1958, n. 248, Ano V.

¹⁷³⁰ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 26 de janeiro de 1958, n. 252, Ano V.

¹⁷³¹ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

¹⁷³² A Coluna Jecista. **Universal**. Manaus, 9 de fevereiro de 1958, n. 254, Ano V.

¹⁷³³ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 9 de março de 1958, n. 258, Ano V.

¹⁷³⁴ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 16 de março de 1958, n. 259, Ano V.

¹⁷³⁵ Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 27 de abril, n. 265, Ano V.

A mudança na estrutura e no que o jornal oferecia aos leitores começou ao final de março de 1957, com redução do número de páginas e o formato do logo, que passou a ser um globo, tendo ao seu redor o lema “Paladino da Verdade e da Justiça” e com cinco raios saindo da Amazônia, que designava os direcionamentos do *Universal*: doutrina, cultura, notícias, apologética e anúncios. Passou a reunir na mesma página, sob o título de Apostolado Leigo, todas as colunas da AC e a do Mundo Mariano¹⁷³⁶. Mas antes dessa mudança visível, alguns aspectos já vinham passando por alterações, inicialmente, como já foi dito, o *Universal* era um instrumento da AC dirigido pela JUC, mas depois um tempo a coluna da JUC deixou de aparecer, o jornal passou por troca de direção, mas não aparece nenhuma informação negativa ou algum tipo de exortação para JUC, apenas o silêncio, e a partir de 1957 o jornal passou por esse enxugamento e redução. Esse silêncio manifesta o indício de que a JUC já expressava, em Manaus, o que ela passou a ser já nesta década, o início da esquerda católica.

Segundo Pedro Oliveira, a JUC é a referência para a esquerda católica, embora não fosse o único espaço de construção, “pois o ambiente universitário propiciava a fermentação de ideias e o movimento estudantil, na época muito politizado, favorecia o debate e a militância”¹⁷³⁷. Mas o método, Ver, Julgar e Agir, que deu base para todos os setores da AC, foi desenvolvido inicialmente para a JOC, na Bélgica, pelo Pe. Cardijn, e adotado, a partir de 1961, por João XXIII, em sua encíclica *Mater et magistra*, que somada à encíclica *Pacem in Terris*, deram, afirma o mesmo autor, “legitimidade doutrinal para enfrentar o conservadorismo católico”¹⁷³⁸.

Dom Alberto, que recebeu de sua mãe o amor e o zelo pela AC, estreitou os laços durante sua preparação no seminário e após sua ordenação, passando a ser assistente da AC em Belém¹⁷³⁹. E, como pastor da Igreja de Manaus, acompanhou de perto as atividades realizadas pelos setores da AC, procurando fazer dela o instrumento atuante e incisivo, e sempre em sintonia com ele e com as orientações da Santa Sé. E, é exatamente até o momento em que Dom Alberto permaneceu como Administrador Apostólico da

¹⁷³⁶ **Universal**. Manaus, 31 de março de 1957, n. 208, Ano IV.

¹⁷³⁷ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. “Esquerda Católica”: o recurso às Ciências Sociais. In: HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico; RODRIGUES, Elisa (Orgs.). **Experiências e Interpretações do Sagrado**: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 156.

¹⁷³⁸ Ibidem. 2012, p. 157-158.

¹⁷³⁹ MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojuca Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021, p. 72-73.

Arquidiocese de Manaus, que foi percorrido o *Universal*, para apresentar alguns aspectos da AC e mostrar sua consonância com as diretrizes da Igreja de Manaus. E, esse desaparecimento das páginas do jornal da coluna da JUC, e de qualquer outra informação sobre ela, é um indício do controle de Dom Alberto, ou tentativa de mantê-lo, sobre os setores que de fato continuavam a corresponder aos anseios da Igreja.

Mapeando o *Universal*, foi encontrado edições, já minúsculas, até 1961, como a de janeiro que não continha mais espaço considerável para os setores da AC, como havia na década de 1950. Foi achado uma pequena nota sobre a instalação do Conselho Nacional de Estudantes a ser realizado em Manaus, aguardando os moços de fora e com desejo de que as resoluções sejam as melhores possíveis, mas sem nenhuma coluna específica da AC¹⁷⁴⁰. Isso é um indício significativo da diminuição do espaço e das demandas antes confiadas à AC em Manaus. Certamente a saída de Dom Alberto contribuiu para a diminuição do espaço e da força da AC em Manaus, mas a transição para a década de 1960 trouxe mudanças consideráveis para a Igreja, para o Brasil e para a Amazônia, mudanças que foram atingindo a AC e o espaço que a Igreja o havia dado. Mudanças estas que estão além do recorte aqui estabelecido.

Mas focando nos anos de 1950, que é até onde se estende o recorte desta tese, deve ser registrado que a AC foi uma alternativa católica para se contrapor aos modelos estabelecidos nas décadas de guerra, como a juventude fascista e a juventude socialista, sendo colocada como uma grande frente, um grande exército de combate e de proteção do projeto católico de sociedade, centrado no Reino de Cristo, e portanto, com a missão de avançar e recristianizar o mundo. E diferente do que muitos pensam, porque conhecem o protagonismo leigo somente a partir da década de 1960, destaco a AC e seus setores (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC) e cada um com seus núcleos, como pudemos acompanhar acima, verticalizado para a Igreja de Manaus, como a força do laicato em atuação, como militância efetiva que se embrenhou em variados campos da sociedade, como braço da hierarquia, para implantar as sementes do Catolicismo onde era necessário ou fazer florescer, e reflorescer onde houve recuo do projeto católico.

Dessa forma, não apenas a partir do Concílio Vaticano II que os leigos assumiram papel de liderança, foi ainda durante o governo dos Pios que se entendeu que sem o laicato o número de sacerdotes nunca seria suficiente para atuar na sociedade, tendo a AC alcançado,

¹⁷⁴⁰ Estudantes em Reunião. **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1961, n. 377, Ano IX.

o que lhe foi permitido, um patamar significativo, sempre abaixo da hierarquia clerical, mas consideravelmente acima das demais associações e movimentos, compreendendo ser a juventude o instrumento e esperança, no presente e no futuro, do modelo de sociedade. Essa militância leiga acreditava no projeto de sociedade pautada em Cristo, e, no seu papel nessa construção e na condução das pessoas para esse caminho. O protagonismo leigo ficou mais em evidência com a atuação da AC que de fato tomou para si a responsabilidade de ser católico romano em um mundo turbulento, e que com a guerra e o pós-guerra, se tornou mais acelerado em direção a novas alternativas de padrões de sociedade e dentro, por vezes, de uma esfera global.

Por outro lado, este mundo mais globalizado, que possibilitou mais conexão, também favoreceu a romanização que primava em ver todos os católicos conectados e em torno do seu centro, projeto este assumido pelos Papas, Bispos e pelo Laicato, em suas diversas expressões, mas com mais ênfase pela AC. A AC se tornou, então, uma alternativa de construção ou fortalecimento do modelo de sociedade católica em uma esfera de conexão global. O protagonismo da AC pôs em evidência, também, ou especialmente, as mulheres que assumiram liderança de setores e núcleos, mesmo com posicionamentos contraditórios em relação a elas, como pudemos visualizar em alguns pontos deste capítulo. É inegável que esse exército de recristianização do mundo contribui para o fortalecimento do clericalismo, mas também foi bastante consciente de seu papel e de seu lugar de pertencimento, contribuindo de forma significativa para o lugar e a luta do laicato que é parte essencial da Igreja.

Considerações Finais

Como diria o Dr. José Maia, nos debates em sala de aula sobre nossos projetos, uma dissertação e uma tese deveriam deixar sinapses. Penso que esta tese, além de contribuir para o resgate histórico da presença da Igreja na Amazônia, verticalizado para a compreensão das fases da Diocese/Arquidiocese de Manaus, de 1916 a 1958, abriu várias sinapses, algumas aqui trabalhadas e outras apenas apontadas. A tese, *Entre Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1916-1958)*, somada às minhas pesquisas e escritos da especialização e do mestrado, representa um longo percurso de pesquisa e amadurecimento na consolidação da minha trajetória de historiadora da Igreja

Uma dessas sinapses, que aqui destaco, é a apresentação da ampliação da estrutura da Igreja de Manaus a partir de suas novas paróquias instaladas de 1941 a 1957, e tudo o que elas representam para a solidificação da Arquidiocese de Manaus. E, de modo especial poder chegar até à Paróquia de São Francisco de Assis, criada em 1956, pois para todos que me conhecem sabem o quanto ele representa para mim, meu encontro com ele, ainda na graduação, nos estudos do medievo, marcou definitivamente toda a minha caminhada como acadêmica e cristã. Francisco me trouxe certezas e restaurou o equilíbrio, para uma jovem que embora cedo tivesse feito a opção por Cristo, mas que ainda tinha muito para amadurecer, como pessoas e como historiadora. Francisco passou a ser não mais apenas um santo entre tantos, mas alguém de carne e osso, que definitivamente abraçou Cristo com tudo que poderia oferecer a Ele e ao mundo, e seu legado se faz presente não apenas na vida de católicos, mas é respeitado e admirado por outras denominações cristãs, por outras crenças religiosas, por agnósticos e ateus, chegando hoje a conduzir a Igreja sendo a fonte de inspiração para o primeiro Papa que recebeu o seu nome. Francisco é o símbolo de uma Igreja que precisa se mover e que jamais pode esquecer a praxe cristã. Concordo plenamente com Le Goff quando afirma que Francisco foi uma das personagens mais impressionantes de seu tempo, e o é até hoje, ele “sacudiu a religião, a civilização e a sociedade”¹⁷⁴¹. E, falar um pouco da paróquia que recebeu o seu nome é ver Francisco caminhando por estas paragens e aqui trazendo sua mensagem e orientação, marcando o tempo, sacralizando o espaço a ele destinado aqui em Manaus, e, trazendo a alegria de ser cristão.

¹⁷⁴¹ LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

À medida em que percorria os caminhos da pesquisa, sempre na direção dos estudos sobre a Igreja, e desde a graduação já havia decidido que estudaria o século XIX, encontrei outro personagem que marcou esse novo momento da minha trajetória de pesquisa, Pio IX. Para muitos sempre soou estranho, que minhas pesquisas passem por ele, pois na maioria das vezes ele aparece como autoritário e centralizador ao extremo, mas para além dessas características, minhas pesquisas encontram um Papa forte diante da turbulência que a Igreja passou no século XIX, e ele, fazendo conexão com seus antecessores Pios, e ainda de forma mais contundente estreitou e fortaleceu a linhagem piana, estabelecendo, a meu ver, não a fase contraditória e enfraquecida que muitos apontaram, e ainda o fazem, mas a força para conduzir a Igreja em sua fase mais problemática até aquele momento, foi por causa dos Pios (IX, X, XI e XII) que a Igreja endureceu, cometeu muitas arbitrariedades também, e pôde se impor e abrir caminho para não perder o seu lugar no mundo. Essa fase dura, coroada pelo dogma da Infalibilidade Papal, e os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, foi de imposição e de gradativas, grandes negociações, mas ao mesmo tempo de mostrar que a Igreja continuava em pé e que suas verdades ainda encontravam eco no mundo contemporâneo, que nesta tese aparecem através das devoções, das associações católicas, enfatizadas pelas Filhas de Maria e a Ação Católica, das estratégias e relações que a Igreja estabeleceu com o mundo civil.

Tendo o tempo dos Pios como pano de fundo, construí um percurso de pesquisa que deu visibilidade à história da Diocese/Arquidiocese, sempre procurando apresentar as duas faces eclesiais, Laicato e Bispos. E, a partir delas destacar aspectos históricos da trajetória da Igreja de Manaus, sendo esta tese a culminância de um longo percurso de pesquisa. Dentre os “meus Bispos”, assim os chamo pelo longo tempo de diálogo e intimidade com eles, construído pelas fontes e pelos textos escritos, Dom Frederico Costa, que descobri nas pesquisas para dissertação, ainda me encanta, vejo nele não apenas uma juventude aguerrida, por vezes ainda desprovida de maturidade eclesial, mas um sentimento de pertencimento à Igreja e à região, expresso em sua Carta Pastoral de defesa e denúncia do descaso para com os povos da Amazônia, com ele, também, temos os primeiros momentos das Prelazias e Prefeituras Apostólicas da região. As novas análises documentais, na fase da tese, me fizeram rever a questão da sua renúncia, constatei que ele foi conduzido a ela. Mas uma vez pesa a verificação e interpretação do documento, e a necessidade de outros elementos e discussões que ajudem a fazer o contraponto e enxergar os vestígios. Dom Frederico é outras das sinapses sinalizadas, e, com ele as mulheres ganharam mais espaço

na Diocese, a exemplo das Irmãs Doroteias, com a primeira Escola católica de Manaus para as meninas, e a Pia União das Filhas de Maria que iniciaram sua caminhada na Diocese na última fase do seu governo. Dom Frederico junto com Dom Lourenço, constituem a primeira fase do Episcopado em Manaus, que é ainda uma fase embrionária que acabou interrompida de forma brusca, pois não correspondeu aos anseios da Igreja.

Com Dom Joffily, de conexão mais estreita com o Episcopado brasileiro, inicia-se a retomada da estruturação da Diocese e um diálogo, embora ainda muito incipiente, com a rede de Prelados que liderava a Igreja no Brasil naquele contexto. Sua performance à frente da Diocese de Manaus o levou ao Arcebispado de Belém. Dom Basílio, de quem eu quase nada sabia, foi se revelando em meio às dificuldades do rastreamento documental, e com a grata surpresa de ver um Franciscano administrando Manaus, que deu ênfase à espiritualidade, às vocações e a retomada para a reabertura do Seminário São José, com a implantação da OVS. Seu Bispado foi o mais duradouro da fase diocesana, encerrado com sua renúncia. Com eles, veio a possibilidade de conhecer um pouco mais desse contexto vivenciado pelo Amazonas.

A última fase diocesana nos trouxe Dom João da Mata, que muito conectado com a rede episcopal e de visão empreendedora, aumentou o patrimônio da Diocese, ampliou o número de paróquias, realizou o Primeiro Congresso Eucarístico de Manaus, e reabriu as portas do Seminário São José. Dom João soube bem aproveitar o que foi deixado por seus antecessores, colocou definitivamente Manaus em ponto de visibilidade e acelerou o processo que levou à elevação de Manaus a Arquidiocese. Dom Alberto, último Bispo da fase diocesana, tratou da transição, e se tornou o primeiro Arcebispo de Manaus cuidando de estruturar a Segunda Província Eclesiástica do Norte, e se tornando, posteriormente, o Arcebispo da Amazônia, único a governar Manaus e Belém. Dom Alberto deixou de responder, oficialmente, por Manaus em 1958 quando Dom João de Souza Lima assumiu como segundo Arcebispo, ano de desfecho também do longo tempo dos Pios. Estávamos às vésperas do Concílio Vaticano II.

Dos anos de 1960 em diante, a Igreja experimenta uma nova fase, que demonstra em muitos aspectos mais maturidade e mais engajamento, por vezes parece compreender a sua real missão, o anúncio do Reino primeiro para os pequeninos e a denúncia de toda e qualquer situação que fira a dignidade humana, em outros momentos demonstra oscilação e parece não saber lidar com o que está diante dos olhos, talvez, também, porque na ânsia de renovar e abrir-se ao mundo tenha se apressado e a leitura ficou turva e, portanto, a

prática também fica. Ainda há muito a percorrer para compreender o alcance e as limitações do Vaticano II. É preciso sempre lembrar que a tradição constitui parte essencial de sua identidade, que é preciso aprender com seus erros e acertos, não negar o seu passado, como o período de endurecimento estudado nesta tese que corresponde a um contexto importante e de tomada de decisões que fizeram a Igreja avançar e recuar, mas que é parte integrante de um percurso de maturidade. A Igreja precisa entender que ela é constituída pelas decisões e escolhas, equívocos e contradições, só assim poderá dar passos mais firmes, compreendendo sua própria trajetória. A própria Igreja precisa se debruçar sobre a sua história.

A Igreja de Manaus enfrentou muitos obstáculos, verificados ao longo do período aqui analisado, para se firmar e ser reconhecida. Cada fase pela qual passou delineou o que ela se tornou, cada Bispo, cada Padre, cada Congregação, cada Associação Religiosa imprimiu suas marcas nela e colocou mais um, ou vários tijolinhos nessa construção. Somente agora, depois de passar por todas as fases diocesanas, ao chegar aos primeiros anos da Arquidiocese de Manaus, ao visualizar o todo até aqui, verifica-se o quanto foi difícil erguer essa porção da Igreja Universal nesta vasta Amazônia. Dificuldades advindas da própria trajetória da Igreja, de suas relações internas e com a região, da tomada de consciência e de pertencimento a este lugar, algo muito desafiador, já que os Bispos vinham de longe, com exceção de Dom Frederico e Dom Alberto. Sem falar do contexto macro permeado de intensas transformações e rupturas que dificultaram as ações desencadeadas pela Igreja e sua recolocação nesse mundo labiríntico, mas também a impulsionaram a encontrar respostas, a partir do seu parâmetro de permanências, e estabelecer novos diálogos.

Esse cenário de dificuldades, enfrentados pelos Bispos, eram por vezes, também, oriundos da própria composição e escolhas da Igreja no Brasil, e a partir daí o olhar sobre a Amazônia, e ainda mais específico sobre Manaus, que para a Igreja e o Brasil ainda um lugar distante e atrasado, o que lhe dava um lugar menor no seio da própria Igreja. Dificuldades enfrentadas a cada etapa do Episcopado na Amazônia, entre a sintonia com Roma e as peculiaridades da região, certezas e incertezas do emprego de ações e projetos, alguns mais pessoais, que efetivados ou não contribuíram os avanços e recuos sofridos pela Diocese. Tudo isso me fez compreender a longa espera para que Manaus fosse elevada à Arquidiocese, a prioridade dada a outros lugares, e o descompasso imprimido por vezes

pela própria Igreja, na diferença sobre as regiões e a valorização dada a cada uma delas, algo já estabelecido na relação histórica do Brasil com a região amazônica e que a Igreja também passou a partilhar.

A elevação de Manaus à Arquidiocese, criando a Segunda Província Eclesiástica do Norte, se deu em contexto de mudança de percepção e ações da Igreja na América Latina e no Brasil. A colegialidade empregada no Brasil a partir da década de 1950 coloca os Arcebispos, inicialmente em igualdade de discussão e tomada de decisão, e entre eles está agora o de Manaus, que nasceu na Amazônia, fazendo uma grande diferença no pertencimento e no olhar para as coisas da região, como registrei, nesta tese, visíveis nas pautas elencadas pelos Prelados em seus Encontros nos anos de 1950. A Igreja começava a estender seus braços para a Amazônia de uma forma diferente.

Dom Alberto se tornou líder da Igreja na Amazônia junto com os demais Prelados daquele contexto, as reuniões do Episcopado da Amazônia e as especificamente da Província Eclesiástica de Manaus abriram novas perspectivas para a atuação da Igreja e suas novas relações com a região. Ainda em fase de transição do próprio perfil do Episcopado, de modo especial o atuante na região, dentro de uma transição maior, pois era o momento final do reinado dos Pios, a Igreja na Amazônia começava a ganhar novo impulso e uma mistura de sentimentos e lutas na e pela região iniciam os primeiros passos, lentos ainda, mas que vão construir novas trilhas, um novo serpentear para a Igreja de Manaus.

Na outra ponta, ou entrelaçado a esta, está a força do laicato, que no tempo dos Pios ganhou protagonismo, de expressão ativa desde o nascimento da Diocese, ganhando volume e atuação no seu despontar arquidiocesano. O laicato constitui a maior parte da força atuante na Igreja de Manaus, o que dá um tom diferente, um jeito de ser diferente, constituindo a base da identidade local, pois a Igreja da Amazônia é essencialmente laical, o que contrasta com o clericalismo enraizado na região. O lugar do leigo na Amazônia, na Igreja de Manaus é bem expressivo, e visualizo nas minhas pesquisas que este lugar sempre foi assim, apesar da Igreja seguir à risca, na maioria das vezes, o lugar de segunda categoria enfatizada e atribuída aos leigos por Pio X. Apesar das conquistas laicais e de seu crescimento, como consciência de pertencimento, a hierarquia clerical ainda tem receio de não conseguir exercer controle sobre os leigos, e de modo ainda mais profundo sobre as mulheres, que constituem a maior parte desse laicato. A sinodalidade tão sonhada pelo Papa

Francisco, pode encontrar na Amazônia seu lugar de espraçamento, pois os vestígios mostram que passos são dados desde décadas passadas, mas ainda há um longo percurso para superar muitos entraves de um olhar e de uma prática colonial que tem muitas heranças, reforçada pelo tempo da romanização. Não é possível pensar e compreender a Igreja na Amazônia sem a atuação e protagonismo dos leigos.

No recorte estabelecido pela tese, priorizei destacar a atuação da Pia União das Filhas de Maria, que despertaram encanto quando as descobri na ocasião da pesquisa para a dissertação. Na nova fase de pesquisa, continuei rastreando suas pegadas, pois continuavam aparecendo como uma associação de crescente influência e que passara a atuar como articuladora das demais associações, e que era constituídas por mulheres submetidas à devoção a Imaculada Conceição, o que as impulsionava como liderança de um perfil espiritual que respondia, e se respaldava, na diretriz dos dogmas marianos. Nas décadas de 1940 e 1950, elas continuam ativas e chegando a outras localidades da Diocese/Arquidiocese, mas vão sendo inseridas no formato da militância católica que nesse contexto tem por liderança a impressionante força da Ação Católica.

A AC foi um achado em minhas pesquisas. Inicialmente havia apenas alguns indícios de presença dos Moços Católicos e do Círculo Operário, mas não sabia que a documentação me levaria a descobrir a presença ativa da AC, o jornal *Universal* me permitiu um mergulho em vários aspectos da vida da Arquidiocese, especialmente das atividades dos setores da AC e visualizar um pouco de seus pensamentos e anseios. O último capítulo mostra como a AC se entrelaçou com a vida da Arquidiocese e o quanto era esperado dela pela hierarquia e o quanto ela mesma esperava de si, e o mais importante o quanto acreditava na construção do Reino de Cristo e de ser seu instrumento em meio a este mundo. Os setores da AC demonstraram força e convicção, ocupando espaços variados da sociedade, ampliando o campo de atuação. Militantes, mulheres e homens, jovens e adultos, crentes e aguerridos, que ensinaram e deixaram como herança o método Ver, Julgar e Agir, engajada(os) no ideal católico de sociedade, que inspiraram a muitos, e, ousado dizer, continuam a inspirar.

O método da AC encontra-se em várias dimensões da Igreja, como na Pastoral da Juventude, na Pastoral Operária, nas CEBs, na Campanha da Fraternidade, entre outros. Mas o que mais intriga, é que essa força de inserção e engajamento adquirida pelos leigos, será utilizada como propulsão de muitas ações desencadeadas pela Igreja no seio da sociedade, mas que a partir do momento que começou a fugir do controle eclesiástico e se

configurar, JUC e JOC, como esquerda católica, a própria Igreja decretará sua morte eclesial. Eis uma outra sinapse.

A década de 1950 ainda é bem desconhecida, muitas lacunas a serem preenchidas pela historiografia do Amazonas que pouco alcançou esse período ainda. São raros os trabalhos que avançam pela primeira metade do século XX, mais raros os que chegam a iluminar aspectos dos anos 50. E a Arquidiocese foi erigida exatamente nesta década, que ao iniciar as pesquisas da tese ainda era uma época desconhecida, portanto, sabia onde queria e tinha que chegar, mas o caminho era ainda nebuloso, por isso, o resultado, até onde consegui abrir essa trincheira, diz respeito à uma grande contribuição para a historiografia local, mas especialmente para a compreensão de aspectos da trajetória da Igreja de Manaus, em suas questões internas e no seu entrelaçamento o universo amazônico e global. Esta tese quer ser instrumento na compreensão das várias fases pelas quais a Diocese foi passando até chegar à sua elevação como Arquidiocese, dos desdobramentos dessa nova estrutura eclesial, erguida em um contexto mundial e brasileiro, de muitas transformações, que também impactaram a Igreja e a sua busca por dar suas próprias respostas ao mundo. Apesar de muitos pensarem o contrário, a Igreja se move, no seu ritmo, no seu próprio tempo.

O contexto retratado pela tese, especialmente nas duas últimas décadas, é de transição de visão da relação da Igreja com o mundo, que no Brasil passa pela transição da centralização eclesial para a Colegialidade da CNBB, transição da Diocese para Arquidiocese, em Manaus, culminando nos Encontros decisivos e direcionadores dos Prelados da Amazônia, que passaram a construir uma fase de transição da postura e do papel da Igreja na Amazônia, apesar do perfil de alguns Bispos, Padres e Leigos ainda ser permeado pela visão colonialista e pela romanização, na tentativa de continuar centralizando e movendo o menos possível a Igreja de sua posição defensiva, combativa e clericalista. Esta tese é apenas o começo, na verdade, mais um passo acrescido ao dado no mestrado, pois ainda há muito a ser resgatado sobre a história da Igreja em nossa região, para que se conheça essa parte importante de nossa história, e para que ajude a Igreja na compreensão de suas ações passadas e ilumine as futuras.

Anexos

Bula “*Ob Illud*”

do Santo Padre o Papa Pio XII, criando a nova Arquidiocese de Manaus

Pio Bispo Servo dos Servos de Deus, “*ad perpetuam rei memoriam*”

Em virtude daquele mandato que recebemos de Deus de governar todas as Igrejas, em qualquer parte do orbe em que se encontrem, cuidamos com particular diligência que a ordenação e administração das mesmas de tal modo se adaptem às necessidades das coisas e dos tempos, que contribuam cada vez mais para a utilidade religiosa dos fiéis. Como, pois, a ereção de uma nova província eclesiástica na amplíssima região do Amazonas, na República Brasileira, pareça de muito proveito para o incremento da religião cristã, o venerável irmão Carlos Chiarlo, Arcebispo Titular de Amida e Nuncio Apostólico do Brasil, pediu-nos que agora, se chegasse à essa ereção, para cuja obtenção várias vezes já anteriormente foram endereçados pedidos à Santa Sé.

Recebendo de bom grado esses pedidos, ouvindo os nossos veneráveis Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, postos à frente dos Negócios Consistoriais, e com o pronunciamento dos Ordinários daquela região, a quem o assunto diz respeito, acrescentando, enquanto necessário, o consentimento dos demais interessados, ou que presumam ser de seu interesse, com a plenitude do Nosso poder apostólico, considerando tudo maduramente, determinamos e decretamos o que se segue: I) separamos da província eclesiástica de Belém do Pará, à qual até o momento pertenciam, a sede episcopal do Amazonas e as Prelazias “nullius” do Rio Branco, Rio Negro, Juruá, Lábrea, Porto Velho, São Peregrino Laziosi dos Altos Acre e Purus, Alto Solimões e Tefé; cujos Ordinários, portanto, isentamos da jurisdição metropolitana do Arcebispo de Belém “pro tempore”; II) queremos doravante a sé episcopal do Amazonas se chame “de Manaus”; III) Dessa Igreja Catedral e das referidas Prelazias erigimos uma nova Província Eclesiástica, a ser chamada “de Manaus”, cuja sede metropolitana será a de Manaus, a qual, por conseguinte, elevamos ao grau e à dignidade de Igreja Metropolitana. Serão sufragâneas dessa Igreja Metropolitana as Prelazias “nullius” do Rio Branco, Rio Negro, Juruá, Lábrea, Porto Velho, São Peregrino Laziosi dos Altos Acre e Purus, Alto Solimões e Tefé, cujos

Ordinários, portanto, submetemos à jurisdição metropolitana do Arcebispo de Manaus “pro tempore”.

Competirão a essa nova Igreja Metropolitana os direitos e as obrigações próprias de tais Igrejas. Aos seus futuros Antístites, e presentemente ao venerável Irmão Alberto Gaudêncio Ramos que atualmente rege essa Igreja, e quem, como já dissemos, constituímos por estas Nossas Letras Arcebispo de Manaus isento da jurisdição metropolitana do Arcebispo de Belém, competem tanto os direitos, privilégios e poderes como os deveres e obrigações que pelo direito comum competem aos Metropolitans: de modo especial, porém, a Cruz que deve ser conduzida à sua frente dentro dos limites de sua Província Eclesiástica, e o sagrado Pálio que deve ser usado de acordo com as leis litúrgicas, e depois de ter sido pedido no sagrado Consistório.

Os limites da nova ereta Província Eclesiástica de Manaus serão os mesmos dentro dos quais se circunscrevem até agora a sé episcopal e as Prelazias, das quais as mesmas se formou.

Para ordenar a execução de tudo o que acima foi disposto e determinado, elegemos o Nuncio Apostólico na República do Brasil, ou quem estiver À frente da mesma Nunciatura no ato da execução, e atribuímos-lhe as oportunas e necessárias faculdades, mesmo para subdelegar, para efeito do que se trata, qualquer homem constituído em dignidade eclesiástica, impondo-lhe a obrigação de transmitir, assim que seja possível, à Sagrada Congregação Consistorial, um verdadeiro exemplar da atas de execução realizada.

As presentes Letras são e serão firmes, válidas e eficazes, e surtirão e obterão seus plenos e íntegros efeitos e devem ser inviolavelmente observadas por todos a quem dizem respeito, e se, algo em contrário se atentar sobre elas por alguém, por qualquer autoridade, cientemente ou por ignorância, queremos que fique completamente írrito e sem valor, não obstante às disposições publicadas nos Concílios sinodais, provinciais, gerais e universais, nas Constituições gerais ou especiais e nas ordenações apostólicas e em outras quaisquer disposições dos Romanos Pontífices, Nossos Predecessores, e em outras contrárias, mesmo dignas de menção especial, as quais todas presentes anulamos. Queremos que se preste inteiramente fé aos exemplares ou excertos, mesmo impressos, destas Letras, subscritas, porém, pela mão de algum notário público, e munidas com um selo de um homem constituído em ofício ou dignidade eclesiástica, fé que se dará em vista da demonstração desses mesmos exemplares ou excertos. A ninguém é permitida infringir essa página de

desmembramento, alteração, constituição, elevação, sujeição, concessão, decreto, mandato, delegação e de Nossa vontade, ou contrariá-la. Se alguém, pois, presumir atentá-lo com uma ousadia temerária, saiba que incorrerá na indignação de Deus onipotente e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, junto de São Pedro no dia 16 de fevereiro do ano do Senhor de mil novecentos e cinquenta e dois, décimo terceiro de nosso pontificado.

Cardeal Piazza, Secretário da S. Cong. Consistorial
Eugenio Cardeal Tisserant, Decano do Sacro Colégio
Afonso Corinci, Arc. De Seleucia, Decano dos Prot. Ap.
Bernardo De Felicis, Prot. Apostólico

Quadro 2- Os 12 Pios

Nº	Papa	Tempo de Pontificado	Antecessor/Sucessor
10º	São Pio I	142-155 (13 anos)	Higino (138-132) Aniceto (155-166)
210º	Pio II	1458-1464 (5 anos e 362 dias)	Calisto III (1455-1458) Paulo II (1464-1471)
215º	Pio III	1503 (26 dias)	Alexandre VI (1492-1503) Júlio II (1503-1513)
223º	Pio IV	1559-1565 (5 anos e 348 dias)	Paulo IV (1555-1559) Pio V (1566-1572)
224º	São Pio V	1566-1572 (6 anos e 115 dias)	Pio IV (1559-1565) Gregório XIII (1572-1585)
250º	Pio VI	1775-1799 (24 anos e 195 dias)	Clemente XIV (1769-1774) Pio VII (1800-1823)
251º	Servo de Deus Pio VII	1800-1823) (23 anos e 159 dias)	Pio VI (1775-1799) Leão XII (1823-1829)
253º	Pio VIII	(1829-1830) (1 ano e 245 dias)	Leão XII (1823-1829) Gregório XVI (1831-1846)
255º	Beato Pio IX	(1846-1878 (31 anos e 236 dias)	Gregório XVI (1831-1846) Leão XIII (1878-1903)
257º	São Pio X	1903-1914 (11 anos e 16 dias)	Leão XIII (1878-1903) Bento XV (1914-1922)
259º	Pio XI	(1922-1939) (17 anos e 4 dias)	Bento XV (1914-1922) Pio XII (1939-1958)
260º	Venerável Pio XII	1939-1958 (19 anos e 221 dias)	Pio XI (1922-1939) João XXIII (1958-1963)

Este quadro foi construído para esta Tese. Ele nos auxilia na localização entre os 266 Papas existentes até hoje, com a duração de seus governos, seus antecessores e sucessores imediatos, além de destacar o lugar que alguns ocupam na hierarquia dos Altares. Fonte: DUFF, Eamon. (1998); HOLMES, J. Derek Holmes & BICKERS, Bernand W. (2002).

Quadro 3 - Bispos de Manaus

Bispo	Nascimento/ Local	Família (Relações/ Influências)	Formação (Locais)	Ordenação/ Sagração	Patronos Grupos	Participação Política Externa	Trajatória Episcopal/ Falecimento
Dom José Lourenço da Costa Aguiar	09/08/1847 – Sobral (CE)	Negociante	Seminário de Fortaleza Universidade de Santo Ângelo Colégio dos Nobres Dr. em Direito retorno 1873	1866 – Ingresso no Seminário 1876 - Ordenação 1894 - Sagração	Dom Antônio de Macedo Costa	Questão Religiosa	Manaus (1894- 1905) + 05/06/1905
Dom Frederico Benício de Sousa Costa	18/10/1875 – Vila Boim, Santarém (PA)	Sapateiro e Professora Primária	Belém Santo Sulpício Paris Gregoriana Dr. Filosofia	1885 – Ingresso no Seminário 1899 - Ordenação 1902 - Retorno ao Brasil 1907 - Sagração	Dom Antônio de Macedo Costa	Prelado de Santarém (1903-1907)	Manaus (1907- 1913) + 26/03/1948
Dom João Irineu Joffily	24/05/1878 – Campina Grande (PR)	Intelectual/ Político/ Magistrado/ Deputado/ Jornalista/ Proprietário de terras	Olinda Paraíba	1901 - Ordenação 1915 - Sagração	Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (PB) Dom Santino Maria da Silva Coutinho (PA)	Tensões com o Círio de Nazaré	Manaus (1916- 1924) Belém (1925- 1931) + 25/04/1950
Dom Frei Basílio Manuel Olimpio Pereira	1871 – Vila Velha, Rio das Contas (BA)		Santa Tereza (Ingresso 1886)	1895 - Ordenação 1920 (OFM) 1925 - Sagração	Dom Manuel da Silva Gomes (CE) Dom Leopoldo Duarte (SP)	Vitória da Conquista (1905-1918)	Manaus (1926- 1941) + 30/09/1948
Dom João da Mata Andrade e Amaral	1898 – Altinho (PE)		Olinda	1921 - Ordenação 1934 - Sagração	Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (PB) Dom José Pereira	Nazaré (1921-1934)	Cajazeiras (1934-1941) Manaus (1941- 1948) Niterói (1948- 1956)

					Alves (RGN)		
					Dom Antônio Almeida Lustosa (PA)		+ 07/11/1954
					Dom Sebastião Leme da Silva Cintra (RJ)		
Dom Alberto Gaudêncio Ramos	30/03/1915 – Belém (PA)		Prainha (Fortaleza)	1939 - Ordenação 1949 - Sagração	Dom Antônio Almeida Lustosa (PA) Dom Jaime de Barros Câmara (Mossoró) Dom Mário de Miranda Vilas Boas (PA)	Vigário Geral de Belém Secretário do Ensino Religioso - CNBB	Manaus (1949- 1957) Belém (1957- 1990) + 26/11/1991

Quadro construído para esta Tese. Fonte: MICELI, Sérgio (2009); MACIEL, Elisângela (2014).

Quadro 4 - Padres (1926-1939)

	Nome	Atuação	Ordenação
1.	Mons. Raymundo Oliveira	Gov. Bispado	
2.	Ananias Câmara	Vigário da Sé	
3.	Frei Domingos Anderline	São Sebastião	
4.	Manoel Monteiro	Remédios	
5.	Joaquim Pereira	Itacoatiara	
6.	Bento Gomes	Capelão da Santa Casa	
7.	Tirelli	Inspetor dos Salesianos	
8.	Pedro Ghislaudi	Diretor do Dom Bosco	
9.	Agostinho	Professor Salesiano	

10.	Né Gualberto	Professor Salesiano	
11.	Guilherme Barbosa	Professor Salesiano	
12.	Carlos Fluhr		ordenado em 1930
13.	Pedro Mottais		ordenado em 1930
14.	José Blecker		ordenado em 1939

Quadro construído para esta Tese, sobre os Padres, do ano da tomada de posse de Dom Basílio acrescido dos três padres ordenados até o final do seu Bispado. Fonte: Jornal do Commercio. Manaus, 17 de fevereiro de 1926.

Quadro 5 - Padres (1949-1956)

	Nome	Atuação	Ordenação
1.	Walter Gonçalves Nogueira	Secretário do Bispado/Professor do Seminário São José/Pároco da Catedral/Diretor do Jornal Universal	1949
2.	Raimundo Nonato Pinheiro	Parintins/Escritor/Membro da Academia Amazonense de Letras	1950
3.	Manoel Bessa Filho	Ecônomo/Diretor do Colégio Amazonense Dom Pedro II/Pároco de São Francisco de Assis	1954
4.	Luís Augusto Lima Ruas	Chanceler da Cúria/Prefeito de Estudos do Seminário São José/Manicoré/Capelão da Casa da Criança/Pároco de São Jorge	1954
5.	Vicente Gonçalves de Albuquerque	Prefeito do Seminário Menor/Capelão do Instituto Benjamin Constant	1954
6.	Joaquim Diomar Lopes de Araújo	Professor do Seminário São José/Manicoré/Assistente da JUC	1955
7.	Moisés Lindoso	Manicoré/Secretário do Arcebisado/Capelão do Colégio Santa Doroteia/Assistente da JEC	1956

8.	Jorge Andrade Normando	Vice-diretor da Obra Arquidiocesana das Vocações/Capelão da Casa da Criança	1956
9.	Bernardo Martins Lindoso	Capelão da Casa da Criança/Manicoré	1956
10	Alírio Lima dos Santos	Primeiro Redentorista Amazonense	1956
11.	Antônio Juarez de Moura Maia		1957
12.	Francisco da Silveira Pinto	Pároco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	1957
13.	Onias Bento da Silva Filho	Pároco de São Francisco de Assis	1957
14.	Tiago de Souza Brás		1957

Quadro construído para esta Tese. Fonte: Jornal Universal.

Quadro 6 - Quadro Paróquias e Capelas de Manaus - Bispado de Dom Basílio

Paróquia	Orago	Fundação	Capela/ Fundação	Localização/ Administração
Nossa Senhora da Conceição	Nossa Senhora da Conceição	1665	1. São Raimundo - 1901 2. Dom Bosco – 1921 3. Santa Casa de Misericórdia - 1885	Centro Administração Diocesana
Nossa Senhora dos Remédios	Nossa Senhora dos Remédios	capela – 1827 paróquia – 1873	1. Santa Doroteia - 1910 2. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Educandos) – 1929 2. São Francisco das Chagas (Colônia Oliveira Machado) - 1939 3. Santo Antônio – 1897	Centro Administração Diocesana

São Sebastião	São Sebastião/São Fabiano	1912	1. Beneficente Portuguesa - 1904 2. Sant'Ana (Benjamin Constant) -1929 3. Nossa Senhora de Nazaré – 1914 4. Nossa Senhora de Fátima – 1929 5. Nossa Senhora Auxiliadora – 1933 6. Santa Teresinha - 1937 7. São José de Campos Sales – 1907 (pedra da nova capela 1929)	Centro Administração dos Capuchinhos

Quadro construído para esta Tese: RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1952); Suplemento de A Reação (1946).

Quadro 7 - Paróquias de Manaus - Bispado de Dom João da Mata

Paróquia	Orago	Fundação	Capelas/ Fundação	Localização/ Administração
Nossa Senhora da Conceição	Nossa Senhora da Conceição	1665		Capital (Centro) Administração Diocesana
Nossa Senhora dos Remédios	Nossa Senhora dos Remédios	capela – 1827 paróquia – 1873		Capital (centro) Administração Diocesana
São Sebastião	São Sebastião/São Fabiano	paróquia - 1912	NSra de Fátima – 1929/ nova pedra – 1942 Sant'Ana (Benjamin Constant) - 1929	Capital (Centro) Administração dos Capuchinhos

			NSra Auxiliadora – 1933	
São Raimundo	São Raimundo	capela – 1900 inauguração da nova igreja -1935 curato - 1939 paróquia – 1941	Santo Antônio NSra da Glória Janauacá (interior) Manaquiri (interior)	Capital (Bairro de São Raimundo) Administração dos Espiritanos
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	capela - 1928 curato - 1939 paróquia – 1941 inauguração da nova igreja – 1949	Santa Luzia São Francisco das Chagas (Colônia Oliveira Machado) - 1939 NSra das Graças (Educandário Gustavo Capanema) Paredão Terra Nova (interior) Tabocal (interior)	Capital (Bairro de Educandos) Administração Diocesana
Santa Rita/Santo Antônio	Santa Rita/Santo Antônio	paróquia – 1941 igreja – 1947-1952	Santo Antônio (Pobre Diabo) – 1897 Careiro (interior) Cambixe (interior)	Capital (Cachoerinha) Administração dos Agostinianos Recoletos

Nossa Senhora Aparecida	Nossa Senhora Aparecida	capela - 1943 paróquia - 1943 fundação oficial – 1944 pedra fundamental – 1954	Santa Luzia (Matinha) – 1944	Capital (Bairro Tocos) Administração dos Redentoristas
São José Operário/Santa Teresinha	São José Operário/Santa Teresinha	paróquia – 1948 igreja atual – 1957-1967	Santa Teresinha – 1937	Capital (Bairro Praça 14 de Janeiro) Administração dos Salesianos
Nossa Senhora de Nazaré	Nossa Senhora de Nazaré	capela - 1914 igreja alvenaria – 1935 paróquia - 1948	São João Batista São José de Campos Sales – 1929 Residência Paroquial São Francisco de Assis Nossa Senhora das Graças (Beco do Macedo) Menino Jesus (Instituto Montessoriano) Sant’Ana (Aleixo)	Capital (Bairro Vila Municipal/Adrianópolis) Administração do PIME

			Nossa Senhora das Graças (Leprosário) Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (Filhas da Caridade) Asilo de Mendicidade Dr. Thomas Vila Amazonas Km 24 da BR174	
Coari	São Sebastião e Sant'Ana	1709 paróquia – 1944		Interior Administração dos Redentoristas
Borba	Santo Antônio	1858		Interior Administração Diocesana
Itacoatiara	Nossa Senhora do Rosário	1759		Interior Administração Diocesana
Maués	Nossa Senhora da Conceição	1798		Interior Administração dos Espiritanos
Manicoré	Nossa Senhora das Dores	1859		Interior Administração do PIME
Codajás	Nossa Senhora das Graças	1868 paróquia - 1945		Interior Administração dos Redentoristas
Manacapuru	Nossa Senhora de Nazaré	1896 confirmada como paróquia - 1944		Interior Administração dos Redentoristas

Parintins	Nossa Senhora do Carmo	1803		Interior Administração Diocesana

Quadro construído para esta Tese. Fonte: RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio Ramos; Suplemento de A Reação (1946); documentações paroquiais.

Quadro 8 - Paróquias de Manaus - Administração de Dom Alberto Ramos

Paróquia	Orago	Fundação	Capelas/ Fundação	Localização/ Administração
Nossa Senhora da Conceição	Nossa Senhora da Conceição	1665	Dom Bosco Sagrado Coração de Jesus	Capital (Centro) Administração Diocesana
Nossa Senhora dos Remédios	Nossa Senhora dos Remédios	capela – 1827 paróquia – 1873		Capital (centro) Administração Diocesana
São Sebastião	São Sebastião/São Fabiano	paróquia – 1912	Santa Casa NSra de Fátima – 1929/ nova pedra – 1942 Sant’Ana (Benjamin Constant) - 1929 NSra Auxiliadora – 1933 Casa da Criança - 1948	Capital (Centro) Administração dos Capuchinhos
São Raimundo	São Raimundo	capela – 1900 inauguração da nova igreja -1935 curato - 1939 paróquia – 1941	Santo Antônio NSra da Glória Janauacá (interior) Manaquiri (interior)	Capital (Bairro de São Raimundo) Administração dos Espiritanos

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	capela - 1928 curato - 1939 paróquia – 1941 inauguração da nova igreja – 1949	Santa Luzia - 1946 São Francisco das Chagas (Colônia Oliveira Machado) - 1939 NSra das Graças (Educandário Gustavo Capanema) Paredão - 1939 Terra Nova (interior) Tabocal (interior)	Capital (Bairro de Educandos) Administração Diocesana
Santa Rita/Santo Antônio	Santa Rita/Santo Antônio	paróquia – 1941 igreja – 1947-1952	Santo Antônio (Pobre Diabo) – 1897 Careiro (interior) Cambixe (interior) Santa Cecília – 1953	Capital (Bairro da Cachoerinha) Administração dos Agostinianos Recoletos
Nossa Senhora Aparecida	Nossa Senhora Aparecida	capela - 1943 paróquia - 1943 fundação oficial – 1944 pedra fundamental – 1954	Santa Luzia (Matinha) – 1944 São Geraldo - 1949 Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Luiz Antony) – 1949 Nossa Senhora das Graças (Beco do Macedo) – 1953	Capital (Bairro Tocos) Administração dos Redentoristas
São José Operário/Santa Teresinha	São José Operário/Santa Teresinha	paróquia – 1948 igreja atual – 1957-1967	Santa Teresinha – 1937 Oratório Domingos Sávio	Capital (Bairro Praça 14 de Janeiro) Administração dos Salesianos
Nossa Senhora de Nazaré	Nossa Senhora de Nazaré	capela - 1914	São João Batista	Capital (Bairro Vila Municipal/

		igreja alvenaria – 1935 paróquia - 1948	São José de Campos Sales – 1929 Residência Paroquial São Francisco de Assis Nossa Senhora das Graças (Beco do Macedo) - 1953 Menino Jesus (Instituto Montessoriano) Sant’Ana (Aleixo) Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (Filhas da Caridade) Asilo de Mendicidade Dr. Thomas Vila Amazonas Km 24 da BR174 Nsra das Graças (Leprosário – Aleixo) – 1949	Adrianópolis) Administração do PIME
Santa Luzia			Coração Imaculado de Maria - 1958 São Lázaro – década de 1960 Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, na Betânia – década de 1960	Bairro de Santa Luzia Administração
São Francisco de Assis			São Pedro – 1955 Nossa Senhora do Carmo - 1958	Bairro de São Francisco de Assis Administração inicialmente diocesana

São Jorge			Cristo Libertador – década de 1960 São Vicente de Paulo – década de 1960 Nossa Senhora Mãe da Misericórdia – década de 1960 Maria Mãe dos Pobres, no Puraquequara	Bairro de São Jorge Administração inicialmente diocesana
Coari	São Sebastião e Sant’Ana	1709 paróquia – 1944		Interior Administração dos Redentoristas
Borba	Santo Antônio	1858		Interior Administração Diocesana
Itacoatiara	Nossa Senhora do Rosário	1759		Interior Administração inicialmente Diocesana
Maués	Nossa Senhora da Conceição	1798		Interior Administração dos Espiritanos
Manicoré	Nossa Senhora das Dores	1859		Interior Administração do PIME
Codajás	Nossa Senhora das Graças	1868 paróquia – 1945		Interior Administração dos Redentoristas
Manacapuru	Nossa Senhora de Nazaré	1896 confirmada como paróquia – 1944		Interior Administração dos Redentoristas
Parintins	Nossa Senhora do Carmo	1803 Prelazia – 1955	Barreirinha	Interior Administração PIME

Quadro construído para esta Tese. Fonte: RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio Ramos (1952); Suplemento de A Reação (1946); Jornal Universal; documentações paroquiais.

Fontes e Referências

Documentos Papais

Carta de Sua Santidade Papa Pio XI “*Quamvis Nostra*” ao Padre Cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro Sobre a Falta de Padres no Brasil. 27 de outubro de 1935.

PIO IX. *Ineffabilis Deus*. 8 de dezembro. 1954. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1999.

PIO IX. *Qui Pluribus*. 9 de novembro de 1848. **Documento da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1999.

PIO IX. *Ubi Primum Nullis*. 2 e de fevereiro de 1949. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2002.

PIO X. **Il Fermo Proposito**. 11 de junho de 1905.

PIO X. *Lamentabili*. 4 de julho de 1907. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1999.

PIO X. *Pascendi Domini Gregis*. 8 de setembro de 1907. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2002.

PIO XI. *Ubi Arcano Dei*, 23 de dezembro de 1922. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Quas Primas*, 11 de dezembro de 1925. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Rerum Ecclesiae*. 28 de fevereiro de 1926. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. **Rite Expiatis**. Roma, 30 de abril de 1926.

PIO XI. *Mortalium Animos*. 6 de janeiro de 1928. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Divini Illius Magistri*. 31 de dezembro de 1929. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Casti Connubii*. 31 de dezembro de 1930. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Quadragesimo Anno*. 15 de maio de 1931. **Documentos da Igreja**, São Paulo, 2004.

PIO XI. *Non Abbiamo Bisogno*. 29 de junho de 1931. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Mit Brennender Sorge*. 14 de março de 1937. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XI. *Divini Redemptoris*. 19 de março de 1937. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XII. *Summi Pontificatus*. 20 de outubro de 1939. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

PIO XII. *Mediator Dei*. 20 de novembro de 1947. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

PIO XII. Bula *Munificentissimus Deus*, 1º de novembro de 1950. **Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

Fontes Eclesiásticas

A Amazônia e o Encontro de representantes da Hierarquia do Brasil com Representantes da Hierarquia dos EUA e Canadá. Abril de 1958.

***Ad Universas Orbis Ecclesias*.** Bula do Santíssimo Senhor Nosso Papa Leão XIII, da nova sagrada hierarquia a ser criada no Brasil. Leão, Bispo Servo dos Sevos de Deus, para memória perpétua. 27 de abril de 1892.

AGUIAR, Dom Lourenço da Costa. **Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas.** 1894.

AIRAGHI, João. **Solicitação de Provisão do Padre José Muritano.** 6 de novembro de 1958.

AMARAL, Dom João da Mata Andrade e. **Carta ao Exmo. E Revmo. Sr. Dom Alberto Ramos.** 7 de março de 1954.

ARAÚJO, João Comaru de. **Carta.** Presidente Altino, São Paulo, 27 de outubro de 1954.

ARAÚJO, João Comaru de. **Carta.** Presidente Altino, São Paulo, 23 de dezembro de 1954.

Ata da Instalação da Arquidiocese de Manaus e tomada de posse do Primeiro Arcebispo Metropolitano. 2 de julho de 1952.

Ata de Instalação da Paróquia de Santa Luzia e do primeiro pároco. 27 de setembro de 1953.

Ata de lançamento da pedra fundamental da igreja de Santa Luzia. 13 de dezembro de 1954.

Ata de Posse do Primeiro Vigário da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré. 13 de junho de 1948.

Ata de Posse do Exmo. Revmo. Dom Frei Olímpio Basílio Pereira, quinto Bispo desta Diocese de Manaus. 16 de fevereiro de 1926.

Boletim Arquidiocesano. 10 de setembro de 1952.

Boletim Arquidiocesano. 13 de outubro de 1954.

Boletim Arquidiocesano. 23 de agosto de 1956.

Boletim Eclesiástico. 10 de julho de 1949.

Boletim Eclesiástico. Maio de 1950.

Boletim Eclesiástico. 10 de dezembro de 1951.

Boletim Eclesiástico, 21 de junho de 1956.

Boletim Eclesiástico, 19 de julho de 1956.

Boletim Eclesiástico, 20 de março de 1957.

Bula “Ob Illud” do Santo Padre o Papa Pio XII, criando a Nova Arquidiocese de Manaus. 16 de fevereiro de 1952.

Carta da Nunciatura Apostólica. Rio de Janeiro. 21 de novembro de 1950.

Carta da Nunciatura Apostólica. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1952.

Carta da Nunciatura Apostólica. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1953.

CASTALDA, Pio de Casa. **Circular do Reverendo Interino.** 30 de dezembro de 1952

Certidão de casamento de Raimundo Batista Belém e Maria Gonçalves Belém. 19 de setembro de 1940. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

CERQUA, Arcângelo. **Clarões de Fé do Médio Amazonas:** a Prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. 1980.

Circular de 20 de Março de 1941.

Código de Direito Canônico. Tradução: CNBB. 12ª Edição. São Paulo: Edições Loyla, 1983.

Comunicação da Nunciatura Apostólica, nº 10.726, RJ, 25/04/1951. **Boletim Eclesiástico.** 10 de maio de 1951.

COSTA, Dom Frederico. **Circular ao Clero e aos fiéis.** 7 de agosto de 1909.

COSTA, Dom Frederico. **Carta Pastoral de Dom Frederico Costa, Bispo do Amazonas, a seus amados diocesanos (1909)**. Ed. Fac-similada. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Imprensa Oficial, 1994.

COSTA, Dom Frederico. **Decreto Episcopal de criação da Pia União das Filhas de Maria**. 7 de abril de 1913.

COUTINHO, Dom Santino. **Ofício de 19 de março de 1914**.

Decreto Apostólico de Pio X. 1º de julho de 1913.

Decreto Episcopal de criação da Pia União das Filhas de Maria. 1913.

Decreto de Ereção Canônica da Paróquia Nossa Senhora Aparecida. 7 de setembro de 1943.

Decreto de Criação da Paróquia de São Francisco de Assis. 1º de outubro de 1956.

Decreto de Criação da Paróquia de São Jorge. 15 de abril de 1957.

Decreto de Ereção Canônica da Paróquia de São José. 5 de fevereiro de 1948.

Decreto de 28 de fevereiro de 1952.

Decreto de 24 de setembro de 1953.

Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia - Coletânea. Brasília, Edições CNBB, 2014.

Documento de Conclusão da 3ª Reunião de Prelados da Amazônia. 5 a 9 de novembro de 1957.

Documento de posse de Dom José Lourenço da Costa Aguiar, 18 de junho de 1894.

Documento de solicitação da criação da Pia União das Filhas de Maria. 1913.

Documento de 27 de novembro de 1893.

Documento de 25 de janeiro de 1896.

Documento de 31 de dezembro de 1928. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

Documento de 9 de junho de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

Documento de 1941. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

Documento de 2 de setembro de 1953. Acervo Cúria Metropolitana de Manaus.

Fátima Missionária. Edição 53, 1 de junho de 2017.

FERNANDEZ, Frei Saturnino. **Histórico da Paróquia de Santa Rita de Cássia**.

FREZZINI, Jorge. **Documento de solicitação da fundação da Congregação Mariana na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.** 4 de janeiro de 1951.

GONÇALVES, Pe. Raimundo Lopes. **O que é Religião?** 1972.

Histórico da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida.

Histórico da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Histórico da Escola Agrícola “Rainha dos Apóstolos”.

Histórico da Paróquia de Santa Luzia. Agosto de 1990.

Histórico da Paróquia de São Jorge. 1990.

1º Centenário de Nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar 1º Bispo do Amazonas. 1947.

II Congresso Eucarístico Regional do Amazonas. 1952.

III Reunião da Província Eclesiástica de Manaus. 30 de agosto a 1º de setembro de 1956.

Igreja Católica. **Pastoral Coletiva,** 1890.

JOFFILY, Dom João Irineu. **A seus Diocesanos.** Manaus, 6 de janeiro de 1917.

JOFFILLY, Dom Irineu. **Carta Pastoral de Saudação aos diocesanos.** Apud Suplemento de A Reação. Março de 1946.

JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta de 30 de novembro de 1921.** Acervo Cúria de Manaus.

JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta de 22 de outubro de 1922.** Acervo Cúria de Manaus.

JOFFILY, Dom João Irineu. **Carta Pastoral ao Revmo. Cabido, ao Venerável Clero e a todos os Fiéis da Arquidiocese de Belém.** 1925.

Lapide de Inauguração da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. 24 de outubro de 1933.

Leão XIII. *Annum Sacrum.* In: **Documentos da Igreja.** 2005.

LEITE, Raimundo Andrade. **Documento de Solicitação da Colônia Antônio Aleixo a Dom Alberto Gaudêncio Ramos.** 11 de setembro de 1952.

Livro Tombo. 1912-1913.

LOMBARDI, Armando. **Discurso Proferido na Instalação da 3ª Reunião de Prelados da Amazônia.** 5 de novembro de 1957.

MASSIATO, Mário. **Histórico da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.** 26 de setembro de 1990.

MORELLI, Alberto. **Comunicado de Resultados na Colônia Antônio Aleixo.** 12 de dezembro de 1950.

MORELLI, Alberto. **Documento de Apresentação dos Párocos**. 5 de fevereiro de 1949.

MORELLI, Alberto. **Documento de apresentação e renovação das faculdades dos padres do PIME**. 3 de janeiro de 1951.

MORELLI, Alberto. **Documento dos padres do PIME a Dom Alberto Ramos**. 28 de janeiro de 1951.

MORELLI, Alberto. **Solicitação das faculdades para o vigário e os vigários coadjutores de Maués e Manicoré**. 9 de fevereiro de 1949.

MORELLI, Alberto. **Solicitação de Provisão**. 29 de fevereiro de 1952.

LEONISSA, José de. **Solicitação de Ereção Canônica da Congregação Mariana na Paróquia de São Sebastião**. 28 de junho de 1952.

LUSTOSA, Dom Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa**: bispo do Pará. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

Nota para o Boletim Paroquial. 10 de agosto de 1952.

Novo Decreto de 1953.

Ofício ao Arcebispo Metropolitano de Manaus. 27 de julho de 1972.

OLIVEIRA, Pe. Raymundo. **Balanço da Diocese de Manaus**. Novembro de 1924.

O'SULLIVAN, Pe. Terêncio. **Documento de 6 de maio de 1972**.

PEREIRA, Milton Correa. **Carta**. Belém, 7 de setembro de 1955.

PINHEIRO, Pe. Raimundo Nonato. **Dom João Irineu Joffily**. 8 de novembro de 1993. Acervo Cúria de Manaus.

PINHEIRO, Nonato. **Histórico da Capela do Pobre Diabo**. 20 de março de 1976.

Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição. Santarém, 8 de dezembro de 1975.

Provisão de 24 de maio de 1963.

RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Carta**, de 29 de setembro de 1953.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta**, de 24 de janeiro de 1955.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta**. Belém, 7 de dezembro de 1989.

RAMOS, Alberto Gaudêncio. **Carta à Nunciatura Apostólica**. Manaus, 23 de abril de 1954.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta à Nunciatura Apostólica**. Manaus. 11 de outubro de 1955.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta aos pais**. Natal de 1930.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Carta Pastoral de Instalação da Arquidiocese de Manaus**. Manaus, 1952.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular**, de 24 de janeiro de 1949.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular nº 1**. Manaus 06 de julho de 1952.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Circular Reservada 13839**. Manaus, 28 de agosto de 1952.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. Manaus, 1952.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Declaração**. 7 de fevereiro de 1949.

RAMOS, Alberto Gaudêncio Ramos. **Decreto de Ereção da Paróquia de Santa Luzia**. 24 de setembro de 1953.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Efemérides Eclesiásticas do Amazonas** (manuscrito).

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **III Carta Pastoral** de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano de Manaus. 1954.

Registro de Títulos e Documentos sob o nº 593, 19 de junho de 1967.

SCHERER, Dom Irineu Roque. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil**: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945. São Paulo: Paulos, 2014.

Solicitação feita à Assembleia Provincial do Amazonas a 26 de abril de 1886. In: RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

ROSSI, Domingos. **Documento de Solicitação de Fundação da Pia União das Filhas de Maria na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré**. 1949.

SPOLETO, Wenceslau de, Pref. Ap. OFM Cap. **Documento para Excelência. Revma. Sr. Núncio Apostólico**. Rio de Janeiro, 1º outubro de 1948.

SOUZA, Cônego Francisco Bernardino de. **Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas**, 1873. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, Fundo Editorial. 1988.

TADINO, Frei Domingo de Gualdo. **Memorando de 11 de junho de 1948**.

VALLE, José Dalla. **Histórico da Paróquia de São José Operário**. 24 de janeiro de 1990.

ZANOLLA, Frei Renato. **IX Congresso Eucarístico Nacional de Manaus**: radio programas SERPAL – vol. 29. Vozes, 1975.

Fontes do Laicato

Jubileu de Amor: histórico dos 25 anos de existência das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue de Cristo no Brasil, formando a Província de Manaus (27 de dezembro de 1947 a 27 de dezembro de 1972). Manaus, 1972.

Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento. 21 de junho de 1914.

Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento. 24 de agosto de 1916.

Ata da Juventude Masculina Católica. Manaus. 1947.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 10 de maio de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 5 de julho de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 2 de agosto de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 6 de setembro de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 4 de outubro de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 27 de outubro de 1913.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 3 de janeiro de 1914.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 1 de janeiro de 1916.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 3 de fevereiro de 1916.

Ata da Pia União das Filhas de Maria, 26 de abril de 1926.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 14 de dezembro de 1918.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 1º de março de 1919.

Ata da Pia União das Filhas de Maria. 5 de julho de 1919.

Ata da União dos Moços Católicos. Manaus, 19 de maio de 1929.

Ata da União dos Moços Católicos. Manaus, 25 de junho de 1929.

Ata Pia União das Filhas de Maria. 25 de maio de 1916.

Livro de Conta da Irmandade do Carmo da Catedral, de 1913-1935.

Livro de Inscrição das Filhas de Maria. 1913 a 1919.

Relatório da Pia União das Filhas de Maria da Sé Catedral. Manaus, 1º de Maio de 1915.

Requerimento de solicitação da criação da Pia União das Filhas de Maria. 2 de abril de 1913.

WENDLING, José Ricardo. **História da Paróquia de São Francisco.** 1990.

Jornais

A autoridade Eclesiástica presente. **Universal**. Manaus, 22 de abril de 1956, n. 159, Ano IV.

A benção solene da capela de Nossa Senhora de Nazaré em Flores. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano IV.

A chegada ontem do Bispo do Amazonas. **A Tarde**, Manaus 22 de janeiro de 1949.

A Comitiva amazonense. **Universal**. Manaus, 8 de setembro de 1957, n. 232, Ano V.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 9 de agosto de 1953, n. 19, Ano I.

Acontecimento da Semana. **Universal**. Manaus, 24 de abril de 1955, n. 108, Ano II.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 11 de dezembro de 1955, n. 140, Ano III.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149, Ano III.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 27 de maio de 1956, n. 164.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 19 de agosto de 1956, n.176, Ano IV.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, Ano V.

Acontecimentos da Semana. **Universal**. Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

A Crítica. 15 de março de 1961.

A Crítica. 1975.

A Ação Católica é um movimento de escol e não de massa. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, Ano I.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 24 de janeiro de 1954, n. 43, Ano I.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 14 de fevereiro de 1954, n. 46, Ano I.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano I.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de março de 1954, n. 51, Ano I.

Ação Católica Arquidiocesana. **Universal**. Manaus, 6 de junho de 1954, n. 62, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 27 de junho de 1954, n. 65, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 4 de julho de 1954, n. 66, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 12 de setembro de 1954, n. 76, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 23 de janeiro de 1954, n. 95, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 20 de fevereiro de 1955, n. 99, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 17 de abril de 1955, n. 107, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 24 de abril de 1955, n. 108, Ano II.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 29 de maio de 1955, n. 113, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 31 de julho de 1955, n. 122, Ano III

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de dezembro de 1955, n. 140, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 8 de janeiro de 1956, n. 144, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 22 de janeiro de 1956, n. 146, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 15 de julho de 1956, n. 171, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 4 de novembro de 1956, n. 187, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 18 de novembro de 1956, n. 189, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 30 de dezembro de 1956, n. 195, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano IV.

Ação Católica. **Universal**. Manaus, 3 de março de 1957, n. 202, Ano IV.

A Coluna Jecista. **Universal**. Manaus, 9 de fevereiro de 1958, n. 254, Ano V.

A Filha de Maria também casa. **Universal**. Manaus, 1º de julho de 1956, n. 169, Ano IV.

A Imprensa, 10 de junho de 1915. Acervo Cúria de Manaus.

A Imprensa, 18 de julho de 1917.

A Imprensa, 29 de outubro de 1917.

A Imprensa, 30 de outubro de 1917.

A Imprensa, 27 de março de 1919. Acervo Cúria de Manaus.

A Imprensa. 25 de maio de 1919.

A Imprensa, 22 de maio de 1921.

A Imprensa, 24 de maio de 1921.

A Imprensa, 27 de março de 1923. Acervo Cúria de Manaus.

A Imprensa, 24 de maio de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

A Imprensa, 29 de setembro de 1924.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 4 de abril de 1953, n. 53, Ano I.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 9 de outubro de 1955, n. 131, Ano III.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 2 de setembro de 1956, n. 178, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 11 de novembro, n. 188, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 16 de dezembro de 1956, n. 193, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1957, n. 196, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 3 de março de 1957, n. 202, Ano IV.

A JOC em Marcha. **Universal**. Manaus, 10 de março de 1957, n. 203, Ano IV.

A Liturgia e a Igreja. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

Algumas espécies de católicos indesejáveis. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149.

Alta distinção conferida ao nosso diretor. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1957, n. 196, Ano IV.

A Mediação de Maria Santíssima nas Encíclicas Papais. **Universal**. Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157.

A Mulher na Igreja. **Universal**. Manaus, 25 de dezembro de 1955, n. 142.

ANTONY, Aristophano. **Crônica, D. Basílio**. 30 de setembro de 1948.

A posição do Seminário na Cultura Amazônica. **Universal**. Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132.

Apostolado da Ação Católica. **Universal**. Manaus, 3 de abril de 1955, n. 105, Ano II.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 5 de maio de 1957, n. 214, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 9 de junho de 1957, n. 219, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 23 de junho de 1957, n. 221, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 30 de junho de 1957, n. 222, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 28 de julho de 1957, n. 226, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 15 de setembro de 1957, n. 233, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 22 de setembro de 1957, n. 234, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 27 de outubro de 1957, n. 239, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 24 de novembro de 1957, n. 242, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 22 de dezembro de 1957, n. 245, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 5 de janeiro de 1958, n. 247, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 12 de janeiro de 1958, n. 248, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 26 de janeiro de 1958, n. 252, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 9 de março de 1958, n. 258, Ano V.

Apostolado Leigo. **Universal**. Manaus, 27 de abril, n. 265, Ano V.

Apoteose de fé cristã! O povo de Manaus vibra diante do empolgante espetáculo divinizador. **A Tarde**, Manaus 3 de julho de 1952.

A Província do Pará, 22 de outubro de 1975.

A Quadragésimo Anno. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127.

A Semana (2018) apud TANAJURA, Mozart. 2003.

As Grandiosas Solenidades de Hoje. **Universal**. Manaus, 12 de abril de 1953, Ano I.

As Solenidades Religiosas de Amanhã: será festivamente comemorado pela Igreja o primeiro aniversário da Arquidiocese do Amazonas. **A Tarde**. Manaus, 1 de julho de 1953.

A Tribuna Religiosa, Olinda – PE, 24 de maio de 1917.

Bairro de São Francisco. **Universal**. Manaus, 13 de fevereiro de 1955, n. 98, Ano 2.

Benções da Virgem de Fátima sobre o Amazonas. **Universal**. 30 de agosto de 1953, n. 22, Ano 1.

BOAVENTURA, Frei, OFM. Pode um católico ser espírita? **Universal**. Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145.

Bodas de Ouro na Arquidiocese de Belém. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162.

Boletim Arquidiocesano, 11 de junho de 1953.

Boletim Paroquial. 27 de abril de 1924, ano VI.

Boletim Paroquial. 5 de outubro de 1924. Ano VII.

Boletim Paroquial. 01 de Fevereiro de 1925. Ano VII.

Boletim Paroquial. 24 de maio de 1925. Ano VII.

BRANDÃO, Monsenhor Ascânio. A Mulher e a Educação Física. **Universal.** Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135.

Brilhante Alocução. **Universal.** Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

Certame Catequístico do Ano Mariano. **Universal.** Manaus, 29 de agosto de 1954, n. 74, Ano II.

Chegou dia 25 a embaixada paraense que vem buscar Dom Alberto. **Universal.** Manaus, 29 de setembro de 1957, n. 235, Ano V.

Chegou hoje o novo Bispo de Manaus. **A Tarde,** Manaus 21 de janeiro de 1949.

Cidadão Honorário de Manaus. **Universal.** Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

Cinquentenário da Arquidiocese de Belém. **Universal.** Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160.

Clube de Mães da Casa da Criança. **Universal.** Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132.

Clube dos Padres. **Universal.** Manaus, 12 de maio de 1957, n. 215, Ano V.

Colônia Amazonense no Rio. **Universal.** Manaus, 23 de fevereiro de 1958, n. 256, Ano V.

Coluna de Ação Católica. **Universal.** Manaus, 13 de novembro de 1955, n. 136, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 9 de setembro de 1956, n. 179, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 18 de dezembro de 1955, n. 141, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 6 de fevereiro de 1956, n. 148, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 12 de fevereiro de 1956, n. 149, Ano III.

Coluna Jecista. **Universal.** Manaus, 4 de março de 1956, n. 152, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 6 de maio de 1956, n. 161, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 27 de maio de 1956, n. 164, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano III.

Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 26 de abril de 1953, n.4, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 31 de maio de 1953, n. 9, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 14 de junho de 1953, n. 11, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 28 de junho de 1953, n. 13, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 26 de julho de 1953, n. 17, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 16 de agosto de 1953, n. 20, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 30 de agosto de 1953, n. 22, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 6 de setembro de 1953, n.23, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 13 de setembro de 1953, n. 24, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 6 de outubro de 1953, n. 27, Ano V.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 25 de outubro de 1953, n. 30, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 29 de novembro de 1953, n. 35, Ano I.

Coluna Operária. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

Combate ao Divórcio: dois Cardeais e dezoito Arcebispos reunidos no Rio em Conferência.
A Tarde. Manaus, 18 de outubro de 1952.

Comovedor Congresso Eucarístico de Hansenianos. **Universal**. Manaus, 2 de outubro de 1955, n.130.

Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

Confirmação de prévia aprovação para a Criação do Bispado. **Diário de Manaus**, 27 de agosto de 1891.

Conversando com Filhas de Maria. **Universal**. Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano I.

Conversando com a LOCF. **Universal**. Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano III.

Convocação do Monsenhor Raymundo Amâncio de Miranda para reunião em prol da Criação do Bispado. foi feita pelo **Jornal do Amazonas**, de 3 de maio de 1890. Acervo Cúria de Manaus.

Coração Imaculado de Maria. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126.

Cotado Cardeal Cerejeira como Candidato ao Papado. **Universal**. Manaus, 10 de março de 1957, n. 205, Ano V.

Criação do Bispado. **Jornal do Amazonas**, 01 de julho de 1887. Acervo Cúria de Manaus.

Criado o Arcebispado do Amazonas. **A Tarde**, Manaus 3 de março de 1952.

Cruz sempre erguida e brilhante! **A Tarde**. Manaus, 3 de julho de 1952.

Declaração do Episcopado na América Latina. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

Decreto de 26 de maio de 1942. In: **Edição Especial do Diário Oficial**, quarta-feira, 3 de junho de 1942.

Definição das Subcomissões para a Criação do Bispado. **Jornal do Amazonas**, de 6 de setembro de 1891.

De Nazaré? **Universal**. Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

De novo conosco. **Universal**. Manaus, 24 de novembro de 1957, n. 242, Ano V.

Designado o Administrador Apostólico para a Prelazia de Parintins. **Universal**. Manaus, 25 de março de 1956, n. 155.

Despede-se a Arquidiocese de Manaus. **Universal**. Manaus, 15 de setembro de 1957, n. 233, Ano V.

Dez pontos principais para uma Catequista. **Universal**. Manaus, 7 de agosto de 1995, n. 123.

Dia Mundial da JOC. **Universal**. Manaus, 25 de abril de 1954, n. 56, Ano II.

Diálogo do tempo com a eternidade. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro, n. 198, Ano IV.

Dia da JEC. **Universal**. Manaus, 5 de dezembro de 1954, n. 88, Ano II.

Dia Mundial do Catecismo. **Universal**. Manaus, 19 de agosto de 1956, n. 176.

Dia Mundial da JOC. **Universal**. Manaus, 24 de abril de 1955, n. 108, Ano II.

Diário de Manaus. 16 de julho de 1891.

Diário de Manaus. 29 de julho de 1891.

Diário de Manaus. 27 de agosto de 1891.

Diário Oficial, terça-feira 21 de outubro de 1941.

Diário Oficial do Estado do Amazonas, 30 de junho de 1965.

Dias Esplendentes de fé cristã viverá o Amazonas. **A tarde**, Manaus 30 de junho de 1952.

DINIZ, Yole. Correio Feminino. **Universal**. Manaus, 9 de janeiro de 1955, n. 93, Ano 2.

Direção do Seminário. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

Dirige Pio XII uma Mensagem ao Mundo. **Universal**. Manaus, 15 de abril de 1956, n. 158, Ano III.

Discurso de Abertura de Álvaro Maia no Congresso Intermunicipal de Economia e Administração. In: **Edição Especial do Diário Oficial**. 3 de junho de 1942

D. João Irineu Joffily. **A Palavra**. Belém, 28 de maio de 1925.

D. José Lourenço. **ACrítica**. 10 de junho de 1905.

D. José Lourenço. **Jornal do Commercio**. 11 de junho de 1905.

D. José Lourenço. **Jornal do Commercio**. 29 de dezembro de 1905.

Dois projetos sobre o Ensino. **Universal**. Manaus, 23 de dezembro de 1956, n. 194, Ano IV.

Dom Alberto Transferido. **Universal**. Manaus, 19 de maio de 1957, n. 116, Ano V.

Dom Alberto continuará governando a Arquidiocese de Manaus até a tomada de posse do novo Arcebispo. **Universal**. Manaus, 21 de julho de 1957, n. 225, Ano V.

D'O Dia. 15 de fevereiro de 1926.

D'O Dia. 16 de fevereiro de 1926.

D'O Dia. 17 de fevereiro de 1926.

Dom João da Mata. **Universal.** Manaus, 5 de agosto de 1956, n. 174, Ano IV.

Dom João de Souza Lima, novo Arcebispo de Manaus. **Universal.** Manaus, 9 de fevereiro de 1958, n. 254, Ano V.

Eco Jecistas. **Universal.** Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano III.

Ecos da Grande Notícia. **Universal.** Manaus, 2 de fevereiro de 1958, n. 253, Ano V.

Edição Especial do Diário Oficial, quarta-feira, 3 de junho de 1942.

Em atividade o Secretariado Nacional do Ensino Religioso. **Universal.** Manaus, 15 de janeiro de 1956, n. 145.

Encerrado Apoteoticamente: a Imponente Festa Litúrgica o grau religioso do nosso povo, católico por sentimento e tradição. **A Tarde.** Manaus, 7 de julho de 1952.

Encontro Nacional de Ação Católica. **Universal.** Manaus, 28 de abril de 1957, n. 213, Ano V.

Entrada Triunfal de Dom Irineu Joffily na cidade de Santa Maria de Belém. **A Palavra.** Belém, 25 de janeiro de 1925.

Episcopado Brasileiro. **Universal.** Manaus, 10 de julho de 1955, n. 119.

Estado do Grão-Pará, Belém, 25 de maio de 1894.

Estado do Pará, 29 de abril de 1916. Acervo Cúria de Manaus.

Estudantes em Reunião. **Universal.** Manaus, 15 de janeiro de 1961, n. 377, Ano IX.

Extraordinária Concentração Catequética. **Universal.** Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

Fala o Santo Padre. **A Tarde**, Manaus 24 de dezembro de 1949.

Fátima Missionária. Edição 53, 1 de junho de 2017.

Federação Arquidiocesana de Filhas de Maria. **Universal.** Manaus, 16 de janeiro de 1955, n. 94, Ano II.

Federação Mariana Feminina. **Universal.** Manaus, 27 de abril de 1958, n. 265, Ano VI.

Festa da Inteligência: a Recepção do Padre Pereira Neto na Academia Amazonense de Letras. **Universal.** Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147.

Filhas de Maria da Catedral. **Universal.** Manaus, 30 de janeiro de 1955, n. 96, Ano II.

Folhas do Norte. 6 de abril de 1920.

Folha do Norte. 17 de fevereiro de 1926.

Fraternidade Mariana. **Universal.** Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

FREITAS, A. P. O que a JOC observa e institui. **Universal.** Manaus, 17 de julho de 1955, n. 120, Ano III.

Fugindo do Paraíso do Vietnam Vermelho. **Universal.** Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 17 de maio de 1953, n. 7, n. I.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 31 de maio de 1953, n. 9, Ano 1.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 2 de agosto de 1953, n. 18, Ano 1.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 6 de setembro de 1953, n. 22, Ano I.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 3 de Janeiro de 1954, n. 40, Ano 1.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 20 de fevereiro de 1955, n. 99, Ano 2.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 127.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 8 de janeiro de 1956, n. 144, Ano III.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 22 de janeiro de 1956, n. 146, Ano III.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 5 de fevereiro de 1956, n. 148, Ano III.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 6 de maio de 1956, n. 161, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 12 de agosto de 1956, n. 175.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 30 de dezembro de 1956, n. 195, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 27 de janeiro de 1957, n. 199, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 3 de março de 1957, n. 204, Ano IV.

Governo Arquidiocesano. **Universal.** Manaus, 29 de setembro de 1957, n.235, Ano V.

Grandiosa Solenidade na Catedral. **Universal.** Manaus, 5 de abril de 1953, n.1, ano I.

Homenagem muito justa” os paroquianos do Bairro de Aparecida comemorarão o 10º aniversário da chegada, ao nosso Estado, dos Padres Redentoristas. **A Tarde**. Manaus, 30 de julho de 1954.

Homenagens da Academia. **Universal**. Manaus, 22 de setembro de 1957, n. 234, Ano V.

Honrosa Distinção a dois membros do Clero Amazonense. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126.

II Congresso Eucarístico. A Tarde, Manaus 25 de junho de 1952.

II Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica de Manaus. **Universal**. Manaus, 16 de setembro de 1956, n. 180, Ano IV.

Igreja francesa consagrada a São Pio X. **A Tarde**. Manaus, 2 de outubro de 1954.

Importante Conclave dos Prelados. **Universal**. Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano IV.

Inaugurado o Ano Santo. **A Tarde**, Manaus 26 de dezembro de 1949.

Intenções do Santo Padre para o Ano Mariano. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

Irão a São Paulo. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

JICF. **Universal**. Manaus, 6 de fevereiro de 1956, n. 148, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 12 de fevereiro de 1956, 149, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 20 de fevereiro de 1956, n. 150, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 1º de abril de 1956, n. 156, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano III.

JICF. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano III.

JOFFILY, Dom João Irineu. Ao Revmo. Clero e aos caríssimos diocesanos do Amazonas. In: **Jornal do Commercio**, 28 de setembro de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

Jornal do Amazonas. 10 de julho de 1882.

Jornal do Amazonas. 01 de julho de 1887.

Jornal do Amazonas. 3 de maio de 1890.

Jornal do Amazonas. 21 de maio de 1890.

Jornal do Amazonas. 29 de maio de 1890.

Jornal do Amazonas. 6 de setembro de 1891.

Jornal do Commercio, 8 de abril de 1924. Acervo Cúria de Manaus.

Jornal do Commercio. 16 de fevereiro de 1926.

Jornal do Commercio. 17 de fevereiro de 1926.

Jornal do Commercio. Agosto de 1948.

Jornal do Commercio. 1961.

Jornal do Commercio, 22 de outubro de 1975.

Juventude Universitária Católica. **Universal.** Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

Juventude Universitária Católica. **Universal.** Manaus, 18 de setembro de 1955, n. 129, Ano III.

Juventude Universitária Católica. **Universal.** Manaus, 16 de outubro de 1955, n. 132, Ano III.

LICF. **Universal.** Manaus, 29 de janeiro de 1956, n. 147, Ano III.

LIMA, Dom João de Souza. Carta aos Amazonenses. Manaus, 31 de maio de 1958. Apud: **Universal.** Manaus, 1º de junho de 1958, n. 270, Ano VI.

Mais uma vitória do Movimento Litúrgico. **Universal.** Manaus, 4 de dezembro de 1955, n. 139.

Manaus Exultante de Fé: S. Eminência Revdma. Dom Jaime Câmara espalha seu verbo convincente por entre bênçãos ao povo amazonense. **A Tarde.** Manaus, 5 de julho de 1952.

Maratona Catequética Nacional. **Universal.** Manaus, 24 de março de 1957, n. 207, Ano IV.

Maria e os Operários. **Universal.** Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

Mensagem dos Exmos. Snrs, Arcebispo e Bispos Prelados da Província Eclesiástica de Manaus. **Universal.** Manaus, 19 de abril de 1953, n. 3, Ano I.

Missa do Universitário. **Universal.** Manaus, 13 de fevereiro de 1955, n. 98, Ano II.

Movimento Jicista. **Universal.** Manaus, 23 de fevereiro, n. 256, Ano V.

Movimento Religioso na Visita Pastoral. **Universal.** Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160.

Movimento Universitário. **Universal.** Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 19 de abril, n. 3, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 19 de abril de 1953. Manaus. Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano I .

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 16 de agosto, n. 20, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 25 de outubro de 1953, n. 30, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 3 de janeiro de 1954, n. 40, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 17 de janeiro de 1954 n. 42, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 14 de fevereiro de 1954, n. 46, Ano I.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 2 de maio de 1954, n. 57, Ano II.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 13 de junho de 1954, n. 63, Ano II.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 27 de fevereiro de 1955, n. 100, Ano II.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 8 de maio de 1955, n. 110, Ano III.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 6 de novembro de 1955, n. 135, Ano III.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 1º de janeiro de 1956, n. 143, Ano III.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 21 de outubro de 1956, n. 185, Ano IV.

Mundo Mariano. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1957, n. 198, Ano III.

Não foi aceita a renúncia. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

No Comunismo não há lugar para a Religião. **Universal**. Manaus, 4 de setembro de 1955, n. 127.

NOGUEIRA, Pe. Walter Gonçalves. Apologia à Vista. **Universal**. Manaus, 20 de maio de 1956, n. 163.

Notícias Diversas. **Universal**. Manaus 11 de outubro de 1953, n. 28, Ano 1.

Notícias Diversas. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 24 de maio de 1953, n. 8, Ano I.

Noticiário Paroquial. **Universal**. Manaus, 10 de maio de 1953, n. 6, Ano I.

Notícias Paroquiais. **Universal**. Manaus, 7 de junho, n. 10, Ano I.

Novos Seminaristas. **Universal**. Manaus, 27 de março de 1955, n. 104, Ano 2.

Nova Paróquia. **Universal**. Manaus, 16 de setembro de 1956, n. 180, Ano IV.

Novas Concessões sobre a Missa Vespertina e o Jejum Eucarístico. **Universal**. Manaus, 14 de abril de 1957, n. 209, Ano V.

Novo Vigário da Paróquia de São Sebastião. **Universal**. Manaus, 4 de setembro de 1955, n. 126.

O Aniversário de Pio XII. **Universal**. Manaus, 18 de março de 1956, n. 154, Ano III.

Obra das Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 21 de junho de 1953, n. 12, Ano 1,

O Cinema. Número 18. Agosto de 1947.

O Cinema e Família: oportunas palavras do Papa Pio XII sobre o filme ideal. **Universal**. Manaus, 23 de setembro de 1956, n. 181, Ano IV.

O Comunismo é intrinsecamente perverso. **Universal**. Manaus, 20 de novembro de 1955, n. 137, Ano III.

O Congresso Eucarístico no Brasil: os cardeais da França, de Portugal e dos Estados Unidos visitarão nosso país. **A Tarde**. Manaus, 23 de dezembro de 1954.

O Comunismo destrói o Indivíduo. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125.

O Espírito da Liberdade. **Universal**. Manaus, 24 de fevereiro de 1957, n. 203, Ano IV.

O Governador Decreta. **Universal**. Manaus, 3 de julho de 1955, n.118.

O Homem mais estimado do Mundo”. **Universal**. Manaus, 12 de outubro de 1958, n. 289, ano VI.

O imprescindível dever de todos colaborarem com a Obra das Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

O Jornal. Junho de 1948.

O Jornal. 25 de abril de 1971.

O lançamento se deu na semana anterior. N.S. das Graças terá sua igreja em Manaus: lançada a pedra fundamental do templo à milagrosa Santa do Beco do Macedo. **A Tarde**. Manaus, 29 de setembro de 1953.

O Libertador. 17 de fevereiro de 1926.

Operários. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

O Primeiro Dever de um Pároco. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 18 de dezembro de 1955, n. 141.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano II.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 4 de março de 1956, n. 152, Ano III.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 1º de abril de 1956, n. 154, Ano III.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 22 de abril de 1956, n. 159, Ano IV.

O que haverá essa semana. **Universal**. Manaus, 10 de junho de 1956, n. 166, Ano IV.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano IV.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 20 de janeiro de 1956, n. 198, Ano IV.

O que haverá esta semana. **Universal**. Manaus, 1 de setembro de 1957, n. 231, Ano V.

Oração de Pio XII para os leigos da AC. Ação Católica. **Universal**. Manaus, 22 de agosto de 1954, n. 73. Ano II.

Ordenações. **Universal**. Manaus, 6 de janeiro de 1956, n.196, Ano IV.

Oremus Pró-Pontífice. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano I.

Orientação Operária. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

Os Trabalhadores do Porto. **Universal**. Manaus, 12 de maio de 1957, n. 215, Ano V.

O Tempo, 8 de maio de 1914. Acervo Cúria de Manaus.

Palavras do Monsenhor Raymundo Amâncio de Miranda. **Jornal do Amazonas de 29 de maio de 1890**. Arquivo Cúria de Manaus.

Panorama Estudantil. **Universal**. Manaus, 26 de abril, n. 4, Ano I.

Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 2 de dezembro de 1956, n. 191, Ano IV.

Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 29 de abril de 1956, n. 160, Ano III.

Paróquia da Catedral. **Universal**. Manaus, 13 de janeiro de 1957, n. 197, Ano III.

Paróquia de Manicoré. **Universal**. Manaus, 9 de dezembro de 1956, n. 192, Ano IV.

Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 30 de setembro de 1956, n. 182, Ano IV.

Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 18 de agosto de 1957, n. 229, Ano V.

Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 25 de agosto de 1957, n. 230, Ano V.

Paróquia de São Sebastião: despedida do Senhor Arcebispo. **Universal**. Manaus, 1 de setembro de 1957, n. 231, Ano V.

Paróquia de São Francisco. **Universal**. Manaus, 2 de março de 1958, n. 257, Ano V.

Páscoas Coletivas na Catedral. **Universal**. Manaus, 20 de maio de 1956, n. 163, Ano IV.

Pela Ação Católica. **Universal**. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

Pela reza diária do terço. **Universal**. Manaus, 9 de outubro de 1955, n. 131, Ano III.

Peregrinos Amazonenses no Congresso Eucarístico. **Universal**. Manaus, 10 de julho de 1955, n. 119.

Pelo Seminário. **Universal**. Manaus, 24 de janeiro de 1954, n. 43, Ano 1.

Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 22 de julho de 1956, n. 172, Ano III.

Pia União da Catedral. **Universal**, Manaus, 26 de agosto de 1956, n. 177, Ano III.

Pia União na Catedral. **Universal**. Manaus, 2 de setembro de 1956, n. 178, Ano III.

Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano III.

Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano III.

Pia União da Catedral. **Universal**. Manaus, 8 de janeiro de 1961, n. 376, Ano IX.

Pio XII Acentua a Necessidade de Pacificar os Conflitos Humanos. **A Tarde**. Manaus, 11 de outubro de 1952.

Pio XII e a Questão Social. **Universal**. Manaus, 7 de agosto de 1955, n. 123.

PINHEIRO, Pe. Nonato. A Epopeia das Missões. **Universal**. Manaus, 23 de outubro de 1955, n. 133.

PINHEIRO, Padre Nonato. Carta a uma jovem da Ação Católica. **Universal**. Manaus, 11 de novembro de 1956, n. 188, Ano IV.

PLAYFAIR, Tom. Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 17 de julho de 1955, n. 120, Ano III.

PLAYFAIR, Tom. Coluna Jocista. **Universal**. Manaus, 14 de agosto de 1955, n. 124, Ano III.

PLAYFAIR, Tom. **Universal**. Manaus, 21 de agosto de 1955, n. 125, Ano III.

Precioso Documento. **Universal**. Manaus, 7 de outubro de 1956, n.183, Ano IV.

Primeira Reunião da Comissão para a Criação do Bispado. **Jornal do Amazonas**, 21 de maio de 1890.

Primeira Saudação do novo Arcebispo de Manaus. **Universal**. Manaus, 2 de março de 1958, n. 257, Ano V.

Primeiros dias de S. Excia. Revma. D. Alberto G. Ramos em Belém. **Universal**. Manaus, 6 de outubro de 1957, n. 136, Ano V.

Programa de Dom Alberto nos seus últimos dias entre nós. **Universal**. Manaus, 8 de setembro de 1957, n. 232, Ano V.

Projeto de Lei do Deputado Passos de Miranda apresentado à Assembleia Provincial. **Jornal do Amazonas, 01 de julho de 1887**. Acervo Cúria de Manaus.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Estimulando e Abençoando. 30 de março de 1953. **Universal**. Manaus, 5 de abril de 1953, n. 1, Ano 1.

Recursos para a Criação do Bispado. **Jornal do Amazonas, 29 de maio de 1890**. Arquivo Cúria de Manaus.

Regressou o Arcebispo Metropolitano: D. Alberto Gaudêncio Ramos teve concorrido desembarque. **A Tarde**. Manaus, 28 de julho de 1954.

Repicaram festivamente os sinos de Belém. **Universal**. Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

Rerum Novarum. **Universal**. Manaus, 15 de maio de 1955, n. 111, Ano III.

Resenha do ano de 1954 na Vida Católica do Amazonas. **Universal**. Manaus, 2 de janeiro de 1955, n. 92, Ano 2.

Respeito à Casa de Deus. **Universal**. Manaus, 1º de julho de 1956, n. 169.

Retiros durante o Carnaval. **Universal**. Manaus, 28 de fevereiro de 1954, n. 47, Ano I.

RIBEIRO, Couto. Cartas de Longe. **Jornal do Recife**. 12 de setembro de 1925.

Salve a Federação Mariana do Amazonas. **Universal**. Manaus, 13 de maio de 1956, n. 162, Ano III.

Santas Missões. **Universal**. Manaus, 15 de julho de 1956, n. 171, Ano IV.

Santuário de Nossa Senhora de Fátima: comissão administrativa para os serviços de construção do templo. **A Tarde**. Manaus, 27 de outubro de 1953.

Saudação à Arquidiocese de Belém. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém e Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus. **Universal**. Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

Segundo Congresso Nacional de Vocações Sacerdotais. **Universal**. Manaus, 14 de outubro de 1956, n. 184, Ano IV.

Sem Papa não há Igreja. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121.

SERRA, Padre. A *Quadragesimo Anno*. **Universal**. Manaus, 11 de setembro de 1955, n. 128, Ano III.

Sois Bons Católicos. **Universal**. Manaus, 24 de julho de 1955, n. 121, Ano III.

Solene Novenário em Honra a Nossa Senhora da Conceição. **Universal**. Manaus, 27 de novembro de 1955, n. 138, Ano III.

Solenidades da Festa de Cristo Rei. **Universal**. Manaus, 28 de outubro de 1956, n. 186, Ano IV.

Solicitação da criação da Diocese, feita a 5 de junho em sessão da Câmara dos Deputados. **Jornal do Amazonas, 10 de julho de 1882**. Acervo Cúria de Manaus.

Suplemento de **A Reação**. Visão Histórica da Diocese de Manaus nas Festas Jubilares de 1946. Manaus, março de 1946.

Todos aos Cais! **Estado do Pará**. Belém, 18 de janeiro de 1925.

Trecho da oração de Pio XII para o Ano Mariano de 1954. **Universal**. Manaus, 13 de dezembro de 1953, n. 37, Ano I.

Tríduo Jecista. **Universal**. Manaus, 28 de agosto de 1955, n. 126, Ano III.

Um Índio do Amazonas também é o nosso próximo, afirma o S. P. Pio XII. **Universal**. Manaus, 29 de julho de 1956, n. 173, Ano IV.

Universal. Manaus, 5 de abril de 1953, n. 1, Ano 1, p.3.

Universal. Manaus, 26 de abril de 1953, n. 4, Ano I.

Universal. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 10, Ano I.

Universal. Manaus, 7 de junho de 1953, n. 11, Ano I.

Universal. Manaus, 28 de junho de 1953, n. 13, Ano I.

Universal. Manaus, 3 de julho de 1953, n. 14, Ano I.

Universal. Manaus, 2 de agosto de 1953, n. 18, Ano I.

Universal. Manaus, 16 de agosto de 1953, n. 20, Ano I.

Universal. Manaus, 20 de setembro de 1953, n. 25, Ano I.

Universal. Manaus, 27 de setembro de 1953, n. 26, Ano I.

Universal. Manaus, 15 de novembro de 1953, n. 33, Ano I.

Universal. Manaus, 22 de novembro de 1953, n. 34, Ano I.

Universal. Manaus, 29 de novembro de 1953, n. 35, Ano I.

Universal. Manaus, 13 de dezembro de 1953, n. 37, Ano 1, p. 1.

Universal. Manaus, 20 de dezembro de 1953, n. 38, Ano I.

Universal. Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano 1.

Universal. Manaus, 28 de março de 1954, n. 52, Ano 1.

Universal. Manaus, 9 de janeiro de 1955, n. 93, Ano II.

Universal. Manaus, 16 de janeiro de 1955, n. 94, Ano 2.

Universal. Manaus, 20 de março de 1955, n. 103, Ano II.

Universal. Manaus, 31 de março de 1957, n. 208, Ano IV.

Universitários Perseguidos. **Universal.** Manaus, 29 de maio de 1955, n. 113, Ano III.

VI Congresso Eucarístico Nacional. **Universal.** Manaus, 10 de maio de 1953, n. 9, Ano I.

Viagem de Dom Alberto. **Universal.** Manaus, 13 de outubro de 1957, n. 237, Ano V.

Viagens de Dom Alberto. **Universal.** Manaus, 1º de abril de 1956, n. 156, Ano III.

Visita de Dom Jerônimo Thomé a Manaus. ***Diário de Manaus, 16 de julho de 1891.*** Arquivo Cúria de Manaus.

Visita de Dom Jerônimo Thomé a Manaus. ***Diário de Manaus, 29 de julho de 1891.*** Arquivo Cúria de Manaus.

Visita Pastoral. **Universal.** Manaus, 3 de maio de 1953, n. 5, Ano I, p. 3.

Visita Pastoral. **Universal.** Manaus, 3 de julho de 1955, n. 118, Ano III.

Visita Pastoral. **Universal.** Manaus, 8 de abril de 1956, n. 157, Ano IV.

Visita Pastoral. **Universal.** Manaus, 24 de junho de 1956, n. 168, Ano IV.

Visita Pastoral a Manacapuru. **Universal.** Manaus, 14 de julho de 1957, n. 224, Ano V.

Visitas Pastorais. **Universal.** Manaus, 10 de fevereiro de 1957, n. 201, Ano IV.

Visitas Pastorais. **Universal.** Manaus, 11 de agosto de 1957, n. 228, Ano V.

Viva o Papa! **Universal.** Manaus, 26 de fevereiro de 1956, n. 151, Ano II.

Vocações Sacerdotais. **Universal.** Manaus, 10 de janeiro de 1954, n. 41, Ano 1.

Vozes de Petrópolis, 16 de maio de 1914.

XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. **Universal**. Manaus, 10 de abril de 1955, n.106, Ano 2.

6.000 Filhas de Maria em Roma. **Universal**. Manaus, 8 de agosto de 1954, n.71, Ano II.

Outras Fontes

Lei n. 878 de 30 de Dezembro de 1950. Júlio Francisco de Carvalho Filho, Governador do Estado, e Washington Cesar Filho, Secretário Geral do Estado. Leis, Decretos e Regulamentos. 1950.

Bibliografia

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2002.

ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2018.

AMARAL, Ronaldo. **Santos Imaginários, Santos Reais**: a literatura hagiográfica como fonte histórica. São Paulo: Intermeios, 2013.

AMARAL, Walter Valdevino de. **As Filhas de Maria**: confluência entre o catolicismo romanizado e a modernização em Pernambuco. XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História da Religiões. Goiânia – UFG, 25 a 27 de Maio de 2009.

AMARAL, Walter Valdevino de. **Que Fizeram ‘Ellas’?**: As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife , 1902-1922. Dissertação apresentada em Recife, na Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

AMAZONAS, Cláudio. **Constantinópolis**: origens e tradições. Manaus: Muiraquitã, 2008. Coleção História dos Bairros.

ANDRADE, Maria Lucélia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação apresentada em Recife, na Universidade Federal do Ceará, 2008.

ANDRADE, Maria Lucélia de. **“O dogma não muda, mas debes vivê-lo no dia de hoje não no de ontem”**: tempo, modernidade e tradição na pauta das Filhas de Maria (1915-1965). III Seminário de História Nacional e História Contemporânea - Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos. Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato-CE, 2018.

ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Umberto Calderaro. 1985.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas** (1859). Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia – 1551-2001. Petrópolis: Vozes, 2001.

AZZI, Riolando. **A Neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

AZZI, Riolando (Org.). **A Vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo 3 - Terceira época (1930-1964). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AZZI, Riolando. **O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994.

AZZI, Riolando e BEOZZO, Oscar (orgs.). **Os Religiosos no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas. 1986.

AZZI, Riolando e BEOZZO, Oscar (orgs.). **Os Salesianos no Brasil à luz da história**: enfoques históricos. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1986.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, EDUA e INPA, 2007.

BENTES, Dorinethe dos Santos. **Manaus**: outras faces da história (1910-1940). Manaus: Reggo, 2014.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II**: 1959-1965. São Paulo: Paulinas, 2005.

BESSA, Roberto. **Memorial**: síntese da história de um bairro – Aparecida. Manaus: Editora Uirapuru, 2007.

BIHLMAYER, K.; TUECHLE, H. **História da Igreja**. Volume 3, São Paulo: Paulinas, 1965, p. 528.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**, ou, O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: JZE, 2001.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRAGA, Genesino. **Dom Frederico Costa**. Manaus: Academia Amazonense de Letras.

BRELICH, Ângelo. In: FILORAMO, Giovani. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

BRIGHINTI, Agenor. **A Pastoral Coletiva**: modelo de ação. Boletim Ameríndia, nº30 de 4 de maio de 2019.

BRION, Ioneide Maria Piffano. **As Filhas de Maria: uma história social da Pia União**. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, 2009.

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: DUBY, George; ARIÈS, Phillippe. **História da Vida Privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURNS, Bradford. **Manaus, 1910**: retrato de uma cidade em expansão. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

CABRAL, Adriana Brito Barata. **De Lazarento a Leprosário: políticas de combate a lepra em Manaus (1921-1942)**. Dissertação, UFAM, 2010.

CALDERÓN, Carmen Betel Rocha. **Paisagem Cultural do Bairro de São Raimundo**. Manaus: IPHAN/AM, 2009.

CASANOVA, José. **A Globalização do Catolicismo e o Retorno a uma Igreja Universal**. REVER, Revista de Estudos da Religião. Dezembro, 2010.

CASTILLO, José Manuel del. O Movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil**: perspectiva Histórica. 1997.

CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Biblos, 2008. Volume I.

CERETTA, Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Biblos, 2014. Volume II.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas. **Trabalho e Emancipação**: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: o imaginário da república no Brasil. 1990.

CHIRON, Yves. **Pio XI**: Il Papa de Patti Lateranensi e dell'opposizione ai totalitarismi. Edizioni San Paolo, 2006.

COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana**: trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Valer, 2014.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As Mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: Edua, 2005.

COSTA, Francisco de Macedo. Lutas e vitórias. Apud: HAUCK, João Fagundes et.al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época. Petrópolis: Vozes, 1992.

DIEL, Paulo Fernando. A Paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil**: perspectiva Histórica. 1997.

DEELEN, Godofredo. **O Episcopado Brasileiro**. REB (Revista Eclesiástica Brasileira). N. 27, n. 2. 1967.

DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015.

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores**: história dos Papas. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

DUMONT, Louis. **Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FARIAS, Elson. **Cem Anos de Fé na Floresta**: o centenário da Arquidiocese de Manaus. Manaus, 1993.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. “**Na Vaga Claridade do Luar**”: história e literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967). Curitiba: Appris, 2020.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização**: a implantação da Diocese da Paraíba (1894/1910). João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os Papas e o Papado**: de Pedro a Bento XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

FIGUEIREDO, Agnaldo Nascimento. **Santa Luzia**: história do povo do Emboca. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

FORTES, Carolina Coelho. As ordens mendicantes e a santidade na Idade Média. In: SILVA, Andréia C. L. Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (Orgs.). **Mártires, Confessores e Virgens**: o culto aos santos no Ocidente Medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

FRAGOSO, Hugo. Uma contribuição para a história vocacional da Província Franciscana de Santo Antônio. In: AZZI, Riolando (Org.). **A Vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.

FRAGOSO, Hugo. Novas fundações franciscanas no Nordeste. In: AZZI, Riolando, BEOZZO, Oscar. **Os Religiosos no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1986.

GAMA, Rosineide de Melo. **Dias Mefistofélicos**: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

GUERREAU, Alain. **El Futuro de un Pasado**: la Edad Media en el siglo XXI. Barcelona: Crítica, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). Cia das Letras, 1994.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Viva la Revolución**: a era das utopias na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

HOLMES, J. Derek; BICKERS, Bernard W. **História da Igreja Católica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Amazonas: a história eclesiástica no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia. Amazonas: Missão Salesiana de Humaitá, 1959.

HAUCK, João Fagundes... [et.al]. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época. Petrópolis: Vozes, 1992,

J.B. **A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**: uma peregrinação evocadora do passado. Manaus, 1927.

JOHNSON, Paul. **O Livro de Ouro dos Papas**: a vida e a obra dos primeiros líderes da Igreja. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Em Busca do Tempo Sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**, biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LEMAITRE, Nicole; QUINSON, Marie-Thérèse e SOT, Veronique. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 1999.

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha**: das vivências do passado às lutas contemporâneas. Manaus: Valer e FAPEAM, 2014.

LOPES, João da Silva. **Sociedade, relações de poder e religiosidade no Alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico**. Dissertação, Manaus - UFAM, 2010.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **A Grande Crise (1908-1916)**. Manaus, T. Loureiro & Cia, 1985.

LOUREIRO, Antônio. **O Amazonas na época Imperial**. Edição comemorativa em seu 45°. Manaus, 1989.

MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. **Nas Curvas do Tempo**: história e historiografia na Amazônia em debate. Manaus: Editora UEA, 2019.

MACIEL, Elisângela. **“Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal”**: a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014.

MACIEL, Elisângela. Entre sementes e frutos: Dom João da Mata Andrade e a romanização em Manaus (1941-1948). In: BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Org.). **História** (recurso eletrônico): Diálogos Contemporâneos 3. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020.

MACIEL, Elisângela. A Pia União das Filhas de Maria na Diocese de Manaus. In: GASPARETTO JUNIOR, Antônio; BÔSCARO, Ana Paula Dutra (Orgs.). **História** [recurso eletrônico]: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2020

MACIEL, Elisângela. **Basílio, João e Alberto**: a transição de Diocese para Arquidiocese em Manaus (1926-1957). ANPUH-Brasil -31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro/RJ, 2021.

MACIEL, Elisângela. **Dom João Irineu Joffily e o enraizamento da Romanização na Diocese de Manaus (1916-1924)**. REVER. São Paulo, v.21, n.1. 2021.

MACIEL, Elisângela. Dom Frei Basílio Pereira: um bispo religioso para a Diocese de Manaus (1926-1941). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva e MACIEL, Elisângela. **História, Cultura, trabalho e Instituições na Amazônia**. Manaus: Valer, 2021.

MACIEL, Elisângela. Dom Alberto Ramos: os primeiros anos da Arquidiocese de Manaus (1952-1957). In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; CAMPOS, Ipojuca Dias (Orgs.). **Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas**. Belém: Cabana, 2021.

MACIEL, Elisângela. **A Atuação do Laicato Romanizado**: a Pia União das Filhas de Maria e a Ação Católica em Manaus (1926-1957). Anais do IV Seminário Internacional Brasil no Século XIX. Rio de Janeiro, 4 a 6 de outubro de 2021.

MACIEL, Elisângela. **Padre Sebastião Puga**: a trajetória e o amor por uma Paróquia. Manaus: Ed. do Autor, 2022.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Donoso-Cortês e a antidemocracia católica no século XIX**. Revista História. São Paulo, v. 11, p. 229-241, 1992.

MARIN, Jérri Roberto. A Criação de Novas Circunscrições Eclesiásticas na Amazônia entre 1817 e 1913. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Circunscrições Eclesiásticas**. 2020.

MARIN, Jérri Roberto. Igreja Católica e a Romanização: olhares possíveis. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Questões de Religião**: teorias e metodologias. Dourados: UFGD, 2013.

MARIN, Jérri Roberto. Reflexões sobre a Imprensa católica no Brasil. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 2018.

MARQUES, Orlene Sousa [e. al.]. **Aparecida**. Manaus: SECOM-AM, 1985. Série Bairros de Manaus.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero aos nossos dias. Tomo IV - o mundo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1996.

MATA, Raimundo Possidônio C. e TADA, Cecília (Organizadores). **Amazônia**, desafios e perspectivas para a Missão. São Paulo: Paulinas, 2005.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Caminhando pela História da Igreja**. Belo Horizonte: O Lutador, 1996.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História**: 500 Anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003. Tomos 2 e 3.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MELLO, Thiago. **Manaus, Amor e Memória**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

MELLONI, Aberto. **Como se elege um Papa**: a história do Conclave. São Paulo: Paulinas, 2002.

MENDES, Mayara Silva. **Conflitos Religiosos e relações Políticas no Pará (1930-1941)**. Dissertação, São Paulo, 2006.

MESQUITA, Otoni. **Manaus**: história e arquitetura (1852-1910). Manaus: Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte. 2006.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **La Belle Vitrine**: o mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900). EDUA, 2009.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MINGOS, Carla Negreiros Cardoso. **Cachoeirinha**: sob um novo olhar. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008. Coleção História dos Bairros.

MIRANDA, Valtair Afonso. Mártires na Antiguidade e na Idade Média. In: SILVA, Andréia C. L. Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (Orgs.). **Mártires, Confessores e Virgens**: o culto aos santos no Ocidente Medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MONTEIRO, Mario Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus** (sua longa história). Manaus, Sérgio Cardoso & Cia. Ltda. Editores, 1958.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História da Igreja de São Sebastião**. Manaus, 1999.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. vol. 1. Manaus: EDUA, 1998.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. vol. 2. Manaus: EDUA, 1998.

MOURA, Carlos André de. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria, toda de Deus e tão humana**: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. D. Antônio de Macedo Costa: “um arauto do processo civilizatório”. In: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; RICCI, Magda Maria de Oliveira (Orgs.). **Os Oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura**. Belém: Editora Açai, 2013.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: bispos na Amazônia do oitocentos. Belém: Editora UFPA, 2015.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Ultramontanismo e Conflito de Batina**: o clero romanizado no Parlamento Provincial do Pará do fim do XIX. Revista do Instituto Histórico Geográfico do Pará (IHGP). Belém, v. 1, nº 2, jul/dez, 2014.

OLIVEIRA, Gustavo de Souza. **O Catolicismo Plural**: a Congregação da Missão e a construção do ultramontanismo oitocentista. Curitiba: Prisma, 2019.

OLIVEIRA, João Chrisóstomo e MATA, João Nogueira. **Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas (1873-1973)**: flagrantos históricos. 1973.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus, 1920 1967**: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/EDUA, 2003.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. “Esquerda Católica”: o recurso às Ciências Sociais. In: HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico; RODRIGUES, Elisa (Orgs.). **Experiências e Interpretações do Sagrado**: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012. Coleção Estudos da ABHR, v. 9.

PASSOS, Mauro (Org.). **Uma História no Plural**: 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade sobre os Ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Manaus: FUA, 2015.

PINHEIRO, Nonato. **Dom João da Mata**. Manaus: Academia Amazonense de letras, Governo do Estado do Amazonas e Editora Valer. 2007.

RABELO, Ana Paula de Souza. **Do Templo de Taipa ao Templo de Pedra (1858-1878)**: a construção da Igreja Matriz de Manaus. Dissertação, UFAM, 2008.

RAMOS, Alberto Gaudêncio. **No Silogeu Amazonense**. Manaus: Sérgio Cardos e Cia (editores), 1957.

- RAMOS, José P. **Dom Alberto Ramos: o pastor da Amazônia**. Belém: FCPTN, 2006.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Conquista espiritual da Amazônia**. 1942.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 1997.
- RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Vida e Morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991.
- RIZZINI, Irma. Educação Popular na Amazônia Imperial: crianças índias nos internatos para a formação de artífices. In: SAMPAIO, Patrícia Melo e ERTHAL, Regina de Carvalho (Orgs.). **Rastros da Memória: história e trajetórias das populações indígenas na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2006.
- ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Santa Sé e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil**. Jundiaí, Paco Editorial, 2015.
- RUST, Leandro Duarte. **Mitos Papais: política e imaginário na história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SAMPAIO, Patrícia. **Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus: 1840-1880**. Manaus: EDUA, 1997.
- SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). **Posturas Municipais Amazonas (1838-1967)**. Manaus: EDUA, 2016.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência: os ultramontanos no Brasil e no Regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- SANTOS, Fabiano Nascimento. **O processo de romanização no alvorecer do século XX em Caetité-BA: entre disputas e consolidação**. II Simpósio Internacional da ABHR/XV Simpósio Nacional da ABHR. Florianópolis, UFSC, 2016.
- SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Álvaro Maia: uma liderança política cabocla**. Manaus: EDUA, 1997.
- SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001.
- SANTOS, João. **Monsenhor Frederico Costa: 1º prelado de Santarém**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978.
- SANTOS, João. Os franciscanos no Tapajós. In: AZZI, Riolando, BEOZZO, Oscar (orgs.). **Os Religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- SANTOS, Israel Silva dos. **A Igreja Católica na Bahia: por um catolicismo romano (1890-1930)**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- SCHNEIDER, Burkhardt. **Pio XII: pace, opera della giustizia**. Edizione San Paolo, 2002.
- SCHUMANHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SESBOÜÉ, Bernardo; THEOBALD, Christoph. **História dos Dogmas**. Tomo 4: A palavra da Salvação. São Paulo: Loyola, 2006.

SGARBOSA, Mário. **Os Santos e os Beatos**: da Igreja do Ocidente e do Oriente. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Francisco Gomes da. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara (1759-1999)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1999.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “**Nas Sombras da Cruz**”: a Igreja católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920). *Revista Historiar*, ano I, nº 1, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHUMANHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário de Mulheres do Brasil**: de 1500 à atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SOFFIATTI, Elza S. Cardoso. *Igreja Católica, Política e Pio XII: o Estado Democrático*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da Minha Colina**: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008. Coleção História dos Bairros.

SOUZA, Fábio Vieira de. **Vaticano II e Igreja Local**: aspectos históricos e teológicos da recepção do Concílio Vaticano II na (Arqui) diocese de Montes Claros (1966-1990). Dissertação de Mestrado em Teologia. PUC/SP, 2014.

SOUZA, Leno José Barata. “**Cidade Flutuante**”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967). Tese de Doutorado: PUC/SP, 2010.

SOUZA, Ney de. **Ação Católica, militância leiga no Brasil**: limites e méritos. *Revista de Cultura Teológica* – v. 14 – n. 55 – ABR/JUN 2006.

SOUZA, Ney de (Org.). **Vaticano II**: história, teologia e desafios. Curitiba: CRV, 2019.

TANAJURA, Mozart. **História de Livramento**: a terra e o homem. Salvador: Secretária de Cultura e Turismo, 2003.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

Trânsito de Maria do Pseudo-Militão de Sardes. Apud: FARIA, Jacir de Freitas. **História de Maria, Mãe e Apóstola de seu Filho, nos Evangelhos Apócrifos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas. 10 de outubro de 1940. In: **Revista Brasileira de Geografia**. 1942.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. São Paulo: Almedina Brasil, 1971.

VIEIRA, Dilermando. **O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. Aparecida, SP: Santuário, 2007.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**. Aparecida, SP: Santuário, 2016.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e Cultura**: a história dos “pequenos teatros” em Manaus (1859-1900). Manaus: EDUA, 2015.

WENDLING, José Ricardo. **História do Bairro São Francisco**. Manaus: Valer, 2022.

ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea**. Curso de História da Igreja - IV. São Paulo: Paulus, 1999.